

livro 2

Georgette Silen



PANACEIA

Ela foi obrigada a abandonar seu grande amor...
Agora todos os vampiros estão à sua procura!



livro 2

Georgette Silen



PANACEIA

Ela foi obrigada a abandonar seu grande amor...
Agora todos os vampiros estão à sua procura!



Georgette Silen

PANACEIA

Volume 2 da Série Lázarus



São Paulo, 2013

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

*Para Morgana Souza Viana, minha sacerdotisa de além-mar, e
Aicha Souza Viana, a luz da minha vida.*

Agradecimentos

À minha filha, Morgana Souza Viana, que insistiu para que eu colocasse no papel o sonho que foi o embrião deste livro e desta série.

À Giulia Moon, pelo cuidado constante para que este livro chegasse ao leitor com a qualidade que ela sabia que seria possível.

À Simone O. Marques, grande escritora, pelo texto de quarta capa maravilhoso.

À Tatiana Ruiz, que do outro lado do oceano sempre teve tempo para ler trechos do original e fez todos os snacks de divulgação nas redes sociais.

À Simone Mateus, com quem eu vivia esbarrando, até que tropeçamos juntas neste projeto.

À Taciani Ody, simplesmente por ser a menina maravilhosa que ela é (viu, Loira?).

Aos queridos blogueiros Mirela Ribeiro, Danilo Barbosa e Renata Mallman Lopes, que nunca deixaram de divulgar o Lázarus e sempre me perguntavam quando o segundo livro ficaria pronto (tá aqui, viu gente?).

À Renata Santos e à galera da Agência dos Correios de Caçapava, meus primeiros leitores fiéis.

Aos brothers Leandro Reis e Daniel Pedrosa, porque “nóis é...”

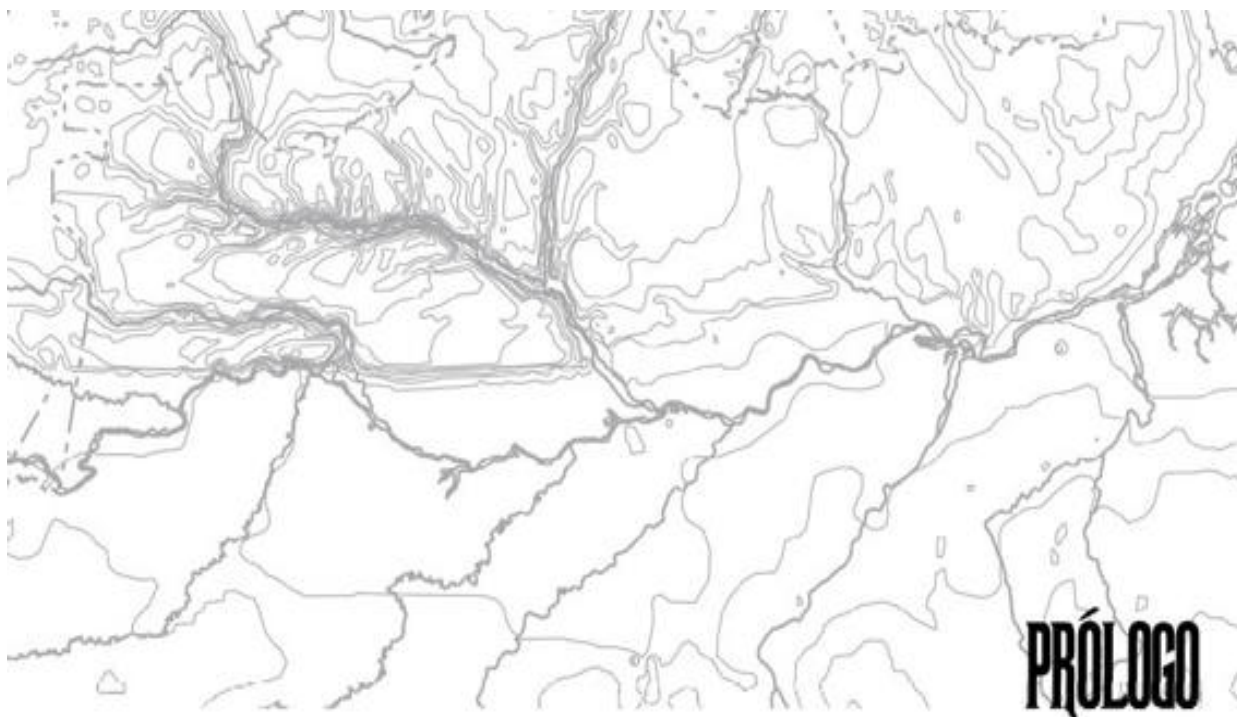
À Juliana Velonessi, cujo carinho sempre me emocionou muito.

A toda equipe de produção da Giz Editorial, sem a qual este livro ainda estaria apenas na ideia dos leitores e na vontade de publicar desta autora.

E a todos os leitores que se encantaram com Lázarus e agora têm Panaceia em mãos, pois sem vocês uma história, se não fosse contada, jamais poderia ser uma história.

A vocês, meu muito obrigada, sempre!

Georgette Silen



Prólogo

Ravena – Itália

O zumbido em meus ouvidos ficou mais forte. Minha cabeça estava pesada e os olhos não queriam abrir. Tentei mover braços e pernas. Para minha surpresa, alguma coisa me prendia, impedindo esses movimentos. A sensação de dormência e letargia se dissolvia à medida que a mente clareava. Aos poucos consegui vislumbrar algo. Percebi o teto espelhado, com suas lâmpadas fluorescentes laterais que feriam minha visão. Quando me acostumei à claridade, encarei o reflexo do meu corpo: o rosto estava pálido, mais do que de costume, meus olhos verdes arregalados agora, os cabelos loiros soltos, usando uma camisola de hospital. Desviei o olhar e encarei a estranha sala, com suas paredes brancas, de mais ou menos um metro e meio de altura, que depois se estendiam até o alto, formando uma gaiola envidraçada.

O vidro grosso deixava à mostra pessoas que me observavam do outro lado, usando roupas, máscaras e toucas, como funcionários de um hospital. Entendi, então, que estava presa a uma maca, meus membros atados com grossas tiras de couro. Ao redor, monitores cardíacos bipavam, seus eletrodos colocados sobre a pele do meu peito, pulsos e outros pontos da cabeça. Máquinas zumbiam e gráficos eram expulsos. O que eu estava fazendo ali?

— Olá? Quem está aí? — falei para os vultos no alto.

Não conseguia me lembrar muito bem, mas tinha certeza de que havia saído de um bar com algumas amigas, após um *happy hour* que avançou pela noite, e me dirigido para o ponto de ônibus, a caminho de casa. Então... Nada. Minha cabeça estava oca. *Alana, sua idiota. Por que não pegou um táxi?* Deveria ter ouvido os conselhos de minhas colegas da faculdade, ou ter dormido na casa de uma delas. Meu raciocínio começava a ficar mais rápido quando alguém entrou. Não podia dizer se era um homem ou mulher, pois estava usando uma daquelas roupas que só se veem em filmes onde os personagens cuidam de pessoas infectadas por doenças altamente perigosas. Roupas isolantes.

Meu Deus! Será essa a resposta? Peguei algum tipo de bactéria ou vírus e vim parar numa ala para infectados de algum hospital? Isso explicaria o vidro, as roupas e todo o aparato e cuidado.

— Por favor, o que está acontecendo? Você é médico? Eu estou doente? — perguntei ao estranho, que me ignorava. — Ei! Quer me responder, por favor? Alguém avisou minha família que estou aqui?

Ele não se dignou a me atender. Era como se eu não estivesse ali. O estranho abriu uma autoclave de alumínio e retirou de lá uma caixa prateada. De costas para mim, não pude ver o que fazia com ela. Só quando se virou percebi a seringa brilhando em suas mãos, com um líquido azulado dentro. Então veio em minha direção.

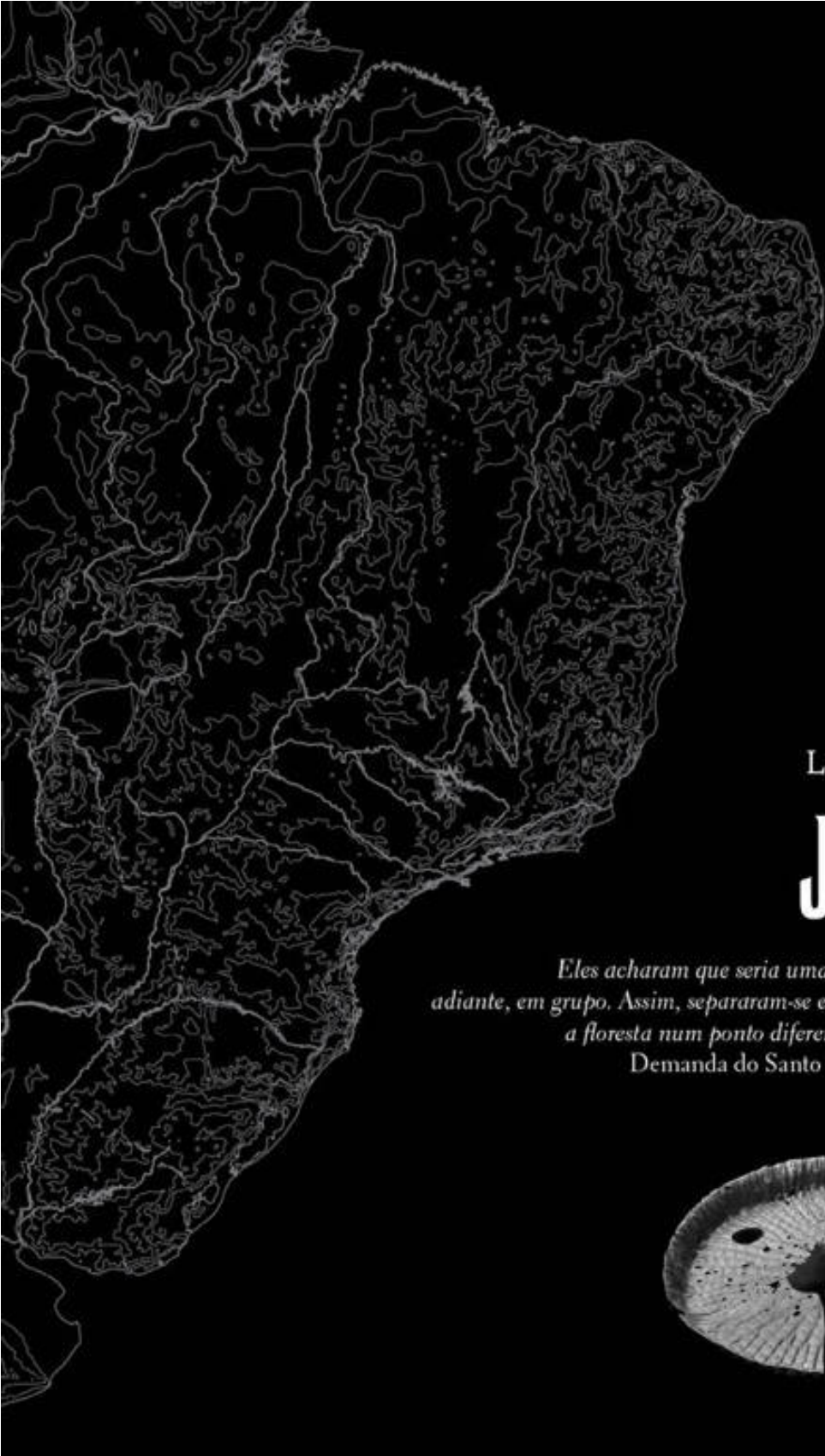
— Espere, o que está fazendo? — tentei me soltar. — Pare! O que tem aí? Por que vai me aplicar isso? — me debati, mas estava fortemente presa. — Não! Socorro! Pare!

Senti o apertar do torniquete, a veia que saltou e a dor da picada. O líquido azulado desapareceu rápido. O estranho se afastou e ficou me observando.

— O que fez comig...? — a frase morreu na garganta.

Os aparelhos na sala começaram a bipar loucamente. O monitor cardíaco dava saltos e os eletrodos registravam sucessivos riscos nas folhas. Mas foi só por pouco tempo que minha atenção ficou presa a eles. Uma dor lacerante percorreu meu braço, espalhando-se a partir da picada da injeção, como um choque elétrico. Meu corpo se curvou para o alto em desespero e a respiração ficou presa. Queria ajuda, mas o estranho não se movia. Apenas observava. Espasmos violentos tiveram início, como se os músculos fossem rasgados e retirados dos ossos. Gritei. Num gesto de desespero levantei minha cabeça. E o que vi me fez gritar ainda mais. Veias azuis, enormes, cobriam minha pele como gigantescas cobras. A cada segundo se multiplicavam como raízes de uma planta. Deitei a cabeça com força na maca e pelo espelho no teto pude vê-las tomarem conta do meu pescoço, subindo mais. A falta de ar era excruciante, enquanto meu rosto se dissolvia numa máscara grotesca de músculos e veias que queriam explodir. Com um último movimento de dor violenta, o bater frenético do meu coração atingiu um nível insuportável e algo como um tiro pareceu atingir alguma parte do meu cérebro.

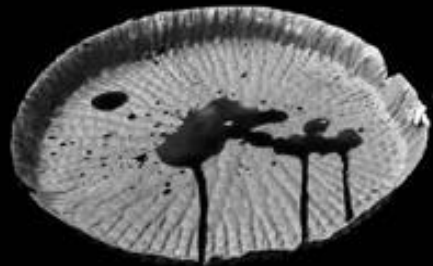
Minha imagem foi ficando turva e disforme, as máquinas ao redor silenciando gradativamente. *Alana, você devia ter pegado um táxi...*

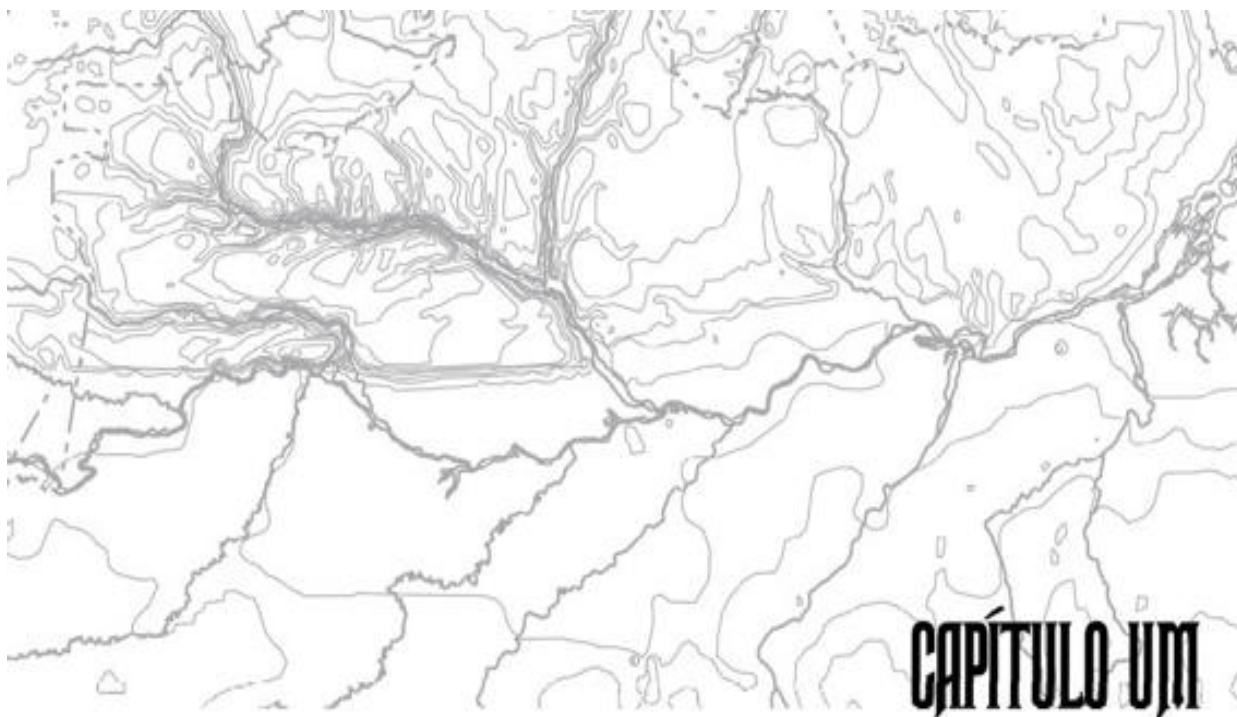


Livro Quatro

Jornada

*Eles acharam que seria uma desgraça seguirem
adiante, em grupo. Assim, separaram-se e cada um adentrou
a floresta num ponto diferente, de sua escolha.*
Demanda do Santo Graal, século XIII.





Livro Quatro – Capítulo Um

Illa de Lesbos – Grécia – outono

Meus pés se machucavam nas pedras grossas e os dedos das mãos agarravam com violência o tronco das árvores da floresta petrificada de sequoias. Cada passo exigia mais esforço do que o corpo parecia conseguir. O ar entrava dolorido e entrecortado em meus pulmões. *Você não devia ter saído, Laura.* Deveria ter escutado quando ela me alertou para descansar, ou deixar que uma delas tivesse vindo comigo. Mas agora isso não tinha importância. A dor forçava meu pensamento em apenas uma direção: precisava voltar, o mais rápido que pudesse. Havia muito a fazer e pouco tempo. A sombra das árvores eternamente petrificadas criava espectros no solo à luz da lua, os galhos dos arbustos ressecados ao redor se contorciam com o vento. Por um momento essas imagens trouxeram de volta a lembrança de outro grupo de arbustos desfolhados numa noite de inverno em Bristol, em frente ao museu, parecendo-se com

garras lúgubres de criaturas sobrenaturais e mitológicas que ameaçavam me agarrar com dedos cadavéricos e ossudos. Mas isso foi em outro tempo, onde eu sabia, ou acreditava, pelo menos, que tais criaturas não pudessem existir de verdade. Que tudo o que havia visto era o fruto de uma imaginação cansada e iludida pelo cenário de inverno.

Isso foi naquele tempo.

Pois desde aquele dia minha vida seguiu outro rumo, não ditado pelos homens. Passei a percorrer um mundo onde a cortina entre o real e o imaginário era tênue como poeira no ar, onde forças milenares ainda imperavam com seus encantos e vaticínios, nada era o que realmente parecia e a diferença entre o que é ou não humano se revela. Às vezes, da pior maneira possível. Olhei para o movimento das estrelas no céu, agora claros e reais em muitos sentidos. Cada passo que elas davam iluminava com força o caminho dentro do meu sangue. Seus segredos me foram ditos, o poder de sua força e o que representavam para mim, e eu para elas. Mas mesmo essa força não parecia fazer nenhuma diferença hoje, não equilibrava o peso da balança a meu favor. Forcei o corpo a continuar, passo a passo. As pernas não obedeciam e cada respiração trazia consigo dor e sofrimento. Eu não estava longe da casa. A caminhada fora breve, apenas para espairecer as ideias e encarar o destino que tomara conta da minha vida. Uma realidade que me chamou agora, mais cedo do que esperava. A faca em meu pescoço, armada durante meses, dava seus primeiros sinais de corte. E a lâmina era afiada. Precisa. Tão exata que penetrava fundo em meus músculos e alcançava os ossos, separando-os com a perícia de um anatomista habilidoso.

O latejar constante não dava tréguas para que pudesse recuperar o equilíbrio, agir com rapidez ou pedir ajuda. Não tinha forças para chamar alguém, se fizesse elas chegariam rápido. Não que isso pudesse me salvar, mas havia coisas mais importantes em jogo agora do que apenas a minha segurança ou a necessidade de ficar longe, afastada e distante até que tudo se consumasse como me foi dito. Mesmo porque, em breve, não estaria presente para ser uma ameaça. Ao menos esse consolo minha alma poderia levar, o de que

todos os que amo estariam definitivamente a salvo quando a notícia se espalhasse entre os clãs. E também entre os humanos. Esse havia sido o pedido que fiz a ela, o segundo entre os dois únicos e mais importantes: a guerra precisava acabar.

Fechei os olhos na tentativa de deter a tontura e a dor, impedir que os pontos pretos, que brincavam diante deles, me fizessem perder o foco. Nesses minutos de ausência visual os rostos de todos dançaram na minha frente, um por um, amados e queridos com toda a força de um coração que um dia bateu, deixou de bater, e voltou a latejar para uma vida nova e completamente diferente de tudo o que alguém sonharia existir na Terra. As lágrimas escorreram. Só os veria em minhas lembranças, e não mais que isso. Não havia retorno agora. Meus dedos agarraram o tronco de pedra e o sangue escorreu do corte provocado pela pressão das unhas contra a madeira fossilizada. Antes, me perguntava se ainda haveria o tempo de pedir perdão. Mas agora sei que não virá mais, ele se foi. Se foi entre as quedas-d'água do Mato Grosso do Sul, se foi entre a densa floresta Amazônica. Se foi dentro de uma velha cabana abandonada, com as gotas da chuva lavando meus cabelos, onde meu destino foi selado.

Que assim seja então. Forcei o choro a parar e a mente a procurar o caminho de pedras. Se essa fosse a solução, a única saída, não tinha por que temer. Tudo seria resolvido da melhor maneira, para todos eles. Ninguém mais sofreria. Nenhum dos lados se mataria ou mataria inocentes por minha causa. Então, meus olhos o viram. Não os olhos reais, os físicos, mas os da alma, do coração: o rosto alvo, lindo, amado e desejado. O semblante de cabelos castanhos, a pele fria iluminada pelos primeiros raios de sol. *Nem ao menos pude ver seus olhos uma última vez...* Mas não tinha por que lamentar. Tive mais dessa vida junto a ele do que poderia esperar. Mesmo por pouco tempo, nossa história valeria a eternidade.

Deus! Não me deixe fraquejar agora, não agora! Obriguei os pés a seguirem a trilha de seixos pontudos e ásperos. Os sapatos de lona que usava não pareciam isolar minha pele e cada passada deixava farpas entre os dedos dos pés. *Por tudo que há de mais sagrado eu imploro, me permita concluir essa etapa com força, só essa. E*

depois... que seja feita Sua vontade e não a minha. Não tinha o hábito de rezar. Minha fé, em muitos momentos, era motivada apenas pela razão dos fatos. Mas nessa hora, aqui e agora, quando a morte parece inevitável e seu anjo paira sobre a cabeça, rezar parece ser o único consolo. Principalmente quando muita coisa importante será deixada para trás e você não estará ali para cuidar e proteger. Esse pensamento me motivou. Caminhei o mais rápido que pude, debaixo de uma lua que banhava minha pele, deixando-a azulada, com a brisa salgada do mar Mediterrâneo balançando meus cabelos castanhos. O suor escorria de todos os poros e minha respiração era descontrolada. Do corpo uma profusão de diferentes aromas era exalada e os batimentos cardíacos estavam muito acelerados. Isso deve tê-la alertado, pois, quando virei à trilha que dava acesso à casa encravada na rocha sólida da ilha, sua imagem apareceu do nada a minha frente. Os cabelos loiros sacudiam-se com o vento e seus olhos vermelhos estavam arregalados de horror, estampados numa face ainda mais translúcida por causa da lua. Se seu coração batesse, acredito que estaria tão ou mais acelerado que o meu. Mas mesmo a visão do medo não tiraria do rosto perfeito a beleza de Alexia, nem a antecipação do perigo que estava por vir faria sua voz ser menos encantadora.

— Por Ilícia! — o som preencheu o silêncio da noite.

— Eu... preciso de ajuda... — consegui espremer as palavras, enquanto sentia os joelhos falharem.

Mas não toquei o chão. No instante seguinte ela me segurava nos braços e cruzava os portões de pedra que conduziam à porta da casa. Em segundos eu estava deitada no divã da sala e a mão fria de Alexia tocava minha testa.

— Eu disse que ficasse aqui! — repreendeu-me enquanto o bipe do relógio apitava incessante nos meus ouvidos. — Por que não me escutou?

— Prometo que, se tivermos outra chance... não vou contrariar você, Alexia... — respondi com a voz engasgada e parei de falar, o calor se espalhando pelo meu corpo em ondas.

— Sibila! Olímpia! — ela chamou, mais alto do que necessário para a audição de um vampiro. Alexia estava com medo.

As formas morenas das lâmias gregas estavam lá, o olhar de pânico igual ao de sua líder.

— Chame Claudia e Hipólita, mas sem alertar mais ninguém! — advertiu para Sibila. — E volte rápido! — a lâmia se foi.

Agarrei a mão de Alexia com força.

— Eu preciso delas, Alexia. Por favor...

Nossos olhos se encontraram e o pensamento dela estava tão claro que podia vê-lo em seu rosto.

— Você prometeu, lembra? — encarei-a com seriedade. — Não vai avisar mais ninguém, não agora. Depois poderá fazer o que quiser, mas antes preciso que cumpra o primeiro dos meus dois pedidos. — senti o calor aumentar e apertei sua mão. — Elas têm que estar aqui.

O olhar de Alexia se demorou um minuto a mais no meu. Quando percebeu que não havia como me desmotivar, desistiu. A promessa de uma lâmia, como ela mesma me garantira antes, era para toda a eternidade. Houve um movimento no ar. Sibila e mais duas mulheres chegavam. Mestiças de Hidra, a antiga comunidade destruída. Sua cabeça voltou-se para Olímpia.

— Vocês sabem o que fazer — Alexia disse. — Sejam o mais rápidas e discretas possível — seu olhar vagou delas para mim.

A brisa leve indicava que Sibila e Olímpia haviam partido. Em algumas horas estariam de volta. *Espero que haja tempo*. Senti a cabeça ficar pesada e o calor aumentar. O ar não parecia fazer parte do ambiente ao meu redor. Alexia dava instruções para as outras mulheres, que silenciosamente se moveram. Meu corpo foi erguido sem dificuldade e transportado, mas a essa altura não podia identificar para onde, nem o que estavam fazendo comigo. Apenas sabia qual seria o final, estava muito claro.

Nem mesmo a cura da Panaceia poderia me salvar agora.

Alto do Riviera – São Paulo – primavera – dois anos antes

O som dos atabaques indicava o início do ritual. Meu coração batia no mesmo compasso dos tambores, alto e ritmado. *Sim, Nelson, chegou sua hora*, pensei, experimentando uma onda de orgulho. Há vinte e um dias estava recluso no *roncó*, o quarto de recolhimento do terreiro, em preparação para esse momento: o dia em que deixaria de ser um *Yáwó*, um iniciado, e passaria a fazer parte da comunidade de *Ilê Axé*, no Alto do Riviera, como *Ogan*. Uma cerimônia pela qual esperei toda a minha vida, ser aceito e servir aos Orixás. Uma vez que nunca entrei em transe, nem antes e nem durante minha preparação, não poderia ser um *laô*, aquele que recebe o orixá em seu corpo. Por isso a *lyalorixá* me escolheu para ser *Ogan*, que dentro do candomblé significa ter a responsabilidade de zelar pela casa e pelo terreiro enquanto a *lyalorixá* estiver em transe nos rituais. Era igualmente importante e não podia deixar de me sentir orgulhoso. Cresci dentro desse terreiro e fé, acompanhei todos os rituais públicos, as saídas dos *laôs* e *Ogans*. Durante os anos de infância sonhei em fazer parte desse mundo.

Havia outros iniciados para este dia, mais um *Ogan* e duas *Ekedis*, mulheres que têm a mesma obrigação dos *Ogans*. Enquanto me concentrava, relembrava os passos de toda preparação: os banhos de ervas para purificar corpo e alma, os *ebós* — sacrifícios e oferendas de comidas e bebidas aos Orixás —, as rezas, danças, cantigas, as lendas e histórias da comunidade, a pintura do corpo por sete dias seguidos com o *efun*, uma espécie de giz, os aprendizados de curas e os rituais de saudação. Durante esse tempo, inclusive nos seis meses antes, segui as regras e vivi dentro das severas imposições para um iniciado. Só usei roupas brancas, não tirei o *Quelê*, o colar de contas, do meu pescoço, comi com as mãos, sem usar talheres, e sentei-me apenas no chão. Também eram proibidas as relações sexuais, cigarros, bebidas alcoólicas e os pratos que não pertenciam ao meu Orixá. Dentro do *roncó*, não passei pela raspagem da cabeça, o *orô*, pois minha mãe havia morrido no parto. Segundo as crenças, eu venci um trágico destino, o *abiku* — morte no parto —, e o ritual não podia ser feito, pois isso poderia levar o pai de santo que fizesse a raspagem à morte. Pensei em minha mãe. Sentia uma saudade estranha da mulher que nunca conheci, a não ser por

fotos. Minha avó, Bibi, que cuidou de mim desde o nascimento e que pertencia à comunidade do *Ilê Axé*, assim como toda a nossa família há gerações, nunca deixou de falar sobre ela um só dia. Minha mãe foi uma *Eke di*.

É, Nelson, seria muito bom que ela pudesse vê-lo agora. Tinha apenas dezoito anos, mas já me sentia um homem. O som dos tambores mudou. O momento estava próximo. Vestido em minha roupa branca, usando o *adoxu* que adorna a cabeça e o *Quelé* no pescoço, os outros iniciados e eu fomos conduzidos pela *Iyalorixá*, *Ogans* e *Eke dis* que ajudaram na feitura do ritual. Aos poucos deixamos o *roncó*, seguindo as autoridades do terreiro. Adentrando o barracão — nesse primeiro momento aberto apenas para os membros da comunidade —, fomos apresentados e eles passaram a render suas homenagens. Todo o espaço era pintado de branco, hoje decorado com bandeirolas brancas também, pois era a primeira saída, a de Oxalá. Ao centro havia uma pilastra, de onde pendiam os fios das bandeirolas, e que era adornada por duas esculturas de Orixás, além de uma balança pequena. As paredes estavam decoradas com folhas de palmeiras, juntamente com imagens dos santos, quadros e retratos de *babalorixás* anteriores, carrancas e fitas coloridas.

As cadeiras onde se sentavam as divindades estavam na parede em frente à entrada, num degrau mais elevado, uma de encosto alto com almofadas amarelas, outra totalmente branca e algumas menores. Seguíamos no ritmo das danças e dos passos aprendidos na preparação, o corpo automaticamente reconhecia os mais de quinhentos diferentes toques dos atabaques, que pulsavam velozmente pelo meu sangue. Sentia uma energia renovada hoje, uma força estranha, como se meu corpo tivesse ganhado um vigor extra. Com certeza a adrenalina do ritual estava agindo. Não olhei para as pessoas, mas sabia que minha avó deveria estar lá. Era como se pudesse sentir o cheiro dela e reconhecer seu batimento de coração. Enquanto dançava os toques, minha mente parecia aumentar, expandir, os sentidos se aguçavam e todos os odores, cores e pessoas ficavam mais nítidos. O cheiro do sangue dos animais sacrificados para os Orixás queimava na minha garganta e me dava

sede, mas procurei focar a atenção no que ainda estava por vir. Então, o toque de atabaque mudou. Era o início da saudação.

Uma grande emoção tomou conta de mim quando deitei na esteira de palha, primeiramente posicionada para a saída da porta, representando a saudação ao mundo. Deitado na esteira fiz as saudações de *adobá* e *paó* com as palmas das mãos em compassos rítmicos, assim como os que estavam presentes à cerimônia também fizeram, numa demonstração de que a partir daquele momento não estaria mais sozinho em minha caminhada. A seguir as saudações foram feitas, ainda na esteira, voltadas para todos no terreiro, em frente aos atabaques, que simbolizam as autoridades presentes. Um por vez, os iniciados saudaram com batidas de palmas e cânticos. O momento mais aguardado por todos nesse cerimonial é o *Orukó*, onde o Orixá dará o *jicá*, o nome de iniciação de seu filho perante a comunidade. A partir de então, será aberta a contagem cronológica dentro do candomblé. Após essa última parte, ainda teremos mais três meses de aprendizados e regras a seguir até a queda do *Quelê*. O colar de contas será retirado e substituído por outro, indicando mais uma etapa que foi cumprida pelo *Ogan*. Um a um os *yáwós* se aproximaram para receber as bênçãos, os passes, os cumprimentos de seus Orixás. Seus *jicás* se fizeram falar, sendo reverenciados com palmas ritmadas.

Minha vez chegou. Sentia o coração bater mais rápido que o normal e minha visão absorvia os detalhes do espaço com uma nitidez impressionante. Até os pequenos movimentos feitos pelos presentes não escapavam de mim. Ao som dos atabaques, me aproximei do Orixá, esperando meu *jicá*. As cores dos trajes da entidade eram vivas e penetrantes, seu odor forte e concentrado. Ele dançava até mim quando, sem aviso, estacou a meio caminho. Os sons continuaram os mesmos, mas a entidade não se movimentava como havia feito com os outros. Pelo contrário, ela parecia petrificada ao chão. Vi que outras pessoas estranharam a situação e começaram a olhar insistentemente para mim e para o santo. Minha avó era uma delas. A um movimento da mão espalmada para cima, feita pela entidade, os atabaques cessaram, assim como os cânticos. No silêncio que se seguiu, cercado pelos olhares, eu tentava entender o

que estava acontecendo. O Orixá se aproximou devagar, seu andar oscilante como numa dança. Apenas seus enfeites produziam algum som no terreiro e sua respiração era pesada e forte. Ele me rodeou, inspirando, olhando, sondando, como se examinasse um completo desconhecido. Meu coração acelerou e as batidas eram tão altas que podia ouvi-las nitidamente. E o Orixá pareceu fazer o mesmo também, pois nesse momento se afastou para trás, uma das mãos apontando para mim, e gritou com a voz empastada:

— *Asanbosan!*

Um murmúrio surdo se fez ouvir no ambiente. Senti os olhos arregalados dos mais velhos, a descrença tomando seus rostos, a agonia de minha avó em suas feições. Não consegui me mover, estava congelado como uma estátua. Por que todos reagiram assim com esse nome? O que significa? Nesse instante, o Orixá aproximou-se mais e num gesto rápido arrancou o *Quelê* do meu pescoço, as contas se espalhando pelo chão cimentado provocando ruídos. Minha garganta se apertou. O gesto era claro: sem o *Quelê* eu não seria *Ogan*. Não era mais nada agora, nem *yáwó*, nem *Ogan*, nada. Os Orixás me recusaram. Ainda parado, não consegui definir o que sentia nem o que faria. O choque era grande demais. Havia me preparado a vida inteira e agora... Os olhares estavam voltados para mim, alguns acusadores, outros com repulsa. Mas o que mais me doeu foi ver o de minha avó Bibi, no canto esquerdo do terreiro. Era de compaixão e desespero.

Não aguentei mais. O ambiente estava me sufocando. Sem pensar em protocolos ou educação disparei pela porta. Corri noite adentro pelo Alto do Riviera. Um trovão anunciava chuva e o ar ficou pesado. Livrei-me do *adoxu* e dos outros colares, tirei a camisa branca e, apenas de calças, continuei correndo quando a chuva caiu, grossa e fria. Não sabia de onde vinha tanta força nos meus pés e nem queria saber. Apenas agradei por fugir, ficar longe de todos aqueles olhares. O que aconteceu? *Por que* aconteceu? Minha cabeça procurava uma resposta enquanto corria, cada vez mais rápido. Passei pelas pessoas, mas era como se ninguém me visse, tudo ao meu redor se transformando num borrão. Quando finalmente parei, estava nas margens da represa de Guarapiranga, embaixo de um

verdadeiro temporal. Minha respiração era forte e uma corrente elétrica me percorria. Ao longe, via as luzes dos bairros da capital, rastros luminosos em meio à escuridão. Uma escuridão que não me incomodava, pois tudo era muito nítido. Olhei meus pés descalços procurando por algum ferimento, pois havia corrido muito em... quanto tempo? Não tinha como saber, mas mesmo assim... Como pude chegar até aqui, apenas correndo? Ainda olhando para os lados calculei mentalmente a distância...

Oxalá, estou ficando louco? Coloquei as mãos na cabeça e gritei para a noite, o mais alto que pude. Meu grito reverberou pela chuva e pelas águas da represa. Depois desabei ao chão contra a terra molhada. Fiquei ali, de braços abertos, apenas sentindo os pingos grossos que açoitavam minha pele.



A solidão do meu pequeno quarto lembrava dos dias de isolamento no *roncó*. Há quanto tempo eu estava aqui? O calendário desbotado na parede estava circundado na data do que teria sido minha saída de *Ogan*. Com certeza minha avó marcou para não se esquecer. Levantei da cama e arranquei a folha, amassando-a e jogando no lixo. Pela janela observei a rua. Quando saía de casa, as pessoas que frequentavam o terreiro me olhavam. Podia sentir isso pelas costas. Alguns tentavam disfarçar, mas outros eram diretos e se desviavam de mim quando passava. Nunca conseguia ficar muito tempo fora e acabava voltando para a pequena casa de quatro cômodos de minha avó Bibi, pintada de amarelo já bem desbotado, com suas portas e janelas antigas, seu jardim de roseiras brancas e ervas dos santos: espadas de São Jorge, arruda, alecrim, comigo-ninguém-pode, guiné, que ela usava no preparo dos banhos de limpeza. Podia sentir o aroma. Desde que voltei, após passar a noite toda fora naquele dia, não conversamos sobre o que aconteceu. Primeiro, porque eu não quis, e segundo, porque ela não tocou no assunto. Apesar de não haver mudado em nada a forma como me tratava, minha avó parecia

saber de algo e não queria contar. Olhei para o retrato de minha mãe na parede da sala, vestida com os trajes de *Ekeidi*. Tão bonita.

Minha avó dizia que eu me parecia com ela, os mesmos olhos negros, cabelos encaracolados e formato do rosto, apesar da pele morena. É, morena, embora ambas fossem negras. Ela nunca falava do meu pai, mas com certeza ele deveria ser branco, só isso explicaria minha cor. Sentei no sofá e liguei a televisão. Fui mudando os canais sem prestar atenção na programação. Eram quase sete horas da noite e me sentia agitado. Agora, sempre que escurecia, ficava assim: não conseguia dormir direito, andava pelos cantos e minha avó dizia que estava comendo mais. Era uma agitação estranha, sempre seguida de coisas ainda mais esquisitas. Minha visão estava mais aguçada, percebia o cheiro forte de todas as coisas e pessoas, uma energia vibrava em mim e, por vezes, tinha a impressão de que poderia quebrar paredes, se quisesse, só com as mãos.

O repórter no telejornal dava as últimas notícias sobre um misterioso assassino que estava agindo na região central de São Paulo.

... segundo a polícia, mais um corpo foi encontrado na madrugada de ontem no bairro da Bela Vista. Os mesmos tipos de marcas e a ausência de sangue na vítima indicam um possível assassino em série solto na região central da capital...

Desliguei a TV. Como se nunca houvesse assassinatos em São Paulo! Só estão prestando atenção nesses porque fica em bairro de gente rica. Se fosse por aqui ou nas outras favelas da região ninguém se importaria. Um vento soprou pela janela e fui abrir a porta. Minha avó estava parada, equilibrando duas sacolas, e a chave na mão.

— Como sabia que cheguei? — olhou espantada.

Engoli a saliva. Tive a nítida impressão de que senti o cheiro dela do lado de fora.

— Ouvi o barulho da chave — menti e ajudei-a com as compras.

Enquanto ela fritava os bifés, aproveitava e tirava lascas cruas da carne, mastigando. Vovó fazia cara de nojo.

— Você agora ficou com mania de comer carne crua, moleque? — franzia a cara.

— Não é ruim — falei, pegando mais um bocado.

E não achava ruim mesmo. Nos últimos dias sentia muita sede e quando comia carne crua ou mal passada a sensação ia embora. Jantamos em silêncio. Depois do meu terceiro prato seguido, afundei na cadeira e bati a mão na barriga estufada.

— Tô cheio.

— Você vai acabar explodindo qualquer dia desses — ela pegou os pratos.

Saí um pouco para tomar ar e sentei na calçada. Os ônibus voltavam lotados. Havia muita gente nas ruas, conversando, andando de bicicleta ou voltando para casa. Eram quase oito horas quando ouvi os sons dos atabaques. Sexta-feira sempre tinha sessão. Entrei. Fiquei rodando de um lado para o outro.

— Não vai sair? — minha avó perguntou.

Acenei que não. O tempo de reclusão tinha me deixado meio avesso a isso.

— Deveria. Procurar seus colegas, jogar uma bola. Você precisa se divertir um pouco.

— Não quero me divertir, vó — retruquei, me sentindo perdido, sem rumo. Até que uma ideia se formou na minha cabeça. — Acho que vou começar a procurar um emprego na segunda.

Ela me olhou.

— Mas você não queria estudar pra fazer faculdade? Sempre teve boas notas no ensino médio e dá pra conseguir bolsa de estudos.

— É, eu sei. Mas isso foi antes... — e parei.

Antes pensava dessa forma. Iria me iniciar no terreiro, completar o aprendizado e estudaria para conseguir uma vaga numa universidade pública ou uma bolsa de estudos para uma particular. Tinha planejado isso. Agora pularia essa etapa. Não podia continuar vivendo só da aposentadoria da minha avó e de bicos pequenos que fazia por aí. Ela me olhou, mas não disse nada. Como sempre.

Mas dessa vez decidi perguntar:

— Vó... O que aconteceu naquele dia? E não tenta fugir desse assunto — olhei para ela.

— Aconteceu o que aconteceu — ela respondeu com seu jeito de sempre, calmo. — Os Orixás, às vezes, tomam decisões estranhas,

meu filho. Nós nunca podemos saber o que estão pensando.

— Mas não é justo! Eu fiz tudo certo — respondi com raiva. — A senhora sabe disso. Queria ser como a mamãe, como o vovô. Sempre frequentei o terreiro e a mãe lara gostava de mim.

Isso era o que me deixava ainda mais triste. Mãe lara era a *lyalorixá* que me iniciou. Desde pequeno dizia que meu caminho no terreiro estava certo e que, com certeza, seria um *Ogan*. Passei a mão automaticamente no pescoço, mas o Quelê não estava lá. Não estaria mais.

— Ela sabe que você fez tudo certo, Nelson. Só que há coisas que nem ela pode mudar. Não é uma decisão dela, mas dos santos.

— Certo. Isso eu posso até engolir — respondi com raiva. — O que me irrita é: por que ninguém me explica o que aconteceu? Por que a senhora não me explica?

Ela remexeu as mãos no avental.

— O que é *Asanbosan*, vó? — olhei direto nos seus olhos. — Por que o orixá me chamou disso? Deve ser uma coisa ruim, não é? Por isso a senhora não quer me contar?

Vó Bibi veio para o meu lado e abraçou minha cabeça. Suas mãos acariciaram o meu cabelo e, quando falou, a voz era triste:

— Não importa o que digam, Nelson — estava chorando. — Você é meu neto e um bom garoto. Isso é tudo que interessa.

— Então não vai me contar, não é? — retruquei, olhando para ela. — Como posso ficar sem saber o que sou?

Ela estremeceu com as minhas palavras enquanto se afastava.

— Isso não tem importância — reafirmou. — Eu criei você e sei quem é.

Merda! Me levantei. Agora já era demais. Não saber era uma coisa, mas saber e não querer dizer...

— Aonde você vai, Nelson? — ela perguntou.

— Vou sair. Não é o que senhora queria? — estava com raiva e bati a porta.

Saltei pelo muro baixo e andei pelas ruas do Riviera. O som dos atabaques mostrava o terreiro em atividade. Pelo menos, isso impediria que ficassem me olhando quando passasse. Algumas casas estavam com luzinhas de Natal. Um Papai Noel gigante montava

guarda na padaria da esquina e os bazares ainda estavam abertos. Desci o escadão até a quadra do Riviera Dois. Uma turma jogava futebol, havia um grupo de garotas de paquera no local e outras com seus namorados. Me sentei e fiquei olhando a partida. Sempre joguei futebol nessa quadra quando estava na escola. Depois que me formei, cada um do nosso grupo tomou um rumo e as peladas acabaram. Só vez ou outra encontrava alguém. O vento que soprava trazia o cheiro do suor dos jogadores ao meu nariz, até o perfume das meninas do outro lado da quadra. Desde aquele dia sentia essas coisas estranhas. Às vezes eram mais fortes, outras vezes mais fracas.

Um cheiro mais forte me atingiu pelas costas e virei rápido a cabeça. Uma das meninas do grupo estava ali, parada, meio sobressaltada pelo meu movimento. Bonitinha.

— Oi — ela sorriu devagar.

— Oi — devolvi o sorriso.

— Meu nome é Beatriz.

— Nelson.

Ela se sentou do meu lado, encostando a perna na minha meio *por acaso*.

— Eu estava te olhando de lá — falava, mexendo os pés. — Vi que estava sozinho... Aí pensei que gostaria de me conhecer...

Enquanto ela falava, outra das *coisas estranhas* aconteceu: seu cheiro estava dentro do meu nariz. E mais: meus olhos não conseguiam desgrudar da linha do seu pescoço. A boca secou e senti uma vontade absurda de tocar a pele dela com os lábios. Minha cabeça ficou tonta e não pensei muito. No escuro entre duas lojinhas, grudamos as bocas. *Eu não tenho mais nenhuma restrição a cumprir, então que se dane*. Ela também parecia estar de boa com tudo e ficamos ali, beijando, correndo as mãos, dando um bom amasso. O cheiro era muito bom, melhor agora que estava tão próximo. Senti sua língua correndo em meus dentes e o estremecimento quando coloquei as mãos em seus seios. Aproveitei e descii a boca pela pele do seu pescoço. Ela gemia baixinho enquanto eu mordiscava de leve. Havia alguma coisa quente por baixo daquela maciez e que me deixava embriagado. Senti a pulsação de uma veia

grossa no local e a secura aumentou. Minha mente turvou e só me dei conta do que estava acontecendo quando ela gritou:

— Ai! Que é isso? — ela passava as mãos no pescoço. — Você... me mordeu? Olha só, você me mordeu até sair sangue!

Fiquei paralisado. Olhei para a menina, que tentava limpar o sangue. O cheiro ficou forte e... delicioso. Não conseguia prestar atenção em nada e queria avançar sobre ela. Mas nesse momento encarei meu reflexo no retrovisor de um carro estacionado. Fiquei enjoado ao ver minha boca manchada. E os olhos... Não parecia serem meus! Brilhavam como os de uma coruja no escuro. Eram olhos de um estranho. Algo pontudo arranhou meu lábio superior. Corri a língua e encontrei o dente pontiagudo, que nunca havia estado ali. Dei um passo cambaleante para trás. O gosto dela ainda me consumia e parecia que cada parte de mim queria sugar todo aquele sangue, como uma necessidade. Saí correndo. Tinha que sumir. Corri escada acima e depois pelas ruas do bairro, do mesmo jeito que fiz da outra vez. Só que agora, quando parei, meus olhos se abriram de surpresa. Estava na marginal do rio Pinheiros, no cruzamento com a Washington Luiz! As pernas bambearam e senti no gramado ralo. Minha respiração era descontrolada e a garganta doía. Mas, pior que tudo, estava a minha cabeça. Porque ela não entendia nada do que acontecia.



Era cedo, sete horas da manhã. Não sabia como reunira coragem para ir até ali. O terreiro estava quieto, como eu suspeitava. Atravessei o espaço que contornava o barracão e fui em direção à casinha branca nos fundos. O cheiro do incenso estava no ar e misturava-se com outros, desde os canteiros de ervas até o odor das roupas lavadas nos varais. Tudo fervia em aromas e cores. A pequena porta estava aberta e senti, mais do que vi, que ela estava lá. Por um momento fiquei preocupado com sua reação, sabia que não era mais bem-vindo. Mas precisava de respostas. Bati palmas devagar. Ouvei o arrastar dos pés em chinelos e ela apareceu na soleira. Cruzamos o olhar por um momento. Mãe Lara era pequena,

mas imponente. A pele negra enrugada e lustrosa mostrava o tempo de dedicação à sua fé, ao candomblé. Ela já era *Iyalorixá* muito antes de eu nascer. Seus cabelos eram brancos, presos na nuca, e usava um vestido estampado simples. As guias no pescoço nunca a abandonavam, suas pulseiras faziam ruídos quando movia os braços e os brincos de búzios pareciam grandes demais para as orelhas. O mais impressionante era o olhar. Olhos negros que vasculhavam fundo na alma das pessoas.

Cumprimentei, tímido:

— Saravá, mãe lara.

Ela juntou as mãos:

— Saravá, Nelson. Entre, sabia que você viria, mais cedo ou mais tarde.

A sala de atendimento de mãe lara estava deserta. O chão era de um cimentado grosso, com algumas ervas de cheiro espalhadas pelo cômodo, as paredes brancas cobertas de folhas de palmeiras. Cadeiras simples, quatro ao todo, ficavam aqui e ali e uma mesa ao centro exibia a toalha de renda e a peneira com os *brajás*, colares grossos, onde mãe lara jogava os búzios. Atrás, ao fundo, as prateleiras mostravam os ídolos de Ogum, Oxossi, Iemanjá, e outros santos do candomblé, velas coloridas e pratos de *ebós*. Havia uma carranca na parede e outra virada para a porta, para espantar os maus espíritos. Quando se sentou, Mãe lara acendeu um incenso e me apontou a cadeira em frente. Fez uma prece saudando os orixás e os antepassados, colocou uma das mãos na minha cabeça e estremeceu, estalando os dedos a seguir. Depois olhou para a peneira, pegou os búzios, repetiu os gestos que eu já vira várias vezes antes e jogou-os. Adiantou a cabeça para ver os padrões que as contas desenhavam e suspirou. Todos estavam fechados.

— Veio aqui porque quer uma resposta. Tem coisas estranhas acontecendo e você não sabe o que são. Estão te assustando, cercando, mas são parte do que é e não tem como fugir delas — recolheu as contas.

— Mas o que eu sou, Mãe? — perguntei aflito. — Essa é a resposta que procuro. Não entendo o que aconteceu e minha vida

está mudando, Mãe. Como posso saber? O que preciso fazer pra poder saber?

Mãe lara suspirou e mais uma vez mexeu as contas. Os búzios foram jogados. Quando caíram na peneira se juntaram ao centro, formando um amontoado. Todos ainda fechados. O silêncio se prolongou. Mãe lara jogou outra vez. O mesmo padrão se repetiu. Balançou a cabeça e me olhou.

— Não vai encontrar a resposta que procura aqui, não na comunidade. Os santos não vão dizer. Porque tem a ver com sua ancestralidade, a parte que você não conhece.

Olhei para o jogo e para ela.

— A parte que não conheço? — pensei por um momento. — Quer dizer... o meu pai? — minha voz falhou nesse momento.

Meu pai era um assunto considerado tabu para minha avó. Desde que nasci não me lembrava de ela ter falado dele, nunca. Nem mesmo a menor insinuação. Só sabia sobre minha mãe, mas nada sobre o homem que havia me gerado. Mãe lara recolheu os búzios.

— Nelson, sabe que gosto muito de você. Eu o conheço desde quando estava na barriga da sua mãe. Vi você crescer e seguir a nossa fé com devoção. Nada me deixaria mais feliz do que ver você fazer parte do terreiro como *Ogan* — sua voz ficou triste. — Mas esse não é seu destino. Os orixás escolhem, decidem, e não querem você. As respostas que procura não poderão ser encontradas enquanto a parte oculta da sua pessoa permanecer assim. E mesmo eu não posso dar essas respostas. Só posso dizer que deve procurá-la se quiser entender quem realmente é.

Suas mãos pegaram as minhas.

— Deve procurar *seu* povo — falou, olhando nos meus olhos. — Somente quando encontrá-los saberá seu lugar nesse mundo, e no mundo além desse que conhecemos.

Cada uma dessas palavras tinha o efeito contrário ao que eu esperava. Quando deixei o terreiro, ao invés de uma resposta, agora tinha mais uma pergunta. E só uma pessoa poderia responder.



Olhei para os lençóis que ela dependurava no varal do quintal. O cheiro da água com amaciante doeu meu nariz. Passei por um deles e fiquei olhando.

— Nelson? — ela se assustou. — De onde você veio, menino? Por que saiu tão cedo hoje?

Não queria dar explicações. Ao contrário.

— Vó Bibi — falei num tom sério —, quem é meu pai?

Sua expressão mudou na hora. Nunca havia perguntado isso a ela. Passei a vida me contentando com explicações sobre minha mãe que morreu e acreditando ser mais um dos muitos filhos de mães solteiras no mundo. Ali mesmo, no bairro, havia dezenas delas. Se eu tinha um pai que não queria saber sobre mim, isso não importava. Mas agora precisava saber *quem* era ele.

— O-O quê? — sua voz tremeu.

— Quem é meu pai, vó? — perguntei de novo. — Sei que a senhora não gosta desse assunto, mas agora já sou um homem e preciso saber. Quem foi ele?

As mãos enrugadas tremeram enquanto se amparavam nas cordas do varal. Ela sentou numa velha cadeira abandonada ao relento. Tive medo que passasse mal. Seus olhos ficaram perdidos e não se mexeram por muito tempo, olhando só para o chão, os lábios trêmulos. O vento agitava os lençóis e as roupas. Fiquei quieto, esperando. Quando levantou a cabeça, ela tinha a expressão mais triste que pude me lembrar de ter visto na vida. Achei que choraria, mas vovó estava estranhamente calma.

— Sabia que isso ia acontecer um dia — falou devagar. — Mesmo tendo rezado muito pra que não. Um dia iria querer saber, ela me falou assim que pôs você no mundo.

— Quem? A mamãe? — olhei espantado.

— Sim, sua mãe — seus olhos encheram-se de lágrimas. — Pedi aos santos que evitassem, poupassem você, pelo menos você! Já que não puderam fazer nada por ela — as lágrimas caíam agora.

Eu me abaixei e peguei suas mãos. Estavam geladas e tremiam. Por um momento a culpa doeu em mim, mas era tarde para voltar atrás.

— E o que aconteceu, vó? O que aconteceu de verdade com a mamãe? — perguntei angustiado. — E o que isso tem a ver com meu pai? E comigo?

Seu olhar demorou um pouco no meu. Estava nublado de lágrimas e lembranças. Então se levantou, segurando minha mão, e me levou. Entrei em seu quarto e esperei. Ela pegou uma caixa azul escondida dentro do armário de roupas, alisou a tampa por um momento e sentou na cama. Fiz a mesma coisa. O silêncio durou algum tempo.

— Há dezenove anos sua mãe foi para Campo Grande, no Mato Grosso do Sul — começou. — Foi participar de um encontro de terreiros na região próxima da cidade de Aquidauana. Quando voltou de lá, estava... diferente — o tom que usava era baixo e abafado. — Abatida, cansada, pálida, com estranhas marcas em seu pescoço, que tentou esconder de mim em uma ocasião. Dormia o tempo todo e não tinha disposição para nada. Nem mesmo conseguia cumprir com as obrigações do terreiro — ela alisava a caixa enquanto falava.

Fiquei quieto, ouvindo e pensando, enquanto meus olhos iam da caixa para o rosto dela.

— Tinha pesadelos à noite, muitos deles — vó Bibi contava. — Acordava gritando, chorando, chamando pelos *olhos vermelhos* — estremeceu ao falar. — Nos dois primeiros meses ficou assim, vomitava quando comia, depois voltava a comer de novo como se a fome nunca passasse. Com o tempo ficou claro pra mim o que era — e me olhou. — Sua mãe voltou grávida de você. Mas não era uma gravidez normal — abaixou os olhos. — Ela quase não podia andar, desmaiava com muita facilidade e comia muito, muito mesmo. Principalmente carne crua.

Lembrei do meu estranho apetite por carne crua também. O cheiro do sangue me dava fome. Também me lembrei, não sei bem por que, da garota do Riviera Dois e senti um aperto na garganta. A recordação de seu cheiro ressecava minha boca.

— Aos poucos ela ficou só pele e osso, mesmo com tudo o que comia — minha avó continuou. — Numa noite ela passou muito mal. Não aguentei mais e perguntei: *Bete, quem é o pai? Onde está ele?* — e apertou a caixa. — Os olhos da sua mãe pareciam perdidos,

longe, e pensei que não tinha me ouvido. Mas então se levantou, de repente, e pegou isto — apontou para a caixa em seu colo.

Com as mãos hesitantes abriu a tampa e me entregou. Dentro da caixa, uma foto: uma cachoeira, e minha mãe estava próximo dela. Atrás da foto um nome e local escritos a caneta: *Cachoeira da Lua – Aquidauana*. E havia mais: um pedaço de camisa azul, velha e desgastada pelo tempo, embrulhada com cuidado num papel de seda, junto com um bilhete amassado: *Devemos aceitar o que é impossível deixar de acontecer*. A letra era bem-feita, numa caligrafia rebuscada. Embaixo de tudo estava uma folha de papel branca, dobrada. Quando abri, o desenho de um par de olhos, embaixo de grossas sobrancelhas, me encarou. Olhos pintados de vermelho. Aquilo não parecia fazer sentido.

— Isso... Essas coisas... têm a ver com meu pai? — perguntei.

Vó Bibi me olhou, os olhos inchados pelo choro.

— Foi tudo o que sua mãe me mostrou sobre ele. Ela nunca disse uma palavra durante todo o tempo em que esperou você nascer, Nelson — continuou com a voz fraca. — Quando chegou a hora, ela se recusou a ir para o hospital, disse que queria ter você em casa. Duas mulheres da comunidade e eu fizemos o trabalho — estremeceu e esfregou os braços como se sentisse frio, apesar dos mais de trinta graus lá fora. — Nunca tinha visto alguém sofrer tanto para colocar um filho vivo no mundo. A barriga de sua mãe era enorme e as contrações tão fortes que chegavam a dar espasmos nela, o corpo todo tremia de um jeito assustador. Uma das parteiras tinha que segurá-la com força enquanto eu e a outra tentávamos fazer você sair. Sua mãe sangrava muito — sua voz falhou. — Nunca tinha visto aquilo, ela estava se esvaziando na nossa frente.

Os lábios de minha avó tremiam no mesmo ritmo em que meu coração batia.

— Quando, finalmente, você nasceu e o mostrei a ela, sua mãe o beijou e agarrou minha mão, dizendo: *Mãe, o nome dele vai ser Nelson. Quando a hora chegar, entregue a caixa* — as lágrimas pingavam grossas no avental em seu colo. — Quinze minutos depois estava morta — ficou calada, chorando em silêncio.

Senti meus olhos queimarem. Ela havia me dado um beijo! Minha mãe chegou a me ver. Sempre soube que morreria de parto, mas nunca imaginei que tivesse tido tempo de me ver e escolher meu nome. A dor em minha garganta era sufocante.

— Entendi o que ela quis dizer — minha avó continuou, esfregando as costas da mão nos olhos. — Quando você perguntasse sobre o pai eu deveria entregar isto — apontou a caixa. — Foi tudo o que ela guardou sobre ele. Tudo o que aconteceu com sua mãe, todo o sofrimento que passou para poder ver você nascer, foi por causa daquele que o gerou nela. Não poderia ter sido diferente, porque *ele era diferente* — a voz ficou distante, como se falasse sozinha. — Assim que seu pai cruzou o caminho de sua mãe, o destino dela foi selado.

—Vó... não entendo. Por que diz que ele é culpado de tudo? E como assim é *diferente*? — senti o peso que colocou nessa palavra.

Ela suspirou, enxugando os olhos. Por um momento pareceu deixar de ser minha avó e assumiu uma postura como a de mãe lara, alta e imponente como os anciãos do terreiro.

— Porque ele é um *Asanbosan* — falou devagar. — Aquele que gerou você, Nelson, não era do nosso mundo. Ele está muito além disso — continuou no mesmo tom. — Faz parte de nossas tradições mais antigas e que você iria aprender com o tempo, pois só os mais velhos têm permissão para saber sobre essas histórias. Mas tudo o que aconteceu com sua mãe antes e com você naquele dia no terreiro é por causa dele — a voz engasgou nessa parte. — Eu tinha esperança de que as lendas não fossem verdadeiras, que de alguma maneira você poderia ser poupado disso, mas a vida toda vi que era diferente. Nunca ficou doente, sempre foi forte, e depois da sua iniciação no terreiro as mudanças foram maiores.

Minha mente girava. Um gosto pegajoso aderiu a minha língua e os batimentos martelavam meu peito.

— Vó... — consegui dizer. — O que é um *Asanbosan*? — não sabia se estava tremendo de expectativa ou medo.

Seus olhos eram duas joias negras quando falou:

— Um demônio, meu filho — meu coração deu um salto. — Um demônio que se alimenta da força das pessoas.

Ravena – Itália – outono

— Bem, senhor Avelar. Os resultados até o momento são os mesmos — Ênio, o cientista-chefe do projeto, me reportava seu relatório. — Os exames laboratoriais que realizamos no espécime, mais os dados que o senhor nos forneceu juntamente com os experimentos nas cobaias tipo A e B, apontaram o mesmo padrão de evolução da droga.

Tamborilei os dedos sobre a mesa. Os relatórios em meu *tablet* não deixavam muito o que discutir. Sim, os resultados eram os mesmos. Desapontador? De maneira alguma. Às vezes, ao se procurar por uma coisa, acabamos encontrando outra de valor inestimável. E de grande utilidade.

— Então, doutor, já sabe o que pode fazer, não é?

Ele assentiu com a cabeça.

— Se é o que realmente deseja, senhor, creio que poderá ser feito. Mas preciso adiantar que para aprimorarmos a solução serão necessários mais experimentos com cobaias — pigarreou. — Pelo menos uma de cada tipo distinto, para termos certeza da eficácia da droga em todos os grupos. Os resultados teórico-conclusivos não se aplicam ao grupo C, ainda não submetido ao experimento. O desenvolvimento de um processo prático não pode ser interrompido agora.

— O senhor terá todas as cobaias de que necessita, doutor. Eu lhe asseguro. Passe-me o cronograma de testes e tudo estará ao seu alcance. Não quero nenhum tipo de contratempo ao bom andamento das pesquisas.

— Sim, senhor. Vou providenciar — levantou-se e saiu.

Caminhei para o balcão e peguei o uísque. Desta vez a bebida desceu refrescante. Finalmente, após tanto tempo alguma coisa começava a dar certo. Os resultados dos testes mostravam-se animadores. Em breve poderia resolver de uma vez por todas cada um dos problemas, de forma limpa e direta.

— Colin, venha até aqui — chamei pelo interfone.

Imediatamente a porta se abriu.

— Como estão os progressos? — perguntei.

Colin pigarreou antes.

— Os últimos relatórios enviados pelos nossos rastreadores não apontaram muitas novidades, senhor Avelar. Eles continuam procurando por ela, mas até o momento nada de novo apareceu — houve uma breve pausa. — Entretanto...

Ergui uma sobancelha e acenei para que continuasse.

— Nosso rastreador enviado para o Brasil não deu mais retorno.

— Há quanto tempo?

— Duas semanas — Colin ficou vermelho. — Eles tinham ordens para se reportar a cada dois dias...

Levantei-me e espalmei a mão sobre a mesa.

— Duas semanas? — gritei. — Como pôde não me avisar sobre isso, Colin? Um dos nossos desapareceu numa área promissora e você não diz nada?

Colin engasgava ao tentar responder. Estava visivelmente pouco à vontade.

— Bem, senhor... Achei que poderia ter havido outro problema, que ele podia ter sido eliminado por algum membro do clã local — pigarreava mais. — Segundo o que fui informado pelos noticiários brasileiros, nosso enviado andou cometendo alguns *deslizes* em sua alimentação. Isso poderia ter alertado o clã brasileiro e feito com que agissem efetivamente.

— Que seja isso ou não, o fato de não ter me avisado é lamentável, Colin — o rapaz se encolhia ao som da minha voz. — O Brasil é a terra natal dela. É uma área importante.

— Peço desculpas, senhor... Pensei que, sendo brasileira, ela não pensaria em voltar para lá por ser óbvio demais...

Como pode ser tão idiota! Olhei com desdém para o homem magricela.

— É exatamente por isso que é muito provável — rapaz estúpido!
— Esconder-se num local que todos pensariam que evitaria. Procuramos fechar os pontos possíveis como medida preventiva, mas

não podemos deixar que *achismos* impeçam de ver o que pode ser claro.

Peguei outra dose do uísque. A bebida queimou.

— Prepare uma equipe, vinte pelo menos, e mande Enzo — ordenei. Nenhum deles se atreveria a cometer besteiras com Enzo por perto. — Quero todos no Brasil nos próximos dias — aponte o dedo para Collin. — E avise-os que, se cometerem qualquer *deslize*, vão desejar ser degolados pelos vampiros. Agora vá!

— Sim, senhor — saiu rapidamente.

Terminei a bebida quando o interfone tocou.

— *Senhor* — a voz de Ênio estava do outro lado —, *vamos iniciar um novo teste com uma cobaia tipo B.*

Caminhei pelo corredor estreito, bem iluminado, que levava à área de testes. No caminho pude observar, através dos vidros grossos, o cadáver do Lázarus em seu recipiente de preservação. O *espécime* ao qual Ênio se referia, a matéria-prima por detrás da produção da droga. A equipe de estudos retirava mais amostras de tecidos, cuidadosamente. Quando cheguei à sala de testes, protegido pelos vidros blindados, observei o grande mestiço amarrado à maca. Ele estava consciente. Permaneceria assim porque assim foi ordenado. Um homem aproximou-se com uma seringa de conteúdo azul, injetou a droga e saiu da sala rapidamente. Começou com alguns espasmos e os bipes frenéticos dos aparelhos. O ritmo aumentava enquanto veias azuladas queriam se romper da pele morena do mestiço. Sua respiração estava alterada, os músculos retesados. Num momento de desespero, ele soltou-se das amarras da maca e atirou-se contra a parede isolante, próximo a mim. Seu rosto estava contorcido e azulado, uma máscara disforme. Os olhos rodopiavam descontroladamente e mais e mais sua massa corpórea pulsava como um gigantesco coração, tendões e nervos tensos e visíveis, assumindo a coloração azul acinzentada semelhante ao corpo do Lázarus. A boca se abriu em um grito silencioso, abafado pela blindagem que ele esmurrava.

Então... acabou. O cadáver escorregou, dando alguns últimos espasmos. Observei a equipe de testes entrar na sala e remover o corpo.

— Foi mais rápido dessa vez — disse para o cientista-chefe.

— Sim, senhor. Estamos aprendendo a controlar a dosagem para cada tipo. Isso evita desperdício de material coletado do Lázarus. O grupo B necessita de doses mais concentradas, já as cobaias A são mais vulneráveis.

A eram os humanos. Sim, mais vulneráveis. A garota loira do último experimento do grupo A deixou claro.

— Senhor, gostaria de perguntar — falou hesitante. — Quando poderemos realizar os testes do grupo C?

O grupo C.

— Em breve, doutor — afirmei. — Já tenho alguém trabalhando para conseguir o material.

No escritório, apertei a rediscagem do número em meu celular.

— *Sim?* — a voz de Maia atendeu.

— Precisamos dos neófitos. Você tem mais alguns dias.

E desliguei. Olhei para a tela do computador. Cliquei.

A foto em perfil apareceu.

— Falta pouco, Laura — falei com um sorriso. — Muito pouco.

Bristol – Inglaterra – outono

A sala branca tinha convidados hoje. Alexia e Bóris. A lâmia havia trazido mestiços sobreviventes da comunidade da ilha de Hidra: três mulheres e um homem. Em pauta as ocorrências que têm se sucedido: os clãs nórdicos tiveram conflitos com os Leviatãs no ano passado, mesmo período em que ela... Foi embora. *‘Não consegue evitar a dor que isso lhe causa, não é Robert?’* A mesma voz fantasma soprava a verdade em minha mente e eu trincava os dentes. Tinha que passar por todo um processo doloroso de sentimentos até conseguir recuperar um pouco do raciocínio e prestar atenção ao que diziam. Alexia e Bóris estavam aqui para pedir ajuda.

— Tem acontecido com certa regularidade — Alexia contava sobre os recentes incidentes na Grécia. — Começou nas ilhas menos habitadas em Kykladen e por último chegou a Trípoli. Os clãs de

Creta deixaram seu isolamento e atacaram em nossas terras. Por pouco não tivemos que chegar à violência de fato em Trípoli. Durante séculos eles têm se mantido em sua ilha e na região de Rhodes, mas agora a provocação foi direta — seu olhar se dirigiu a Clementine. — Como eles não fazem parte do Acordo, decidimos não informar ao Megister Yacov e resolver por conta própria. Nossos amigos da comunidade de Hidra nos ajudaram, e outras lârnias de Lesbos, Patras e Chalkis estão fazendo vigílias constantes nas fronteiras.

— Os problemas são semelhantes em nosso território — Bóris passou a contar, aproveitando o gancho. — Alguns dos Ekiiminus búlgaros, que não concordam com os termos do Acordo há muito tempo, resolveram caçar nos territórios dos Obours turcos, na fronteira de territórios entre a Bulgária e a Turquia — ele lamentou. — Só que nesse caso a violência foi efetiva. Um membro dos Obours foi morto e como forma de revidar eles adentraram em Vratsa e atacaram o clã dos Ekiiminus. As perdas foram de ambos os lados e mesmo alguns humanos pagaram por isso.

— E como está a situação por lá agora, Bóris? — Clementine perguntava.

O vampiro romeno balançou a cabeça antes de continuar.

— Muito séria, Clementine. Os Obours são muito instáveis. Num primeiro momento consegui acalmar as coisas, mas agora estão ultrajados devido às perdas. Por hora, ganhei uma pequena trégua, mas ela é fraca e qualquer tipo de atrito pode desencadear outra matança.

— O que me preocupa — Carlo entrou na discussão — é que casos como esses acabam incentivando outros grupos insatisfeitos a agir. Todos aqui sabem que alguns dos clãs adorariam tomar territórios para si, só são impedidos pelo Acordo — apontou para a mesa. — Mas se os clãs exilados incitarem outros, mostrando seus resultados, teremos mais notícias sobre revoltas e os embates serão inevitáveis.

Fez-se um breve silêncio. Então, eu falei:

— Alexia, vocês têm vantagem na água, certo?

Ela concordou.

— Sim, Robert, na água somos mais eficientes. Só podemos ser detectadas pelo olfato de outras lâmias e cobrimos grandes distâncias a nado. Não temos as mesmas limitações que em terra — seu olhar era curioso.

Virei-me para Bóris.

— Quantos aliados possui na região, Bóris? Ou quantos acha que pode conseguir por ora? — minha mente analisava as possibilidades.

— Além do nosso clã, Vassília possui contatos na Polônia, Ucrânia e Sérvia. E os Obours também podem ajudar.

— Em que está pensando, Robert? — Clem olhou-me.

— Uma coisa que aprendi nos meus tempos de cavaleiro real é que antecipar é sempre a melhor estratégia. E que devemos aproveitar as desvantagens do inimigo a nosso favor. Por exemplo, Alexia e as lâmias podem patrulhar seu território por água com mais velocidade do que os clãs cretenses entrarem por terra. Com essa vantagem, devem isolá-los na ilha, impedindo o acesso às outras — fiz desenhos com o dedo sobre a mesa, como num mapa. — Se eles insistirem, estarão ultrapassando seu território, e por direito qualquer atitude que tomarem será justificada.

— Mas, Robert, isso significa ter que matá-los — Alexia retrucou. — Há séculos não precisamos fazer isso em nossas terras. E não seria fácil, os Kathakanos de Creta são muito violentos. Podemos sofrer baixas.

— Sei disso, Alexia. Mas não haverá alternativa se voltar a acontecer. E acredito que, se Nikos perceber que estão sendo vigiados, fará o clã retroceder. É melhor correrem esse risco do que permitir os ataques e o fato chegar ao conhecimento de Avelar, especialmente nesses tempos. Por enquanto, tente contê-los em seus limites — aponte para os mestiços. — Vocês cobrem o perímetro por água, os membros de Hidra podem fazê-lo por terra.

Percebi o leve aceno de cabeça por parte deles. O grupo entendeu minha proposta. Olhei para Bóris.

— Peça auxílio para os clãs amigos de Vassília e se plantem nas fronteiras. E tente fazer com que os Obours não percam a cabeça. Invadir Vratsa foi um erro grave, pois os Obours são ligados ao Acordo da Ordem e isso pode prejudicar todo o seu clã, meu amigo.

Mantenham-se firmes na fronteira e não haverá avanços — olhei para Clementine. — Vamos usar os membros que pertencem a seus próprios territórios. Assim não levantaremos suspeitas, o que seria inevitável se clãs distintos agissem.

— Robert, entendo o que quer fazer — Josh falou. — É uma boa estratégia. Mas me preocupa o fato de eles estarem dispostos a avançar. Se houver um confronto direto, ambas as partes sofrerão baixas.

— Por isso a minha sugestão de reforçar a fronteira antes de nos envolvermos pessoalmente na questão — continuei firme em meu raciocínio. — Eles estão atacando de surpresa. Se sentirem que não poderão entrar sem serem percebidos, vão recuar...

Durante a próxima hora ficamos discutindo sobre estratégias e táticas de defesas. Isso distraiu meus pensamentos e exigiu o trabalho analítico militar de minha mente. *Algo que eu talvez devesse ter usado antes para defender meu próprio território.* Ainda estávamos surpresos com o fato de nossa mansão ter sido invadida no outono passado. Ou melhor, o *laboratório* de Carlo. Alguém entrou. E esse *alguém* sabia exatamente o que procurar: o corpo do [Lázarus](#)¹. Teve o cuidado de removê-lo com o aparato de sustentação do cadáver, junto com caixas de amostras de tecidos da criatura. Por sorte, nem todas foram levadas e os arquivos dos computadores não estavam corrompidos. Os invasores não se demoraram, nem deixaram rastros ou a mínima impressão. Depois do ocorrido, a segurança da mansão foi reforçada com alarmes termo-hipersensíveis, um circuito interno e externo de TV especialmente adaptado para *imagens especiais*, além de bloqueadores via satélite. Mas esse não era um assunto que poderia ser aberto numa reunião como essa.

Mas mesmo esse momento de *distração* militar não duraria para sempre. Bóris já havia partido e todos os outros discutiam sobre os rumos dos acontecimentos. Fiquei sentado próximo à fonte no jardim. Ainda podia ver a marca deixada no local onde ela havia se partido durante o treinamento de Laura. Meus dedos alisaram a argamassa sentindo sua aspereza, mas em minha imaginação acariciavam a pele suave e cheirosa, prendiam-se nos cachos dos cabelos que desciam

até os ombros e contornavam a curva dos lábios. Fechei os olhos para reter a sensação. A ausência dela era dolorosa... Quanto tempo havia se passado? Quantos dias voltei a contar, como qualquer humano, desde que ela se foi? Esperando por um milagre, como um mortal? Nenhuma notícia, por menor que fosse, chegou de qualquer lugar. Solomon, Jamal, Garret, Lorelai, Atul e Siana, ninguém sabia dela. Josh ainda tentava encontrar algum rastro nos computadores, mas o progresso era lento e os resultados também. Nem mesmo Cíntia recebeu qualquer notícia, apenas os documentos que vieram da Embaixada Brasileira. Ela estava tão desesperada quanto eu. Eric não sabia mais o que fazer para consolá-la.

Laura, meu amor, onde você está?

A força do chamado se expandiu na minha mente. Sabia que todos os outros estariam ouvindo. Não conseguia controlar. Apesar da exaustão que esse recurso provoca quando utilizado em demasia, de alguma forma eu acreditava que poderia alcançar Laura através do pensamento. Ela já teve a conexão mental com todos, isso não é algo que desaparece. Laura era diferente. Foi uma de nós, e os laços não se rompem tão facilmente. Pelo menos eu queria acreditar. Era nisso que sempre pensava quando obrigava minha mente a procurá-la. Mas o silêncio que se seguia era desanimador. Restavam apenas os ecos dos meus próprios pensamentos, o respeito e silêncio dos outros pela minha dor. Ainda estava de olhos fechados quando senti o perfume que me rodeava.

— Estou atrapalhando? — perguntou a voz musical.

Virei-me para a bela lâmia. Alexia sempre foi deslumbrante. Uma musa de Botticelli. Por um momento me permiti lembrar da crise de ciúmes que Laura teve quando soube de meu relacionamento passado com ela. E do quanto isso havia me feito feliz. Um sinal de que ela realmente me amava. *Nunca fui tão verdadeiramente feliz antes...*

— Você nunca atrapalha, Alexia — respondi com calma, mas o desânimo em minha voz era evidente. — Sou eu que ando meio afastado. Desculpe.

Ela se aproximou e sentou-se ao meu lado. Os olhos vermelhos me observavam com uma mistura de curiosidade e descrença. Alexia

sabia de toda a história, pelo menos a parte que dizia respeito apenas ao desaparecimento de Laura, e como a conhecia bem, sabia que sua mente não podia processar a força do sentimento que me dominava. Lârnias sempre foram sedutoras, vorazes e sensuais. Sabia disso por experiência. Agiam como súcubos, nunca se apegando ao objeto de seu desejo, seja ele humano ou não, mais do que a relação carnal permitia. Fazia parte da natureza delas há milênios. Seus amores duravam apenas uma noite, ou um ano, ou até um pouco mais, como no nosso caso. Mas sempre se extinguíam sem deixar marcas. Talvez essa fosse a maior vantagem em nunca ter sido humano: não saber a força dos sentimentos que os dominam. Eu fui humano. E apesar de minha natureza atual, a memória e o corpo guardaram esses sentidos. Todos subitamente despertados pelos olhos castanhos de uma mulher.

— Clem me disse que não tiveram nenhuma notícia — não era uma pergunta.

Acenei com a cabeça. Ela balançou o pé dentro da água da fonte. Observei sua pele adquirir um tom azulado e escamoso. Uma metamorfose natural para todas de sua raça. Quando o retirou da fonte, o efeito desapareceu.

— Não sei se sou a criatura mais indicada para isso — dizia, evidentemente sem jeito. — Vocês e os humanos sempre foram um mistério para mim. Lembro-me de que nos tempos antigos, quando os poetas cantavam os feitos dos heróis pelas terras helênicas, os homens se entregavam a nós com uma fúria de paixão que justificava até mesmo morrer em nossas mãos. Apesar das lendas que dizem que nós os encantávamos com o canto de sereias, a verdade era que o amor os movia a se renderem. E o ciclo humano de vida, amor e morte completava-se. Oferecíamos o prazer, e em troca recebíamos suas vidas em oferenda, nos alimentando dos homens.

Realmente era difícil para Alexia compreender a mecânica do amor humano. Era o equivalente a um humano tentar entender como um corpo pode continuar a viver sem o bater de um coração, como o nosso.

— Mas apesar de não conseguir compreender não significa que não admire essa conduta. O amor dos homens sempre foi intenso e

quando o vi defendendo-a no Concílio, falando para toda arena que ela era sua mulher, compreendi que havia encontrado o amor que tanto queria, Robert. Sim, sempre soube — falava com sua voz musical. — Esse sentimento jazia latente. Mesmo acreditando que não era merecedor disso, que sua humanidade havia sido destruída quando se transformou, nunca deixei de pensar em você mais como um humano do que como vampiro. Sempre foi diferente de muitos, assim como Clem e os outros de sua família. Vocês são únicos, eu diria.

— Acho que posso considerar como um elogio — sorri para ela.

Ela retribuiu o sorriso. Sua pele brilhava como uma pérola banhada pelos últimos reflexos do sol.

— Robert, como posso ajudá-lo?

Sua pergunta me pegou de guarda baixa. A sinceridade em suas palavras era evidente.

— Não há nada que possa fazer, Alex — disse com pesar. — E seu clã já tem problemas demais, não acha?

— Mas não quero vê-lo sofrer mais. Não é justo.

Suspirei e olhei para o sol que se punha, os efeitos da noite aparecendo em meu corpo.

— Só há uma coisa que quero agora — falei sem pensar, as palavras brotando como um jorro de água que teve seu fluxo preso por muito tempo —: Laura. Não saber onde ela está, como está, o que aconteceu... *isso* está acabando comigo — apertei os punhos com força, mirando as pedras no chão. — Se eu fosse humano, a agonia já teria me matado, pode ter certeza.

Os dedos de Alexia levantaram meu queixo devagar. Seu olhar era firme e possuía uma determinação ardente.

— Posso não entender o tamanho de sua agonia, Robert, mas uma coisa eu lhe digo: não desanime. Nunca — sua voz era suave. — Vi claramente o vínculo entre vocês. Se Laura também o ama, prometo que farei o que puder para ajudá-la. E a promessa de uma lâmia é para toda a eternidade.

Sua mão apertou a minha com força. Então se levantou e beijou de leve minha testa. Uma brisa soprou e Alexia não estava mais lá. A lua elevou-se alta no céu. Clara, majestosa, linda. Seu reflexo brilhava na

água da fonte. Mas tudo o que eu conseguia ver era a imagem de um rosto muito mais lindo. Fechei os olhos para reter essa imagem. Minha mente ficou completamente desligada de tudo ao redor. Ausente, apartada do mundo, do tempo e suas implicações. Simplesmente ausente...

Robert!

O tremor me invadiu quando a voz gritou alto. Abri os olhos esperando ver o rosto parado a minha frente. Não, ela não estava ali. Mas sua voz me chamou, clara como a lua. Tão real quanto ela! E seu tom... Parecia estar sofrendo. Padecendo em dor. Forcei meu pensamento outra vez, com mais intensidade.

Laura, onde você está?

Silêncio. O tremor ainda me percorria. Os minutos foram passando, lentos e agoniados.

Robert...

Laura! Era ela. Eu consegui! Novamente a nota de sofrimento estava em sua voz. Olhei para os lados, em desespero, procurando em meio à noite por algo que me amparasse, mostrasse o que fazer. Mas tudo o que recebi foi o vento frio nos cabelos e o lamento das corujas. Nas águas da fonte, imagens pareciam se formar com o movimento ondulante. E em todas elas via seu rosto, pelo qual eu daria, de bom grado, a existência. Voltei para a casa num piscar.

— Robert, o que foi? — Clem perguntou ao ver meu rosto assustado.

Mais de uma cabeça se virou em minha direção, todos espantados pela urgência no meu olhar.

— Vocês não escutaram? — minha voz era engasgada.

— Escutamos o quê? — Morgana perguntou.

Pisquei confuso.

— Rob, o que foi? — Josh falou.

— Era ela! Ela me chamou, eu ouvi! — falei rápido. — Laura chamou meu nome duas vezes, senti a conexão. Sua mente chamou a minha.

Todos se entreolharam.

— Robert, Laura não é mais como nós — Clem dizia. — Não pode nos chamar assim...

— Não, Clem, eu sei o que ouvi! — estava quase gritando. — Ela disse meu nome... E estava sofrendo! De alguma forma ela me avisou. Laura precisa de mim!

Clementine olhou para Carlo. A pergunta em sua mente era óbvia.

— Acho que pode ser possível — Carlo dizia com cuidado. — Embora não seja mais vampira, Laura não é totalmente humana. E o elo forjado entre os dois é forte. De todas as mentes nessa casa, com certeza a de Robert seria a que ela poderia alcançar, se precisasse. Esse tipo de conexão não desaparece, existe sempre uma brecha — vi o olhar que ele lançou para Morgana e o aceno dela.

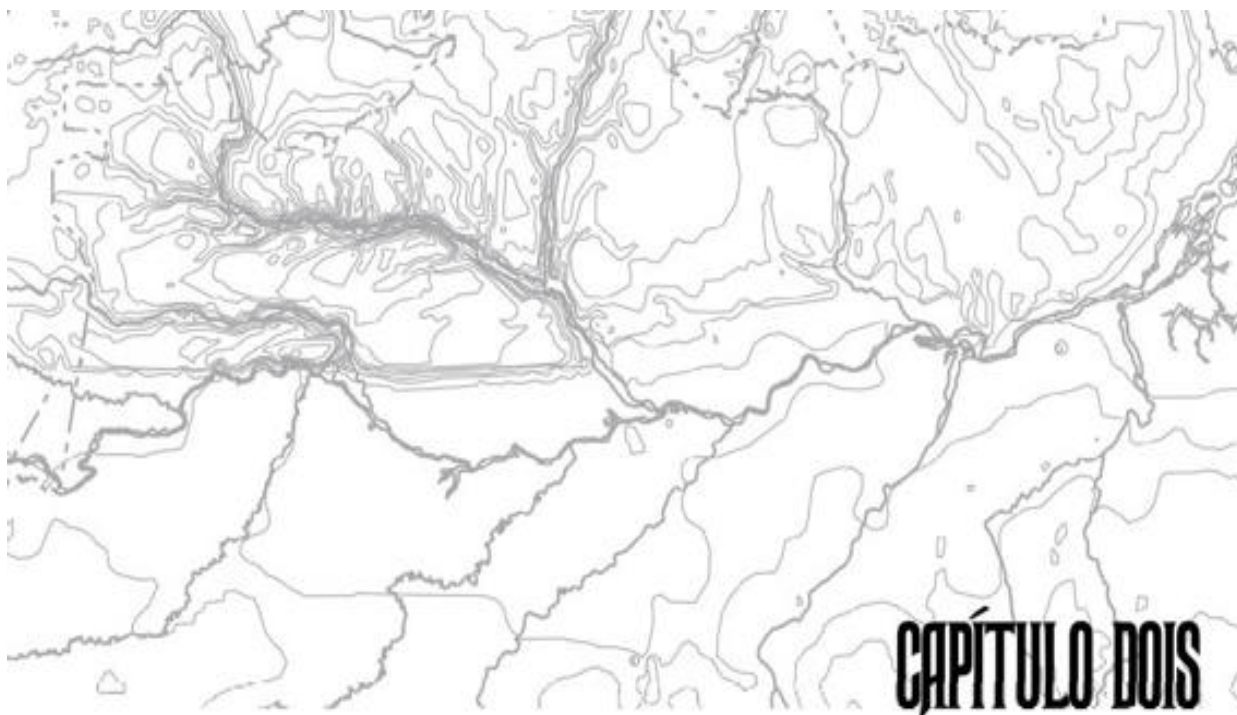
— Quer dizer, então, que Laura pode nos alcançar? — Clementina estava na expectativa.

Carlo olhou para mim, mas foi Morgana que falou.

— Robert... Ela chegou até você. Durante todo esse tempo acreditou que poderia alcançá-la, nós vimos suas tentativas. Tem que continuar, até conseguir descobrir alguma coisa, qualquer coisa.

Ouvi as palavras dela com uma esperança renovada. Havia uma chance! Eu podia encontrá-la, tinha que encontrá-la. *Laura, meu amor. Eu vou achar você. Não duvide disso. Eu te amo.* As palavras voaram de minha mente em direção ao infinito.

1. Nota da Autora: *Panaceia* é o segundo volume da série. Para acompanhar a história desde seu início, leia *Lázarus*, o primeiro volume, publicação da Giz Editorial.



Livro Quatro – Capítulo Dois

São Paulo – Terminal rodoviário do Tietê – verão

Campo Grande, 19h30min, plataforma 36. Passagens, por favor! Levantei-me do banco e entreguei a passagem, embora já fosse quase dez e meia da noite e o ônibus estivesse atrasado por causa das festas de fim de ano. O fiscal conferiu e me devolveu o *ticket*. Estava levando apenas uma mochila e entrei rápido. Nessa época era difícil conseguir passagens. Até que dei sorte. Enquanto deixava o terminal encostei na poltrona. Tentava relaxar a musculatura e clarear a mente. Fiquei observando o ônibus entrar na rodovia Castelo Branco. Automaticamente abri a mochila e retirei a foto. Minha primeira pista para desvendar o mistério: *Cachoeira da Lua – Aquidauana*. Era para lá que iria. Olhei para o retrato e meu coração se apertou.

— Segundo os antigos — trazia bem clara na memória as explicações de minha avó —, o Asanbosan era um demônio que perseguia nossos ancestrais na África para sugar-lhes a força do sangue. Ninguém escapava com vida quando ele atacava. Era forte, rápido, podia caçar as pessoas seguindo seu cheiro, ver no escuro, como fazem os animais à noite. E para poder viver tinha que beber sangue. Todas as tribos os conheciam e os temiam, encontrar um deles significava achar a morte — seu tom ficou subitamente triste. — A maioria das lendas falava da força desses demônios e do terror que causavam, mas algumas das histórias contavam sobre mulheres das tribos que eram seduzidas e acabavam gerando seus filhos, crianças diferentes, sacrificadas quando nasciam, pois eram consideradas demônios também. Quando vi sua mãe passar por toda aquela provação na gravidez, entendi que ela teve um encontro com um deles, e que com certeza foi em Aquidauana.

— Então quer dizer que sou um demônio também? É isso? — perguntei com a voz engasgada. Com tudo de estranho que estava acontecendo, só podia pensar o pior.

— Não, meu menino, você não é — vó Bibi me garantiu. — Eu cuidei de você e sei que não é como ele, aquele que o gerou. Apesar de ser diferente dos outros garotos, tem caráter e bom coração. Nunca faria mal a ninguém.

Lembrei outra vez da garota no Riviera Dois e do quanto eu poderia machucá-la naquela noite. Mas não tive coragem de contar para a vovó. Pensei no que Mãe Lara me dissera no terreiro: que precisava encontrar meu povo para ter as respostas, a parte oculta da minha ancestralidade. Minha mãe conheceu meu pai em Aquidauana. As respostas deveriam estar lá. Mas não foi fácil convencê-la de que precisava fazer isso, só depois de muito chorar vó Bibi compreendeu.

— Gostaria que pudesse esquecer isso tudo, meu filho — falou em meio ao choro. — Mas sabia que seria impossível impedir. Só posso rezar para que os Orixás o protejam e o guiem com sabedoria. E que lhe deem coragem para o que tiver de enfrentar — com as mãos ela me abençoou em orações.

Olhei a paisagem pela janela. Seriam 994 km até Campo Grande. De lá, seguiria até Aquidauana. Uma longa viagem em busca da verdade oculta no centro-oeste brasileiro. Acordei com o solavanco do ônibus que chegava à rodoviária, após mais de vinte horas de estrada. O trânsito intenso, acidentes e desvios de rota por causa das festas de final de ano, a má conservação da rodovia, tudo ajudou a aumentar em mais de seis horas a viagem, fora as paradas no meio do caminho. Meu corpo estava dolorido e os olhos queimavam de sono. Quando saltei do ônibus, andei pelos corredores e guichês do terminal. Era pequeno, se comparado ao Tietê, barulhento por causa do entra-e-sai de pessoas e ônibus e estava todo enfeitado para o Natal. Ficava na região central da cidade e em volta agitava-se um intenso fluxo de comércio. As avenidas eram largas e possuíam muitas árvores, o que ajudava a espantar um pouco o calor do início de verão. Campo Grande fica na região centro-oeste do Brasil, que nesta época do ano era muito quente e úmida. O pouco que sabia sobre a cidade foi o que procurei ler numa revista de pecuária esquecida no guarda-volumes do ônibus. Essa atividade era importante para o estado do Mato Grosso do Sul e Campo Grande estava geograficamente posicionada para facilitar o fluxo de produtos para outros estados e para exportação. Também eram grandes produtores leiteiros, a agricultura focada na produção de soja e arroz e a indústria era bastante diversificada. Parei numa banca de jornal e comprei um mapa do estado. O município de Aquidauana ficava a 130 km. Teria mais uma jornada pela frente. Aproveitei enquanto fazia um lanche numa padaria para pedir informações.

— Aquidauana? Xiii, amigo — falou o rapaz que atendia o balcão com um sotaque brejeiro. — Você deu azar. Só tem um ônibus por dia e ele sai às 19h45min — apontou para o relógio. — Perdeu esse por uma hora, agora só amanhã. A menos que queira voltar até a cidade de Dourados e pegar outro que sai de lá pela manhã — deixou o lanche a minha frente.

Merda! Teria que achar um lugar para ficar. E não tinha muito dinheiro para isso. Minha avó me deu um pouco e eu tinha algum guardado, mas não iria durar. Voltei para a rodoviária. A passagem não era muito barata e tive que comprar antecipadamente para

garantir lugar. Menos dinheiro! Os preços de hotéis e pousadas também não estavam nada bons. Muitos ecoturistas inflacionaram as estadias e não podia arriscar gastar mais do que o necessário.

— Se você quiser um lugar barato pra pernoitar — o rapaz de uma hospedaria apontou à rua —, pega a Avenida Afonso Pena e siga até o final. Vai encontrar o Parque das Nações. Por lá tem pensões que alugam quartos baratos pra trabalhadores e estudantes. Com sorte você consegue.

Agradei e segui o caminho indicado. Era uma avenida longa e movimentada, havia muitas árvores ao longo dela, cheias de luzinhas de Natal, com subidas e descidas que levavam ao Parque das Nações, uma grande área verde central. Eu não estava cansado, mas resolvi sentar num dos bancos para apreciar aquela paisagem. O vento soprava e a diferença entre os cheiros dessa cidade e São Paulo era gritante. Agora que, pelo menos, sabia em parte o que eu era, não achava mais tão estranho esse tipo de percepção, algo perfeitamente natural, até mesmo fácil de entender. *Se fosse uma situação normal... claro.* O pensamento sobre o absurdo em que me encontrava insistia em me trazer de volta, mas os sentidos queriam levar em outra direção, menos racional: a visão aguçada, que permitia ver longe e melhor, a audição que ampliava os sons e o olfato, principalmente os cheiros. Esses eram fortes e difíceis de aguentar. Se fechasse os olhos podia sentir, com mais intensidade agora, os mesmos efeitos daquela noite no Riviera. O odor do sangue me atingia e secava a boca. Ali, sentado entre as árvores, cercado pela escuridão amenizada pelos postes de iluminação — e que nada representavam para mim, pois via tudo nitidamente —, identificava o aroma do sangue dos animais e pessoas que circulavam pelo local. Um maratonista em sua corrida, dois homens fazendo exercícios, crianças correndo com sorvetes na mão, um casal se beijando. Todos com batimentos cardíacos acelerados e pulsação forte. Um cheiro doce, intenso, e que abria um apetite voraz. Abri os olhos, sacudindo a cabeça, e me levantei. Não podia ficar parado ali. Imaginava as consequências e era melhor não pagar para ver. Atravessava o parque em direção ao endereço que o rapaz da hospedaria me indicou quando tudo ficou escuro, de repente.

Um blecaute.

Só me dei conta porque as luzes dos postes se apagaram, pois minha visão imediatamente se adaptou. Segui pelo calçamento sem nenhuma preocupação. O vento soprava mais agora. E então parei, assustado. Um estranho tremor me percorreu e a forte sensação de estar sendo observado me fez virar bruscamente, tão rápido que me sobressaltei. E com meus novos olhos vi, entre duas árvores próximas, uma figura alta, cabelos longos, escondida entre as sombras. Estava completamente imóvel e seu cheiro era... estranho. Diferente de tudo o que podia lembrar de ter sentido até então. Parecia que não era... gente. Não tinha cheiro de gente. A respiração pesada e grossa chegava até meus ouvidos, mas o que chamou minha atenção foram seus olhos. Vermelhos! Pensei em falar algo, mas um instinto oculto me dizia para tomar cuidado, que a pessoa a minha frente era perigosa. Não me mexi. A estranha figura se moveu, aliás, *deslizou* alguns metros, como se flutuasse, e parou. Uma mulher! Longos cabelos negros, vestindo uma roupa simples, uma palidez que não era natural... e muito bonita. Mas os olhos eram ameaçadores e continuei parado.

— Longe de casa, amiguinho? — perguntou a voz mais sobrenatural que já ouvira na vida.

Um arrepio correu por meu pescoço e o coração disparou. O cheiro ficou intenso com a proximidade e os olhos em brasa eram perversos. Definitivamente a mulher não era humana, só não entendi como cheguei àquela conclusão. Dei um passo hesitante para trás e ela sumiu. Voltei-me rápido e a vi. Estava dependurada no galho de uma árvore e o sorriso deixou à mostra os dentes ameaçadores. Como os de um felino, ou os de um demônio... Ou iguais aos meus naquela noite em São Paulo!

— Parece que está — ela dizia e debochava. — O que é uma pena para você e uma sorte pra mim.

Pisquei e ela estava à minha frente. O odor ficou pungente e algo dentro de mim se agitou em resposta.

— Sabe, normalmente eu não estaria atrás de alguém como você — seu deslizar era tênue. — O gosto da sua raça não é lá muito bom.

Mas vejo que ainda é jovem, não conhece todo seu potencial. E seu sangue é forte, será de grande valia para mim.

Não entendia o que ela queria dizer, mas meus instintos alertavam que não era nada bom. Alguma coisa adormecida em mim pareceu despertar e, assim que ela avançou, saltei para trás. Esse movimento rápido me espantou, mas minha atenção estava focada na mulher. Ela riu e desapareceu. Procurei manter minha atenção no cheiro e nos sons. Apenas silêncio, só o vento era audível. A brisa soprou à esquerda e defini suas formas, um borrão me circulando. Forcei meu olhar e por um momento consegui distinguir a imagem dela como num fotograma. Senti o golpe na cabeça quando suas mãos me agarraram e a pressão no pescoço. Os dentes penetraram fundo. A dor era absurda! Milhares de facas pareciam cortar a carne. Agi por impulso de sobrevivência. Com uma força que até então desconhecia agarrei seus cabelos e a atirei contra uma árvore. O baque fez o tronco se quebrar, mas ela já estava em pé novamente, com os lábios cheios de sangue. Meu sangue! Aquela visão toldou meus pensamentos e algo como um rugido saiu pela minha garganta. A velocidade com que me atirei contra ela era inumana. Nossos corpos se atracaram e cravei os dentes em seu ombro desprotegido. Ouvi o grito de dor enquanto suas unhas dilaceravam meu flanco esquerdo e me atiravam longe. Meu corpo bateu pesado contra uma lata de lixo, rompendo sua estrutura de metal. Apertei as mãos do lado esquerdo para tentar aliviar a dor e vi o sangue escorrendo. Fiquei em pé. Do outro lado ela olhava espantada a ferida que provoquei.

— Há muito tempo não via meu próprio sangue — ela falou com ódio. — E você vai pagar muito caro por isso, mestiço!

No instante seguinte ela estava em cima de mim, as mãos tentando me imobilizar e a boca escancarada procurando alcançar meu pescoço. Tombamos. Senti seu hálito gelado soprar em minha cara e reuni toda a força que tinha para lutar. Rolamos pelo chão, enquanto a dor e o sangramento me faziam ficar tonto. Ela rosnava ferozmente, tentando me morder. Livrei uma das pernas e chutei seu abdômen com força, arremessando-a para o outro lado da praça. Ela rodopiou no ar e pousou como um gato. Eu estava tonto e me pus em pé com muito custo. A dor era forte e o sangue pingava pelos meus

dedos. Não sabia se aguentaria outra briga. Percebi a criatura arquear o corpo em posição de ataque, pronta a saltar, quando algo explodiu sobre ela. No instante seguinte estava envolta em chamas azuis e gritava, arrancando as roupas em farrapos. Imediatamente uma mulher loira saltou por sobre um banco e cravou uma espécie de faca no pescoço da *coisa*, no mesmo ponto onde eu havia mordido. A mulher de olhos vermelhos atirou-a contra o chão, próximo a mim. Sua pele raspou no asfalto e uma enorme ferida se abriu em seu braço pelo golpe. Ela me olhou com seus olhos azuis e gritou:

— Depressa! Ataque o pescoço! Rasgue o máximo que puder, aproveite que ela está confusa! — a voz era frenética.

— R-Rasgar? — engasguei ao perguntar.

— Com os dentes, você pode, depressa! — e colocou-se em pé, com uma espada às mãos. — Seja rápido ou ela acaba conosco.

Não pensei mais. Olhei a forma que ainda pegava fogo. Ela havia retirado a faca e parecia desorientada. Saltei a toda velocidade e abri a boca, cravando todos os dentes que tinha, sentindo em plenitude o quanto estavam pontudos, salientes contra a gengiva. Estrangulei seu grito abafado e afundei ainda mais, ouvindo o som da carne se partir, experimentando o gosto ruim de seu sangue, sentindo o cheiro de queimado enquanto as chamas se apagavam. Fiquei enjoado, mas não parei. Aos poucos, meus dentes cortaram os músculos e minhas mãos a agarraram com força, impedindo-a de escapar. Ela se debatia desesperadamente, atirando-se às árvores para tentar se libertar. Num impulso instintivo rodeei sua nuca com os dentes, até sentir que a cabeça se soltava. Nesse momento, seu corpo ficou mole, flácido, e tombou pesado. Firmei o meu e olhei. A mulher jazia aos meus pés... Decapitada!

Seu sangue estava espalhado em mim, em minhas roupas. O cheiro era horrível. Eu estava completamente em choque. Havia matado. Nunca matei antes e a sensação era... não sabia definir. Tinha certeza de que aquela *coisa* não era uma pessoa e que, de alguma forma, era ela ou eu. Mas mesmo isso não aliviava o incômodo que a visão me causava. Senti a fisgada na ferida e me dobrei um pouco de lado. Ainda sangrava. Olhei para trás e vi a mulher loira se aproximando. Ela também sangrava muito. Trazia uma

mochila preta e rapidamente pegou a faca do chão, na verdade uma adaga, e guardou-a junto com a espada que estranhamente se dobrava ao meio. Sem falar nada, tirou um vidro prateado da bolsa e abriu. Um cheiro ácido fez meu nariz arder. Ela derramou o líquido sobre o corpo chamuscado. Ele fumegou numa poeira branca e então... desapareceu, como mágica! Não havia nenhum sinal.

— Aqui, deixe-me cuidar disso — ela falou, examinando meus ferimentos. Pegou outro vidro da bolsa e que tinha um cheiro ainda pior. — Isso vai doer, já vou avisando — e pingou o líquido na minha pele.

— Arrghhh! — não consegui evitar o gemido. — Filho da p...! — fechei os punhos com raiva.

— Eu sei. Concordo com você.

Repetiu o procedimento na mordida que levei no pescoço e depois pingou em si mesma. Ao contrário do que esperava, ela não gemeu, apenas fechou os olhos e suspirou fundo. Parecia acostumada. Quando olhei para as feridas, tinham desaparecido, da mesma maneira que o cadáver. Nenhuma cicatriz. Fiquei observando enquanto a loira olhava ao redor, como se certificando de que tudo estava ok. Então se virou para mim.

— Pegue suas coisas e venha — ordenou.

— Ir? Pra onde? Do que está falando? — eu dizia e seguia, sentindo os puxões dos dentes que voltavam ao seu lugar em minha boca. Uma sensação incômoda, mas quase *natural*.

— Não dá tempo para explicar agora. Pode haver outros, eu não tenho certeza — pegou suas coisas e me puxou.

Andamos apressadamente, ela à minha frente. Contornamos uma parte do parque até chegar a um Fiat preto estacionado a poucos metros. Ela abriu a porta.

— Entra! — e deu a partida.

Não sabia para onde estava me levando. Dirigia em alta velocidade e em poucos minutos pegamos a BR-262 com destino a Aquidauana/Anastácio. Não podia afirmar se isso era sorte ou azar. Ela não falava nada, apenas prestava atenção à estrada. Eu não tinha coragem de perguntar também. Tudo o que vi essa noite parecia ter sido tirado de um filme de terror e não saberia o que dizer. Até

porque fui protagonista de uma grande parte dele. A certa altura ouvi o som de um bipe insistente. Ela olhou rapidamente para o relógio no pulso e suspirou. O cheiro dentro do carro mudou, de repente, e isso me confundiu. Disfarçadamente olhei. Ela suava muito, seu rosto estava corado. Também percebi que tremia levemente e um calor estranho emanava da sua pele atingindo a minha.

— Moça... Você está bem? — arrisquei, preocupado.

— Não é nada — ela apertou as mãos no volante e sua respiração ficou mais acelerada.

Olhei para o velocímetro. 130 km por hora! O carro voava pela rodovia. Comecei a ficar meio apavorado. Dirigir rápido era uma coisa, mas no estado dela era suicídio. E no meu caso específico um homicídio! O que poderia dizer ou fazer? Mas essa decisão saiu das minhas mãos. Ela sinalizou para a direita e parou em frente à portaria de um motel.

— O-O que está fazendo? — consegui espremer a pergunta.

— Fique tranquilo, não vou abusar de você, se é o que está pensando — sua voz era um sussurro. O suor era visível em sua testa e escorria pelas têmporas.

Ela estendeu o documento para a recepcionista e recebeu uma chave. Quando o portão se abriu, entrou com cuidado, estacionando na garagem 22. Desceu e fechou o toldo. Eu havia saído do carro também. Quando abriu a porta do quarto fez um sinal para que eu entrasse e depois passou a chave na tranca.

— Agora, vá até o banheiro e tire toda a roupa. Toda! — ela arfava.

— O quê? — perguntei alarmado.

— Confie em mim, por favor — pediu com urgência. — Tire toda a roupa e jogue aqui para fora. Tome um banho até se livrar do cheiro, entendeu? Não deixe nenhum rastro.

Olhei espantado. De alguma maneira aquela mulher parecia entender as coisas estranhas que eu podia fazer. Meio tonto com tudo, acabei obedecendo. O banheiro era pequeno, de azulejos brancos. Tirei as roupas e joguei porta afora. Havia um chuveiro e uma banheira apertada. Liguei o chuveiro e comecei a me lavar. Não podia deixar de admitir que o contato da água era muito bom.

Esfreguei o sabonete e o xampu com força até sentir que estava totalmente limpo. Quando desliguei, o vapor subia. Peguei uma das toalhas e enrolei na cintura. Abri a porta devagar, sem saber bem o que esperar. Estava num quarto de motel com uma completa estranha que me mandou tirar toda a roupa e tomar um banho. Se não fosse por tudo o que acontecera em Campo Grande, e o fato de que ela não parecia ser uma pessoa *normal* também, até poderia me dar ao luxo de pensar que me daria bem naquele dia. Mas a situação era estranha demais e saí do banheiro hesitante. A primeira visão que tive foi chocante. Numa cesta de lixo, minhas roupas ensanguentadas se dissolviam lentamente numa chama azulada e inodora. Na cama, uma troca de roupas limpas, tiradas da minha mochila, espalhava-se pelo lençol. Girei o corpo e encontrei a mulher loira. Estava caída no chão, desacordada. Sua mão segurava um celular e ouvi alguém chamando. Uma voz masculina.

— *Laura? Laura? Onde você está? Laura?*

Me aproximei dela. O bipe do relógio era insistente. Toquei sua pele, estava muito quente, além do que poderia considerar normal. E suava muito. O homem no celular continuava chamando, parecia desesperado. Peguei o aparelho.

— Alô? — minha voz era baixa e cautelosa.

Houve um breve silêncio.

— *Quem está falando?* — ele perguntou.

Deveria responder? Uma parte de mim dizia para sair dali, ir embora, que isso tudo era muito estranho e poderia acabar mal. Mas outra me lembrava que vim para o Mato Grosso do Sul atrás de respostas e que elas poderiam ser tão estranhas quanto todas as situações que estava vivendo até ali. Além disso... A mulher caída ao chão salvou minha vida. Se ela não dissesse o que fazer, não tivesse me ajudado, estaria morto.

— Meu nome é Nelson.

— *Nelson* — a voz repetiu, mas parecia alarmado. — *Meu nome é Solomon* — tinha um sotaque indecifrável, engraçado. — *Preciso que me ajude, por favor. Diga-me, onde vocês estão?*

— Num motel, na BR-262, acho que entre o km 60 e 70, não me lembro bem.

— Certo. Agora, preciso que faça uma coisa: está ouvindo um bipe vindo do relógio dela?

— Sim.

— Ótimo. Verifique para mim qual a temperatura que está marcando?

Levantei o pulso quente, inerte e marcado por estranhas cicatrizes e olhei.

— Olha, acho que esse relógio deve estar quebrado — disse para o homem chamado Solomon. — Está marcando uma temperatura de 45 graus...

— *Pelos Deuses!* — ele gritou do outro lado, quase me deixando surdo. — *Nelson, precisa fazer uma coisa e rápido!*

— O quê? — perguntei, assustado pela urgência.

— *Tem alguma banheira por aí?*

— Sim, tem uma sim.

— Ótimo — ele orientou. — *Tire a roupa dela...*

— *Tirar?* — meu tom se elevou.

— *Escute, rapaz, não há tempo para pudores* — recriminou, mas a angústia continuava. — *Se não fizer o que eu disser ela vai morrer, logo! Está em suas mãos por enquanto.*

Meus dedos tremiam, mas fiz o que ele mandou. Por mais que tentasse não olhar ou pensar sobre isso, fiquei admirado com a beleza do corpo dela.

— Pronto... e agora? — engoli saliva.

— *Coloque-a na banheira e deixe a água morna no início* — peguei-a no colo e levei ao banheiro, sentindo sua pele fervente e pegajosa pelo excesso de suor. — *Aos poucos vá soltando a água fria. Não faça de uma vez para não haver choque térmico, entendeu?*

Liguei a água e coloquei-a na banheira. Abri o misturador e deixei os dois fluxos correrem. Em minutos estava cheia.

— Ótimo — Solomon continuou. — *Veja se há algum frigobar no quarto e pegue todo o gelo e coisas congeladas que encontrar. Coloque na banheira. Se não tiver, peça para a recepção.*

Voltei correndo para o quarto. O frigobar estava bem abastecido de gelo, garrafas e copos de água, latas de refrigerante e cervejas,

por causa do calor. Peguei tudo o que encontrei e coloquei na água, que estava esfriando.

— Pronto, já fiz tudo. E agora? — perguntei, ansioso.

— *Vamos esperar. Enquanto isso, vá me dizendo como ela está...*

Durante a próxima meia hora, mais ou menos, dei os detalhes que Solomon perguntava: se ela suava, se estava corada, se respirava com dificuldade, se delirava ou não e se ainda estava desacordada. A tensão dele pareceu me contaminar e comecei a desejar que a mulher ficasse bem o mais rápido possível.

— *Olhe para o termômetro* — ele orientou depois de algum tempo. — *Veja quanto marca.*

Peguei o pulso. Parecia menos quente para mim.

— 43.5 graus — falei incrédulo. Como alguém podia ter uma temperatura tão alta e não morrer?

— *Ainda está alta, mas já melhorou* — Solomon dizia. — *Você sabe dirigir, Nelson?*

Sim, eu sabia, embora não tivesse carteira de habilitação.

— *Isso é só um detalhe sem importância no momento. Pegue todos os seus pertences, vista-a e saiam daí. Dirija até o km 128 da BR. Vai encontrar um posto de gasolina abandonado lá. Estacione, desligue os faróis e espere. Alguém irá buscá-los.*

— Mas como vou saber quem é essa pessoa?

— *Não se preocupe* — garantiu. — *Você saberá. Seus instintos lhe dirão. Agora, ande rápido* — e a ligação ficou muda.

Vinte minutos depois deixei o motel. A recepcionista não ficou muito satisfeita por eu ter assinado o boleto do cartão de crédito no lugar da mulher, mas dei um sorrisinho zombeteiro.

— É que ela ficou meio acabada, sabe como é... Muito esforço físico — pisquei.

Mesmo nervoso, não tive coragem de dirigir com rapidez como ela. Mantive o pé nos 100 km por hora. Quando vi a placa do km 128 desacelerei e manobrei para dentro do posto abandonado. Não havia iluminação e a rodovia estava deserta. Eram quase duas da manhã. Sem saber o que fazer, fiquei sentado ao volante, desligando as luzes como o homem havia pedido, nervoso e esperando. Mas não muito.

Senti um cheiro suave e diferente no ar. Olhei para o lado, para a bela garota morena de longos cabelos castanhos que me observava, vinda do nada. Usava roupas pretas bem justas e os cabelos presos numa trança que descia até a cintura. Não era alta, mas tinha um belo corpo e um par de olhos verdes brilhantes e intensos. Aparentava não ser mais velha do que eu. Tive que prender o fôlego quando a vi. Parecia um anjo de porcelana.

— Você deve ser Nelson — não era uma pergunta.

Acenei com a cabeça. Num piscar de olhos ela estava do lado da porta do passageiro e pegou a loira nos braços, como se não pesasse nada. Do mesmo modo que eu.

— Pegue tudo o que estiver no carro — ela falava com firmeza.

Não havia muita coisa, na verdade. Apenas a minha mochila e mais duas que pertenciam à mulher.

— Agora venha comigo.

— Mas... E o carro? — perguntei.

Ela voltou-se para mim com tranquilidade.

— Não se preocupe, ele vai voltar para o lugar de onde veio — assegurou. — Daqui vamos correndo.

— Correndo? — minha boca se abriu. Como ela pode pensar em correr carregando a mulher nos braços?

A garota me olhou, cética.

— Escute, sei que ainda é novo, deu para perceber — ela sorria como se curtisse com a minha cara. — Mas também já é maduro o suficiente para saber o que consegue fazer. Portanto, é só me seguir.

E então desapareceu, deixando uma brisa para trás. Fiquei imóvel por um momento olhando para as sombras escuras à frente. O cheiro dela era visível para mim como um rastro luminoso. Apertei as mãos na alça das mochilas e respirei fundo. Segundos depois, corria do mesmo jeito que fiz em São Paulo, guiado dessa vez pelo perfume da garota, e entrei pela escuridão.



— Tudo certo, Srta. Pereira — o atendente da loja de alugueis de carros entregava-me as chaves com um grande sorriso gravado em seu rosto. — Podemos buscar o veículo.

O Fiat preto estava estacionado na saída. Entrei e dei a partida, não sem antes olhar para meus estranhos olhos azuis e cabelos loiros no retrovisor. *Quem é você agora, Laura?* Não houve nenhum problema com meus documentos falsos, eram bem-feitos. O ônibus que peguei em São Paulo atrasou mais do que esperava, e não estava disposta a passar a noite em Campo Grande. Queria chegar logo ao meu destino em Aquidauana. Tinha dúvidas se deveria ligar primeiro, avisar da minha chegada. Eu sabia que Solomon e todos os outros foram avisados do meu desaparecimento pelos Fevré, José me alertou em São Paulo, e precisava convencê-los a manter silêncio. Não ficaria muito tempo por lá, só o suficiente para me organizar e tomar outro rumo. Tinha certeza de que José e Bernardo não fariam nada, mas Solomon era muito amigo de Carlo e dos outros, talvez não quisesse trair a confiança deles. Era uma aliança secular. Um risco que eu teria que correr. Por isso, decidi que a surpresa seria minha melhor arma nesse momento. A concessionária ficava próxima ao Parque das Nações, banhado pelo pôr do sol. Era fartamente arborizado e havia mutuns — pássaros pretos parecidos com faisões —, capivaras e outros animais andando livremente em meio às pessoas que utilizavam o local como área de lazer e esportes, e sua flora abrigava um grande número de árvores, como jenipapo, aroeira, jabuticabeiras, entre outras espécies. O lago do parque era muito bonito, tanto quanto o do Parque do Ibirapuera em São Paulo, mas sem a poluição deste, claro.

Quando contornei a Avenida Afonso Pena para buscar a saída para a BR-262, que levava a Aquidauana, senti um mal-estar. Olhei para o relógio. Marcava 41.5 graus. Campo Grande era uma cidade muito quente e úmida e isso estava afetando a minha temperatura corporal. Desde a minha conversão de vampira para humana [há um ano](#)², meu corpo estabilizou-se na incrível temperatura de 41 graus, muito superior aos 36 dos humanos normais. Seria assim agora enquanto eu vivesse, o que, segundo os exames que Carlo havia feito em Bristol, poderia ser para sempre. Desde que o Lázarus me atacou

na Irlanda e provocou minha mudança, também deixou a sua marca: a capacidade de camuflar meu cheiro, o que impede que consigam seguir meu rastro, e a imunidade total contra qualquer tipo de doença humana, inclusive o envelhecimento. Eu era a Panaceia, o elixir divino corria em minhas veias e sua força podia vencer todos os males. Até mesmo a morte natural. Por isso que tive que fugir, deixar todos que amava para trás e impedir que sofressem por minha causa, que morressem como Jean e Ben. Sabia que a Ordem estava atrás de mim, Avelar me queria para conseguir o poder do Lázarus, muito embora eu não soubesse que utilidade teria para ele. Estava obcecado por isso e não hesitou em matar. E continuaria matando os que estavam ao meu redor enquanto não me pegasse. Desde então, minha vida tinha sido a fuga constante, primeiro de Bristol, na Inglaterra, para São Paulo, e agora para Aquidauana. E de lá só Deus sabe para onde teria que ir.

Ainda sentia tonturas e resolvi parar o carro. Já havia escurecido e ventava, o que ajudava a aliviar o calor. Decidi caminhar um pouco no parque até me sentir melhor. Desci do veículo, pegando a mochila. Nunca me separava dela. Comprei um açaí de um vendedor, com bastante gelo. Estava bem mais fresco entre as árvores. Algumas pessoas faziam caminhadas e outras corriam, aproveitando o clima. As luzes dos postes deixavam a área bem iluminada. Sentei num banco próximo e fiquei olhando para o céu. As estrelas brilhavam e não havia lua. E, como sempre acontecia quando ficava parada, não pude evitar os pensamentos. Um ano. Minha garganta se apertou. Há um ano não via minha filha, Cínthia, que estava na Holanda com o namorado, Eric. Não tinha qualquer contato com meus amigos humanos, David, Georgiana, Kate. Também não sabia dos meus amigos vampiros, Josh, Morgana, Clementine e Carlo, que estavam em Bristol. E há um ano eu não sentia na minha boca o beijo apaixonado de Robert, suas mãos tocando meu rosto, brincando com meus cabelos, nem ouvia sua voz dizendo que me amava. Não via o rosto do vampiro pelo qual me apaixonei, o mais humano dos homens que cruzaram a minha vida. E isso doía. Suspirei, tentando evitar as lágrimas que queriam rolar. Fiz o que era necessário para a segurança deles e não podia deixar que o sofrimento me levasse a

cometer erros. Sofrer seria um preço pequeno a pagar para mantê-los a salvo e vivos. Quisera poder ter feito o mesmo por Ben e Jean...

Após um tempo que não medi, a tontura passou. Caminhei para voltar ao carro e seguir viagem. Quando joguei o copo vazio do açaí numa lixeira, o familiar arrepio percorreu o meu pescoço. Olhei ao redor rapidamente. O parque estava mais deserto agora. Mas nem tanto. Mesmo sabendo ser imprudente de minha parte, algo me impeliu a entrar pelas árvores. Imediatamente camuflei meu odor. Quanto mais avançava, maior era o arrepio em minha pele. Então, tudo ficou escuro. Um blecaute. Estaquei atrás de uma árvore e diminuí o batimento cardíaco e a respiração. Acostumei meus olhos à escuridão quando ouvi o som de passos. Disfarçadamente observei. Um rapaz moreno, jovem, caminhava tranquilamente pelo calçamento indo na direção oposta. O vento balançava os cachos negros de seu cabelo, era alto e de musculatura definida e vestia um *jeans* simples, uma camiseta e tênis. Seus olhos negros eram suaves e emitiam um estranho brilho, semelhante ao dos animais no escuro. Trazia uma mochila nas costas. Não sei por que, mas seu jeito me fez lembrar Eric. Nesse momento o vento ficou mais forte e o rapaz parou, estremeando. Deu um giro tão rápido que meus olhos quase não o acompanharam. Entendi, então, o porquê dos arrepios e de me lembrar de Eric. Aquele rapaz era um mestiço! Mas não parecia ameaçador, ao contrário, estava assustado, os músculos tensos. Segui a direção de seu olhar e congelei. Uma mulher de longos cabelos negros, vestindo uma calça *jeans* e camiseta preta, a pele pálida contra a escuridão, o fitava com olhos vermelhos em brasa. Ela deslizou, flutuando pelo chão. Ele permaneceu imóvel.

— Longe de casa, amiguinho? — senti o perigo em seu tom de voz.

Uma vampira! E não pertencia à família de Solomon, eu tinha certeza. Devia ser uma nômade, como outros que cruzaram meu caminho. E era uma metamorfa. Um bolo se formou em minha garganta ao mesmo tempo em que deslizei a mão para dentro da mochila e peguei a adaga. O rapaz permaneceu paralisado, como se não entendesse quem ou o que era ela. Será possível? O garoto deu um passo hesitante para trás ao mesmo tempo em que ela

desapareceu. Ele virou-se rápido, encarando-a dependurada no galho de uma árvore. Seu rosto era a máscara da ameaça, com um sorriso deixando aparecer os dentes. Ela se preparava...

— Parece que está — disse com uma voz profunda e rouca. — O que é uma pena para você e uma sorte para mim.

No instante seguinte estava parada à frente dele. A expressão do garoto mudou, como se os instintos procurassem agir.

— Sabe, normalmente não estaria atrás de alguém como você. O gosto da sua raça não é lá muito bom. Mas vejo que ainda é jovem, não conhece todo seu potencial. E seu sangue é forte, será de grande valia para mim.

Um mestiço novo. Lembrei-me de Carlo explicando que os mestiços, fruto do cruzamento entre vampiros machos e mulheres humanas, só descobrem quem realmente são entre a puberdade e a maturidade. Até que isso aconteça, eles levam uma vida relativamente normal. Esse rapaz provavelmente não sabia muito bem o que era, estava claro pelo modo como se comportava, e a vampira devia estar sedenta demais para evitá-lo. Ela avançou sobre ele, que se defendeu dando um salto débil para trás, assustado com o próprio gesto. Mas ainda sim ficou em guarda, esperando. A vampira o rodeava rapidamente e eu não conseguia acompanhar seus movimentos, só podia sentir a brisa com seu cheiro e ouvir seu riso baixo e zombeteiro.

O golpe veio rápido. Ela o agarrou pela cabeça e cravou os dentes na veia do pescoço. Ouvei o gemido de dor do garoto, que a agarrava pelos cabelos e jogava-a contra uma árvore. Ela já estava de pé, com a boca cheia de sangue. Um rugido feroz escapou da garganta do rapaz e ele avançou, a fúria do instinto dominando-o. Os dois se atracaram enquanto ele mordida seu ombro, expondo os dentes que se agigantaram em sua boca, prontos para atacar. Ela gritou com o ataque inesperado e enterrou as unhas no corpo do rapaz, atirando-o contra uma das latas de lixo reciclável. Com dificuldade ele se levantou, apertando o lugar onde o sangue escorria. Não teria chance contra ela sozinho e resolvi agir, por impulso. Ele era um inocente. Parecia não saber nada sobre esse mundo, como eu não sabia no princípio, e senti um forte impulso de protegê-lo. Peguei um dos

frascos do líquido inflamável de Carlo. Não sabia se isso faria algum efeito nela, mas seria o suficiente para distraí-la por alguns minutos. A vampira mirava o próprio sangue nas mãos e o olhar era feroz.

— Há muito tempo não via meu próprio sangue. E você vai pagar muito caro por isso, mestiço!

Sua voz era puro ódio. Fui me aproximando devagar para não chamar a atenção dela, me postando atrás de um dos bancos do parque. Deixei a adaga na mão direita e o vidro na outra, esperando o melhor momento. Em instantes eles estavam atracados de novo. A mulher tentava alcançar o pescoço do rapaz enquanto ele se defendia, usando a força para afastá-la. Da posição onde eu estava seria impossível ajudar, e fiquei angustiada esperando pela oportunidade certa e torcendo para que ela não o matasse. Os rosnados eram ferozes quando ele conseguiu livrar uma das pernas e a chutou com força. Ela girou e caiu ereta próximo de onde estava escondida. *É agora!*

O rapaz se punha em pé com esforço quando atirei o líquido sobre a vampira. Imediatamente ele se inflamou contra suas roupas e ela gritou. Saltei sobre o banco e enterrei a adaga no local da ferida aberta em seu ombro, onde poderia ser enfiada no corte. Meio segundo depois ela me agarrou e atirou ao chão. Senti suas unhas rasgarem a carne do meu antebraço e minha pele raspar contra o asfalto. A dor foi grande. O rapaz me olhava assustado. Agora ele seria nossa única chance de escapar.

— Depressa! — gritei com força. — Ataque o pescoço dela! Rasgue o máximo que puder, aproveite que ela está confusa!

— R-Rasgar? — ele não parecia entender.

— Com os dentes, você pode, depressa! Seja rápido ou ela acaba conosco! — e me pus em pé, apesar da dor, a espada já em minhas mãos, mesmo sabendo ser inútil.

A resolução dele foi rápida. A vampira retirava a adaga quando ele saltou, os dentes atacando a forma ainda em chamas. O som de algo estalando foi claro. Ela se debatia e tentava escapar, mas ele agarrou-a com força. Chocaram-se contra as árvores e os bancos, enquanto o mestiço rasgava a carne ao redor de todo o pescoço. O barulho era o mesmo de uma lâmina de açougueiro triturando pele e

ossos. Durou alguns minutos e estava acabado. O corpo da vampira tombou e a cabeça rolou para o lado. O rapaz permaneceu em pé, olhando, sua expressão exatamente igual à minha quando fiz aquilo pela primeira vez. Era uma experiência impossível de esquecer: matar alguém. O sangue escorria de sua boca e manchava as roupas chamuscadas, o cheiro se espalhou rápido e poderia atrair outros. Mesmo assim ele permanecia imóvel, assustado. Mas determinado. A dor então nos trouxe de volta à realidade. Fui até o outro lado do banco e peguei a mochila. Guardei a espada e a adaga e tirei o ácido solvente. Derramei sobre o cadáver e os vestígios de sangue, que desapareceram numa nuvem branca. Ele me olhou incrédulo.

— Aqui, deixe-me cuidar disso — examinei seu ferimento.

Os cortes eram profundos e sangravam muito. Peguei o cicatrizante.

— Isso vai doer, já vou avisando — derramei o líquido. Ele fumegou e queimou.

— Arrghhh! Filho da p...! — praguejou e fechou as mãos com força.

— Eu sei. Concordo com você — e fiz o mesmo em mim. Ao contrário dele, não gemi de dor, apenas suspirei fundo.

Quando acabou, olhei ao redor.

— Pegue suas coisas e venha! — falei rápido e andei determinada.

— Ir? Pra onde? Do que está falando? — perguntava com sotaque paulistano enquanto pegava sua mochila e me seguia, meio incerto, revolvendo o maxilar com a mutação das presas.

— Não dá tempo para explicar. Pode haver outros, eu não tenho certeza — e não podia ter mesmo. O rastro deixado chamaria a atenção se a vampira não estivesse sozinha. Agarrei o braço dele e o arrastei.

Andamos apressadamente até chegar ao carro. Sentei no banco do motorista e abri a porta do passageiro.

— Entra! — dei a partida, sem esperar que ele a fechasse.

Contornei o parque a toda velocidade e cruzei a Avenida Afonso Pena. Ao final dela, segui para o acesso da BR-262. A placa indicava Aquidauana/Anastácio. Não tinha tempo para explicar nada ao

assustado garoto de olhos negros ao meu lado. Já estava sentindo os primeiros fluxos de calor. O suor escorreu e não demorou muito para o bipe tocar. Olhei para o termômetro. 42,5 graus. *Merda!* Praguejei em pensamento e aumentei a velocidade. Eram 133 km até Aquidauana. Minha visão ficava turva. Precisava conseguir. Senti o olhar do rapaz em meu rosto suado e o tremor em minhas mãos começou.

— Moça... Você está bem? — ele parecia preocupado, e com razão. Nesse momento eu era perigosa, mas não para a sua segurança. Ele sairia ileso de uma colisão contra um poste.

— Não é nada — falei meio sem fôlego e apertei as mãos no volante. O velocímetro marcava 130 km por hora.

Não gostava de dirigir tão rápido, mas não tinha escolha. Precisava chegar o mais próximo possível de Aquidauana. Assim poderia pedir ajuda. O bipe continuava insistente. Lembrei-me das palavras de Carlo alertando de que qualquer alteração na minha temperatura poderia ser um sinal de que meu corpo estava reagindo a algo. Eu não era imortal. Se a temperatura subisse muito, poderia me matar. A ferida ficara exposta durante o ataque e meu sistema imunológico entrava em ação. Sentia os batimentos cardíacos acelerando e zumbidos em meus ouvidos. Meus olhos estavam sem foco e a estrada parecia se distorcer. Uma dormência se apoderava de mim e não conseguia manter o raciocínio. Não poderia continuar com isso por muito tempo ou acabaria provocando um acidente. Dei seta à direita. Seria constrangedor, mas não tinha alternativa.

— O-O que está fazendo? — ele parecia tão nervoso quanto eu, vendo o luminoso do motel.

— Fique tranquilo, não vou abusar de você, se é o que está pensando — tentei usar um tom de brincadeira, mas minha voz estava empastada e o suor abundante.

Estacionei na garagem 22. O garoto desceu também, enquanto abria a porta do quarto e o mandava entrar com um gesto. Precisava baixar a temperatura, mas o garoto estava todo sujo de sangue e seu cheiro poderia atrair outros. Eu não sabia se aquela metamorfa era uma nômade da Ordem ou não, se estava em bando ou agia sozinha,

mas era melhor não correr riscos. Minha respiração estava acelerada.

— Agora, vá até o banheiro e tire toda a roupa. Toda!

— O quê? — ele parecia apavorado. *O que será que estava pensando, meu Deus?*

— Confie em mim, por favor! — o ar agarrava-se em minha garganta. — Tire toda a roupa e jogue aqui para fora. Tome um banho até se livrar do cheiro, entendeu? Não deixe nenhum rastro.

Vi o espanto passar pelo seu rosto, compreendendo que eu sabia muito mais do que imaginava. Caminhou para o banheiro ainda desconfiado. Ouvi o ruído do chuveiro e um punhado de roupas serem atiradas pela porta. Peguei o cesto de lixo e coloquei-as dentro, pingando o ácido inflamável. Poucas gotas e as roupas se consumiam em tons azulados. Retirei de sua mochila uma troca de roupas, colocando-as sobre a cama. Não podia deixar de achar insólita essa situação: eu, num quarto de motel de beira de estrada, com um garoto que devia ter pouco mais de dezoito anos e que tomava banho nesse momento. Mas não tive muito tempo para pensar nisso. A falta de ar aumentou e o bipe ficou mais estridente. 43,5 graus. O suor colou em minha roupa. Tateei a bolsa às cegas procurando pelo celular. Disquei o número, enquanto pontos pretos faiscavam diante dos meus olhos. Ouvi a voz feminina que atendeu no primeiro toque:

— *Alô?* — era impossível não reconhecê-la.

— Shiloh?

— *Sim. Quem está falando?*

— Shiloh, sou eu, Laura — minha voz engasgava.

O silêncio que se seguiu foi assustador. Ela acreditaria em mim?

— *Laura...!?* — ouvi seu espanto. — *Oh, Deuses! É você mesma? Onde você está, menina? O que aconteceu? Todos estão desesperados atrás de você. Robert ligou, Clem também...*

Senti a fisgada da dor. *Não, agora não!*

— Shiloh, por favor — falei entre engasgos. — Não posso dar muitas explicações agora. Preciso falar com Solomon, ele está? — o suor escorria em minha testa.

— *Sim, sim* — ela dizia rápido. — *Ele está. Eu vou chamar.*

Ouvi o som do aparelho sendo passado e a voz sonora de Solomon:

— *Laura? Pelos Deuses, menina! O que está acontecendo?*

Minha mente estava quase às escuras. Não aguentaria muito. O bipe não parava.

— Sólon... Eu estou em Campo Grande — sussurrei. — Preciso de ajuda... Não estou bem... Eu... Tem um mestiço aqui, comigo... Ele ainda é novo... — a escuridão cobria meus olhos e as palavras se atropelavam. — Sólon... Não conte nada aos outros, por favor... Eles não podem saber... É perigoso... Por causa da Ordem... Eu preciso... Sólon... Ajude-me...

Senti o calor subir em cascatas enquanto meu rosto deslizava para o carpete, a cabeça tombando para frente.

— *Laura? Laura? Onde você está? Laura?* — a voz de Solomon continuava a me chamar.

Antes da escuridão me dominar, o som estridente do bipe misturou-se ao do chuveiro sendo desligado.



Caramba, como ela corre!

Tentava alcançar a jovem morena de olhos verdes na escuridão. Podia ver perfeitamente o caminho e sentir seu rastro, mas ela se movia numa rapidez incrível, carregando a mulher nos braços. Admito, eu estava impressionado! Não que precisasse de mais incentivo. Ela era provavelmente uma das garotas mais lindas que já tinha visto. E eu literalmente corria atrás dela! Só que dessa vez não havia borrões, podia ver de forma limpa e clara. As pontes, cercas, árvores, tudo. Ouvei o som de água corrente quando passamos por uma ponte, os animais noturnos que espantamos, respirei o cheiro de madeira e folhas, pastagens e estrume de gado. Não seguíamos para a cidade de Aquidauana, suas luzes estavam mais afastadas. Ao invés disso entrávamos cada vez mais na zona rural. Minha visão captava as imagens das casas sedes de fazendas se sucedendo enquanto

saltávamos cercas e cruzávamos com os cães de guarda, que latiam. E a garota não dava a impressão de que iria parar.

Não calculei ao certo quanto tempo estávamos assim e nem sabia para onde íamos, apenas observava as mudanças na paisagem. De uma coisa, entretanto, tinha certeza: aquela garota era como eu. Não restavam dúvidas. Mãe Lara disse para procurar meu povo. Talvez ela tivesse as respostas que eu precisava, a chave para os enigmas. Pensava sobre isso, seguindo o agradável perfume que ela exalava, uma mistura de ervas cítricas frescas com orvalho que percorria meu corpo e me deixava elétrico, consciente da presença dela o tempo todo. Eu sentia que seria capaz de encontrá-la em qualquer lugar do mundo apenas pelo perfume. De repente, me dei conta de que as pessoas tinham um odor diferente e que poderia reconhecê-las dessa forma: o cheiro de minha avó Bibi antes de ela abrir a porta de casa, de mãe Lara naquela manhã no terreiro e da garota do Riviera Dois. Todos tinham um cheiro definido, menos a estranha mulher loira. Durante essas poucas horas, percebi um fato: o cheiro dela mudava a todo instante, e isso confundia os sentidos. Era como se não possuísse um odor só, mas vários, e os usasse ao mesmo tempo. Muito estranho. Como tudo o que estava me acontecendo, aliás.

O vento quente soprava forte. Ao longe, o contorno de montanhas se destacava contra o planalto e subitamente a garota diminuiu o ritmo, desacelerando para uma quase caminhada. Consegui visualizar a casa de fazenda que se estendia a minha frente. Amarela, toda avarandada, cheia de vasos de plantas e tocos de árvores que serviam de bancos e mesas do lado de fora, com muitas janelas e portas brancas. A estradinha de chão batido conduzia à porteira, a grama rala ao redor e árvores espalhadas pelo terreno. Atrás da casa podia-se ver um curral — uma espécie de barracão de madeira alto e que lembrava um celeiro —, um monjolo em funcionamento, flores em pequenos jardins e montanhas ao fundo do cenário. Dava para ouvir o barulho alto de um rio próximo. As luzes estavam acesas e a porta principal aberta. A jovem entrou por ela, mas parei do lado de fora. Não tinha certeza se seria bem-vindo. Minha mão se agarrou na alça da mochila e cheiros estranhos chegaram ao meu nariz. Havia mais pessoas lá dentro. Finquei os pés no chão e aguardei. Não precisei

esperar muito. Um homem alto, de aparência árabe, pele morena e com um cavanhaque apareceu na soleira.

— Por favor, entre Nelson — falou a mesma voz que ouvi pelo celular. — Sou Solomon. Você é nosso convidado.

Se fosse em qualquer outra ocasião, teria entrado, mas um detalhe me fez ficar parado: o homem chamado Solomon tinha olhos vermelhos! Iguais aos da mulher no parque em Campo Grande. Meus músculos ficaram tensos e a cara que fiz deve ter me dedurado.

— Ah, sim. Esqueci que é jovem e provavelmente não conhece nada — ele riu. Era uma risada descontraída e por algum motivo não senti o mesmo receio que tive com a mulher do parque. O homem a minha frente parecia *civilizado*. — Não precisa se preocupar, aqui está entre amigos — deslizou até mim com rapidez, colocando a mão em meu ombro. — E muito obrigado por ajudar Laura, ela é como uma filha para mim.

Laura! Sim, era esse o nome da loira. Solomon fez um gesto, me convidando para entrar. Por dentro a casa era espaçosa. Paredes brancas, móveis rústicos de madeira com almofadas douradas, e um grande lustre indiano que parecia não combinar com uma casa rural. Tapetes coloridos cobriam o chão de madeira, e também decoravam as paredes. Havia esculturas egípcias, o teto era forrado com lenços coloridos, candelabros se espalhavam pelo ambiente e um cheiro adocicado de incenso, diferente dos usados nos terreiros de candomblé, perfumava o ar. Uma enorme mesa de madeira escura e um baú estavam no canto esquerdo junto a uma cristaleira cheia de garrafas com bebidas coloridas. Próximo às janelas abertas, um telescópio apontava para o céu e outros objetos, que eu não fazia a menor ideia do que eram, espalhavam-se ao lado dele. As cortinas eram do mesmo tecido colorido do teto. Era como estar numa tenda árabe armada em meio ao deserto, igual aos filmes. Solomon foi até a cristaleira e tirou de lá uma garrafa. Encheu um copo pequeno e me ofereceu.

— É licor de jenipapo. Espero que goste, por favor.

Percebi que ele não se serviu e isso me deixou inseguro. Estava nervoso por causa dos olhos dele também, mas o cheiro era bom e ele manteve a mão estendida. Seria falta de educação recusar.

Gostava de tomar uma cerveja de vez em quando com os amigos, apesar da minha avó brigar comigo, mas desde minha reclusão no *roncô* tinha perdido o hábito. O licor era doce, forte, e queimou minha garganta. Tive que tossir. Solomon riu e me deu um tapa nas costas.

— Ah! Muito bom! — serviu mais uma dose. — Você vai se acostumar.

Bebi outra vez, mas recusei a terceira.

— Obrigado — consegui falar apesar do nervosismo.

Senti o perfume no ar e me virei para o corredor que dava acesso àquela sala. A garota de olhos verdes apareceu, agora com um vestido florido e que mostrava melhor os contornos dos ombros nus. Meu Deus, que visão! Mas ela não olhou para mim. *Merda!*

— E então? — Solomon parecia muito preocupado.

— Não está nada bem. A temperatura não quer baixar e ela está delirando — sua voz também era preocupada.

Solomon olhou para mim.

— Venha conosco — foi com a garota pelo corredor.

Segui os dois. Não prestei muita atenção ao resto da casa, mas vi que era mesmo muito grande, com vários cômodos de portas fechadas. No corredor, mais tecidos coloridos no teto e quadros nas paredes, uma grande máscara africana — como as carrancas do terreiro de mãe lara — e esculturas egípcias. Entramos por uma porta e me vi dentro do maior quarto que havia visto na vida. Uma cama de madeira, coberta por um dossel de tecidos coloridos, ficava no meio do cômodo. Almofadas indianas contrastavam com os lençóis brancos. Havia uma cômoda do lado direito com um espelho antigo, onde coloquei as mochilas de Laura após um gesto de Solomon. Um armário de roupas tomava toda a parede da esquerda. Ao lado dele, uma porta dava acesso a um banheiro. Era espaçoso, com azulejos amarelos claros até o teto e um barrado de lajotas floridas. O chão exibia ladrilhos de pedra rústica, um box com chuveiro à direita, uma prateleira com xampus e outros produtos e uma banheira caramelo à esquerda. Foi nela que vi Laura deitada, inconsciente. Como no motel, estava mergulhada em água, mas seu rosto ainda suave, corado. A garota de olhos verdes colocava gelo na banheira e outra mulher, alta, de cabelos negros e pele branca, parecendo uma egípcia, molhava o

rosto dela com uma toalha. Quando levantou a cabeça — meu coração acelerou nessa hora —, vi que tinha os mesmos olhos vermelhos de Solomon.

— Obrigada, Nelson — seu olhar era do mais profundo agradecimento e tirou os meus receios na hora. — Não pode imaginar o tamanho da gratidão que devemos a você. Poderia ser tarde demais agora... — sua voz de cantora morreu num engasgo.

— Ainda é cedo para afirmar, mãe — a garota de trança retrucou. — Se não baixarmos essa temperatura, ela não vai aguentar.

Olhei para as duas. *Mãe?* Mãe e filha? Mas, como era possível...? Ela era tão jovem...

— Qual a temperatura, filha? — Solomon perguntou num tom amável.

Arregalei ainda mais os olhos. *São os pais dela? Me ferrei!*

— 42,5 graus, pai — ela confirmou, colocando mais gelo. — Não quer baixar desde que chegamos — seu tom de voz me deixou preocupado também.

Desviei meu olhar guloso do rosto da garota e observei Laura: o rosto vermelho, remexendo a cabeça como se estivesse sufocando. A egípcia comprimia sua testa com uma toalha cheia de gelo. De vez em quando, seus olhos se abriam e reviravam. Num desses momentos, Laura sussurrou:

— Cínthia...

Percebi a troca de olhares entre eles. Solomon suspirou pesado. Não me atrevia a perturbar o silêncio pedindo explicações ou sugerindo que a levassem a um hospital. Meus instintos diziam que isso não adiantaria. De alguma forma todos, inclusive eu, pressentiam o pior. E isso me deixava angustiado. Aquela mulher salvou minha vida e não conseguia pensar em nada que pudesse ajudá-la. Estava me sentindo um inútil! Outra vez a garota de olhos verdes colocou mais gelo na água, enquanto Solomon verificava o batimento pelo pulso. Laura voltou a se debater.

— Robert! — ela convulsionava.

Solomon ajudou a segurá-la com delicadeza nos ombros. As ondas provocadas pelo movimento espirravam para fora da banheira. A egípcia murmurava palavras de consolo, mas não tinha certeza se

Laura estaria ouvindo. Continuava a se debater, de forma mais fraca agora. Quando ficou imóvel, a garota olhou para o relógio.

— 42 graus! — ela quase gritou a informação. — Está baixando, acho que vai dar certo! — e jogou mais gelo na banheira.

Solomon passou a mão pelos cabelos. Sua mulher — eu achava que deveria ser, pelo menos — olhou-o intensamente.

— Não devíamos avisar os outros? — perguntava com angústia. — Se alguma coisa acontecer com ela, Robert não vai nos perdoar por não ter contado antes. Ele vai sofrer muito...

Então esse Robert existia, não era só um delírio. Seria um deles também? Solomon torceu os lábios.

— Eu sei, minha querida. Por mim, teria feito isso quando ela ligou. Mas Laura implorou para não dizer nada, disse que era muito perigoso e que a Ordem estava envolvida — ouvi o som dos dentes de Solomon trincarem. — Por mais que me desagrade ficar em silêncio, temos que esperar que ela se recupere para nos contar o que aconteceu em Bristol.

Bristol? Que lugar era esse? Não ficava no Brasil, tinha certeza. E o que queriam dizer sobre *os outros* e a *Ordem*? O que poderia haver de tão perigoso nessa história e que envolveria essa mulher? Pai Oxalá, quanta coisa! Os minutos voltaram a ficar silenciosos. As mulheres cuidavam de Laura enquanto Solomon permanecia imóvel, sentado ao lado da banheira. Sentei no chão e nem me atrevi a respirar muito, com medo de romper aquele silêncio. Algum tempo havia se passado, não sei quanto, e o bipe soou. A egípcia olhou ela mesma dessa vez.

— 41,5 graus! — falou aliviada. — Pelos Deuses!

Sim, ela parecia melhor. O rosto não estava tão vermelho e sua respiração era mais tranquila. Num movimento ligeiro a egípcia pegou Laura no colo. Desviei meu rosto para não vê-la nua e ouvi uma risadinha. A garota de olhos verdes me olhava com certa curiosidade. Bom, pelo menos saberia que eu era um cavalheiro. Melhor assim, e sorri por dentro. Laura foi acomodada na cama. Eles a vestiram com uma camisola fina, abriram as janelas para que o ar fresco da noite entrasse e colocaram toalhas molhadas em seus pés, pulsos, pescoço e cabeça. Solomon preparou um torniquete e habilmente

inseriu uma intravenosa de soro hospitalar, que eu não sabia de onde tinha aparecido. Mais uma vez percebi outra mudança no cheiro de Laura, que se estabilizou. Era o verdadeiro odor dela, como flores e musgo, do tipo verdinho, que costuma crescer nas cascas das árvores e que eu esfregava nos dedos quando criança. Também ouvi os batimentos cardíacos e a pulsação voltarem ao normal. *Cara, que loucura!* Todos estavam menos tensos agora, respirando com mais tranquilidade. Solomon me deu um abraço, as mãos fortes e o corpo frio me apertando, levantando do chão. Sufoquei e engasguei com esse aperto de urso. As mulheres riram relaxadas.

— Muito obrigado, garoto! Não sabe o quanto estamos devendo essa para você — sua voz transbordava de gratidão e alegria. — Sempre será bem recebido em nossa família, de hoje em diante. O clã de Salah reconhece sua lealdade.

Olhei meio sem jeito.

— Clã de Salah? — consegui imitar as palavras.

— Sim, essa é a minha família — apontou as mulheres. — Perdoe-me por não ter feito as apresentações antes, espero que entenda a preocupação que me levou a ser tão grosseiro essa noite. Essa é minha esposa, Shiloh.

A egípcia se aproximou e me deu um beijo no rosto. Seus lábios eram gelados e ela tinha cheiro de almíscar e henna.

— É um prazer conhecer você, Nelson — estava sorridente. Era muito bonita apesar dos olhos estranhos.

— E essa... — abraçou a pequena garota — é nossa filha, Nazaré.

A garota de olhos verde-esmeralda estava parada à minha frente, seu cheiro deixando minha cabeça tonta outra vez. Olhei os contornos de seus ombros, à mostra por causa do vestido florido, a fluidez de sua trança descendo até a cintura esguia, o desenho ovalado do rosto moreno e os lábios cheios. Era estonteante. Meu coração batia acelerado e fiquei envergonhado. De alguma maneira percebi que todos na sala também poderiam ouvi-lo, embora eu só distinguísse os batimentos do coração de Laura e dela.

— Nazaré... — consegui dizer e calei a boca.

Ela olhou zombeteira e estendeu a mão. Quente e macia. Mas não se aproximou para me beijar.

— Nelson — sua voz era firme.

Fiquei parado feito um babaca, segurando sua mão, sem saber o que fazer ou dizer. Então, para meu grande constrangimento, um ronco se fez ouvir. Solomon soltou uma gargalhada ruidosa e bateu a mão pesada em meu ombro.

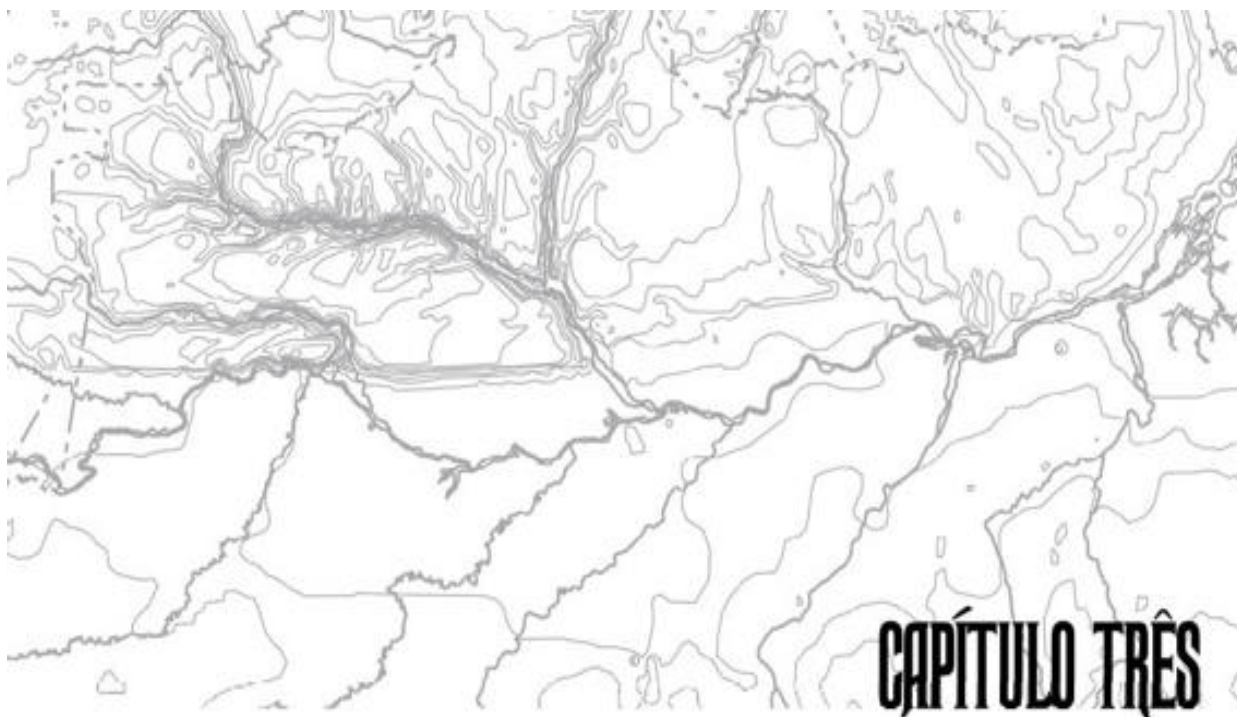
— Parece que alguém aqui está precisando de uma boa refeição! — sorriu. Não parecia nada aborrecido pelo meu olhar insistente para Nazaré. — Venha comigo, fez por merecer, Nelson. Enquanto come, talvez eu possa responder a todas essas perguntas que estão saltando dos seus olhos — piscou. — Yalah!

Sim, muitas perguntas. Agora bem mais do que quando cheguei, com certeza. Olhei mais uma vez para Nazaré, mas ela se foi, ajudando Shiloh a cuidar de Laura. Deixei que Solomon me levasse. Quando estava na porta ouvi o resmungo baixo.

— Robert... — a cabeça de Laura se moveu para o lado.

As mãos de Nazaré e Shiloh continuavam a colocar e tirar as toalhas molhadas, enquanto ela dormia um sono profundo.

2. Nota da Autora: conferir essa transformação no livro *Lázarus*, volume um dessa série, publicação da Giz Editorial.



Livro Quatro – Capítulo Três

Aquidauna – Brasil – verão

Você já passou por isso antes, *Laura*. A mesma sensação. Músculos rasgados e arrancados dos ossos, o calor consumindo o corpo, a dormência que se seguia a cada espasmo violento, os delírios, o frio e o fogo, o pulsar de um coração que voltava a bater após tanto tempo inerte. Era como reviver uma experiência passada, mas desta vez com uma intensidade menor. Eu ardia em febre, sentia os emplastros gelados que me rodeavam serem substituídos em intervalos de minutos pelas mãos hábeis e gentis de Shiloh e Nazaré. Estava em Aquidauana. Não conseguia me lembrar de como cheguei aqui. Minhas últimas recordações eram da voz de Solomon ao celular, meu pedido de socorro, alguém me levantando nos braços e o vento que soprava. Estava exausta! Era impossível abrir os olhos, mas ouvia todas as vozes ao meu redor, suas respirações. Aspirava seus cheiros. A fragrância adocicada de Shiloh, a suavidade cítrica de

Nazaré, o almíscar de Solomon... E o incenso e mirra do rapaz de cabelos encaracolados que salvou minha vida. A voz de Nazaré dizia um nome:

— Nelson.

Nelson. O nome do rapaz que me fez lembrar de Eric, o mesmo jeito moleque, prestativo. E corajoso. As vozes iam e voltavam em minha cabeça dolorida. As febres sempre me deixavam cansada e em alguns momentos era como se visse e ouvisse coisas que sabia que não estariam ali. Tive absoluta certeza de ver Cíntia. Linda, vestida de branco, o cabelo claro e os olhos azuis gigantes. Ela estendia a mão para mim e chorava, enquanto o céu ao seu redor estava laranja e roxo com o pôr do sol de outono. Também estendi minha mão, mas sua imagem se distorceu e desapareceu. Chamei seu nome, mas não voltou. Por algum tempo tudo continuou escuro, em silêncio. Então uma voz chamou, clara como cristal.

Laura, meu amor, onde você está?

— *Robert!* — o nome se formou em meus lábios.

A saudade invadiu meu coração e meu corpo se agitou, buscando, obrigando a mente a procurar. Durante todo esse tempo vivi com as lembranças, nunca tentei contato, me contentei em sofrer em silêncio e aguentar. Mas ouvi-lo, assim, tão perto... Quase ao alcance da minha mão...

Laura, onde você está?

O som mais doce do mundo. Ele me chamava. Podia sentir a angústia de suas palavras e o canal aberto de sua mente. Ele estava sofrendo! Sabia que seria inevitável quando fugi. Éramos lados da mesma moeda. O que acontecesse a um afetaria o outro, onde quer que estivéssemos. As lágrimas que eu queria derramar dos olhos fluíram pela alma, escorreram e calaram fundo em meu coração, já tão machucado. Eu poderia morrer agora, a febre era alta e o cansaço me dominava. Morrer me livraria dessa dor, das lembranças e da impossibilidade de fazer o passado voltar. Do desejo de sentir o beijo, do perfume do seu corpo quando enlaçava o meu, da doçura e do êxtase dessa união. Um encontro agora proibido. Talvez eu precisasse da paz que só a morte poderia me dar.

—... Se alguma coisa acontecer com ela, Robert não vai nos perdoar por não ter contado antes. Ele vai sofrer muito...

Sim, se eu morresse, isso o mataria. Metades da mesma moeda. Uma não pode ficar sem a outra. Não podem existir sozinhas. Como no mito da alma gêmea, alguma coisa se conectou de tal forma entre nós que, se uma ponta se desmanchar, a outra irá se dissolver também, ambas desaparecendo entre as estrelas. Além disso, Solomon e sua família estavam se arriscando por mim. Não podia permitir que minha fraqueza momentânea abalasse a amizade entre eles, o vínculo forjado muitos séculos antes de eu nascer, quando eu ainda não era nem mesmo uma ideia nesse mundo.

—... Laura implorou para não dizer nada, disse que era muito perigoso para a segurança deles e que a Ordem estava envolvida...

Pedi o silêncio de Solomon e ele cumpriu sua parte. Agora precisava fazer a minha: não morrer. Não hoje. Ainda sentia o calor, mas lutei. Forcei meu corpo alquebrado a reagir. Por Cínthia, por Sólon e sua família, por Clem e pelos outros... E por Robert. Obriguei o calor a ir embora. Cada uma das pedras de gelo que Nazaré colocava na banheira pareciam facas contra minha pele que ardia. Os minutos se arrastavam dolorosos, o respirar era um lento esforço de agonia de um naufrago, que precisa alcançar a superfície para buscar a salvação, nadar até a terra sólida para firmar novamente os pés. Então, assim como aconteceu antes, as facas diminuíram. O fogo abrandou e as dores ficaram suportáveis. Pude ouvir meu coração se acalmar, a respiração ficar leve. As toalhas geladas que Shiloh colocava sobre minha testa eram refrescantes e agradáveis, como brisas de verão, e não dolorosas como os raios de uma tempestade.

— 41,5 graus! Pelos Deuses!

A voz de Shiloh estava aliviada. Sim, eu iria viver. Repousei sobre a maciez de uma cama, o vento fresco soprando da janela. Senti a dor de uma picada em meu braço, que incomodou menos que nada. A risada alegre de Solomon acompanhava as de Shiloh e Nazaré. O rapaz, Nelson, parecia ter engasgado por algum motivo. As bolsas de gelo continuaram a tocar meus pulsos e articulações. A sensação de segurança e familiaridade fizeram seu efeito.

— Robert... — meus lábios refletiram os pensamentos num som fraco e tímido.

Laura, meu amor. Eu vou achar você. Não duvide disso. Eu te amo. O sono me arrastava para águas escuras. Antes de mergulhar nelas, ouvi o som milagroso de sua voz. A promessa do reencontro.



O sol nascia por detrás dos contornos das montanhas. Serras na verdade. A serra de Maracaju, onde ficava a cabeceira do rio Aquidauna, cujo barulho eu tinha ouvido quando cheguei. Passei a noite em claro, mas nem por isso sentia sono. Não conseguia pensar em dormir, não depois de tudo o que ouvi de Solomon. Com certeza essa foi a madrugada mais longa de toda a minha vida até então. O som dos pássaros que acordavam era muito bonito aqui, bem diferente de São Paulo. Estava próximo do Pantanal, pertinho na verdade. Aquidauna era a passagem terrestre para ele. Aqui a natureza imperava, florescia, tomava conta. Para onde quer que se olhasse lá estava ela, imponente, estendendo-se por quilômetros. Sentei num dos bancos de tocos de árvore e coloquei minhas mãos sob o queixo. Respirei os odores da manhã e deixei meus olhos avaliarem todas as cores que surgiam. O céu já nascia de um azul claro e límpido. Poucas nuvens passeavam. Garças brancas passaram voando sobre a minha cabeça, periquitos verdes e araras azuis fazendo barulho. No jardim, beija-flores tocavam as pétalas das roseiras silvestres e de outras flores.

Perto dali avistei um grupo de emas se alimentando dos frutos que caíam das árvores e um bando de capivaras passou em direção ao rio. O som dos bois confinados nos currais e das galinhas nos viveiros juntou-se aos outros. Até mesmo um tucano, que eu só conhecia pelas visitas que fiz ao zoológico de São Paulo e programas de TV, estava confortavelmente pousado num ipê, esfregando o bico no galho como se estivesse se coçando. Muito bonito. Senti uma fungada e olhei para baixo. Um grande cachorro vira-lata, os olhos azuis por causa da catarata, todo preto com algumas pintas brancas, cheirava

e lambia os dedos dos meus pés descalços. Fiquei espantado pela proximidade. Com tudo o que Solomon me contou, achei que os animais não chegariam perto. Pelo menos, não tão perto. Afaguei sua cabeça. Ele levantou o focinho molhado e cheirou minha mão. Depois, com um resmungo fino, colocou as patas dianteiras nos meus joelhos e lambeu meu rosto. Parecia um filhote gigante. Dei risada e chacoalhei suas orelhas penduradas.

— Pintado! — a voz feminina chamou. — Você não dá sossego mesmo, não é?

Nazaré ainda usava o vestido florido. Trazia um cesto e duas canecas. O cachorro saiu correndo em sua direção, pulando e latindo, parecia maior do que ela quando ficava nas patas traseiras. Ela riu e tirou um pão do cesto. O cachorro o agarrou e começou a rolar com ele pelo chão, como se fosse um brinquedo. Um tremendo filhotão! Ela sentou-se ao meu lado e me estendeu a cesta e uma das canecas.

— Espero que goste, Nelson — falou com um sorriso. — É pão caseiro, eu mesma faço. E aqui tem café com leite.

Acho que, mesmo que fosse uma droga, eu gostaria. Dei um sorriso também e peguei um pão. Cheiroso, macio, dei uma dentada com vontade. Acabei comendo rápido e peguei mais um. Pintado choramingava, pedindo mais. Nazaré pegou outro e jogou longe. O cachorro sumiu entre as roseiras.

— Esse não se satisfaz com um só — ela falou, bebendo o café.

Ficamos em silêncio um pouco.

— Como ele pode chegar tão perto? — aponte para o cachorro.

— Ele não tem o olfato bom... E também não enxerga. Já nasceu assim, com problemas — mastigava o pão. — Nós o achamos na beira da estrada, quase morto, abandonado por alguém que o considerou *inapto* para as funções de cão de guarda — seu tom era zangado. — E está conosco desde então. É bem velho.

Olhei de relance. O cachorro, velho? Com certeza devia ser o mais novo de todos.

— Como ela está? — fiz um sinal para dentro da casa.

— Dormindo ainda. Essas febres a deixam muito cansada — seu olhar encontrou o meu. — Não é uma simples reação humana e é

muito perigosa.

Engoli o pão e o café. *Humana*. Essa palavra tinha significados muito diferentes por aqui. Olhei para o céu azul e suspirei.

— Está aborrecido com a verdade? — ela me perguntou com curiosidade.

O que eu poderia responder? Vejamos, que tal: *Não, imagina. Sempre soube que isso um dia ia acontecer.* Ou então: *Que é isso, gata, qual o problema em ser filho de um vampiro, um meio-vampiro? É normal hoje em dia, família moderna é assim mesmo.* Ou ainda: *Sabe, é melhor assim. Pelo menos, se um dia achar que sou interessante, não corro o risco de ver você morrer para dar à luz um filho meu.*

— Aborrecido não... Só tentando entender — consegui dizer. — É tudo muito confuso. Num dia você acredita que sabe quem é, e no outro... Parece história de terror.

O olhar dela era compreensivo. Seus dedos passeavam pela alça da caneca de argate.

— No começo é desorientador — concordou. — Fazemos parte de duas naturezas distintas. Não dá para separar e isso confunde. Conviver com o que somos requer autocontrole e aceitação, principalmente.

Baixei meus olhos, subitamente envergonhado.

— Você já passou pela tentação, não é? — Nazaré frisou. — Do sangue humano?

Olhei-a de volta, angustiado por ela descobrir essa fraqueza. Acima de tudo queria que *ela* não me visse desse jeito.

— Uma vez — fui honesto. — Em São Paulo. Eu não conseguia... Só sentia o cheiro e o gosto que me deixavam tonto... — apertei mais ainda as mãos. — Era absurdo! Poderia ter matado a... — não completei a frase. Virei o rosto.

Dedos tocaram meu queixo e puxaram meu rosto de volta, para olhar o dela. Ao contrário da expressão de nojo que eu esperava, havia apenas o sorriso e a compreensão.

— Não precisa se envergonhar ou se sentir mal por isso. Você não é o único — apontou o dedo para si mesma. — Acha que nunca senti o mesmo? Que o sabor do sangue humano nunca afetou meu juízo?

Deveria conhecer as histórias de outros como nós. Eu lhe disse antes, você é jovem ainda, vai passar por isso muitas e muitas vezes pela eternidade — tremi quando ouvi essas palavras. — O que nos torna diferentes, minha família e eu, dos outros que você conheceu ou conhecerá são as nossas escolhas. Assim como também encontrará aqueles que partilham da mesma opinião — concluiu com a voz clara enquanto levava a caneca de café aos lábios. — Primeiro você precisa querer isso — seus olhos verdes pareciam duas joias brilhantes. — Tudo é uma questão de escolha e caráter. O primeiro depende da sua decisão, mas o segundo você possui, ou não teria feito tudo o que fez.

O barulho de pássaros era mais alto agora. Ao longe, o som de um berrante e o tanger de chicotes de cavalos diziam que o dia dos peões estava começando. Desejei ficar em silêncio, mas precisava perguntar algo:

— Você... É filha de Solomon? Quero dizer, filha *legítima*? — além de descobrir que vampiros existem (claro), também soube que só os machos podiam fazer filhotes.

Ela colocou os cotovelos na mesa de toco de árvore e cruzou as mãos sob o queixo. O movimento fez seu perfume soprar junto com o vento e, por um minuto, perdi o raciocínio.

— Não — sorriu de forma estranha, incômoda. — Não sei quem foi o vampiro que me gerou. Não lembro de nada importante da minha infância até os oito anos, quando Solomon e Shiloh me encontraram num orfanato no Rio de Janeiro — seu olhar buscava o passado e por um momento ficou duro e perdido. — Eles me tiraram de lá ao perceberem a verdade e desde então vivo com eles. Pelo pouco que souberam fui abandonada ainda recém-nascida numa roda da vergonha, minha mãe deve ter morrido com certeza. Naquela época não se registrava muito bem essas coisas e os partos eram feitos em casa — suspirou. — Ter crescido com eles me ajudou a passar com mais facilidade pela *transição*, mas nem por isso o esforço deixou de existir.

Nesse instante, ao me contar sobre sua história, algo acendeu na minha cabeça. A curiosidade foi maior do que a vergonha.

— Quantos anos você tem?

Ela me olhou e riu. Fiquei totalmente vermelho.

— É falta de educação perguntar a idade de uma mulher, sabia? — ralhou. — Ninguém te ensinou isso? — seu olhar zombeteiro estava lá outra vez.

Abri os braços, derrotado. Sim, era falta de educação mesmo.

— Vou fazer 162 no mês de janeiro — falou tranquilamente enquanto meu queixo caía. — Mas sou jovem — me assegurou, divertindo-se com meu espanto. — Solomon tem mais de três mil anos e Shiloh acha que deve ter pouco mais de dois mil, ela não se preocupa com isso.

Observei seu olhar não reagir ao meu desespero.

— Você não está brincando comigo, não é? — espremi a pergunta.

— Por que faria isso? — retrucou séria. — Precisa saber a verdade. Hoje você pode ter apenas...? — gesticulou uma interrogação.

— Dezoito — quase engoli a palavra.

— Foi o que pensei — sorriu. — E como cronologicamente sua idade imortal começa agora, sua aparência vai continuar a mesma. Acontece com todos nós, mestiços, congelamos na puberdade ou na idade jovem — acrescentou. — Se pudéssemos engarrar a fórmula e vender aos humanos ficaríamos milionários da noite para o dia.

Aquela explicação, porém, me fez pensar em outra coisa, mais importante do que eterna juventude ou dinheiro.

— Você conhece outros? Como nós? — completei. — Quero dizer, sei que há diferenças de raça, seu pai me explicou, mas e quanto aos mestiços? — fiquei imaginando se, por acaso, haveria algum outro mestiço homem que ela conhecesse e talvez...

Por sorte ela pareceu não *entender* o teor de minha pergunta.

— Já cruzei com alguns em minha vida. Nós não somos muitos, existem restrições — a proibição que Solomon mencionou. — Você é um caso incomum, Nelson, pois o vampiro que o gerou sabia das regras e as desobedeceu. Ou então era algum nômade desgarrado. Com certeza é o mestiço mais novo que conheci — continuou. — Mas quanto a sua pergunta, os únicos mestiços com quem mantemos contato são os filhos adotivos de Jamal, o Asanbosan, cuja raça deu

origem às lendas que você conheceu e que vieram com seus antepassados da África. Todos eles têm bem mais de 400 anos — olhei espantado de novo — , e Eric, da família dos Fevré em Bristol, que é o namorado da filha humana de Laura. Ele tem oitenta anos, talvez mais, eu acho.

Essa era outra das histórias malucas que Solomon me contou. Que na verdade eu não era um *Asanbosan*. Eles são de *raça pura* e muitas tribos africanas chamavam os vampiros, puros ou não, por esse nome. E que a filha de Laura, a garota chamada Cínthia, namorava um mestiço e estava com ele na Holanda agora. E tem gente que reclama da família!

— Havia também uma comunidade de mestiços que habitava a ilha de Hidra, na Grécia — Nazaré continuou. — Mas foram atacados anos atrás por nômades e só restam quatro deles em Atenas, com a família de Alexia.

— E a vampira que me atacou em Campo Grande? — ninguém havia falado nada sobre ela. — Vocês a conheciam? Não matei nenhum amigo, espero.

Ela acenou com a cabeça.

— Não, não sabemos quem era. O que, aliás, é uma surpresa — sua voz ficou séria. — Há muito tempo apenas nós vivemos aqui. Nosso território não poderia ser invadido dessa forma. Todos os clãs do mundo conhecem e respeitam o espaço do outro. Um ataque como esse pode justificar o início de uma guerra em muitos lugares — seu olhar pareceu perturbado.

De alguma forma isso me desanimou. Se não havia outros além deles por ali, então como encontraria aquele que me gerou? A mensagem de minha mãe era bem clara. Tinha sido ali.

— Desde que nos estabelecemos há bem mais de cem anos — Nazaré continuou —, antes mesmo da fundação de Aquidauana e Campo Grande, nunca registramos ataques. Os membros de outros clãs que aparecem aqui de vez em quando são nossos convidados, amigos, e respeitam as regras do nosso território, assim como respeitamos as deles. Mas Solomon já está cuidando disso.

— E o que ele está fazendo?

— Foi devolver o carro na concessionária onde Laura o alugou e aproveitar para rastrear sinais da nossa *visitante*. Quando voltar, deverá ter algumas respostas. E assim que Laura acordar também poderá nos ajudar a identificá-la.

A aparição no Parque das Nações ainda me dava arrepios. Pensei na mulher, Laura, dormindo dentro da casa. Pelo que entendi da conversa de Solomon, uma coisa que ninguém jamais achou que seria possível aconteceu: ela era humana, virou vampira na Inglaterra e depois voltou a ser humana, pelo menos em parte. E também algo a fez fugir de sua família no exterior, abandonar a filha e deixar o companheiro, o que, segundo suas próprias palavras, tinha sido para protegê-los. Todos naquela casa aguardavam que ela acordasse, com ansiedade.

— Bom dia para todos! — a voz de Solomon rugiu atrás de nós, seguida pela brisa de sua chegada.

Olhei para ele, esperando encarar os brilhantes olhos vermelhos, apenas para levar mais um susto. Estavam negros, castanho-escuros na verdade. Ele abraçou a filha e me deu um tapinha nas costas.

— Espero que esteja um pouco mais calmo agora.

— Sim, acho que estou — respondi meio confuso.

— Não se preocupe, sei que é muita coisa para absorver em pouco tempo, mas o tempo é uma coisa com a qual você não tem mais que se preocupar — piscou. — Terá mais do que o suficiente para compreender e aceitar, e estaremos aqui para ajudá-lo.

— Obrigado — foi só o que consegui dizer.

O sorriso de Nazaré me fez desejar que ela estivesse satisfeita com a possibilidade de eu ficar por ali. Não seria nada mal. Ainda tinha outro enigma para resolver e a foto de minha mãe no bolso não me deixaria esquecer. Nesse momento, nós nos viramos para a porta. Shiloh apareceu.

— Que bom que voltou! — olhou para o marido. — Ela acordou. Solomon virou-se para nós.

— Então está na hora, meus filhos. Acho que teremos muito a conversar e esclarecer.

Solomon deslizou para dentro da casa. Nazaré me olhou e estendeu a mão. Eu a peguei e mais uma vez senti a eletricidade,

enquanto desaparecíamos porta adentro.

Bristol – Inglaterra – inverno

Está nevando muito hoje. As principais manchetes nos jornais falavam sobre o fechamento do metrô em Londres, paralisação das linhas de ônibus e dos voos no Heathrow e em outros aeroportos do Reino Unido. *Pelo menos, eles conseguiram um voo direto para Bristol antes do fechamento.* Apesar da recomendação dos órgãos responsáveis para que ninguém dirigisse, a não ser em caso de extrema urgência, Clementine e Josh foram até o aeroporto buscá-los. Reflexos humanos eram mais lentos e com certeza nada abalaria a direção de Josh. Eric poderia trazê-la mais rápido se viesse correndo, mas o frio intenso seria desconfortável para Cíntia. Ela já passava por muita coisa e não havia necessidade disso. Olhei para o céu nublado. Minha imobilidade exterior escondia a agitação interna. A neve cobria meu cabelo e ombros e congelara a água da fonte ao meu lado. Vi meu reflexo distorcido no gelo. Os sinais da angústia e tristeza dominavam meus pensamentos. Fechei os olhos.

Laura, onde você está?

Silêncio. Nada além do vento soprando e do ruído dos esquilos e suas bolotas nas árvores. Depois daquele contato inesperado e forte de algumas semanas atrás, tudo voltou à estaca zero. Uma barreira havia se erguido. E por mais que tentasse, não conseguia rompê-la. Eu ouvi a voz de Laura me chamando claramente, não havia imaginado. E ela estava em apuros. Mas, onde? *‘Aquilo foi uma ilusão. Ela não quer que a encontre. Admita isso e liberte-se.’* A estranha voz retumbou dentro da minha mente, e olhei ao redor. Não era a primeira vez que a ouvia, e quase acreditei que encontraria alguém de carne e osso ao meu lado, tão clara foi a frase. Sacudi a cabeça, oca de repente, e apertei os dedos nas têmporas. O que estava acontecendo?

O som de um carro se aproximando da alameda me fez virar. O Kia Carnival contornou o caminho e entrou pelo portão aberto. Nosso convidado finalmente chegava. Estacionou a alguns metros de mim e nossos olhos se encontraram. Não havia ressentimentos neles, só uma preocupação desmedida. Podia reconhecer o sentimento: um homem apaixonado que não tinha nenhuma notícia da mulher que amava, se estava viva ou morta, e nem por que partira. Sabia que era isso. Porque David e eu partilhávamos da mesma dor nesse momento.

— Robert — cumprimentou, aproximando-se.

— Seja bem-vindo, David — respondi polidamente.

Não gostava da sensação de ciúme misturada a raiva que sentia pelo humano. Ele nunca escondeu seu amor pela mulher que conquistou um lugar em meu coração inerte. Apesar da rejeição que sofreu por parte dela, isso agora assumia proporções diferentes para mim. Também me sentia um rejeitado. Ela deixou a nós dois.

— Não quer entrar? Sei que está frio aqui — ofereci.

Ele sacudiu a cabeça negativamente.

— Obrigado. Eles ainda não chegaram? — perguntou enquanto puxava a gola do casaco para o pescoço. — As estradas estão perigosas, muita neve.

— Não, mas não devem estar longe. E Josh dirige muito bem, fique tranquilo.

David sentia frio, seu hálito quente escapava pela boca, mas não entraria na mansão enquanto Clem e os outros não chegassem. A situação era desconfortável para ambos. Os minutos avançavam e a neve dobrava de volume. Apesar de ela não me incomodar, vi os lábios de David tremerem. Acenei para que me acompanhasse até a entrada, assim ficaríamos cobertos pela varanda. Dessa vez ele não recusou. Eu me lembrava da sensação do frio que a neve provoca, havia passado por isso muitas vezes em campos de batalha quando era um cavaleiro da corte francesa. A umidade e o gelo cortavam a pele nos pontos mais desprotegidos, provocavam frieiras dolorosas e os reflexos ficavam lentos e descoordenados, sem mencionar a incômoda sensação da ausência do calor, tão necessário para a sobrevivência do corpo humano.

— Bem... — David finalmente falou, agora protegido pela cobertura. — Imagino que tudo deve estar na mesma, não é?

— Sim — respondi. Era desagradável tocar nesse assunto com ele. — Nenhuma notícia. E você? Como tem passado?

Seu rosto virou-se para contemplar a neve que caía. O perfil duro, o olhar ausente de calor. As duras provações de David e sua irmã no ano passado — a morte dos pais, assassinados cruelmente por vampiros nômades — deixaram suas marcas. Laura também amava-os como se fossem seus pais. David voltou-se para me encarar. Embora procurasse disfarçar a dor, ela estava lá, em cada nova linha de ruga de seu rosto mortal.

— A vida tem que continuar — respondeu, encerrando minha especulação educada.

Não seria fácil tocar nesse assunto com ele hoje. *Melhor deixar isso com Clem.* Ela sempre teve um bom relacionamento com o Megister. Senti a presença de Carlo antes mesmo que David se virasse para cumprimentá-lo.

— Megister. Seja bem-vindo mais uma vez à nossa casa.

— Obrigado, Carlo — respondeu, esfregando as mãos enluvadas para aquecê-las.

— Não prefere esperar lá dentro? — Carlo ofereceu, mas nesse momento nós dois olhamos para a estrada.

Embora ainda estivesse a metros de distância, o som do motor do Mercedes de Clem era audível para Carlo e para mim. Faltava pouco agora. E, como previ, cerca de dez minutos depois o carro entrava pela alameda. Habilmente Josh fez a curva pela fonte e estacionou. Eric surgiu e abriu a porta do passageiro para Cínthia. Clem e Josh já estavam ao nosso lado.

— Megister — Clem cumprimentou David, juntamente com Josh.

Ele respondeu com um aceno de cabeça e olhou para o carro, para a figura pálida e de aparência cansada que descia. Cínthia estava mais magra. Sua figura branca se destacava contra o casaco preto e o suéter de gola marrom. O cabelo louro palha emoldurava seu rosto e os grandes olhos azuis mostravam sinais de desgaste e profundas olheiras. Parecia mais velha, quase não restava nada da adolescente brincalhona e juvenil que conheci. O sofrimento

amadureceu aquela menina. Cínthia refletia em sua aparência o que eu sentia na alma. A dor da ausência. O abraço de Eric a protegia do frio. Quando me viu, adiantou-se e seus braços me apertaram com força. Senti suas lágrimas quentes na pele fria do meu pescoço.

— Rob... — soluçou.

Embalei-a como teria feito com uma filha. E não podia deixar de pensar nela como tal. Poucas coisas me deixavam mais orgulhoso do que imaginar aquela bonita garota como se fosse uma filha, mesmo sabendo que a paternidade, para mim, era impossível. Após alguns instantes ela me libertou do abraço e alcançou David. O choro silencioso explodiu de sua garganta e lavou o peito dele.

— David, eu sinto m-muito... — ele acariciava seu cabelo claro. — Eu queria ter vindo antes... eu juro... ficar com você e com a G... — ela fungou um pouco. — ainda não acredito que eles... — não conseguiu falar mais.

— Shhhhhh... — ele falava baixinho. — Calma... tudo bem... eu sei, Cínthia. Não precisa ficar assim, menina...

Percebi que ele a embalava da mesma forma. Dois pais... Minha garganta se apertou. Apesar da emoção do momento, ainda fazia frio e Clementine olhou para o céu.

— Melhor entrarmos. Alguns de nós podem congelar aqui — adiantou-se para a porta.

Carlo ligara o aquecedor, inútil para o restante de nós. O ambiente estava aquecido e agradável para os humanos. Morgana colocava uma bandeja de chá sobre a mesa, onde já havia biscoitos e torradas, geleia, manteiga, creme, algumas frutas, bolo, além de café e leite. Fiquei surpreso. Sabia o quanto o cheiro da comida humana era repulsivo para ela, mas mesmo assim fez tudo sozinha. Cínthia e David sentaram no sofá maior, Eric subiu com as malas e voltou num segundo. Sentou-se ao lado de Cínthia, que deitou a cabeça em seu ombro. Clem olhava para ela de forma sugestiva.

— Você não quer descansar primeiro, Cínthia? Podemos esperar ou conversar numa outra hora...

— Não — ela cortou. — Não quero descansar, não adianta nada — sua voz estava mais altiva. — Eu preciso saber o que está acontecendo, Clem, isso sim. Concordei em esperar, terminar o ano

letivo em Amsterdã, mas agora quero que me digam tudo. Desde o princípio — sentou-se ereta. — Como tantas coisas ruins podem ter acontecido ao mesmo tempo? Primeiro, Jean e Ben... E depois minha mãe desaparece desse jeito! Eu conheço ela! — seu tom era seguro. — Nunca abandonaria tudo dessa forma se o motivo não fosse muito grave. Você também sabe disso, Dave, talvez mais do que os outros aqui — seu olhar voltou-se para mim. — Desculpe falar assim, Rob, sei o quanto ama a mamãe... Mas David a conhece desde que nasceram e sabe que estou falando sério.

Me senti triste com a comparação. Adiantaria explicar que, apesar de encontrar Laura há pouco mais de quatro anos, era como se desde o princípio soubesse que nunca, jamais, poderia conhecer alguém tanto quanto ela? Eu caminhava há quase setecentos anos sobre a Terra, e nunca me vi com mais clareza antes do que quando minha imagem se refletiu pela primeira vez nos olhos dela.

— Não precisa se desculpar, Cínthia. Concordo com você — completei para tranquilizá-la, apesar da inquietação em meu peito. — Acredito, sinceramente, que Laura teve motivos muito fortes. Só queremos descobrir quais.

— E não temos tido muito sucesso — Carlo falou. — Por isso marcamos esse encontro hoje. Cada um aqui pode ser um pedaço desse quebra-cabeça. Se conseguirmos juntar todas as partes, poderemos, pelo menos, encontrar uma pista que nos aponte onde começar.

Ouvi o ruído de um programa de computador ser finalizado e uma impressora ligada. Josh desapareceu até sua sala. Nos últimos meses ele procurava pistas que apontassem as lacunas de memória dentro do *Black Hole* que Laura criou sobre seu paradeiro. Não era um trabalho fácil. Morgana o seguiu com os olhos, mas ficou.

— Nesse caso — David sugeriu —, seria melhor começarmos a esclarecer *todos* os acontecimentos — frisou a palavra. — Sei que estamos de lados opostos muitas vezes, eu como Megister e vocês como um clã do Acordo, mas agora não podemos deixar que isso nos impeça de sermos honestos com as informações, concordam? — suspirou. — Porque eu concordo. Farei o que for preciso para trazê-la de volta...

Senti o ciúme me corroer por dentro, uma nuvem cobria meus olhos e a raiva cegava. Ver David suspirar pela ausência dela incomodava de forma física e minhas mãos se fecharam disfarçadamente. Estava a um passo de partir a cara dele, como tantas vezes no passado. O que me impedia era saber que David era um homem decente, que acreditava que seu sentimento era quase tão forte quanto o meu. Um tolo engano, facilmente perdoável num humano. Seus sentimentos *nunca* seriam mais fortes! A resposta veio até minha boca, mas Clem adiantou-se. Como sempre, ela antecipava minhas reações com precisão.

— Não vejo problema algum em relação a isso. *Todos* nós a queremos de volta, David. E não tenho dúvidas de que ela preferiria estar aqui também — olhou para mim. — Tudo o que ela ama está bem aqui nessa sala — sua voz era firme. — Nesse caso, acho que podemos começar, não concorda?

— Então... — Cínthia falou rápido. — Quem vai me contar alguma coisa primeiro?

A próxima hora foi de recordações. Os mínimos detalhes foram expostos. Cínthia não estava presente quando tudo aconteceu, e conforme contávamos os fatos ela fazia observações relevantes, perguntando como a mãe olhou, seu tom de voz, coisas que aparentavam pouca importância, mas que assumiam um significado diferente para ela. Falamos sobre o estranho aviso de Kate na Universidade, de como alertou que Laura estava em perigo a tempo de David ajudá-la.

— Eu não sou boa em charadas — Cínthia franziu a testa —, mas pensem comigo — apontava o dedo sobre a mesa, como numa trilha. — Kate foi atacada, conseguiu sobreviver e se recuperou. Foi minha mãe quem a salvou naquele dia. Não acham que esse tipo de experiência deixa marcas profundas? Principalmente na mente? Cria uma conexão?

— Conexão? — Morgana se interessou. De todos nós, ela tinha mais habilidades e sensibilidade com a mente, além de outros *talentos* que desenvolveu. Seus olhos brilharam. — Como não pensei nisso antes? — deu um tapa na própria testa. — Burra! Claro que a garota pode ter estabelecido uma conexão. Isso é intuitivo, instinto.

Estaria além do que ela poderia controlar ou saber. E como toda intuição humana, é ativada pelas partes envolvidas — voltou-se para David. — Você disse que ela previu minutos antes o ataque na casa de Laura. Se pararmos para pensar, os mesmos elementos da primeira vez *estavam* presentes novamente: *Laura e olhos vermelhos!* Essa é a referência mental que Kate possuía.

— Mas como ela poderia saber sobre *tudo*? — David questionou. — Ela falou especificamente sobre Laura, olhos vermelhos e *sobre* o Lázarus. O ataque não deveria ter sido apagado de sua memória? Como aconteceu com as outras vítimas que sobreviveram?

— Acho que a parte dos olhos vermelhos eu posso explicar — falei e segui para o meu quarto.

Quando voltei, trazia o desenho que Kate fizera para Laura há três anos. David não sabia sobre ele. Toda a história que Laura havia me contado no Mirante da Ponte de Clifton foi exposta. Carlo aproveitou e completou com a parte sobre Jarvis Poincello, acerca da existência de vampiros. Os fatos queriam se encaixar.

— Certo — Morgana continuou, ela era a especialista. — Temos então duas conexões bem estabelecidas. Kate sabia *em parte* quem a atacou e contou apenas para Laura — apontou para o desenho. — De alguma forma, essa garota possui *canais abertos* que podem pressentir o que normalmente passaria despercebido por outros humanos. O ataque contra Laura despertou isso — seu dedo seguiu do papel para o terceiro olho na testa. — Quando sua mente sensibilizada sentiu o perigo, usou as informações que dispunha para pedir ajuda a você, Megister, embora não entendesse qual relação haveria entre uma coisa e outra — e riu. — Intuição feminina!

— Mas e o Lázarus? — eu falei. — Como se explica?

A bela vampira ficou em pé e caminhou pela sala. Uma ruga se formou em sua testa e quase podia ouvir o cérebro remexendo e buscando respostas. Aquela era a parte mais intrigante, pois todos sabiam que Kate não teve nenhum tipo de contato com essa informação em especial. Pressentir algo conhecido era uma coisa, mas fazer o mesmo com fatos não familiares à mente era diferente. Por fim, ela se sentou resignada.

— Não posso ter essa resposta agora. Não do nada — seu olhar dirigiu-se para David. — Mas posso conseguir se me encontrar com essa garota.

— Como assim? — ele quis saber.

Ela encarou o Megister com seus olhos azuis. Sabia o que Morgana iria propor e fazia muito sentido.

— A mente humana se divide em várias *caixas de informações*, para ser mais simples — Morgana explicava. — Algumas são acessíveis consciente e outras apenas inconscientemente — seu tom ficou persuasivo. — Se eu puder hipnotizar essa garota, posso conseguir informações que estejam nessas caixas ocultas...

— Não! — ouvi a negativa de David com surpresa. — De jeito nenhum! Kate já sofreu demais, por duas vezes. Ela ainda nem voltou ao trabalho e para a universidade.

— Mas, Dave... — Cínthia tentou falar, mas ele balançou a cabeça.

— Não, Cínthia. Kate teve um derrame! A mente dela já foi prejudicada — ele parecia ofendido com a ideia. — Se para tentar achar uma resposta for preciso fazê-la sofrer ainda mais, sugiro que procuremos outra forma. Não vou concordar com isso.

Estranho... David a defendia com veemência. Podia ver os sinais de sua expressão se alterarem e os batimentos cardíacos elevando-se ao pronunciar aquelas palavras. Sua temperatura corporal havia subido e o rubor no rosto indicava o quanto a ideia o perturbava. Sim, a garota havia sofrido antes, é claro, mas ele devia saber que Clem jamais permitiria que fizéssemos algo que a machucasse. E Morgana era habilidosa. Seus talentos com a hipnose em humanos eram notáveis e com certeza não causaria danos. Nesse ponto ela conseguia se controlar muito bem. Entretanto, ele continuou inflexível, e a cada nova tentativa de demovê-lo ficava ainda mais decidido.

— Morgana — falei com a voz séria, para pôr fim a uma discussão inútil. — Acho que o Megister tem razão. A garota passou por problemas graves e não convém fazer nada. Ela está se recuperando e humanos são frágeis. Se há uma conexão com o Lázarus, podemos pensar numa outra maneira de descobrir.

Uma sobrancelha de Clementine se elevou no rosto, mas ela nada falou. Com essa parte encerrada o assunto tomou uma direção delicada: o assassinato dos pais de David. Perguntava-me se David compartilharia da mesma suspeita que nós: que a Ordem, comandada por Avelar, seu superior dentro da hierarquia, teria tramado e os executado de maneira tão fria e calculista. Acreditaria nisso? E mesmo que fosse verdade, que importância teria para Avelar matar os pais de seu Megister no Reino Unido? Minar sua persistência? David era provavelmente o mais forte contestador das regras da Ordem e do Mathesis, com certeza devia incomodar. Mas chegar a esse extremo? Por quê? O que ganharia com isso? Perguntas, perguntas e mais perguntas! Quando as respostas finalmente apareceriam? Quanto maior seria o tempo de espera até que alguma boa notícia nos alcançasse? Ele mesmo narrou a história. A cada palavra percebia suas mãos se fecharem e a nota de angústia na voz. Ao acabar, um silêncio respeitoso se fez na sala. Nós fomos humanos e tivemos nossa cota de perdas nessa vida anterior. Ninguém parecia à vontade para falar. Foi Clem quem rompeu o silêncio:

— Bom, não tivemos dúvidas. Quando chegamos lá percebemos os rastros. Foi um vampiro. Um nômade — seus olhos verdes encararam David. *É agora.* — Isso foi dito na época, mas o que não comentei com você, Megister, em respeito a sua dor e a de sua irmã, foi que o rastro que sentimos não era novo para nós...

David a ouviu em silêncio todo o tempo, as mãos fortemente presas entre si. Assim que ela acabou de falar, ele suspirou e olhou para o teto.

— Eu... acho que... esperava por isso... talvez... — voltou a nos olhar. — Mesmo não querendo aceitar... acreditar... Mas quando vi os... corpos dos meus pais... — seu olhar mudou para um ódio terrível. Levantou-se e ficou de costas. — O que não entendo é por quê? Sim, Clementine, você me falou suas teorias, mas não acredito que Avelar mataria meus pais *apenas* para me intimidar. Não parece combinar com a lógica dele. Até onde suspeitamos, os ataques sempre visavam algo maior — David também não parecia disposto a aceitar a explicação mais simples.

— E o que seria esse alvo maior? — Cínthia questionava. — Em casa e na Holanda eles queriam colher rastros da minha mãe e provas para poder incriminar o clã no Concílio, mesmo que isso custasse o meu pescoço! Mas os pais de David? O que ganhariam com isso? — olhou para ele. — Alguma coisa sumiu de lá, David?

— Não, estava tudo no lugar. Pelo menos, eu acho que sim... Era como se... — ficou quieto.

— Como se o quê? — perguntei.

David balançava a cabeça, quase rejeitando o pensamento.

— Pode parecer loucura, mas quando olhei a cena toda tive a impressão, depois, de que alguém havia montado aquele cenário para mandar um aviso — falou enfim. — Um recado, mas incompleto. Como se a parte oculta não fosse para mim ou minha irmã. Georgiana não tem nada a ver com *esse mundo*. E tenho certeza de que não me encaixo na lógica do meu próprio raciocínio.

Silêncio. Um aviso? Para quem? No jantar de aniversário dos pais de David, apenas ele, sua irmã e Laura iriam participar.

— David, e se sua teoria estiver certa? — o encarei. — E se o recado não fosse mesmo para você ou sua irmã? — minha mente, de repente, clareou uma possibilidade.

— Como assim? — Clem questionou.

— Se seguirmos o raciocínio de David — coloquei a ideia com cuidado —, só nos resta uma saída: a mensagem era para Laura — os olhos curiosos de Clem e Carlo cruzaram os meus. — Pensem comigo: primeiro, seus pais morrem — olhei para ele —, pouco tempo depois Laura desaparece, *voluntariamente*, sem deixar nenhum sinal, e em seguida — olhei para Carlo — o corpo do Lázarus é roubado.

— O quê? Roubado? — David e Cínthia falaram quase ao mesmo tempo.

— Um roubo misterioso e sem nenhum tipo de vestígio ou rastro. Como se um fantasma tivesse entrado e saído do lugar.

— Parece que temos outra conexão aqui — Morgana falou. — Laura, os pais do Megister e o Lázarus. Se pensarmos por esse ângulo, quando Kate falou sobre o Lázarus no dia do ataque, significa que, de alguma forma, a conversão de Laura não era mais um

segredo. E a mente de Kate captou isso, de uma maneira que ainda não sabemos, porque se referia a *Laura*.

Ficamos novamente em silêncio. Olhares e expressões preocupadas tentavam analisar a brecha da informação. Que misteriosa ligação essa garota teria com tudo? Como ela conseguira? Por um momento, desejei fazer com que David mudasse de opinião sobre a hipnose, nem que fosse preciso usar a força. Kate parecia ser uma chave valiosa nesse mistério. Então Carlo levantou-se e foi ao telefone.

— Solomon? Sou eu — ouvi a saudação do outro lado enquanto Carlo se afastava para outro cômodo. — Sim, muita, amigo...

O que diabos ele estava fazendo? Josh também não voltou de sua sala. Podia ouvir os dedos ágeis no teclado e o som contínuo dos processadores do computador.

— Mais um enigma então — a voz de David suspirou a frase. — Eu não relatei nada sobre a mudança de Laura dentro da Ordem, nem mesmo toquei no assunto com Yacov, que provavelmente é o único aliado que possuo e com quem poderia discutir isso — seu tom era desanimado. — Se Avelar sabe, e eu digo se porque não temos prova disso, só suposições, então temos três outras questões pendentes: como ele ficou sabendo, qual seria o interesse dele pelo assunto e como isso chegou até Laura sem que vocês soubessem?

— Eu vou mais além. Imagino: *o que* assustou Laura a tal ponto? — Clem tinha os olhos penetrantes em mim. — Ela planejou tudo muito bem... — cruzou os dedos nas mãos. — Se ela apenas quisesse ir embora sem que soubéssemos de seu paradeiro teria feito esse arranjo apenas para si. Mas modificar seus dados, Cínthia? — olhou para ela. — É a atitude que uma mãe tomaria, com certeza, para proteger um filho se considerasse que ele corria perigo. Esse fato, para mim, é o que mais conta na pesagem da balança.

Clem pensaria dessa forma. Ela teria trocado de bom grado sua vida e alma para ter os filhos vivos, mantê-los a salvo e em segurança. Clem nunca se perdoou, apesar de ser loucura dela pensar assim, pelas mortes de Marguerite e Quincey. Quando Guilhem e eu soubemos que havia algo errado em Avignon através dos relatos dos viajantes, tudo o que encontramos ao voltar para

casa foi a propriedade de Rhône chez Avignon incendiada. Nenhum dos empregados estava mais nas terras e murmúrios sobre o demônio ter se instalado no local apavoravam os aldeões. Não havia nem ao menos corpos para serem enterrados dentro dos ritos cristãos que seguíamos. Lembro-me do sofrimento de Guilhem, seu choro e desespero. Embora o casamento dos dois fosse um arranjo de meus pais, como era o costume, sabia o quanto ele amava minha irmã e os filhos. A perda da família foi algo que não superou e que influenciou diretamente em sua morte, meses depois, quando decidiu fazer uma peregrinação solitária até Jerusalém. Eu não consegui convencê-lo do contrário.

— Mas, Clem — a voz de Cínthia me tirou das lembranças —, qual era esse perigo? Se minha mãe achava isso, então por que não me levou embora também? Essa seria a atitude correta, não é?

— Porque ela sabia que você estava feliz — Clem continuou. — Cínthia, sua mãe não separaria você e Eric. Ela respeitou sua escolha, afastou-se e tomou todas as precauções para que não lhe faltasse nada — olhou para Eric. — Laura sabia que estaria segura com Eric e conosco.

— Então, Laura achava que *ela* era o problema? — David questionou. — É nisso que está pensando? — seu tom era perturbado. — Que não seria seguro que ficasse por perto? Uma ameaça?

Clementine olhou para David e soltou o ar de uma vez.

— Não posso afirmar isso, não sem provas. Por enquanto é uma ideia, uma intuição que tenho. E minhas intuições não costumam falhar, David. Acredite — Clem remexia os dedos.

— Cínthia — Eric abriu a boca pela primeira vez na reunião —, acho que devia contar sobre o apartamento em São Paulo

— O que tem o apartamento? — perguntei com pressa.

Cínthia pegou a bolsa e tirou de lá um envelope estufado, com os carimbos da Embaixada Brasileira na Holanda. Provavelmente semelhante ao que Laura mandou para si mesma no museu.

— Quando isso chegou, havia vários documentos, como sabem. Além deles, havia também cartões de crédito e bancários, títulos de previdência do meu pai e uma conta de previdência privada aberta

recentemente, todos com a minha nova identidade — mostrou o conteúdo do envelope. — Mas o que me chamou a atenção foi essa escritura. — apontou para o título. — É do apartamento da Bela Vista, em São Paulo, onde morávamos. Eu sei que a casa da vovó Liz, destruída no incêndio, não está mais no nome da família, mas o apartamento no Brasil foi transferido para o meu nome. Até recebo o aluguel dos inquilinos.

— E o que a faz pensar que algo nesse apartamento possa ser importante? — Clem falou.

— Bem... Ele tem valor sentimental para minha mãe. Foi lá que meus pais viveram, o início de vida para eles — sua voz era triste. — Apenas dois anos depois meu pai morreu no litoral de Angra dos Reis e minha mãe nunca teve coragem de dispor do imóvel. Ela dizia que o lugar pertencia a mim, era um presente que meu pai deixou. Quando viemos para cá, colocou o imóvel aos cuidados de uma imobiliária — virou-se para David. — Dave o conhece, não é?

— Sim. Estive lá duas vezes. No primeiro Natal que passaram na casa nova e no enterro do seu pai — abriu a carteira. — Vejam, é esse o lugar.

A foto mostrava uma Laura com a idade de Cínthia, cabelos bem compridos, ao lado de um jovem David e de um homem loiro e alto, de olhos azuis. Ele segurava um bebê no colo e sorria para a câmera. Era a primeira vez que via a imagem de Alexandre, o pai de Cínthia. Ao fundo, estava um prédio de fachada branca, onde se lia Edifício Vera. Era curioso e doloroso pensar que, se o pai dela estivesse vivo, provavelmente nada disso teria acontecido. Eu nunca teria me aproximado de Laura, nenhum dos fatos que provocaram nosso encontro chegariam a acontecer. Todo o passado seria modificado. Sua existência passaria por mim como a dos milhões de outros habitantes do planeta. Incólume. *E eu jamais saberia o que era o amor.* Mas não teria sido melhor? A dor dominou meu pensamento com essa possibilidade. E a culpa também. Ambos conflitantes em minha mente nos últimos meses, lutando para ver quem tinha mais razão. E não havia vencedores nessa briga, apenas um perdedor: eu.

— O apartamento agora está alugado — Cínthia continuou e olhei para ela. — No ano passado ele ficou sem contrato por três meses,

mas continuei recebendo o aluguel regularmente. Achei estranho e liguei para o Brasil — sua voz parecia intrigada por uma charada mal resolvida. — A imobiliária me informou que o apartamento havia sido alugado por um curto período, com pagamento adiantado. O inquilino não desejava fazer contrato, afirmando que estava só de passagem.

A respiração de todos ficou suspensa nesse momento.

— E você conseguiu descobrir quem era o inquilino, Cíntia? — perguntei, sentindo uma bola se formar na minha garganta.

— Era uma mulher, e se chamava...

— Flávia Ramos Costa? — a voz de Josh perguntou, de repente. Ele voltava para a sala e trazia alguns papéis.

Os olhares se voltaram para ele. Algo em sua expressão era curiosamente revelador. Cíntia acenou com a cabeça.

— Sim, isso mesmo. Mas como...?

—Você pode não gostar de enigmas, Cíntia, mas meu trabalho é com eles. E acho que consegui encontrar uma brecha na defesa de Laura — todos se amontoaram ao seu redor, enquanto os papéis eram postos sobre a mesa. — Vejam isso.

Fotos mostravam a imagem de um carro conhecido. O Polo preto de Laura. Junto às fotos, documentos com informações sobre uma transação de veículos realizada meses antes.

— Nos últimos meses venho tentando quebrar o Black Hole que Laura fez — Josh explicava. — Não é fácil, ela usou os *meus* programas. Nem eu fazia ideia do quão difícil seria rompê-los, sua mãe me proporcionou um exercício de paciência, Cíntia — apontou para o papel. — Decidi colocar várias informações para rodar ao mesmo tempo. A embaixada, os aeroportos, tudo era inútil. Então, me lembrei do carro. Não sabíamos nada sobre o paradeiro dele — prosseguia mais animado. — No princípio achei que sua mãe teria dado um fim nele como fez com a casa — lembrei dos produtos de Carlo que contribuíram no incêndio —, mas depois passei a rastrear as concessionárias e lojas procurando por um veículo como o dela. E bingo! Aqui está.

Seu dedo longo e branco tocou o papel.

— Um Polo preto, mesmo ano, descrição, tudo batia. Menos o número da placa. Mas esse carro foi negociado aqui, em Bristol, *no*

dia em que Laura sumiu. Os documentos do veículo estavam em nome de Flávia Ramos Costa — continuava com animação. — Chequei a embaixada e consegui a ficha dessa tal Flávia. Brasileira, solteira, seus registros diziam que vivia há dois anos em diversos países europeus. Era estudante de intercâmbio, e no mesmo dia em que negociou o carro embarcou num voo para Cork, na Irlanda, e de lá pegou um para Paris/França. Desembarcou no Charles de Gaulle e tomou outro para o Brasil, mais especificamente São Paulo, para o aeroporto de Guarulhos.

Todos ouviam incrédulos.

— Mas isso ainda não é tudo. Consegui a foto *dessa* Flávia no sistema de arquivos da embaixada brasileira. Aqui está.

Meus olhos se arregalaram e ouvi a respiração de Cínthia parar por um segundo. Na nossa frente estava uma foto de Laura: loira, cabelos curtos picotados e espalhados, e grandes olhos azuis. Tombei o corpo para trás na poltrona e soltei o ar. Ela foi para o Brasil!

— Brasil... — ouvi Clem falando. — Como não pensamos nisso antes? Por que seria óbvio demais? — ela parecia admirada e perplexa. — Com certeza não iríamos cogitar essa possibilidade. Podíamos achar que ela estivesse no Sudão, na Arábia, na China, qualquer outro lugar, mas não pensaríamos em procurar justo em São Paulo!

David estava pálido quando perguntou:

— Ela está na Bela Vista? No apartamento?

— Não — Josh respondeu. — Alguma coisa aconteceu e os registros dessa *Flávia* desapareceram antes do Natal. Cartões de crédito cancelados, contas bancárias fechadas, tudo sumiu — ele olhou para mim. — Algo nesse período criou outro Black Hole, que engoliu as informações. Laura sumiu outra vez — sua voz ficou cansada. — Se ela tem outra identidade agora, não dá para rastrear, a não ser que eu tenha algo em mãos.

— Então, ela pode ter saído do Brasil? — Cínthia perguntou.

— Com o que sabemos, Laura pode estar em qualquer lugar do mundo outra vez. Estaca zero — Josh apontou. — Coloquei *spiders* para coletar todos os dados possíveis, mas levará tempo...

— Não precisamos esperar — me levantei, a determinação tomando conta de mim. — Vou para o Brasil, agora. Se ela foi para lá, mudou de identidade, não interessa. Será mais fácil localizá-la agora que sabemos por onde começar.

— Robert, sabe que não podemos rastreá-la — Clem falava e se punha ao meu lado. — Mesmo que ela ainda esteja por lá, nossa capacidade de encontrá-la é inútil.

Mirei seus olhos com intensidade. O que ela queria? Que eu ficasse com o traseiro sentado naquela casa?

— Por Deus, Clem! É uma pista! — falei com raiva. — Josh disse que os dados sumiram antes do Natal, na mesma época em que ouvi a voz dela me pedindo ajuda! — senti o olhar de David e Cínthia me questionando. — Agora, pelo menos, tenho por onde começar. E chega de papo! Vou para o Brasil hoje — peguei o celular para ligar para qualquer agência de viagens aéreas.

E se não houvesse aviões disponíveis por causa do maldito tempo, por Deus, iria a pé!

— Eu vou com você.

Carlo surgia atrás de mim. Havia me esquecido de que ele estava ao telefone com Solomon.

— Carlo? — Clem olhou para ele.

— Reserve duas passagens, Robert, irei ao Brasil com você. Acho que há muito mais em jogo do que pensávamos. Preciso ver Solomon o mais rápido possível.

— Eu vou também! — Cínthia deu um pulo do sofá.

— Cínthia, não — Eric se levantou. — Não faça isso. Robert e Carlo têm mais chances de encontrar sua mãe se forem sozinhos. Você não é como eles...

Ela virou-se devagar para Eric. Pude ver o mesmo olhar de teimosia de Laura em seu rosto quando se sentia contrariada. Ou inferiorizada.

— Tudo bem — ela parecia concordar. — Então acho que já está na hora de ser como *e/es*.

David abriu a boca enquanto os outros a encararam.

— Do que está falando? — Eric ficou pálido.

— Estou falando que está na hora! — virou-se para Carlo e falou, apontando os quatro cantos da sala. — Ela está no Brasil e corre perigo. As chances de vocês a encontrarem são quase nulas, mas eu conheço *a minha mãe!* Posso ser útil se não for um estorvo. O que significa que não há mais sentido em continuar sendo uma humana inútil — sua voz era lógica e racional enquanto desdenhava a própria humanidade, como se ela fosse um defeito e não uma qualidade.

— Cínthia — Clem interrompeu —, não pode estar falando sério.

— Claro que estou! — sua voz se alterou. — Já chega, Clem. Tomei minha decisão — olhou-a nos olhos. — Preciso que me transformem em vampira para poder ajudar.

— Não, Cínthia! Isso eu não posso permitir! — David entrou na discussão. — É loucura, sabe que sua mãe não concordaria com isso.

— Minha mãe não está aqui para discutir comigo — suas palavras foram lentas e cortantes. Nunca imaginei tamanha força nessa garota. — Eu tinha um acordo com ela. Esperaria até minha graduação e então... — abriu os braços. — Mas as coisas mudaram. E, além disso, não preciso da autorização dela para fazer o que quiser, sou maior de idade. E já decidi.

Ela olhou para mim, sem medo ou hesitação.

— Rob, sabe que o que digo é verdade. Se me deixarem ajudar, as chances de encontrar a mamãe serão maiores — ela tentava ser persuasiva. — Mas não posso representar um problema. Quero ser uma solução.

— O que ela diz tem lógica — a voz de Morgana circulou pelo ambiente. — O vínculo de sangue entre mãe e filha é forte. Embora tenha se conectado com ela uma vez, Robert, seus laços são *mentais*. Laura pode não querer se abrir outra vez ou não saber como fazê-lo — olhou para Cínthia. — Com Cínthia é diferente, é algo que já está com ela.

Me aproximei devagar, colocando as mãos em seus ombros. Dentro dos olhos azuis podia ver a mesma determinação do olhar castanho de Laura. Nada iria fazê-la desistir, mas eu podia tentar. Não seria certo submeter essa criança a todas as provações da metamorfose apenas pelo desejo egoísta de encontrar a mulher que

eu amava. Acima de qualquer coisa, sempre quis ser digno do amor de Laura. E não usaria sua filha num momento como esse.

— Cínthia, sei que quer ajudar, mas agora não seria o melhor momento para uma metamorfose acontecer. Não, escute — falei para calá-la quando tentou retrucar —, você não faz ideia do que é isso, apesar de tudo o que já contamos. Seriam dias, depois semanas de preparação. E há também outra questão: não temos autorização para fazer isso — olhei para David. — Invocar um Conselho demoraria, e com tudo que suspeitamos, Avelar encontraria uma forma de nos impedir e chegar aonde quer. Não é o momento de colocar a Ordem nessa história — seu olhar era duro para mim. — Eu vou ao Brasil e encontrarei sua mãe. Se Carlo deseja ir comigo, e deve ter seus motivos, então está feito — usei um tom mais forte para encerrar o assunto.

Ela me fulminou com os olhos e seu rosto ficou vermelho.

— Quer dizer que prefere perder tempo, mais *um ano*, procurando minha mãe às cegas por aí do que esperar que eu possa ajudá-lo mais rápido, é isso? — o tom era cortante e seu olhar julgava minha capacidade de raciocínio. — Não acha que está sendo burro!? — balançou a cabeça desanimadoramente.

Olhei-a, surpreso. Sem me dar chance para responder, virou-se e caminhou até David. Ele continuou imóvel.

— Megister — falou de forma séria, como nunca a vi —, como um membro da Ordem aqui presente, peço sua autorização para que o clã Di Feveré possa realizar minha transformação, por minha livre e espontânea vontade, dadas as circunstâncias urgentes nesse caso — ela recitava as palavras tranquilamente. — Dessa maneira nem você, nem o clã quebrarão as partes do acordo secular da Urare — depois olhou para Clementine. — Clementine Di Feveré, peço sua autorização, enquanto líder do clã, para que realize a minha metamorfose. E que todos aqui sejam testemunhas da minha vontade e desejo — e calou-se, esperando.

Olhei para Eric. Estava mais pálido do que qualquer um de nós. Com certeza foi ele quem explicou para Cínthia o protocolo secular — que nunca foi invocado em mais de quinhentos anos de Acordo —, que dizia que um humano que desejasse poderia ser transformado

por sua livre e espontânea vontade. Todos os elementos necessários para o pedido estavam presentes: um membro graduado da Ordem, um líder de clã e testemunhas. Morgana sorriu. Uma testemunha era a favor. Mas, e quanto a David e Clem? E os outros? Deus, como essa menina era terrível! O que Laura pensaria sobre isso se lhe contassem? Clementine não piscava, apenas olhava para a garota a sua frente. Era uma adulta agora e tomou sua decisão. Encarou David. A tensão no ar entre os dois era tão grande e espessa que poderia ser cortada com uma espada.

— Megister? — Clem perguntou. — O que me diz?

David engoliu em seco. Sua postura vacilou diante do olhar insistente de Cínthia. Para ele não era uma mera questão burocrática agora, envolvia o carinho, amor e afeto que sentia por essa menina. Também tinha a ver com a responsabilidade devida a Laura. Autorizaria a transformação da única filha da mulher que ele amou por toda a vida? Estaria pronto para isso? E estaria igualmente preparado para assumir os riscos que tal decisão cobraria em relação à Ordem? Não havia como ler a expressão de David nesse momento, nem mesmo quando se aproximou de Cínthia para encará-la nos olhos. O silêncio que se seguiu na sala era quebrado pelos diferentes sons das batidas de três corações: de Eric, Cínthia... e David. Uma cena interrompida bruscamente pelo cheiro que tomou conta das nossas narinas e nos fez virar a cabeça para a entrada. Eles estavam à nossa espera do lado de fora da casa.

Ravena – Itália – inverno

Não havia como amarrá-los, sedá-los ou controlá-los pela força. Os neófitos arranhavam a parede com unhas afiadas, sentindo o cheiro do sangue fresco que emanava a poucos metros deles. Eram três. Maia, Heather e um nômade de seu bando mantinham a vigilância cerrada, a guarda atenta. Vampiros novos, recém-criados, eram instáveis e volúveis ao desejo pelo sangue. E também eram fortes. O grupo C, como me pediu o diretor-chefe das pesquisas do

Lázarus. Por esse motivo o salão comunal fora devidamente preparado hoje. As refeições eram servidas e os rejeitados e abandonados pela sociedade saboreavam o banquete, ignorando a agitação do outro lado da parede, perceptível para mim que observava tudo de uma posição privilegiada e segura. Junto aos sons de talheres e de comida sendo mastigada, os uivos e rosnados dos neófitos feriam meus ouvidos. Maia e Heather rosnavam mais, ameaçando e dançando rapidamente ao redor dos três. Um deles tentou avançar. Não consegui ver o movimento, apenas o corpo do vampiro ser estendido ao chão, enquanto Heather e o nômade, Romano era seu nome, mostravam os dentes ameaçadores para o novato. Ele tentou reagir, mas foi imediatamente detido por ela, que o atirou do outro lado do pequeno corredor. A sede os atormentava! A fome os dilacerava. Nenhuma regra, nenhum treinamento lhes foi dado. Eram selvagens, guiados pelos instintos mais básicos. Assim foi determinado por mim. Maia estava *recrutando* e treinando outros, como Romano, para missões mais importantes. Mas esses três serviriam a um propósito maior.

Quando a refeição dos humanos terminou, o toque de um botão fez a parede que dava acesso ao salão se abrir. Olhos assustados observaram os neófitos entrarem pela sala, agitando os corpos e expondo dentes e rosnados. E como sempre acontecia, a gritaria foi geral. Aos gritos se seguia o despedaçar de músculos e ossos, pescoços sendo rasgados por dentes e o gorgolejar do sangue sugado com avidez. Selvagens! Vê-los se alimentar era muito diferente dos modos *civilizados* que Maia, Heather e outros vampiros demonstravam. Era repugnante e grotesco. O sangue desperdiçado manchava a sala, respingava nas paredes e sujava os belos tapetes e a decoração. Com certeza os funcionários reclamariam da limpeza de hoje. *Mas não na minha presença.* Aos poucos os gritos humanos cessaram. Quinze pessoas, todas mortas. Porém, suas ausências não seriam notadas pelas ruas da Itália. Clandestinos, imigrantes ilegais, não eram bem-vindos em nenhum lugar. Uma perda que não afetaria nem a economia, nem a rotina dessa cidade. De certa forma eu estava prestando um grande serviço social. Quando o último humano foi destroçado — os neófitos entretidos com a refeição —,

outro toque num botão do painel a minha frente abriu uma porta por trás das cortinas carmins do lado direito do salão. Cinco mestiços, trajados com as novas roupas odoro-isolantes desenvolvidas para eliminar o cheiro e os rastros, entraram. Ao contrário das tradicionais espadas, portavam agora rifles prateados, de cano longo, com o pente transparente exibindo o arsenal de cartuchos que continham um líquido azulado.

Graças às roupas, os neófitos não perceberam de imediato a entrada deles. Somente depois de alguns minutos viram que não estavam sós. *Um excelente trabalho da equipe de pesquisas.* Eles rosnaram de raiva e colocaram-se em posição de ataque, mas a guarda era muito bem treinada. Foram dez disparos, apenas perceptíveis por causa da postura dos neófitos ao serem atingidos pelos projéteis. As armas eram silenciosas e os mestiços não demonstraram nenhum movimento ao acioná-las. A reação foi mais rápida do que eu imaginava. Três neófitos gritaram, tentando, sem sucesso, retirar os projéteis que perfuraram suas peles, alojando-se sob os músculos. A guarda imediatamente se retirou e a sala foi lacrada com chapas de titânio reforçado. Os vampiros se debatiam ferozmente contra elas e os gritos poderiam ensurdecer quem estivesse ali dentro. Os espelhos foram quebrados, tapetes rasgados com mãos e dentes, enquanto veias azuladas se formavam no rosto e nos corpos dos neófitos. Em determinado momento observei a expressão sufocada deles. Pareciam procurar por ar, as unhas se cravaram com força ao chão, arrancando pisos e ladrilhos. Suas formas começaram a se distorcer e expandir, as veias cada vez mais saltadas e que alteravam de cor, indo do azul intenso ao cinza. Um forte ataque se apoderou dos corpos derrubados ao solo, as órbitas oculares voltaram-se para trás e a mandíbula se alargava, como se deslocada do restante da cabeça. Os gritos se tornaram mais histéricos e os espasmos assumiram uma velocidade tal que nenhum olho humano conseguiria acompanhar àquela altura. O som de ossos se partindo e músculos sendo rasgados se fizeram ouvir. De dentro para fora, a reação era de uma implosão. A massa corpórea inchou, como um balão, e subitamente regrediu até se tornar um monte de carne mole despojada.

Seguiu-se o silêncio. Os corpos assumiram o aspecto de massa de modelar contra o chão de pedras do salão. Meia hora se passou sem nenhum movimento. Quando a teoria se fez certa, uma equipe envolta em trajes especiais entrou e recolheu os cadáveres, que se desfaziam em pedaços ao menor toque, recolhendo amostras que seriam analisadas em laboratório. Não havia mais nada para ver e me retirei, as luzes do painel incidindo sobre o rubi vermelho do anel em meu dedo mínimo, causando reflexos na parede. Ao chegar ao quarto elas estavam lá me esperando, as peles brancas e nuas emolduradas pelos cabelos loiros e negros esparramados em minha cama.

— E então? — Maia perguntou com a voz de gata no cio. — Fizemos tudo direitinho?

Sorri. Era impossível não me sentir excitado com suas formas. Elas eram deliciosas.

— Acho que fizemos sim, Maia — Heather continuou, suas mãos geladas desabotoando minha camisa, os lábios fazendo movimentos contra minha pele. O arrepio foi instantâneo. — Está feliz conosco, Avelar?

— Boas meninas — suspirei pelo prazer antecipado.

Agarrei os cabelos de Heather e puxei sua boca contra a minha, ao mesmo tempo em que sentia os quadris de Maia se esfregando contra minha pélvis. Ouvei o som de tecido rasgado e estava livre das calças num piscar. As pernas de Maia se enroscaram em meu torso e me puxaram para a cama. Seu corpo colou-se ao meu enquanto Heather explorava minha pele com a boca. Os movimentos de Maia eram acelerados e seus gritos de prazer, altos. Num instante e já não era Maia, e sim Heather que estava unida a mim. Acaricieei seus seios firmes. Por horas ficamos entretidos em nossos joguinhos privados, todos muito prazerosos.

Estava em meu escritório quando a batida discreta se fez ouvir. Colin entrou.

— O que foi? — perguntei.

— Senhor, achei que gostaria de ser informado — ele pigarreou. Sempre pigarreava. — O grupo liderado por Enzo mandou informações de São Paulo.

— Alguma novidade?

— Fizeram uma varredura pela cidade, mas não conseguiram encontrar o rastro dela.

É claro que não encontrariam, idiota! Tive vontade de gritar isso na cara de Colin. Laura não seria encontrada dessa forma.

— Espero que não tenham feito nenhuma besteira por lá — falei sem humor.

— Oh, não senhor! — Colin respondeu de imediato. — Enzo sabe das ordens e como controlar seu grupo. Segundo sua última informação, conseguiram despistar um membro do clã em São Paulo, que os percebeu. Agora estão sendo mais cuidadosos.

Espero mesmo que sim. Qualquer problema por lá chamaria a atenção dos Di Feveré, principalmente se for relatado pela ramificação do clã de Salah, em São Paulo.

— Agora pretendem seguir mais para o oeste, Enzo acredita ser uma área promissora também — Colin confirmava a informação.

— Diga a Enzo para tomar todos os cuidados. Ele segue em direção do território de Solomon, que não é burro. Sua família é perigosa — sim, vampiros antigos e muito fortes. Apesar de estar em maior número, o grupo de Enzo pode cometer erros. — Mais alguma coisa, Colin? — estava enfadado pela presença do rapaz.

— Apenas uma, senhor — ele tossiu. — Recebemos reclamações de alguns clãs do Norte da Europa sobre invasões em seu território. O Megister entrou em contato enquanto o senhor estava, ahan, ocupado. Os Ekiiminus estão furiosos e os Obours também. Soubemos de problemas na Grécia, embora as lâmias não tenham comunicado nada oficialmente — prosseguiu. — É uma estranha movimentação do clã dos Asanbosans foi percebida na África pelo nosso mestiço de lá.

— Que movimentação? — isso era interessante. As outras brigas eram previsíveis depois da última reunião com os clãs insatisfeitos.

Collin desviou um pouco do meu olhar ao falar. Era um fraco.

— Parece que uma parte dos Asanbosans deixou a África recentemente, ainda com destino desconhecido. A ausência do líder, Jamal, foi sentida pelo nosso enviado, assim como de alguns de seus filhos e de mestiços do grupo.

Hmmmm. Isso parece promissor. Os Asanbosans não deixariam seu território à toa.

— Mande nosso homem ficar de olho e descobrir para onde foram. E avise Pietro que estou esperando pelos mapas, ele deve apressar-se — disse sem entusiasmo. — Pode ir agora.

— Sim, senhor — Colin saía, quando se virou novamente. — Ah, quase me esqueci.

Grande novidade!

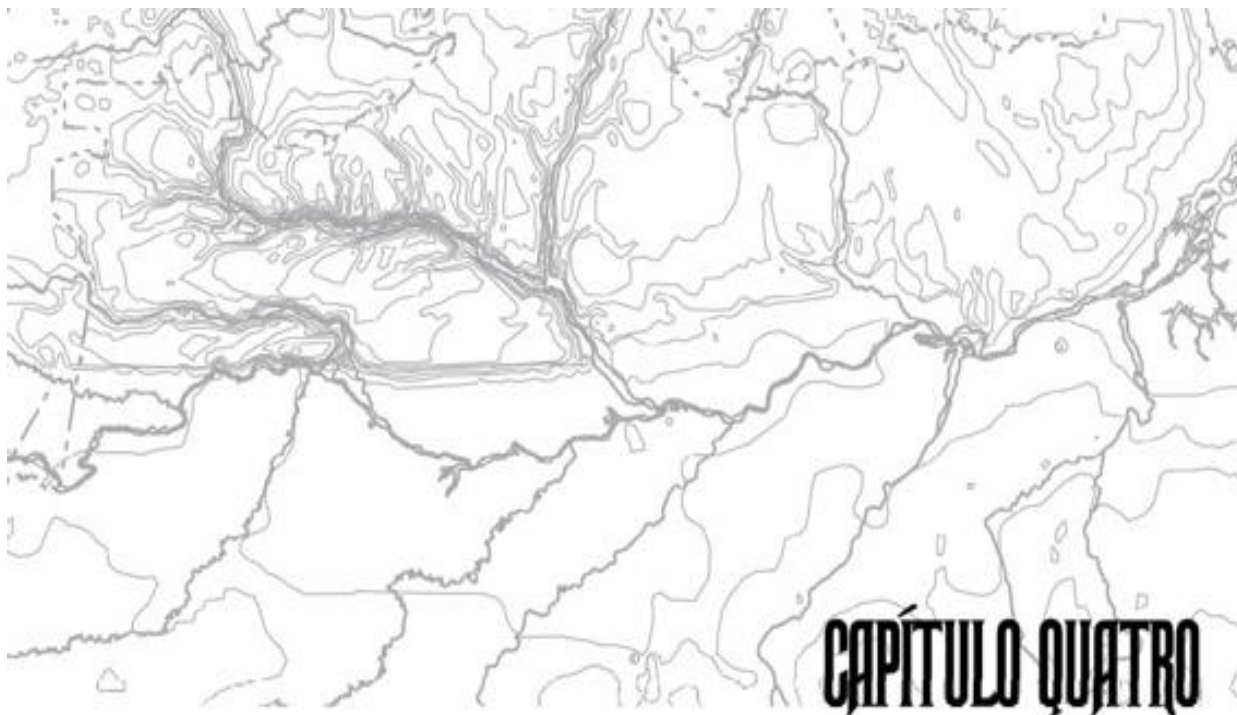
— O último relatório da evolução do projeto — entregou-me uma pasta. Depois saiu.

Na capa apenas uma palavra: *QUIMERA*. Bom, muito bom. Cliquei no *mouse*. A imagem gerada pelo circuito interno mostrava uma das salas do laboratório. Cientistas devidamente equipados monitoravam os grandes cilindros amnióticos ao longo do corredor, que deixavam à mostra o produto de seu desenvolvimento. Foquei o *zoom* em um deles. 133-Q, dizia o adesivo no invólucro, com suas devidas datas e fases de evolução. Olhei para seu ocupante. A forma quase adulta, em posição fetal, flutuava num mar de líquidos alaranjados, tendo minúsculos cabos conectados em seus membros fortes, tórax largo e na cabeça. O monitor cardíaco indicava o ritmo do batimento e as bolhas de ar que ele exalava mostravam que estava quase pronto. Recuei o *zoom*. Havia outros na mesma condição, a perder de vista pelo corredor, acompanhados por profissionais com trajés esterilizados de proteção.

Isso é bom. Não quero que nenhuma bactéria humana contamine o projeto. Caso acontecesse o oposto, bem, tínhamos o que era necessário para eliminar qualquer evidência. Os resultados dos últimos testes demonstraram isso diante dos meus olhos. Outro toque no mouse e a imagem seguinte foi a de uma sala, totalmente isolada com placas de titânio puro e uma janela de vidro blindado. Sua ocupante estava agitada e caminhava de um lado para o outro, arranhando o chão com as unhas das patas. Ela tinha visitas hoje e, como sempre, isso era o principal motivo de seu desconforto. Seus rosnados ficaram mais altos quando a porta se abriu e encarou aquilo que os sentidos já haviam alertado. Preparou o salto e o ataque, que seria fatal, quando o projétil certo atingiu seu pescoço largo e

peludo, vindo de uma das armas tranquilizantes utilizadas pelos membros da equipe, treinados para lidar com essa situação. Ela rosnou de novo e agitou-se a esmo, sem muita firmeza nas pernas, cambaleando e batendo o dorso contra as paredes. Mais um projétil a atingiu, desta vez no abdômen, e então estava terminado. Jazia inconsciente no chão. Após se certificar de que o tranquilizante fizera efeito, a equipe adiantou-se e, habilmente, várias ampolas foram se enchendo com o sangue grosso e rubi da hóspede, enquanto amostras de pelos e tecidos eram recolhidas com rapidez e precisão. Sorri. Lembrei-me de uma citação de Richard Dawkins: “...*a natureza não é cruel, apenas implacavelmente indiferente*”.

Oh, admirável mundo novo!



Livro Quatro – Capítulo Quatro

Aquidauna – Brasil – verão

*N*unca tinha visto um pôr do sol tão bonito quanto esse! Era impossível não admirar. O céu, antes de um azul claro e brilhante, aos poucos se tornava rosado, depois laranja forte até mergulhar num roxo que antecedia à noite estrelada do pantanal mato-grossense. O barulho dos pássaros que voavam sobre a minha cabeça, aninhando-se em tocas e galhos, e dos pirilampos e insetos noturnos eram altos. As delicadas flores noturnas do jardim de Shiloh se abriam e espalhavam o perfume no ar quente e úmido. Um espetáculo em todos os sentidos e para todos os sentidos, humanos ou não. O monjolo gorgolejava. Aqui, até a água parecia ter sabor para o paladar. O vento quente e úmido soprava acariciando minha pele e provocando arrepios. Para mim ele era frio, refrescante na verdade, e ajudava a controlar a sensação térmica do corpo, que ficava maior durante o dia. O vestido florido emprestado de Shiloh,

um tanto comprido demais, balançava suavemente em minhas pernas, enquanto meus cabelos soltos saboreavam a brisa da noite recém-chegada. Senti uma lambida em meu calcanhar e olhei para baixo.

— Oi, garoto! — falei para o grande cão negro de pintas brancas. — Está se sentindo sozinho? — Pintado ficava em pé nas patas traseiras e tentava lambe meu rosto. Choramíngava e os olhos azulados miravam além de mim. — É, eu sei, também estou me sentindo assim... — fiz um carinho em suas orelhas penduradas.

A casa estava quase deserta. Shiloh e Nazaré levaram Nelson, o mestiço novato, para mais um de seus treinos de caça. Olhei para a escuridão que se formava e me lembrei de quando tive que aprender a fazer isso. Teria ele repulsa, medo, nojo de si mesmo como eu? Ou aceitaria melhor sua natureza por ter nascido assim? Talvez eu soubesse quando voltassem, se é que voltariam cedo. Pelo que pude perceber, as duas mulheres queriam matar a sede hoje, por isso Shiloh deixou de lado o uso do soro de Carlo, que ajudava a inibir o desejo pelo sangue por mais tempo, e se prontificou a ensinar mais essa lição para o garoto paulistano. Nunca acompanhei o treinamento de um mestiço antes e Nelson estava se saindo muito bem, como se tudo fosse natural. Depois do susto pelo ataque sofrido em Campo Grande e da surpresa pelas explicações de Solomon e pelas minhas, o rapaz parecia estar se integrando ao novo *estilo de vida*. Isso sem mencionar o claro interesse pela bela Nazaré.

Sorri. A reação dele era a mesma de Eric quando Cínthia se aproximava. Eu revia o mesmo filme, mas com protagonistas diferentes. Solomon e Shiloh ainda teriam surpresas, podia apostar meu sangue com eles sobre isso. E atualmente minha cotação no *mercado negro* andava em alta, eu seria uma boa aquisição. Ri baixo de minha piada pessoal. Nazaré parecia gostar dele também, mas estava na defensiva. Encontrar um companheiro em meio à imortalidade era um desafio para todos os vampiros, sejam puros, metamorfos ou mestiços. Para a grande maioria, a solidão era uma amante ciumenta. Carlo era um exemplo: quase setecentos anos e ainda sozinho. Clementine também, mas no caso dela era uma opção. O sofrimento por perder a família a tornou assim. Josh e Morgana eram uma das poucas exceções de casais estáveis e Eric precisou

conhecer Cíntia para descobrir o amor. E Robert... Minha garganta se contraiu. Viveu mais de seiscentos anos sozinho, me viu pela primeira vez em São Paulo, esperou um ano até que eu fosse para Bristol e pudesse se aproximar, mesmo correndo o risco de não ser aceito quando a verdade viesse à tona. Se nenhum dos acontecimentos bizarros e surpreendentes que se sucederam tivessem acontecido, podia considerar nosso relacionamento como umas das exceções bem-sucedidas. Mas não agora. Isso não era mais possível. Senti um cheiro bom de café. Solomon aparecia com uma xícara fumegante na mão e um sorriso iluminado.

— Ah, você fica bem melhor de olhos castanhos, Laura — ele não se cansava de dizer isso desde que cheguei, há algumas semanas. — Aquelas lentes escondiam a beleza da noite em seu olhar — me entregou a xícara.

Sorri em retribuição. Meus cabelos ainda estavam loiros, mais compridos agora, e abandonei o uso das lentes. Aqui, pelo menos, não eram necessárias, podia esquecer meu disfarce por um tempo. Mesmo porque precisaria de outro em breve. *Bem, eu sempre quis saber como ficaria com cabelos ruivos e olhos verdes.* Beberiquei tristeza com sabor de café.

— E você continua o mesmo galanteador de sempre, Sólon — pisquei para ele. — Não sei como Shiloh ainda não te bateu com um rolo de macarrão.

— E acha que não? — seu riso alto retumbou pela varanda. — E não foi só com isso que ela tentou. Essa é a vantagem de se ter uma cabeça dura imortal. Não faz ideia da fera que se esconde por trás daquele rostinho bonito — fez uma cara de medo fingido.

Tive que rir da visão que me veio à cabeça. E a sensação foi muito boa. Estar com eles me fazia relaxar da tensão acumulada durante os últimos meses de fuga e reclusão. Olhei para a lua brilhante no céu, uma verdadeira pérola decorando o colo nu da noite. Pintado roncava alto, deitado aos meus pés. Suspirei. Solomon sentou-se e o cheiro de almíscar veio com ele. Meus sentidos não eram mais tão aguçados, mas o perfume de Solomon era facilmente perceptível. Seu olhar também estava pousado na lua e quase se podia ver as lembranças milenares passando pelas pupilas vermelhas.

— Será que vão demorar? — aponteí a serra escura. Nazaré comentou que era um bom lugar para caçar.

Solomon ficou em silêncio por um momento, apurando os sentidos para ouvir os sons no pantanal.

— Não estou ouvindo nada, devem estar longe. Acho que entraram pelo pantanal e seguiram a fronteira com o Paraguai. Há muita variedade de caça por lá. Principalmente onças pintadas.

Houve outro momento de silêncio. Pintado revirava as patas como se estivesse sonhando.

— Por que não foi com eles? — minha curiosidade estava aguçada.

Eu me sentia bem, passei pela pior fase da recuperação e logo poderia ir embora, apesar da tristeza que essa ideia provocava. Não havia necessidade de Solomon deixar de caçar para tomar conta de mim. Ele deu de ombros e esparramou o corpo pelo banco.

— Não tive vontade — dizia com suavidade. — Acho que estou ficando velho — e sorriu da própria piada. — Quando se faz a mesma coisa repetidas vezes por tanto tempo, deve ser natural achar a atividade tediosa... Ou odiosa — uma ruga se formou entre seus olhos e isso me fez analisar seu rosto com mais cuidado. — Sabe, Laura, depois que Carlo me entregou as primeiras amostras do seu soro, há quase setenta anos, não ter tanta necessidade de matar para viver me fez enxergar a existência por outro prisma. É claro que nem sempre me posso dar esse luxo. Somos o que somos. Mas é bom pensar que, pelo menos em parte, posso viver tendo escolhas.

Solomon fez uma pausa e olhou-me nos olhos. Algo em seu interior se agitava, querendo sair por eles, como vinho que transborda de um cálice muito cheio ao menor toque das mãos. Ele queria falar mais e manteve o silêncio, esperando.

— Quando era humano, e depois que me transformei também, vi muitas atrocidades serem cometidas. Na grande maioria dos casos os argumentos de seus praticantes eram um só: *não tive escolha* — seu tom ficou mais sombrio. — Muitos usavam essa justificativa por estarem cumprido ordens de superiores ou por motivos que julgavam convincentes e convenientes. Mas será mesmo que não tiveram? — voltou a olhar a lua. — Após a minha transformação, passei séculos

justificando meus atos através desse dogma. Imagine, Laura, ter que infringir constantemente aos outros aquilo que você mesmo sofreu na pele, sabendo o que cada uma de suas vítimas estaria sentindo ou pensando e tendo que contemplar seus olhos? — sua expressão se endureceu nessa hora.

Quantos fantasmas atormentariam a existência de Solomon? Eu sabia do que ele falava. Meu desespero ao descobrir que me tornara uma vampira, uma experiência impossível de esquecer, era pensar que poderia agir da mesma forma, fazer o que foi feito comigo. Eu não desejava isso a ninguém, e me empenhei ao máximo para me controlar e praticar o foco e a concentração necessários para impedir que os instintos me dominassem e virasse uma assassina. Um duro aprendizado. Quando Cínthia descobriu a verdade sobre mim e decidiu que queria o mesmo para poder ficar com Eric, eu relutei. Ela era minha filha. Como poderia aceitar que passasse por isso? E como ela estará agora? Respeitará o tempo que combinamos ou tomará as próprias voluntariosas decisões? Ainda seria humana? E se não fosse, tomariam conta dela, como cuidaram de mim? Ao meu lado, Solomon suspirava e seu tom de voz era lamentoso:

— Muito tempo se passou, tanta coisa aconteceu. Tive que encontrar Carlo numa noite, salvar sua vida num beco escuro e fedorento de Florença, movido por um desejo de reparação por tudo que eu era e fiz, para que seiscentos anos se passassem e ele me apontasse uma solução que pudesse apaziguar a minha consciência, mesmo de maneira incompleta — seu tom era amargurado. — Sim, incompleta, pois a redenção nunca viria — ele respirou fundo. — Não terá sido negligência de minha parte? Não podia ter feito alguma coisa antes? E se não tivesse salvado Carlo naquela noite? Tudo continuaria da mesma forma ou eu teria forças para descobrir, por mim mesmo, uma saída?

Engoli o ar por falta de saliva. Solomon se culpava. Ele era muito mais velho que os Fevré, seus milênios acumulando-se a cada dia, e em todo esse tempo nunca havia parado para tentar encontrar uma solução para seu tormento. Ela lhe foi entregue por terceiros. Vi o remorso misturado à necessidade de viver se estampar em seu rosto.

— Às vezes me pego pensando no mito grego de Édipo — imprimiu um tom filosófico à sua voz. — Ele foi vítima do oráculo de Delfos que o amaldiçoou antes de nascer, dizendo que mataria o próprio pai para se casar com a mãe, e quase morreu ao ser abandonado, recém-nascido, para que o vaticínio não se consumasse. Foi salvo por um pastor que o entregou aos novos pais, os reis de Corinto. Édipo cresceu, consultou outro oráculo, que também o alertou da maldição — suspirou diante da contradição. — Não querendo provocar tamanho crime hediondo, viajou para Tebas, sem saber que lá era sua terra natal, matou um viajante na estrada, ignorante de que era o rei Laio, seu pai, e após salvar a cidade da Esfinge destruidora casou-se com a viúva do rei, Jocasta, sem saber que ela era sua mãe.

O vento aumentou um pouco nessa hora e os grilos faziam ruídos ao nosso redor.

— Com ela viveu feliz, tendo vários filhos. Mas quando a praga assolou Tebas e o oráculo exigiu que o assassinato do rei Laio fosse vingado para salvar a cidade, as peças do quebra-cabeças se juntaram até que a verdade viesse à tona: o parricídio e incesto involuntário — Solomon levantou a mão no ar como se pegasse as palavras que pronunciou. — Jocasta se desespera e se mata, Édipo fura os olhos e se exila da sociedade assumindo a culpa por seus atos, todos involuntários — demonstrava a admiração pelo personagem mítico. — Mas mesmo assim os reconheceu como *seus*. Jamais alguém poderia criticá-lo, pois ele realmente não sabia de nada, foi uma vítima inocente do destino. Tinha todas as justificativas a seu favor e, entretanto, não fez nenhum uso delas — voltou a olhar para mim. — Então veja, Laura: Édipo poderia se safar, dizer que *não tivera escolha*. Quem o culparia? Nem eu, provavelmente você também não, e o resto da humanidade o inocentaria — seu tom de voz voltou a ficar triste. — Mas e quanto a nós? Será que os da minha espécie realmente não têm escolha? Mesmo que não furemos nossos olhos, será que podemos ter a mesma decência de Édipo? Apenas porque não somos humanos significa que a *humanidade* em nós deixou de existir ou deve ser renegada? Que saída escolher: a mais prática e fácil ou a mais difícil e que exige sacrifício?

Fiquei aturdida e confusa. Os Fevré possuíam fortes sentimentos de culpa pelo que tiveram que infringir a outros devido à sua natureza, nem sempre domesticável no princípio. Foram muitos os anos de controle e prática para conseguirem viver e conviver com o resto do mundo. Também conheci aqueles que não se importavam com o que suas vítimas sentiam ou sofriam. Eram apenas alimento, o gado de suas refeições. Mas nunca conversei o suficiente com Solomon antes para sondar esse tipo de perspectiva da sua alma. O desabafo dele me pegou de surpresa. Mesmo entre os Fevré, eu não havia sentido um remorso tão vigoroso. Talvez por serem mais jovens, como Carlo costumava dizer. O peso da idade parecia tornar o fardo mais duro de carregar.

— Uma pessoa não pode ir de um mundo ao outro sem sofrer as consequências — falei, tentando amenizar sua angústia repentina e meu medo latente. — Acredito que *essa parte* realmente não esteja em nosso controle, Sólon, e por isso certas *escolhas* fogem de nosso alcance por algum tempo. Cada um sabe das necessidades que possui e precisa atender. Mas concordo com você: buscar a humanidade que existe em nós, humanos ou não, pode ser a chave para muitas portas, mesmo que estejam trancadas no escuro — acrescentei devagar. — Carlo fez isso, e graças a seu esforço todos os que quiserem escolher possuem opções. E mesmo que a dúvida persista, não podemos deixar de tentar entender quem somos, porque estamos aqui, e porque o destino nos escolheu para isso, embora, por vezes, a venda escura insista em tapar nossos olhos — mirei a lua que se movia no céu. — Olhe para mim, sou um bom exemplo: já fui humana e uma vampira. E agora, o que sou?

Solomon me olhou, os olhos vermelhos como rubis brilhando em seu rosto moreno moldado pelo cavanhaque escuro.

— *“O que eu sou? Uma substância que pensa. O que é uma substância que pensa? É uma coisa que duvida, que concebe, que afirma, que nega, que quer, que não quer, que imagina e que sente”* — citou Descartes e sorriu. — Meu povo aprendeu a pensar que o coração era o centro de nossa alma. Sigo isso até hoje, apesar do tempo e de todas as dificuldades que ele apresentou — com delicadeza tirou uma mecha de cabelos que havia se espalhado pelo

meu rosto por causa da brisa da noite. — Aprenda a ouvi-lo mais, Laura, pois só ele mostrará sua essência real. Apenas ele nos dá a consciência do que somos e quais escolhas podemos fazer. Ser bom ou mau faz parte tanto da natureza humana quanto mitológica, não há privilégios. O que fazemos com essas escolhas é que determinam nossa pessoa. Razão e emoção devem coexistir, ou então sempre viveremos pela metade.

Foi impossível não comparar a afirmação de Solomon com a de Carlo em meu primeiro dia como uma vampira consciente na mansão de Bristol. A consciência parecia atormentar mais quando se era menos humano. Ou ser menos humano nos faria ter mais respeito pela vida? E como definir, de fato, o que era *humanidade* num ser? Pintado ressonou alto e Solomon passou a mão sobre seu pelo curto. O cachorro virou de barriga para cima e se deixou ser acariciado com satisfação.

— Eu tenho vivido mais de 3000 anos, Laura — falou com uma voz quase ausente, bem diferente do alegre Solomon. — Nasci durante o Novo Império do Egito, uma época áurea de prosperidade, e tornei-me um adulto no reinado da rainha-faraó Hatshepsut. Minha família era abastada e respeitada. Meu pai foi escriba real e por isso estudei com os escribas da corte. Me dedicava ao conhecimento das estrelas, astrologia, medicina, arquitetura, matemática, engenharia, tudo o que você pode imaginar que havia de mais moderno em tecnologia da época. E havia muita, pode acreditar, embora a humanidade tenha esquecido tudo. Eu era um apaixonado pela ciência! Convivíamos junto à realeza, adorando os deuses e seguindo o curso espiritual e rituais ditados por seus sacerdotes. Para os egípcios, o centro de toda a sabedoria e essência do ser humano era o coração.

— Sim, eu sei — respondi. — Sou historiadora da Arte, lembra? O Egito era matéria obrigatória na graduação.

— É. O coração — tocou o peito no local onde o seu deveria pulsar. — O coração, não o cérebro, era responsável por todos os atos, porque com ele os homens sentiam. Quando amamos, o coração dita as regras, mesmo que hoje a ciência afirme o contrário — balançou a cabeça como se discordasse. — Raiva, alegria,

tristeza, amor, ódio, seja qual for o sentimento nos fere primeiro o coração para depois clarear em nosso cérebro como conceito — fechou os olhos por um momento e depois os reabriu. — Durante o curso da história vi civilizações nascerem, florescerem e caírem. Grandiosas, belas, áureas! Inclusive a minha. Em todas, foi a razão — apontou a cabeça — que suplantou a voz do coração. Quando não há equilíbrio entre ambos, o colapso é inevitável. Uma nação que perde o coração destrói sua integridade, anula a compaixão e a capacidade de agir como um avatar de luz para outros povos, e com isso mergulha nas trevas do barbarismo e depois no esquecimento. O mesmo acontece com os homens. Não há consciência sem coração.

Ele respirou fundo por um momento os odores da noite. Suas recordações pareciam intensas.

— Em minha terra aprendíamos que, na jornada para o além-vida, nosso coração seria pesado por Anúbis no prato direito da Balança da Pesagem das Almas, enquanto Maat, a deusa da verdade, colocava sua pena no prato esquerdo. Durante o julgamento do morto, se seu coração fosse mais pesado do que a verdade representada pela pena, ele sofreria uma segunda morte nas garras de Amut, representado com forma de crocodilo e patas de leão — e estremeceu, como se essa história pudesse afetá-lo fisicamente. — Esse mal era necessário, pois, se a alma do morto não fosse absolvida e fugisse, se transformaria num Hari-Terut, um vampiro amaldiçoado de tumbas, uma besta hedionda sem controle. Por esse motivo, o coração era o único órgão não retirado durante a mumificação. A Sede da consciência não podia se separar do homem, na vida ou na morte, e usávamos orações e encantamentos que nos permitiam pedir ao nosso coração que não contradissesse nossas palavras no além.

— *“Não pratiquei pecados contra os homens. Não maltratei os meus parentes. Não obriguei ninguém a trabalhar para lá do que era legítimo. Não pratiquei enganos com o peso da minha balança. Não causei a fome de ninguém. Não pratiquei fraudes na medição dos campos. Não subtraí o leite da boca das crianças...”* — os versos brotaram da minha boca tão frescos como no dia em que os aprendi na faculdade. O olhar de Solomon brilhou.

— Ah, o Encantamento do Escaravelho! Sabia que ainda guardo o meu? Juntamente com uma cópia do Livro dos Mortos que mandei fazer especialmente para minha viagem? — sua voz voltou a ter mais alegria, a de quem compartilhava o maior de todos os desejos e aspirações. — Sim, *meu* Livro dos Mortos, com todos os 189 feitiços indicados pelos sacerdotes.

— Todos os 189? — fiquei espantada.

Devia ser a maior cópia do Livro dos Mortos Egípcio que existia! Havia visto, no Museu Britânico em Londres, o *Papiro de Any*, considerado o maior e mais bem preservado entre todas as cópias existentes. Mas mesmo ele não continha todos os encantamentos. Minha curiosidade profissional de museóloga falou mais alto e prometi a mim mesma que faria Solomon me mostrar essa raridade histórica um dia.

— Sim, todos! — respondeu orgulhoso. — Sabe qual era meu maior desejo naqueles tempos, Laura? Conquistar a vida eterna — balançou a cabeça num deboche. — Irônico, não? Esse era o objetivo de todos os cidadãos egípcios. O pavor que tínhamos pela possibilidade de perder a vida eterna movia cada ato, gesto, pensamento — o ar vibrava de eletricidade ao redor de suas palavras. — Quando consultei pela primeira vez os sacerdotes que confeccionavam o livro, não tinha dúvidas: gastaria até o último grama de ouro, cerveja e trigo que possuísse para levar comigo a certeza e a segurança de que minha alma continuaria a existir, após a morte do corpo físico; que poderia continuar vivendo na paz eterna do Jardim de Juncos, ou Campos de Iaru, como Osíris havia feito.

Era quase inacreditável estar sentada aqui, num tosco banco de madeira em meio ao pantanal do Mato Grosso, discutindo teologia egípcia com alguém que viveu no Novo Império. Quando se lê ou estuda, você tem apenas uma referência histórica da questão, mas nunca a emoção da devoção e fé que movia o indivíduo real, aquele que contemplou os ares de seu tempo. Ouvir Solomon falar de suas aspirações religiosas era diferente da experiência que tive nas conversas com Josh, Clem, Carlo e Robert. Tínhamos algo em comum: a cristandade. Apesar dos séculos de distância, nascemos sob a figura do Cristo salvador da humanidade, o mito do pastor e

seu rebanho, do filho de Deus que se sacrificou para livrar os pecados do mundo para que cada homem pudesse conquistar a vida eterna ao lado Dele no paraíso. Por mais de dois mil anos os cristãos vivem com esse dogma, então a empatia com as histórias deles era natural para mim. Mas, Solomon? Ele viveu numa época em que cada sentimento humano era representado por um deus diferente, onde demônios conviviam ao lado dos homens e podiam até mesmo ser cultuados. Viu o auge e a decadência de uma fé. Isso seria comparável a falar com alguém que tivesse assistido à crucificação de Jesus e depois presenciado o fim do cristianismo na Terra.

Para o povo egípcio, rituais, feitiços, lendas, profecias e encantamentos eram levados a sério e a fé seria testada até mesmo após a morte. Que, aliás, não era considerada de fato a morte definitiva. Esta aconteceria caso o indivíduo não superasse a Pesagem das Almas, então toda sua essência vital seria destruída e varrida desse e do outro mundo pela eternidade. Um pavor sem tamanho para qualquer um que vivesse nesse período da história antiga no Egito. Por isso, o extremo cuidado nos elaborados rituais de mumificação era fundamental para garantir a boa viagem do morto. Claro que não se pode negar a semelhança entre essa e outras mitologias religiosas do mundo. Muitos dos símbolos egípcios aparecem no cristianismo, islamismo, nas religiões orientais do Tibet e da Índia, principalmente a questão do paraíso para os justos, danação eterna para os pecadores, mandamentos, ícones como a balança da justiça e a pena da verdade. Mesmo a figura da Virgem Maria com o Menino Jesus era muito semelhante à da deusa Ísis amamentando seu filho, Hórus. E o que dizer de Osíris, em seu contexto de nascimento, morte e ressurreição? O tema é sempre recorrente. A humanidade recria conceitos preexistentes, adaptando-os às suas necessidades imediatas, sejam elas motivadas pela fé ou conveniência. Qualquer estudioso em história, antropologia ou outra área ligada ao conhecimento do estudo da humanidade pode explicar esse fenômeno. Mas ter uma experiência relatada por uma testemunha ocular é muito diferente. Tudo na voz, na postura e nos traços de Solomon fazia a mente viajar, como numa máquina do tempo, para o passado: as grandes pirâmides de Gizé, os mercados

de Tebas, os templos de Karnak e Philae com suas procissões repletas de cânticos e louvores às margens do Nilo.

Por um breve instante, porém intenso, eu *me vi* em meio a toda a agitação dessa realidade, os cheiros fortes de especiarias, trigo e cerveja, e os sons de palavras estranhas para mim, num idioma desconhecido. Uma parte destacada da minha mente acompanhava tudo como num filme, os detalhes enchendo meu campo visual, olfativo e auditivo. Se estendesse minha mão, poderia tocar os objetos brilhantes nos altares de pedras polidas e sentiria a maciez das peles quentes e bronzeadas das pessoas que oravam. Como uma miragem, mas muito real, uma figura vestida numa túnica branca, adornada por pingentes de lápis-lazúli, destacou-se. Levantou nas mãos uma peça circular, de ouro, e colocou-a em um altar onde a luz do sol incidia. O brilho da joia cegava o observador, uma intensa luz vermelha banhou o local. O som da voz de Solomon me trouxe de volta num rompante, a mente desfocada, e um arrepio eletrizante percorreu minha coluna. Ele continuava sua história, parecendo não ter percebido meu súbito devaneio.

— No reinado da rainha Hatshepsut, enquanto era construído seu fabuloso túmulo no Vale dos Reis por seu arquiteto, e amante, Senenmut, um antigo ritual voltou a ser praticado: o Festival da Bebedeira, em honra da Deusa Mut — ele me olhou divertido. — Você pode compará-lo com o carnaval brasileiro para ter alguma ideia, apesar de as intenções serem bem diferentes. O Festival da Bebedeira visava aplacar a ira e criar uma identificação com Mut. Segundo a crença, o deus Rá, senhor dos deuses, mandou que sua filha Mut, a deusa abutre, destruísse a humanidade — gesticulou para o céu. — Mas logo se arrependeu da decisão e usou um ardil para dissuadir a filha: pegou tonéis de cerveja e mandou tingir de vermelho, para que Mut pensasse ser sangue humano e bebesse. Com isso, a deusa ficou embriagada e a humanidade foi poupada de sua fúria. O festival começava com uma procissão através do rio Nilo com a estátua da deusa e ladainhas que invocavam o medo e o temor por Mut. Os cânticos assumiam proporções hipnóticas e a cerimônia terminava em grandes orgias, banhadas a muita cerveja em seu templo, onde, claro, ninguém era de ninguém.

Já imaginava isso. Em quase todas as nações do mundo antigo, festas religiosas ao redor de muita bebida terminavam em rituais de fertilidade.

— Em meados do reinado da rainha, num desses festivais, encontrei meu destino — Solomon buscava uma dura recordação. — Não conseguiria explicar muito bem o que houve, estava bêbado como um camelo. Lembro-me de uma bela mulher, a sedução na escuridão, o rosto que é um mistério para minha memória, a dor da mordida e do gosto de sangue em minha boca. Depois daquela noite, os dias, anos, décadas foram turbulentos — olhava para a lua, agora em outra posição. Era madrugada. — Nunca descobri quem era ela. Rodei o mundo e não tive sequer a menor impressão de encontrá-la. Não que isso represente alguma coisa ou tenha importância. Sou feliz e amo Shiloh. Apenas fico pensando por que ela não me deixou morrer simplesmente, porque me transformou, me escolheu. Que motivos teria para fazer isso. E enigmas sempre me deixaram curioso.

Era bem a cara de Solomon agir dessa forma. Em Bristol, durante minha conversão, ele, Carlo e Jamal procuraram respostas em várias fontes até encontrarem uma explicação mais lógica e aceitável para o que aconteceu.

— Bem, com tudo o que tem acontecido ultimamente, meu amigo, quem sabe ainda não tenha oportunidade de decifrar mais esse mistério? — coloquei um tom leve nessa observação.

Movi o corpo, sentindo-me desconfortável. A estranha sensação de ausência não me abandonou, era como se estivesse em dois lugares ao mesmo tempo. Não sabia se tinha sido o efeito da voz de Solomon ou suas histórias, mas continuei vendo coisas relacionadas ao passado: uma mulher, alta e impressionante, a face difusa, inconstante, seus olhos ocultos pelas sombras de uma escadaria de pedras, o cheiro pungente da cerveja doce egípcia e do sangue, misturado aos sons de risadas e cantigas. E outra vez o misterioso círculo dourado que brilhava como um sol. Decidi me concentrar em algo recente para escapar dessa letargia: a vampira de Campo Grande. Quando pensei sobre ela, minha mente clareou do torpor.

— E falando em mistérios — sacudi levemente a cabeça —, isso me fez lembrar da nômade que nos atacou. Você foi até o Parque das Nações verificar, mas não me contou o que descobriu.

— Na verdade, não muita coisa — lamentou. — Os produtos de Carlo acabam com os vestígios muito rapidamente e durante aquela madrugada choveu na capital. Isso acelerou o processo. Só pude reconstituir vagamente alguns dos lugares por onde passou. Ela veio da região sudeste, talvez São Paulo ou Rio de Janeiro, pois havia uma trilha que apontava naquela direção. Era alguém totalmente desconhecido.

Senti um arrepio quando ele falou sudeste. Será que ela veio atrás de mim? Uma nômade me seguiu? Lembrei-me do mestiço no bairro da Liberdade e da luta que se seguiu entre nós. O olhar de Solomon entendeu meu receio.

— Laura, tem mesmo certeza de que estão atrás de você? — sua pergunta era calma, mas havia a nota de preocupação. — A história que nos contou... Deuses! Se for mesmo verdade o que está supondo, então temos um problema enorme nas mãos — Solomon falava apenas com ele nesse momento.

— Não estou supondo Sólon, eu sei! — afirmei com convicção. — As mortes, os ataques posteriores à conversão, a ameaça na minha casa na Inglaterra. Tudo se encaixa. De alguma forma, Avelar e seus nômades sabem e estão atrás de mim. Mas o que pretendem fazer se me pegarem é algo que não sei explicar. Não consigo entender que tipo de utilidade eu teria — abaixei a cabeça. — E, além disso, não precisa se preocupar com nenhum problema, meu amigo. Não pretendo ficar por aqui e trazer nômades ou qualquer outro perigo que possa ferir vocês. Nos próximos dias já estarei longe — senti uma pontada de angústia ao falar.

— Laura, por favor — Solomon pedia. — Entendo suas motivações, não as censuro. Mas pense bem: o que poderá fazer sozinha? Você tem armas a seu dispor, sabe lutar, pode despistá-los e fará isso, mas até quando? E se algo acontecer sem que nenhum de nós esteja por perto? Não pode contar com o acaso de encontrar alguém como Nelson para ajudá-la — Solomon movimentava as mãos para reforçar as palavras.

Olhei para a lua, lutando para impedir que as palavras provocassem o efeito que não queria: a vontade de ficar. Um desejo intimamente ligado a querer aplacar a dor em meu coração.

— Isso sem mencionar a preocupação dos outros em Bristol. Não faz ideia da angústia de Robert por não ter notícias suas.

Senti o bolo se formando na minha garganta.

— Não acha melhor avisá-los? Juntos podemos defender você, escondê-la e protegê-la, se for o caso, até pegarmos esses desgraçados...

— E quantos terão que morrer para garantir minha proteção até lá? — interrompi. Sabia o rumo dessa conversa e qual era a intenção dele. — Solomon, *eu vi* o que Avelar está disposto a fazer. Os pais de David foram só um aviso, mais gente vai morrer se eu ficar por perto — minha voz subiu uma nota. — Acha que não estou sofrendo também? Que tenho andado por aí, esse tempo todo, tranquila e sorridente, como se nada estivesse faltando? Que não penso em Cínthia e em como ela deve estar se virando sem mim? Se está com raiva por eu ter sumido, achando que a abandonei? Logo eu, que sempre estive ao lado dela o tempo todo?

Toda a dor que lutava para conter, de repente, veio à tona num jorro. Olhei para o vampiro à minha frente e o acusei:

— Acha que não faço ideia da dor de Robert? — o nome doeu em minha boca e o coração deu um salto. — Que não sinto falta *dele*, Solomon? E a minha dor? *Eu* tive que deixá-lo! *Eu!* — sentia que iria sufocar. — Acredita que não há um minuto sequer em que não pense, lembre ou deseje que tudo pudesse ser diferente? Eu... simplesmente... é insuportável... ficar longe dele...

A voz engasgou e não consegui mais falar. Segurei os cotovelos, tremendo. Não pude evitar as lágrimas, enquanto os soluços brotavam com força. Como Solomon podia pensar que eu não sentia falta de Robert? Ele era tudo o que eu queria ter agora, com quem gostaria de estar e por quem meu coração implorava a ponto de sufocar. Eu queria respirar, mas meu ar estava com ele. E, sem fôlego, me obrigava a seguir. O ar do mundo não era suficiente para que eu respirasse em paz.

— Você não faz ideia da minha dor! — retruquei com raiva. — Do sofrimento e solidão pelos quais tenho passado. Não posso dormir sem que o rosto dele apareça em meus sonhos, e várias vezes me pego ouvindo a voz de Robert chamando, implorando para saber onde estou — as lágrimas eram mais grossas agora. — Eu gostaria de acreditar que o pensamento dele pode encontrar o meu, como era antigamente, mas sei que isso não é verdade, esse elo se foi. Eu perdi tudo Sólon, tudo — um gemido fino fazia as vezes de voz. — A dor me faz ter essas alucinações, apenas para que meu espírito sofra ainda mais! Para me torturar com aquilo que não posso ter... — encarei seus olhos. — Por isso, não fique me julgando, achando que basta apenas uma decisão minha e pronto. Você não sabe de nada!

Solomon não falou. Apenas passou o braço frio pelos meus ombros. Deitei a cabeça no seu. Chorei por muito tempo, eu acho, pois ouvi o som de um galo cantando. A madrugada estava acabando. Passamos a noite toda do lado de fora. Por fim, levantei a cabeça. Estava completamente vazia, por dentro e por fora. Sentia os olhos arderem pelo choro e falta de sono.

— Desculpe, Sólon — estava envergonhada. Não tinha o direito de acusá-lo assim. — Não queria ficar nervosa com você. Tem sido um bom amigo, muito mais do que eu merecia, na verdade. Não quero aborrecê-lo com as minhas fraquezas. Você teria todo o direito de avisar os outros, sei da sua lealdade e da amizade que tem por Carlo e que não deve ser agradável esconder isso — falava sem parar. — Não sou sua responsabilidade, e sim do clã dos Fevré...

— Shhhhhh. Pare com isso, agora! — Solomon advertiu, os olhos marcantes nos meus. — Minha amizade com Carlo e com os Fevré não me impede de julgar eu mesmo os fatos e tomar decisões. O mesmo se aplica à minha família. Você me pediu um voto de confiança e ele se justifica. Não trairia isso, Laura — continuou, calmo agora. — Só penso que muito sofrimento poderia ser poupado se nos deixasse ajudar. Posso entender que não queira envolver Robert e os demais, eles estão no olho do furacão. Você perdeu pessoas importantes, mas essa luta é grande demais para enfrentar sem apoio. Pelo menos, considere a possibilidade antes de decidir sumir outra vez.

Era difícil contrariar Solomon. Seus argumentos, sempre muito convincentes, eram fáceis de aceitar sem questionar. As últimas semanas foram reconfortantes. O apoio, as conversas com Shiloh e Nazaré, a amizade que brotou entre mim e Nelson, uma proximidade causada pela necessidade de um momento. Mas não podia me dar a esse luxo. A família de Solomon correria o mesmo risco. Prometi suportar a solidão e a ausência dos que amo se fosse pela segurança deles e assim faria. Um momento de fraqueza é apenas um momento. E ele passa.

— Não vou prometer o que não posso, Sólón. Sei que não devo concordar com o que me pede. Enquanto as coisas estiverem calmas por aqui, ainda posso ficar. Mas será por pouco tempo, fique avisado, meu amigo — olhei dentro de seus olhos. — E espero que entenda e aceite quando eu me for.

Ele não respondeu. Apenas o sorriso triste mostrou sua insatisfação. Por detrás dele o céu clareava num tom amarelado, refletindo as nuvens azuis escuras. O som dos pássaros começou a tomar conta do ambiente e Pintado rolou, acordando e resmungando, se esticando todo. Depois ficou nas quatro patas e pulou nas pernas de Solomon, abanando o toco de cauda. Ele choramingava como uma criancinha.

— Fique calmo, garoto — Solomon acariciou sua cabeça. — Nazaré já está chegando. Ela vai dar o seu café da manhã — fitou a serra com olhos agora castanhos.

Segui a direção do olhar. Não havia nada, mas o tom de Solomon me deu certeza de que estariam perto. E como confirmei, minutos depois, as formas esguias de Shiloh, Nazaré e Nelson, vestidos com roupas pretas, vieram rapidamente pela porteira. Os cabelos de Nelson estavam bagunçados, sujos de folhas e lama, e sua camiseta tinha rasgos nos ombros e mangas, ao contrário das formas impecáveis delas. É sempre difícil caçar no princípio sem fazer alguns estragos. Observei melhor a figura de Nelson. Fazia algumas semanas apenas, mas desde que chegamos ele sofreu uma grande mudança. Estava mais alto, mais musculoso também, o corpo adquiriu um *quê* de imponência e ele se mostrou forte, incrivelmente forte, mais do que me lembrava de Eric ser. Seus sentidos haviam evoluído

muito. Nelson sentia cheiros, ouvia e via a grandes distâncias e corria a uma velocidade impressionante. Chegou a ganhar de Solomon duas ou três vezes e sua agilidade em saltar e lutar pareciam natas.

E, apesar disso, o olhar e o sorriso ainda eram do mesmo garoto adolescente que encontrei no Parque das Nações, na noite em que, sozinho — minha ajuda foi teórica — e sem nenhuma experiência anterior, conseguiu dar cabo de uma vampira. Nada mal para um mestiço iniciante. Às vezes, tinha a sensação de que Nelson escondia algum segredo. Quando conversávamos, ele se mostrava arredio sobre os motivos que o levaram a sair de São Paulo, deixar a avó, única parente, e vir para cá. Embora fosse um detalhe curioso, não havia como não gostar imensamente dele. E ali estava, com os olhos grudados em Nazaré, que desejava um bom dia. Pintado a seguia até a cozinha, pulando e choramingando. Era tamanha a concentração em observá-la que ele não percebeu uma pedra grande, das muitas que Shiloh usava em seus jardins, até que desse com o pé nela e caísse no chão. Solomon caiu na gargalhada, e eu também. Nelson levantou-se rapidamente, sem jeito e vermelho como um tomate. Nazaré era o ponto fraco dele, capaz de atrofiar todos os seus sentidos. Shiloh abraçou e beijou o marido com vontade. A caçada da noite com certeza estimulou a todos e o beijo foi ardente. Tive que desviar um pouco os olhos, com uma pontada de tristeza.

— Hmmmmm — Solomon sufocava as palavras. — Nem preciso perguntar se vocês se divertiram, já deu para perceber — e se perdeu acariciando os cabelos negros dela.

Shiloh recostou a cabeça em seu peito e riu, satisfeita e feliz.

— E quanto a você, meu rapaz? — Solomon bateu a mão nas costas de Nelson. — Espero que não tenha exterminado toda a fauna do pantanal numa noite! Não seria bom responder a nenhum processo de violação ambiental por aqui — riu satisfeito.

Solomon se referia ao fato da força descomunal de Nelson necessitar de muito alimento. Por sorte, ele também comia a comida humana normal. E como! Assim que Nazaré voltou, trazendo o cesto de pães frescos, imediatamente pegou dois, não sem antes dar aquela olhada nela. Nem parecia ter passado a noite na caçada.

— Tome, Laura — ela me ofereceu os pães. — Trouxe um café para você também.

Ficamos sentados na varanda. Pintado rolava sobre o pão e Shiloh contava os detalhes da caçada. Como Solomon previu, eles foram até o Paraguai.

— Deviam ter visto Nelson caçar! — ela dizia. — Certo e preciso. Uma onça não teve tempo de perceber o que a atingiu! Se não fosse redundante, poderia dizer que ele nasceu para isso! — sorria para o garoto, que ficava vermelho.

Mas o embaraço durou pouco. Logo em seguida, Nelson ficou pálido e sua cabeça se voltou agressivamente para a porteira da fazenda. Os outros fizeram o mesmo e até Pintado latiu. Senti o familiar formigamento e arrepio na nuca e apertei a mão na mesa.

— Não são estranhos, são amigos. Parece que temos visitas inesperadas hoje — vi Solomon relaxar e levantar-se.

De fato, tínhamos. Duas figuras se materializaram à nossa frente. Uma delas eu já conhecia, os cabelos encaracolados e olhos pretos numa pele pálida. A outra era nova. Por um momento, pararam no terreno aberto, ao lado das rosas de Shiloh, e então José cumprimentou:

— Bom dia, Solomon — falou com sua voz enigmática de sempre. — Shiloh, Nazaré.

Olhou para Nelson, com o olhar desconfiado. Afinal, ele era um estranho. Nelson também não baixou a guarda. O instinto de defesa agora era forte. Qualquer movimento suspeito e não duvido que ele saltasse sobre a mesa e atacasse quem quer que fosse. Desviando um pouco o olhar, José me encarou.

— Olá, Laura. Fico feliz em encontrá-la aqui. Achei que não estaria mais com a família de Solomon.

— É bom ver você também, José — olhei para a estranha a seu lado.

— Bom dia para todos — a voz tinha um tom infantil e forte sotaque carioca.

Era jovem, pele pálida, cabelos negros curtos na altura das orelhas e olhos de um azul cinzento. Não era muito alta, usava *jeans*, camiseta, tênis e carregava uma mochila, assim como José. Ambos

poderiam ser confundidos com praticantes de trilha. Os outros deviam conhecê-la, pois Shiloh e Nazaré a cumprimentaram de imediato.

— Bom dia, Cecília. Faz muito tempo que não vem nos visitar, garota! — Solomon a repreendeu e deu um abraço de urso na vampira. Estendeu a mão para José. — É sempre bom ter você por perto, José.

— Obrigado, Sólon, e desculpe não ter avisado da nossa chegada — adiantou-se para aceitar o aperto de mão. — Não tivemos muito tempo hábil e achei melhor vir assim que Cecília chegou do Rio de Janeiro.

Aquilo me preocupou. Em experiências anteriores, quando vampiros de outra região chegam sem avisar, era encrenca na certa. Isso teria alguma relação comigo? Ainda estariam me caçando em São Paulo e o problema ficou tão grande a ponto de José pedir ajuda? Não, não fazia sentido. Se esse fosse o caso, a solução mais óbvia seria que Solomon e os outros fossem para lá, não o contrário. E por que uma vampira do Rio de Janeiro estava aqui? E onde estava Bernardo? Solomon acenou afirmativamente para os dois.

— Então vamos entrar, amigos. O que tivermos que discutir é melhor que seja lá dentro. — fez um sinal para os recém-chegados.

Num movimento fluido e elegante, entraram pela porta principal. Fiquei na varanda por alguns segundos humanos e percebi Nelson parado.

— O que foi? — seu olhar ainda era desconfiado.

— O cheiro dele... Esse cara é de Sampa? — perguntou confuso.

— Sim. Pertencem ao clã de Salah também — expliquei. — Tem outro, Bernardo, mas ele não veio.

Nelson deu um assovio fino e depois sorriu com certa tensão.

— Pai Oxalá! O que mais falta acontecer agora? — falou num misto de surpresa e resignação.

Você nem faz ideia, Nelson.

— Vamos entrar. O assunto deve ser sério.

Repassava mentalmente quais seriam esses possíveis motivos quando ouvi o celular de Solomon tocar.

— Carlo! — ele exclamou. — Saudações, meu amigo. Muita neve por aí?

Congelei meu passo e senti o coração parar. Olhei para Solomon. Ele me fez um sinal para que ficasse calma, mas meu coração voltou a bater descompassado e não queria obedecer. Shiloh passou os braços pelo meu ombro e sussurrou:

— Calma, ele não vai dizer nada. Ninguém vai falar que está aqui. Só se você quiser.

Solomon deixou a sala com o telefone. Apertei as mãos com força e sentei pesadamente na cadeira. Todos olhavam para mim preocupados, apenas Cecília parecia não entender o que se passava. *Deus! Eu preciso sair daqui! Não posso mais ficar.* Carlo estava ligando. Mesmo que Solomon não dissesse nada, ele era esperto e podia desconfiar de algo. E diria aos outros. Diria para Robert. Ele viria atrás de mim! E se os Fevré se movimentassem para fora do território a Ordem saberia. Avelar mandaria seus nômades! Robert poderia ser rastreado, ao contrário de mim.

— Shiloh... — estava rouca. — Eu tenho que ir embora, agora, já!

— Não, não vai a lugar algum — falou com a voz dura.

— Não posso ficar, eles vão me achar. Não entende? Carlo vai desconfiar...

— Não vai não, querida, acredite. Solomon pode enganar quem ele quiser — dizia suavemente, me fitando com seus olhos de azeitona. — Vamos esperar. Não coloque os carros na frente dos bois, Laura — apertou minha mão na sua.

Nesse instante o telefone da casa tocou. Dei um pulo da cadeira. Shiloh acenou para Nazaré. Nelson e os outros apenas olhavam, todos tensos.

— Alô? Sim — Nazaré dizia. — Sim, Jamal, ele está, mas em outra ligação.

Jamal? *Jamal?*

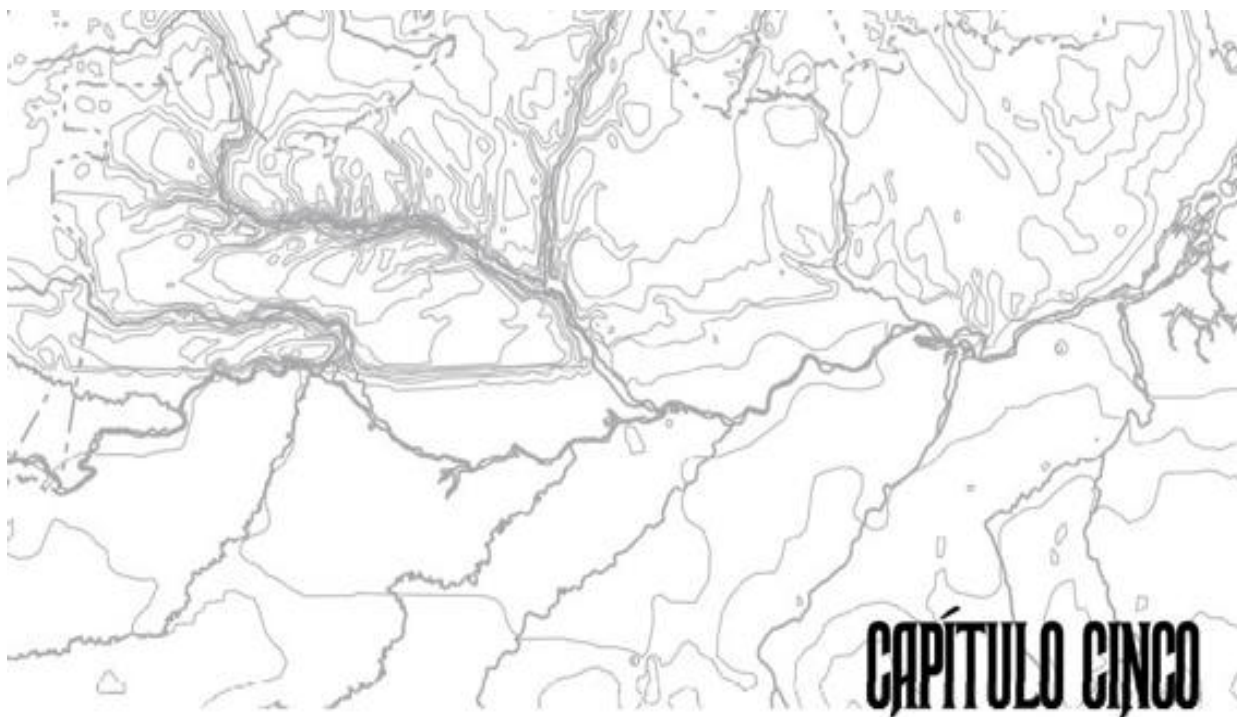
— Certo, direi a ele. Estaremos aguardando — desligou e virou-se para Shiloh. — Jamal e seus filhos estão vindo pra cá. Chegarão em dois dias. Disse que precisa falar pessoalmente com o pai. E que é importante.

Pisquei, totalmente confusa. O que acontecia aqui e eu estava perdendo? Toda essa movimentação era mais do que estranha, principalmente se considerar que os clãs são territorialistas e não

gostam de se locomover a grandes distâncias. De onde estava, não podia ouvir a voz de Solomon. Mas, mesmo sem escutar uma palavra, um pressentimento me dizia que o foco de toda essa estranha movimentação estava em mim. O suor escorria e meu corpo era uma verdadeira mistura de cheiros na sala. Cecília aspirava o ar discretamente e me olhava espantada. Lançou para José um sussurro baixo:

— É mesmo verdade? O boato...? Ela...? — seus olhos azulados se arregalaram.

Ao contrário do esperado, ouvi o caminhar de Solomon em ritmo normal, humano, arrastado, como se não tivesse pressa em voltar à sala. Quando apareceu, seu rosto estava sombrio e distante. Doze pares de olhos o encaravam fixamente. O silêncio da casa era o de uma bolha acústica no fundo do oceano. De dentro dela, só se ouviam os latidos de Pintado.



Livro Quatro – Capítulo Cinco

Copenhague – Município de Glostrup – Dinamarca – inverno

As pessoas fugiam do frio e da neve que cobria os arredores da Glostrup Station. Os olhares assustados demonstravam que não era mais seguro ficar nas ruas do condado de Copenhague. Andavam em grupos maiores e os passos eram apressados. Quem não estava em casa procurava chegar rápido antes que anoitecesse — o que, nessa época do ano, era complicado, pois escurecia mais cedo — apesar da boa iluminação pública que diminuía a escuridão para não incomodar os humanos. As luzes artificiais eram desnecessárias a mim e aos outros: podíamos observar cada detalhe da construção, o prédio de tijolos vermelhos, as janelas brancas, o telhado antigo, o relógio marcando o andar das horas, as entradas e saídas com suas grandes portas e as cabines telefônicas espalhadas pela área, além

das árvores e dos arbustos desfolhados pelos rigores do inverno. O movimento de chegada e saída dos trens era metódico e lamentoso.

A estação era passagem obrigatória para os que faziam de Glostrup sua rotina diária, levando a população trabalhadora, às vezes, para outros municípios. Glostrup não era nosso território de caça. Para isso, havia as regiões mais afastadas de Copenhague e as zonas rurais do restante do país, e todos tomavam cuidado em não chamar demais a atenção. Era assim que mantínhamos nossa existência à parte dos olhos humanos e cuidávamos da fronteira. E por isso estávamos aqui, hoje: essa cidade foi invadida. Nosso território profanado. Exatamente como há três anos. Só que agora era diferente: os corpos, ao contrário de antes, estavam desaparecendo a uma velocidade alarmante, sem deixar vestígios. Pelo menos, para os policiais humanos. Para nós, era claro: *outros* estavam agindo, se alimentando e escondendo as evidências, o que descartava a possibilidade de serem neófitos selvagens como os que enfrentamos da última vez. Esses eram experientes, vorazes, sabiam exatamente o que faziam. As TVs e jornais locais mostravam os nomes dos desaparecidos. Famílias procuravam por seus filhos, maridos, esposas, parentes. Nós também nos alimentávamos deles. Os humanos eram nosso sustento. Mas há séculos aprendemos que não seria necessário matar para sobreviver. Nosso trabalho era limpo, impecável, e nossas vítimas contavam com o alento de terem as memórias apagadas, levando a vida normalmente, mesmo sentindo que havia um buraco nelas. Que, por algum *motivo estranho*, não conseguiam se lembrar de como chegaram em casa após a bebedeira do sábado à noite, ou porque dormiram sobre o monte de feno do celeiro ou tinham machucado o pescoço.

Cuidávamos do que era nosso, sem chamar a atenção e sem a necessidade de homicídios. Cumpríamos nossa parte no Acordo da Ordem. Mas agora algo estava acontecendo, muito mais sério e perigoso, e que poderia nos levar novamente ao Conselho. Ainda me lembrava do último: um verdadeiro circo, uma peça cômica sem precedentes na nossa história. E que, segundos nossos amigos em Bristol, poderia ter sido armado para nos emboscar. Do alto do prédio em frente à estação, com suas claraboias em forma de pirâmides de

vidro, eu observava o movimento quando senti o cheiro ao meu redor. Nossos reforços chegavam. Mais uma vez.

— Garret, Leona — cumprimentei lentamente.

Pude ver Artur e Varínia, vestidos de preto, se posicionarem entre os andaimes das construções de reforma da estação, agora vazios, que proporcionariam disfarce e visão privilegiados. Outros também estavam por lá. Não podia ver suas formas, mas sentia seus odores.

— Derek — Garret me cumprimentou também. — Espero que tenhamos vindo a tempo. Detestaria perder a pancadaria — torceu os dedos das mãos. — Há quanto tempo isso vem acontecendo?

— Algumas semanas — informei. — No começo, pensamos se tratar de desaparecimentos humanos normais. Muita gente some todo ano sem a nossa ajuda — olhei significativamente. — Sabe que não violamos o centro das cidades, Garret. E todas as pessoas que sumiram ou estavam na estação ou próximos daqui.

— Nenhuma evidência? — Leona interrogava. — Nenhum corpo, nada para pegarmos um rastro?

— Nada. Os corpos devem ser muito bem desovados — confirmei.

— Trabalho de profissional, então — Garret sussurrou e seus dedos correram pela barba vermelha. — Não poderiam ser aqueles bastardos do norte outra vez?

— Não, os poucos vestígios encontrados não eram dos Leviatãs.

Ainda me lembrava da última confusão com Amos e seus irmãos, quando a fronteira de nossas terras foi invadida. Amos se desculpou — apesar de Garret querer partir a cara do vampiro albino —, dizendo que havia errado o perímetro. O que não convenceu a nenhum de nós, na verdade.

— Se não foram os Leviatãs, quem poderia ser? — Leona perguntava com sua voz fina e baixa, como de uma criança.

— Não faço ideia. Tudo o que posso dizer é que ninguém de nosso clã reconheceu o cheiro. Não parece pertencer a essa região — completei. — E tem outra coisa muito estranha.

— O quê? — Garret levantou os olhos.

Olhei de forma desconfortável para o gigante ruivo que se plantava a poucos metros de mim, apoiado numa calha. Mesmo agora a

informação remexia na minha cabeça e provocava sensações incômodas.

— O cheiro que encontramos... Do pouco que conseguimos dele na verdade... Parecia se dissolver no ar e sumir. Como se o vampiro tivesse estado ali e, de repente, *puf!* — fiz um gesto com as mãos. — Evaporou-se! Virou fumaça.

As sobrelhas de Garret se arquearam e Leona me fitou, surpresa. Não era o tipo de informação que agradou a eles. Nesse instante, outra forma deslizou pela claraboia envidraçada.

— Saudações, amigos! — Lorelai exclamava. — Bem, Derek, parece que teremos um pouco de ação para variar — me deu um sorriso estonteante.

Sorri para a vampira ruiva da Noruega. Nunca deixava de me sentir animado com a presença dela, embora desejasse, secretamente, que a proximidade fosse maior, e não apenas trabalho. *Veja se cria um pouco de coragem, Derek, seu idiota! Afinal, mesmo com a eternidade, vai que a fila ande e você fica chupando o dedo?* Lorelai era bonita demais para permanecer sozinha para sempre.

— Também é bom ver você, Lore.

Ah, se a situação fosse diferente... Seria muito estranho de minha parte convidar uma vampira para jantar? Afinal, uma demonstração de cavalheirismo podia ajudar nessa questão, em particular. *Pare com isso, Derek! Concentre-se! Você não está aqui à toa hoje. A responsabilidade pelo clã da Dinamarca é sua.* Os outros moveram-se silenciosamente nas sombras, procurando novas posições nos prédios próximos.

— Bem, como cheguei atrasada, poderiam me dizer o que está acontecendo? — Lorelai pediu e Leona se encarregou das novidades. Mesmo preocupado e atento, era bom ouvir o som de sua voz.

Lá embaixo, o fluxo de pessoas diminuía gradativamente à medida que lotavam os trens. E esse ritmo se manteve inalterado até que, antes das dez horas da noite, quase não havia ninguém por lá. A neve voltava a cair e o vento era mais forte, balançando os galhos secos das árvores.

— Tem menos gente agora — Garret comentou. — Seja quem for, deve ter percebido nossa presença e não botou a cara para fora.

Covardão! — cuspiu longe.

Balancei a cabeça para concordar. Com a neve que caía, uma névoa se formava pelo chão da estação de Glostrup. Eu não teria prestado muita atenção nela — o contato da neve congelada com o solo à temperatura um pouco mais elevada geralmente provocava esse tipo de fenômeno — se não fosse por seu estranho comportamento. Ela movia-se sinuosa como uma serpente. Deslizava pela escadaria, subindo um por um os degraus, movendo-se centímetros acima do chão, esgueirando-se pelas paredes do prédio e contornando marquises e postes. Sua forma era compacta e não estava em todos os lugares, como seria natural. Seguia um curso preestabelecido, marcado, ritmado e seguro, como se soubesse o que fazia. Como se estivesse *pensando* no que fazia! Olhando mais atentamente, percebi que era densa, não uma neblina, mas uma fumaça sufocante que rolava em ondas, adquirindo formas alongadas semelhantes a tentáculos de polvos, expandindo e encolhendo num movimento vigoroso. E essas formas se aproximavam das poucas pessoas esperando o trem noturno! Um tentáculo se esticou em direção à perna de um guarda.

— Ali! Tem alguma coisa ali! — antes que pudessem entender o que eu dizia, saltei.

Escorreguei pela calha e me dependurei nas vigas de aço do teto da plataforma de embarque. O relógio marcava mais de onze horas e apenas cinco humanos estavam por ali, preparando-se para embarcar num dos trens noturnos que chegavam nesse exato momento, o som de seus freios guinchando e gemendo sobre os trilhos congelados. Saltei sobre ele, procurando pelo guarda e pela névoa do outro lado da composição. Assim que botei os olhos neles, uma coisa absurda aconteceu: o guarda da estação, sentado numa cadeira em frente a guarita, foi envolvido dos pés a cabeça pela densa neblina. Não houve nem mesmo tempo de gritar. Nenhum som parecia vir daquilo. A nevoa arrastou-o para a escuridão do estacionamento próximo, rápida e precisa, impossível de ser acompanhada pelo olhar dos humanos. Comecei a perseguição, ao mesmo tempo em que Garret e os outros me seguiram.

— Que diabos é aquilo? — ouvi o trovão da voz de Garret.

Não respondi, não havia tempo. Segundos depois, estávamos no estacionamento, mas nem sinal do guarda e da névoa misteriosa. Apenas o ruído do trem que partia, misturado ao som do vento, enchia nossos ouvidos.

— Para onde foi? — Lorelai perguntava. — Não pode ter sumido tão rápido! — procurava pela escuridão adentro.

— *Derek! Garret! Venham rápido!* — Artur chamava do alto do telhado da estação.

Olhei para Stu e Virgo, membros do meu clã, que farejavam o ar em busca de pistas.

— Fiquem aqui e procurem pelo guarda. Tomem cuidado — alertei antes de saltar de volta para o prédio. Os outros vieram atrás.

Na plataforma, Artur e Varínia estavam numa parte mais isolada e pouco visível da estação. Nos braços dela, uma mulher.

— O que aconteceu?

— Eu... Não sei como explicar — Artur estaria pálido se pudesse. — Estávamos vigiando desse lado da plataforma e, de repente, uma espécie de fumaça apareceu do nada e sugou essa mulher! Ela havia acabado de descer do trem que chegava e ninguém percebeu. Na hora, não sei o que me deu, mas pulei e consegui puxá-la pelo braço. Derek, eu posso jurar que a névoa *tentou lutar comigo*, usando a mulher como num cabo de guerra, e era muito forte — ele parecia mesmo assustado. — Varínia me ajudou e a névoa se foi, como veio — então apontou para o pescoço dela. — Mas mesmo assim, não foi o suficiente.

Sim, não havia sido. A garota estava pálida e seus olhos arregalados. Morta. As marcas eram visíveis no pescoço e até a última gota de sangue foi sugada com extrema rapidez. Nada vertia do ferimento. Apenas um tipo de criatura poderia fazer isso. Procurei ao redor. A estação estava vazia. Como das outras vezes, o cheiro apareceu e sumiu. O corpo da garota não apresentava vestígios suficientes para ajudar a pegar um rastro seguro. Mas, pelo menos, uma certeza agora eu tinha.

— Isso não é trabalho de um metamorfo. É um puro. Temos um ancião agindo no nosso território.

— Um puro? Um daqueles cães? Tem certeza? — Garret bufou. Ele odiava os puros.

— Só pode ser. Nenhum metamorfo conseguiria agir tão rápido — argumentei, mostrando as marcas na garota. — Ele a drenou com perícia. Só puros têm essa habilidade toda. Além disso, tem alguma outra coisa — minha mente estava em turbilhão. — Não sei ainda o quê, mas é diferente de tudo que já vimos por aqui.

— Não será melhor procurarmos ajuda? — Leona argumentou. — Poderíamos falar com Clementine. Carlo, com certeza, pode saber do que se trata. Ele conhece mais do que nós esses assuntos.

— Não sei se seria boa ideia, Leona. Não gostaria de incomodar os Fevré com esse problema, sabemos que já têm bastante — sacudi a cabeça com tristeza. A história que Leona relatou quando voltou de lá, no ano passado, era, no mínimo, estranha. — Além disso, o clã de Clementine está muito visado pela Ordem. Envolvê-los pode trazer mais consequências e eles são nossos amigos. Melhor que tentemos resolver por nossa conta, afinal é nosso território, nossa obrigação. Se as coisas ficarem piores, então pediremos ajuda.

— Mas, e o Megister? — Lorelai tocou no assunto. — E se ele resolver comunicar os fatos para Avelar? Até esse momento, eram apenas desaparecimentos considerados *normais*, coisas de humanos. Mas agora existe um corpo. E falta o guarda. São evidências incontestáveis. Sabemos que Lúcio não deixará passar em branco.

Lúcio com certeza não vai relevar. O Megister dos países nórdicos era uma marionete do Mathesis. O último Conselho foi exigido por ele e se dependêssemos de sua ajuda... Por sorte, havia humanos decentes lá: Yacov e David. Ou a coisa teria acabado mal.

— Não podemos fazer muita coisa por enquanto, Lore. Vamos ter que entregar o corpo para as autoridades, triplicar a vigilância — argumentei —, e torcer para que essa história não tome um vulto maior e não se expanda para suas terras, amigos — olhei para Garret.

— Por falar em corpo — Garret começou —, Stu e Virgo já não deveriam ter voltado com o guarda?

Era verdade. Muito tempo tinha se passado. Chamei-os mentalmente. O silêncio me respondeu sem ecos.

— Melhor checar — olhei para Varínia, preocupado. — Leve o corpo da garota. Sabe o que fazer.

Voltamos para o estacionamento. Nevava mais agora. Não havia nenhum som. Apenas o rastro deles era perceptível. Ia para longe dali, numa trilha clara e forte.

— Por aqui, eles seguiram na direção da prefeitura.

Fomos de telhado em telhado pelos poucos quarteirões que nos separavam do prédio moderno e elegante da prefeitura de Glostrup. Suas janelas envidraçadas estavam iluminadas e o estacionamento era bem amplo. Aspirei fundo o aroma, que seguia para a pequena área verde atrás do prédio, totalmente desfolhada agora. Deslizamos pelo telhado horizontal da prefeitura e em silêncio nossos pés tocaram a neve fofa no chão. O cheiro terminava aqui, não havia mais rastro. Stu e Virgo seguiram aquela coisa e então... Silêncio. Nenhum sinal. *Onde vocês estão?* Tornei a perguntar para o nada que insistia em me responder. Por que não haviam voltado? Avancei pela neve quando outro cheiro, estranho e pungente, vindo detrás de alguns arbustos baixos, me atingiu. Os rastros de Stu e Virgo terminavam onde aquele cheiro começava. Apesar de desfolhados, os galhos eram bem grossos e tão entrelaçados que dificultavam a visão. Mas, quando os contornei, paralisei a caminhada. Minha respiração ficou presa na garganta e o fedor invadiu meu nariz.

— Deus do céu — ouvi o sussurro de Leona enquanto Lorelai colocava a mão no meu ombro. Garret perdeu a voz e Artur estacou.

Sem muita certeza, dei alguns passos. Diante de mim estavam os dois vampiros. Seus rostos e corpos completamente deformados, cobertos de veias azuis, e tão desarticulados que pareciam terem sido desmontados e largados a esmo. Os olhos descolaram das órbitas e escorriam pelo rosto desfigurado, as bocas abertas como se o maxilar tivesse sido esticado ao extremo e o cheiro... Deus! Era horrível. Uma mistura de carne podre com sangue coagulado e mais alguma coisa impossível de identificar. Nunca tinha visto nada igual e provavelmente não esqueceria pela eternidade. Ao redor, sinais de danos causados ao solo e ao tronco de algumas árvores, como se

eles tivessem se debatido em desespero antes do final. Abaixei-me devagar e toquei nos corpos. A sensação de pegar uma massa viscosa chegou até meus dedos e os pedaços se soltavam do restante ao menor movimento. Ainda estavam se desfazendo diante dos nossos olhos. Era assustador e repugnante!

— Quem...? — Garret sufocou. — Como alguém pôde fazer isso? — sua voz era um sussurro rouco. — Isso simplesmente não pode existir! Não é possível!

— Pode não ser possível, Garret, mas está a nossa frente — falei com a voz inexpressiva, oposta aos meus sentimentos internos.

Meu clã, minha família. Mortos! Há quantos séculos estávamos juntos? Quantas lutas e guerras travamos? Passamos por perseguições, acordos, pactos, tudo para poder viver em paz num tipo de vida que não escolhemos, mas que nos escolheu. E fizemos o melhor possível com o que tínhamos. E agora... A raiva me dominou e, sem pensar, meu punho atingiu a árvore mais próxima, fazendo-a cair. Senti os olhos queimarem com as lágrimas que tingiram a neve do chão de vermelho. A dor era sufocante, minha respiração ficou pesada e entrecortada. O silêncio dos outros era um misto de respeito e temor. Abaixei a cabeça e deixei uma das mãos cobrir meu rosto em pranto. Não conseguia me lembrar há quanto tempo não chorava de dor, de tristeza, não sofria pela perda. A sensação era terrível, desesperadora. Ao mesmo tempo a fúria pela vingança tomava conta de mim.

Reconheci o cheiro de Lorelai quando sua mão acariciou minha cabeça. Não pensei duas vezes e a abracei forte contra o peito, deixando que seu perfume limpo, doce, desanuviasse minha cabeça daquela visão medonha e da raiva que se apoderava do meu raciocínio. Respirei pesadamente por algum tempo. Quando meu cérebro clareou, uma certeza angustiante invadiu meu pensamento: se Stu e Virgo tinham sido mortos daquela maneira, se havia essa possibilidade agora... Então, todos corríamos o mesmo perigo! Lorelai corria perigo! Instintivamente a coloquei atrás do meu corpo, olhando rapidamente ao redor para me certificar de que não havia nada de diferente. O local estava deserto. Por enquanto, pelo menos. Minha mente, de repente, muito mais alerta e preocupada com a

segurança. Olhei para os demais, sem me importar com as lágrimas vermelhas que manchavam meu rosto.

— Garret, Leona, chamem os seus e fiquem juntos. Não se separem — minha voz se encheu de tristeza. — Preciso... Recolher os corpos de meus irmãos e levá-los de volta.

Garret e Leona usaram a comunicação mental com seu grupo. Artur virou-se para mim.

— Eu fico com você. Vou ajudar a levá-los.

Lorelai ainda estava atrás de mim e parecia assustada. Ela veio sozinha de sua terra.

— Você não sai de perto de mim, entendeu? — falei para ela, meus olhos faiscando dentro dos seus. — Enquanto eu não souber que está segura, você fica comigo!

Lorelai era mortal numa luta. Rápida e letal. Por muitos séculos, nossas famílias se ajudaram e eu conhecia exatamente todos os aspectos de sua personalidade. Ela nunca foi covarde, era sempre corajosa e determinada. Até agora. Lorelai estava perplexa, assustada... Com medo. Ele transparecia em seus traços como num espelho que não oculta as verdades diante de seu reflexo. Não sei se foi a adrenalina, ou a visão da figura fragilizada diante de mim, mas algo despertou meu instinto mais protetor, libertou as amarras que me prendiam e, sem pensar, a puxei para meus braços e beijei. Com vontade, com paixão, com fome, um beijo ardente e sufocado pela minha respiração rápida. Por um momento, seu corpo ficou rígido e achei que ela iria me repelir, mas então relaxou e respondeu com o mesmo entusiasmo, entrelaçando seus dedos nos meus cabelos, enquanto os meus se perdiam nos seus cachos de cobre. Quando, finalmente, minha boca libertou a sua, ela me deu um meio-sorriso encantador.

— Achei que teria que esperar mais trezentos anos até você se decidir — suspirou baixo.

Mesmo diante de tudo o que aconteceu, eu sorri de volta.

— Para ser sincero, tenho pensado em convidá-la para jantar há uns duzentos anos, mais ou menos — repousei sua cabeça no meu peito.

Mas a visão e o cheiro dos corpos me fizeram voltar para a realidade. Garret e Leona foram encontrar seu clã. Artur me aguardava.

— Acho que vamos precisar de ajuda agora — Lorelai falou, apontando para os corpos. — Não podemos lidar com isso sozinhos, Derek, é loucura.

Era verdade. Aquilo não era o tipo de coisa que se enfrenta todo dia. Não havia precedentes. Precisaríamos de fogo pesado, e eu só conhecia um clã que o possuía.

— Vamos, precisamos sair daqui — falei, beijando-a de leve outra vez. — Vamos para casa.

Havia muito a fazer.

Bristol – Inglaterra – primavera

— Aqui está, professor Carter — Kate colocava os papéis e a xícara de café sobre a mesa.

Olhei para ela e sorri.

— Obrigado, Kate. E já disse que pode me chamar de David — repreendi de leve, com um sorriso, enquanto bebia o café. Nos últimos tempos não conseguia tomar chá, apenas o café parecia me manter mais concentrado em tantas coisas ao mesmo tempo.

Como previ, Kate ficou vermelha com a minha observação.

— Desculpe profes... quer dizer... David — ela demonstrava ter dificuldades para pronunciar meu nome sem ficar encabulada. — É difícil me acostumar. Não poderia chamá-lo de Sr. Carter?

Encarei os olhos verdes de Kate. Ela havia se formado há alguns meses, e agora trabalhava em tempo integral como minha assistente na Universidade, além de fazer parte do programa de pós-graduação. Sua recuperação surpreendente foi motivo de comentários, dentro e fora da instituição. Depois daquele outono confuso e triste, Kate estava aqui: mais forte, mais madura, como se os tormentos passados tivessem fortalecido corpo e alma. Apenas o eterno lenço amarrado ao pescoço não deixava esquecer o passado. Mas, apesar

de todo esse tempo trabalhando juntos, Kate ainda não perdera o hábito de me chamar de *professor Carter*. O que era uma pena, pois ouvi-la dizer meu nome dava uma sensação muito boa. Reconfortante até. Achava, inclusive, muito encantadora a maneira como ficava encabulada ou vermelha toda vez que eu pedia isso. Talvez eu fizesse de propósito apenas para ver essas reações.

— Bem, não é o mesmo — continuei meio severo, ainda bebendo o café. — David seria melhor, mas pode me chamar assim se a faz se sentir menos desconfortável. Mas só por algum tempo — acrescentei. — Ou pareço algum velho reclamação e rabugento aos 37 anos para ser chamado de senhor o tempo todo?

Ela sorriu e seu rosto ficou iluminado com a brincadeira. *Sim, definitivamente muito mais bonito agora.*

— Não, de maneira alguma profes... quer dizer... Sr. Carter — fez uma careta. — É só uma questão de respeito. Meus pais me ensinaram que assim é o correto. O senhor foi meu professor e agora é meu chefe, acho que não ficaria bem chamá-lo pelo primeiro nome — ficou vermelha de novo, abaixando os olhos para o bico dos sapatos de salto.

Suspirei, derrotado. Sabia muito bem o que era o condicionamento educacional familiar. Minha mãe nunca me deixara esquecer de como tratar as pessoas com o devido respeito. O nó em minha garganta se apertou, como sempre acontecia, quando me lembrava deles. Olhei para o calendário na mesa. Uma missa memorial aconteceria daqui a algumas semanas, estava marcado com um asterisco bem evidente. No mesmo calendário havia outra, devidamente marcada também, mas não evidente para os outros. O dia do desaparecimento de Laura. Como se entendesse meu olhar, Kate comentou:

— Minha mãe pediu para avisá-lo que irá à missa em memória de seus pais, que não esqueceu — e completou. — E eu também. É o mínimo que posso fazer por não ter comparecido ao enterro. Sinto-me culpada em não ter prestado meu apoio nessa hora.

— Você não tem culpa de nada, Kate. Precisava se recuperar — comentei, desviando os olhos do calendário. — Ter um derrame é algo muito sério, não se deve brincar com isso. Poderia ter sido muito pior. Os médicos fizeram bem em proibi-la — olhei para seus olhos.

— Agora, pelo menos, você está aqui, forte e saudável. Não trocaria isso por nada, pode acreditar.

O rubor de Kate parecia que a inflamaria numa chama escaldante. Rapidamente ela desviou o rosto e voltou para sua mesa, levando as planilhas. Eu nunca deixava de achar curiosa essa reação quando o assunto envolvia algum tipo de carinho ou afeto que eu demonstrasse. Sua timidez era cativante. Por mais que me esforçasse em entender, Kate era um mistério, uma caixa trancada, e apenas quem tivesse a chave poderia abrir e ver seu conteúdo. Apenas de uma coisa eu não tinha dúvidas: com certeza o lado de dentro deveria ser tão bonito quanto o de fora. Minhas reflexões foram interrompidas pela sua pergunta inesperada:

— Professor? — outra vez ela se esqueceu, mas não me importei. — O senhor teve alguma notícia da Sra. Vargas? — seu olhar fixou-se no meu.

Havia dito a Kate que Laura voltara para o Brasil, que pedira demissão do museu para assumir outro cargo em São Paulo. Era a forma mais adequada de minimizar essa questão com Kate e com outros que me perguntaram. Mesmo Clementine havia declinado da direção do Museu de Arte para não focar demais a atenção sobre esse assunto controverso. Apesar de todos entenderem a questão da mudança de trabalho, ainda havia o incêndio que destruiu a casa em Southville e a incredulidade de Georgiana em relação à veracidade dessa história.

— Como assim ela foi embora, de repente, sem avisar e nem se despedir? — Georgiana gritara nos meus ouvidos dias depois ao incêndio. — Acha mesmo que vou engolir essa, Dave? Laura não iria embora desse jeito! — seu tom de voz aumentara ainda mais. — Mas deixe estar. Se você não quer me contar a verdade, eu sei quem vai dizer — pegou o telefone, nervosa.

Durante meia hora falou com Cínthia, em Amsterdã. Ela também corroborou minha explicação, apesar da insistência de Georgiana. Quando desligou, me fitou com a raiva e o ressentimento no rosto.

— Como ela pôde fazer isso? — seu tom era angustiado. — Ela não pensou na gente, Dave? Em mim, você, em Cínthia? E quanto ao Robert? — a incredulidade marcava seu timbre. — Meu Deus, eles

eram o casal perfeito. Ela o adorava! Como pôde ter abandonado tudo assim, sem mais nem menos? Apenas por um emprego melhor? — sacudia a cabeça. — Essa não é a Laura que eu conheço, não mesmo — e trancou esse assunto desde então.

Para Georgiana essa poderia não ser a personalidade de Laura. Mas para quem sabia, ou suspeitava da verdade, como eu, Cínthia e os outros do clã dos Fevré, fazia todo o sentido. Kate esperava uma resposta e olhei para ela:

— Eu... Falei com Cínthia quando ela voltou, no inverno — isso, pelo menos, era verdade. — Laura está... Trabalhando muito — engasguei um pouco nessa parte. — O novo trabalho exige que ela viaje muito e quase não tem tempo para telefonar para cá.

Kate acenou tristemente e voltou-se para seu trabalho. E meus pensamentos recuaram para aquele final de tarde de inverno na mansão Fevré, quando Cínthia me intimou a autorizar que o clã fizesse sua transformação. Para o momento em que visitas inesperadas chegaram. Meia hora se passou entre eles numa sala privada, os Fevré deixaram a mim e Cínthia de fora. Depois, todos, com exceção de Eric, Morgana e uma Cínthia enfurecida, deixaram a mansão numa velocidade alucinante, trajando roupas pretas e levando estranhas bolsas de veludo negro. Não houve maiores explicações. Apenas a promessa rápida de Clementine.

— Na volta, Megister — me assegurou. — Darei todas as respostas na volta. Confie em mim — e desapareceu.

Eu podia confiar nela? A experiência mostrou que sim. Apenas gostaria de saber o que diabos estava acontecendo. Já havia se passado muito tempo e nenhum contato aconteceu. Temia pelas repercussões que isso poderia gerar na Ordem e, principalmente, que medidas Avelar tentaria tomar. O som do interfone tocou.

— Sala do professor Carter. Certo, eu direi a ele — cobriu o fone com a mão. — Professor, seu amigo da Holanda, o senhor Yacov, o está aguardando na recepção. Quer que o mande entrar?

Finalmente. Quase achei que ele não viria, mesmo depois de telefonar dizendo que precisava conversar comigo pessoalmente.

— Sim, Kate, mande-o entrar.

Minutos depois e o rosto familiar de Yacov passava pela porta da sala.

— David, como tem passado, velho amigo? — me deu um abraço.

— Bem, obrigado. É bom ver você, Yacov — olhei para o rapaz alto e de cabelos louros que o acompanhava. Parecia-se com uma versão mais jovem de Yacov.

— Acho que se lembra de meu filho, Gerker — apresentou o rapaz de olhos azuis que trajava um terno cinza. — Gerker, deve se lembrar também. Esse é David Carter, professor da Universidade.

— Claro, eu me lembro. Como vai, David? É um prazer revê-lo — me estendeu a mão.

— Seja bem-vindo, Gerker. Da última vez em que nos falamos, você era bem menor.

Yacov olhava para o filho com um orgulho paternal indisfarçável.

— Era sim, um garoto. E agora virou um homem. E médico! — dizia com a voz cheia de alegria.

— Ainda estou fazendo residência, pai — Gerker emendou, mas Yacov sacudiu a mão com um gesto que mostrava não ter importância.

— Meu filho me acompanhou até aqui por causa das palestras que a Universidade de Bristol está promovendo — Yacov informava. — Está interessado em assistir algumas no prédio da medicina. Ele ainda não conhece a Universidade.

— Bem, nesse caso, acho que podemos dar um jeito — olhei para Kate. — Kate, poderia acompanhar o filho de Yacov e mostrar os prédios a ele, por favor? Depois que fizer isso está dispensada, pode ir para casa mais cedo.

— Claro, Professor Carter — virou-se para Gerker. — Venha comigo, por favor.

Assim que os dois saíram — não sem que, antes, Kate providenciasse mais chá, café e algumas torradas com sua eficiência de sempre —, Yacov e eu nos sentamos nas poltronas confortáveis no meio da sala. Tínhamos muito que conversar e só poderíamos fazer isso a sós. O Megister da Holanda se serviu do chá. Eu peguei mais uma xícara de café. Podia ouvir claramente a voz de minha mãe nesse momento: *Eu não avisei que não desse café puro para seu*

pai, só com leite? Ele tem baixa tolerância com cafeína, o médico proibiu. Por isso ele ficou agitado à noite. Que saudade! Assim que tomou o primeiro gole do chá, Yacov começou a falar:

— Antes de qualquer coisa, David, peço que me perdoe por não ter estado aqui para o funeral de seus pais — sua voz era pesarosa. — Queria ter lhe dado esse apoio pessoalmente e não por telefone. Sinto que terei uma dívida com você enquanto viver.

— Não precisa se desculpar, amigo — assegurei. — Você tem seus próprios problemas para enfrentar, assim como eu também, e sei que a situação não tem andado nada bem depois do último Concílio.

O olhar de Yacov era cauteloso.

— Acha mesmo prudente conversarmos sobre isso aqui? — apontou para a sala. — É seu local de trabalho, pode não ser seguro...

— Aqui ou em outro lugar — eu o interrompi —, não fará diferença, Yacov. Além disso, você veio trazer seu filho para conhecer a Universidade. Nada mais natural que me faça uma visita, não concorda? Ele meneou a cabeça e bebeu mais um gole do chá. Ficamos em silêncio por alguns minutos.

— David, eu estou preocupado — soltou o ar junto com as palavras. — Seriamente preocupado com o rumo que alguns fatos estão tomando dentro da Ordem e os reflexos que poderão gerar — seu dedo indicador passeava pela borda da xícara. — Desde a última reunião que tivemos com Avelar... — balançou a cabeça. — Acho que pode entender sobre o que estou falando.

Balancei a minha também. A tensão daquele dia ficou marcada em nós, mas senti que Yacov estava sendo evasivo nessa conversa.

— Sim, eu senti a mesma coisa. Tensão, raiva, ódio, a postura intimidadora que Avelar quis demonstrar — confirmei. — Mas não foi só para me perguntar isso que você veio até aqui, não é?

Yacov continuava a olhar para sua xícara, como se o mundo estivesse mergulhado em Earl grey. Quando levantou a cabeça foi para perguntar à queima-roupa:

— Tem acontecido alguma coisa *diferente* com os Fevré, David? Prendi o fôlego por alguns minutos. Como poderia responder?

— O que você define como *diferente*, Yacov? — tentei contornar a situação. — Ou ser uma família composta de vampiros e mestiços não é resposta suficiente?

Ele se levantou e deu alguns passos até a estante de livros. Seus dedos correram por alguns tomos e então me encarou.

— Somos amigos, David? — o homem de cabelos grisalhos e olhos azuis me perguntava. — Podemos ser honestos um com o outro? Ou continuaremos com enigmas a tarde toda? — sentou-se na poltrona. O som do couro rangendo era o único na sala. — Digo isso porque, se continuarmos a agir assim, talvez coisas piores do que as que já aconteceram poderão se repetir, e em breve — seu olhar era intenso. — E provavelmente outras que nem sonhamos existir, que foram evitadas no passado, tomem conta do mundo como o conhecemos. Por isso, preciso saber agora: pode ser honesto comigo assim como quero ser com você, Megister?

Seu tom de voz era rouco e apreensivo. Yacov me pedia ajuda. Mas como oferecê-la sem trair a confiança de outros? Meu silêncio era a segurança dos que amo. De Laura, principalmente.

— Yacov... Sei o que está me pedindo — ele encostou-se à poltrona. — Com tudo o que passamos, acredito que somos amigos e podemos, sim, ser honestos, desde que... — frisei bem essa parte — isso não signifique ameaçar a segurança de ninguém envolvido nas questões que quer discutir comigo — olhei-o nos olhos ao concluir. — Quero que isso fique bem claro. Se concordar, tudo bem. Se não, eu entenderei e nem por isso nossa amizade vai ficar abalada.

O sorriso de Yacov repuxou os lábios finos, as rugas se acentuaram mais e os dentes manchados pela nicotina do cigarro se abriram.

— Ah, David! Sabe o que sempre gostei em você, garoto? O caráter! — ele parecia tão orgulhoso de mim como estive do filho há poucos minutos. — Desde que era um adolescente recrutado para ser treinado na Ordem, quando eu já era Megister, nunca deixei de observar sua postura e discernimento no juízo dos fatos. Mesmo que doa a quem tiver de doer, você é justo. Seus pais deviam ter muito orgulho, tenho certeza disso.

E levantou-se outra vez, como se houvesse pregos afiados na poltrona de couro. Caminhou pela sala uma vez e parou.

— Tenho ouvido relatos vindos de várias partes da Europa, David, relatos muito perturbadores — seu tom era preocupado. — Invasões de territórios, briga entre os clãs, humanos mortos, vilarejos e pequenas cidades atacadas. Isso só na Europa! Não tenho ideia se algo semelhante tem acontecido em outros continentes. Tentei falar com Kennedy, mas ele estava na América Latina, nas terras de Alma — seu tom de voz baixou um pouco. — Os ataques são sempre sistemáticos e não há uma preocupação em esconder. E são diferentes.

— Diferentes? Como assim? — olhei inquieto.

Por algum motivo as palavras de Yacov me fizeram lembrar da debandada dos Fevré. Ele voltou para a poltrona.

— Ataques a humanos geralmente são causados por algum neófito criado sem consentimento e abandonado à própria sorte — dizia. — Você foi testemunha dos danos que um deles provocou aqui, em Bristol, com sua amiga do Brasil... Laura, não é mesmo? Engoli a saliva e acenei com a cabeça.

— Bem... — torceu os dedos das mãos. — Não são neófitos agora, David. São vampiros conscientes, fortes e bem treinados — seus olhos iam de um lado a outro da sala. — Pessoas estão desaparecendo no norte sem deixar rastros, as polícias internacionais registraram um aumento significativo nos homicídios sem solução — acrescentou. — Mesmo na Holanda, onde não poderia haver esse tipo de ocorrências, *visitantes* apareceram nas zonas rurais mais afastadas, na fronteira com a Alemanha e a Bélgica.

Deus! O que Yacov contava era perturbador.

— Como pode imaginar, assim que esse caos começou a se instalar, eu procurei agir. Com discrição, é claro — voltou a se levantar. — Entrei em contato com membros de alguns dos clãs próximos e menos arredios, como as lârnias da Grécia. Os que se dispuseram a falar deixaram bem claro não querer que a situação chegasse aos ouvidos de Avelar — pousou as mãos no encosto da poltrona. — Todos com quem conversei estão no mesmo barco: não conseguem imaginar os motivos para tais ataques e parecem

incapazes de encontrar rastros, pistas ou qualquer evidência que os ajude — seu tom de voz era perplexo e eu entendia por quê.

Imaginar um vampiro sem conseguir seguir um rastro era uma coisa inédita para ele. Eu conhecia apenas uma pessoa capaz de escapar desse tipo de perseguição. Mas ela estava longe...

— E os outros Megisters? Perceberam algo? Não acionaram nenhum Conselho, comunicaram Avelar, nada? — sabia que muitos deles não iriam querer levar a responsabilidade por isso sozinhos.

— *Ainda* não. Os *desaparecimentos* não estão ligados às características dos ataques dos vampiros. São famílias que denunciam parentes que sumiram e essas estatísticas são comuns entre os humanos. Não há corpos e, portanto, nenhuma evidência. Talvez isso esteja abafando, por hora, a real natureza dos fatos — continuou. — Os clãs estão em vigília constante, mas perdem terreno a cada ataque. E para quem sabe o que procurar os vestígios estão lá.

Yacov estava certo. O que os olhos pouco treinados dos outros Megisters — em sua maioria jovens e ainda inexperientes — não podiam perceber, Yacov reconhecia de longe. Ele tinha setenta anos e há quase cinquenta estava como Megister na Holanda. Sua experiência superava e muito a qualquer um de nós.

— E o que acha que significa tudo isso, Yacov? Qual a sua opinião?

Ele respirou fundo e seus olhos fixaram-se no teto de pinus da sala.

— Eu ainda não tenho certeza, David... Mas é como se os vampiros estivessem enfrentando uma espécie de *provocação interna* — abaixou a cabeça para me olhar. — Clãs estão sendo atacados, nômades e exilados invadindo territórios e matando pessoas, mas tudo isso sem chamar demais a atenção de qualquer um na Ordem. Isso me leva a crer que o alvo dessa vez são os próprios vampiros. Isso é quase uma guerra de uns com os outros, David. Essa é a verdade.

Sempre soube que muitos dos clãs não viviam em harmonia. Apenas uma tênue linha separava a paz da violência efetiva. Por séculos, o Acordo da Ordem tinha sido essa linha, mas, agora,

mesmo ele parecia perder a força. Vimos isso no último Concílio Geral. E se perdesse a força de vez? O que acontecerá? Que destino estará reservado para todos, humanos ou não? Os vampiros agora se sentiam ameaçados pela mesma Ordem que contribuiu para que pudessem existir em paz no passado. Isso Avelar conseguiu fazer, o desgraçado! Era diferente no passado, quando a confiança reinava entre os líderes de ambos os lados. Então a pergunta feita antes por Yacov voltou a minha mente.

— Você mencionou os Fevré no começo da nossa conversa. Sobre algo *diferente* estar ocorrendo com eles. O que quis dizer?

Yacov voltou a sentar-se e inclinou o corpo em minha direção. Por instinto, movi o meu também. Alguma coisa no que ele diria parecia ser importante e merecia segredo.

— Há um boato... — ele engoliu saliva e mexeu os lábios finos para baixo. — Uma história circulando entre os vampiros, David, que pode estar causando toda essa movimentação anormal no mundo deles, e consequentemente afetando o nosso — sua testa suava.

— Que boato? — minha voz estava estrangulada.

Ele remexia nervosamente as mãos e o som do couro rangendo da poltrona aumentou.

— A de que os Fevré possuem a *cura* — seu tom baixou ainda mais. — Vampiros têm espalhado que o clã do Reino Unido conseguiu encontrar uma forma de curar o vampirismo, de fazer voltar à forma humana aqueles que foram transformados. E que esconderam essa *cura* em algum lugar, fora da Inglaterra — o ar fugiu de meus pulmões. — E nós dois sabemos que parte deles não estão nesse tipo de vida porque querem. Dariam qualquer coisa para serem humanos outra vez. O súbito aumento de nômades, que antes viviam espalhados pelo mundo sem manter nenhum contato, atacando nos territórios... Eles procuram algo, estão fuçando aqui e ali sem parar! Tem ideia do que isso significa, David?

Recostei o corpo pesadamente. *Não, não é possível.* Eu não contei a ninguém, eles também não. Como isso pode ter se espalhado? Mas um segundo horror suplantou o primeiro quase imediatamente: Laura seria caçada pelos quatro cantos do mundo! Ela era a *cura*, o boato sobre a Panaceia, aquela que poderia curar

todos os males e doenças. Teria sido esse o motivo para que os Fevré partissem rapidamente da mansão naquele dia? E como poderiam resolver essa situação se não eram capazes de encontrá-la? Então, outro pensamento tomou corpo na minha mente: e se outros a encontrassem antes deles? Não havia nenhuma garantia do que poderia acontecer com ela. Nenhuma! Minha boca secou e encarei Yacov.

— David? Você está bem? O que foi? — seu olhar intrigado percorria as rugas do meu rosto.

— Não, Yacov, eu não estou — o peso da carga, de repente, ficou grande demais apenas para meus ombros. Tinha que fazer alguma coisa por Laura. — E acho que você vai entender por quê.

Os olhos azuis de Yacov grudaram nos meus enquanto minha boca se mexia mecanicamente para despejar toda a história. E a cada palavra dita, um prego fincava fundo em minha alma e sangrava meu coração.



— Tem certeza de que vamos conseguir entrar, G? — Irina olhava a massa de pessoas que se acumulavam ao redor. — Isso aqui está muito cheio!

Era verdade. O *hall* de entrada para o auditório estava lotado. Estudantes na maioria, mas também profissionais da área de saúde se espremiavam em cada centímetro quadrado para esperar a abertura e procurar os melhores lugares. A palestra daquele dia era uma das melhores. Irina estava com o rosto quase enfiado no meu nariz e segurava o corpo com uma das mãos na parede, para ter equilíbrio.

— Não se preocupe, meu irmão David deixou dois lugares reservados pra gente — falei com calma. — É só entrar e sentar.

— Isso é bom. Porque, se chegar mais gente, teremos uma briga digna de [hooligans](#)³ aqui, por causa dos lugares.

O salão já estava cheio e a previsão de Irina ameaçava se realizar. Apesar das outras palestras, todos queriam estar nessa, era lógico. Não era todo dia que se podia ter a chance de assistir a uma

audiência ao vivo com uma das maiores autoridades em psiquiatria infantil da Universidade da Alemanha, cujas últimas pesquisas na área tinham contribuído para a melhora dos tratamentos em diversos hospitais da Europa Ocidental. E, por sorte, meu querido irmãozinho era professor efetivo e catedrático na Universidade de Bristol, com acesso quase ilimitado a convites de primeira classe.

— Apenas mostre esse cartão — ele me disse há dois dias. — Você e sua amiga terão lugares reservados nas primeiras filas.

Sim, muito bom. Quando as portas finalmente se abriram, bedéis e funcionários tiveram um pouco de dificuldade para controlar o fluxo de entrada. Mostrei o cartão mágico e um estagiário nos levou para os lugares reservados nas três primeiras fileiras, isoladas por cordões.

— E então, não é *show*? — falei para Irina.

— Sem dúvida, G. Não deixe de agradecer a seu irmão por mim — ela parecia mais do que satisfeita, principalmente quando olhou para trás e viu que as portas seriam fechadas e muitos não tiveram oportunidade de entrar.

Olhei também para conferir o movimento. Ainda havia alguns lugares vagos nos reservados e, segundo as regras, se não fossem ocupados antes de a palestra começar, os funcionários os cederiam para aqueles que aguardavam do lado de fora. Procurei por alguém conhecido do hospital. Num canto mais afastado, do lado direito, vi dois enfermeiros e uma estagiária que conseguiram entrar. Fora eles, os rostos não eram familiares. Faltava cerca de dez minutos para o início. Dois lugares estavam vazios ao nosso lado quando o mesmo estagiário levantou a corda para que duas pessoas passassem. Assim que se aproximaram, reconheci uma delas. Ela também me viu e cumprimentou, sorrindo:

— Boa tarde, Srta. Carter — Kate dizia. — Que bom que pôde vir.

— Boa tarde, Kate. E pode parar com esse negócio de *senhorita* — resmunguei. — Já disse para me chamar de Georgiana, ou G — também sorri.

— Desculpe, é força do hábito. Deixe-me apresentar-lhes o doutor Gerker Flohr. Ele veio da Holanda para acompanhar a palestra também — olhou para ele. — Essa é a doutora Georgiana Carter, irmã do professor Carter.

Prendi a respiração. Olhos azuis, cabelos louros presos num rabo de cavalo, elegantemente trajado com um terno cinza. Era muito alto, principalmente ao lado de Kate, e seu sorriso fazia os lábios finos se abrirem com graça, deixando os dentes brancos à mostra. O rosto era forte, o maxilar firme e levemente quadrado e as maçãs do rosto salientes numa pele suave e corada. Quando me ofereceu a mão, pude ver os tendões marcados sob a pele. Seu toque era quente, a mão grande demais parecia que iria engolir a minha em seu aperto.

— Muito prazer, doutora Carter — o sotaque era muito sedutor e alguma coisa dentro de mim amoleceu com esse som. — Fico feliz em conhecê-la. Sabia que David tinha uma irmã, mas nunca imaginei que a conheceria aqui, hoje.

— O prazer é meu, doutor Flohr — evidente que era! Eu estava suando, tendo uma taquicardia maluca. — Mas, como já conhece meu irmão e se refere a ele como David, gostaria que me chamasse de Georgiana também.

Ele sorriu de novo. E minha cabeça ficou ainda mais tonta.

— Será um prazer, Georgiana.

O som do meu nome dito com aquele sotaque... ai, ai...

— Mas desde que concorde em me chamar de Gerker. Podemos dispensar os títulos agora.

— Claro... Gerker — concordei. Ele ainda segurava minha mão.

Foi então que me toquei: Kate estava de pé, ao seu lado, e eu não havia apresentado Irina. Senti um rubor quente subir pelo rosto e aproveitei para fazer as honras.

— Bem... desculpem-me pela falta de educação. Kate, Gerker, essa é minha colega do hospital, doutora Irina Stuart.

A mão que segurava a minha se foi, deixando o frio em seu lugar, e apertou a de Irina. Kate também a cumprimentou. Então percebi uma coisa: ele veio com Kate. Hmmmm. Será que tinham alguma coisa? Não, não devia ser isso. Kate contou que ele morava na Holanda — o que era uma pena, diga-se de passagem. Isso eliminava a hipótese de que fossem namorados ou coisa parecida. Pelo menos, eu torcia para que fosse assim. Quase ao mesmo tempo em que pensei sobre o assunto e avalei as possibilidades, Kate olhou para o relógio de pulso e voltou-se para Gerker.

— Vai precisar de mais alguma coisa, doutor Flohr?

— Não, Srta. Morgensen, obrigado — respondeu com educação.

— Foi muito gentil em me acompanhar pelo campus, mas depois da palestra acho que posso voltar sozinho para a sala do David — e voltou a olhar para mim.

Ok, sem problema. Levo você até lá, com certeza, garotão.

— Nesse caso, vou sair antes da palestra começar, não quero atrapalhar — Kate acenou para nós. — Boa tarde — e se retirou rapidamente.

Gerker olhou para mim outra vez e sorriu.

— Com licença, Georgiana — sentou-se ao meu lado. — Então, é doutora? Qual área?

— Psicologia infantil — falei, olhando seus intensos olhos azuis. — Trabalho no General Hospital na ala pediátrica. E você?

— Obstetrícia. Residente do sexto ano. Ainda tenho que caminhar muito.

— É uma área interessante — comentei, por falta do que falar. Sentia um calor subindo pelo pescoço e tive medo que fosse sufocar dentro do auditório.

— É, é sim — ele concordava. — Sempre gostei. Estou me especializando em gestações de alto risco — sua voz era alegre. — É gratificante ver tudo correr bem graças ao seu esforço quando todas as chances apontavam o contrário.

— Verdade? E tem alguma razão especial para essa escolha? — o tom de minha pergunta era despreocupado e alegre. Queria manter a conversa num nível agradável.

— Na verdade, sim. Minha mãe teve uma gestação de alto risco comigo. Eclâmpsia. Morreu cinco minutos depois que nasci.

Um bolo se formou no meu estômago e meu rosto queimou de vergonha.

— M-me desculpe... — gaguejei feito uma idiota. Eu ali, tentando ser alegre e descontraída porque ele era um gato, e acabei falando besteira. — Eu não sabia... não podia imaginar... Desculpe — e calei a boca.

Ele pegou minha mão com calma e sorriu de novo.

— Não precisa se desculpar — o toque era gentil. — Não poderia saber sobre isso, poderia? Apenas respondi porque é verdade — a voz era calma. — Sou filho único e sei o quanto meu pai sente a ausência dela. Isso motivou minha escolha. Gostaria de tentar fazer por outros o que não deu certo pra mim. Não quero que se sinta mal por isso, por favor, sua companhia é muito agradável e... Seu sorriso é muito bonito.

Aí travei de vez mesmo! Se antes não conseguiria falar por vergonha, agora minha língua não iria se mexer... Por nervosismo! As portas do auditório já estavam fechadas quando o bipe estridente de Irina tocou. Havia me esquecido totalmente dela.

— É do hospital, droga! — resmungou enquanto pegava o celular e discava rápido. — Doutora Stuart falando.

Seguiu-se uma rápida conversa e Irina desligou, levantando-se e pegando o casaco e a bolsa.

— Uma paciente que acompanho deu entrada agora no General — Irina era oncologista da ala pediátrica. — Eu tenho que ir. Falo com você depois, G — me deu uma piscadela disfarçada. — Foi um prazer, doutor Flohr — sumiu porta afora.

E aconteceu um pequeno milagre naquele auditório. Apesar de lotado, eu estava sozinha com Gerker. Apenas os dois, sem ter que dividir a atenção com ninguém. Ainda me sentia um pouco encabulada pelo mico, mas Gerker pareceu ignorar. Sua observação seguinte foi muito animadora.

— Antes que a palestra comece e tenhamos que calar a boca — perguntou, sorrindo —, o que vai fazer quando sair daqui?

Meu coração disparou. Tive que respirar fundo, mas disfarçadamente, para poder responder.

— Na verdade, nada — era verdade mesmo. — Vou apenas me encontrar com meu irmão e agradecer outra vez pelos convites.

Desde o dia em que meus pais morreram, minha vida social havia parado. Trabalhava no hospital, atendia no consultório, comia, dormia e começava tudo de novo. Como um alcoólatra — um passo de cada vez —, mesmo sabendo que a recuperação total seria impossível. Doía fisicamente a ausência deles. Depois que a casa de Southville foi liberada pela polícia e comuniquei David de que iria morar lá,

sozinha — uma decisão que, a princípio, ele foi totalmente contra —, não me sentia preparada para programas com amigos: passeios, festas ou *happy hours*. Não parecia certo me divertir. Algo dentro de mim ainda estava de luto e resolvi dar tempo ao tempo até que tudo se ajeitasse. Ou, pelo menos, tentasse se ajeitar. Gerker aproximou a boca do meu ouvido — o mediador da palestra se adiantava para começar — e sussurrou:

— Nesse caso, se importaria se eu a convidasse para tomar um café, ou um chá? Acho que seu irmão e meu pai devem ter assuntos importantes para conversar e não será rápido.

— Seu pai veio com você? — perguntei, surpresa.

— Sim. Ele e seu irmão são amigos há muito tempo. Estão trancados na sala do David nesse instante.

David, seu desgraçado! Como ousou ser amigo desse homem e nunca me apresentar? Senti uma raiva quase homicida. Se o visse agora, provavelmente voaria no seu pescoço. Gerker aguardava uma resposta. O mediador ligava o microfone.

— *Boa tarde, senhoras e senhores, sejam bem-vindos...* — cumprimentava a plateia atenta e silenciosa.

— Aceito, mas com uma condição — sussurrei.

— Qual? — me olhou curioso.

— Vamos deixar seu pai e meu irmão fora disso?

O olhar de Gerker brilhou junto com meu sorriso. O mediador pedia uma salva de palmas para o palestrante que entrava.

Bran – Romênia – primavera

Estávamos na terra de Drácula. Apesar do silêncio e da atenção que era obrigado a manter, minha cabeça não podia deixar de fazer comparações. Aqui, nessa cidade ao sul da Transilvânia, no território da Romênia, incrustada nos montes Cárpatos, repousava uma das muitas histórias reais do homem que inspirou um dos maiores personagens da ficção de terror mundial: Vlad Tepes, ou Vlad Dracul, o empalador, o príncipe da antiga província da Valáquia no século XV.

Tão terríveis eram seus métodos para torturar prisioneiros de guerra e traidores, ou mesmo pessoas inocentes com o intuito de desmotivar os inimigos a atacarem seu território, que Vlad serviu de modelo para o escritor irlandês Bram Stoker, no século dezenove, escrever sua obra mais famosa: Drácula, o vampiro da Transilvânia. O morto-vivo que atacava jovens donzelas indefesas e sugava-lhes o sangue. Bem apropriado que estivéssemos aqui hoje. E irônico também.

Olhei ao redor, para a mata densa e escura e os picos cobertos de neve eterna. A palavra Transilvânia significava *além da floresta*. E era realmente onde estávamos, numa área além da floresta que se estendia atrás do Castelo de Bran, na divisa entre a Valáquia e a Transilvânia. Outrora uma fortaleza de guerra no século treze, hoje era ponto turístico para visitantes que vinham à região com um único objetivo: conhecer o mito e a casa de Drácula. A construção era impressionante, encravada ao pé dos Cárpatos. A densa neblina transformava seus traços, como se a imagem do castelo tivesse sido registrada numa tela por Monet, pois apenas a *impressão* de suas formas era visível para os olhos. Pelos menos para os dos humanos. Os muros altos, com colunas hieráticas, imitavam as escarpas abruptas das montanhas. Um recurso inteligente em tempos de guerra. O castelo fora erguido com uma finalidade: defesa. Para mim, *Chevalier* Robert Di Feveré, que cresceu convivendo com as artes da guerra, era fácil reconhecer que as torres e ameias foram projetadas para descortinar a paisagem das matas, vilas e montanhas a perder de vista. Nenhum exército poderia atacar sem que os vigias dessem os alarmes e a barricada de defesa estivesse preparada com bastante antecedência.

O Castelo de Bran era uma contradição: do lado de fora tudo lembrava Vlad Tepes, guerra e morte, mas por dentro a imagem que predominava era a de uma mulher: a rainha Maria, esposa do rei Ferdinando, abrigada em um museu dedicado à sua memória. Ela era inglesa, vivera ali no final do século XIX, mas ficou famosa por seus esforços em reconhecer a ampliação do território da Romênia — ocupado durante a Primeira Guerra Mundial — e também pelos inúmeros amantes e os filhos bastardos. O castelo possuía uma rede de túneis e passagens secretas, atualmente abertas aos visitantes,

demonstrando os aspectos bélicos de sua construção. Sem dúvida uma joia de guerra em seu tempo. Pelo canto dos olhos, vi a forma esguia deslizar rápido de uma árvore a outra. Outras estavam próximas, invisíveis. Reconhecia todos eles. Desde que chegamos, esta tem sido nossa rotina: nos manter despercebidos, mas atentos a qualquer tipo de movimento suspeito.

O vento soprava e os troncos das árvores gemiam com sons lúgubres, fantasmagóricos. Não era noite ainda, mas as nuvens baixas e a neblina densa não deixavam ver quando o sol se punha com exatidão. Pelo menos, os humanos não conseguiriam distinguir apenas olhando. Para mim era fácil, corria pelo meu sangue o passar das horas. Faltava pouco menos de uma hora para que o sol deitasse no oeste. Era esse o momento mais crítico. Deslizei para outra árvore com a rapidez do pensamento. Meu movimento, embora leve, fez a neve dos galhos cair. O som para mim era como de uma bomba. Estaquei. Os outros também devem ter ouvido. Fiquei imóvel e deixei de respirar por alguns momentos, todo o corpo preparado com a tensão que a situação exigia. O uivo de um lobo chegou aos meus ouvidos, estava bem longe daqui. Seu lamento era de raiva e frustração. Tinha fome e não havia nada para saciá-la. Toda a fauna da região fugira, deixando seu território de caça sem opções. Os animais selvagens não ficavam por perto em situações como essa. Apenas os domesticados, trancafiados em seus currais e celeiros, não tinham essa opção e reclamavam agitados. Vi mais de um humano brigar com sua mula para que andasse e outros que inutilmente tentavam domar os cavalos de olhares assustados. Rebanhos escapavam das cercas e os aldeões locais gritavam e esbravejavam com os cães pastores. Mas até eles gemiam e uivavam para a floresta. Para nós.

O instinto dos animais era forte, reconheciam o perigo, por isso a mata estava vazia de vida. Mesmo os humanos, geralmente menos atentos aos seus sentidos, sentiam-se temerosos. Antes de o sol se pôr, trancavam-se em suas casas. Mas apenas os antigos moradores locais tomavam essa precaução. O Castelo de Bran era ponto turístico obrigatório aos *caçadores de vampiros* e eles vinham de toda parte, principalmente norte-americanos e ingleses ávidos por

saciar a sede de ficção criada pelo cinema. Bran vivia do fluxo de turistas que anualmente enchia os cofres públicos e toda uma infraestrutura girava em torno da diversão dos visitantes. Não era sem motivo que nesse exato momento, a menos de quinze minutos do pôr do sol, os guias do castelo preparavam uma verdadeira festa do lado de dentro do pátio. Toda a área estava decorada em tons de vermelho, com lanternas de papel, flâmulas com a figura de Vlad espalhadas e mesas postas com grandes quantidades de vinho tinto, uvas frescas, ameixas, salsichas grelhadas no alho e outros pratos típicos. Havia aguardente de uvas e ameixas, que lembravam as *grapas*, e todos os copos e talheres, além dos pratos e guardanapos, tinham a imagem de Vlad estampada. Deixei meu ponto nas árvores e fui para uma das ameias do castelo. A visão era privilegiada. Do lado de dentro, turistas embriagados usavam máscaras e dentes artificiais, uma alegoria ao mito, e os táxis parados do lado de fora exibiam adesivos e motivos vampirescos na funilaria.

— Absurdo! — ouvi a voz de Clementine comentar ao meu lado ao mesmo tempo em que o cheiro dela me atingiu.

— Eu sei — suspirei baixo.

Numa das mesas postas, um gigantesco queijo rústico havia sido esculpido habilidosamente com a imagem de Vlad observando um de seus empalados. O cheiro dos vinhos *merlot* e *riesling* e das cervejas fortes dava enjoio. Abri a bolsa preta e tirei de lá a ampola prateada. Em segundos o líquido rosado desapareceu no meu braço. *Bem a tempo*. A noite descia agora e seus efeitos eram familiares.

— Você tem usado muito o soro nos últimos dias — Clementine observou. Sua voz estava preocupada. — Não é normal.

Sabia que não, mas não conseguia evitar.

— Qual é o problema, Robert? Não quer conversar sobre isso?

— O que quer saber? — retruquei secamente. — Ou melhor, o quer que eu diga e que ainda não saiba?

Seus olhos vermelhos se fixaram nos meus. Lá embaixo a algarraza continuava. Os mais atirados brincavam de morder o pescoço dos outros com seus dentes falsos. *Ah, se soubessem como é de verdade!* O pensamento ressecou a garganta e queimou minha língua. Nos últimos dias eu andava tenso, irritado além do

necessário. Não adiantava caçar, nem mesmo o soro de Carlo parecia resolver. Um sentimento de frustração me dominava e com isso a sede, há tanto tempo controlada e vigiada, tomava força, crescia, como se eu fosse um neófito que necessitava de compensação. O mesmo que matou tanta gente por tanto tempo, que me fazia ter vergonha de viver. *‘Não deve ter vergonha do que é, você é um deus entre eles’*. Balancei disfarçadamente a cabeça para afastar a voz que insistia em invadir minha mente. Ao meu lado, Clementine suspirou.

— Sei que é difícil, você está sob muita tensão, Robert — ela sussurrava quase sem mover os lábios. — Mas tente se controlar mais, por favor. Os outros estão preocupados, Carlo ainda mais. E estamos aqui para ajudar.

— Não precisa me lembrar disso, Clem, eu sei. Só estou fazendo do jeito que posso — prenda o fôlego para bloquear o cheiro do sangue que vinha até mim, direto do pátio. — Não era o que eu queria, sabe disso.

Não, eu não queria estar aqui. Apesar da obrigação que sabia possuir, minha cabeça e meu coração estavam em outro lugar. Numa outra terra. Querendo desesperadamente procurar a cura para minha doença. O único remédio que poderia me trazer de volta o equilíbrio: Laura. Já estava tudo certo. Mesmo com a negativa que eu sabia que David daria ao pedido de Cínthia sobre sua metamorfose, minha decisão de ir ao Brasil procurar por ela estava acertada. Embora não soubesse por que Carlo desejava ir comigo, após seu misterioso telefonema para Solomon, isso era um detalhe que poderia ser resolvido no caminho. Um caminho que não pude seguir no momento em que Bóris e Vassília chegaram à nossa casa.

A sala branca nunca me pareceu tão pequena e apertada quanto naquele dia. A voz de Bóris enchia o ambiente:

— Os desaparecimentos dos humanos têm acontecido sistematicamente, Clementine. Dessa vez sem deixar corpos ou evidências. No começo foram os aldeões, nas fazendas e vilarejos mais afastados. Um pequeno povoado nos Cárpatos, com cerca de trinta habitantes, desapareceu em uma noite — seu tom de voz se alterou. — E agora são os turistas que somem. Sabe que a Romênia

recebe muitos por causa das regiões da Transilvânia e do Castelo de Bran. Todos procuram pelos vampiros lendários! Mas isso está começando a chamar a atenção e não temos olhos suficientes para tudo o que tem acontecido.

— E tem ideia de quem está fazendo isso, Bóris? Conseguiu, pelo menos, saber de onde provêm os ataques? — Clementine inquiria.

— Falei com os Obours. Eles pegaram rastros dos Ekiiminus da Turquia, e percebemos o mesmo no nosso lado — Bóris confirmou. — Mas também havia outros, diferentes. E estão quebrando nossa vigilância nas fronteiras. Achamos que se uniram e estão tentando criar caos no território. Já houve desentendimentos antes, mas agora a coisa se acentuou e não tenho mais como evitar que os Obours queiram atacar. Podem querer invadir Vratsa ou outra cidade búlgara — seus olhos vermelhos iam de Clementine a Carlo. — Os Obours ainda se ressentem pela perda de seus membros. Por isso nós viemos. Precisamos de ajuda, amigos. Entramos em contato com os clãs da Polônia e da Sérvia, mas sinto que o que enfrentamos está muito além do que imaginamos.

Então tudo se resolveu da maneira politicamente correta. Deixamos Eric e Morgana tomando conta de Cínthia.

— Ah, sim, claro! — ela esbravejou quando viu seus planos irem por água abaixo. — Fiquem os dois para defender a humana idiota! — bufava. — Eu poderia ajudar agora e não ser um problema, separando vocês e deixando o clã mais fraco! — reclamava enquanto Eric tentava amansar a fera.

Sem dúvida lembrava muito a mãe! Clementine dirigiu-se a David, prometendo respostas em curto prazo. Carlo pegava o celular para avisar Solomon, desmarcando a sua... a nossa ida para o Brasil. Partimos para a Romênia, terra de Bóris e Vassília. E eu vi meus planos de encontrar Laura se dissolverem como o pó sob a chuva. Apertei os dedos das mãos contra as pedras da amurada da torre de vigia do castelo. Alguns pequenos fragmentos despencaram em meio aos humanos alegres e embriagados que festejavam e nada notaram de diferente.

A mão de Clementine pousou de leve no meu ombro.

— Sei que não queria nada disso, Robert. Acha que não pensei em ir com vocês para o Brasil e tentar encontrá-la também? Eu gosto de Laura, muito mais do que pensa — sua voz ficou mais grave. — Por séculos, imaginei qual seria o conceito da palavra amiga, de que maneira as pessoas poderiam se ligar dessa forma, ter esse sentimento — seu olhar foi para longe. — Eu conheci o amor, meu irmão. Amei Guilhem, meus meninos, nossos pais e amo você com toda a força de uma irmã — olhou para mim. — Mas Laura... foi uma completa surpresa! Nunca imaginei que ao contratar uma funcionária encontraria uma amiga. Isso foi novidade para mim.

O vento soprou um pouco mais e balançou os balões e fitas do pátio. As lanternas de papel crepitavam.

— Eu quero encontrá-la! — falou com firmeza. — Sei que o sentimento que tenho por ela nem se compara ao seu amor, Robert. Mas Laura ia querer que fizéssemos o certo. Ela prezava os amigos e fazia o possível por eles. Apoiaria a nossa decisão em estar aqui, agora — olhou para o pátio. — E quando tudo isso acabar aqui, e vai acabar, então iremos procurá-la e trazê-la de volta, nem que para isso eu mesma tenha que enfrentar, sozinha, todo o exército de mestiços de Avelar para mantê-la segura!

Olhei para Clementine. Os cabelos castanhos, volumosos desde a nossa infância, presos numa longa trança que descia com graça pelas suas costas, balançavam com o vento. Os olhos eram vermelhos, mas podia enxergar o verde esmeralda que inspirou tantas canções nos menestréis do nosso tempo. Clementine sempre foi bela e, apesar da tristeza em seu coração, eu admirava o quanto a imortalidade preservou os traços mais lindos de sua pessoa. Mesmo que nunca pudesse dizer isso a ela em voz alta.

— Sabe que não precisa enfrentá-los sozinha, Clem — pisquei para ela. — Embora eu tenha pena de cada um daqueles bastardos se caíssem em suas mãos, minha irmã.

Sim, e eu tinha mesmo. Clementine era uma arma! Essa era a melhor definição que podia dar quando atacava. Rápida, letal e mortal. Suas vítimas nunca escapavam. Mesmo com todo o meu treinamento militar humano, foi ela quem me ensinou a usar a força e a agilidade depois da minha transformação. Com ela aprendi o que

era necessário para me manter vivo. Duros anos, duras lembranças, que ficaram para trás quando, de repente, nossas cabeças se voltaram na mesma direção. Carlo estava sobre uma das torres do outro lado enquanto o clã romeno tomava posição. Enrijei os músculos e saltei. Clem veio logo atrás. Do alto de outra torre percebi o que causou a movimentação de todos. O cheiro! Pungente, forte, espalhando-se pelo ar como o perfume de um vidro que se quebrou. De onde estava, vi Bóris desaparecer em uma sombra. Os outros romenos também. Ekiiminus podiam se disfarçar como camaleões, assumindo a cor e o aspecto do que quer que esteja por perto. Somente pelo odor seria possível encontrá-los agora.

Da floresta ouvi os sons dos Obours. Estavam do lado de fora para não chamar a atenção. Seria impossível para qualquer deles passar despercebido, apesar de rápidos. Quem olhasse para um Obour com certeza se lembraria das histórias de infância, onde gigantescos ogros de um olho só devoravam vítimas indefesas. Eles eram altos, fortes, possuíam a pele meio esverdeada e apenas uma longa narina, hipersensível. Sua língua era bifurcada e de cada ponta brotavam ferrões que injetavam o veneno que paralisava as presas, das quais se alimentavam. As mãos eram garras afiadas e podiam retalhar a carne de humanos e vampiros como faca cortando manteiga. A movimentação deles era constante agora. O cheiro os havia alertado e se aproximavam das muralhas externas. Seja lá o que for, estava bem aqui, dentro do castelo.

— Vamos — falei para Clementine. — Se forem os Ekiiminus búlgaros será difícil vê-los. Vamos rastrear de perto — deslizei pela parede da torre, agarrando as saliências das pedras com os dedos.

Clementine já estava no chão, desaparecendo entre as sombras da festa que se seguia no pátio. O cheiro vinha de lá. Assim que toquei o solo, aproveitei uma das frestas laterais e ali fiquei, observando o movimento. O odor forte que veio por trás me pôs em alerta.

— Calma, Robert, sou eu — a parede falava comigo num sussurro.

Acenei de volta.

— Eu sei, Bóris. Foi só reflexo — ele não estava sozinho.

Vassília estava próxima, os dois confundindo-se com as cores da parede num mimetismo chocante, incrível de observar. Mas o momento durou pouco quando a fonte do cheiro passou a poucos metros de distância, em meio à multidão. Forcei ao máximo a visão para tentar detectar o que estava provocando aquilo. O odor era forte, mas difuso, como se estivesse em vários lugares.

— Ali — ouvi o sussurro de Bóris no mesmo instante em que sua forma desapareceu.

Ainda tentava definir o que o romeno viu quando percebi uma forma humana despencar no chão, atrás de uma das mesas menos iluminadas, e ser arrastada para a escuridão. Não houve nenhum grito. Contornei o pátio em segundos, levantando uma brisa que derrubou algumas taças de vidro. Quando cheguei ao local, não encontrei nada. Pude ver Josh dependurado numa das beiradas das torres. Ao lado dele, Carlo passou num rompante assim que outro fluxo de cheiro emergiu. Segui na mesma direção a tempo de ver outro corpo ser erguido e arrastado contra uma parede por mãos invisíveis. Ekiiminus! Saltei e agarrei o puro camuflado. O humano caiu e Carlo pegou-o com rapidez. Josh já estava ali, me ajudando a segurar o vampiro. Ele se debatia e atacava com fúria. Apesar da força titânica que fazíamos, nenhum som perturbou os ouvidos dos humanos na festa. A mão do Ekiiminu agarrou meu pescoço e me atirou contra o chão. Josh, muito mais forte que eu, mantinha sua gravata em volta da criatura, agora visível para nós. Sem sua camuflagem, ele se parecia com Bóris. Alto, magro, pele pálida e olheiras profundas. A boca se abria e os dentes avançavam para morder os braços de Josh. Saltei sobre ele outra vez. Com meus dentes em seu pescoço, prendia seus braços com as mãos. Josh aproveitou e mordeu, com raiva, o som de carne sendo partida chegando aos nossos ouvidos. O Ekiiminu era forte, mas nós dois juntos também. Na escuridão do lado posterior do pátio, travamos nossa luta, até que os membros do gigante se afrouxaram e seus ossos estalaram em minha boca. O gosto era o pior possível! Nunca havia atacado um puro assim antes. O corpo caiu sem vida, enquanto o fedor de seu cheiro me enojava. Josh também estava pouco à vontade com ele. Olhamos um para o outro, mas não tivemos tempo

de falar. No alto, vimos Clementine e Carlo saltarem para o lado de fora do castelo, na direção da floresta.

— Vá atrás deles, eu cuido desse aqui — e Josh sumiu.

Peguei o frasco de ácido. O corpo fumegou e desapareceu. Ia me adiantando para a floresta quando outro cheiro, muito diferente do Ekiiminu, chegou até mim. Olhei para o pátio, através das sombras da noite. Os humanos continuavam a comemorar sem ter a menor ideia do que se passava, a música era alta e vibrante. O nevoeiro também parecia mais forte e intenso, deslizando entre as mesas, como se procurasse espaços para atravessar. Aquilo me confundiu. Fiquei observando quando uma parte dessa névoa se ergueu, feito um tentáculo, e enlaçou uma garota que cambaleava próxima à mesa de bebidas. Com uma incrível rapidez, a névoa a puxou para debaixo da mesa. Deslizei rápido entre os humanos embriagados e risonhos e mergulhei sob a toalha vermelha. A névoa havia sumido, e a garota também! Contornei o pátio, passei por uma das portas que davam acesso ao museu e vi a névoa subir lentamente os degraus em direção às passagens, agora nem tão secretas, e dobrar o corredor.

Passei pelo *hall* do museu e fui até a estreita entrada da passagem, que levava do térreo para o primeiro andar. Estava silencioso, mas o cheiro me alertava de que não estava só. Com cuidado, fui subindo os degraus. O cheiro de tijolos antigos reformados misturava-se com a umidade permanente do local. Passei pela primeira, pela segunda passagem e não encontrei nada. Quando cheguei à que levava ao terceiro piso do castelo, estaquei. Pairando a minha frente, estava a garota. Os olhos arregalados, a pele cinzenta, o pescoço tombado de lado e os cabelos pretos flutuando junto com seu corpo suspenso no ar. Parecia uma marionete sustentada por tentáculos daquela estranha névoa. Ela arremessava a garota de um lado para o outro, para cima e para baixo, fazia pequenos movimentos de dança, um bailado de um corpo só. Ouvei a risada espectral que encheu o corredor. Contornei a cena, tentando encontrar algo que facilitasse o ataque. Algo que pudesse pegar com as mãos. Minutos se passaram assim até que a névoa soltou a garota, que caiu ao chão como um boneco, e avançou em minha direção. Como dedos de aço, seus tentáculos me agarraram no

pescoço. Tentei, mas não consegui tocar nada de concreto. Meus dedos atravessavam aquela forma etérea. O aperto era firme e me estrangulava. Meu corpo foi erguido do chão e o som de uma respiração pesada chegou aos meus ouvidos.

— *Di Feveré.*

A voz era fria, morta, mas cheia de raiva, ódio e desprezo. O que era essa coisa? E como sabia meu nome? Essas perguntas percorriam a minha cabeça, mas não podia respondê-las. Sentia o estrangulamento das garras e algo como dentes faiscantes se aproximavam do meu rosto. Precisava fazer alguma coisa, e logo. Por reflexo, minha mão tateou dentro da bolsa preta atada à cintura e peguei um pequeno frasco. A esmo atirei ao chão. O líquido criou um clarão, forte como o sol, e ouvi o grito da criatura, enquanto meus olhos puderam vislumbrar alguma forma por entre a neblina. Quando a claridade cessou, eu estava só. Nem sinal da névoa misteriosa e nem de seu cheiro em parte alguma. Olhei para a garota. Duas marcas claras de presas apareciam em sua jugular. Peguei o corpo com delicadeza, fechando seus olhos apavorados, e senti pena por ela. Já havia visto, várias vezes antes, o que esses ataques podem causar. Eu mesmo fui responsável por muitos, séculos atrás. Todos mortais, violentos e brutais. E um deles quase custou a vida da mulher que eu amava. Desci a galeria de túneis a todo vapor e fui direto para a floresta. Todos estavam por lá. Os Obours, com seu passo cadenciado, traziam mais um Ekiiminu morto. Josh e Carlo terminavam de incinerar outros dois. Clementine montava guarda perto dos humanos. Mortos. Quando me viu chegar, olhou para a garota.

— Mais um. Não foi uma boa noite — sua mão tocou o rosto dela com tristeza. Era muito jovem.

Carlo também se aproximou.

— Foi um Ekiiminu? Conseguiu pegá-lo? Ou um nômade metamorfo como os que Josh e eu encontramos?

Sacudi a cabeça. Como explicar o que eu tinha visto?

— Não foi nem uma coisa, nem outra, eu... — então todos se voltaram para a entrada da floresta.

Caminhando com passos pesados, Bóris surgiu. Nos braços trazia alguém. Mas o peso que carregava parecia ser insuportável para seus ombros.

— Deus... — Clementine sussurrou.

O gigante Bóris caiu de joelhos. Seu rosto era uma máscara de dor. Em seus braços, desarticulada como uma boneca, jazia Vassília. Carlo adiantou-se rápido, mas nada poderia ser feito. Os ferimentos eram bem visíveis e letais. Vassília teve a morte que todos conhecemos bem.

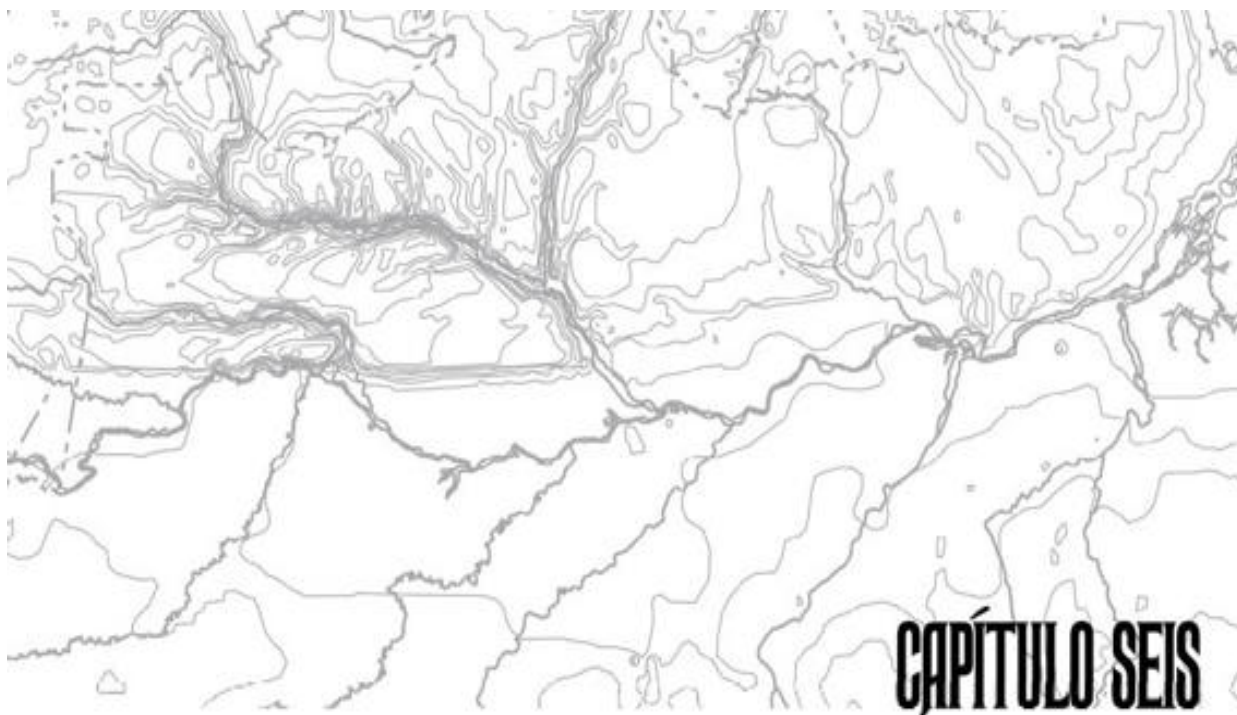
— Ele veio por trás — a voz de Bóris era rouca, truncada. — Ela havia acabado de salvar um humano. Estava distraída e então... — perdeu-se num ruído sonoro de soluços abafados e dolorosos. — Mas pelo menos eu o peguei, o miserável...

O sol despontava no leste. Lutamos toda a noite. Matamos e vimos outros morrerem. A ação foi efetiva, correta e certa. Por enquanto, ninguém mais tentaria fazer algo na Romênia. Podíamos nos sentir tranquilos agora. Mas, ao redor, ninguém experimentava esse alento. O alívio não nasceu junto com os raios de sol, nem veio com o canto dos pássaros.

— Vassília... Vassília... — Bóris embalava o corpo da mulher amada junto ao seu, cuja cabeça decapitada era salpicada pelas luzes do dia que se infiltravam entre as árvores.

O choro de um gigante, o lamento de um titã, abafava os sons do amanhecer.

3. *Hooligans* – Termo associado, principalmente na Inglaterra, a fãs de desportos, adeptos de futebol e jogos universitários, e que muitas vezes formam torcidas violentas que brigam entre si em campeonatos.



Livro Quatro – Capítulo Seis

Cachoeira da Lua – Bonito – Mato Grosso do Sul – início de outono

É aqui — Nazaré falava com clareza. — Só não entendo por que achou que essa cachoeira ficava em Aquidauana. Ela fica no caminho para lá. A Cachoeira da Lua é famosa. Aliás, todo o complexo do Parque das Cachoeiras em Bonito é — sua voz brincava comigo. — Não estudou geografia brasileira na escola, Nelson?

Aparentemente não. Ou foi uma das matérias para a qual devo ter dado menos bola. Mas não respondi de imediato, pois meus olhos se fixaram na imagem estonteante a minha frente. Era o verdadeiro paraíso, muito mais bonito do que na foto Polaroid amarelada que eu trazia em minhas coisas. As quedas-d'água cortavam os paredões com graça e deslizavam com força sobre uma imensa piscina de águas cristalinas que se abria ao nosso redor, escoando em cascatas menores sobre as pedras e seixos lisos em direção às outras quedas

do complexo. No alto, podia ver as corajosas árvores e arbustos menores que se agarravam nas pedras com as raízes, tentando impedir que a força da água as arrastasse. Outras árvores, muito maiores, circundavam todo o cenário. Pequenas grutas naturais se escondiam sob as quedas e nas laterais era possível ver as trilhas abertas para os turistas. Os vapores de água subiam por causa da pressão da queda, criando pequenos arco-íris, mais coloridos do que eu poderia imaginar. O perfume da mata se espalhava com a brisa calma e quente.

Os cheiros misturados da água doce, pura, fria, com a terra molhada e as folhas verdes e brilhantes invadiram meus sentidos. Não sei se foi por isso — ou uma simples vontade de ser normal como qualquer outro, como eu era antes —, mas arranquei a camiseta e os chinelos e, sem pensar, mergulhei na refrescância daquela piscina natural, desenhada por Oxalá. As cachoeiras eram sagradas para quem seguia o candomblé, a força das águas de Iemanjá limpava e purificava tudo e muitos rituais aconteciam sob suas quedas. Foi aqui que minha mãe veio para participar de um desses encontros. Nesse lugar ela deve ter conhecido meu pai. E, talvez, até mesmo tenha sido nessas águas que ela me fez. Senti outro movimento ao meu lado. Nazaré havia mergulhado. Por baixo do vestido florido ela vestia um maiô, e agora deslizava pelas águas com rapidez, como uma sereia. Fez um sinal com o dedo e mergulhamos. Quanto mais afundávamos, o mundo exterior parecia ter menos importância e os problemas se dissolviam com as bolhas de ar, desaparecendo acima das nossas cabeças. Os raios de sol penetravam na lagoa e faiscavam como um manto de joias, iluminando o fundo. Eu estava leve e confiante. Essa sensação espalhou-se de tal maneira pelo meu corpo que resolvi brincar. Sem dar aviso, agarrei Nazaré pela cintura e subi disparado para a superfície. Quando cheguei lá, joguei-a para o alto e ela mergulhou de volta como uma bola. Comecei a rir. Ela voltava à tona e limpava a água dos olhos verdes. A trança castanha estava escura e sua pele morena brilhava com as gotas ao sol. Era deslumbrante de ver.

— Ah, então quer brincar? — perguntou séria e olhou ao redor. Hoje não havia turistas, a cachoeira estava deserta.

Seus olhos brilharam e, com expressão divertida, mergulhou. Fiquei flutuando devagar, esperando. Nada parecia se mover. Só havia o ritmo contínuo da cachoeira. Então senti a pressão que se formou sob meus pés e o empurrão que os impulsionou para cima, com força e agilidade. Devo ter sido arremessado a uns três ou quatro metros acima do nível da piscina e tombei como uma pedra na cachoeira. Sem que eu tivesse tempo para me recuperar, um rodaminho passou a girar ao meu redor. Fui sugado para o fundo com uma força centrífuga impressionante, arrastado como sujeira pelo ralo de uma pia. Só podia vislumbrar os contornos do corpo de Nazaré movendo-se rápida como uma enguia, sua força agitando as águas e criando o olho que continuava a me puxar. Sem nenhum aviso, e antes que eu pudesse revidar, ela inverteu a direção. O atrito entre as duas marés provocou o que eu poderia definir como uma *pororoca artificial*, e seu impulso me suspendeu num jato de água acima da piscina, como um tornado, girando em todas as direções. A força foi aumentando até explodir, me atirando a uma das margens. O impacto fez duas árvores menores tombarem e os troncos serem arrastados correnteza abaixo. Quando consegui me sentar, minha cabeça ainda rodava. A bela mestiça flutuou lentamente pela água, até ficar ereta, e se aproximou com passadas leves.

— Que foi? Achei que queria brincar? — ria despreocupadamente.

— É, queria. Mas isso não incluía quebrar minha cabeça — reclamei.

— Não esquentar. A sua cabeça é dura demais, sabe disso. Não daria para quebrar — riu, um som gracioso e melodioso, e ofereceu a mão para mim.

Agora é minha vez! Puxei seu braço e a peguei no colo, correndo de volta para a água. Ela dava gritinhos e ria, enquanto eu a afundava e puxava de volta, como se fosse um patinho de borracha numa banheira. Mas não demorou muito para que *eu* passasse a ser o pato de borracha. Por algum tempo ficamos nessa, rindo e gritando.

— Vocês dois têm sorte que este lugar está vazio hoje — Laura falava com um sorriso. — Seria difícil explicar como um tornado pode se formar numa cachoeira — apontou para a cesta que trazia. — Espero que estejam com fome.

Nós nos sentamos à sombra das árvores em uma das encostas e comemos. Sanduíches e refrigerante. Também havia frutas. Muito bom.

— Acha que Solomon vai demorar na cidade? — Laura perguntava para Nazaré. Apesar de aparentar calma, eu sabia que ela estava nervosa, e com certeza teria ido embora após o telefonema misterioso do tal Carlo, da Inglaterra.

— Acho que não. Ele apenas queria checar as coisas, depois do que José e Cecília falaram. Além disso, não temos comida suficiente em casa para os filhos mestiços de Jamal — ela pontuava. — E não seria prudente que todos ficassem caçando na região ao mesmo tempo. Chamaria demais a atenção. Aqui em Bonito é mais fácil encontrar o que eles gostam de comer. Há uma loja importadora de produtos étnicos especializada em artigos da Ásia e África — completou. — Sabe como o pai é, Laura. Quando recebe visitas gosta de fazer tudo dentro da etiqueta.

Enquanto elas conversavam, eu me lembrei da manhã em que o vampiro paulistano e a vampira carioca chegaram, de repente.



Solomon voltou para a sala, seu olhar era estranho e parecia juntar partes de informações em sua cabeça. Ninguém falou nada, mas Laura imediatamente o atacou com perguntas.

— Sólón, o que aconteceu? — o olhar dela era do mais puro desespero. — Por que Carlo ligou, o que ele queria?

Todos ficaram esperando. Solomon sentou-se numa das poltronas douradas da sala e disse com a voz tranquila:

— Eles sabem que você está aqui — olhou dentro dos olhos dela.

— Não! — não era um grito, era um lamento ecoado. — Por que disse a ele? Por que contou, Sólón, você prometeu! — começou a chorar. — Disse que não falaria nada! Por que fez isso? — Shiloh a segurava com força pelos ombros. — Agora eles virão! Robert virá! Os Fevré não podem deixar Bristol, Solomon, é perigoso... — sua voz

sufocou e Shiloh tentava acalmá-la, olhando interrogativamente para o marido.

Solomon respirou fundo por um momento e seus dedos foram ao queixo. Quando olhou para Laura, não havia raiva nem censura no rosto, apenas tristeza.

— Achou mesmo que eu trairia sua confiança, minha amiga? Depois do que conversamos a noite toda? — o tom de voz era o mesmo do olhar. — Criança, se pensa assim só posso deduzir que não tem por mim o mesmo apreço que sinto por você e isso entristece esse velho coração morto — gesticulou para todos. — Cada um aqui deve ser testemunha do que direi: nunca, em nenhum momento, deixaria de ser seu amigo e de honrar as suas decisões, mesmo que estejam contra a minha vontade e ao que penso ser melhor. Você me pediu um voto de confiança, Laura, e ele não será quebrado.

Shiloh olhava para o marido, um sorriso tomando conta de sua expressão. Por um momento, achei que ela pensou o mesmo que Laura e ficaria contrariada com a atitude dele, se a tivesse delatado. Laura piscou várias vezes, engolindo a saliva para poder falar:

— Mas, então... Como sabem que estou na sua casa?

Os dedos de Solomon se cruzaram no colo.

— E quem disse que acham que está em minha casa, Laura? Eu disse que sabem que você *está no Brasil*, ou que esteve, mas não aqui, conosco — sua voz era grave. — Eles descobriram brechas na sua armadura, minha querida...

Solomon relatou a história ouvida do tal Carlo. Uma parte eu já conhecia: a conversão, a fuga, entre outras, até nos conhecermos em Campo Grande. A outra metade da narrativa falava sobre programas de computador, *Black Holes* — sabe Deus o que será isso —, Megisters, os manda-chuvas da tal Ordem, falsas identidades e que um tal de Josh — acho que o nome era esse — havia conseguido descobrir uma das que ela usou e seguiu o rastro até aqui.

— Então, Carlo ligou — Solomon continuou. — E é evidente que ligaria. Perguntaria para mim primeiro se notei alguma coisa — seus dedos estavam entrelaçados agora. — Mas, como disse antes, você me fez um pedido e entendo sua razão, por isso neguei saber de

qualquer coisa. Mesmo que minha consciência pese por achar que estou cometendo um erro que pode custar sua segurança.

Laura se libertou de Shiloh e correu para abraçar Solomon. Ele a embalou como uma criança pequena e sussurrava palavras afetuosas para acalmá-la. Ela ainda chorava muito. Quando finalmente parou, foi para perguntar:

— C-Como... está Cínthia? — sua voz engasgou. — Ela estava com eles? Está bem?

— Sim, ela estava lá. Havia chegado da Holanda há poucas horas. E está muito bem, pode ficar tranquila — acariciou o rosto dela.

— Então, ela ainda é...? — parecia ter dificuldade em pronunciar a questão. — Eles... não a mudaram? Por que eu achei que... não estando mais lá... E conhecendo minha filha como conheço, a essa altura ela já os teria obrigado a fazerem a metamorfose.

A metamorfose! O ritual de passagem de humano para vampiro. Como deveria ser?

— Ela ainda é a mesma, segundo Carlo. Uma cabeça dura e teimosa como a mãe, mas humana.

Vi o alívio se estampar no rosto de Laura, para logo depois se transformar em desespero quando Solomon acrescentou:

— Bem, mesmo dizendo que nada sei sobre você, Carlo está vindo para cá. Disse que precisa falar comigo pessoalmente. E acredito que Robert virá com ele depois do que Josh descobriu.

— Então eu preciso ir — ela empalideceu mortalmente. — Agora.

— Não, não precisa — Solomon a segurou pelas mãos. — Eu disse a Carlo que me encontrasse na casa do Rio de Janeiro, porque ficaria por lá nos próximos dias para resolver alguns assuntos com Cecília — olhou para a jovem do outro lado da sala. — Teremos tempo para pensar no que fazer.

— E será melhor que fique por aqui, Laura — a voz de José interrompeu a conversa deles. — Principalmente com o que temos para contar.

Solomon voltou-se para o vampiro de São Paulo. Todas as atenções eram para ele:

— É verdade, José, lamento pelo meu descaso — desculpou-se com um sorriso. — Vocês vieram de longe, às pressas, e ainda nem

pude ouvi-los. O que têm para nos dizer e que os mobilizou a vir tão de repente?

José passou a relatar seu último encontro com Laura, quando ela havia matado um mestiço no bairro da Liberdade. Olhei disfarçadamente para a loira. Eu sabia o que ela podia fazer. Era dura na queda, apesar do nervosismo que a deixava fragilizada agora.

— Depois do seu aviso, Laura — José continuou —, Bernardo e eu ficamos mais atentos. Passamos a correr as regiões onde qualquer fato estranho estivesse acontecendo — olhou para todos. — Semanas atrás, pegamos um forte rastro em Carapicuíba, próximo às linhas dos trens da CPTM. Bernardo foi numa direção e eu segui até a capital — sua voz baixou. — Achei dois corpos abandonados próximos da USP, mais precisamente no parque do Instituto Butantã. Dois estudantes. Secos até a última gota.

Minha garganta se contraiu. Vampiros atacando em São Paulo! Lembrei de minha avó, sozinha no Riviera.

— Na mesma noite, Bernardo se atracou com um mestiço em Carapicuíba — sua voz subiu nesse momento. — Não se parecia com o mesmo que atacou você, Laura. Esse era muito forte e mostrou que não estava sozinho. Mais quatro surgiram e cercaram Bernardo. Quando ele pensou em me chamar, uma coisa estranha aconteceu — José gesticulava para os demais. — Os mestiços se voltaram para a mesma direção, como se atendessem a algum chamado, e se foram. Rápidos e velozes. Bernardo foi atrás, mas eles conseguiram despistá-lo e desapareceram perto de Ferraz de Vasconcelos.

— Quer dizer que eles atacaram em dois lugares naquela noite? — Solomon parecia intrigado.

— Na verdade, não — José explicava. — Os mestiços foram surpreendidos por Bernardo, mas não atacaram ninguém. Eles pareciam estar pesquisando, vasculhando a área à procura de algo, ou alguém — seu olhar foi significativo para Solomon. — Os estudantes mortos perto da USP foram vítimas de um metamorfo.

Houve um silêncio na sala que parecia incomodar todo mundo.

— Após aquele dia, começamos a caçar os resíduos do cheiro do vampiro — José explicava. Todos os olhos se focalizavam nele. — Não encontramos nada, e não aconteceram mais ataques. As mortes

dos garotos foram noticiadas, mas passaram por homicídios sem solução, e como não houve mais vítimas o caso ficou por isso mesmo — olhou para Cecília. — E é então que essa parte da história se estende e tem um desdobramento maior.

José gesticulou para ela. Cecília estava imóvel, apenas escutando. Seus olhos iam de Laura para Solomon e pude perceber engrenagens se movendo dentro de sua cabeça. Talvez juntando as partes que faltavam para completar o quebra-cabeça.

— Bem — começou com seu sotaque forte, ainda olhando de Laura para Solomon. — O que me levou até São Paulo e conseqüentemente me trouxe aqui foi o mesmo motivo: um vampiro atacou na Orla do Flamengo. No quebra-mar, onde vivem moradores de rua que dormem nos vãos das pedras que transformaram em casas — seu olhar voltou-se para todos agora. — Naquela noite em especial, meus companheiros e eu estávamos no Parque Ecológico da Prainha, caçando.

Por um momento pensei em perguntar se ela estava caçando gente ou bicho, mas achei melhor calar a boca.

— Quando voltamos para a cidade, vimos os estragos na Orla e fomos à caça. O rastro ainda era forte e não tardou até que os encontrássemos — seus olhos azulados se estreitaram. — Dois. Uma fêmea e um macho. Metamorfofos nômades. Nem preciso dizer que o barraco ferveu! — Cecília sorriu e seus dentes pontudos faiscaram a luz que entrava pela janela. — Éramos quatro contra dois, uma briga muito justa. A fêmea conseguiu fugir, mas pegamos o homem. Ele se debatia e gritava como um louco.

Então ficou quieta, como se relutasse em continuar. Os olhos dela voltaram-se para Laura outra vez. José interrompeu o silêncio.

— Fale, Cecília — ele encorajou. — Eles precisam saber. *Ela precisa saber.*

Os olhos de ambas se cruzaram. O azul e o castanho brilhantes. Por fim, Cecília soltou o ar.

— Antes de acabarmos com o desgraçado ele berrou, em inglês, como se fosse um profeta apocalíptico: *isso, me matem! Idiotas! Vocês não sabem o que estão perdendo! A cura está próxima! A salvação para todos nós chegou! Nunca mais teremos que rastejar*

entre as sombras e agir como vermes, poderemos ser livres outra vez! A Panaceia existe! E está cada vez mais próxima! Eu posso falhar, mas outros a encontrarão. Eles estão a caminho, eles a encontrarão! Nos foi prometido, e será dado!

Silêncio. Vi o rosto de Laura empalidecer a cada palavra. Podia ouvir o ritmo descompassado de seu coração e o fluir do sangue pelas veias. Não cheguei a contar, mas seu cheiro mudou muitas vezes em poucos minutos.

— Deixei meu grupo e fui ao rastro da fêmea — Cecília retomava a narrativa, suas narinas aspirando o mesmo que eu. — Ela foi para São Paulo, era a mesma que atacou os garotos e que José perseguiu. Quando contei a eles a minha história, José achou melhor falarmos com você, Solomon — seu tom de voz ficou mais sério. — E no caminho pra cá fizemos outra descoberta: o rastro da vampira vinha para Campo Grande, mas desapareceu por lá.

Olhei para Laura. Ela me devolveu o olhar. Será possível?

— E onde terminou o rastro? — Solomon perguntou, mas parecia antever a resposta.

— No Parque das Nações — José respondeu. — Estava bem fraco, mas ainda era o mesmo.

Sim, era possível. Depois que Cecília e José ouviram o desfecho do destino da vampira — e Nazaré o avisou que Jamal estava a caminho —, Solomon ficou quieto. Com o silêncio pesado que se seguiu na sala, era natural que meus nervos estivessem a mil. Vampiros assassinos, cura, Asanbosans da África, outros vampiros que chegariam em breve vindos da Inglaterra... *Pai Oxalá, onde fui me meter?* Quando, finalmente, Solomon abriu a boca, colocou mais lenha na fogueira que alimentava os pensamentos de todos.

— Amigos, sei que estão ansiosos e preocupados — dizia e gesticulava. — Mas eu peço um pouco mais de paciência. Não tenho todas as respostas, *ainda*. E creio que a chegada de Jamal vai ajudar, e muito. Por enquanto, só posso pedir que esperem conosco, José e Cecília — pediu, voltando-se para os dois. — O que presenciaram e sabem será de grande valia — depois olhou para Laura. — E você também, Laura. Confie em mim, ninguém vai achá-la ou lhe fará qualquer mal conosco por perto.

— Não é com a minha segurança que estou preocupada, Sólon — ela respondeu. — Se ficar, com tudo o que acabou de ouvir, dor e morte podem atingir todos vocês como já atingiram outros — ela mencionou mais um detalhe. — E como fará agora? Jamal está vindo e Carlo também. Não poderá estar em dois lugares ao mesmo tempo.

Nesse instante, o celular de Solomon bipou. Ele o pegou, leu algo e sorriu.

— Acho que não precisarei estar em dois lugares ao mesmo tempo, minha querida — mostrou o celular para ela.

De onde eu estava, podia ver a mensagem no painel luminoso do aparelho.

From: Carlo

To: Solon

Não poderei ir, problemas por aqui. Ligo na volta.



— Nelson? — Laura tocava meu braço. — Você está acordado? Pisquei e olhei para as duas mulheres. Minha cabeça havia viajado.

— O que foi? — perguntei meio sem jeito.

— Eu disse que vou aproveitar e nadar um pouco também — mostrou o termômetro do relógio. — A temperatura subiu. Querem vir?

Nazaré balançou a cabeça.

— Não, Laura, obrigada.

Aproveitei a deixa.

— Eu também vou ficar aqui. Cansei de ser bola de piscina.

Nazaré fez um muxoxo e depois sorriu. Observávamos Laura na cachoeira, sentados lada a lado na raiz de uma velha árvore. Parecia um assento confortável e estiquei os pés e os braços. Nazaré estava bem perto e seu cheiro fresco, após o mergulho, era mais cítrico e suave. Dava água na boca. Disfarçadamente, enquanto ela vestia o vestido pela cabeça, admirei as pernas, os quadris, os braços fortes.

Ela era um ímã do qual meu olhar não conseguia se desviar. Tudo nela era perfeito para mim, cada detalhe, cada centímetro. Quando se vestiu, ela me olhou com seus olhos verdes e sorriu.

— Até que foi um dia legal, em vista de tudo o que tem acontecido ou que pode acontecer — acrescentou com certa curiosidade. — Não sei de onde você tirou a ideia de vir aqui, mas foi uma boa, sem dúvida.

— Obrigado. Costumo ter boas ideias de vez em quando — olhei por entre as folhas das árvores.

O sol caminhava para o final da tarde e fazia calor. Não era a toa que Laura precisava de um mergulho. Desde que chegamos ela tomava uns dez banhos por dia, eu acho. Essa história de 41 graus de temperatura corporal não devia ser moleza. Sua forma esguia no maiô branco afundava com graça e depois subia, aproximando-se da queda-d'água. Então ela se recostou ao paredão e deixou-se banhar pelas águas frias da Cachoeira da Lua. Suspirei. Laura estava quase no mesmo lugar onde minha mãe posou para a foto, há dezenove anos. A diferença é que mamãe estava do lado de fora e não dentro d'água. Percebi o olhar de Nazaré em meu rosto.

— Não foi por acaso, não é? — perguntou tranquilamente. Ela era bem observadora e provou isso de maneira clara. — Você queria isso desde o início — apontou o lugar. — Foi para estar aqui que deixou sua avó em São Paulo e veio para o Mato Grosso.

— Por que está dizendo isso? — não queria mentir para Nazaré, mas também não ficaria espalhando os detalhes da minha vida. — Se tivesse planejado vir aqui, não teria errado o lugar, não é? Você mesma falou que essa cachoeira não ficava em Aquidauana. — contra-ataquei.

— Não, não fica. *Agora* você sabe — frisou bem a palavra. — Mas não antes que *eu* contasse esse *detalhe* — continuou certa. — Qualquer um poderia descobrir se pesquisasse na internet, numa agência de turismo... ou no mapa do Estado que você trouxe quando chegou.

Cara, será que nada escapava dessa garota? E agora? O que posso fazer? Voltei a olhar para Laura. Ela havia mergulhado e estava boiando ao sabor das águas.

— Escute, Nelson. Se não quiser contar, tudo bem, eu entendo — a voz era suave e calma. — Só falei porque sei que é verdade, e isso o está incomodando, e muito. Todos têm direito a ter segredos, principalmente nós! — deu risada. — Mas se eu puder ajudar de alguma forma, por favor, não deixe de pedir.

Ela olhava diretamente para mim e devolvi o olhar. Ficamos assim, parados, em silêncio. Deus! Como era fácil me perder no verde desses olhos, tão claros como a água da piscina da cachoeira. Profundos e misteriosos, mas que convidavam a mergulhar em suas órbitas e desvendar seus segredos. Eu nunca conseguia saber por onde minha cabeça ia quando fitava os olhos de Nazaré. A mistura de sensações era nova e estranha, deixando em mim o gosto de querer sempre saber mais, de me envolver mais, de me entregar mais. Muito mais do que eu sabia que já estava entregue. Preso, escravo, cativo de uma pequena fada, que me enfeitiçou desde o momento em que meus olhos cruzaram com os dela na noite mais assustadora da minha vida até então. Sabia o que era isso, esse sentimento. Mesmo sem nunca ter sentido nada parecido antes, eu não era bobo. Entendia o suficiente da vida para compreender o porquê de o ritmo do meu coração ficar desvairado cada vez que ela estava por perto, ou mesmo bater forte quando não estava, quando eu só pensava nela, à noite, sozinho no meu quarto na casa de Solomon. Na foto de minha mãe estava escrito *Cachoeira da Lua – Aquidauana*. Mas essa cachoeira não ficava lá. E minha mãe também devia saber disso. Então, por que esse era o lugar certo na cidade errada? Por que o destino me trouxe primeiro para Aquidauana e não para Bonito? Desviou minha rota em cerca de 200 km? Ou, como disse Nazaré, por que não olhei antes na internet, numa agência ou no mapa? O mesmo que estava lá, inútil, dentro da minha mochila? O que me fez vir parar aqui? *Deve procurar seu povo* — a voz de mãe lara, de repente, falou em meus pensamentos. — *Só quando encontrá-los saberá seu lugar nesse mundo...*

Meu cérebro estalou e percebi a verdade: o destino me trouxe a Aquidauana por ela! Meu caminho foi truncado e mudado por uma força maior, apenas para que eu pudesse agora, nesse momento, estar sentado numa raiz morta olhando a vida dentro dos olhos verdes

dela. Nunca algo foi tão claro para mim como a verdade dessas palavras. Eu vim até aqui por Nazaré! Esqueci onde eu estava, esqueci o que precisava fazer, esqueci minha vida. O tempo não existia mais. Esqueci que podia sentir dor, que podia morrer, esqueci até que podia viver. Esqueci meu nome e quem eu era. Só uma coisa eu nunca, jamais, poderia esquecer nessa vida, imortal ou não.

— Nazaré... — minha boca murmurou devagar e ouvi o súbito estalar do coração dela ao som do seu nome.

Os olhos verdes brilharam ainda mais. Sua respiração não parecia tão mais tranquila do que a minha e a ponta de seus lábios tremeu. Minha mão se moveu sem que eu mandasse e os dedos tocaram de leve a pele da sua bochecha. Era quente, macia, cheirosa. Uma pétala de flor. Vi o rubor tomar conta do seu rosto e os olhos semicerrarem de leve, enquanto meu rosto se movia para perto dela. Cada vez mais perto, até que o hálito perfumado soprou, me deixando tonto. Embriagado de desejo. Tomado pela paixão.

— Nelson! Nazaré! Cuidado! — ouvi o grito como se viesse de longe e então o cheiro e os sons tomaram conta do lugar.

Num impulso, agarrei Nazaré e pulamos na água. Mergulhei fundo. Ela fez o mesmo. Outras formas estavam ao nosso redor, girando e cercando como tubarões. Nadei rápido, assim como Nazaré havia feito antes, quando senti o baque de mãos que agarravam meu pescoço. Eram fortes como pedra. Por alguns minutos a luta debaixo d'água pareceu que se estenderia por muito tempo. O atacante tentava grudar as presas no meu pescoço. Num embate corporal, a água atrapalhava os movimentos. Juntei toda a minha força, apoiei os pés nas pedras submersas, e atirei meu perseguidor para fora das águas. Procurei e não enxerguei Nazaré. Em pânico, fui à superfície. Quando minha cabeça emergiu, o que vi me deixou horrorizado. Na margem oposta de onde havíamos feito nosso piquenique, Laura estava em pé, vestida com o maiô branco de Shiloh. Havia uma mancha de sangue visível nele. Ela segurava a espada numa mão e a adaga em outra. Protegia um homem baixinho e calvo, que olhava espantado para a cena, tropeçando nos próprios pés. Nazaré estava ao lado, um corpo caído e morto a seus pés, o olhar feroz. E em volta

delas... Um bando de mestiços se preparava para atacar, vindos de todos os lados.



— Nelson? Você está acordado? — toquei seu braço. Ele parecia a quilômetros dali.

Piscou umas duas vezes antes de olhar para mim e Nazaré. Seja lá por onde sua cabeça estivesse, devia ser muito importante.

— O que foi? — perguntou encabulado.

Sorri para ele. Tão grande e ao mesmo tempo tão infantil.

— Eu disse que vou aproveitar e nadar um pouco também — falei como quem explica para uma criança pequena o que vai fazer. — A temperatura subiu — mostrei o relógio. — Querem vir?

Vi o breve olhar que deu para Nazaré. Ela não o olhou, mas respondeu:

— Não, Laura, obrigada.

Ele aproveitou a oportunidade. Queria ficar sozinho com ela.

— Eu também vou ficar aqui. Cansei de ser bola de piscina.

Nazaré fez uma graça para ele. Esses dois... Apenas sorri e tirei o vestido. Shiloh havia me emprestado um maiô, mesmo contra a minha vontade.

— Leve, Laura. As cachoeiras de Bonito são lindas — ela me animava. — Se pudesse, iria com vocês até o Parque, mas vou ajudar Sólon nas compras ou ele vai fazer tudo errado — sorria. — Precisa relaxar. Toda essa tensão tem deixado você abatida e cansada, e o calor não ajuda muito. E não há nada melhor do que nadar nas cachoeiras de lá.

Eu não estava com vontade de ir a lugar algum. Pelo menos, não por ali. Queria ir para longe, pros Apalaches, Patagônia, Groenlândia, ou mesmo a Lapônia! Onde o número de habitantes fosse inferior a meio humano por quilômetro quadrado. Longe o bastante para que alguém pudesse saber quem eu era, ou se importar com isso. Mas, como todos iam aproveitar o dia fora — inclusive José e Cecília, que pretendiam caçar nas matas próximas ao Parque —, eu não tive

escolha. Cada um deles estava atento a qualquer movimento que eu fazia e nunca me deixavam sozinha, com receio de que fugisse. Suspirei. Bonito ficava a duzentos quilômetros de Aquidauana. Um trajeto de mais de duas horas de carro. Solomon dirigiu sua potente Hilux 4X4 para trazer as compras com Shiloh. Os outros tinham seus próprios meios mais rápidos de viajar. E como eu era mais do que familiarizada com esse tipo de transporte, não me importei quando José se ofereceu para me levar, disparando com os outros pela via expressa e trilhas que conduziam ao Parque das Cachoeiras de Bonito.

Mergulhei devagar nas águas frias da piscina da Cachoeira da Lua. Por sorte, não havia mais ninguém por aqui, a temporada de férias já havia passado e apenas nos finais de semana Bonito recebia visitantes sazonais. Era um privilégio ter todo esse espetáculo privado para desfrutar. Respirei fundo e afundei. As águas eram claras e podia ver pequenos grupos de peixes nas pedras, fuçando a areia fina à procura de comida. Os raios do sol iluminavam tudo, deixando o fundo das águas transparentes como cristal. Quando retornei à superfície, Nelson e Nazaré estavam entretidos numa conversa. A julgar pela postura corporal deles o assunto deveria ser sério... E muito sentimental. Sorri e fui em direção à cascata para dar privacidade aos dois. Desde que chegamos, eu era testemunha de todas as atitudes, mínimas que fossem, que Nelson fazia para se aproximar dela. O jeito de olhar, o modo como sempre colocava o corpo em uma postura protetora quando ela estava por perto. Acho que mataria qualquer um que se atrevesse a fazer alguma coisa com ela, física ou não. Todo seu cosmo girava ao redor da estrela de Nazaré! Lembrei-me de uma tarde em que Shiloh e eu conversamos sobre isso, na varanda da fazenda, enquanto os dois brincavam com Pintado na porteira. O cachorro lambia o rosto dela e depois pulava no colo dele. Acariciavam o pelo do animal e era fácil ver como a mão de Nelson *escorregava*, sem querer, pelos dedos dela.

— Acho que você tem um candidato a genro, Shiloh — brinquei.

— Já percebi. E Solomon também — sua voz era a mesma, cheia de notas musicais. Mas falava baixo.

— E o que acham?

Ela pensou um pouco. Uma ruga teimou em marcar sua testa e depois me encarou.

— Eu... sinceramente... não sei! — balançou os braços. — Sempre vejo Nazaré como a minha criancinha, que tirei daquele orfanato horroroso no Rio de Janeiro quando morávamos lá. Onde ela passou fome, enfrentou a solidão, e era castigada apenas por ser mais forte que os outros e revidar quando a atacavam — havia raiva em sua voz.

As risadas dos dois chegavam até nós.

— Desde aquele dia, quando me olhou com seus olhinhos verdes assustados — Shiloh continuava, agora com mais suavidade —, uma coisa surgiu dentro de mim, que eu pensei que nunca poderia sentir: o amor de uma mãe — seu olhar pousou na figura dela. — Eu a vi crescer, ficar forte, passar pelas dificuldades da transição e se tornar uma mulher linda — riu. — Mas confesso que não sei nada sobre namorados e sobre o que fazer com eles! — apontou-os discretamente.

Agora rolavam pelo chão junto com o cachorro, puxando-o pelo rabo. Nelson aproveitava e puxava a trança de Nazaré para provocá-la.

— Entendo o que quer dizer, perfeitamente — suspirei. Me lembrava das dificuldades que tive e senti quando Cínthia conheceu Eric e os dois começaram seu namoro. — Acho que toda mãe passa por isso na vida, não temos escapatória. Mas você tem uma vantagem aqui — aponte para o casal. — Pelo menos, eles são iguais. Não terá que ficar noites sem dormir, pensando e se preocupando se sua filha humana vai cair em *tentação* com o namorado mestiço, e quais as consequências.

Pela forma como Shiloh me olhou, isso não a reconfortou.

— Nesse ponto talvez eu não precise mesmo me preocupar, mas isso não significa que não me *preocupe* — notei desespero e pânico na voz. — Para ser bem sincera foi bom tocar nesse assunto, Laura. Será que poderia me dar umas dicas? — seu olhar implorava. — Eu sou marinheira de primeira viagem e sem colete salva-vidas! — riu.

Rimos juntas e passamos a tarde falando sobre namorados, adolescentes, hormônios, etc. e tal.

De onde estava, podia ver o clima esquentar entre os dois, enquanto a queda-d'água batia em meus ombros desfazendo os nós doloridos da musculatura. Isso era muito bom, não podia negar. Ultimamente, uma pedra e eu éramos iguais no quesito rigidez. Tantos problemas, caos e destruição. Como se não bastasse tudo pelo que tenho passado, agora vampiros se espalhavam pelo Brasil à procura da *cura*. E matando pessoas inocentes em seu caminho. A história não era mais um segredo. Se antes tinha alguma dúvida, elas se dissiparam com a confirmação dos fatos. E como vai ser, então? Uma caçada global atrás de mim? As criaturas do planeta me considerando a aspirina mágica que promete eliminar todas as dores? Isso é absurdo! Carlo afirmou uma vez: o efeito do toque do Lázarus agiu *em mim*. Eu fui uma vítima! Não sou a salvação. Meu corpo podia curar doenças e até impedir meu envelhecimento. Mas era algo restrito *a mim*. Não havia como fazer o mesmo por outros. *Ou haveria?*

Esse pensamento me incomodou. Deixei a cascata e mergulhei. A incerteza dominou minha cabeça, provocando calafrios que não tinham nada a ver com a água gelada da cachoeira. Até então, eu nunca havia pensado nessa possibilidade, que o mesmo que aconteceu comigo pudesse se estender a mais alguém. Poderia esse poder ser passado para outro sem que o Lázarus estivesse envolvido no resultado da equação? A partir de mim? Eu poderia me tornar a fonte disso? O Santo Graal? E se fosse possível, de que forma isso aconteceria? O real interesse de Avelar em me procurar agora tomava novas proporções. Todos na mansão em Bristol, principalmente Clementine e Carlo, sempre mencionaram sobre a Ordem não ser mais uma simples instituição de cunho religioso. Há muito tempo usava essa fachada para ocultar interesses maiores: política, transações comerciais, setores de armamento, desenvolvimento de tecnologias de última geração. Uma corporação cujos tentáculos se estendiam por esses setores em todo o planeta, conseguindo subsídios governamentais para suas pesquisas e oferecendo muito em troca. Era dessa forma que a Ordem conseguia os milhões em dólares para manter seu padrão e *status* internacional.

— Mas e os Megisters? Eles sabem sobre isso? — questionei Carlo quando comentou. Não queria acreditar em David envolvido nesse tipo de coisa — Se sabem, nenhum deles interfere? Ou aproveitam essas *vantagens*?

— Com certeza não — percebi pelo seu tom que falava a verdade, não queria apenas me tranquilizar. — Os Megisters são apenas assessores para assuntos supernaturais. É assim desde o princípio. Na Idade Média, os Inquisidores de autoridade máxima possuíam muitos *assistentes menores* para varrer os territórios e acionar os superiores em casos mais graves. Quando Domenico criou a Ordem da Urare, seguiu a mesma linha de ação. Apenas o Mathesis da Ordem possuía acesso direto ao papado e aos assuntos mais importantes e secretos. Isso se repete até hoje — seus dedos percorriam os documentos em latim sobre a mesa. — Hoje, a Ordem age diferente, mas continua em essência uma organização teocrática. Só o líder absoluto tem controle sobre as informações. Muitos Megisters tentaram e tentam mudar isso. David e Yacov são alguns deles, mas é difícil quebrar padrões seculares de comportamento, principalmente no que se refere à divisão de poder.

— Mas por que o Acordo ainda é respeitado se não há mais a mesma finalidade do início? — o raciocínio parecia não ter lógica. — Quero dizer, se não há mais *caça às bruxas*, motivos para temer a Inquisição, perseguições e mortes, então por que cada clã não segue seu rumo em paz e deixa de lado isso tudo? — me lembrava da procissão burlesca do Concílio. E do quanto isso me pareceu ridículo à época.

Carlo enrolava os documentos com cuidado e os colocava em invólucros herméticos.

— Para ser sincero, Laura, isso envolve mais de uma questão. Vampiros são territorialistas fanáticos e só enxergam seu próprio quintal como mundo. As opiniões divergem tanto que muitas razões podem ser usadas como explicação aqui — seus olhos negros eram intrigantes. — A primeira delas e mais complicada: poder. Você ainda não conhece todos os vampiros do Acordo, minha querida. No Concílio, a aparente amabilidade e cortesia entre todos envolve mais sobre que favores cada clã pode obter em troca de seus préstimos

— seu dedo tocou o lacre do invólucro. — Muitos deles têm, como podemos dizer, o *rabo preso* com a Ordem e com clãs mais fortes. Devem muitos favores, seja por ampliação de territórios, por Conselhos onde os Mathesis e Megisters anteriores fizeram vistas grossas a falhas que infringiam o Acordo, entre outros. Mas a Ordem também deve a eles — sua voz ficou grossa. — Já pudemos presenciar estranhos incidentes antes que, com certeza, deixaram a pulga atrás da orelha sobre o envolvimento da Ordem da Urare neles. No final, tudo acaba sendo mais um jogo político de sobrevivência, onde quem tem mais chora menos, quem pode manda e quem tem juízo obedece.

Minha cabeça estava aturdida com as explicações.

— E a segunda delas é bem simples: comodismo. As coisas são como são há mais de quinhentos anos — guardou seus papéis num cofre. — A *Ultima Ratio Rerum* foi a solução para o caos que reinava, e serviu bem a sua época. Hoje eu questiono se vale a pena seguir os mesmos procedimentos e se não haveria a necessidade de uma *nova* Ordem. Ou mesmo se ela é necessária — me olhou. — Quando se é imortal, a palavra *tempo* assume significado diferente. E a desvantagem em se ter todo o tempo do mundo é que isso exclui a necessidade de questionar ou ter pressa. Os humanos são movidos pelo relógio, isso os faz querer evoluir, mudar e perguntar o tempo todo, serem rápidos e ávidos pelas novidades. Para eles, o tempo urge. Mas nós não — seu tom se encheu de tristeza. — Somos sempre os mesmos. Ao se fazer a mesma coisa constantemente, sem se incomodar com o que se está perdendo ou ganhando, com o tempo que foi gasto, torna-se natural que sejamos prisioneiros do tédio e da comodidade — suspirou.

Fechou a porta do cofre e sua mão se demorou um minuto a mais na combinação.

— Sabe, Laura, somente diante da face do horror enxergamos nosso lado mais nobre. E, no caso dos humanos, não existe nada mais horrível do que a perspectiva da proximidade da própria morte. Quando se tem a ceifadora espreitando cada passo da vida, o ser humano busca fazer o máximo possível para imprimir sua marca na humanidade. É insuportável para o homem achar que sua passagem

por este mundo foi em vão — seu olhar brilhou. — E essa é a maior qualidade que podem ter. Nenhum deles entra duas vezes no mesmo rio, pois suas águas se renovam a cada instante. E da mesma forma não se pode tocar o mesmo homem duas vezes, pois ele modifica continuamente sua condição.

— Heráclito — respondi.

— Sim, outro de meus favoritos — e sorriu.

Olhei para seu rosto amável e gentil. Não conseguia ver Carlo pelo prisma da imobilidade. Era responsável por tantas descobertas que ajudaram não só o clã dos Fevré, mas outros amigos também.

— Você não é assim, Carlo. Não é imutável como uma pedra. Aliás, nenhum de vocês aqui é. Veja Clementine, o quanto trabalha e está sempre se atualizando, pesquisando, uma mulher importante e respeitada na sociedade. Veja Josh, um homem nascido na Irlanda no século XVI e que hoje é um dos maiores *web designers* de jogos e *softwares* do mundo. E reconhecido por isso. Robert também. Sua empresa, seus projetos, quem poderia sonhar isso? — argumentei. — E tudo o que você fez e faz? — apontei para os vidros coloridos, os frascos de soro, os materiais de seu laboratório. — Graças a você, muitos da nossa espécie têm escolhas. Eu tive escolha quando me transformei porque você pesquisou antes, buscou, não se prendeu às explicações simples ou se deixou estagnar com o tempo. Não pode dizer que isso é comodismo. Você, sem dúvida, deixou sua marca em todos nós. O tempo ilimitado nunca foi seu inimigo.

Ele não respondeu de imediato. Apenas fechou o cofre e pegou um dos frascos que estavam numa prateleira de aço. Por detrás dele, a proteção de tela do computador era repleta de figuras geométricas que se encaixavam em padrões abstratos. Como sempre fazia, ele levantou o frasco à luz da janela, onde brilhou como uma joia laranja.

— Talvez tenha razão, Laura, ou talvez não, quem pode saber? — fechou os dedos em volta do frasco. — Eu sempre fui um curioso, nunca me conformei com apenas uma resposta para cada questão. Essa pode ter sido a minha salvação nessa nova vida — sorriu para mim. — E se, com isso, significa que deixei minha marca, então fico feliz em ter salvado você com minhas pesquisas. Mesmo sabendo que o prêmio Nobel nunca vai estar ao meu alcance.

Pesquisas! Essa era a palavra que eu procurava. Avelar tinha tecnologia e meios para desenvolver as mais variadas e surpreendentes pesquisas, e utilizaria seus recursos numa nova empreitada: eu! Afinal, imagine ter acesso a um material que poderia representar a salvação para a humanidade? A cura das doenças! Quantos laboratórios do mundo, países e governos não gastariam até o último centavo para erradicar moléstias e infecções que assolavam as gerações por séculos? Hepatite, malária, AIDS? O remédio perfeito, a essência milagrosa que brotava de uma fonte viva, a disposição, e que praticamente tinha durabilidade eterna. A fortuna em cifras que se poderia ter era incalculável!

Voltei à superfície e olhei para o galho onde Nazaré e Nelson estavam mais do que entretidos, estavam embebidos um do outro, e suspirei. A verdade do que acabava de descobrir significava a perseguição eterna. Eu não teria paz enquanto vivesse. Apenas uma coisa não fazia sentido: por que metamorfos estariam procurando uma cura? Aparentemente todos os que conheci fora do clã não se incomodavam com a eternidade, e a grande maioria não tinha escrúpulos em relação à alimentação, como os clãs nórdicos de Garret, Derek e Lorelai. E os puros nem sequer cogitariam a hipótese de mudar a única vida que conheciam. Um humano se transformar em vampiro era regra na história, mas o contrário era uma tremenda exceção. E essa exceção tem apenas um nome no momento... Como surgiu esse *boato*? Soltei o ar devagar. Não acharia essa resposta agora, nem que tostasse os miolos de tanto pensar. Observei as folhas das árvores, os raios de sol que entravam por elas e tocavam minha pele. O calor leve era agradável. Fechei os olhos e deixei o corpo flutuar a esmo — ali não seria arrastada pela correnteza. Obriguei os batimentos do meu coração a diminuírem e acalmar a pulsação. Podia sentir meu cheiro mudar no mesmo ritmo, de cítrico para adocicado, uma espécie de *musk* almiscarado com notas amadeiradas. Como essência sendo decantada e misturada por um perfumista habilidoso, os odores se ampliavam e instalavam devagar.

Estranho. Até esse momento nunca tinha conseguido sentir a mudança de cheiro do meu corpo, mas tinha absoluta certeza de que estava acontecendo agora. Sabia que todos os vampiros e mestiços

ficavam atordoados com isso. Nos treinos que fiz em Bristol, nos bosques de Leigh Woods e Exmoor, os Fevré tiveram dificuldades para me localizar usando o olfato. Graças a essa capacidade, consegui passar despercebida até agora, iludindo meus perseguidores e até levando vantagens nas lutas que travei. Ainda de olhos fechados, explorei um pouco mais essa descoberta. Permiti um aumento de batimentos e o ritmo do sangue fluiu depressa. Bingo! Lá estava: o *musk* ficou muito mais acentuado enquanto notas florais queriam se misturar a ele. Era assim que eu podia descrever, como se estivesse analisando os componentes de um perfume. *Curioso, muito.* Diminuí os batimentos e permaneci imóvel na água, seu balanço agitando meus cabelos. A cadência do movimento me deixava num estado entre sono e vigília. Era relaxante, gostoso, confortável e seguro, tanto que não senti medo quando vi as tochas iluminarem um círculo de toras de madeira. O vento soprava as chamas que crepitavam numa planície escura e o céu estava coalhado de estrelas na noite sem lua.

De onde eu estava, no centro dessa roda, podia ver que cada tora estava cuidadosamente encaixada no solo e algumas possuíam desenhos, pinturas, entalhes e enfeites de ossos, pedras e contas multicoloridas. Representavam figuras variadas, algumas com formas animais e outras semelhantes a humanos. Pareciam-se com totens, mas muito diferentes dos confeccionados pelos índios norte-americanos. Era como ver o trabalho inédito de um artista desconhecido. As chamas do fogo alongavam suas figuras e o vento fazia com que essas sombras ganhassem movimentos no chão e ao redor. Sons de cânticos e instrumentos musicais toscos começaram a se aproximar e me virei devagar. Duas grandes pilastras de madeira, grossas e pintadas de vermelho, cobertas de signos e desenhos misteriosos, eram a entrada para esse santuário. Mas... Por que eu estava num santuário? Ou por que achava se tratar de um? Os sons que aumentavam interromperam minhas perguntas. Uma procissão, trajando roupas feitas em pele curtida e ricamente adornadas por desenhos, adentrava pelo portão. Vestiam também grossos mantos de pele, além de colares e pulseiras com os mesmos padrões de ossos e contas coloridas expostos nas toras.

Os que vinham na frente, dois homens e uma mulher imponentes, usavam um tipo de adorno de cabeça feito com peles, galhos e flores secos, contas coloridas, dentes de animais e ossos polidos com habilidade, e que desciam por suas costas quase chegando ao chão. Deviam ser os sacerdotes principais desse ritual. O mais alto tinha um colar de ouro maciço no pescoço, em formato de serpente. A mulher trazia um pote nas mãos e o outro carregava uma trompa feita de chifre. Todos elementos essenciais para o ritual que representavam. Mas como eu sabia tratar-se de um ritual? E que lugar era esse? Analisei a arquitetura a minha volta. O círculo de toras, na verdade, eram dois. Um maior, do lado externo e cujos troncos eram despidos de pinturas e enfeites, e um menor, interno e adornado, onde os participantes se alinhavam cada um com uma efígie, usando os mesmos adornos que elas. Eram como sombras das entidades representadas na madeira. No centro, de frente para mim, os três sacerdotes tomaram posição, formando um triângulo perfeito, tendo ao meio um pequeno altar de madeira. A mulher depositou o pote sobre ele enquanto o sacerdote maior se inclinava. Com as mãos, pegou um pouco de terra do chão e depositou em seu interior. Outro participante veio e despejou água, e mais um, saído das sombras, apagou uma tocha dentro do pote. Ele passou próximo a mim, mas ninguém naquele lugar parecia ter noção da minha presença.

Em seguida, a mulher levantou a mão branca, e com uma espécie de adaga curta — em formato de meia-lua e aparentemente de bronze — fez um corte no pulso, deixando que gotas de seu sangue caíssem sobre a mistura. Os sons, que haviam diminuído e eram sussurrados, voltaram a crescer à medida que o sacerdote iniciava uma invocação, com as mãos elevadas para o céu, numa língua que eu não poderia compreender nem em cem mil anos, mas que, ao mesmo tempo, parecia familiar. Como uma cantiga que ficou impressa na memória com o passar dos tempos. O vento aumentou de intensidade e, ao meu lado, uma tocha se apagou. Uma a uma, as tochas se apagavam como velas sopradas de um bolo de aniversário, e a escuridão reinou. Misturados ao som dos ventos fortes, os cânticos continuaram, tão altos que coloquei as mãos nos ouvidos. Era ensurdecador. O grande sacerdote pegou o pote e agitou-o ao

ar, espalhando seu conteúdo em direção aos quatro cantos do círculo, como se marcasse os pontos cardeais da terra. Na proporção em que os sons aumentavam, senti meu corpo ser erguido do chão. Tentei agarrar uma das toras de madeira, mas minha mão escorregou nos entalhes e fui lançada ao ar como uma pipa sem comando, flutuando ao sabor do vento, subindo cada vez mais alto.

Os sons estavam abaixo de mim, muito abaixo. A distância era enorme, os homens altos e imponentes agora como formigas em volta de gravetos finos. Eu me afastava cada vez mais. Olhei para o céu: milhões de estrelas ofuscantes pareciam próximas, me envolvendo com um manto de poeira cintilante de um cometa. As faíscas tocavam minha pele e queimavam como brasas. Todas as constelações do zodíaco dançavam um bailado. Aquário, Libra, Escorpião, Touro, os doze signos estavam ali, além de outras que eu não conseguia reconhecer, com formas definidas de animais, pessoas e objetos entrelaçados. Um planisfério maior se abria como um leque diante dos meus olhos. Então, dentre todas, uma constelação agitou-se. Olhos de rubi cintilantes me encararam, destacando-se do brilho claro das demais, o corpo formado por estrelas incandescentes e ofuscantes. Aproximou-se, e pude notar que se tratava de um homem forte, com barba e rosto quadrado. Uma pele cobria a nudez da cintura para baixo e um cinturão brilhava ao redor dela. Trazia numa das mãos uma clava, e na outra a cabeça de um leão presa aos músculos fortes. O felino deixava os dentes à mostra e rugia feroz, torcendo-se no bíceps e nos pulsos do gigante estrelado, como se fizesse parte de seu corpo. Ela me fitava e movia-se para a frente. Cada vez mais se aproximando do meu rosto.

Tentei me mover, mas a força centrífuga do vento me impedia. O gigante de estrelas me alcançaria logo. Seu braço estendeu-se e esticou o leão. A boca aberta, os dentes afiados, um rugido feroz e um bote rápido. Mordeu meu pulso. Gritei com a dor. Meu grito foi levado pelo vento e deu a volta ao mundo. Gotas de sangue brotaram da mordida e se espalharam pelo céu, jogadas ao vento, formando novas estrelas e constelações. O gigante se afastou, seus olhos aos poucos ficando mais unidos, até formarem uma imensa pedra de rubi. O vento sibilou e as estrelas, inclusive as que nasceram do meu

sangue, agruparam-se ao redor dele em um grande disco dourado que tomou forma no negrume do céu. No centro, o rubi emanava uma intensa luz que aos poucos me cegava.

E então abri os olhos. A água estava morna agora, por causa do sol forte. Num movimento fiquei ereta, sacudindo de leve a cabeça e procurando alcançar a margem, onde minha mochila preta estava ao lado do vestido. Os pedriscos machucavam a sola dos meus pés enquanto caminhava, meio tonta, meio acordada, com a sensação de ter adormecido profundamente. *Será que dormi na água? E que sonho estranho foi aquele?* Santuários, rituais, cânticos e vozes, estrelas, constelações, sangue... Senti um arrepio e procurei uma toalha para me secar. Não estava frio, mas meu corpo se recusava a parar de tremer. Do outro lado da lagoa, Nazaré e Nelson estavam tendo sua conversa, e o clímax dela talvez fizesse essa relação deslanchar de vez. Passei a toalha pelos cabelos e ombros. Abaixei-me para pegar o vestido quando percebi gotas de sangue que escorriam do meu pulso — no mesmo lugar onde o Lázarus havia me atacado — e manchavam o maiô branco de Shiloh. E onde a cabeça do leão de estrelas do meu sonho havia me mordido. Estremeci.

— *[Mi scusi, signorina](#)*⁴, se machucou? — ouvi a voz que falava próximo a mim.

Girei o corpo depressa. Um homem baixo e calvo, aparentando mais de sessenta anos, me olhava preocupado, tirando um lenço do bolso e me oferecendo. Não havia percebido que ele se aproximara.

— Use isso, se me permite. Esse corte pode infeccionar — sorriu. A voz misturando o português com um sotaque italiano.

Pisquei repetidas vezes, com a boca totalmente aberta. Deus! O mundo não era pequeno, mas como dava voltas!

— Jarvis? Jarvis Poincello? — minha voz era só um sussurro, o tom de surpresa em cada sílaba.

Ele franziu o cenho, mas passou a mão pelo alto da cabeça calva e voltou a sorrir.

— Sim, esse é meu nome, *cara mia*, mas não pensei que já estivesse tão famoso que alguém me reconheceria aqui, no *Brasile* — pigarreou, orgulhoso.

Minha garganta parecia não encontrar espaço para as palavras saírem.

— Jarvis, não se lembra de mim? — perguntei e ao mesmo tempo entendi que não. Da última vez em que nos vimos, em Bristol, eu tinha cabelos compridos e castanhos. Tantas coisas haviam mudado... — Sou eu, Laura Vargas. Estive em sua casa em Henbury, há alguns anos.

Quase uma vida passada, eu queria acrescentar. Jarvis também parecia surpreso agora. Olhou longamente para meu rosto e para o corpo, que inutilmente eu tentava cobrir com a toalha. Mas então seu sorriso se abriu e voltou a ser alegre e expansivo como me lembrava.

— *Belladonna!* É você mesma? — perguntava e gesticulava. — Quanto tempo, *cara mia!* — olhou-me atentamente. — Mas, *scusa*, o que fez com o cabelo?

Apertei o lenço que ele me ofereceu no pulso que sangrava.

— Apenas umas coisinhas de mulher, sabe como é... — minimizei a situação. — Mas o que está fazendo aqui? — realmente era uma surpresa para mim.

Jarvis tirou outro lenço do bolso e secou as gotas de suor da testa. Usava uma camisa de botões e uma calça de linho, além de sapatos e meias. Nada apropriado para o lugar e o clima. Nos ombros tinha uma mochila gasta e surrada.

— Pesquisas de campo, *cara mia*, pesquisas de campo. A América do Sul é uma terra fascinante! Muita diversidade de lendas e histórias — gesticulou para mim. — Mas e você? Está de férias? Como anda a velha Inglaterra? — voltou a secar a testa.

Não pensei em dar maiores detalhes. Tudo teria se resumido a um *sim, estou de férias*, me despediria, desejando felicidades, e pronto. Afinal, Nazaré e Nelson estavam próximos e os outros logo chegariam. E Jarvis, sendo um doutor em mitologia e ocultismo, poderia identificar alguma coisa de errado com eles. Havia passado a vida estudando e pesquisando tudo que se relacionasse ao tipo de vida deles, suas origens. Talvez reconhecesse quem eram de verdade, afinal, ele foi o primeiro a me alertar sobre os vampiros. Sim, teria sido simples de resolver se o familiar arrepio e formigamento não tivessem me atingido de forma tão potente, maior

do que antes, e me feito virar em direção à mata. Meus olhos, de repente, ficaram atentos a qualquer movimento e os sons e cheiros me invadiram. Um vulto passou rápido sobre uma das cascatas, e no minuto seguinte eu já havia tirado a espada e a adaga da mochila, diante de um Jarvis Poincello assustado e boquiaberto.

— *Belladonna...* o quê...? — ele tentou perguntar, mas o puxei com força.

— Fique atrás de mim, doutor, e não se mexa! — falei com autoridade.

Na outra margem, Nelson e Nazaré estavam quase se beijando, tão entretidos que seus instintos não os alertaram para o perigo, bem acima de suas cabeças, nas árvores.

— Nelson! Nazaré! Cuidado! — berrei com toda a força.

Nelson agarrou Nazaré e pulou na água, enquanto o vulto das árvores mergulhava atrás. No mesmo instante, outro apareceu ao meu lado, de espada em punho. O golpe que dei foi rápido, mas ele bloqueou e foi me empurrando para trás. Jarvis tropeçou e caiu. Tive que montar guarda sobre ele. O mestiço atacou de novo, bloqueei com a adaga e girei o corpo, mais veloz agora para minha surpresa, e consegui acertá-lo no braço. Ele se afastou um pouco, mas logo saltou sobre a minha cabeça pondo-se de pé, como um gato, do outro lado. Quando avançou, Nazaré pulou sobre ele, de repente, a trança molhada, e o mordeu com força descomunal, cravando as unhas no dorso e quebrando seu pescoço num movimento rápido. Ele tombou inerte e silencioso no solo. Outros dois apareceram rápidos por entre as árvores. Atirei a adaga com rapidez e ela se fincou na perna de um, que gemeu e se abaixou. Nazaré atracou-se com o outro e, numa manobra rápida, o atirou para longe, indo bater contra as árvores. Ele se colocou em pé e saltou, dependurando-se no galho de uma árvore. Em segundos, Nazaré montava guarda ao meu lado.

— Cadê o Nelson? — falei entre o fôlego truncado.

— Na água, ele pegou outro — ela respondeu rápida e começou a olhar com fúria para as árvores.

Assim que falou, um mestiço foi atirado para fora da lagoa e a cabeça de Nelson apareceu, olhando para nós. Todo o quadro se configurou a minha frente de uma só vez: Nelson, de olhos

arregalados; Jarvis, encolhendo-se atrás de mim; Nazaré, rosnando ainda mais e mostrando os dentes ameaçadores. Meus músculos e nervos ficaram tensos como cordas de violino. O som da cachoeira continuava seu ritmo imperturbável, enquanto o grupo grande e ameaçador de mestiços surgia de todos os lados. Estávamos cercados, quando meus olhos cruzaram com os dele. O gigante moreno e que aparentemente liderava o grupo. Ele me observava e sorria satisfeito. Eu o encarava, a raiva muito maior agora.

Enzo!

Ele caminhou devagar e sorridente em minha direção.

Bristol – Inglaterra – primavera

O grande cravo vermelho era muito perfumado. Sua cor e forma se destacavam no meio dos outros no jardim, talvez por ser o único vermelho entre os brancos. O chão de pedras era frio, mas não incomodava. Na verdade era bom, porque o ar ao redor estava quente e úmido, espalhando o perfume dos cravos de forma concentrada e sufocante. Mesmo vestindo uma camisola fina, a transpiração era pegajosa. Nunca havia visto tantas flores antes. Mas... Que lugar era esse? Olhei devagar ao meu redor, apenas para constatar que não sabia onde estava. Nada era familiar ou sugeria que já tivesse estado aqui. Só via as flores brancas e o cravo vermelho, gritando de intensidade e vibrando com força entre os demais. Meus pés se moveram devagar e caminhei sobre pequenos tijolos amarelos que formavam um círculo gracioso, como uma espiral, abaixo de uma abóbada envidraçada. A luz do sol era filtrada e mantinha o ambiente claro. Tudo estava silencioso, sem ruído de insetos, pessoas, nada. Somente o perfume das flores e o leve deslizar dos meus pés descalços sobre as pedras. Procurei por alguma porta ou saída, mas não vi nenhuma. Estava lacrada dentro de uma bolha intoxicante e comecei a desejar o ar fresco e puro, mas não havia nada que pudesse sugerir liberdade. *E agora, Kate?* Sem saber o que fazer, girei o corpo em meu próprio eixo, pensando qual

atitude tomar. Quando completei a volta, eu a vi. Parada, do lado oposto na espiral de pedras, uma mulher me fitava. Alta, esguia, com uma roupa branca. Seus cabelos agora estavam loiros, mas eu reconheceria o tom castanho dos olhos e a intensidade deles em qualquer lugar nesse mundo.

— Laura? — chamei com a voz sussurrada. — Laura, é você? O que faz aqui? Onde estamos? — minhas perguntas eram débeis, em tom abafado, como se eu tentasse falar submersa em água.

Foi nesse momento que senti a umidade nos pés. A água escorria por entre os dedos e se acumulava por não haver saída. Quando levantei a cabeça vi, por trás do corpo de Laura, cascatas saindo de entre as flores. Em minutos o nível da água alcançava minhas panturrilhas e um arrepio de medo me percorreu. Laura estava imóvel. Não respondeu minhas perguntas e o desespero começou a tomar conta de mim assim que a água bateu nos meus joelhos. Eu me afogaria se ficasse fechada ali! As flores eram engolidas e desapareciam, com exceção do grande cravo vermelho. Ele aumentava, crescia e se expandia. Tentáculos tomavam o lugar das folhas e as pétalas se abriam como uma planta carnívora gigante. A flor movia-se como uma entidade possuída dentro do lago, que agora chegava à altura da minha cintura. Olhei para Laura, em pânico.

— Laura, me ajude! — gritei com força. — Temos que sair daqui ou vamos morrer!

Ela me observava com atenção, mas em seu olhar não havia nenhuma emoção, nenhum calor. Nada. Como uma casca vazia, Laura era uma estátua fincada no chão de pedras amarelas. A força da água me levantava e me debati, tremendo de medo ao observar o cravo carnívoro que parecia rir de meu desespero. Ele movia-se sinuoso sobre as águas e aproximava-se cada vez mais. Meu coração martelava. Nisso, alguma coisa fez a parede de vidro se quebrar num som alto e a água escorrer. Como uma cachoeira, a correnteza me arrastava para fora. Eu não podia resistir à sucção. Procurei Laura com o olhar. Para minha surpresa, ela estava com o punho levantado e sangue escorria de sua mão. Ao seu lado, havia um buraco por onde a água escoava em cascatas. Ela quebrara o vidro. Quando o

fluxo me fez passar por ela, agarrei seu braço, duro como de uma estátua.

— Laura, vem comigo, você não pode ficar aqui! — gritei. O grande cravo se aproximava.

Num gesto lento e deliberado, os dedos de Laura soltaram meu braço com força. O sangue pingou em minha mão e queimou como fogo líquido. Assim que me soltou, meu corpo escorregou para a fenda.

— Laura, não! — tentei agarrá-la de novo.

— Vá embora, Kate — sua voz era quase sobrenatural. — Não é você que ele quer.

Não resisti à pressão e escorreguei, mas não sem antes olhar horrorizada o cravo monstruoso se aproximar de Laura, abrir suas pétalas com um sorriso da morte e a engolir inteira, como uma sanguessuga. Sua forma desapareceu num piscar.

— *Laura!* — gritei e fui atirada para fora com violência.

Quando abri os olhos, meu rosto estava banhado em lágrimas e a respiração era ofegante e descontrolada. Num gesto trêmulo acendi o abajur de franjas e me sentei, encolhendo as pernas e abraçando-as. Ainda ouvia ecos dos meus gritos e tentei distinguir se foram apenas no sonho ou se minha mãe viria correndo, como sempre, para saber o que aconteceu. Assim que os minutos se passaram e nada aconteceu, concluí que dessa vez, pelo menos, eu não havia assustado ninguém. Meus gritos agora ficavam restritos apenas aos sonhos. Ainda tremendo me levantei e fui à escrivaninha. Na primeira gaveta ficava meu diário de capa marrom. Com as mãos nervosas, abri e folheei, buscando a caneta. Eu nunca gostei de diários, na verdade nunca fiz nenhum, nem mesmo nos tempos de escola. Sempre achei estranha a ideia de escrever num caderno cada passo que se dá durante a vida, contando os detalhes do que se pensa e sente, falando das pessoas, dos amigos. E dos amores. Mas desde que tive o derrame, e passei a fazer terapia por causa dos constantes pesadelos, o médico recomendou que usasse um, como forma de auxiliar o tratamento.

— Sei que não gosta da ideia, Kate — meu terapeuta dizia numa tarde. — Muitos pacientes vêm se consultar e rejeitam essa sugestão

no princípio, mas manter um diário de anotações sobre esses eventos ajuda na reabilitação e melhora consideravelmente os sintomas — incentivou. — Por que não experimenta? Se não gostar é só não escrever mais e procuraremos outras formas de conduta.

No começo eu não gostei mesmo. Mas, conforme escrevia, percebi que muitas coisas foram melhorando. Eu já não gritava à noite, não tinha mais tanto medo de dormir por causa dos pesadelos e alguns dos eventos do passado — que teimavam em me perseguir — pareciam ter menos forças para me atingir. Por isso, foi automático que a caneta se movesse rapidamente sobre as folhas em branco e registrassem detalhe por detalhe o sonho dessa noite. Inclusive as partes mais apavorantes. O perfume sufocante, a água que subia, o gigantesco cravo vermelho saíam da minha cabeça e passavam para o papel. Quando terminei, reli tudo, procurando se não havia deixado nada para trás. Mas estava tudo lá, como um conto de terror contado por Jack Lantern. Suspirei e folheei o restante do diário. Histórias de meses atrás. Meus olhos passearam pelos trechos de muitas delas.

... vi Laura pegar uma espada brilhante nas mãos e com um gesto cortar a cabeça de um homem estranho, mas muito perigoso. Atrás dela havia uma árvore de natal. Mas não sei dizer que lugar era aquele...

... a casa de Southville queimava, os bombeiros corriam apressados e um homem e uma mulher procuravam por Laura no meio das chamas... Seus olhos eram vermelho sangue...

... ela se inclinou sobre mim, os olhos verdes ameaçadores aos poucos se tornando vermelhos enquanto dizia: ‘ Não tenha medo, Kate, eu não vou machucá-la’... e o gosto de seus lábios encheu minha boca...

... a mulher chorava, sentada sob o batente de uma janela... E eu não entendia por que Laura estava loira e de olhos azuis...

Quanto mais para trás se lia, mais coisas estranhas e sem nexo algum se delineavam. Principalmente porque a grande maioria delas dizia respeito à Laura. Ela era presença constante nos meus sonhos, sempre envolvida em situações bizarras e com criaturas que pareciam ter saído do inferno para persegui-la. Isso sempre foi estranho,

mesmo agora, quando fazia mais de um ano que não tinha nenhum contato com ela. Desde que foi embora — em circunstâncias suspeitas e misteriosas em minha opinião —, embora eu nunca tivesse mencionado isso com ninguém, sonhava com ela quase todas as noites. *Talvez fosse apenas saudade.* Laura havia sido uma das melhores pessoas que conheci. Ela me apoiou no trabalho, em minha doença, em vários aspectos era uma fonte de segurança e estabilidade. E ela salvou minha vida. Nunca poderia pagar, nem em mil anos, pelo fato de ela estar lá, no estacionamento do museu naquela noite, e ter agido rápido. Se não fosse por ela, hoje eu estaria engrossando as estatísticas de crimes do misterioso assassino de Bristol, que, graças a Deus, desapareceu da cidade há muito tempo. Continuei folheando as páginas, cada vez mais para trás. Uma anotação, em especial, era para mim a mais difícil de explicar. Não era o relato de um sonho e não conseguia entender como foi parar na minha cabeça. Só me lembrava das palavras e de minha mão agarrando a de David, a caminho da ambulância.

Laura... Olhos vermelhos... Lázarus... Ajude ela... Agora...

Era a primeira anotação desse diário. E também a que fazia menos sentido. Continuei folheando. Havia muita coisa escrita e Laura fazia parte de quase todas elas, mas também havia *outros* sonhos, nem um pouco aterrorizantes, mas nem por isso menos perturbadores.

*... suas mãos pegaram meu rosto com suavidade... os olhos castanhos estavam nos meus quando a voz grave e macia dizia: 'Kate...'. O som era mágico porque era dito por **ele**... e então sua boca cobriu a minha com um beijo...*

*... eu não queria saber onde estava, isso não tinha a menor importância. **Ele** estava comigo e, após me abraçar com seus braços fortes, minha entrega foi total e completa. Eu queria ser **dele** e era **dele**... Meu corpo não tinha nenhuma vontade de se separar do seu calor...*

... eu te amo... mesmo que nunca possa dizer isso em voz alta... eu te amo e sempre vou amar, meu querido...

Suspirei. Mesmo aqui, nas páginas de um caderno de couro que ninguém iria ler, não tinha coragem de escrever o nome dele. Nunca

me aproximaria dele de verdade. Essa era a triste realidade da minha vida. Uma realidade a qual eu me acostumei, que incomodava de uma forma que sabia não haver solução. Guardei o diário cuidadosamente e tranquei a gaveta. A pequena chave estava sempre comigo, pendurada no cordão de ouro em volta do meu pescoço. O tremor e o medo haviam passado e apaguei a luz do abajur quando me deitei na cama. E assim que senti o sono chegar, me arrastando aos poucos, fiz um último pedido ao meu cérebro cansado. A de que eu pudesse sonhar com *e/e* outra vez essa noite.

— David...

Ravena – Itália – primavera

Mais uma dose. Queimando, latejando garganta abaixo. Meus dedos batiam com pressa nas bordas do copo e meu olhar se dirigia ao relógio a todo instante. Um mapa estava estendido sobre a mesa.

— Ainda não está completo, senhor — dissera Pietro horas antes. —, mas estou trabalhando com os detalhes que o senhor me forneceu e terei novidades muito em breve.

Passei os dedos pelos rabiscos que se estendiam sobre a folha azulada a minha frente. Ininteligíveis para um observador comum, eles nada representariam. Mas eu não era um observador comum. Terminava outro uísque quando o interfone tocou.

— Sim — atendi.

— *Senhor?* — Collin falava apressado. — *Desculpe incomodá-lo, mas recebi notícias do Brasil e acho que ficará interessado.*

Claro que estou interessado, sua besta! Até quando terei que aguentar esse imprestável?

— E o que é? — falei com a voz irritada.

— *Enzo a encontrou. Seu grupo a localizou no Mato Grosso do Sul.*

Eu sabia. Ela iria atrás dos outros. Só poderia ter se escondido com Solomon.

— Então diga a ele que tome cuidado. Eu a quero viva e bem — meu tom era de ameaça. — Se ela for ferida ou morrer, Enzo vai desejar nunca ter nascido.

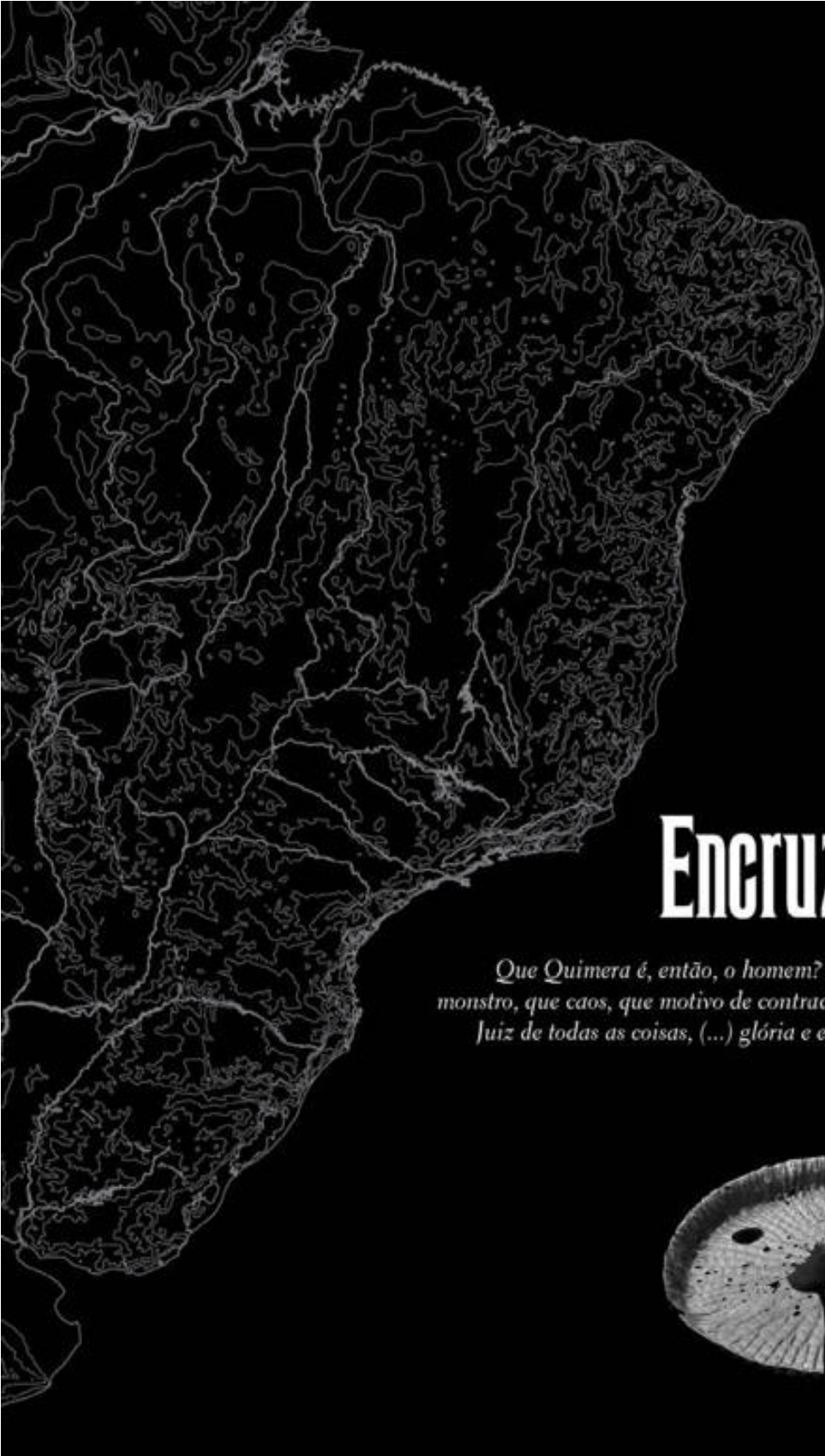
— *Sim, senhor* — o interfone ficou mudo.

Sentei-me na poltrona que rangeu. Peguei a garrafa e me servi outra vez. Olhei para o quadro na parede. Seu olhar morto no meu.

— A sua memória, Domenico. E a minha vitória!

Virei o copo de uma vez. Doce e suave.

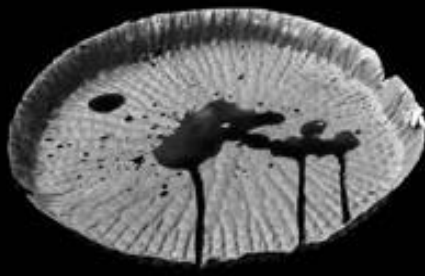
[4. *Mi scusi, signorina*](#) – Desculpe-me, senhorita.

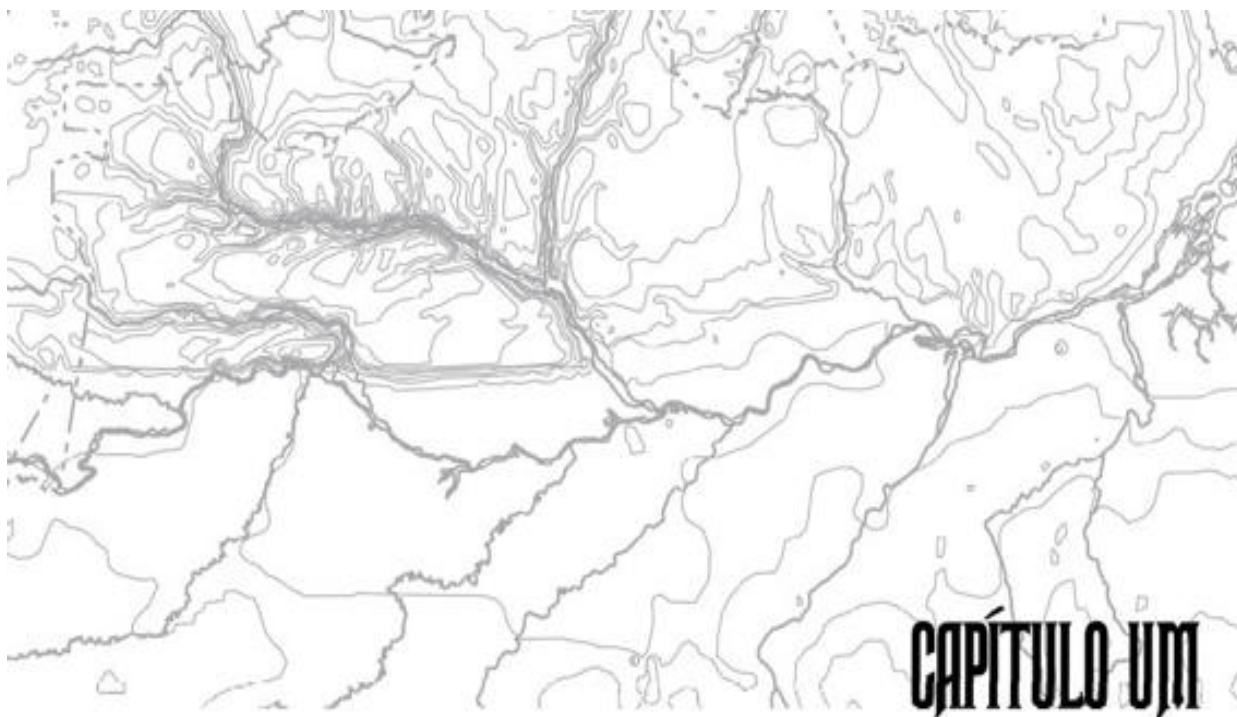


Livro Cinco

Encruzilhada

*Que Quimera é, então, o homem? Que novidade, que
monstro, que caos, que motivo de contradição, que prodígio!
Juiz de todas as coisas, (...) glória e escória do Universo.*
Pascal





Livro Cinco – Capítulo Um

Ravena – Itália – início de inverno

Fome! Sinto tanta fome. Não consigo pensar direito agora. Não com meu corpo fraco, machucado. Não com fome. Aqui não há cheiro. Não tenho como saber se é dia ou noite, inverno ou verão. O vento não sopra mais sobre mim e nenhum dos cheiros que conheço me rodeia. Há apenas fome, e vontade de matar!

...

Eu choro e lamento, mas ninguém me ouve. Ninguém parece poder me ouvir daqui, pois se isso fosse possível as coisas seriam diferentes. Eu tenho chorado tanto... E há tanto tempo! Mas ninguém vem. Apenas *eles* aparecerem. Para machucar, para torturar. Para me mostrar que não sou mais livre. E quando vêm, eu sangro, sofro, tento lutar... Mas eles são fortes, são muitos, sabem como ferir, me fazer calar. Tiram de mim tudo o que querem. Nunca soube por que me trouxeram pra cá. Faz muito tempo, eu acho... Minha mente já não

tem mais tanta clareza. E quanto mais eu ficar aqui, menos certeza terei. Por que estou me perdendo... eu sei, sinto isso. Mesmo agora, quando tento entender, as coisas fogem... Os pensamentos escapam... A memória falha... E quase nem sei mais quem sou... Eu podia vê-los do lado de fora. Todo o tempo. Sinto que estão ali. Hoje não entraram, talvez me deixem em paz. Pelo menos, hoje... Mas tenho fome. E isso dói. E por isso eu choro...

...

O barulho me faz calar. Conhecia esse som. Depois dele sempre vinha um cheiro bom. A porta se abriu, algo entrou. O cheiro encheu meu nariz e a boca salivou com gosto. Eu tinha fome. Um após o outro, devorei os coelhos, o alimento escorregou pela garganta. Não sei quantos eram, mas não sobrou nenhum. Depois que comia, as coisas voltavam a ficar mais claras. Esse lugar... Quem me trouxe queria algo de mim. Alguma coisa que doía toda vez que tiravam. No começo era pior. Eu estava diferente. Então fizeram coisas diferentes também. Coisas que doíam e que me marcavam. Depois eu mudei, eu quis mudar. E como não voltei mais a ser como antes, eles me jogaram aqui... Nunca mais eu vi a noite ou o sol. De tempos em tempos eles me prometiam que tudo poderia mudar se eu voltasse a ser o que era. Só assim. Dizem que vão me tirar daqui e que poderei ver a noite... Sinto falta da noite... Mas não confio neles. Não, não, não, não. Não confio. Não posso. Eu sei, sinto isso. Se confiar, eles vão me machucar de novo. E dói. Dói muito. É como ter as entranhas rasgadas e comidas por um animal. E eles são muitos, são perigosos. Assim como eu sou. Ou fui... um dia. Não consigo me lembrar, mas sei que um dia eles tiveram medo de mim. Muitos deles. Ninguém se atrevia a me encarar, a nos encarar. Fugiam de nós, se escondiam. Éramos perigosos. Mas agora... Tenho medo deles! Muito medo. Eles estão diferentes... Os humanos estão diferentes... Não são mais como antes.

...

Não tenho mais fome, mas quero chorar. Mas se chorar, eles virão, e se vierem, farão outra vez. Quando mudei e não voltei, achando que tudo pararia, eu me enganei. Eles não puderam mais me machucar como antes, mas machucavam de outras formas. Era

sempre uma coisa que me enfraquecia, paralisava. Então ficavam mexendo, tirando coisas, enquanto eu via tudo sem poder reagir. Eu queria matar! Matar! Todos eles! Rasgar seus pescoços e fazer com que sentissem a mesma dor. Mas nunca conseguia. Eles me tiravam a força. A força que sempre usei. Que sempre fez a diferença. Perto deles essa força não significava nada. Eu só podia chorar, mas não agora... Por isso andava, de um lado a outro, tentava manter minha cabeça ocupada. Pensava, pensava e pensava, senão eu iria esquecer e, quando isso acontecesse... Não saberia mais... Não lembraria dos rostos dos outros que escaparam quando fui capturada. Seus nomes. Nem o meu nome. Antes de comer, eu havia esquecido meu nome. Mas agora eu sei, eu me lembro. Mas, até quando?

...

Se eu mudasse, não haveria o perigo de esquecer. Se eu voltasse às duas pernas, as lembranças voltariam comigo. Eu não perderia meu eu. Mas era isso que eles, os homens atrás do vidro, esperavam. Era o que queriam. Aguardavam por isso. A chance de me verem de novo em minha outra forma, de me pegarem. Mas até quando eu conseguiria me lembrar? Até quando? E se eu me esquecesse de *como* voltar? Se não me lembrasse mais como fazer? Chorei... Alto, forte e em desespero. Chorei... Se eu voltar, me pegarão, mas se não o fizer, vou esquecer os outros... todos eles! A dor da perda era forte, irracional, por que eu estava assim, nessa forma. E chorei...

...

O barulho me fez calar. Era diferente. Não era o barulho que matava a fome. Era o que causava dor! Olhei os homens nas roupas estranhas. Abri a boca, avisando que ficassem longe. Mas eles não tinham medo. *Eu* é que tinha. Por isso, me afastei, ou tentei. Não tinha para onde ir. Nem para o sol, nem para a lua. Mesmo assim, mostrei os dentes, ericei os pelos e me curvei, pronta para atacar. Em vão. Senti a mesma dor de antes, a picada aguda de algo pontudo que dispararam de suas armas. Chorei. Tentei revidar, mas as pernas não obedeceram, como eu sabia que fariam. Elas fraquejaram, bambearam, foram para o chão. Vergonha! Minha

cabeça ficou confusa... Não podia sentir o cheiro deles, mas sabia que estavam lá. Quando não pude mais me mexer, eles vieram. Experimentei todos os cortes, cada uma das perfurações, vi tudo o que fizeram. Não era como as de antes de eu mudar... Eram as dores novas...

— Quanto tempo acha que essa fêmea vai continuar assim? — um deles falou.

— Não sei, faz tempo que não acontece a transformação. E isso não depende de nós — outro respondeu.

— Já estamos quase sem material primário. Se o espécime não transmutar logo, não poderemos continuar. E é muito difícil achar uma dessas — o outro completou.

— Sei disso. Os rastreadores estão procurando. Mas acho que se ela continuar muito tempo nesta forma, pelo que me disseram, não mudará mais. Vai ser uma besta para sempre.

Então eles se foram, o barulho da porta se fechando foi alto. Ia demorar até conseguir me movimentar, eu sabia. Sabia, mas não podia me lembrar quanto tempo isso levaria. Não conseguia... Se pudesse andar, poderia pensar, pensar, fazer voltar a memória. Mas não podia me mexer... E eu ia esquecer... Meu nome... Quem eu era... Tudo... Esqueceria outra vez do cheiro da chuva e do calor do sol, da relva fresca e do som dos pássaros. Perderia mais alguma coisa de mim que se enterraria sob mim mesma, um corpo sem memória, uma *besta*, como eles disseram. E mesmo sem poder me mexer eu chorei. Chorei, porque não iria mais me lembrar dos outros duas peles, do calor e aconchego, do amor. Meu choro era baixo e fraco. Um som que sei que ninguém poderia ouvir...

Bristol – Inglaterra – início de inverno

O beijo começou suave, como sempre. Eu nunca me cansava do gosto da sua boca na minha, de como ele movia a língua para explorar meus lábios e do leve gemido que dava quando eles se separavam, buscando mais, querendo mais. Nessas horas, o sangue

martelava nas veias e meu coração me deixava surda. Seu som era alto, mas não mais do que a batida do coração de Eric junto ao meu peito. O calor parecia me consumir em chamas lentas. O próximo passo era sempre o mesmo. As mãos dele percorriam todo o meu corpo, as minhas se enlaçavam nos seus cabelos encaracolados e o puxavam. Os arrepios e sensações de prazer antecipado me percorriam e me sentia derreter. Gemi com o contato de seus dedos quando ele afastou de leve a blusa e acariciou minhas costas, subindo as mãos pela coluna até a base do pescoço, demorando-se em minha nuca e descendo pelo colo. Sem pensar mais, puxei-o para a cama. *Dessa vez ele não resistiu e no instante seguinte seu corpo estava sobre o meu, pesado e quente, a respiração rápida e descontrolada de desejo agitando os fios dos meus cabelos, enquanto eu puxava seu suéter. Não sei como aconteceu, mas a roupa desapareceu sem que nossas bocas se soltassem e meus dedos passearam por sua coluna, sentindo a maciez da pele em cada contato. O cheiro dele estava em minha língua. Rolamos os corpos pela cama imensa do meu quarto. Estava por cima agora, acariciando seu peito nu e liso, traçando o caminho desde a garganta até o ventre. Não foi preciso pensar para minha mão abrir o botão da calça *jeans* dele.*

E aí, *como sempre*, tudo parou. As mãos antes calorosas e suaves ficaram firmes nos meus ombros. O som das nossas respirações era alto, o desejo saía de um corpo e passava para o outro como faíscas entre duas velas acesas.

— Cíntia... — Eric tentava falar e eu sabia o que diria. Era sempre a mesma coisa.

Não dei chance para que continuasse e voltei a colar a boca na sua. Travei minhas pernas em seu quadril e girei o corpo, deixando-o por cima. Agora eu estava exigente e não queria aceitar recusas. Não mais uma. A fúria que tomou conta de mim poderia desencadear um tornado, uma tempestade ou um terremoto. Jamais pensei que o desejo fosse isso, uma força tão avassaladora que atropela tudo, cega e domina. Não havia *razão*, nem mesmo a mínima tentativa de minha parte em querer procurar por ela. Eu queria mais que se danasse. *Se fosse pra queimar no inferno, então eu abraçaria o diabo! E dançaria com ele!* Mas, para meu azar, somente um dos

dois estava com o juízo imperfeito nesta tarde de início de outro inverno, onde o vento soprava frio sobre as nossas cabeças. Quando a coisa voltou a esquentar para valer, as mãos de Eric ficaram restritivas e ele se afastou com firmeza, mas com suavidade, levantando meio corpo para me olhar.

— Não, Cínthia, por favor — ele implorou. — Sabe que não podemos... E não quero ter que dizer não para você, outra vez — seu tom era triste e angustiado, podia ver o calor do desejo em seu olhar e a frustração.

Seu corpo tombou de lado. E assim ficamos, abandonados. *Droga! Droga! Droga! Droga!* Eu queria gritar para todo mundo ouvir! Espantar o silêncio daquela casa com meu *stress* e frustração. Isso não é justo! Por que não podia haver uma solução? Ou por que não havia uma camisinha para vampiros? Nesse caso, para mestiços? Será possível que uma humana não poderia fazer amor com um mestiço sem sofrer alguma das consequências desastrosas de que Carlo tanto falava? Talvez nenhuma indústria teria lucro fabricando preservativos ultrapotentes para um público-alvo limitado. Afinal, quantas garotas no mundo arriscariam namorar meio-vampiros? E quantos deles existem em quantidade suficiente? Ou são malucos também para correr esse risco? Meus pensamentos corriam nessa linha, atropelando as palavras e afogando-se em discussões mentais. Desde que voltei para Bristol meses antes — depois da minha malfadada tentativa de me transformar em vampira —, as coisas pareciam ter piorado. Achei que, estando aqui, poderia ajudar a encontrar minha mãe, me unir ao clã como um deles e que, com isso, Eric e eu finalmente não teríamos que enfrentar todas as restrições que Carlo colocava. A liberdade do cativo!

— Cínthia, sei o que está pensando — Carlo falava numa tarde em que eu estava agitada, após mais uma tentativa sem sucesso com Eric. — Você é jovem e Eric também, apesar de tudo — ele se referia ao fato de Eric ter mais de oitenta anos, embora o tom tivesse um quê a mais que não entendi. — Sei que gostariam muito que isso fosse possível, mas não é. Pelo menos, não enquanto você não for igual a nós — ele parecia tão triste quanto eu. — Não posso garantir

que seja seguro somente porque Eric é um mestiço. Ele ainda é parte vampiro. Os riscos podem ser os mesmos.

— Mas e se você estiver errado? — minha respiração ainda estava descontrolada e o suor escorria. Era constrangedor deixar que me vissem assim. — E se tudo der certo? Afinal, Eric é quase humano também. Não seria diferente do que foi com minha mãe e Robert?

— Por isso pode ser mais arriscado! — ele retrucava. — Cínthia, eu vi o que acontece quando mulheres humanas se envolvem conosco, mas nunca ouvi nada sobre os riscos do sexo entre humanos e mestiços. Não há registros — balançava a cabeça. — Pode ser muito perigoso, porque eu não saberia com o que estamos lidando.

— Mas não é justo! — bati na mesma tecla. — Eu quero ficar com ele, Carlo! Não quero mais restrições! — meu coração martelava e olhei para Clementine, que acompanhava a conversa em silêncio. — Por que não podemos acabar com isso de uma vez? Façam a minha transformação! Aí ninguém mais vai precisar se preocupar com nada disso. Por favor? — estava quase implorando.

Clementine me olhou. Seu rosto, que no princípio me dava arrepios de medo — apesar de ser um dos mais lindos que já vi —, era calmo e tranquilizador. Me fez lembrar minha mãe.

— Cínthia, por favor, tenha paciência — ela me pediu. — Sabe que a situação não anda fácil. Estamos o tempo todo indo daqui para lá com os pedidos de ajuda dos clãs. Fazer sua transformação tomaria muito tempo agora, que infelizmente não temos como dispor — ela segurava minhas mãos. — E prometi a mim mesma que cuidaria de você. Com sua mãe fora, você passou a ser minha responsabilidade, pois foi por *minha* causa que isso tudo começou — Clementine ainda se culpava pelo ataque que minha mãe sofreu anos atrás. — Se tivermos que transformá-la, será no tempo certo e do jeito mais seguro possível, como fizemos com sua mãe.

— Mas ela não escolheu, Clem — contra-ataquei. — É diferente comigo. Eu preciso disso! — apertei sua mão gelada. — Por favor?

Não adiantou. Nem todo o choro conseguiu convencê-los. *Minha segurança estava em primeiro lugar*, repetiam a mesma ladainha! Até

Eric concordava com essa baboseira, mesmo que, para isso, eu explodisse como uma bomba térmica e me espatifasse pela casa em mil pedaços ferventes! E por isso estava aqui, agora, arfando e suando. E do meu lado estava um Eric em condições ainda piores. O silêncio se estendeu junto com a noite que caía lá fora. Quando finalmente ele se moveu, apoiou o corpo no cotovelo para me olhar. Seus olhos castanhos agora estavam calmos, não havia mais sinal da fúria e do desejo. Eu também me acalmei, meu coração batia mais devagar e por algum tempo ficamos assim, nos olhando. Por fim, estendeu a mão e acariciou minha bochecha. Apesar da excitação que esse contato provocava, fiz força para me controlar. Não era justo com nenhum de nós começarmos uma cena outra vez.

— Por que será que não podemos voltar a ser como antes? Quer dizer... como era no começo... A timidez, início de namoro — dei risada —, quando eu nunca sabia se você seria atrevido ou não, nem por onde andaria sua mão.

Ele também riu e por um momento pareceu mais relaxado. Seus braços envolveram meus ombros e deitei a cabeça em seu peito.

— Sei o que quer dizer, amor — falou suspirando. Sempre me arrepiava quando ele me chamava assim. — Mas, como todo mundo diz, um relacionamento deve evoluir, não é? Acho que esse é o nosso caso — beijou minha testa.

— Mas assim? Desse jeito? — apontei para nós. — Seminus, estendidos numa cama enorme, macia e maravilhosa e sem poder fazer bom uso dela? Tá bom, uma ova que é! Um desperdício, isso sim!

Afundi a cabeça e funguei. Não havia nenhum ruído na casa. Viver na mansão dos Fevré em Leigh Woods era como habitar uma casa abandonada. Mesmo sabendo que todos deveriam estar lá, o silêncio era total. Uma particularidade da vida dos vampiros que eu custava entender. Mas graças a esse silêncio, e o ritmo carinhoso e gentil das carícias de Eric nos meus cabelos, me tranquilizei. Agora, pensando com mais clareza, conseguia perceber a quantos milímetros havia ficado de um perigo muito maior do que qualquer ataque de vampiros que já tenha sofrido antes: o risco de uma gravidez híbrida que poderia custar minha vida. E não só dessa vez.

Desde que nosso namoro ficou firme, ainda na Holanda — morando sozinhos por um ano na bela casa de Robert —, os riscos e tentações têm sido uma constante. Bastava um começar que o outro ia no embalo. A minha sorte era Eric ter algum juízo na cabeça. *Deve ser a idade*, sorri com a ironia. Nesses momentos pensava também em minha mãe. Ao contrário de mim, que ainda era uma virgem — grrrrrrr — sem perspectivas de mudança de condição, nem de um lado e nem do outro, minha mãe era uma mulher vivida, experiente. Não deveria ter sido fácil para ela no começo e muito menos no final, antes de desaparecer das nossas vidas. O desejo era uma coisa poderosa, agora eu sabia disso, e não é difícil se deixar levar por ele. Pensei também em Robert, que ocupava o quarto ao lado do meu — o quarto onde eu estava hospedada na mansão tinha sido de minha mãe quando ela se transformou. Já fazia algum tempo que ele andava mais quieto do que de costume. Eu quase não o via, passava os dias e noites fora e quando estava na casa limitava-se a responder ao que lhe perguntavam.

Se, pelo menos, ele pudesse ir procurá-la. Se qualquer um de nós pudesse... Mas agora não era possível, não depois do que aconteceu durante esse ano. Eu queria ajudar, falar alguma coisa, mas seria inútil. A tristeza no olhar de Robert só tinha uma cura: a volta da minha mãe. Suspirei pesadamente e Eric levantou a cabeça.

— O que foi?

— Nada. Estava só pensando. Acho que posso entender o que minha mãe e Robert passaram — dobrei o braço sob a cabeça. — Meu Deus, não é brincadeira.

Ele não respondeu. Só continuou mexendo nos meus cabelos.

— O Rob está mal, não é? — perguntei, olhando seu rosto. — Quero dizer, ele tem andado... diferente. Estranho, quieto, nem parece o mesmo.

— Eu sei. Clem também está preocupada. Desde que o conheço, nunca o vi tão calado e afastado de todos — Eric dizia. — Josh me contou que na Romênia ele parecia... ser outra pessoa em alguns momentos. E quando fomos para o Norte também percebi isso... — seu tom era evasivo, como se Eric relutasse em me contar algo. — Ele lutou normalmente, fez o que sabemos que pode fazer, mas

alguma coisa no olhar... não sei bem como explicar. Era como se atacasse cego pela crueldade, ou pelo instinto — sua testa enrugou-se. — Eu já vi isso antes — notei pelo tom que Eric conversava com ele mesmo agora. — Sei que todos passaram por muitas mudanças, estados de consciência que se alternaram durante os séculos, mas é a primeira vez que vejo Robert tão diferente daquele que conheci.

Levantei um pouco o corpo. Talvez tenha sido o tom em sua voz, ou apenas curiosidade, ou porque eu não havia perguntado. Ou a mistura dos três, nunca vou saber direito. Para mim isso não importava antes. Mas então como se agora, e apenas agora, isso merecesse atenção, eu falei:

— Eric, como foi que vocês se conheceram? Como Robert o encontrou? Quero dizer — reformulei a questão —, quando nos conhecemos, você disse que era sobrinho dele e eu acreditei, claro! — balancei a cabeça. Quem poderia duvidar disso? — Mas, depois de tanta coisa que aconteceu nos últimos anos, nunca parei para perguntar sobre isso. Sei que foi ele que o achou porque minha mãe disse, mas qual é a verdadeira história? — olhei em seus olhos. — O que aconteceu na época?

Conhecia as histórias de todos: a perda de Clementine, como ela salvou Robert, sobre Josh e Morgana, Carlo. Até mesmo algo a respeito de Solomon, Shiloh e Nazaré — todos muito longe, só Deus sabe onde! Mas nunca parei para pensar em como Eric entrou para essa família, nem o que aconteceu com ele antes. Tudo o que via era o rapaz lindo e maravilhoso que pegou meus livros do chão, entrou comigo pela porta da sala de matemática no ensino médio... e depois não saiu mais da minha vida. E sempre fazia parte dela, disso eu tinha certeza.

— Sabia que um dia me perguntaria... — o tom de voz não era nada animador e me deixou alarmada, mas fiz esforço para não transparecer.

O tempo pareceu parar. Uma eternidade depois, Eric virou o corpo para mim e achei que seus olhos tinham se enchido de lágrimas. Respirou profundamente e pegou minha mão com força.

— Só espero que ainda consiga me ver do mesmo jeito, como sou, depois de tudo — levantou-se da cama, me fazendo levantar

também.

Com um gesto encantado, beijou minha mão — algo que nunca fizera antes, não daquela forma —, e me levou para fora do quarto. Pelo chão, vi seu suéter e entendi como ele saiu sem que interrompêssemos os beijos. Estava rasgado ao meio, duas partes distintas de lã azul num curioso quebra-cabeças. Não foi preciso andar muito para chegar ao quarto dele. Quando abriu a porta, fez um gesto para que eu entrasse. Depois, fechou-a e trancou. Aquilo me surpreendeu. Em geral, ninguém trancava as portas daquela casa. O gesto era simbólico. Eric não queria interrupções, de nenhuma forma. Sabia que os demais teriam ouvido o som da chave sendo girada e da tranca. Seria um tipo de aviso? Um código combinado para esse momento? Será que todos sabiam que esse dia chegaria e por isso havia a necessidade de alertá-los para manter distância? Meu coração começou a bater com mais força. O suor, que antes escorria do meu corpo por prazer, agora era frio e se concentrava na minha nuca e testa. O ar do quarto era gelado, a janela estava aberta, e eu tremi.

Isso fez Eric ligar o aquecedor e colocar uma manta nos meus ombros, enquanto me guiava para a cama. Quando me sentei, carinhosamente passou o polegar e o indicador no meu queixo, e seus olhos brilhavam com uma ansiedade que eu só podia imaginar ser muito maior do que a minha. O que diabos ele iria me contar? Que mistério envolvia a vida de Eric para que tudo isso fosse necessário? Então outro pensamento tomou conta da minha cabeça e gelei: e se o que ele me contasse agora pudesse, de alguma forma, modificar o que sentia por ele? *Não*, gritei para mim mesma, *isso não é possível. Ele é o homem que amo, eu o escolhi. Nada do que disser vai fazer minha decisão retroceder*, prometi em pensamentos enquanto meus dedos apertavam nervosamente as franjas da manta xadrez. Com movimentos lentos demais, até para mim, ele abriu o armário e tirou de lá uma caixa de veludo vermelho. Era linda, decorada com bordados de fios de ouro e prata e pedras incrustadas que faiscavam em tons de azul e roxo. O fecho parecia ser de ouro também e abriu com um clique abafado.

Por alguns minutos, Eric olhou o que havia dentro e, com um suspiro, passou a caixa para mim. Minhas mãos tremeram e fizeram um esforço enorme para pegá-la e trazê-la até meu colo. O interior era forrado de vermelho também, com cetim rubro, mas não foi o tecido que prendeu minha atenção: havia um punhal de lâmina fina, ricamente decorado no cabo com entalhes e pedras preciosas, uma moeda de ouro grande, um lenço de seda vermelha e uma foto amarelada e gasta de uma menina. Devia ter pouco mais de onze ou doze anos, e estava vestida com um amplo vestido de babados, um véu sobre a cabeça, segurando um pandeiro numa das mãos. Ela não sorria, estava séria e compenetrada na pose, e era muito bonitinha. Peguei a foto com a mão que tremia. Era tão velha que as pontas estavam gastas e pequenos furos de traças estavam aqui e ali. O lenço vermelho também me intrigou. Era de seda pura, de vermelho tinto, e uma grossa mancha escurecia ainda mais alguns pontos do tecido. Não toquei nele, nem na adaga e na moeda. Por algum motivo, sentia que aquilo não foi feito para que eu pusesse minhas mãos. Quando pus a foto de volta na caixa, olhei para Eric. Ele vestira outro suéter, preto, e mantinha-se de pé a alguns metros de mim. Sua postura mostrava não ter certeza se podia se aproximar, ou outra sensação estranha qualquer. Bati os dedos na cama, indicando que se sentasse ao meu lado, mas Eric levantou a mão diante do rosto e suspirou, pedindo tempo. Fiquei completamente sem ação, nem mesmo conseguia falar, uma coisa inédita para mim, que sempre tagarelava por tudo. Estava com dificuldade para respirar, engolir a saliva, pensar. Por fim, decidi que o silêncio havia durado tempo demais.

— Eric... — falei devagar. Ele me olhou sério. — Eu... não estou entendendo nada — seus olhos ficaram cheios de lágrimas outra vez. Apontei para a caixa no meu colo. — O que são essas coisas? Que significado têm? — mordi a ponta do lábio. — Você parece achar que eu sei o que são esses objetos espalhados na caixa, mas a verdade é que não sei! — senti o sangue escorrer na minha língua com a pressão da mordida. — Por favor, não me deixa nessa angústia — supliquei.

Ele virou a cabeça para o teto e cerrou os olhos. Seus punhos se fecharam, os nós dos dedos ficaram brancos. Quando relaxou as mãos, passou-as pelos cabelos como se sentisse dor de cabeça e quisesse aliviar a pressão.

— Achei que poderia saber — falou com a voz rouca e tensa. — Sua mãe, em seu lugar, teria entendido tudo. Esses objetos seriam comuns na rotina de trabalho dela, tenho certeza. Todo historiador já viu isso. Pensei que ela poderia ter comentando com você sobre a origem deles, o que são, para que servem, da mesma forma como deve ter lhe contado sobre arte egípcia, grega ou romana, apenas para distraí-la ou informá-la — soltou o ar de uma vez. — Isso vai ser mais difícil para mim do que pensei — fechou os olhos outra vez, uma angústia sufocando-o em todos os sentidos.

Se havia algum ar no mundo ele definitivamente não achava o caminho para os meus pulmões. Talvez, por isso, minha cabeça estivesse zozna e pontos pretos brincavam de pega-pega diante dos meus olhos. Abri a boca para puxar o ar e o som fez Eric me encarar, assustado.

— Cínthia? Amor, tudo bem? — sua voz era preocupada, mas nem assim se aproximou.

Apertei as mãos na manta para recuperar o raciocínio e engoli a saliva e ar misturados.

— Acho que vou me sentir melhor quando você desembuchar de uma vez essa história — olhei seu rosto pálido —, e não ficar falando por enigmas. Nunca fui boa com charadas. Você, melhor que todo mundo aqui, sabe disso — não desviei o olhar. — Não sou minha mãe, Eric. Ela poderia saber o que é isso, mas *eu* não sei, e agradeceria se pudesse me explicar de uma vez! — meu tom estava irritado agora.

Ele não disse nada, só ficou me olhando. Senti o sangue queimar meu rosto. Isso costumava acontecer quando me irritava e não pude evitar. Quando percebeu isso, seu sorriso voltou fraco, triste. Mas, pelo menos, sorriu. Virou o corpo para a janela ainda aberta e encostou-se ao batente. As cortinas finas balançavam devagar ao seu redor como mãos transparentes de fantasmas, envolvendo e ao mesmo tempo soltando, tirando-o da realidade para um mundo

sobrenatural. A lua era grande e azulada, o brilho criava um halo luminoso em volta de sua figura. Entre panos, sombras e lendas, meu corpo foi arrastado por um funil numa volta ao passado.

— Meu nome de batismo é Yurik Vasha — finalmente ele falou. Baixo, mas audível. — Eric Fevré foi o nome que adotei quando entrei para o clã. Tinha necessidade de esquecer e mudar muitas coisas para poder levar a vida adiante — sua voz ficava cada vez mais rouca e pesada. — Meu verdadeiro nome era a primeira coisa que queria apagar, para sempre se fosse possível — suas mãos se fecharam outra vez —, pois tudo o que se refere a ele é amaldiçoado, negro, sujo e nojento! Não há sequer um motivo, o menor deles, que me faça achar que poderia ter orgulho do nome que ostentei durante dezessete anos da minha vida!

Minha boca tremeu de leve. *Yurik Vasha? Quem era esse?* Eram as perguntas que minha cabeça fazia à medida que tentava unir o homem à minha frente com a simples menção desse nome. Arrepios passavam pela minha nuca ao perceber que não era um nome bem-vindo.

— Eu nasci na Iugoslávia, após a Primeira Guerra Mundial, em 1921, na região onde hoje fica a Croácia — continuou, respirando pesadamente. — Minha família pertencia ao povo ROM, do clã de Matchuaia, que habitava os países Balcãs há muitos séculos. Havia outros clãs do nosso povo, os Lovara, os Kalderashs, os Curara... — citava. — Todos habitando as terras da Romênia, Bulgária, Hungria, Albânia, convivendo em paz, apesar do preconceito que nutriam pela nossa gente e que sempre nos perseguiu pela história — seu olhar mirou o meu. — Você deve ter estudado na escola sobre as grandes perseguições que meu povo sofreu durante a Inquisição, Primeira e Segunda Guerra Mundiais, entre outras menos famosas, mas nem por isso menos sofridas — falou com tristeza. — Como se não bastasse ter nascido assim, como sou, ainda vim ao mundo no seio de uma nação que conhece o preconceito e a discriminação até a última consequência.

Pisquei os olhos à sua explicação. Ainda não fazia sentido. Havia entendido a parte sobre ser mestiço, ter nascido diferente. Mas a que povo ele se referia? E que nomes eram esses que nunca ouvi falar?

Ele pareceu entender minha confusão. Sua mão pegou a ponta da cortina que balançava quase na altura do rosto.

— Eu sou cigano, Cínthia — completou, enquanto minha boca se abria. — Eu *era* cigano — corrigiu-se. — Meu povo é cigano. Quando falei que minha família pertencia ao povo ROM é porque o idioma que falávamos era o romani, a língua oficial entre os clãs dos Bálcãs — o som de sua voz enchia o quarto. — A língua dos ciganos. Naquele tempo, nós, Matchuaias, assim como outros clãs romanis, aprendíamos que essa era a língua pura, verdadeira, trazida por nossos ancestrais que vieram das estrelas, se adaptaram à vida na Terra e que esperavam, um dia, poder retornar ao cosmo. Voltar para casa — seus olhos brilhavam. — Por esse motivo os ciganos são chamados de *povo das estrelas*, têm uma vida nômade e não se prendem às leis dos outros povos — sua voz cresceu quando recitou. — *O Céu é meu teto; a Terra é minha pátria e a Liberdade é minha religião* — suspirou. — Essa era a lei máxima que todo cigano seguia e tinha que respeitar.

A força da gravidade não agia sobre minha cabeça. Ela estava leve, oca, e poderia sair flutuando como um balão a qualquer momento. Apenas o som da voz de Eric mantinha um fio invisível que a prendia ao meu pescoço.

— Eu não posso dar muitos detalhes sobre como fui concebido — explicou com calma. — Ninguém na minha família falava sobre isso. Sexo era um assunto tabu. Só posso garantir que algum vampiro, um metamorfo provavelmente, foi meu pai biológico. Embora o homem que me criou, Yerko, tenha sido meu verdadeiro pai e me amado como um filho — seus olhos perderam o brilho quando acrescentou. — Até hoje, quando volto para os Bálcãs, ou vejo os clãs de vampiros romenos, búlgaros e turcos nos Concílios, fico me perguntando qual deles seria o miserável que me gerou. Ou se algum nômade resolveu atravessar a fronteira de territórios e fez o serviço, sendo morto pelos clãs por causa do Acordo da Ordem.

Sua respiração estava alta e o peito subia e descia no contorno da luz.

— O que eu sabia sobre minha mãe — continuou — era o suficiente: ela morreu no meu parto e só. Meu pai lamentou sua morte

por alguns anos e depois se casou novamente com minha madrasta, Sasha, uma mulher carismática e de grande poder de clarividência entre os nossos.

A cortina continuava seu movimento espectral, roubando a figura de Eric do mundo onde eu estava. A lua era alta agora e uma coruja piou do lado de fora, a distância. Eric encostou o ombro na parede e uma de suas mãos esfregou os olhos, entre o nariz e a fonte, como se espremesse as ideias ou afugentasse os pesadelos.

— Meu pai era um Kaku, o líder do nosso povo, respeitado pela inteligência. Ele presidia os conselhos da Krisromani — completou —, uma espécie de tribunal que julgava todas as questões sobre aqueles que transgrediam as leis do povo cigano. Do seu primeiro casamento eu era o terceiro filho, e ele me adorava, talvez por amor de minha mãe, não sei. Mas eu era seu preferido em muitas questões — sua voz mudou, de repente. — Mas sua mulher, Sasha, não gostava de mim. Sempre tratava muito bem os meus irmãos, mas seu contato comigo era velado e lúgubre, e em várias ocasiões sentia seus olhos me observando de maneira estranha, assustada. Ela me seguia com eles por toda parte — riu baixo, um riso tenso. — Na época eu não poderia entender por quê. Ela era uma Bibi, uma das mulheres que podiam enxergar no mundo sobrenatural, e com certeza algo em mim a havia alertado de que eu não era normal.

Cobriu o rosto com as mãos como se quisesse se esconder. Como se a vergonha fosse insuportável pelo que me contava. E não as tirou de lá.

— Antes ela tivesse tido a coragem para enfrentar meu pai — falou angustiado. — Mil vezes antes ela tivesse tido forças para dizer a verdade, contar ao chefe Yerko que seu filho adorado era o fruto do demônio! O filho que nunca adoecia, era o mais forte e habilidoso na caça, na pesca, nos afazeres dos homens, no comércio com os *gadgés*, os não ciganos, na confecção de joias, nas danças e músicas, em tudo! — ofegou. — Sim, porque eu pensaria dessa forma na época, é o que todos nós pensamos quando descobrimos quem somos, Cínthia. Hoje sei que Sasha sabia a verdade, que a descobriu assim que me viu — sua cabeça tombou sobre a mão espalmada. — E também sei por que minha mãe não contou nada ao

marido quando o vampiro a seduziu e como um incubús me gerou. As leis são claras dentro do povo cigano: traições não são toleráveis. Mesmo falando a verdade, que não tinha sido sua culpa, que fora forçada àquilo, ainda sim estaria esperando um filho bastardo e a punição era uma só: o desterro de seu povo.

A respiração de Eric era alta, bem diferente da minha, pois quase não conseguia sorver o ar. Tinha vontade de estender a mão e tocá-lo, puxar a cabeça que escondia sob os punhos e deitá-la no meu colo. Mas não podia fazer nada disso, não enquanto ele não terminasse de contar. E ainda havia mais, muito mais, pelo que pude perceber.

— Quando fiz oito anos — sua voz continuou meio estrangulada —, meu pai convidou o chefe de outra família para vir até nossa tenda — hesitou um pouco. — Eles conversaram por algumas horas e então tudo ficou acertado, como eu sabia que seria.

Ficou quieto, sem coragem para continuar. Os dedos sumiram do seu rosto e me olhou nos olhos, por alguns minutos, antes de virar-se para a janela e ficar de costas para mim. Esperei o máximo que pude, não muito para falar a verdade, e tive que perguntar:

— O que... O que ficou acertado? — um arrepio subiu pela minha coluna com a expectativa da resposta.

Sua cabeça tombou e apenas pude ver os contornos dos ombros contra a luz da lua.

— Meu noivado — respondeu de uma vez só. — Eles arranjaram meu noivado e casamento com a filha caçula de Pamuel, amigo da família do meu pai — sua voz era só um sussurro. — Ela tinha seis anos na época.

Se eu tivesse sido vítima de um derrame, estivesse numa cadeira elétrica ou sofrido um infarto, a dor não seria, nem de longe, igual ou maior do que a que aquelas palavras causaram em mim. Por dois segundos tive certeza absoluta que meu coração havia parado e que minha alma saía pela boca!

— Mas... — as palavras se espremeram entre a língua e os dentes. O som poderia ter sido de um vidro trincando. — Noivado? Casamento? — engoli a saliva pegajosa. — Eric, você tinha só oito anos! — minha surpresa não tinha tamanho. — Que pai maluco aceita

casar um filho e uma filha com essa idade? — achei que o ar não voltaria mais aos pulmões.

— Os nossos pais — respondeu com calma ao se virar para mim, o rosto pálido e firme. — Os pais de todos os clãs ciganos no mundo. Isso era comum para nós, era o certo. O que todos nós teríamos que passar para sermos reconhecidos como adultos dentro da nossa sociedade — seu tom de voz mudou. — Em alguns casos, esse tipo de compromisso é firmado quando a criança nasce. Mas como minha mãe morreu ao dar à luz, meu pai decidiu esperar pelo tempo certo — respirou profundamente. — Naquela noite, depois da reunião com Pamuel, meu pai entrou, feliz, no espaço da tenda que eu usava como quarto e me entregou isso — apontou o dedo para a caixa no meu colo. Eu havia me esquecido dela.

Passei os dedos pela tampa ornamentada da caixa e abri outra vez. Ainda não fazia sentido para mim. Eric entendeu meu desconforto e um sorriso breve estampou-se no seu rosto. Era o mais triste dos sorrisos que já havia visto na vida e meu coração doeu. Sorrir, assim como muitas outras coisas, tomavam novos significados em minha vida.

— Se um homem a pedisse em casamento, Cínthia — falou as palavras devagar —, ele faria isso oferecendo um anel ou uma aliança. Primeiro falaria com você e, se concordasse em aceitar o pedido, iriam comunicar seus pais, famílias, amigos, talvez houvesse ou não uma festa de noivado que precedesse o casamento algum tempo depois — gesticulou de leve em minha direção. — É o que você esperaria como um sinal de compromisso, porque esse é o costume na qual foi criada — olhou para a caixa. — Mas entre os ciganos é diferente. O pai da noiva vende a filha para o pai do noivo, eles nunca poderão se conhecer até o dia do casamento, e como prova de confirmação de noivado trocam presentes entre si, que devem ficar guardados até o dia da cerimônia: uma adaga e uma moeda de ouro, envolvidos num lenço de seda vermelha — sua voz engasgou. — Os mesmos que estão dentro dessa caixa no seu colo. Essa seria a *aliança* de noivado.

Minhas mãos tremeram e a tampa da caixa se fechou sozinha, num baque. O susto fez minha respiração voltar aos trancos e grudei

os dedos na manta para poder me controlar.

— Naquela noite recebi a minha aliança — continuou — e meu pai se encarregou de mandar à filha de Pamuel a dela, devidamente paramentada. Ficou combinado que o casamento aconteceria quando ela fizesse quinze anos, uma idade considerada boa para um casamento — suspirou. — Ao ficar sozinho no quarto, olhando minha aliança, imaginando como seria quando finalmente fosse um adulto, respeitado por todos no clã, importante como meu pai era, Sasha entrou de repente — seu olhar era duro agora, intenso. — Ela não falou nada, apenas me encarou e aos presentes com fúria. Quando finalmente abriu a boca foi para vaticinar: *Que Santa Sara tenha pena de sua alma nesse dia, filho de Deng*. O som de sua voz era assustador e ela saiu levantando a poeira do chão — Eric virou-se para a janela de novo, parecia não estar confortável com nada. — *Deng* é como os ciganos chamam o demônio. Pode imaginar o tamanho do susto que tomou conta de mim, mas decidi não contar nada a meu pai e Sasha nunca mais voltou a falar comigo, a não ser na presença dele. E com isso o tempo seguiu seu curso inevitável.

Ouvi o som de seus dedos riscarem o batente da janela. Lascas caíram no chão do quarto. O cheiro de madeira espalhou-se por causa do vento e impregnou o ambiente. Mesmo com a manta e o aquecedor ligado, eu sentia que o frio vinha de dentro para fora. Não havia maneira de esquentar meu corpo e tentei, ao máximo, disfarçar meus tremores para que Eric não perdesse o fio da história. A julgar pela demora, percebi que essa parte não deveria ser fácil.

— Sabe, Cínthia, entre os ciganos, o noivo não pode ter contato com a noiva até o casamento — falou — e não recebíamos nenhuma orientação sobre sexo, como fazer ou deixar de fazer... isso era um tabu. Meus irmãos mais velhos, que já estavam casados e tinham filhos, não conversavam comigo sobre esses assuntos, deixando uma espécie de mistério no ar para a noite do ritual de desvirginamento...

— Noite de quê? — a pergunta pulou da minha boca antes que eu pudesse segurar.

Meu tom o pegou desprevenido, pois, quando se virou, não estava mais pálido. Estava vermelho, ruborizado até a raiz dos cabelos.

— Esse é... bem... o nome que se dá à noite de núpcias que acontece entre marido e mulher no segundo dia do casamento — ele tentava recuperar o tom. — Os casamentos ciganos duravam dois dias entre o meu povo. No primeiro, acontecia a cerimônia e a noiva voltava para a casa dos pais, e no segundo dia ela era levada para a tenda do marido e ele a recebia. Do lado de fora, ficavam as *testemunhas*, geralmente familiares dos dois lados, que esperariam para conferir os sinais de que a noiva era virgem e que não houve má fé da família dela.

— Que sinais? — outra vez a pergunta saltou.

— A cama era coberta com um lençol branco, alvo — explicou e seu olhar desviava-se do meu. — Assim que o casal... bom... concluía suas núpcias... — engasgou — o marido tinha que levar o lençol para as testemunhas mostrando os sinais do sangue da virgindade da esposa — virou o rosto para a janela. — Deus, como isso é embaraçoso de contar!

Era embaraçoso de ouvir também, mas não comentei em voz alta.

— A obrigação de nossa família era garantir o enxoval da noiva e meu pai havia comprado os dois vestidos de casamento, o branco e o vermelho, que são usados no primeiro e segundo dias — sua voz ficou mais carinhosa. — Antes de a festa de casamento começar, no primeiro dia, meu pai veio falar comigo. Não sei se por que eu era seu filho favorito, ou por que estava muito mais nervoso do que meus irmãos e andava agitado, sem conseguir dormir, vendo e ouvindo coisas *estranhas* — frisou a palavra. Sabia a que ele se referia: a transição do mestiço —, mas ele veio e, talvez para me acalmar, trouxe o retrato de minha futura esposa — apontou para a caixa. — Durante anos, soube apenas que o nome dela era Sara, mais nada.

Apesar do clima tenso da história, ouvi-lo se referir a essa tal de Sara como futura esposa não soou nada bem aos meus ouvidos. Senti o sangue ferver.

— Ele fez muito mais do que deveria — encarou a caixa. — Burlou regras milenares. Então me deu um beijo na testa e fomos para a festa. Carreguei os presentes que Pamuel entregou anos antes. Agora não havia volta, mas esse era o destino que estava reservado

para mim. Ou, pelo menos, acreditava que era — me olhou. — Casar, ter uma família, filhos, tudo dentro da tradição.

Minha cabeça começou a dar voltas novamente e me lembrei de respirar. Imaginei Eric, vestido com as melhores roupas, lindo, maravilhoso, os cachos balançando ao vento, de braços dados com a menina da foto. Casado! Eu nunca teria sequer sonhado em conhecê-lo se a vida tivesse seguido esse rumo. Se Eric não fosse o que era.

— Como posso resumir o que é um casamento cigano?

Ele me tirou de meus pensamentos.

— Tudo é colorido, alegre, as pessoas vêm de muito longe para acompanhar e ficam acampadas por dias em suas tendas. Havia comida e bebida de sobra e as músicas e danças eram constantes. As pessoas contariam histórias sobre ele por muito tempo. Quando o pai de Sara a trouxe para a cerimônia da troca de punhais, que selaria o casamento, eu pude vê-la pela primeira vez — seus olhos ficaram opacos. — Uma menina, uma criança, não muito diferente da que estava na foto, apenas mais alta e encorpada. Ela se comportou como toda noiva deveria, recatada e séria, apesar de sorrir levemente algumas vezes, e não me dirigiu a palavra, a não ser na troca de juramento — suspirou como se sentisse alguma dor. — Os punhais são usados para fazer pequenos cortes nos pulsos. Em seguida, os pulsos são unidos para simbolizar uma só vida, a comunhão de sangue, amarrados pelo lenço vermelho, que depois é guardado com os punhais. Nossas alianças de casamento.

Engoli em seco. A essa altura, pelo que entendi, Eric já era um homem casado!

— Depois vinham os outros complementos do ritual: o vinho, para garantir a alegria permanente do casal; o pão e o sal, que representam a união; a taça de cristal, para que a harmonia se mantivesse presente — encostou-se à janela, voltando o corpo para mim. — A festa se prolongava até o dia seguinte. Mesmo oficialmente casado — senti uma bola na minha garganta quando ele disse a palavra —, eu ainda não tinha liberdade para falar com Sara. Ela voltou para a mesa dos pais e nossa comunicação era feita através de parentes.

Eu apenas escutava, não tinha coragem de perguntar mais nada a essa altura.

— Durante a festa, sentia minha madraستا me observando. Alguma coisa no olhar dela me incomodava fisicamente — Eric dizia. — Apesar do clima de comemoração, eu estava aéreo, distante, como se uma parte de mim estivesse se desconectando, transformando, mudando. Especialmente depois que senti o cheiro do sangue de Sara. O vento o havia atirado em meu rosto no ritual e a mente ficou vazia, oca, ausente de qualquer tipo de pensamento que não fosse o odor que ressecou minha boca — seus lábios se retorceram nessa hora. — Passei a noite em claro e, no dia seguinte, quando chegou o momento mais íntimo da cerimônia...

Eric ficou calado. Seu peito subia e descia e o olhar perdeu-se no outro extremo da parede do quarto. Embora não fosse boa em charadas, não era preciso ser uma *expert* para entender o porquê desse silêncio, nem adivinha para perceber o que aconteceu.

— Você... você... matou ela? — minha voz era só um suspiro. — Você matou sua... matou Sara? — não conseguia usar a palavra *esposa*.

Seus ombros tremeram e a palidez invadiu o rosto. Os olhos perderam todo o brilho e os lábios entreabriram de leve.

— Não tive como evitar... A desgraça veio tingir o dia festivo de todos — o som era baixo, surdo como um lamento. Os minutos passaram aflitivos. — Para cada mestiço nesse mundo existe o momento da transição, quando deixamos de ser só humanos e nossa natureza verdadeira aparece — a explicação de Carlo estava lá, na voz mecânica de Eric. — E sem a orientação, acaba acontecendo sempre da pior forma...

Engoli o ar. Silêncio. Eric se moveu pela primeira vez para perto de mim, bem devagar, até ajoelhar-se ao lado da cama. Eu não me movi nem um centímetro.

— Eu prefiro não entrar nos detalhes, Cínthia, seria constrangedor demais — ele implorou. — Se contei até aqui, é porque você merece saber a verdade. Não teria sentido esconder ou fingir que nunca aconteceu comigo o mesmo que com os outros — sua voz sufocou. — Que nunca perdi o controle ou me comportei como um monstro!

Tudo o que posso lhe dizer é que, naquele momento, assim que percebi o que tinha feito com Sara, que eu havia... em nossa noite de núpcias... matado uma criança inocente porque fiquei intoxicado pelo cheiro do sangue nupcial, tudo mudou como num pesadelo — apertou a colcha da cama com as mãos. — Os que aguardavam do lado de fora ouviram barulhos estranhos e resolveram ver o que estava acontecendo. Quando olharam para a cena na tenda... — gemeu. — Eu ataquei todos eles, Cínthia! Ataquei Pamuel, matei um de meus irmãos, ataquei meu pai! O humano decente que sempre me amou como a um filho, que não sabia estar criando o demônio embaixo do próprio teto!

Meus lábios tremeram. Entre os cachos do cabelo dele, pude ver as lágrimas que escorriam, perdendo-se na maciez do edredon de plumas da cama.

— Quando Sasha acudiu, passou a gritar a todos que eu era um Deng — riu abafado, uma risada de escárnio. — Maldita mulher que não teve coragem de abrir a boca antes! Tudo poderia ter sido evitado, tudo! Era melhor ser morto ou desterrado do que matar pessoas inocentes, que eu amava! — chorou ainda mais. — Mil vezes maldita!

Levantou-se rápido, antes que a mão que eu queria estender alcançasse sua cabeça.

— Os outros vieram com facas, adagas, punhais e tochas acesas, incitados pela voz dela. Fiquei encurralado na tenda encharcada de sangue. Ao vê-los, rosnei em fúria, exibindo os dentes e os olhos de um monstro. Abati dois que se aproximaram — sua voz estava rouca por causa do choro. — Então, fugi. Rápido. Mais rápido do que qualquer um poderia correr! — suspirou. — A parte selvagem em mim havia aflorado sem controle e os instintos tomaram conta do humano que eu havia sido. Não sei dizer quanto tempo fiquei desse jeito, se foram dias, meses, anos... não tenho como lembrar. Nem mesmo como guardei todas essas coisas comigo — apontou a caixa. — Só *flashes* aparecem na minha memória. Eu sentia fome e comia, se tinha sede, matava para me alimentar. Durante esse tempo fui só um selvagem, nada mais.

O vento parou de soprar. A coruja chegou para perto da janela e piava, lúgubre.

— Não sei como fui parar em Edimburgo, na Escócia — continuou. — Andava pelas ruas escuras da cidade velha, escondendo-me nos becos da High Street de dia e saindo para caçar à noite. Bêbados, prostitutas, velhos, quando tinha sede não escolhia nem gênero nem idade — seu olhar pousou sobre o meu. — Até que numa noite, quando arrastava uma mulher para um dos becos fedorentos, vi o anjo da morte que me espreitava com olhos vermelhos. Soltei a mulher, que caiu pesadamente no chão e depois fugiu — seus olhos brilharam nesse momento. — Ele saiu das sombras. Rosnei e ele rosnou, mostramos os dentes em ameaça declarada e a briga foi certa. Ele era forte, mas eu também. No começo a luta foi corpo a corpo, até que ele saltou sobre uma marquise de pedra e voltou com uma espada brilhante.

— Robert... — murmurei.

Eric sorriu triste, de novo, como se nunca mais houvesse alegria em sorrir. Ou motivos para isso.

— Ele nunca gostou de matar mestiços com as mãos, sempre usou as armas — balançou a cabeça com a recordação. — E ele é muito bom nisso, acredite. Em dois lances de luta eu estava sangrando mais do que poderia imaginar.

— Mas ele... ia matar você? — abri a boca espantada. Nunca poderia imaginar Robert fazendo mal algum a Eric.

— Regras do Acordo, lembra? — apontou para o próprio peito. — *Eu* invadi o território dos Fevré, Cínthia, e estava matando a esmo. Foi só uma questão de tempo até um deles me encontrar e fazer a limpeza — completou. — Aliás, tive muita sorte em não ter sido morto antes por algum outro clã de vampiros do Acordo, pois devo ter feito estragos em muitos lugares da Europa.

Prendi o fôlego. Era inacreditável!

— Àquela altura da briga eu estava esgotado, havia perdido sangue demais — Eric continuou de uma fala anterior. — Talvez por isso, um pouco do meu juízo voltou e a sanidade falou mais alto. Vi os rostos de Sara, Pamuel, meu pai, meu irmão dançarem a minha frente, como espectros me assombrando. Pedindo por justiça. E entre

as visões dos fantasmas do passado a figura de Robert se aproximava, com a espada brilhante à luz da lua — me olhou nos olhos. — Era o momento do golpe final. Mas quando olhei para ele não tive medo, nem vontade de atacar. Não fazia ideia do que Robert era e, em minha cabeça alucinada, acabei confundindo-o com algum tipo de anjo vingador, mandado por Deus para castigar meus pecados como demônio.

Seu olhar voltou-se para a lua, o brilho claro e azulado criava reflexos em seus olhos.

— Meu corpo caiu de joelhos diante dele e gritei: *Se tem piedade, acabe logo comigo, por favor! Não me deixe mais viver como um monstro.* E chorei, com toda a força que podia — mesmo agora, também vertia lágrimas. — Robert parou e me olhou confuso, indeciso. Implorei outra vez: *É você? O anjo vingador que veio para me buscar?*, e abri os braços, *Venha, não vou resistir. Por Santa Sara, que veio do Egito para nos guiar, eu juro, não vou lutar ou implorar por esta vida!*, e olhei dentro dos olhos vermelhos que faiscavam na noite. *Se sou um Deng, só você poderá me libertar. Venha com sua espada santa, liberte-me!*

O vento voltou a entrar no quarto e tremi com seu contato. Puxei mais a manta e encolhi os pés. Olhei para Eric, parado junto à janela, os olhos ainda escorrendo gotas pesadas de um passado doloroso demais.

— Ele não matou você... — minha cabeça doía um pouco e a boca estava seca.

Eric balançou os braços como se tivesse sido derrotado em luta.

— Nem mesmo Robert entendeu o porquê. Eu não me lembro do que aconteceu depois, desmaiei por causa da perda de sangue acentuada — falou inseguro. — Tudo o que me disse, quando acordei aqui na mansão horas depois, foi que algo na minha postura, no modo como falei, sei lá, fez com que acreditasse que não seria necessário acabar comigo. Robert percebeu que eu era um mestiço jovem e precisava de orientação. Além do que ele era um cavaleiro decente. Não atacaria alguém que implorasse de joelhos pela morte — suspirou. — E desde então fiquei com eles. Aprendi muito, modifiquei

conceitos de minha vida, mudei de nome, tudo na tentativa de viver melhor dali pra frente.

Olhei-o sem compreender. E tive que perguntar:

— Se é assim, então por que ainda tem isso? — apontei para a caixa. — Por que guardar algo que o machuca tanto?

Seus olhos se demoraram sobre o veludo vermelho no meu colo. Veio e pegou-a, afastando-se de costas para mim.

— Porque não posso esquecer *tudo* — falou sério. — Não posso me dar esse luxo. Seria um desrespeito pela memória de Sara, meu pai, todos. E também para me lembrar de *quem* eu sou e *do que* posso fazer se não me controlar. Se permitir que o monstro domine o homem que há em mim — suas mãos guardaram mecanicamente a caixa no armário.

Não havia necessidade de explicar mais nada. Eu queria a verdade e ele me deu. O muro que poderia haver entre nós dois não existia mais. Devagar, Eric foi até a porta e destrancou a fechadura.

— A porta agora está aberta — falou triste, mas convicto. — Se quiser sair... para pensar... não sei...tomar suas decisões em paz... eu vou entender... — me olhou. — Vou entender qualquer decisão que tomar, Cínthia, não se preocupe — me assegurava. — Quando a conheci, acreditei que a vida poderia me dar uma nova chance, e tentei fazer tudo certo para não desapontá-la — seu tom de voz fez meu coração se contrair como um filhote com medo. — Mesmo que agora a verdade possa mudar tudo, que eu não seja mais o mesmo cara que pensou que eu fosse, apesar de amá-la muito mesmo, só peço apenas uma coisa: não tente me proteger apenas para não me magoar — olhou para o chão. — É tudo o que imploro, não seja complacente só porque *acha* que deve ser. Eu não mereço ser poupado — empurrou a porta.

Pisquei os olhos várias vezes enquanto o encarava. A luz do corredor iluminava a fresta pela porta aberta. Sabia o que esse gesto significava: Eric estava me deixando livre para decidir se queria ficar com ele ou não. Se poderia conviver com o fato de que um dia ele foi um assassino, ainda que involuntário. Não iria me incomodar ou impedir, de maneira alguma, se eu caminhasse até meu quarto, pegasse todas as minhas coisas e desaparecesse, do mesmo jeito

que minha mãe fez. Virasse poeira no ar! Sim, eu poderia fazer isso. Era meu direito. Essa história certamente assustaria muita gente, destruiria a ilusão do namorado perfeito e gentil que qualquer adolescente teria e que ele havia sido até esse momento, provocando olhares de inveja em minhas colegas do ensino médio e arrancando suspiros de desejo de mulheres mais velhas. Mas havia alguns *poréns* a considerar e que pesavam na balança.

Primeiro: eu sempre soube, pelo menos em boa parte do tempo, que ele não era *perfeito*, que era um mestiço, meio homem e meio lenda. Alguém que não levaria uma existência como a das outras pessoas e que poderia — não só em potencial —, representar um risco para elas. Ele deixou isso claro hoje. Segundo: eu também não era mais uma adolescente com suas fantasias amorosas e crises de ciúmes infantis, que ficava irritada e furiosa com os comentários de colegas de sala, com as mulheres que o cercavam constantemente nos cinemas, bares e *shows*. Sabia que esse assédio nada representava para ele. E terceiro: eu era uma mulher agora. Uma mulher que amava de paixão o homem que estava a minha frente.

No instante seguinte eu estava em pé e batia a porta com força para fechá-la.

— O quê... — ele tentou falar, mas calei sua voz com um beijo.

Apertei minha boca na dele. A princípio resistiu, assustado, mas depois se rendeu apaixonado e vibrante, enquanto minha manta escorregava para o chão. Não estava com frio agora. Quando o beijo prolongado finalmente cessou, ficamos com nossas testas unidas, olhos nos olhos por longos minutos. Seus dedos seguravam de leve a minha cintura e minhas mãos brincavam com os cachos do cabelo castanho. Então eu ri. Relaxada e alegre.

— O que aconteceu agora? — ele parecia perplexo com a minha atitude.

— Eu te amo, seu bobo — falei com mais certeza agora do que poderia ter antes. — Se com tudo o que disse achou que conseguiria se livrar de mim, você se enganou, mocinho. Vai ter que se esforçar mais da próxima vez. Embora tenha que confessar... não é nem um pouco *agradável* saber que já foi casado! — resmunguei e beijei-o novamente.

Eu sabia *quem* ele era. Sabia que nunca me faria mal, nem deixaria de ser o mesmo garoto adolescente. Sempre o veria dessa forma. Eu não conhecia Yurik Vasha, esse nome não tinha nenhum significado para mim. Ele era o *meu* Eric, o único homem que poderia me fazer feliz e a quem eu também queria fazer. Seus braços me apertaram devagar.

— Tem mesmo certeza disso? — perguntou, ainda inseguro. — Isso não vai mudar nada entre a gente? — beijou meus olhos com suavidade.

Coloquei os dedos em sua boca, sentindo os lábios carnudos e o calor do seu hálito neles. Abracei seu corpo e me aconcheguei. Eu estava em paz ali.

— Tudo o que quero está bem aqui — apontei para seu peito. — E que alguém nessa casa tenha o bom senso de fazer por mim o que deve ser feito, e logo! — sacudi os braços e assegurei, com um sorriso. — Então terá que me aguentar para sempre — e o beije.

Assim que o beijo terminou foi a vez dele rir, relaxado e feliz.

— Você está cada dia mais parecida com sua mãe! Bem que ela me avisou disso — me beijou com gosto. — Teimosa!

Fiz uma careta ao mesmo tempo em que uma ideia tomou forma na minha cabeça.

— Quer saber de uma coisa? Sei o que devemos fazer! — o puxei pelas mãos. — Vamos sair daqui, agora! — intimei. — Pegar um cinema, comer uma *pizza*, fritas com peixe, beber cerveja irlandesa, dançar, pular da ponte de Clifton, qualquer coisa. Vamos agir como gente normal para variar! Chega de vampiros, mestiços, poções, lendas e mitos, seremos só você e eu na noite maluca de Bristol!

E o beije outra vez. Enquanto esperava do lado de fora da casa, perto da fonte, Eric foi buscar o carro na garagem. Olhei para o céu. A lua estava linda, mesmo para um início de inverno. Era uma pena que as flores do jardim já estivessem se recolhendo por causa do tempo, mas, apesar do ar cinzento e triste, eu sentia alívio, um grande alívio por ele ter se aberto comigo, sido tão sincero, mesmo achando que corria o risco de me perder. Um risco bobo, mas ainda assim real para ele. Nada poderia estar mais distante da realidade do

que a ideia absurda de ficar longe de Eric. Esse pensamento acabou me levando a outro e fitei a lua, com uma súbita tristeza.

— Ah, mãe... Agora sei como deve estar se sentindo — uma lágrima teimosa brincou nos meus olhos. — Esteja onde estiver, não deixe esse amor morrer, não perca a chance da sua vida. Vai dar tudo certo, sei que vai! Volte, por favor — pedi para a escuridão da noite, quase esperando que ela me respondesse.

O vento ficou um pouco mais forte e encolhi o pescoço no casaco, desejando que Eric chegasse logo. Dei a volta na fonte, perseguindo o reflexo da lua. Quando cheguei do outro lado, além dela, outra coisa brilhava como joias de rubi sobre a água. Virei à cabeça, assustada. Robert estava na janela do seu quarto e me observava de forma estranha, o brilho de seus olhos vermelhos fixos em mim. Parecia me seguir há algum tempo e a sensação provocou um arrepio no meu corpo. Rapidamente, ele fechou a janela e sumiu, quando Eric chegou com o carro e desceu. Meus olhos ainda estavam atentos à janela.

— O que foi? — ele perguntou, vendo a direção do meu olhar. — O que tem lá?

— Robert. Ele estava ali, agora mesmo, me olhando e então... sumiu.

Eric franziu o rosto para a janela e passou os braços sobre o meu ombro.

—Deixe, Cínthia, vamos respeitar o jeitão estranho dele — me apertou como se quisesse me proteger. — E temos um acordo lembra? Nada de mitos e lendas, só você e eu — me beijou.

Abriu a porta com um gesto cavalheiresco. Enquanto Eric dava a volta no carro, numa passada humana normal, percebi o longo olhar que lançou para a janela fechada e isso me deixou inquieta. Mas mesmo ao ligar o som e colocar meu CD favorito para tocar — imitando os músicos da banda ao volante —, a curiosa sensação do olhar de Robert me dava arrepios na espinha, acelerando meu coração. Poderia estar maluca, eu acho, mas algo me dizia que Robert não estava apenas me olhando. Era como se estivesse me caçando! Estremeci. O carro se afastava da mansão de Leigh Woods em direção às luzes de Bristol.

Parque de Exmoor – Inglaterra – início de inverno

Minha respiração e a dele eram iguais, a adrenalina, o ritmo, tudo na mesma frequência. Meu ser e o dele estavam conectados e era assim que tinha de ser. *Sinta o ritmo, a pulsação, tornem-se um só...*, a voz de Clementine vinha do passado, me guiando, *quando estiverem em simbiose, ataque rápido!* Era como nos primeiros tempos. Os mais difíceis e árduos. Quase não havia vento hoje, apesar de o início do inverno deixar seus sinais evidentes na paisagem, e o parque de Exmoor estava silencioso pela manhã. Movia-me sem ruídos, como o predador que era, mirando a presa. Nenhum dos três animais anteriores notou minha presença, antes de serem abatidos. Estavam procurando alimento, numa época em que ele começava a escassear, e guardar energias para o rigor da estação. E o grande cervo vermelho e chifrudo não era exceção, pastando avidamente as gramíneas sem suspeitar de nada. Sem saber que essa seria sua última refeição. Deslizei ainda mais lentamente. Ouvia o batimento do coração do animal e o sangue quente e doce fluindo. O cheiro era forte, entorpecia os sentidos, secando minha boca. As artérias grossas no dorso do animal estavam salientes e desprotegidas.

Ele levantou a cabeça, de repente, e farejou o ar. A brisa leve que se insinuou ameaçou me denunciar. Mas ele nunca seria mais rápido do que eu e saltei. Em pouco tempo estava acabado. Coelho e lebres pequenas, assim como gatos do mato fugiram de suas tocas. Pássaros debandaram em voos rasantes e esquilos saltaram de uma para outra árvore em disparada. O cervo vermelho caiu ao chão e meus dentes cravaram fundo. O líquido inundou minha boca e suguei com fúria. A sede parecia não ter fim. Nem hoje, nem nos dias anteriores. E começava a duvidar do amanhã também. Quando sequei a carcaça, minha cabeça se levantou procurando pelo ar fresco. Quatro cervos, grandes e fortes. Sem contar as duas ampolas de soro pela manhã. Sentei-me e respirei pesadamente. Estava encharcado até a alma com o sangue dos animais do parque, mas

alguma coisa, um ser oculto e feroz, queria mais. Desejava mais! E isso fazia minha garganta doer, a boca secar e a mente ficar distante, aérea e inconsciente de tudo o que não fosse a sede.

“Acha que os cervos são suficientes, Robert?”

E a risada familiar retumbou dentro da minha cabeça. A voz que me perseguia dia e noite. Não era mais tímida como no princípio, há um ano, mas vigorosa e insistente.

“Acredita mesmo que merece só isso? Por tudo o que tem passado?”

“Eu não preciso de mais nada.” Minha mente respondia com raiva.

“Tem mesmo certeza? Há muitos outros animais na floresta, espécies diferentes. E uma delas é a que procura.”

“Deixe-me em paz! Maldita.”

“Tolo, eu sou a paz que tanto procura, e posso provar.”

Quando o vento finalmente soprou, trouxe consigo outro cheiro. Quente, forte e vigoroso. Muito mais saboroso do que os dos cervos. Muito diferente também.

“Eu não disse? Há muitas espécies na floresta.”

Foi questão de segundos até vê-los. Eram dois. Camiseta, casaco, botas, tênis e mochilas. Andarilhos das trilhas do Parque de Exmoor. Riam e conversavam, tranquilos e despreocupados, seus passos fortes fazendo eco nas folhas amassadas que o outono havia deixado em sua partida. De suas bocas o ar quente escapava, criando desenhos de vapor de água.

“Eles são seus. Está fácil, ao alcance da sua mão.” A voz incitava dentro da minha cabeça. Arrogante, prepotente. Insinuante. *“Você nem precisa sentir o ritmo deles, são só humanos. Instintos cegos.”*

O vento forte trouxe o cheiro intenso. Minha mente bambeou e meu pé se moveu por entre as folhas dos arbustos baixos de onde os observava. Apenas dois.

“Alimente-se, livre-se da dor. Você merece essa compensação.”

“Não, são inocentes.”

“Você também é! Lembre-se. Não é sua a culpa por essa dor. Precisa satisfazer a si mesmo.”

“Não sou um assassino. Saia daqui, me deixe em paz!”

“Você não é um assassino. Não precisa matá-los. Sabe o que fazer muito bem, e qual a recompensa que o espera no final.”

Subi numa árvore próxima e esperei. Eu não me reconhecia. Não lembrava quem era ou de onde vinha. Sabia que era errado, mas não podia deter a fome, a sede, não conseguia refrear a fera. Nem a voz que incentivava. As cabeças com gorros passavam abaixo de mim e me retesei. Os músculos da garganta se contraíram e a boca se abriu para atacar. Os dentes ficaram salientes, a gengiva expandiu-se.

“Lembre-se, o prêmio final será sempre seu.”

Até a última gota. Eu queria até a última essência desse líquido divino. O paraíso e o inferno não podiam ser mais próximos.

“Sim, isso mesmo. Cace. Não se esconda do que realmente é.”

“Até a última gota.”

“Nem menos que isso.”

“Eles vão morrer.”

“Humanos morrem o tempo todo, são frágeis. Você é forte. Você é um deus!”

“Dois, são dois. Eu posso com eles.”

“Sim, pode. Eles são fortes, vão enchê-lo de vida! Do precioso líquido da vida!”

A voz incitava. Minha mente turvou e um manto vermelho desceu sobre os meus olhos. Os passos estavam próximos, o sangue pulsava, o cheiro entorpecia. A voz comandava.

“Agora!”

...

As cabeças caminharam para longe. Eu as vi sumirem na curva da trilha, enquanto meus dedos estavam fincados no galho da árvore, tão fortemente presos que arrancaram sua casca grossa, fazendo o galho partir-se em dois.

“O que você fez?”

A voz gritava, irada. Respirei fundo e descompassado. *Deus! Quem eu era?* Por que estava aqui para matar, querendo caçar essas pessoas? Humanos inocentes que apenas aproveitavam o dia para fazer uma caminhada pelas muitas trilhas do parque de Exmoor, aprazível para os amantes do exercício ao ar livre. Coloquei os dedos

sobre a testa e apertei com força, desejando arreventá-la em dois. Mas nem mesmo isso consegui fazer meu juízo voltar, pois o cheiro de outro bando de cervos invadiu minhas narinas e a fome voltou, triplicada! Estavam próximos, apenas dois quilômetros. Quando o dia findou, um saldo de nove cervos — e por pouco dois humanos — foram abatidos. Assim que cheguei à mansão, a primeira coisa que vi foi a fonte. Nunca consegui deixar de parar ali um minuto e fechar os olhos, tocando a aspereza do concreto e do mármore que o revestia. Abri os olhos e encarei meu reflexo na água. Os cabelos desalinhados, a camisa suja de sangue, galhos e folhas grudando-se nela. A imagem dos olhos atraíram minha atenção. Olhos de um monstro. Fitavam-me de volta, irreconhecíveis, patéticos e perigosos.

“São os seus olhos. Encare isso de frente. Esse é você.”

A voz insistia, e eu me encolhia ao seu som. Lavei como pude o rosto na água da fonte e entrei, tentando ser o mais discreto possível. Os outros estavam lá, podia sentir o cheiro deles e ouvir o pulsar dos corações de Eric e Cínthia, trancados no quarto. E a julgar pela altura com que batiam a conversa deveria ser séria. Não sei por que, mas algo nesse som me fez lembrar Edimburgo, a cidade velha, seus becos e ruas imundas e fedorentas no início do século vinte. Lembrar de um garoto confuso e ferido que me confundiu com um anjo e pediu clemência por sua alma, libertá-la de seus tormentos. Suspirei. Quisera que houvesse tal anjo abençoado. Eu faria o mesmo que aquele garoto e me ajoelhariam a seus pés, implorando pelo fim dos tormentos.

“Sabe o que fazer para acabar com os seus. Não é tão difícil assim. Estou aqui para ajudá-lo.”

Passei pela porta do quarto e fui em direção ao meu, procurando pela paz e o silêncio. Mas ela estava lá, parada em frente à porta, surgida do nada. E me encarava. Os olhos rubis brilhando contra a luz da lua que irradiava de uma das janelas. Um olhar que me causou vergonha e repulsa sem tamanho.

— Robert, onde você estava? — Clementine perguntou num sussurro enérgico, seus olhos em minha camisa suja de sangue. — Você foi caçar outra vez? — seu tom era incrédulo agora. — Robert,

faz apenas dois dias que caçou! Seria mais do que o suficiente por semanas.

Eu não respondi. As narinas dela se inflaram e a boca se abriu de surpresa.

— Não me diga que caçou, mesmo depois de usar o soro? — sua cabeça virou-se para encarar a minha, que se desviava. — Robert, olhe pra mim! Será que não vê o que está fazendo, meu irmão? Não vê o que está acontecendo?

Passei por ela e entrei em meu quarto. Queria ficar sozinho, mas ela não me daria trégua. Clementine jamais deixaria essa história passar em branco tão fácil.

“Não, ela não vai deixar, porque quer vê-lo como um fraco. Quer prendê-lo, subjugar seu verdadeiro eu! Como sempre fez.”

— Robert, o que você tem? — a voz era preocupada. — Não consegue ver que está mudando? E que isso é perigoso? Você não é um selvagem, não pode continuar assim. Tem que deixar que o ajudemos.

“Sim, deixar que o domem. Como um cordeiro manso!”

— Clem, por favor, preciso ficar sozinho — pedi. Na verdade, implorei. — Outra hora, certo? — meus dedos apertaram a ponte do nariz. — Falo com você numa outra hora, agora quero ficar sozinho.

Virei-lhe as costas, mas Clementine continuou firme como uma rocha. Ela me encarava com dureza, podia sentir esse olhar queimar minhas espáduas. Não estava satisfeita e isso era evidente. E irritante.

“Não deixe que ela dite as regras. É a sua vida! Você decide o que é melhor!”

Quando me virei para ela, nossos olhos se cruzaram, medindo forças. Em geral éramos assim, temperamentais. Em nosso tempo de humanos, ela era muito teimosa e, às vezes, parecia ser a irmã mais velha, me dando sermões e lições de moral. Dizia que eu era um *cabeça de vento* e que se quisesse alcançar algo e ser respeitado tinha que ter mais disciplina. Chegava mesmo a afirmar que uma mulher de juízo nunca se casaria comigo, e que deveria agradecer a Deus se nosso pai conseguisse me arrumar uma esposa na corte. Eu ria e costumava puxar os cachos de seu cabelo ou tirar-lhe a touca

doméstica, provocando-a, até que os olhos verdes brilhassem de raiva. Raiva que via agora em seus olhos vermelhos e semicerrados. Mas, apesar dos nossos gênios explosivos, Clem e eu tínhamos uma coisa em comum: nos preocupávamos muito um com o outro. Tanto que intervi com nosso pai, na época em que Guilhem pediu sua mão, pois não queria que Clem se sentisse obrigada a casar com um desconhecido. Embora o conhecesse bem e ele fosse meu irmão de armas e um homem decente, insisti que, pelo menos, ela tivesse a chance de saber como ele era. Mesmo contra as tradições da época, meu pai concordou e ambos puderam ter algumas conversas privadas, supervisionadas pela dama de companhia. Clem chegou à conclusão de que ele seria um bom marido e disse a meu pai que o aceitava. O que de fato se confirmou nos anos seguintes.

E então, quando achei que havia perdido minha única irmã — que era toda a família que havia me restado —, num incêndio misterioso e catastrófico em Avignon, eis que ela me surge em Carcassone, debruçando-se sobre meu corpo machucado e moribundo no campo de batalha. Nunca contei a Clementine, mas naquele dia tive certeza de que morrera e iria para o céu — mesmo com todos os meus pecados de soldado e sem a extrema-unção —, pois quando ela me levantou nos braços e me levou dali, pensei: *se minha irmã veio me buscar a alma é porque vou para o paraíso, pois um Deus justo jamais deixaria Clementine arder no inferno*. E agora estávamos ali, frente a frente, nos encarando como naqueles tempos. Sua presença e as lembranças fizeram a voz em minha cabeça se calar e senti um alívio imenso com isso. Vi sua boca remexer com a vontade de dizer muitas coisas, mas seu queixo relaxou e suspirou.

— Muito bem, se quer ficar só, vou deixá-lo só. Mas com uma condição — apontou o dedo para mim. — Que não vá a mais nenhum lugar hoje, entendeu? Quero ter certeza de que vai ficar aqui, na casa. Combinado?

Apenas acenei e concordei. Queria que ela fosse embora.

— Quanto a nossa conversa — completou —, ela será em breve, quando eu quiser, esteja certo disso.

E sumiu. A porta ficou entreaberta. Faria o que ela me pediu, mas seria muito difícil. A noite aumentava a minha tensão e não havia

distrações. Não para um coração em agonia. Ouvei o som da porta do quarto de Eric ser destrancada. Agora que estava um pouco mais lúcido, entendi o porquê da tranca. Finalmente, Eric e Cínthia teriam a conversa que ele tanto temia, que poderia custar sua felicidade. Olhei para a lua presa do lado de fora da janela. Será que haveria mais um amaldiçoado nesta casa, sofrendo por um amor perdido, talvez para sempre? Minha mente jogou a pergunta ao céu e abri a vidraça. O vento balançou as cortinas e o cheiro dos primeiros ares de inverno invadiu meu quarto. Era bom. As risadas de Cínthia e Eric me pegaram de surpresa, enquanto ouvia os passos descenderem a escada, apressados. Pela janela, vi Eric correr até a garagem. Ao que parecia, tudo dera certo, afinal de contas.

— Bom pra você, garoto — murmurei. — Tem todo o direito de ser feliz.

“Você também tem esse direito. De um jeito ou de outro.” A voz voltou mais intensa com a brisa que soprou. *“Sinta, não é maravilhoso? Não é exatamente do que precisa?”*

Apoiei as mãos no batente, sentindo o tecido das cortinas me açoitarem o rosto e os ombros. Mas não era o vento que importava, e sim o cheiro. Fresco, jovem, saboroso.

“Muito saboroso. A presa perfeita para o caçador ávido!”

Minha visão procurou a origem dele. Caminhando pelo jardim, em volta da fonte, estava aquilo que encheu minha boca seca de desejo e fez meu corpo e minha mente agirem como um predador.

“Ao alcance da sua mão.”

Os cabelos cor de areia agitaram-se e ela se encolheu no casaco. Cínthia caminhava banhada pelo luar. Meus olhos a seguiam enquanto contornava a fonte, deixando os cabelos exalarem o perfume embriagador. Sua pulsação era veloz pela felicidade e isso não me ajudava em nada. Agarrei com mãos firmes o batente da janela até ouvir o som de algo rachando.

“Você não precisa matar. Sabe disso.”

Quando terminou de contornar a fonte, ela parou embaixo da janela, mirando a lua refletida nela. Sua cabeça virou-se para o lado, subitamente, e olhou para cima, na minha direção. Nossos olhos se encontraram por alguns segundos e pude ver a origem do espanto

dela: meus olhos em brasa estavam refletidos na água da fonte, junto com a luz do luar. E não eram amistosos, eram os olhos de um caçador.

“Você é um caçador. E ela é sua presa! Alimente-se!”

Fechei a janela com raiva e apertei as mãos contra a cabeça. Meu corpo grudou-se na parede e escorregou devagar, de costas, até chegar ao chão. Respirava com dificuldade. Meu Deus, era Cíntia! A fonte do cheiro que me dominou. Eu desejei matar a sede com o sangue da filha da mulher que amava! Do lado oposto do quarto, a dama no quadro, cercada de rosas, me fitava com seus olhos castanhos.

— Laura... — sussurrei desesperado. — Eu estou ficando louco. Meu Deus, Laura, me ajude!

Mas ela não respondeu, apenas continuou lá, me olhando, sem se mover ou se importar.

Ravena – Itália – verão – seis meses antes.

— Espere, o que está fazendo? Pare! O que tem aí? Por que vai me aplicar isso? Não, socorro! Pare!

A voz anasalada e irritante vinha da tela plana dentro da sala de reuniões. Vi o apertar do torniquete no braço da garota humana que serviu aos primeiros testes e a veia que saltou. O líquido azulado desapareceu e tudo começou.

— *O que você fez comigo...?* — a voz morreu na garganta que sufocava com os efeitos da droga. Havia sido testemunha desse acontecimento pessoalmente, meses antes. Nada ali me surpreendia. Mas a situação não era a mesma com o seleto grupo de convidados que assistiam aos efeitos grotescos e bizarros. O cientista-chefe das pesquisas já havia relatado, antes, a evolução dos sintomas em humanos.

— A droga age como uma hemotoxina e neurotoxina de efeitos rápidos e ampliados. A vítima passa a sentir dores por todo o corpo à medida que ela circula, e as principais funções, como a respiração e os batimentos cardíacos, são as primeiras a serem afetadas — sua

voz era automática e profissional. — Seguem-se espasmos involuntários dos músculos e o aumento da temperatura corporal. Visualmente é possível observar o avanço, algo como um choque anafilático violento e sem precedentes — seus dedos clicavam em gráficos, exibindo cadeias de genomas no *tablet*. — As veias e artérias inchadas são sinais do processo de destruição causado pelas hemotoxinas que se conectam às hemácias, glóbulos brancos e outros componentes do sangue — o cientista-chefe consultava suas anotações, os gráficos subindo e descendo. — O sistema circulatório entra em colapso com o aumento da pressão sanguínea e a diminuição da capacidade de coagulação, provocando uma série de acidentes vasculares por todo o organismo. O resultado é a falência das funções do sistema circulatório, levando à morte.

As explicações pareciam muito simples, mas o impacto que causavam nos espectadores era avassalador — tal o silêncio dentro da sala e os filetes de suor que escorriam de alguns dos rostos —, todos homens importantes dentro de seus países e corporações. Pelas mãos deles, milhares podiam viver... ou morrer. Quando a gravação chegou ao final e as luzes foram acesas, pareciam paralisados. Era chocante ver pela primeira vez, eu sabia. Com um toque do interfone, os criados entraram trazendo chá, biscoitos, torradas, manteiga, geleia de vários sabores, leite, café, frutas e queijos frescos, além de uísque e outros destilados fortes. Não me surpreendi ao vê-los se servirem imediatamente das garrafas, deixando de lado o restante. Quando a bebida acabou, em pouco tempo, um criado repôs o estoque. Assim que o som da respiração voltou a ser audível na sala, concluí que o melhor do *show* havia cumprido seu efeito. Agora trataríamos de negócios.

— Bem, cavalheiros, acredito que o que acabaram de assistir vale mais do que mil explicações ou palavras inúteis. Os resultados desse projeto estão descritos em cada uma das planilhas que se encontram diante dos senhores. Como podem ver, dez entre dez testes mostraram que a nova droga é cem por cento eficaz — as cabeças debruçaram-se sobre as telas dos *notebooks* dispostos. — O projeto Lázarus é um sucesso, em todos os sentidos.

Por alguns momentos a sala continuou imersa em silêncio, apenas quebrado pelo som dos teclados manipulados. Por fim, quando até mesmo esse ruído cessou, as cabeças se voltaram em minha direção.

— Sem dúvida, Avelar, sua companhia parece que se superou — o mais magro entre os cinco homens falou, girando o corpo na cadeira. — Os resultados são surpreendentes e não deixam dúvidas sobre a eficácia do novo produto. Acredito que muitos de nossos clientes estariam dispostos a investir em mais esse *recurso* no auxílio a suas causas.

Eu sabia que estariam, sempre estavam interessados. Os clientes dos homens a minha frente eram ávidos por novidades, especialmente quando envolviam uma maneira de resolver problemas em massa de forma rápida e em grande escala, disfarçada sob a imagem de uma pandemia desconhecida e letal. Aos espectadores menos atentos e informados, os homens dessa sala passariam por empresários dos ramos de construção civil, engenharia e arquitetura, biomedicina e farmácia. Mas, por trás de toda a aparência, havia sempre algum conteúdo, e que nesse caso era o contato direto e ilimitado que possuíam com os governos de muitos países envolvidos em conflitos internos e externos exacerbados, e que a todo o momento necessitavam de novos implementos que fizessem a balança pesar a seu favor contra os inimigos. Ideologia, crença, utopia, fanatismo, terrorismo, não importa qual seja o nome que sua causa abraçasse, precisavam da ajuda dos homens presentes nessa sala. E eles sempre precisavam de pessoas como eu.

— Ouvir isso é uma satisfação, Sarmiento — falei para o homem magro. — Significa que todo o investimento e tempo gastos por minha empresa servirão à causa e aos interesses de seus clientes — sorri enquanto tomava um gole do chá. Apesar de desejar o uísque, álcool e negócios não são recomendáveis, não nesse caso. — Sabe que prezo o padrão de qualidade de meus produtos, teve a oportunidade de intermediá-los e tenho certeza de que ambos os lados ficaram satisfeitos.

— Sim, claro, Avelar — Sarmiento respondeu. — Não é sem motivo que você está sempre no topo da lista de nossos

fornecedores. Eles fazem muita questão de seus produtos. E os resultados do que nos apresentou demonstram a alta aplicabilidade e finalidade desse em questão — fechou o *notebook*, cruzando sobre ele as mãos ossudas.

Sarmento era um dos melhores clientes. Oficialmente, sua empresa gerenciava empreendimentos de construção civil em boa parte do mundo ocidental. Sua logomarca estava estampada nas fachadas de prédios e indústrias mais modernas no mundo. Extraoficialmente, porém, os grandes lucros vinham da venda de produtos *específicos* para clientes seletos que ele colecionou em muitas áreas — especialmente no oriente médio e continente asiático — ao longo dos anos. Os outros quatro homens, todos respeitáveis, com a imagem impecável perante a sociedade, compartilhavam da mesma posição. Grandes filantropos de obras assistenciais, doando milhões para aplacar a fome e o sofrimento de muitas pessoas, e lucrando outros bilhões com a influência que exerciam sobre seus clientes e investidores. E, graças aos negócios que mantínhamos em comum, a Ordem deixara de ser um complexo de caráter filosófico e científico para se transformar num conglomerado de pesquisas e tecnologia dos mais avançados do mundo. Pessoas em todo o planeta estavam vivas por causa das pesquisas da Ordem, e outro mesmo tanto devia sua morte a nós. Sarmento respirou fundo. Seus dedos magros tocaram a mesa e o olhar dirigiu-se a mim.

— Mas falta uma coisa, Avelar. Sempre que nos apresenta algo novo, de resultados comprovados e indiscutíveis — apontou o *notebook* —, sua empresa nunca deixa de completar o pacote com o agente inibidor — seus olhos varreram a sala. — Mas nesse caso não apresentou nenhum. Por quê?

Sabia que o assunto iria emergir. Uma arma como essa, de tamanho calibre, não poderia ser comercializada sem que o antídoto também estivesse disponibilizado. Os compradores eram taxativos: nenhum deles queria correr o risco de manipular algo do qual poderiam se tornar vítimas. O antídoto, ou *agente inibidor* como Sarmento colocou, era obrigatório nas negociações.

— É apenas uma questão de tempo, Sarmento — expliquei devagar. Não poderia passar a imagem errada. — Meu time está

trabalhando 24 horas em alguns ajustes que se fazem necessários. Como você mesmo disse, não gosto de apresentar produtos incompletos. Faz parte de minha política — completei. — Aliás, o que observaram não se encontra disponível ainda para negociação, somente os chamei para que pudessem apreciar o caminhar das pesquisas — curvei ligeiramente o corpo para a frente. — Senhores, o que tiveram a oportunidade de conhecer não possui equivalentes na história, e apenas a *minha* empresa detém a tecnologia necessária para sua fabricação — recostei-me novamente. — Traduzindo em miúdos: seus clientes terão que repensar a questão sobre valores — toquei a mesa com o indicador. — Por esse motivo, cavalheiros, sugiro que comecem seus contatos o mais breve possível. Essa transação, com certeza, vai deixar alguns países bilhões de dólares mais pobres, e nós, muitos bilhões mais ricos.

Quando fiquei sozinho, ainda podia ouvir o som de cifras vindo das cabeças de Sarmiento e dos outros. Bebi outro gole do uísque. Mesmo sem o antídoto — que segundo o cientista-chefe ainda levaria certo tempo para ser preparado —, os efeitos da demonstração de hoje ficariam repercutindo em suas mentes e as possibilidades financeiras envolvidas os fariam contatar os clientes. Seria só uma questão de tempo agora para uma e outra questão se resolver. Enquanto passava o dedo sobre a borda do copo, suspirei. A arma única teria um preço único, assim como o antídoto seria mais valioso. A tecnologia pertencia a mim, o que significaria governos de todo o mundo implorando por aquilo que aniquilaria seus inimigos. E, do outro lado, chefes de Estado suplicariam pela cura que poria um fim ao suplício de seu povo. Nesse fogo cruzado de interesses, os cofres da Ordem engordariam substancialmente.

— Bom, muito bom — bebi o uísque. — Será preciso mesmo muito dinheiro para o que está por vir.

Caminhei até o quarto. Maia estava lá. Sentada, de frente para a porta. E vestida. Mau sinal.

— O que foi? — perguntei sem dar trégua.

Seu olhar era zangado. Uma ruga aparecia na testa branca e marcava profundamente o espaço entre os olhos azuis.

— Você tem uma mensagem — mostrou o aparelho de *fax*. Uma folha estava preguiçosamente largada.

Rasguei o papel e comecei a ler rapidamente. Olhei para Maia.

— Você leu isso?

O *fax* era de Amos, o gigante vampiro de raça pura dos Leviatãs do norte. Já fazia tempo desde nosso último contato. Ela se levantou e veio em minha direção.

— Não pude evitar. Estava aqui, esperando, quando essa porcaria zuniu nos meus ouvidos — a voz era enérgica. — Avelar, isso não vai mais ter um fim?

— Não devia ficar aborrecida por causa desse assunto — joguei o papel na cesta de lixo. — Eu já falei: são negócios, Maia. Do mesmo tipo que trato todos os dias, apesar da natureza pouco humana nesse caso — passei o braço pela cintura dela, puxando-a.

Senti sua relutância, o corpo retesado. Sinais de que ela não estava convencida. *Dome a fera. Não perca o controle nunca.* Puxei com mais força e beijei sua boca fria e dura, forçando-a a se abrir e deixar minha língua entrar. Ela resistiu mais um pouco, mas acabou se rendendo como eu sabia que faria, e em poucos momentos estávamos entretidos em nossos jogos privados e prazerosos. Maia mostrava-se excepcionalmente ativa quando ficava zangada, o que sempre era excitante... e arriscado: a tênue linha entre a vida e a morte que eu cruzava em seus braços, a cada toque de seus dentes em minha pele, me deixava com tamanho tesão como nenhuma humana jamais conseguiria. Horas depois, enquanto me vestia sob o olhar vermelho e vigilante dela, ouvi o barulho de suas unhas arranharem a cabeceira da cama. Controlar os ciúmes de Maia nos últimos tempos era difícil. Ela desconfiava demais.

— E então, alguma novidade sobre a *aberração*? — seu tom era de poucos amigos.

Deixe o assunto leve, não mostre muito.

— Enzo está no rastro. Logo teremos novidades — dei o nó na gravata. Nesse instante ouvi o *crec* da cabeceira sendo quebrada.

Olhei para ela. O cheiro do mogno tomava conta do ar.

— Precisa parar com isso, Maia. Já disse, são negócios! — fui mais ríspido.

— Não gosto quando *ela* está por perto, você fica diferente. Torna-se obcecado por tudo o que se refere à *Laura Vargas!* — disse o nome com desprezo. — Por que não pode simplesmente desfazer esse acordo com Amos? Se ele quer tanto essa mulher, que corra atrás dela! — pôs as mãos na cintura. — Afinal, quando ele deseja alguma *impura*, não costuma pedir favores, ou não teria tantas delas em seu harém particular.

— E você parece saber muito sobre as preferências de Amos e seus métodos de conquista — senti que podia usar a mesma arma contra ela, o ciúme. — Quando foi que ele a procurou e ofereceu uma vaga a você nesse harém, em especial? — franzi a testa, olhando-a pelo espelho.

Num piscar ela deslizou atrás de mim, passando os braços por meu tórax e encarando-me pelo reflexo.

— E eu me pareço com alguma prostituta mestiça ou impura que gostaria de ser tocada pelo rei da Neve? — percebi o desprezo na voz de Maia. Os Leviatãs albinos a enojavam. — Ele é frio, e eu gosto do calor — sua língua roçou meu pescoço.

A reação era sempre a mesma, mas agora não podia me render aos prazeres que ela me proporcionava. Se a tarde não tinha sido o suficiente para Maia, ela teria que esperar. Havia negócios a tratar. Por isso, me desvencilhei do abraço e peguei seu queixo.

— Mais tarde — garanti e a beijei. — Se quiser, traga Heather também. Faz tempo que não brincamos os três. Ela merece. Tem sido uma boa menina por manter-se afastada da garota, Kate, até segunda ordem, e seu trabalho em Glosstrup foi perfeito — beijei-a com mais volúpia. — E não se esqueça do que combinamos.

— Não se preocupe, eles estão sendo bem treinados — ela falou com a voz sensual. — Serão seus assim que quiser, sabem disso — sua boca se colou à minha.

Caminhei pelo corredor em direção à sala de reuniões, mas não à mesma que usei pela manhã, destinada aos humanos. O cheiro úmido de mofo me irritava a garganta e permaneceria assim pelos séculos. Quando cheguei à porta de ferro percebi os mestiços emparelhados nas outras entradas. A guarda do Mathesis, pronta para atacar caso os convidados se mostrassem pouco amistosos. Girei o pesado

ferrolho e entrei. Elas estavam lá, todas as três. Pálidas, altas, desprovidas de atrativos, magras e ossudas. Os cabelos cor de sangue eram iguais e suas feições, com ligeiras exceções, as mesmas. Grossas olheiras roxas estavam sob os olhos vermelhos e unhas afiadas brilhavam à luz das velas dos castiçais. Iluminação tênue, como pediram. Os trajes verdes e mantos de um marrom-terra contrastavam com a palidez da pele que cobriam. Minhas convidadas da Islândia.

— Boa noite, Selena — falei para a Baobhan Sith que me encarou primeiro. — Seja bem-vinda — voltei-me para as outras. — Sejam bem-vindas, Moira e Viviane — não se moveram ao meu cumprimento. — Fico satisfeito em tê-las sob meu teto hoje.

Selena moveu ligeiramente o rosto. Algo como uma aceitação de boas-vindas.

— Boa noite, Avelar — sua voz e um vento frio seriam a mesma coisa. — Imaginei quando nos chamaria outra vez.

Sentei-me confortavelmente na poltrona de couro do outro lado da grande mesa.

— Minha cara Selena, depois da bem-sucedida tarefa a que você e suas irmãs se comprometeram, não vejo por que duvidaria disso — sorri. — Ainda temos muito trabalho para que o equilíbrio volte a reinar sobre o Acordo da Ordem e para que você e suas irmãs possam ter de volta aquilo que lhes foi tirado — senti os olhos das três fixados em mim. O mesmo alvo acertado mais de uma vez. — E o primeiro passo já foi dado com sucesso...

O ar do ambiente parecia se congelar apenas pela presença delas, apesar do aquecedor ligado. As Baobhan Siths emanavam o frio de seus corpos. Cerca de uma hora depois eu estava em meu quarto, sozinho. Maia e Heather não haviam chegado, provavelmente tinham ido se alimentar antes. *Melhor assim*. Olhei para o grande rubi vermelho engastado no anel em meu dedo mínimo. O cravo da Ordem. Bebia meu uísque quando o cesto de lixo chamou minha atenção. Estiquei a mão para a folha de *fax* abandonada lá.

“Estou fazendo a minha parte. Espero que me dê o retorno da sua.

Amos.”

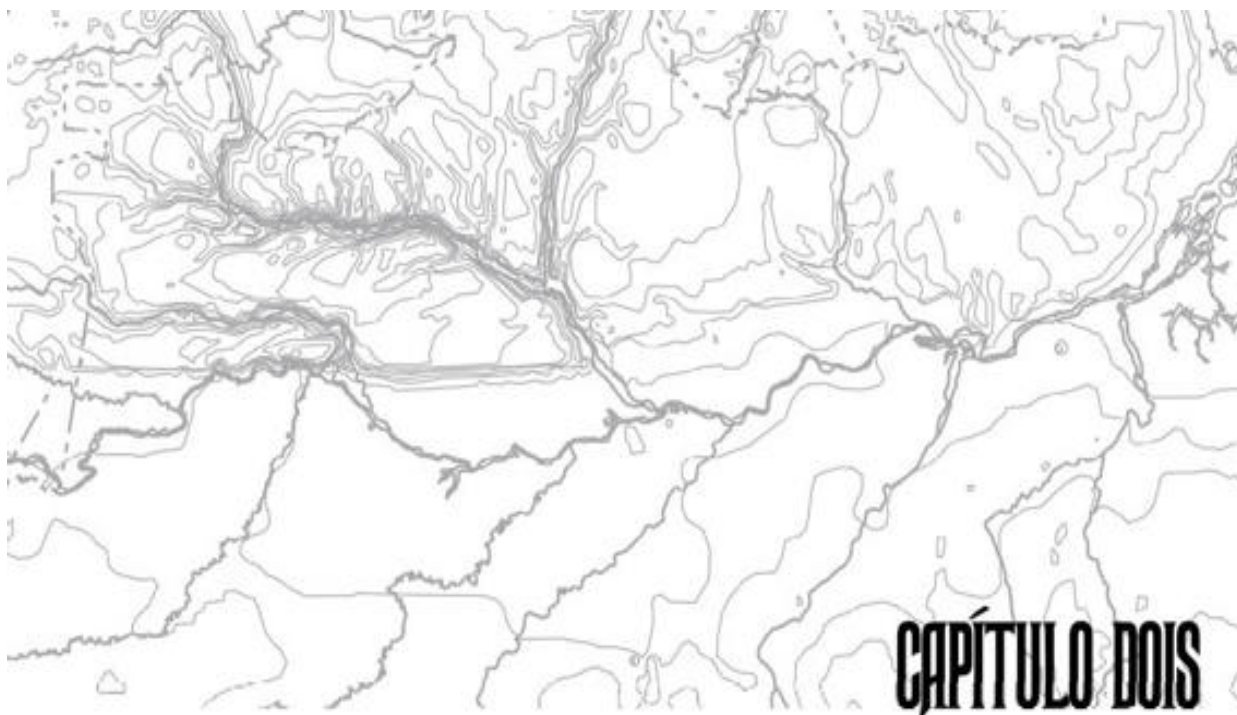
Amassei devagar o papel até virar uma bola em meus dedos. O isqueiro estava sobre a mesa de cabeceira e o acendi. O papel queimou devagar em cores azuladas e desapareceu em cinzas.

— Veremos, Amos — sussurrei. — Quando chegar a hora, nós veremos — tomei um gole longo.

Uma agitação moveu as cortinas. Elas estavam lá, paradas à luz da lua que vinha da janela. A loira e a morena. Duas deusas esculpidas.

— Demoramos? — Maia perguntou. Seu tom era mais animado agora, revitalizado pela caçada e pela promessa de uma noite agitada de calor.

Não respondi. Levantei as mãos e as puxei para a cama, ouvindo o som dos tecidos das roupas serem rasgados e das peles gélidas tocando a minha e se tocando em carícias ousadas. Dois lábios me beijavam ao mesmo tempo e os dedos de Maia buscavam o meio das pernas de Heather, e vice-versa. Eu as puxei com voracidade e montei sobre Heather, estocando com força. Fazia algum tempo que não a tinha sob meu corpo e isso era bom. Maia a beijava e mordida, filetes de sangue escorriam do pescoço da bela vampira morena, enquanto ela revirava os olhos pelo prazer. Fechei os meus, para aproveitar cada milímetro da ansiedade delas, e continuei estocando, cada vez mais fundo, com mais força. Seus gritos de prazer ecoando na quente noite de Ravena.



Livro Cinco – Capítulo Dois

Amazonas – Brasil – inverno

São Gabriel da Cachoeira ficava às margens do rio Negro, no estado do Amazonas. Saindo de Manaus, a capital do Estado, eram cerca de 850 km para se chegar ao local. Isso em linha reta, pois a cidade só possuía acesso por barco ou avião. Sua população era noventa por cento formada por indígenas e descendentes, o português e mais três línguas co-oficiais locais, o Nheengatu, o Tukano e o Baniwa, eram falados, um caso raro de idiomas convivendo oficialmente numa mesma região entre os estados do Brasil. Ali, as fronteiras com a Venezuela e Colômbia se misturam às nossas, tendo a imensa floresta equatorial da Amazônia como cobertura nativa e maciça. Um paredão verde que engole a terra, disfarça os afluentes dos rios, ignora divisões de mapas estabelecidas pelo homem e impede até que a luz do sol entre em grande quantidade, deixando alguns pontos obscurecidos como se a

noite fosse eterna dentro da mata. Na região de São Gabriel da Cachoeira ficava o Parque Nacional do Pico da Neblina, o ponto mais alto do Brasil, elevando-se do planalto em direção aos céus. Também era uma área de forte tráfego militar — a fronteira que o território brasileiro fazia com os dois países, considerada ponto estratégico importante —, e por esse motivo fortemente vigiado pelo exército. Em Manaus era fácil observar o constante fluxo de homens em uniformes militares e os helicópteros que de lá partiam para a base na cidade de São Miguel, a Segunda Brigada de Floresta.

A umidade era uma constante no ar, superior a 80%, o clima sempre quente, mesmo no inverno, com médias de 25 a 38 graus e chuvas regulares. Todo dia a chuva vinha cronometrada pelo preciso relógio da natureza, mas mesmo ela não trazia benefícios sobre o calor que se abatia na região. Mas eu não precisava dessa informação no folheto explicativo para os turistas — que peguei no pequeno balcão do porto de São Raimundo, em Manaus, antes de tomarmos a via fluvial para chegar a São Gabriel. O calor e o incômodo que ele me causava ficavam evidentes na profusão do suor que banhava a minha pele — mesmo usando um vestido mínimo de algodão com alças finas —, e a quantidade de líquidos que eu já havia bebido nos últimos dias de viagem seria suficiente para criar mais um afluente no rio Negro, cujas águas o barco-recreio de madeira pintado de branco, de dois andares, abarrotado de pessoas, singrava agora em direção à cidade de São Gabriel da Cachoeira. Era comum ali utilizar o rio como meio para transportar tudo, de pessoas a produtos. Sem a força dos rios, a região da Amazônia não existiria enquanto população e estado econômico.

O som do motor do barco era alto e feria os ouvidos, mas parecia não incomodar as pessoas que se deitavam nas redes de tecidos coloridos de algodão e dormiam um sono solto, mesmo com todas as muriçocas e moscas que teimavam em rondar os corpos suados, procurando pela refeição. A grande maioria dos viajantes era de habitantes da região norte, acostumados às intempéries locais, mas havia turistas e estes se queixavam a todo minuto das condições do clima. Era fácil reconhecê-los pelas mochilas, as garrafas de água e isotônicos, as roupas largas e chapéus, os sotaques diferentes e a

pele que ficava vermelha com o sol escaldante, apesar do filtro solar. Todos indo visitar o famoso Pico da Neblina, no Parque Nacional, para percorrer suas trilhas enlameadas e que atolavam veículos menos potentes que um 4X4, enfrentando dez dias na floresta sem qualquer tipo de comunicação, noites maldormidas, dias chuvosos e úmidos, onde qualquer acidente poderia ser um sério problema em meio às dificuldades de atendimento e transporte. Tudo para tocar a bandeira brasileira que ficava a três mil e quatorze metros de altura. Sem dúvida, uma aventura e tanto para as despreocupadas pessoas que aqui estavam — tentando sem sucesso afastar os insetos com repelentes —, uma longa viagem de quatro dias pelas águas escuras e caudalosas do rio Negro.

Alexandre teria adorado isso. Por um momento me lembrei da paixão do pai de Cínthia, meu falecido marido, pela fauna e flora do Brasil, abrindo-se conforme o barco avançava pelo rio — que mais se parecia com um oceano de água doce, largo e de cor escura transparente —, deixando à mostra os bancos de areia que se pareciam com dunas desenhadas pelo vento do deserto. Podia ver macacos tímidos que se dependuravam nos galhos das árvores, garças que planavam rasantes na água e espécies de araras e periquitos grandes que passavam fazendo muita algazarra. Vez ou outra conseguia vislumbrar botos travessos competindo com o barco, mas então desapareciam sem deixar nenhum sinal. O folheto explicativo informava que na região do Parque Nacional do Pico e na Reserva dos Seis Lagos a fauna abrigava espécies de onças, jaguatiricas, antas, e o famoso *capitão-do-mato*, um pássaro cujo canto servia de alerta contra os perigos, segundo as lendas. Ao longo do rio, depois que nos afastamos da cidade de Manaus, era possível ver as casas de palafitas das populações ribeirinhas, que habitavam essa região há muito tempo. Os traços das crianças curiosas, acenando para o barco que passava, não deixavam dúvidas sobre sua descendência, na maioria indígena.

O calor estava insuportável e abandonei a leitura do folheto, usando-o como um leque. Deitei a cabeça para trás e virei a garrafa de água sobre a testa, deixando que um pouco dela caísse no meu rosto, numa tentativa de amainar a sensação de me sentir como

carne sendo grelhada ao ponto. Nem mesmo a brisa ajudava a me refrescar. Deixei meu ponto de observação e me arrastei até outra parte da embarcação. O ritmo do movimento constante do barco fazia as redes dos ocupantes em meu caminho balançarem, e tive que me desviar para avançar. Ouvi o som de música sertaneja de um rádio de pilha e uma mulher tentando acalmar o choro de seu bebê, enquanto balançava outra rede com mais três crianças pequenas. Assim que me viu, Nazaré franziu a testa.

— Nossa, Laura, você está muito vermelha! — ela abria mais uma rede. — Não acha melhor deitar um pouco, descansar?

Sem pestanejar, afundei na rede que me ofereceu e suspirei. Não sentia sono, apenas cansaço e um calor que me derretia como manteiga deixada ao sol, dificultando o respirar. No instante em que soltei o ar, algo frio tocou minha testa com suavidade. Não sei onde Nazaré encontrou aquilo, mas uma bolsa térmica cheia de gelo estava pousada sobre a minha cabeça, suas gotas geladas escorrendo para a nuca.

— Obrigada — consegui resmungar. Não sabia quanto tempo o gelo conseguiria sobreviver em contato comigo. Duas redes vazias estavam ao lado das nossas. — Cadê o Nelson? — busquei nas outras direções do meu campo de visão.

— Saiu. Com Jarvis — e sorriu como quem anuncia um fato sem remédio. — Foram até o piso superior para olhar a paisagem. Os dois parecem crianças em férias — deu risada. — Estão como unha e carne.

Sorri. Estavam mesmo muito próximos. Uma amizade baseada na premissa do aluno e o mestre. Nelson adorava ouvir as histórias de Jarvis, suas pesquisas, viagens, tinha sede de saber e conhecer. E Jarvis encontrou no garoto mestiço um discípulo atento e disciplinado. Nem mesmo com Solomon havia visto Nelson conversar tanto sobre o mundo supernatural. Apenas Nazaré tinha poder para separá-los, quando queria. Contra ela, nem todo o conhecimento do doutor Poincello era suficiente.

— Fico pensando... — ela falava devagar, afofando e batendo a rede. — Será prudente que esse humano venha conosco? — sua voz

era baixa para que os passageiros ao redor não ouvissem. — Ele é um ancião e não será uma jornada fácil.

Suspirei e coloquei a bolsa de gelo na nuca.

— Será impossível afastá-lo disso tudo agora, Nazaré. Você mesma viu — afundei o pescoço no friozinho da bolsa. — Mesmo que não viesse conosco, tenho certeza de que Jarvis acharia um modo de nos seguir. Isso tudo é a realização de um sonho para ele — tentei respirar. — E não se preocupe com as condições físicas dele, estão melhores que as minhas, pode apostar...

Suspirei outra vez. O oxigênio parecia não me encontrar em parte alguma e o ar quente me torrava numa chapa. Daria qualquer coisa por um banho, ou por uma temporada no Alaska. Mas o banho teria que esperar até nossa próxima parada, e o Alaska estava bem longe daqui. Abri os olhos e fitei a curva leve do rio, quando o barco a contornou. O movimento deixou as árvores da margem um pouco mais próximas e procurei qualquer sinal indicativo de que a floresta teria agora bem mais do que seus habitantes usuais.

— Onde será que eles estarão?

Nazaré acompanhou meu olhar e fixou-se na paisagem. Sabia que ela veria muito mais do que eu.

— Não dá pra saber — franzia a testa, como se quisesse ampliar a visão. — A floresta é grande e camufla muito os cheiros. Se eu estivesse em terra seria mais fácil, eu acho — olhou para mim. — Mas com certeza chegarão bem antes de nós ao Igarapé Tucano, o que vai ajudar muito. De lá teremos uma boa caminhada pela floresta.

Sim, uma boa caminhada. Muito embora nossa *condução vampírica* fosse mais ágil a partir desse ponto, isso ainda significaria ter que cruzar alguns trechos em ritmo normal pela úmida e quente selva Amazônica. Só de pensar, o suor voltou pegajoso e senti tontura. Passei a bolsa de gelo pelo pescoço e nuca, voltando com ela para a testa.

— Acho que preferiria estar com eles agora, pelo menos a viagem seria mais rápida — me abanei com o folheto.

— Eu sei, mas seria difícil para o ancião e olhe como você está! — apontou o dedo para mim. — Viajar pela floresta desde Manaus até a comunidade de Nzinga não seria possível, não do *nosso* jeito —

deitou-se devagar na rede, deixando as pernas do lado de fora. — Você terá que se poupar, e muito, para a parte do caminho que seguiremos a pé.

Acenei com a cabeça e vi os pontos pretos rodarem nos olhos. Estendi a mão e peguei a garrafa de água, bebendo toda ela num fôlego só.

— Você já foi até lá? — a curiosidade me impelia a perguntar, apesar do cansaço. — Sabe como é?

— Não, nunca estive lá. O que sei é só o que o pai conta — balançou a rede com os pés. — São arredias, não gostam de se misturar. Por isso ficam tão isoladas.

Uma arara barulhenta passou sobre nós, seus gritos mais altos do que o motor do barco-recreio. A criança continuava chorando e se debatia, querendo deixar o colo da mãe. Era muito arredia. Tão arredia quanto a misteriosa comunidade de Nzinga, um clã formado só por mulheres, assim como as lâmias gregas do clã de Alexia, todas puras. *O que acontecerá lá?* Eu só me fazia essa pergunta desde que deixamos o Mato Grosso do Sul. Mas, ao que tudo indicava, a resposta só chegaria quando estivéssemos no território delas. E por algum motivo misterioso, mas intenso, sentia que algo naquele lugar completaria uma equação ainda sem resultados. Minha cabeça voltou-se para outro assunto, que também me preocupava.

— Acha que Shiloh vai ficar bem?

— Não há por que não ficar, Laura. Ela sabe se cuidar — sim, eu havia visto isso muito bem. — Além disso, se alguém ligar ou vier para o Brasil, ela saberá o que fazer.

Balancei a cabeça. Shiloh estava no Rio de Janeiro, com Cecília, encarregada de atender aos telefonemas que chegassem e providenciar as desculpas certas.

— Não quero que fique na casa de Aquidauana, sozinha — Solomon dizia para a esposa. — Não é seguro agora. Volte com Cecília para o Rio e espere por lá — entregou-lhe o celular. — Se Carlo ou alguém me procurar, sabe o que fazer — tomou o rosto da mulher, beijando-o com paixão.

— Eu preferia ir com vocês — Shiloh retrucou, após se libertar do beijo. — E se algo mais acontecer durante o caminho? — seu olhar

era preocupado.

— Eu sei, meu amor. Não me agrada fazer isso, ficar longe tanto tempo — ele assegurava. — Mas preciso que fique. Seria muito suspeito se não achassem ninguém do clã, e não queremos mais nenhuma surpresa desagradável. Ninguém pode suspeitar de nada do que estamos fazendo ou para onde vamos — seus dedos acariciavam o rosto dela. — Vamos ficar bem, *habib*. Eu te amo.

Não pude deixar de sentir um aperto no peito. Ele estava deixando a mulher que amava, sozinha, por *minha causa*. Deus, já não basta tudo o que *eu* abandonei? Agora outros terão que fazer o mesmo? À custa de quê? Por onde eu for será sempre assim? Ter que ver o sacrifício dos outros por mim? Aquilo me incomodava de tal maneira que doía fisicamente. Estava tudo errado. A ordem das coisas estava invertida e eu queria fazer Solomon enxergar isso.

— Laura — ele dizia devagar, quando tentei argumentar —, não fique pensando isso. *Ninguém* aqui está fazendo alguma coisa que não queira. acredite em mim — seu olhar para todos era intenso. — Já conversamos e sabe que é verdade. Shiloh não iria se perdoar, ou me perdoar, se não seguissemos os planos. Ela apenas queria ficar perto, só isso. Mas também entende a parte que tem de desempenhar nisso tudo, as regras do jogo que nos propusemos a vencer. E fará o que deve ser feito — sorriu para mim. — Assim como também peço que faça a sua parte, Laura. Deixe-nos fazer a nossa. Vai acabar tudo bem.

Ao meu lado, a mulher finalmente conseguiu fazer seu bebê dormir e colocou-o na rede. A música do rádio de pilha era monótona e fechei os olhos para tentar descansar. Ouvei o som do corpo de Nazaré, esticado na rede, relaxar com a respiração. Ela também estava cansada, apesar de não querer demonstrar. Desde o episódio ocorrido em Bonito, havia conhecido outro lado da garota miúda e séria, que foi minha testemunha perante o Conselho da Ordem em Salisbury, que auxiliou em meu treinamento e que tudo percebia com seus olhos verdes curiosos. Os mesmos olhos que encararam, ferozes, Enzo e seu grupo de mestiços na Cachoeira da Lua.



A espada brilhava em minhas mãos com os raios do sol de final de tarde. Ao meu lado, Nazaré sibilava, tendo aos pés o corpo do mestiço que matou, quebrando-lhe o pescoço com extrema habilidade. Nelson veio rapidamente e plantou-se ao lado dela, também ameaçador, o corpo preparado para tudo. Atrás de mim, Jarvis respirava com dificuldade, mais de susto do que de medo, e a custo se mantinha parado. Meus olhos percorriam as formas dos mestiços que deslizavam das árvores, surgindo das águas das piscinas da cachoeira e de trás das quedas e pedras, fechando um círculo ao nosso redor. Moviam-se devagar, com passadas milimétricas, os olhos e rostos de cores e formas variadas exibindo os dentes em ameaça. Para qualquer lado que nos virássemos o cerco se fecharia rápido, sem dar margem a uma possível fuga. E lutar contra todos eles seria morte certa. Éramos quatro: dois mestiços, um humano e uma... outra coisa qualquer. Eles estavam em dezenove, pelo menos que eu pude contar. Nelson e Nazaré aguentariam um pouco, mas não teriam chance. Eu tinha a desvantagem da humanidade limitada. E Jarvis? Ele era o humano errado, na hora errada, no lugar errado e numa situação improvável. Engrossaria as estatísticas dos assassinatos e desaparecimentos de turistas, insolúveis e misteriosos, no território do pantanal mato-grossense. Fechei os dedos com força na espada e empunhei a adaga ao perceber Enzo caminhar lentamente para mim, parecendo divertir-se imensamente com tudo. O sorriso maligno era o mesmo daquela noite em Salisbury, o mesmo de Amsterdã. Ele queria vingança! Tudo na sua postura dizia isso. Quando chegou mais perto, Nelson se preparou para atacá-lo. Mas Enzo não era um mestiço qualquer, era perigoso demais. Apesar de forte, Nelson ainda não era bem treinado, não como Enzo e os outros.

— Não, Nelson — sinalizei para que parasse. — Não é você que ele quer. Não faça isso — disse num sussurro, sem desviar os meus olhos do gigante.

Apesar da raiva desmedida no olhar e da vontade de atacar, Nelson me obedeceu. Os nós dos seus dedos estavam brancos e gotas de água faziam brilhar na pele a luz vermelha do sol poente. Enzo mediu o garoto com um olhar e seu sorriso debochado repuxou o canto esquerdo dos lábios. Os olhos de Nelson faiscavam intensamente e a respiração ficou tensa. Os mestiços deram passos medidos na nossa direção, mas Enzo os deteve com um gesto simples. Seu olhar vagou de mim para os outros e entendi que avaliava a superioridade de seu grupo. E me avisava sobre isso. Entendi *quem* eram os mestiços que quase mataram Bernardo em Carapicuíba e por que ninguém desconfiou que fossem da Ordem. Enzo os liderou a distância. Não se revelou antes, pois seria reconhecido pelo clã brasileiro, e só agora mostrou a face, quando finalmente achou o que procurava e se sentiu em vantagem numérica. Como num vislumbre, minha mente buscou a imagem do mestiço que matei em São Paulo. Não era um nômade, nem estava perdido. Era um rastreador. E quando ele sumiu, sem dar notícias, um grupo maior veio *sondar* a área. E eles me acharam.

— Muito bem, humana — a voz grossa e com forte sotaque italiano falou, saboreando a situação. — Ou deveria dizer *aberração*? — sorriu outra vez. — Nós nos encontramos outra vez. Não posso deixar de admitir o quanto isso me deixa satisfeito — parou metros à minha frente.

A cobiça e o prazer no olhar eram indisfarçáveis. Pude ver a crueldade estampada neles. O suor escorreu pela minha nuca e meu cheiro mudou acentuadamente. Enzo aspirou o ar com satisfação, como quem experimenta o mais rico dos perfumes, e abriu os braços.

— Sim, você deu trabalho. Com essa capacidade *peculiar*, eu precisaria deixar que outros me levassem até você. E não foi difícil, bastou assustar um pouco os seus amiguinhos Bernardo e José — olhou para Nelson e Nazaré, ambos tensos e na expectativa. — O cheiro de seus outros amigos aqui foi muito fácil de encontrar, mesmo na mata — encarou Nelson com desdém. — Sugiro que da próxima vez não se deixe levar por namoricos, garoto, e mantenha sua guarda atenta. Perder o pescoço por uma fêmea não vale a pena, não importa o quão maravilhosa possa ser — seus olhos caíram sobre

Nazaré. — Existem muitas como ela de onde eu venho, todas sempre sedentas por carinhos. Se quiser, terei prazer em dividir com você.

O sangue de Nelson ferveu nesse momento e não pude evitar o salto que deu. Somente vi que ele nem sequer alcançou Enzo. As mãos de dois mestiços o detiveram e golpearam no meio do trajeto, com força, no peito e nos ombros. O sangue escorreu dos cortes que recebeu, mas mesmo assim não recuou. Com uma das mãos, segurou o punho que o feriu com a lâmina e o arremessou contra as pedras próximas, e com um urro girou o corpo para fechar uma chave de braço no outro. A mão rápida arrancou a espada do mestiço e golpeou-o com força no ventre. Ele arqueou para a frente e mais dois vieram para ajudar o companheiro. Quando se aproximaram, Nazaré projetou o corpo para atacar. Nelson sangrava muito. Não teriam chances contra todos. Precisava fazer alguma coisa ou os veria morrer. Apesar de fortes, eram poucos, e lutavam com mestiços da Ordem.

— Mande-os parar, Enzo! — gritei a plenos pulmões. — Detenha seus homens e diga logo o que quer. Não há necessidade para isso, nós dois sabemos muito bem.

Enzo sinalizou para os demais. Nelson jogou o mestiço ferido para longe e ficou atento, apertando com uma das mãos o corte no braço. Todos ficaram imóveis e avancei um passo, de espada e adaga em punho, apontando a arma para o rosto dele.

— Diga o que quer, mestiço! — falei com raiva na voz. — E vamos acabar logo com esse circo.

Seu olhar debochado apareceu outra vez e, quando falou, Enzo ditou as regras:

— *Você vem conosco* — intimou, apontando o dedo. — Temos ordens para levá-la de volta, viva e bem.

Se em algum momento anterior eu tive dúvidas ou apenas suspeitas... Se fiz tudo o que fiz baseada apenas numa forte intuição sem prova alguma, agora Enzo confirmava os fatos. Essa ordem só poderia partir de Avelar. Apenas com ele por trás um grupo tão grande deixaria seu refúgio para se aventurar numa caçada. *Talvez um desses miseráveis pudesse ter sido o responsável pelas mortes de Jean e Ben.* Talvez até mesmo Enzo. Apesar da raiva e da dor,

procurei me concentrar. A única razão que ainda impedia um massacre era o fato de que tinham ordens a cumprir, e estavam bem dispostos a isso ou sofreriam consequências. Aproveitei a vantagem — que o bom andamento da missão dependia da minha segurança —, para negociar. Eu tinha que impor condições também.

— E eles? — apontei para Nelson, Nazaré e Jarvis. — Irei com você sem lutar, mas não quero que toquem em nenhum deles.

Enzo riu. Uma risada diabolicamente divertida. Fora ela, apenas o som das águas era audível em meio ao silêncio tenso. Quando me olhou, parecia incrédulo.

— Acha mesmo que está em condições de barganhar, mulher? — abriu os braços para seu grupo. — Não estamos negociando aqui. Eles viram e sabem demais. E nossas ordens são claras: apenas você deve ser poupada.

Engoli a saliva grossa. O suor aumentou de intensidade, os batimentos ficaram mais rápidos e o cheiro mudou, um odor agressivo, ácido e forte.

— Então, creio que não poderá cumprir com êxito o seu trabalho, Enzo — falei com a voz dura. — Se eles não tiverem chance, eu também não terei. O que fizer com eles terá de fazer comigo — retesei os dedos nas armas. — E depois, seu cachorro, você que acerte as contas com seu dono!

Ele voltou a rir, alto e com vontade, mas o olhar era duro e inflexível.

— E acha mesmo que pode fazer alguma coisa? — passou a ponta da língua nos lábios. — Vejamos, somos mais numerosos. Seus amiguinhos serão apenas uma boa diversão para os músculos — outros além dele riram também. — E quanto a você? É o que é! Frágil e quebradiça agora. Nada que não possamos amarrar, embrulhar e carregar como um pacote — tornou a rir com gosto. — Se fizer questão, posso colocar um laço de fita para entregá-la a Avelar.

Moveu o corpo para a frente. Seu grupo também se adiantou.

— Mas, se quiser lutar, posso lhe dar esse gosto — sorriu. — Afinal, ainda temos umas contas a ajustar. Em nome dos velhos tempos — sacou a espada da bainha. — Mas você vem comigo, querendo ou não — levantou a lâmina acima da cabeça, o sorriso

deixando à mostra os dentes que brilhavam na pouca claridade que se acentuava.

Enzo queria revanche pela humilhação sofrida, apenas isso justificaria sua demora em fazer o que foi ordenado. Quando Avelar me pegasse, ele não teria outra chance. O gigante mestiço não queria perder o que poderia ser sua única oportunidade: brincar um pouco com seu objeto de cobiça. Respirei fundo e concluí que podia usar seu orgulho ferido a meu favor, de alguma maneira. E acabar com isso de uma vez. Nunca se devia cutucar uma fera com uma vara curta ou as consequências seriam mortais. E era com isso que eu contava agora. Veria até onde a besta poderia ser provocada, a ponto de não resistir aos instintos e reagir. E talvez eu pudesse dar um fim a essa situação, de uma vez por todas! Comecei a rodear devagar, passo a passo, posicionando a espada *la posta del falcone* — na postura do falcão — que Robert me ensinou. Podia ouvir, dentro da minha cabeça, sua voz me orientando em Leigh Woods.

— *Nunca dê ‘golpes heroicos’, nem pulos e ataques, giros, corridas com cortes laterais... esqueça tudo isso. Você não está num filme. Apenas ‘encoste a parte prateada no oponente’* — sua demonstração deixava bem claro o que queria ensinar. — *Mas para isso é preciso treinar golpes básicos. Imagine o oponente parado na sua frente* — sinalizava para que eu mantivesse essa posição. — *Você precisa atacá-lo, mas como, se não sabe dar golpes básicos? Dê estocadas, golpes laterais, alguns poucos golpes frontais* — me guiava, encurralando ao mesmo tempo. — *Enquanto não souber o que fazer com a espada, nunca tenha pressa ou se precipite. Avance e golpeie. Volte. Nunca baixe a guarda em momento algum. Descubra o seu alcance com as armas e nunca, jamais, descuide do seu centro de visão.*

A adaga eu lancei ao chão, segurando a espada firmemente com ambas as mãos.

— *Não adianta ser um espadachim hábil, mas perder a arma no primeiro ataque forte de seu oponente. Treine manter a arma firme na sua mão* — a voz me orientava.

Enzo rodeava também, seus olhos em cada quadro no espaço entre nós. Foquei a atenção nos meus sentidos mais desenvolvidos e

busquei os movimentos que desenvolvi durante os treinos.

— *Ande ao redor do alvo. Suas pernas têm que responder a cada comando.*

Esperei pelo golpe, e esse não tardou. Enzo deu estocadas rápidas e partiu para as laterais do meu corpo. Nada muito grave ou perigoso, ele queria brincar comigo. Do mesmo modo, eu o encarei. O som das nossas lâminas soou forte no ar quando se chocaram e o impacto me jogou para trás. Ele era forte, algo que não pude ter noção exata em nosso último encontro, pois eu era mais. Veio devagar, girando a lâmina na mão. Num gesto ousado me atacou de frente, a lâmina quase alcançando meu pescoço. Recuei e voltei à guarda. Ele golpeou, uma estocada atrás da outra, forçando minha defesa e exigindo que eu fosse cada vez mais para trás. Desviei o corpo e rolei para o chão, ficando no lado oposto da pequena praia de terra da cachoeira. Poderíamos ficar horas daquele jeito. O sol se punha e a escuridão começava a encher o local.

— *Lutar com espadas não é sorte, nem técnica, nem força. É lógica* — a voz voltou aos meus ouvidos. — *Calcule as probabilidades de seu oponente, principalmente se você já cruzou com ele alguma vez. Imagine-se sendo seu oponente, e encarando a você mesma. Se faça perguntas! — incentivava. — Como está minha guarda? Onde ele está ‘tentando’ me atacar primeiro? Que golpe ele usará? Como posso acertá-lo no contra-ataque?*

Enzo queria apenas me provocar. Se quisesse uma atitude efetiva, teria que provocá-lo, forçá-lo a ficar tão cego de fúria que esquecesse suas ordens pelo tempo necessário.

— *Desconheça seu oponente, e perca 100% do seu tempo. Conheça seu oponente, e perca 50% do seu tempo. Conheça seu oponente e a si mesmo, e ganhe 100% do seu tempo* — Robert citava a Arte da Guerra. — *Em outras palavras: durante seu treino, imagine-se enfrentando o oponente. Seja ele. E reaja aos golpes dele com calma, para que, na hora da luta, suas defesas saiam naturalmente.*

Em nossa última luta, Enzo ficou furioso quando o desarme e feri. Agora me subestimava por me achar mais fraco. Em outras palavras: eu conhecia Enzo, mas ele não sabia mais quem eu era. Não era

sorte, nem técnica, nem força. Lógica! Olhei a adaga no chão. O próximo passo foi decisivo. Fui para cima dele com estocadas ligeiras e concentradas. Apesar de não sair do lugar, ele virava o corpo para se defender. A cada golpe contra sua lateral, eu avançava a arma ainda mais, obrigando seu corpo a girar na direção que eu queria. Ele desviava rapidamente. Assim que meus pés ficaram próximos da arma abandonada rolei o corpo, peguei a adaga, e, com raiva, enfiei no joelho de Enzo. Ele berrou de dor e derrubou a espada, apoiando a mão no joelho que sangrou num jato. Com a mão espalmada, Enzo acertou meu rosto por reflexo e bati violentamente no tronco de uma árvore. O baque fez um corte na minha testa e o sangue escorreu. Entre o vermelho que tingia minha visão, distingui o rosto cego de fúria que arrancava a adaga e vinha em minha direção.

O golpe contra mim teria sido certo e fatal, como eu havia planejado, se no instante seguinte seu rosto não fosse coberto por mãos pequenas e uma boca não tivesse se cravado em seu pescoço. A trança castanha era como uma sucuri envolvendo o dorso de Enzo, que tentava se livrar de Nazaré. Nelson também já estava em ação, atirando um mestiço para longe e quebrando o pescoço de outro. Sua força parecia redobrada e ele lutava possuído. Esqueci minha dor e o sangue e levantei rápido. A espada estava perto e alcancei de um pulo, mirando o mestiço que se aproximava. Mas não precisei fazer uso dela. Os disparos foram certos e, enquanto via o corpo caindo ao chão, segurando o abdômen que sangrava, olhei para o lado. Jarvis apontava uma pistola e, com mira precisa, atirava. Mesmo sabendo que os tiros não matariam os mestiços, os ferimentos os obrigavam a procurar equilíbrio e isso dava tempo para atacar. Levantei a espada e decepei a cabeça de um deles, de um golpe só. Quando me virei, Enzo se livrava de Nazaré. Ela caiu em pé, como um gato, e pulou novamente para atacá-lo, desta vez de frente. Não sei se ele a subestimou também, mas a mestiça fazia mais estragos do que imaginava ser possível. O rosto de Enzo estava banhado de sangue no local onde os dentes vazaram um de seus olhos e ele tentava, sem muito êxito, alcançar alguma arma para feri-la, já que suas mãos não conseguiam arrancá-la de cima dele. Nelson lutava e Jarvis recarregava o pente da arma com rapidez e perícia.

Mas eles ainda eram muitos e seria questão de tempo. Um tempo valioso agora. Meu plano não havia dado certo e percebi que nenhum deles sairia de lá. Todos morreriam, mas não me abandonariam. *Que seja então.* Se formos morrer, pelo menos levaríamos mais alguns conosco. E, de certa forma, me sentia feliz em pensar que esse pesadelo todo acabaria de vez. Após o dia de hoje, os clãs saberão como tudo terminou. Avelar também, e não haveria mais motivos para perseguições e sofrimento. *Cynthia, filha, eu amo você, minha querida. Avancei com a espada para o mestiço de dentes expostos e olhar feroz. Robert, eu te amo. Espero que nunca duvide disso, meu querido.*

Levantei a espada e preparei o golpe, também esperando pelo derradeiro que me atingiria, quando o mestiço olhou com terror para o lado. Percebi que outros fizeram o mesmo gesto, até Nelson e Nazaré, de quem Enzo finalmente havia conseguido escapar. E com a lentidão de um humano, meu rosto olhou na mesma direção. Alguém pulou sobre o mestiço a minha frente e ouvi o *crec* de ossos partidos. José, com a boca cheia de sangue, olhava ferozmente com os olhos vermelhos para o bando de Enzo e rugia de raiva. Nesse instante outros apareceram. Por cima da minha cabeça, a brisa deixada pela passagem de Solomon e Shiloh só parou quando eles se atracaram com mais alguns mestiços. Os urros e rosnados subiram de intensidade. Do outro lado da cachoeira, os cabelos curtos de Cecília se espalharam por seu rosto, suas mãos torcendo para trás o pescoço de um mestiço magro e loiro. Nelson também continuou firme, apesar dos ferimentos, e Nazaré voltou a investir contra Enzo. Ele se desviou e saltou para a outra margem, o rosto petulante e altivo agora desfigurado. Ele gritava para que atacassem. Ainda restavam uns dez. Olhei para Jarvis. Ele mirava a pistola, mas estava perdido, sem saber em quem atirar. Então o insólito aconteceu: braços me agarraram pela cintura e suspenderem ao ar, e um punho de ferro tirou a espada e jogou-a ao chão. Um oco buraco escuro me fitava no semblante cheio de ódio de Enzo.

— Posso ter perdido meu grupo, mulher maldita, mas você virá comigo! — me apertou com força, saltando dali. Outros dois ou três vinham com ele.

Estava muito escuro, quase não enxergava. Apenas sentia os galhos das árvores machucando e arranhando enquanto seguíamos adiante. Precisava fazer alguma coisa ou me levariam dali. Como se vislumbrasse o passado, soltei uma das mãos e enfiei meus dedos no buraco nojento e vazio do rosto de Enzo. A dor deve ter sido grande, pois ele se desequilibrou e caímos. Raspei a perna num galho e senti o corte profundo na coxa. Segurei o gemido e tentei ficar em pé o mais rápido possível. Quando a brisa soprou rápida, virei meio-corpo, a tempo de sentir outra vez as mãos fortes nos meus pulsos.

— Desgraçada! Espero que Avelar faça com que pague muito caro por tudo, ou então juro que eu mesmo farei! — suas mãos me levantaram no ar como uma boneca.

Nesse instante, ouvi um barulho, e a forma de Enzo foi atirada ao chão. Também caí, mas minhas mãos ficaram livres. A dormência pelo aperto de Enzo deixou meus dedos insensíveis e arrastei o corpo para qualquer lado naquela escuridão. Porém, ela não me impediu de ver os vários pares de olhos vermelhos que se estamparam na minha frente. Ferozes e escarlates! Mãos me levantaram com suavidade, mas assim mesmo me debati para escapar, quando a risada baixa e grave retumbou nos meus ouvidos.

— Calma, pequenina — uma voz sem corpo dizia com clareza. — Guarde sua força para aqueles bastardos, eles bem que merecem, e você sabe dar muito trabalho! Não precisa se preocupar comigo — pude ver o sorriso claro que se estampava na noite. — E, se um dia quiser me bater, eu peço para Ayesha lhe contar como ela faz — e piscou.

As nuvens se espalharam no céu, dando espaço para a lua cheia que brilhou. O tom azulado e forte clareou o ambiente e pude distinguir as feições do meu interlocutor. Ali, entre as árvores do Parque das Cachoeiras, enquanto sangrava e sentia dor em todas as partes possíveis do corpo, o alívio que banhou minha alma não tinha tamanho. Ou melhor, tinha sim, quase uns três metros de altura.

— Jamal!? — não conseguia disfarçar a alegria que sentia.

A lua iluminou o rosto forte, negro, os traços salientes e maciços e os olhos vermelhos brilhantes e amistosos. Os braços me seguravam

sem nenhuma dificuldade e a risada que deu era agradável e calmante.

— Sim, pequenina. Já faz algum tempo, hein? — me olhou divertido. — E você, como sempre, envolvida em situações de muita ação e perigo! Não vai se cansar disso, não?

Não pude deixar de rir, ao mesmo tempo em que abraçava o pescoço largo. Era verdadeiramente um alívio para mim.

— Acho que ainda não posso me dar esse luxo — retruquei, sentindo a fisgada de dor na coxa. — Não enquanto acharem que sou um bilhete de loteria premiado e sem dono. Mas quando foi que chegou? — olhei em volta. — E onde estão os mestiços de Avelar? Eles podem voltar...

— Não se preocupe, meus filhos já foram atrás deles — garantia. — Se algum conseguiu escapar, deve estar no Paraguai a essa altura. E se não conseguiu... — deixou a frase incompleta em palavras, mas cheia de significados.

O local onde minha perna foi perfurada começou a formigar muito e isso incomodava. Jamal pareceu perceber.

— Vamos atrás de Solomon, você precisa de cuidados — seu corpo subiu veloz para as árvores, sem que eu representasse nenhum esforço extra.

Em questão de minutos estávamos de volta à Cachoeira da Lua. Jamal desceu do galho para a beirada da piscina de água, e o espetáculo foi chocante. Enfileirados, lado a lado, estavam os corpos de pelo menos treze mestiços. José e Cecília se encarregavam de ver se estavam mortos. Solomon olhava as feridas de Nelson e usava o ácido de Carlo para cicatrizá-las. Mais uma vez ouvi o palavrão e seus dedos apertaram um galho próximo. Shiloh cuidava de Nazaré, mas os olhos de Nelson estavam fixos nela.

— Você está bem *mesmo*? Não está machucada? Tem certeza? — repetia o tempo todo e tive a impressão de que apenas o fato de Solomon o segurar, para cuidar dos ferimentos, o impedia de estar com ela do outro lado.

Ela acenava com a cabeça e sorria, dando uma piscadela. Em pé, meio deslocado com tudo, mas observando atentamente, estava

Jarvis. Assim que Jamal pousou suavemente, os olhares me cercaram.

— Laura! Graças aos Deuses! — Solomon estava agitado. — Pensamos que aquele cão de guarda de Avelar tinha conseguido pegar você! O filho da mãe! — veio até mim, enquanto Nelson cercava Nazaré. — Está bem? Não está machucada?

Jamal me colocou no chão e sentei-me num tronco. O formigamento, antes apenas em minha coxa, estava na testa também.

— Estou bem, Sólon, não se preocupe, já estive pior — olhei para Jamal. — Mas isso graças a Jamal. Se não fosse por ele, a essa altura... — gemi com a fisgada na perna.

Apertei as mãos no local quando outra fisgada pareceu me furar. Solomon imediatamente se abaixou com o vidro de cicatrizante.

— Aqui, me deixe ver... — passou os dedos pelo local machucado, depois examinou minha testa.

Deitei a cabeça para trás esperando pela dor do ácido. Havia trincado os dentes e apertado os dedos das mãos. Mas tudo o que senti foram as mãos de Solomon me examinarem com cuidado e se afastarem. Ainda esperei uns segundos de olhos fechados. Como nada aconteceu, os abri. Jamal e Solomon me olhavam, e se entreolhavam, de um jeito que me fez sentir arrepios na coluna.

— O que aconteceu? — Solomon permanecia imóvel. — O que está esperando? — apontei para o vidro.

Sem falar, apontou para minha perna. Não havia nada lá. O formigamento era leve, mas persistente. Meus dedos tocavam o local procurando pela ferida. Sim, porque tinha de haver uma ferida ali, eu mesma vi antes, senti a dor. O sangue ao redor deixava claro que me machuquei. Passei os dedos pela testa procurando pelo golpe de Enzo. Plastras vermelhas, coaguladas no meu cabelo, se desfaziam ao toque em grânulos, mas sem cortes na pele. Era como se nunca tivesse sofrido nenhum dano. Olhei para os dois no ato.

— Sólon, o que significa isso? — perguntei para seu rosto azulado pela lua. — O que aconteceu?

José, Shiloh e Cecília pulverizaram os cadáveres em nuvens brancas e fumegantes. O cheiro impregnou o ar e fez minha garganta ressecar. Nelson tinha um braço em volta da cintura de Nazaré e

observava a cena, do mesmo modo tonto e abismado como em Campo Grande. Jarvis não respirava, eu tinha certeza disso. Tudo aquilo eu já esperava, não era surpresa nenhuma. O que me assustava agora eram outras coisas.

— Sólon, o que está acontecendo? — olhei suas pupilas vermelhas. — Onde estão os meus ferimentos? — perguntei de forma insistente. — Eu tinha um na coxa e outro na testa, para onde eles foram?

Ele suspirou devagar e mais uma vez olhou para Jamal.

— Vamos para casa primeiro, Laura — disse por fim. — Você precisa tomar um banho, se trocar... e todos aqui precisam se alimentar — entendi que se referiu a Jamal e seus filhos, que ainda não haviam voltado. — Depois podemos conversar.

Acenei devagar com a cabeça, subitamente cansada demais para discutir com ele. Com a ajuda de Solomon fiquei em pé, surpresa por poder firmar a perna depois do ferimento grave que tive. A pilha de corpos havia desaparecido e Shiloh se adiantou.

— Tudo bem, Laura? — ela passou a mão no meu cabelo cheio de plastras de sangue. — Aqueles miseráveis malditos! — sua voz era terrível, bem diferente da doce melodia de sempre. — Olhe só o que fizeram! Só isso justificaria ir à Itália e degolar Avelar! Mostrar a todos *quem é e como age* o Mathesis da Ordem! — fiquei surpresa com a ferocidade dela.

Nelson e Nazaré também se aproximaram quase no mesmo instante em que outras formas, gigantescas e opulentas, chegavam ao lugar. Três deles eu não conhecia, mas os outros dois eram impossíveis de esquecer. Negros, fortes, os semblantes altivos em rostos bem-feitos e simétricos, e a peculiaridade na aparência que os denunciavam: os cascos no lugar de pés humanos. Os filhos de Jamal, Djevá e Obú. Eles traziam mais três corpos.

— Desculpe, pai — Djevá falava para Jamal. — Não conseguimos pegar todos. O maior deles, Enzo, é um cachorro covarde. Deixou esses para trás e conseguiu nos despistar. Outros dois fugiram com ele — largaram os corpos no chão.

A julgar pelo estado dos cadáveres, eu entendia por que Enzo fez o possível para fugir. A náusea tomou conta do meu estômago. Jamal

abraçou o filho com fervor, como todo pai preocupado, e depois se voltou para mim.

— Laura, você já conhece Djevá e Obú, mas ainda não lhe apresentei meus outros filhos: essas são Siriê e Mnema — apontou para as duas mulheres —, e esse é Nimbê.

Os filhos adotivos de Jamal, mestiços que acolheu há mais de quatrocentos anos. Eles fizeram um aceno de cabeça para mim e para os outros. Todos grandes, imponentes e de aparência orgulhosa, como o pai. Eram filhos de um rei. O olhar de Nelson grudou neles. Sabia como se sentia em relação ao fato de haver outros como ele. Seu único contato com mestiços tinha sido Nazaré, e num único dia ele se vê obrigado a matar mestiços inimigos e conhecer outros, amigos. *Dia difícil*. José se aproximou dos cadáveres e cobriu o nariz.

— Nossa, que fedor! — reclamava. — Também pudera, o mau-cheiro dos mestiços se sente de longe!

Imediatamente cinco pares de olhos se voltaram para o vampiro paulistano. E ele definitivamente não sabia aonde enfiar os seus.

— Er... desculpe aí, pessoal. Foi mal — acenou com as mãos. — Sem querer ofender, longe de mim. Não é nada pessoal.

E inclinou-se para destruir os cadáveres.

— Melhor sairmos daqui — Solomon acrescentou. — Quanto antes chegarmos em Aquidauana, melhor.

— Pai — Nazaré falava e apontava com os olhos —, acho que ainda não resolvemos um problema.

Jarvis Poincello olhava tudo com uma lanterna, atento a cada movimento e detalhe. Havia me esquecido dele.

— Sim, percebi — Solomon disse e virou-se para ele.

Fiquei em pânico e agarrei sua mão.

— Espere, o que vai fazer? — meu tom era preocupado.

— Nada demais, apenas uma desmemorização rápida — piscou.

Solomon caminhou para Jarvis, enquanto eu torcia os dedos. Sabia que isso não o machucaria — e que dadas às circunstâncias era necessário —, mas tinha um carinho muito grande pelo doutor Poincello. Se tivesse prestado mais atenção quando ele me alertou no passado, muita coisa poderia ter sido evitada. Solomon hipnotizaria Jarvis para que não se lembrasse de nada e, gentilmente, o deixaria

em algum hotel ou pousada, onde acordaria e seguiria sua vida incólume. Mesmo sabendo que era necessário, aquilo me entristecia. Jarvis lutou ao nosso lado, a sua maneira, e ajudou a equilibrar a balança. E também porque, finalmente, ficava cara a cara com o mundo que sempre estudou e pesquisou. Para ele, tudo isso devia ser um prêmio muito maior do que qualquer loteria. *Obrigada, doutor. Muito obrigada mesmo.* Solomon se colocou a frente dele, olhos nos olhos. O processo duraria poucos minutos e estaria acabado. O silêncio era palpável e ninguém se atrevia a mover os músculos ou respirar.

Mas alguns de nós começaram a se agitar quando o tempo foi se arrastando, além do esperado. Shiloh franziu a testa e Jamal elevou as sobrancelhas. Eu olhava de Solomon para Jarvis e nenhum deles se movia, pareciam estátuas. Então, o inesperado aconteceu: Jarvis começou a rir devagar, e aos poucos aumentou a intensidade, gargalhando feito louco. Ria e dobrava-se diante de Solomon, como se tivesse ouvido a melhor piada de todos os tempos. A um dado momento, pegou um lenço do bolso e enxugou os olhos, de onde as lágrimas brotavam por causa das risadas, e se afastou tranquilamente de Solomon, que ficou olhando para ele com a expressão pasma. Veio em minha direção. Na *nossa* direção.

— *Beladonna*, você tem amigos incríveis! A julgar pela última vez que nos vimos, você progrediu muito nessa área! — ria, gesticulando. — Confesso que tudo isso é *molto* mais do que esperava conseguir ver na vida — olhava para Jamal, seus filhos, todos os outros. — Num mesmo dia encontro mestiços, vampiros, Asanbosans e muita diversão — pegou minhas mãos. — Fico-lhe grato pelo resto da vida, mas poderia me fazer um favor, *cara mia*? — apontou para Solomon. — Poderia dizer àquele gentil senhor que não perca seu tempo tentando hipnotizar meu cérebro? — tocou a cabeça. — Será o mesmo que dar murros em pontas de facas — e riu com vontade.

“Nós temos o recurso da hipnose à nossa disposição, mas só podemos usá-lo nas mentes despreparadas para ele”. As palavras de Carlo voltaram num jato. Só se pode hipnotizar aqueles que têm a mente fraca. E Jarvis, com toda certeza, não se enquadrava nesse caso. Era um estudioso do ocultismo, da mitologia, do sobrenatural.

Sua mente era muito mais do que bem preparada, era perfeita. Encarei Jarvis, que ainda ria e secava as lágrimas, e vi a expressão de espanto de todos quando comecei a rir também. Uma risada forte, alta, descontrolada e que fazia meu corpo tremer. Um riso de nervosismo, cansaço, desespero. Mas, principalmente, ria por saber que estava viva, depois de todos os acontecimentos insólitos e de quase achar que tudo acabaria hoje. Ria porque planejei morrer, e isso não havia dado certo. Ainda respirava, firme e forte, mais do que me lembrava sentir nos últimos tempos. Então Jarvis olhou para Solomon, que voltava perplexo.

— Ah, só uma pergunta para esclarecer — apontou os cadáveres que José se esquecera de incinerar em meio a tudo aquilo. — Balas de prata não fazem efeito, não é?

Solomon negou fracamente com a cabeça.

— Que pena — lamentou. — Teria economizado *molto* dinheiro — mostrou os pentes extras carregados de balas brilhantes. — Mas, como dizem, é melhor prevenir do que remediar — piscou para mim.

Olhei para a lua no céu, depois para todos. Sim, ainda seria uma longa noite.



O banho limpou os sinais de sangue coagulado. A água fria espantou meu sono. Não podia deixar que ele me dominasse sem antes conversar com Solomon e Jamal, saber o que estava acontecendo. Por isso, apesar da sensação boa da água que descia com força do chuveiro, desliguei e me sequei rápido. Quando voltei para a sala, apenas Jarvis, Nelson, Nazaré e Shiloh estavam por lá. Solomon ainda não retornara. Tinha ido caçar com Jamal e os outros. A luta havia mexido com os instintos de todos e nada melhor do que aplacar a sede para recuperar as forças. Eu já vivi isso, sabia como era. E suspirei. Assim que me viu, Jarvis se adiantou.

— Ah, *Beladonna!* — gesticulou para Nelson. — Estava contando para o seu amigo como foi que nos conhecemos, do dia em que

quase invadiu minha casa, em pânico, porque achou que estava ficando louca. Lembra-se?

Como se eu pudesse esquecer.

— Sim, é claro que lembro, Jarvis. Principalmente do café forte que você sabe fazer.

— Ah, isso é *molto* bom! — olhou para Nelson. — Mas na época ela não tinha esses cabelos loiros — voltou-se para mim. — Devia voltar a usar o castanho, *cara mia*, fica bem melhor — gesticulava, falava e se servia dos sanduíches que estavam numa bandeja. Nazaré devia ter preparado.

Sem muitas opções, me sentei com eles e peguei um para comer. Minha cabeça estava agitada, mas ainda teria que esperar um pouco para ter respostas. Uma espera que me angustiava e fazia movimentar o corpo a todo instante, pequenos movimentos na verdade, mas cheios de irritação e ansiosos. Shiloh percebeu minha inquietação. Levantou-se discretamente e fez um ligeiro sinal. No instante seguinte estávamos na varanda, longe da tagarelice de Jarvis. Ao menos ele tinha plateia, pois Nelson o ouvia atentamente e bombardeava com perguntas. Nazaré não veio conosco.

— Como está se sentindo? — ela perguntou, os olhos preocupados me fitando.

Passei a mão pela testa outra vez, ainda espantada por não achar nenhuma cicatriz, e mordi o sanduíche.

— Confusa, muito confusa, Shiloh. Não pelo fato de constatar a verdade hoje, por quase ter morrido ou ter sido levada à força como prisioneira. Eu sempre tive certeza de que Avelar tinha o dedo nessa história — respirei fundo. — Mas ainda não entendo como isso — apontei para minha cabeça e perna — pode ter acontecido. Eu vi, Shiloh, um rasgo enorme na minha coxa e um corte na testa que sangrou. Senti a dor. Essas coisas não desaparecem como mágica — franzi a testa. — Da última vez que me machuquei seriamente minhas feridas demoraram a cicatrizar e tive muita febre. Você sabe disso.

Ela não falou nada, apenas continuou me olhando e olhando a serra. Eles foram caçar por lá.

— E agora? Por que não estou sentindo nada? — abri os braços.
— Onde estão a febre, o calor, tudo? Por que não estou deitada numa banheira cheia de gelo com um termômetro apitando no meu cérebro? — mostrei o relógio, marcava 41 graus sólidos. — Não faz sentido, Shiloh.

— Eu sei. Pra mim também não faz — ela admitiu, ponderando sua observação. — Embora ache que isso é melhor do que vê-la quase morrer de febre. É bom saber que está bem.

Mas o tom de Shiloh tinha um quê de curiosidade. E apreensão. Não conseguia definir se ela realmente não sabia de nada ou se estava ganhando tempo até Solomon chegar. Bem, não poderia culpá-la. No rol das aberrações do mundo eu devia ser muito pior do que tudo o que ela deve ter visto. Numa escala de zero a dez, eu me daria um onze. Dentro da casa, Jarvis ria e continuava sua explanação. Estava totalmente à vontade, como se tivesse se preparado para esse momento. Solomon não decidiu nada sobre a presença dele na casa, mas uma coisa era certa: Jarvis aproveitaria todo o tempo de que dispusesse para desvendar os mistérios que sempre pesquisou. Ele não só faria pesquisas de campo, como beberia da própria fonte. O sonho de todo acadêmico dedicado exclusivamente ao trabalho, quando ele se transforma em sua esposa, amante, filhos, sua vida. E o que faria com as informações? Publicaria um livro? Falaria ao mundo sobre a verdade que os imortais levaram séculos para encobrir? E o mundo? Estaria preparado para aceitar a realidade de que os homens não são os únicos soberanos entre os seres? Que existem outros, mais fortes, invulneráveis a qualquer recurso de defesa que os humanos possam ter? E que se alimentam deles quando sentem fome?

Suspirei. Sim, essa era uma questão a considerar, tanto pela força da informação quanto pela segurança dos envolvidos. Jarvis se contentaria apenas em aplacar sua curiosidade acadêmica ou iria querer mais? Notoriedade? A resposta para essa questão poderia ser muito perigosa. Lembrei-me do sarcasmo e das piadas de que Jarvis fora vítima na Inglaterra, quando participou de programas de entrevistas e foi ridicularizado por suas teorias. As manchetes dos tabloides britânicos o acusaram de brincar com uma questão séria de

segurança pública nacional, de menosprezar as tentativas da força tarefa da polícia e de querer se exhibir para a população de Bristol, ganhando seus quinze minutos de fama. Mesmo com provas, será que as pessoas acreditariam? Bem, poderia ser uma faca de dois gumes. Senti o peso da noite em minhas costas e soltei o ar de uma vez só.

— Laura, não acha melhor descansar? — Shiloh dizia devagar. — Eles podem demorar ainda.

— Não, não quero descansar. Isso não vai adiantar — retruquei com os olhos na serra de Maracaju. — Não vou conseguir dormir enquanto não tiver algumas respostas, ou pelo menos suspeitas que levem às respostas — olhei para ela. — E também preciso colocar algum juízo na cabeça de Solomon, fazê-lo ver que meu tempo aqui acabou. Hoje foi na cachoeira, quanto tempo levará até que eles venham a sua casa, Shiloh? — balancei a cabeça. — Vocês têm uma vida estabelecida aqui, não dá para colocar mais isso em risco.

Shiloh colocou a mão no meu ombro. O contato frio e refrescante.

— Por favor, não vamos tocar nesse assunto — pediu. — Sei que está nervosa, mas o que aconteceu hoje, a meu ver, foi muito bom — sua voz era confiante.

— Bom? Como assim bom? — a perplexidade estava estampada no meu tom de voz. — Shiloh, eram dezenove mestiços! Dezenove! E nós estávamos sozinhos até vocês chegarem — sufoquei com o ar. — A essa altura poderíamos estar mortos, Nazaré, Nelson, Jarvis, até mesmo eu, apesar de Enzo deixar claro suas ordens. Como pode dizer que acha bom o que aconteceu?

— Porque agora não temos mais suspeitas, e sim fatos — ela foi taxativa. — Temos provas de que Avelar está rompendo o Acordo, usando os mestiços em caçadas absurdas e não autorizadas, e isso ele não poderia fazer. Mesmo que você não seja mais uma vampira, Laura, ainda assim é parte do clã dos Fevré. Ninguém abriu mão de você lá — sua voz era otimista. — Imagine como vão reagir se souberem que poderão falar com os clãs, contar o que está havendo, qual é a verdade, como os recursos da Ordem estão sendo utilizados indevidamente, e com isso exigir que os Megisters tomem providências?

Olhei devagar para ela. Cada uma de suas palavras soava como loucura.

— Está querendo dizer que Solomon pretende fazer isso? — arregalei os olhos. — Relatar o que aconteceu, contar para Clem e os outros? — balancei a cabeça. — Shiloh, meu Deus! *Ninguém* sabe que eu fugi por isso! Nenhum deles faz ideia de que Avelar está me caçando, que ameaçou matar pessoas para poder me pegar! — minha garganta se apertou. — Eu nem sei o que eles estão pensando de mim, que juízo fazem a meu respeito depois desse tempo todo. Eu os abandonei, sem nenhuma explicação convincente. Apenas fui embora e só — sufoquei com a lembrança. — Nenhum dos Fevré sonha que a Ordem quer me pegar. Que Avelar é um louco, demente e perigoso a esse ponto. O que Sólon quer? Provocar uma guerra aberta? — meu tom era aflitivo.

Se o que ela estava dizendo fosse verdade... Meu Deus! Solomon não podia fazer isso! Expor essa história só faria aumentar a matança. Primeiro, os boatos sobre a cura, depois, conclamar os clãs para reagirem ao Acordo. Um Conselho convocado pelos vampiros do mundo! Seria o primeiro passo para um ataque aberto e direto. A náusea que tomou conta de mim fez o suor brotar. Não podia deixar que fizessem isso. Não era uma simples questão administrativa agora, uma reunião onde cada lado iria expor suas necessidades para chegarem ao melhor acordo. Tudo envolvia riscos, a ambição desmedida de um homem, que o fez ficar cego a sua posição e à responsabilidade perante dois mundos. Envolvia uma possível carnificina, sem precedentes, entre os clãs e a guarda da Ordem, e que se estenderia aos humanos que estivessem por perto. A procissão de mestiços que antecedeu a abertura do Concílio em Amsterdã voltou à minha memória. Eram muitos.

“Vampiros são mais fortes, mas mestiços em grande quantidade podem fazer muito estrago”. As palavras de Carlo eram vívidas. Assisti hoje o que representavam, sabia quais seriam os resultados se a ajuda não tivesse chegado a tempo. Foi sorte, muita sorte, e contar com ela não era uma boa estratégia. Mesmo que Solomon dissesse que iriam se preparar para qualquer surpresa ao enfrentar o Mathesis, isso não garantia nada. Nem aliados suficientes, nem

vantagens para o nosso lado, nem a certeza de que ninguém sairia ferido... ou morto. A Ordem estava rompendo o Acordo. Se alguns clãs soubessem disso, poderiam decidir romper também. O mundo de muitos se resumia a territórios, espaços de caça, rixas antigas. Poderiam se sentir liberados de uma obrigação secular e agiriam de acordo com seus princípios, alguns mais nobres e outros menos. Nada mais estaria seguro, ninguém mais estaria a salvo. Nenhuma fronteira seria respeitada. Minha cabeça pendeu para a frente. Pensei em David. Como Megister, ele tinha uma obrigação com a Ordem. De que lado ficaria? E os outros mestres menores? Aceitariam as petições dos clãs ou ficariam ao lado de Avelar? Durante séculos, acreditaram que essa instituição mantinha a paz, que graças a ela a humanidade estava a salvo dos perigosos demônios de outrora e que cada um era parte vital dessa engrenagem, seu poder suficiente para silenciá-los e controlá-los. Acreditariam que os papéis agora estavam invertidos? Essa era uma questão difícil de responder, quase impossível, pois nos últimos quinhentos anos não houve precedentes. Nenhum dos lados se sentia ameaçado, apesar da disparidade entre as forças. Não antes de Avelar assumir o comando.

Minhas mãos apertaram a madeira do batente da varanda. Como eu poderia permitir que Clem, Carlo, Josh e Morgana corressem riscos? Eles eram fortes, mas também podiam morrer numa luta entre os seus. Vampiros lutando contra vampiros era a equação em que os resultados se mantinham em pé de igualdade. Não há como prever quem, ou quantos, simplesmente deixariam de existir. E Eric? Ele se mataria, se fosse preciso, para defender Cínthia. E ela era humana! Minha filha seria presa fácil, apenas um detalhe sem nenhuma importância, ou uma isca fresca para um banquete. Crispei os dedos ainda mais na madeira. Minha cabeça se encheu de imagens assustadoras, onde grandes olhos vermelhos e ameaçadores se fixavam nela e dentes pontiagudos rasgavam a carne da sua garganta, como fizeram com a filha de Clementine há tantos séculos. E Robert...

Meu coração deu um salto. Ele seria o primeiro a querer a cabeça de Avelar numa bandeja. Não hesitaria em ir a Ravena, à misteriosa sede da Ordem, e fazer aquilo que julgaria necessário. Sua postura

nessa questão ficou bem definida desde o dia do Conselho em Salisbury, quando me alertou para ficar preparada caso a decisão fosse negativa. Ele se atreveria a burlar o Acordo para me salvar, expor o clã às sanções previstas pelo Acordo, mesmo que a Ordem estivesse certa sobre meu julgamento na época. O que faria se soubesse que a razão estava do seu lado desta vez? Iria encarar a guarda de braços abertos, sem pesar nenhuma consequência para si... sem pensar que poderia morrer, apenas para me manter segura...

— Laura — a voz de Shiloh vinha de longe. — Laura, sua mão. Você está apertando a madeira com força demais.

— Droga! — havia cortado a pele da palma quando pressionei a ponta externa da ripa.

Fui até a fonte de água do monjolo para lavar o corte. Shiloh veio comigo.

— Solomon não quer provocar nenhuma guerra, Laura, não entenda desse jeito — ela tentava me acalmar. — O que ele quis dizer é que não podemos tolerar um ataque como esse de hoje e simplesmente não fazer nada — Shiloh estava irritada. — Se Avelar perceber que nos mantivemos calados, vai achar que poderá continuar com isso, incólume, pelo tempo que quiser. Dessa vez a razão está a nosso favor.

— E você acha que a *razão* importa para Avelar? — a pele da minha mão ardia contra a água. Apertei um pouco o corte. — Códigos de honra, acordos, nada disso importa agora para o Mathesis, e sim aquilo que tem valor para ele. Que nesse caso específico sou eu! — puxei a mão para enxugá-la num pedaço de pano pendurado ao acaso no monjolo. — Tenho as minhas suspeitas de por que ele está agindo assim. São só suspeitas, por enquanto, mas suficientes para explicar...

Minha voz morreu na garganta. O silêncio súbito fez Shiloh me encarar com mais intensidade.

— Laura, o que foi? — seu olhar seguiu a direção do meu.

E o meu, nesse momento, estava perdido, aturdido e incrédulo. Um formigamento tomou conta do meu braço, o suor brotou e um arrepio percorreu minha coluna ao fitar a palma aberta da mão.

— Deuses... — o sussurro de Shiloh era assustado. A brisa da madrugada soprava os nossos cabelos.

A luz da lua refletiu sobre a minha pele. Diante de nós, como que por mágica, o corte aberto se fechava lentamente, pedaço por pedaço. O sangue retrocedia para dentro da carne, a pele movimentava-se em ondas, como uma serpente que se retorce ao chão, e nenhum ruído vinha daquele movimento. Minutos depois, não restava nem mesmo uma cicatriz do que havia sido um ferimento. A palma estava lisa, perfeita. Virei a mão, buscando alguma evidência de que havia me cortado. Levantei a cabeça com rapidez e voltei para a varanda. Shiloh pareceu ter a mesma ideia, pois já estava lá. Seus olhos perscrutaram o batente, as narinas inflaram para aspirar ao odor. Marcas de sangue tingiam de vermelho a madeira pintada de branco. Não era uma ilusão, eu havia me cortado. Olhei outra vez para minha mão, agora com a claridade das lâmpadas. Não havia nada: sangue, arranhões, cortes. Limpa e lisa como seda. Pensei em várias coisas para dizer, mas todas se calaram na minha boca. O formigamento havia passado, mas a sensação de frio no estômago e a antecipação de alguma coisa estranha me preenchiam, provocando calafrios, aumentando meu batimento cardíaco.

Olhei para Shiloh. Ela parecia tão perdida quanto eu. Por alguns minutos nossas perguntas transitaram de um olhar para o outro. Pintado, que dormia na varanda, começou a latir. Sem ruídos ou qualquer movimentação suspeita, Solomon, Jamal e seus filhos surgiram, juntamente com José e Cecília. Vinham de forma elegante e selvagem, como só os daquela espécie poderiam ser. *A morte que emerge da noite*. Era inevitável vê-los assim, terríveis e belos, reais e míticos. Partes de pesadelos fugidos pela escuridão. Encarei Solomon, minha respiração pesada era abafada pelos latidos do cachorro aos meus pés. Senti Nazaré e Nelson aparecerem e Jarvis vir logo atrás, no seu passo humano.

— O que foi? — Solomon nos fitava. — Aconteceu alguma coisa? — as narinas de todos buscaram por algum odor desconhecido, subitamente alerta para algum perigo.

Mas não havia nada. Nenhuma ameaça próxima. A brisa soprava e senti um arrepio quando levantou meus cabelos, como se uma mão

fria tocasse com delicadeza a pele da nuca e uma voz soprasse em meu ouvido, vinda de outro lugar, que ninguém ali poderia ter acesso. O som de palavras numa língua intraduzível. O som de um chamado. Estiquei a palma da mão, em silêncio, sem muita certeza do que poderia dizer. Um gosto pegajoso estava na boca. No céu, a lua brilhava, mas não conseguia apagar a forma das estrelas que cintilavam no firmamento, cada vez mais próximas de mim, mais íntimas, piscando e se movendo em um eterno carrossel cósmico. Um movimento que me envolvia numa energia vibrante acima da cabeça. E em algum lugar, dentro da memória, um leão de luz me vigiava com olhos faiscantes e presas de luz, e um gigante se movia na minha direção. O amanhecer estava próximo agora.



Estávamos em silêncio na sala da fazenda. A noite, como eu havia previsto, realmente fora longa e tensa em suas revelações, e agora os fatos consumados se juntavam, formando as partes de um todo convincente. Muito convincente. Ninguém duvidava de mais nada do que eu dissera. A presença de Enzo dera a certeza por trás de tudo. E essa certeza paralisou, por alguns momentos, a fala de todos. Quando finalmente algum som saiu, em meio ao silêncio pesado do ambiente, foi para decretar.

— Acho que não há dúvidas de como teremos que agir agora — Jamal disse, seu tom poderoso e tranquilo. — Ao deixamos a África, semanas atrás, viemos por causa desse mesmo boato. Nômades foram pegos pelas comunidades locais de Adzes, os clãs de vampiros que vivem em Gana e Togo. Antes de serem destruídos vaticinaram sobre a existência de uma *cura*, e que muitos outros estavam procurando por ela — me olhou. — Eu já sabia sobre seu sumiço, Laura. Clementine entrou em contato meses antes, e sempre retornava pedindo alguma informação nova que tivéssemos. Quando soube do ocorrido em Gana, imediatamente juntei as informações. A

única explicação que se encaixava nisso tudo era o fenômeno pelo qual você passou.

— Então, estão me procurando até na África? — mesmo achando que nada mais poderia me espantar, isso aconteceu. Havia começado bem antes do que eu imaginava então: caçada mundial.

— Não *necessariamente* procurando por você — Jamal foi direto. — Pelo que fui informado, ninguém sabe *o que* é essa cura milagrosa. É como pensar em uma pedra filosofal: podemos crer em sua existência, mas não sabemos a forma que tem. Se é uma droga, uma poção — ficou mais sério ao dizer. — Por isso, a África tem sido alvo de buscas: lugar onde tradições, rituais e feitiços são ainda muito utilizados pelos humanos. Isso instigou a procura — olhou para Solomon. — Os xamãs das tribos estão assustados. Os Adzes relataram que muitos dos ataques foram feitos contra líderes espirituais e videntes das tribos de Gana, Togo e regiões próximas, pessoas que poderiam ter informações precisas sobre essa história — suas mãos se fecharam nos punhos. — Alguns xamãs, que sabem da nossa existência e mantêm contatos frequentes, nos procuraram. Eles têm pressentindo mudanças próximas, os oráculos estão profetizando a mesma coisa — olhou para mim. — E essas previsões começaram pouco tempo depois de sua conversão, pequenina. A agitação entre os líderes das tribos humanas tornou-se tão forte que têm afetado até mesmo a nós.

Engoli a saliva. Os filhos de Jamal me encaravam com uma curiosidade indisfarçável, especialmente Djevá e Obú.

— Que tipo de agitação, meu amigo? O que está sendo dito? — Solomon perguntava.

Jamal juntou as mãos enormes e entrelaçou os dedos. Pela minha visão lateral, percebi Nelson de olhos grudados nos pés dos gigantes africanos. Estava diante do lendário *demônio africano*, o Asanbosan. Também não pude deixar de perceber que Mnema, uma das mestiças, o olhava com evidente interesse. Era forte e bonita, com tranças nos cabelos ao melhor estilo étnico, e olhos tão negros quanto à noite que desaparecia lá fora. Era difícil encontrar um companheiro em meio ao mundo imortal. Nazaré tinha concorrência

agora. Deixei as especulações de lado para ouvir o que Jamal tinha a dizer. E a julgar pela demora, era alguma coisa muito séria.

— Nosso povo, e quando digo *nosso* estou me referindo tanto aos humanos quanto aos puros, imortais ou mortais, partilha crenças semelhantes em nossa terra, a mãe África. A gente do continente negro é antiga, tão antiga quanto os povos do Oriente, muito mais antiga do que os europeus e infinitamente mais velha do que muitos povos das Américas — seu olhar vagava entre nós. — Estamos nesse mundo há mais tempo do que podemos nos lembrar, e o modo como ele foi moldado na África permanece, em essência, o mesmo. Mitos, lendas e superstições continuam tão vivas hoje quanto há mil, dois mil, ou dez mil anos — virou-se para Jarvis. — Seu amigo humano pode confirmar o que digo, pois conhece a fundo o que falo.

Jarvis pigarreou, seu tom de voz mostrando o quanto se sentiu lisonjeado por ser citado.

— É verdade. Muitos países da África, Ásia, Oceania e alguns poucos, em outros continentes, principalmente tribos e aldeias que vivem mais isoladas de toda a moderna ciência e tecnologia, do modo de vida urbanizado e contemporâneo do homem civilizado, ainda mantêm intactos suas crenças e costumes milenares — explicava. — Entre essas comunidades, elementos místicos regem o dia a dia, e eventos importantes são marcados pela passagem dos ciclos do sol, da lua, das constelações e estações. Tudo gira em torno da crença oral transmitida de geração a geração. Meus materiais de estudo e pesquisa foram coletados, ao longo dos anos, entre esses povoados, e pude compará-las a fundo umas com as outras. Existem raízes semelhantes entre muitas das histórias, mesmo que os povos estejam em extremidades opostas nos mapas.

Jamal acenou com a cabeça e olhou para Solomon.

— Você me perguntou qual era essa agitação, meu amigo, e eu lhe direi — seu tom era soturno. — Como o humano disse, existem lendas que aparecem tanto em um povo quanto no outro, mesmo que estejam distantes geograficamente — tamborilou os dedos das mãos. — Uma dessas histórias está causando grande alvoroço entre as tribos, e a presença de nômades atacando homens sagrados e

procurando por uma cura levanta muito mais poeira do que o necessário, levando o medo a todos os humanos.

Jamal ficou em silêncio. Solomon recostou-se na cadeira e seu semblante era pensativo, como se algo se encaixasse em seu raciocínio com as palavras de Jamal. Ninguém parecia que iria falar algo, então resolvi tomar a dianteira.

— E que história é essa? O que tem provocado a agitação das tribos, Jamal?

Ele olhou primeiro para Solomon, que acenou de leve com a cabeça, como se desse permissão para que falasse. O que eles sabiam e estavam tentando manter em segredo? Por que toda essa hesitação?

— Laura — Jamal falou devagar —, de tempos em tempos ocorrem fenômenos na natureza. Coisas estranhas que nem os humanos nem os não humanos sabem explicar.

E ele vinha dizer isso para mim? Eu era um desses fenômenos estranhos, pensei com amargura. Mas mantive a boca fechada.

— Como não encontram uma explicação racional, o homem inventa histórias ou mitos — disse olhando para Jarvis. — Qualquer coisa que satisfaça sua curiosidade e inteligência — recostou-se na poltrona, pequena demais para seu corpo gigante. — Há muitos séculos existe, entre os povos da minha terra, uma história que, dizem, se repete com o passar dos milênios quando uma, entre as oitenta e oito constelações zodiacais, passa a se comportar de maneira diferente no céu.

Olhei confusa para Jamal. Nelson também franziu as sobrancelhas ao ouvir essa frase.

— Oitenta e oito? Quer dizer, oitenta e oito signos? — pestanejei. — Como assim? Nós temos apenas doze signos no zodíaco.

— Na verdade, *cara mia*, os signos zodiacais, como conhecemos, foram oficialmente adotados no século seis antes de Cristo, quando se estabeleceu uma faixa zodiacal celeste que abrigava doze importantes constelações nesse trecho — Jarvis me explicava. — Antes disso outras diferentes constelações eram consideradas, todas ocupando um lugar de destaque, maior ou menor, para os astrônomos do mundo antigo, e exerciam sua influência no curso da vida dos

homens e reinos. A padronização foi feita com base no movimento dos planetas, que antes eram conhecidos como *estrelas errantes*, dentro de uma estreita faixa que os gregos chamaram de zodíaco. As doze seções, chamadas *signos*, visavam facilitar a confecção dos mapas estelares, consultas astrológicas, auxiliar na previsão de fenômenos como eclipses lunares e solares, entre outros. Mas os antigos observadores das estrelas sabiam que, entre um signo e outro, havia mais constelações e o movimento delas ditava acontecimentos — olhava para mim. — Hoje, apesar de o antigo planisfério estelar não ser tão conhecido do grande público, você ouve falar dos signos menores toda vez que um astrólogo menciona decanatos, da influência que esse pequeno intervalo de dias parece exercer sobre a personalidade de diferentes pessoas do mesmo signo — fechou as mãos uma na outra. — Na realidade, se tomarmos o planisfério antigo, teríamos uma divisão muito maior de signos, pois cada decanato é regido por uma constelação menor inserida numa maior.

Solomon olhava admirado para o pequeno Jarvis. Senti o respeito se formando pela pessoa do doutor italiano, de voz anasalada e testa calva, mas ainda não havia entendido o que essa história sobre signos teria de tão importante a ponto de trazer Jamal e seus filhos para o Brasil.

— Bem, Laura — Jamal continuou como se percebesse a minha confusão —, nos últimos tempos as tribos têm se comportado de maneira estranha, bem antes dos ataques recentes, e muitos dos rituais e transes dos xamãs mencionam o lugar no céu entre a constelação de touro e gêmeos...

— Órion? — Jarvis questionou.

— Sim, essa mesma — Jamal assentiu. — Embora esse nome não seja mencionado pelas tribos. Elas se referem a ela como *cumbe do téqui*, que significa...

— O sol da noite — Nelson falou mais rápido, o que fez Jamal olhar para ele.

— Sim. Você também pertence a esse povo, seus antepassados eram de nossa terra — seu olhar era admirado para o jovem mestiço.

— Mas você conhece apenas as palavras. O significado por trás delas é o que me preocupa.

— E qual é esse significado? — perguntei com a boca seca, sem entender o porquê.

Jamal respirou fundo e seus olhos vermelhos brilhavam com mais intensidade, como se o sol que nascia lá fora tivesse o efeito oposto ao que ocorria em Solomon e os outros metamorfos na sala.

— Segundo as crenças — falou devagar —, quando o sol da noite passa a brilhar mais forte no céu e a movimentar-se num padrão diferente do normal, são sinais de que uma mudança muito forte está para acontecer — olhava para todos. — Ainda segundo os xamãs, essa mudança começa aqui, na terra, e influencia o movimento das estrelas, pois tudo está interligado no cosmos, anunciando que tempos difíceis estão por vir. Depois que a constelação do sol da noite mudou, os ataques se sucederam — ele se endireitou na poltrona. — Isso está causando a agitação entre as tribos. Muitos acreditam que o efeito disparador já aconteceu.

E calou-se. A respiração de todos era o único som na sala.

— Mas... o que isso tem a ver? — perguntei. — Vocês estão falando de lendas, histórias, astrologia — senti meu velho ceticismo querer tomar conta. — Não vejo como isso se encaixa nos acontecimentos de ontem e no que vem ocorrendo na sua terra.

Solomon respirou fundo, parecia cansado, e levantou um pouco o corpo para me encarar.

— Laura, com tudo o que tem acontecido nos últimos tempos, acho que os mitos, que antes pensávamos não terem sentido, estão se mostrando muito mais reais do que imaginávamos, não concorda?

Toquei as cicatrizes no meu pulso. Era verdade. O mundo racional não parecia mais fazer sentido, desde que troquei minha vida no Brasil pela oferta de emprego do museu de arte em Bristol. A partir daquela época, qualquer explicação que eu quisesse tinha alguma raiz em uma realidade fora da visão dos seres humanos. E ao mesmo tempo fazendo parte do imaginário deles.

— Muito bem — concordei enfim —, qual é a explicação, então?

Os minutos transcorreram lentos, até mesmo para mim. Ouvia os sons de engrenagens se movimentando no cérebro de todos. Cada

um ali parecia captar uma parte de toda aquela explicação e juntar com o que ouvia do outro. Por fim, Jamal decidiu romper o silêncio.

— Laura, ainda não há uma explicação — falava suavemente. — Assim como você, eu também estou reunindo pedaços de suspeitas na tentativa de criar um fato concreto. E ainda há partes que se encontram sem encaixe. Tudo o que posso adiantar, pequenina, é que os ataques dos nômades, os boatos da cura, o frenesi das tribos, estão interligados — apontou para mim. — Mesmo você já percebeu que alguma coisa está diferente.

Olhei para minhas feridas que sumiram sem deixar sinais. Um calafrio me percorreu.

— Acha que isso... — mostrei a mão e a perna. — Acredita mesmo que isso tenha algo a ver com o que está falando?

— Sinceramente, acredito — respondeu. — Mas não me peça provas, ainda não estão ao meu alcance. Sabe, pequenina, existem outros, além de nós — apontou para ele e para Solomon —, que podem ter tais respostas. Nossa gente e a humanidade as perdeu com o tempo, restam apenas alguns fragmentos aqui e ali, às vezes nem isso; mas há aqueles cuja lembrança é muito antiga, continua intacta, e cuja obrigação é manter a verdade oculta e a salvo, tanto dos homens como de nós mesmos, para a segurança de todos — sua voz ficou mais séria nesse momento. — Creio que podemos aproveitar essa oportunidade para tomar algumas medidas necessárias no momento.

— Que medidas? — senti o vinco entre minhas sobrancelhas.

Jamal se levantou. Sua altura era intimidadora, e criou uma sombra entre ele e a luz do sol, que vinha da janela.

— A primeira delas, e mais importante, é esconder você — fez um gesto para me calar quando abri a boca para reclamar. — Sei o que pensa, entendo por que fugiu, mas não posso permitir que fique desprotegida. Não agora. E mais tarde irá me agradecer — continuou no mesmo tom. — E enquanto estiver a salvo poderemos usar as provas que coletamos ontem, mais as que tenho certeza que ainda vão surgir, para forçar os clãs e Megisters a tomarem uma atitude em relação à conduta do Mathesis Avelar — seu tom ficou mais grave. —

Já passou da hora de resolvermos certas questões pendentes em relação ao líder da Ordem.

Uma bola se formou na minha garganta. Será que ninguém naquela sala, além de mim, sabia que aquela atitude não acabaria bem?

— Jamal... — minha voz engasgou. — Não posso deixar que faça isso. Por favor! Não podem entrar em conflito aberto — levantei-me para pegar a mão do gigante negro. — Pense em sua família, em Ayesha. Vocês tiveram outro bebê há pouco tempo — tentei dissuadi-lo. — Há quanto tempo você vive? Dois mil, três mil anos, mais? Não é justo colocar toda uma existência em risco apenas para me ajudar. Por favor? — implorei. — Esqueçam essa ideia de encarar a Ordem, deixem-na de lado. Parem de achar que têm que me proteger.

A mão negra tocou meu rosto com suavidade e o sorriso claro de Jamal estava lá, estampado no rosto do mais improvável dos amigos que um humano poderia ter. Um rosto que podia estraçalhar, em pedaços, o inimigo.

— Não se preocupe conosco, pequenina. Todos aqui sabem se cuidar — piscou para mim. — E não vamos agir de forma descontrolada, sem nenhuma estratégia. Sabemos com quem estamos lidando — seu olhar vagou para Solomon. — Vamos começar a tratar disso depois que você arrumar suas coisas.

Pisquei para ele, confusa.

— Arrumar minhas coisas? Pra quê?

Seu sorriso era claro como o sol que brilhava lá fora.

— Porque teremos uma viagem pela frente — assegurava. — Precisamos de respostas e você de proteção. E só existe um lugar agora onde as duas coisas estarão ao nosso alcance.

Olhou para os outros na sala e sua voz retumbou, criando ecos no silêncio:

— Iremos ao encontro de Nzinga.



O barco-recreio fez uma parada numa comunidade ribeirinha às margens do rio Negro. Teríamos algum tempo disponível em terra,

enquanto pessoas e produtos eram descarregados e mais pessoas e produtos subiam a bordo. Jarvis e eu fomos procurar algum lugar onde poderíamos tomar um banho. Mais algum tempo assim e eu fritaria como um ovo no asfalto durante o verão. Achamos o que procurávamos numa casa simples, onde uma mulher, que misturava o português com o idioma local indígena, nos levou para um pequeno cômodo onde havia uma tina de água, em madeira. Em troca de algum dinheiro, ela começou a encher a banheira improvisada.

— Pode se refrescar primeiro, *cara mia* — Jarvis ofereceu. — Está precisando mais do que eu — passou o lenço pela testa úmida e brilhosa.

Ele agora usava roupas mais leves, bermuda e camiseta, e sandálias tipo franciscanas. Não tínhamos muito tempo antes que o barco saísse e me apressei. Pendurei o vestido de algodão colorido num cabide de madeira e mergulhei na água fria. A sensação de alívio foi imediata. Afundei a cabeça e deixei a água refrescante aliviar a pressão da dor na minha testa, quente e avermelhada, e relaxei por alguns minutos preciosos. Estiquei a mão para a mochila e peguei um sabonete, esfregando como pude todo o corpo dentro do espaço limitado, e lavei os cabelos. Quando saí da tina me sentia bem melhor, pelo menos, para continuar o último trecho da viagem.

— Peguem o barco-recreio em Manaus — Solomon orientou. — Embora mais demorado, ele nos dará tempo para ajeitar o restante por terra. Quando chegarem a São Gabriel, consigam um transporte por terra até Cucui e depois aluguem um barco e sigam para o Igarapé Tucano. Nos veremos por lá.

Ao sair do comôdo, Jarvis estava com a toalha no ombro e um escovão na mão.

— Como está a água, *cara mia*?

— Ótima — comentei. — Principalmente para quem tem febre constante — sorri.

Ele tremeu de brincadeira.

— Espero não pegar uma gripe — e sumiu para dentro do cubículo.

Fiquei esperando na frente da casa, sentada num banco de tronco, olhando o movimento das poucas pessoas que iam e vinham pelo

chão de terra, enlameado por causa da chuva. Crianças corriam, algumas sem qualquer tipo de roupa, amassando o barro com seus dedinhos minúsculos. O movimento delas me fez sorrir. Cíntia costumava brincar na lama quando pequena.

— *Olha, mamãe, eu sou o monstro de lama!* — e vinha para cima de mim, coberta de barro até os cabelos, tentando me pegar enquanto eu fugia aos gritos como se sentisse medo.

Quando conseguia me alcançar, depois de me fingir de vítima indefesa, seus dedinhos gorduchos marcavam minhas roupas e meu rosto e o som de seu riso infantil era música para meus ouvidos. Então a cobria de beijos, afogando sua risada, e a levava para tomar um banho. Um tempo feliz, onde os únicos monstros em nossas vidas eram aqueles feitos de barro, criados pela imaginação de uma criança para assustar sua mãe numa brincadeira alegre e despreocupada. Suspirei pesadamente. Como poderíamos imaginar que os monstros eram muito mais reais e presentes na vida das pessoas do que qualquer um conseguiria supor? Que alguns eram assutadores, mas outros conquistariam nosso coração? O nosso amor? E que, às vezes, não poderíamos definir, apenas pela aparência, quem era o monstro e quem era o homem? Agora, nossas vidas seguiam o rumo ditado por um mundo muito diferente, um lugar onde seres estranhos e bizarros tomavam formas sólidas, faziam parte de nossa existência, aprendemos a amar e respeitar, e que dariam a vida por nós. E por quem daríamos a nossa também se fosse necessário.

Olhei para as árvores. O sol penetrava entre as folhas como gotas de luz e pingavam no chão. O reflexo nas águas das poças lembrava montes de joias e a evaporação distorcia as imagens distantes, um grande dossel de árvores que se multiplicavam e espremiavam umas nas outras, sem apontar um caminho visível. Seria complicado andar pela floresta sem a ajuda dos nossos amigos. *Não demore muito, doutor...* Apoiei a mão no tronco, para mudar de postura, e senti uma fisgada, algo como um alfinete. Quando me pus em pé, depressa, olhei para a mão esticada e meu coração gelou. Um escorpião negro, enorme, estava pendurado na palma e se debatia, tentando retirar o ferrão fortemente fincado. Aquilo me paralisou por um momento, mas

depois reagi e rapidamente puxei o animal, que caiu ao chão e desapareceu. O ferrão ficou em minha palma e senti a queimação do veneno correr rápido pela circulação. Olhei para os lados, mas não havia ninguém por perto. Dentro da casa ouvia Jarvis cantando, como se estivesse no melhor banho de saís de sua vida.

No desespero, rasguei a barra do vestido e com ele tentei improvisar um torniquete, enquanto andava de volta para a casa. Só poderia pedir ajuda, agora, para a mulher que me vendeu o banho. O torniquete ficou pronto, amarrei como pude ao redor do antebraço que formigava e latejava, usando a mão livre e os dentes. Mas assim que pensei em puxar o nó e impedir que o veneno entrasse ainda mais na corrente sanguínea, minha mão perdeu o movimento consciente.

Meus olhos, mais uma vez, observavam algo que não poderia existir. O ferrão, preso em minha pele, foi expelido naturalmente. No local da picada, num ponto visível apenas ao olhar atento, um forte fluxo muscular se agitava, como ondas, e a queimação retrocedeu do meu antebraço e se concentrou ao redor da picada. Agarrei a mão e reprimi um gemido de dor. O ponto latejou, a dor era grande, o que me fez gemer outra vez e sentar. Ao mesmo tempo um líquido claro, de aparência pegajosa, fluiu da ferida, escorrendo como gotas da palma para o chão. Minha respiração estava presa pela dor e as gotas caíam ainda mais, mas aos poucos a dor diminuía, à medida que as contrações sob a pele se aquietavam e o local da ferida se fechava. Segundos se passaram, e então acabou. Não havia mais nada, nenhum sinal. O veneno que antes corroía meu braço agora era absorvido pela terra lamacenta. Senti os joelhos tremerem e meu coração bater forte. Deus! O que estava acontecendo comigo? Uma energia percorria meu corpo e me dava força extra, como uma descarga elétrica que recarrega uma bateria.

Nesse momento, Jarvis Poincello deixava a casa, agradecendo com seu português de forte sotaque à pequena mulher que nos serviu o banho, e veio assoviando a *La Traviata*.

— *Beladonna*, nada como um bom banho para recobrar as forças, não acha? — dizia exultante. — Me sinto cheio de energia! E você?

— Sim, é verdade doutor — falei devagar, meio aérea. — Eu também me sinto cheia de energia — e olhava perplexa para minha mão.

— Então, é melhor voltarmos — disse, guardando a toalha na mochila. — Aquele *capitano* é meio esquentado. Bem pode querer nos deixar aqui — me ofereceu o braço, como um cavalheiro.

Aceitei a gentileza e começamos a caminhar, mas Jarvis parou, subitamente, e me afastou.

— Cuidado, *cara mia!* — apontou. — Um escorpião!

Um escorpião negro jazia imóvel, sendo corroído por algumas formigas. Jarvis olhou rapidamente e suspirou.

— Graças a Deus, esse está morto. Veja — apontou com o dedo. — Deve ter atacado algum animal, pois está sem o ferrão.

Engoli em seco. Cocei minha mão disfarçadamente e senti o suor brotar no meu pescoço. A sensação de bem-estar proporcionada pelo banho havia me abandonado.

— Melhor tomarmos cuidado. Esses são mortais!

Não comentei nada. Apenas caminhei com Jarvis — que agora discorria sobre os tipos de escorpiões no Brasil — de volta para o barco. De volta para essa estranha viagem.



Respirei fundo para pegar todos os cheiros da mata. Macacos, antas, araras, cobras, a variedade era bem grande. Mas o que eu procurava mesmo eram outros cheiros, mais importantes.

— Conseguiu alguma coisa, Nelson? — Nazaré perguntava lá de baixo.

Olhei para ela, linda em seu vestido de algodão cru. Alguns reflexos do sol brilhavam nos seus cabelos e brincavam na pele do rosto.

— Nada ainda, não devem estar perto — pulei até ela, tendo o cuidado de ver se não havia ninguém olhando.

Fazia calor, eu estava sem camiseta. Os chinelos estavam num canto, perto do braço do rio, junto com o boné. Nazaré também

estava descalça, ela havia subido em outra árvore distante um pouco dali, para tentar pegar algum rastro. Mas a mata era muito fechada e os cheiros fortes, todos misturados. Aproveitei para sentar na areia fofa e quente. Pelo menos não estava molhada. Aleluia. Olhei para Nazaré e bati os dedos ao meu lado, para que ela se sentasse. Não precisei esperar muito. Ficamos em silêncio um pouco, eu nunca sabia muito bem o que fazer quando estava tão perto dela. E a situação ficou ainda pior depois da *interrupção* na cachoeira. Afinal, eu quase a beijei naquele dia, e o idiota do grandão, o tal de Enzo, curtiu uma com a minha cara bem na frente dela! Além de ser um empata samba, o merda do italiano mestiço me tratou como se eu fosse um tremendo babaca! *Tá, tudo bem, Nelson, você é mesmo um babaca.* Porque, se não fosse, já teria tido coragem de tomar uma atitude de homem nessa história. Agora fica aí, desse jeito, enrolado, sem saber o que fazer nem como fazer. Babacão!

Bom... na verdade eu sei bem o que fazer e como. Queria cobrir aquela boca morena com a minha e sentir o gosto, saber como era, respirar o mesmo ar entre nós dois. E pensar que estive a segundos de conseguir isso... Merda! Se antes eu não gostava dessa tal de *Ordem*, depois daquele dia passei a detestar mais ainda. Nazaré também parecia entusiasmada na cachoeira, mas depois tudo havia voltado ao que era antes. Ela me tratava bem, brincava comigo, mas nada sugeria que estivesse a fim. Não tão a fim quanto eu. Estaca zero, de novo. Fiquei remexendo a areia com os pés, sem ter o que dizer, com medo de abrir a boca e falar alguma besteira ainda maior. Nem conseguia olhar seus olhos verdes. Algo me impedia. Tinha medo de olhar e não ver mais a intensidade do brilho que me deixou cego em Bonito, que me fez ter coragem de correr o risco. Tinha receio de que tudo o que encontraria seria o simples olhar de uma amiga, e isso me deixava fraco, sem coragem, sem iniciativa. Eu me orgulhava de nunca ter sido um covarde. Nunca tive medo de chegar nas meninas em São Paulo, não até o dia em que quase matei uma, por fome. Agora, pelo menos, tinha essa vantagem. Sabia o que podia e não podia fazer, até onde iam os limites que eu mesmo me impus. Jamais permitiria que o descontrole, como aquele no Riviera, me dominasse outra vez. Nem que para isso eu tivesse que acabar com o estoque

de comida do mundo ou com a fauna da selva Amazônica. *Tá, agora você está exagerando, cara!* Não é preciso tudo isso e sabe bem. Shiloh explicou exatamente o que deve fazer.

— Se você sentir fome — ela disse um dia, durante uma caçada no Paraguai —, é natural que queira comer. Todas as espécies sentem a mesma coisa e a própria natureza é predatória, pois obriga o mais forte a se alimentar do mais fraco. É a cadeia alimentar — sua voz era clara e responsável. — No meu caso é mais difícil, minhas restrições são maiores. Mas você e Nazaré têm a vantagem de serem meio a meio, de poderem se adaptar a qualquer dos mundos, principalmente em relação à alimentação. O importante é que defina quais são as suas prioridades. Se um bom filé com batatas vai te satisfazer, então coma o prato todo, se necessário. Mas se a sede exigir mais de você, não a subestime — ela alertava. — Saia, cace, procure se satisfazer, não tente ser forte além dos limites que colocar para si, ou acabará fazendo besteira.

Pois é, eu sabia me controlar. Podia fazer isso muito bem. Não tinha mais medo da sede, como no início, e essa história de viver pra sempre já não me incomodava tanto. O que não tem remédio... Mas bastava Nazaré ficar perto de mim e pronto! Lá se ia embora toda a coragem. Na cachoeira, quando ataquei aqueles filhos da mãe, eu tinha força para tudo aquilo e muito mais. Era só provocar. Então, merda, por que eu não conseguia trocar duas palavras com ela agora? Por que ficava remexendo a areia com os dedos dos pés, sentado, sem dizer nada? Apenas porque o vento quente soprava seu cheiro no meu nariz e o perfume me deixava mole? Ou porque o calor parecia sair da pele dela e tocar a minha como se fossem dedos invisíveis? Não seria melhor se o toque dos dedos fosse de verdade? Era improvável que ela estivesse consciente dos meus pensamentos, mas Nazaré fez algo que até então eu havia apenas sonhado em ver. Com um gesto rápido tirou o elástico e as presilhas do cabelo e, pacientemente, soltou a trança. A onda castanha deslizou pelos ombros nus, descendo até o chão, uma cortina de cachos escondendo o rosto dela, enquanto os dedos desembaraçavam os nós.

Engoli o ar por falta de saliva. Não podia ver seu rosto, mas a visão daqueles cabelos, cheirosos e brilhantes se estampando a minha frente, começou a me deixar tonto. Minha pulsação aumentou, um martelar nos ouvidos, e fiquei vermelho, sabendo que ela estaria escutando. Finquei os dedos das mãos no chão, afundando-os na areia fofa. *Será que mestiços podiam morrer de parada cardíaca?* Levantou-se, devagar, e soltou o laço que prendia o vestido no colo. Ele escorregou para o chão graciosamente, sem ruídos. Nazaré estava com um biquíni por baixo da roupa. Quando se virou, me fitou. A chuva castanha de cabelos — que a brisa quente sacudia — beijava sua pele em vários locais ao mesmo tempo. Daria a alma para ser um daqueles fios agora.

— Acho que eles vão demorar um pouco — ela dizia, enquanto eu tentava me lembrar como se respirava. — E o barco está meio abarrotado ainda — estendeu a mão. — Quer nadar comigo? — sorriu.

A água do Negro era escura, mas aquele braço de rio era um pouco mais claro, dava para ver os bancos de areia fina. E fazia calor. Pelo menos, *eu* estava sentindo um calor absurdo! Queimando e ardendo em cada pedaço da pele. Quando estiquei minha mão para pegar a dela, notei que o calor parecia ser recíproco, ou queria acreditar que fosse. Seria muito bom se fosse. Andei como um zumbi conduzido para a água. Mergulhei de bermuda, até o chão de areia sumir sob os pés. Ali, a correnteza não atingia a margem, era o mesmo que nadar numa piscina natural. Ao contrário do que aconteceu na cachoeira de Bonito, Nazaré não parecia querer brincar hoje. Nem eu. Apenas ficamos nadando ao redor um do outro, segurando as pontas dos dedos devagar, sem pressa. Vez ou outra ela mergulhava e voltava à tona, os cabelos negros por causa da água deslizando molhados pela pele morena banhada de sol, brilhando como uma joia. Eu mergulhava também, principalmente para desanuviar a mente daquela visão e pensar com um pouco mais de clareza. E não estava conseguindo nem uma coisa nem outra. Quando voltava à superfície ela estava lá, parada, agitando as mãos lentamente para manter o equilíbrio. Eu não achava o meu em parte alguma.

Numa dessa voltas paramos cerca de um metro um do outro. Tudo estava em silêncio para mim. O mundo poderia explodir com bombas ou terremotos que não teria a menor importância, pois minha audição estava tomada pelo som da respiração dela, pelo batimento forte do seu coração. No ar estava o cheiro do perfume que vinha daquela pele, cujo brilho me cegava mais do que a luz do sol. Sem perceber, meu corpo flutuou para mais perto, sem qualquer pensamento racional. Ela era um ímã e eu ferro forjado, cada vez mais atraído, indefeso e impotente contra o magnetismo que me arrastava até ela, pela força da gravidade do calor de uma estrela. A estrela de Nazaré. Estávamos, então, frente a frente. Tonto, embriagado, sem nenhum pensamento consciente que não fosse a pequena distância, do toque de uma mão, que nos separava. Uma distância que minhas mãos decidiram, por vontade própria, que não deveria mais existir. Foi um toque suave, a princípio, o tremor das pontas dos meus dedos na pele da bochecha dela, inseguro e hesitante. Os olhos verdes se fecharam, sem pressa. O som da respiração aumentava de intensidade, assim como o coração martelava em compasso sem ritmo, como se o músico tivesse errado a composição durante a execução.

Cheguei mais perto, apenas a pele nos separando agora. Meus dedos deslizaram do rosto até o pescoço dela. Quando os olhos verdes se abriram outra vez, olharam bem fundo no castanho dos meus. E percebi que não era preciso que houvesse água para me afogar. Devagar a boca se aproximou, enquanto minha cabeça se movia sem comando algum. E todo o sonho se fez realidade ao sentir os lábios de Nazaré grudados nos meus, ainda de maneira tímida, assustada, esperando o que viria. Beije com suavidade aquele pedaço sagrado da mulher a minha frente, ao mesmo tempo em que minhas mãos rodeavam a cintura e as costas, puxando-a delicadamente para perto. O calor dos seus braços rodeou minha nuca, os cabelos soltos, espalhados pela água, me envolviam como algas que brotavam do toque de sereias. Deixei o balanço nos levar, nossos corpos girando lentamente ao sabor das águas. O beijo, a princípio tímido, tomava maiores proporções. Nazaré abria a boca com vontade e respondi na mesma intensidade, sentindo o gosto que

eu havia sonhado por tanto tempo, desejado por tantas noites, fingindo dormir no quarto que me separava dela só por alguns passos, que pareciam largos e distantes de percorrer.

Sem nenhum aviso mergulhei, levando-a comigo, sem soltar as bocas que continuavam a se querer ainda mais. Minhas mãos percorriam suas costas e desenhavam a linha da coluna, seus dedos se prendiam nos meus cabelos, com força, com desejo. Ali, debaixo d'água, não havia um mundo onde humanos morriam nas mãos de seres imortais, não havia uma guerra prestes a acontecer e que poderia significar morte e destruição. Não havia Ordem, nem Asanbosans, nem Nzinga, ou o que quer que houvesse. Nem a busca que me trouxe até aqui importava mais. Só havia o sorriso e o brilho do olhar no rosto da mulher que havia se libertado do meu beijo, me encarando com a face de anjo de porcelana, e que me puxava de volta à superfície apenas para respirar um pouco e colar outra vez os lábios nos meus, com mais vontade. O gosto doce, o hálito fresco, a língua que passeava pela minha boca. Eu passaria a eternidade beijando Nazaré e ainda seria pouco tempo. Foi então que um som interrompeu nosso momento. Alto e estridente. Um som que nos obrigou a soltar as bocas, mas não os corpos, que se entrelaçavam num abraço apertado. O apito do barco-recreio chamava os passageiros.

Suspirei alto e olhei para os incríveis olhos verdes dela. Seu sorriso irradiava-se por todo o rosto e provocava em mim uma sensação de felicidade e liberdade sem tamanho. O sorriso da mulher que eu amava! A certeza disso doeu fundo na minha alma, como se um ferro em brasa tivesse marcado cada uma das letras em meu coração. Uma dor abençoada e bem-vinda, como são as dores que trazem consigo a certeza que alivia o penar, tornando-o ao mesmo tempo suportável em sua agonia, mas insuportável em sua verdade. Ela pareceu notar minha hesitação em sair dali, não parecia convencida a fazer o mesmo também. Gentilmente chegou os lábios até meu ouvido.

— Acho que precisamos ir — falou e desceu a boca pelo meu queixo. Eu suspirava e tremia —, ou vão nos abandonar aqui — alcançou minha boca.

— Até que não seria uma má ideia — consegui responder, entre um beijo e outro. — A selva é grande, eu me perderia nela com prazer, desde que você estivesse comigo — assegurei, enquanto enroscava meus dedos nos seus cabelos fartos.

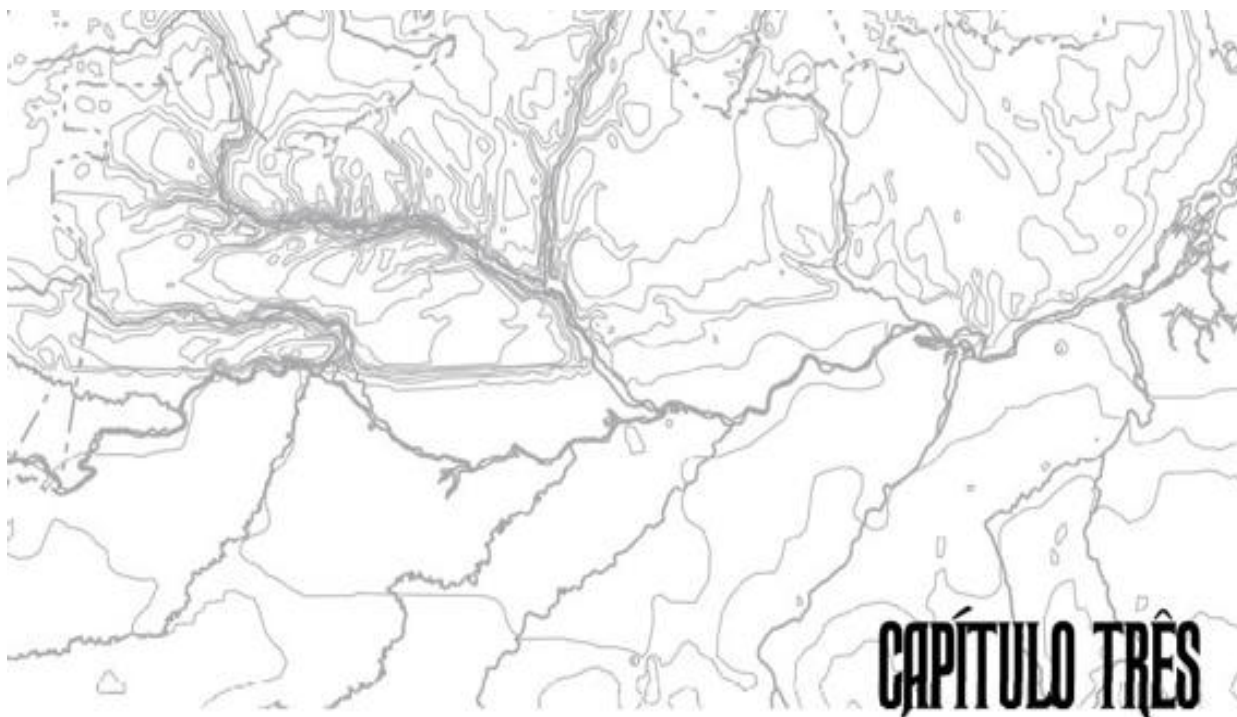
Ela afastou um pouco o rosto para me olhar. Acima de nós as nuvens ficaram carregadas e escuras, encobrindo o sol.

— Tentador — ela respondeu suavemente, seu olhar vislumbrando a mata cerrada. — Mas temos que manter o foco, lembra? — suas mãos fecharam-se nos meus cabelos. — Laura e Jarvis estão nos esperando e vão se preocupar — soltou o ar.

A chuva anunciada começou a cair em grossos pingos quentes. Com um movimento rápido eu a peguei no colo e levei para a margem. Ela colocou o vestido, atrapalhando-se um pouco porque eu me recusava a deixar de beijá-la. Tive dificuldades até em achar meus chinelos e a camiseta. O boné desapareceu para sempre. Antes de voltarmos a puxei para mais um beijo longo, forte e faminto. A chuva aumentou e aproveitamos o manto das águas para correr até o barco. Laura estava na rampa de embarque, pedindo para o contramestre que esperasse mais um pouco. Ele assustou-se e ficou pálido quando aparecemos do nada, a sua frente. Pelo menos a chuva nos dava uma boa camuflagem. A sobancelha de Laura elevou-se um pouco ao nos ver de mãos dadas, os cabelos soltos de Nazaré, ambos sorrindo feito bobos. Eu, principalmente, estava me sentindo um completo idiota. Bobo, besta, ridículo... mas feliz da vida! Nazaré olhava para ela e ficava vermelha, sua mão se agarrando à minha com força. Laura dobrou a cabeça de lado e a sacudiu levemente.

— Vocês dois... sabia que não tinha jeito mesmo! Era só questão de tempo — e riu, relaxada. Depois olhou para mim, séria. — Espero que esteja preparado para ter uma conversinha com Solomon, quando chegarmos ao ponto de encontro — fez sinal para subirmos. — Agora andem, vão trocar de roupa, olhe como estão encharcados.

Sim, eu estava encharcado. Completamente. Olhei para Nazaré, que sorria para mim. Laura tinha razão. Eu estava encharcado de amor por ela.



Livro Cinco – Capítulo Três

Bristol – Inglaterra – final de verão

Assim que entramos na sala o cheiro forte invadiu nossos narizes. Uma onda de náusea, como nunca pensei que poderia sentir outra vez, me dominou e fiquei paralisado.

— O quê...? — a voz de Clementine perguntou e imediatamente cobriu o nariz com a mão. O rosto de minha irmã ficou enojado.

Assim como os dos outros. Mesmo Carlo não conseguiu se conter e um breve horror passou por sua face, ficando ali por incontáveis minutos. Observei seu esforço para recuperar a frieza e o controle, e encarar aquela visão medonha ao se aproximar da mesa, onde os zíperes dos sacos pretos haviam sido abertos, mostrando seu conteúdo grotesco e disforme. Apesar da deformidade da aparência, alguns dos traços ainda traziam à memória a familiaridade dos corpos. Fixei meus olhos nesse detalhe, numa tentativa de desviar a atenção do horror que se expunha e buscar respostas para o que via.

Deus, como isso é possível? Como algo, ou alguém, teria conseguido tamanha façanha? Custava a aceitar essa realidade. Sabia as implicações disso. O que todos estavam pensando, naquele momento, era claro como água, estampado em seus rostos. Porque se o que víamos fosse confirmado, se isso agora era possível, então tudo em que acreditamos, todas as verdades que julgávamos serem imutáveis não fariam mais sentido.

Conceitos, regras, força, imortalidade, tudo desabava diante dos nossos olhos como um castelo de cartas que se desequilibra quando algo mais pesado é posto sobre ele, quando o vento o derruba ou um elemento diferente perturba sua base. A estrutura de nosso mundo foi abalada violentamente neste momento. E isso era algo que todos aqui passaram a temer enquanto realidade. Carlo parecia ser o único a ter recuperado o bom senso e discernimento. Com mãos hábeis o vi remexer, com cuidado, nos corpos dentro dos sacos, buscando, explorando, retirando amostras e envasando-as em tubos de ensaio, alguns transparentes e outros embebidos em líquidos de cores variadas. Ele os marcava, um por um, com etiquetas e anotava datas e outros dados pertinentes no *notebook* sobre a mesa. Aguardamos seu trabalho em silêncio.

Já havia visto cadáveres antes, inúmeros deles. Mas nada se comparava aos que se apresentavam ali. E o cheiro... era insuportável. Nem mesmo carne putrefada há tempos teria aquele odor. Era muito pior do que o pior cheiro que a morte pudesse ter tido antes. E eu já vi muitas mortes. Ambos estavam mortos há algum tempo, isso era fato, e pareciam estar em decomposição progressiva, mas de forma totalmente diversa ao que se esperaria. Ou o fato de que não eram humanos faria diferença? Nunca tinha visto a decomposição de alguém da nossa espécie, não tinha ideia de como esse tipo de processo aconteceria, já que todos os corpos são destruídos em seguida. Seria dessa forma? Porque os cadáveres não estavam se desfazendo, estavam se *liquefazendo*, essa era a melhor definição. Cada vez que uma parte era movida, ela se desfazia do restante, criando outra massa viscosa, e no lugar de onde as amostras eram retiradas mais massa diminuía e desaparecia, num processo que parecia não ter fim. Não havia pele, ossos, músculos,

sangue ou órgãos. Apenas um amontoado azul-acinzentado que um dia havia sido Stu e Virgo, os vampiros do clã de Derik, na Dinamarca.

Quando concluiu o que precisava, Carlo lacrou os sacos, retirou as luvas e fez sinal para que o seguissemos. Percebi o alívio indisfarçável de cada um que deixava o laboratório, em silêncio, para a sala branca. Por um momento me permiti ficar olhando para os rostos radiantes e alegres de meus sobrinhos no quadro de Clementine. Algo em suas feições puras e suaves parecia me ajudar a espantar a visão de poucos minutos atrás. Todos já estavam instalados, mas desconfortáveis, e o silêncio se prolongou, pesado e palpável. A perplexidade estava em cada um, no modo como as mãos se abandonavam sobre a mesa e na respiração que se alternava, lenta e ritmada. Por fim, Clementine juntou as suas e olhou para Derik.

— Quando isso aconteceu? — sua voz tinha um tremor baixo. Não sabia se mais alguém, além de mim, havia percebido.

Derik olhou para ela, visivelmente desconfortável e triste.

— No inverno — ele informou mecanicamente. — Em Glostrup.

— E o que houve lá? — sua voz era lenta demais, até mesmo para mim.

Enquanto Derik narrava a história — e o fazia com todos os minuciosos detalhes com os quais um humano jamais conseguiria —, algumas semelhanças entre os fatos ocorridos em Glostrup e na Romênia se encaixavam. A principal, para mim, era óbvia: a neblina misteriosa. A mesma que me encarou, agarrando e tentando estrangular, moldando sua forma em garras e dentes. Eu havia sido o único, na Romênia, a ter contato com ela. Os outros nada viram de anormal. E por causa da morte de Vassília esse fato acabou obscurecido por um tempo. Com os clãs nórdicos foi diferente, havia mais testemunhas que lutaram contra essa invasão sem forma, mas aparentemente muito perigosa. Só que ainda não sabíamos o que, ou quem, era aquilo. Tínhamos apenas suspeitas teóricas. Já a segunda parte da história — cujas evidências todos pudemos ver — era a mais preocupante no momento. Quando Derik terminou seu relato, percebi

a troca rápida de olhares entre Carlo e Clem. Em seguida ela olhou para todos e depois para os próprios dedos.

— O que acha que pode ser, Carlo? — ela falava sem levantar a cabeça da mesa.

— Difícil de dizer, apenas observando superficialmente. Praticamente impossível — ele decretava e juntava as mãos também. — Não preciso afirmar que nunca vi nada semelhante antes. Apesar das amostras que coletei para os exames químicos e patológicos, ainda terei que realizar exames anatômicos nos corpos. Buscar mais a fundo por provas que estejam ocultas nos cadáveres, e que só uma perícia legista pode fornecer.

— Fala de uma autópsia? — Derik parecia surpreso.

E com razão. Isso seria uma situação impensável em outros tempos, porque todos nós só conhecíamos uma maneira de matarmos uns aos outros. Não havia mistérios sobre ela.

— Sim, isso mesmo — Carlo confirmava. — Preciso descobrir o que os atingiu e os matou e como isso aconteceu, já que ninguém de seu clã foi testemunha ocular do fato, e de que maneira os corpos ficaram naquele estado — sua respiração ficou mais pesada. — E preciso ser rápido, antes que se desfaçam mais e não haja material para análise alguma.

O pomo de adão de Derik subiu e desceu, enquanto procurava apoio para os braços na mesa.

— Entendo — sua voz era puro pesar. — Lamento não ter vindo antes, quando as... condições deles eram melhores — sufocou um gemido baixo. — Sei que isso facilitaria seu trabalho, Carlo, mas temos tido ainda mais problemas depois desse. Os ataques continuam, mais humanos desapareceram, agora em outros pontos da Noruega, Suécia e Finlândia — fez uma pausa pequena. — Garret e Leona mobilizaram todos os aliados possíveis, mas ainda não conseguimos pegar nada, e dadas as evidências... — seu tom ficou sombrio. — Podem entender o tamanho do temor que se abateu com essa notícia sobre os clãs nórdicos. Pela primeira vez, em muito tempo, estamos enfrentando algo que desconhecemos e que representa um perigo real, Clementine. Algo contra o qual nossas habilidades parecem inúteis.

Sim, inúteis. A palavra causou desconforto geral. Em muitos séculos, desde que cada um aqui passou por sua sina, toda a nossa realidade estava baseada no que podíamos fazer com o que nos foi dado. E o medo humano da morte era algo que deixou de fazer sentido. Talvez, por isso, a ideia de perecer, de uma forma diversa da que conhecíamos, sem nenhuma defesa aparente, era estranha e confusa. Matar e morrer, entre nós, dependia da força e luta individuais. Algo que não parecia ter a menor importância diante dos fatos.

— Onde estão ocorrendo os ataques agora, Derik? — perguntei.

— Várias áreas, Robert — ele confirmava. — A princípio foram pequenos povoados afastados, onde nós mesmos nos alimentamos — uma sensação de ardência na garganta me afetou nesse momento.

Os clãs nórdicos se alimentavam de sangue humano e senti uma necessidade me consumir de dentro pra fora. Primitiva e voraz! “*Você também tem esse direito. Nada pode mudar o que é.*” Lutei contra a voz e afugentei o pensamento e a secura na boca para me concentrar em seu relato.

— Depois eles começaram a ser mais ousados. Oslo, Estocolmo, Helsinque, sempre à noite e em locais com grande fluxo de humanos. Os jornais têm noticiado os desaparecimentos com frequência e a população anda aterrorizada, com medo de sair às ruas.

Atacando nas capitais. Não era algo que um vampiro discreto, que quisesse apenas se alimentar, faria.

— E tem mais — Derik continuava. — Os últimos ataques aconteceram, de forma concentrada, em Helsinque, na Finlândia, onde a fronteira norte fica mais próxima com a Rússia.

O norte. Realmente, essa informação tem um significado peculiar. E traiçoeiro.

— Acha que Amos está envolvido nisso? — perguntei à queimadura.

Derik parecia relutar em expor sua opinião. Acusações sem provas podiam ser fatais, e cada grupo tomava muito cuidado com o que dizia sobre o outro.

— É difícil afirmar — começou com cautela —, mas os rastros que pegamos, e foram muito poucos, apontam rotas de fuga pelo território deles. Claro, pode ser apenas uma coincidência — apressou-se a concluir. — Dadas as posições geográficas dos acontecimentos, a rota norte seria mais óbvia numa fuga. É uma região que facilita a perda de rastros — Derik mexeu-se pouco à vontade. — O que nos deixa de pés e mãos amarrados.

Franzi a testa ao pensar em suas palavras. Realmente, ninguém gostaria de entrar em atrito com Amos e sua família. Conviver perto deles não era um privilégio, e todo cuidado, mesmo o menor, ainda podia ser pouco. Os clãs nórdicos sabiam com quem lidavam, o *inimigo* ficava em suas fronteiras, louco para atacar caso algum *deslize* fosse cometido imprudentemente, ao menos na opinião dos Leviatãs.

— Além disso — Derik continuou —, Lúcio já sabe de tudo. Os desaparecimentos, o corpo que entregamos às autoridades, e está exigindo providências ou pedirá um Conselho. Mais um!

Acenei com a cabeça. Esse tipo de atitude não era novidade, partindo do Megister Lúcio. Ele jamais seguraria a batata quente nas mãos.

— E deseja nossa ajuda, Derik? — Clem finalmente abriu a boca.

A postura do homem loiro mudou e seu incômodo era visível. Abriu os braços e soltou o ar de um jato só.

— Eu não gostaria de pedir isso, Clementine. Sinto muito. Não quero expô-los ainda mais — desculpava-se por antecipação —, mas a situação está tomando um vulto muito grande. Todos estão plantados nas fronteiras e mesmo assim eles passam por nós, como fantasmas! — sua voz era inconformada. — E os ataques são de puros, não temos dúvidas — acrescentou de forma incômoda. — E os únicos naquela área são os Leviatãs.

Clementine absorvia a informação com os olhos semicerrados.

— Você já nos ajudou antes, Derik. Jamais recusaríamos seu pedido — ela garantiu. — Mas creio que apenas ir ao seu território não será suficiente dessa vez. Tivemos experiências semelhantes na Romênia e os resultados não foram animadores.

— Eu sei disso, Clementine, também percebemos que só vigiar e perseguir não está dando resultados — Derik ressaltou. — Por isso estabeleci uma estratégia que pode fazer a diferença dessa vez. Mas para isso vamos precisar da ajuda do seu clã, dos materiais de que dispõe — olhou todos.

— E o que tem em mente? — perguntei, uma súbita curiosidade dominando meus pensamentos.

Derik havia sido um guerreiro nórdico quando humano, e sua mente militar tinha as condições perfeitas para agir. Enquanto relatava seu plano, minha cabeça fazia os ajustes que julgava necessário. Era uma ideia bem ousada, mas poderia dar certo se tudo fosse cronometrado.

— Excelente, meu amigo — cumprimentei com o reconhecimento de um militar para outro. — Mas acho que posso dar algumas sugestões para fecharmos melhor esse cerco... — repassei seu plano, incluindo os ajustes que visualizei.

Com meu adendo ao plano de Derik, mais algumas sugestões que partiram de Carlo e Josh, Clementine assentiu e levantou-se.

— Certo. Se fizermos tudo como combinamos, poderemos pegar dois coelhos com uma pedrada só — seu dedo apontava para a mesa. — Mas vamos precisar de mais reforços. Apesar de o que aconteceu na Romênia ainda ser muito recente, acredito que Bóris estaria disposto a ajudar. Isso significaria muito para ele — olhou para Derik.

O silêncio ficou pesado no ar.

— Sei o que quer dizer — Derik comentou. — Mas teremos um problema, Clementine: território de caça — ele movimentava as mãos sobre a mesa. — Sabemos dos hábitos que vocês possuem e isso não afetaria o equilíbrio. Mas os romenos são puros. Isso pode afetar nossa relação com Lúcio e com a Ordem, se eles perceberem algo fora do normal — olhou todos. — Não posso garantir quanto tempo essa caçada irá tomar.

Senti meu estômago embrulhar. Tempo! Mais uma empreitada que demandaria semanas, talvez meses, e que me afastava do meu objetivo. Soltei disfarçadamente o ar. Quanto tempo mais teria que aguardar? Até quando ficaria na expectativa de que alguma coisa

mudasse, que as ocorrências cessassem no continente Europeu, e eu pudesse ficar livre para ir atrás do que realmente me interessava? Da razão que me fazia aguentar, um por um, todos os obstáculos que se apresentavam, sem descanso, à minha frente? Torci os dedos das mãos sob a mesa, ao mesmo tempo em que minha boca ficou seca. Como um pássaro numa gaiola, esperava o momento em que a porta iria se abrir, num passe de mágica, e eu voaria livre com rumo certo. O caminho que me levaria até ela, outra vez. Minha garganta se contraiu. Precisava de uma dose do soro. “*Você sabe do que precisa. O que lhe faz falta. Não é a humana que o abandonou*”. Franzi a testa com força, rejeitando a voz que se insinuava.

— Não creio que Bóris e os Ekiiminus representem riscos em relação aos hábitos — a voz de Clementine me trouxe de volta. — É uma ameaça que não pode ser vista precisa de uma arma igualmente invisível — ela ponderava. — Se permitir esse ajuste no acordo, eu me encarrego dos detalhes com Bóris.

A indecisão estampou o rosto de Derik.

— E se o problema for Garret — Clementine atirou e acertou o alvo —, não será difícil convencê-lo. Já fiz isso antes — dobrou um pouco o corpo para a frente. — Temos um acordo, Derik?

— Muito bem, que seja desse jeito então — soltou o ar, aliviado, e levantou-se também, completando em seguida. — Quem virá comigo?

— A princípio creio que Josh, Robert e Eric seriam os mais apropriados — o olhar de Clementine voltou-se para Carlo. — Será melhor que fique, para realizar os exames necessários nos corpos. Quanto antes soubermos o que é isso e descobirmos como nos defender, melhor — virou-se para Morgana. — Nós duas vamos por último, assim poderemos completar o plano de Derik sem levantar mais suspeitas.

Os olhos azuis de Morgana brilharam de satisfação. Já fazia algum tempo que andava entediada. O cargo de *babá de humanos*, como Cínthia reclamava, também não agradava a ela. Os outros concordaram com as decisões, apenas Eric ficou tenso. Seu coração martelou quando Clem disse que iria conosco. Eu bem sabia o motivo. Assim que tudo ficou decidido, nossa próxima etapa foi reunir o material para a empreitada. Carlo separava o necessário, Josh e eu

guardávamos cada um dos produtos e ouvíamos sua explicação com cuidado.

— Lembrem-se — segurava alguns frascos diferentes nas mãos —, se o que Robert e Derik falaram se repetir, já sabem o que devem fazer — seus dedos giraram um pequeno vidro com rapidez, demonstrando o efeito que causariam. — Significa que nossas suspeitas são verdadeiras — recolocou o vidro no lugar. — Ajam rápido, terão apenas o tempo de um clarão.

Colocávamos tudo dentro das bolsas quando Carlo virou-se para mim.

— Traga as armas antes de partirem. Preciso prepará-las — me passou uma caixa metalizada, dando um tapinha nela. — Clem e Morgana vão levar mais depois, por hora creio que vai ser suficiente.

Soro. Estaríamos em território alheio e sentir sede e fome em demasia não seria bom, apesar dos acordos firmados. Só a imagem, breve por sinal — um território de caça onde os clãs não se importavam em se alimentar dos humanos, nem sentiam escrúpulos ou remorsos por isso —, fez minha mente ficar leve e aumentou a secura da língua. Por segundos, a lembrança do gosto único do sangue humano, que um dia alimentou meu corpo e saciou minha alma atormentada pela incerteza, nublou meus pensamentos com força e ampliou os sentidos mais primitivos. Respirei fundo para procurar algum sinal de sanidade e controle, e burlar a forte sensação. *“Até quando irá se impor esse suplício? Até quando?”*. Apertei a ponte entre o nariz e os olhos, a voz se insinuava, dolorosa.

Quando acabamos, subi até meu quarto, onde guardava as armas, com uma pressa fora do normal. Passei pela porta aberta, apenas para sentir os olhos do quadro que me seguiam pelo aposento. Tive que parar um momento para olhar as íris castanhas, os cabelos escuros e o corpo vestido com um casaco de inverno creme, envolvida por uma profusão de rosas, cuja beleza nem se comparava à que vinha da sua figura. A dor me fez ficar ofegante. Deixei meu corpo tombar na cama, onde vivi tantas coisas com ela. O som da sacola de armas, que caía no assoalho de madeira, era leve e sinuoso, e minha cabeça vagou pelo passado naquele instante.



A tarde estava clara, era verão. Nós estávamos deitados, os corpos se tocando devagar, sem pressa. Quando terminei de falar, ela se moveu para apoiar meio-corpo no cotovelo. A ruga brincou em sua testa e o olhar se perdeu na parede em frente. Sinais de choque, tristeza e preocupação tingiram sua voz.

— Então foi assim... — Laura absorvia o meu relato.

Acariciei seus cabelos, nunca me cansava de passar os dedos entre eles.

— Foi...

Por um momento ela balançou a cabeça, concordando devagar, e voltou a olhar para mim.

— Meu Deus. Tanto sofrimento... e ele era tão jovem! Não é à toa que enlouqueceu por algum tempo.

— Eu sei — aspirei o perfume dos cachos nas minhas mãos. — Entende agora qual o dilema dele?

Ela não respondeu, apenas voltou a olhar a parede, com uma expressão vazia. Aquilo me deixou apreensivo. Não por mim, que já tinha tudo o que um homem poderia querer na vida estando ao lado dela. Mas por Eric, pelo que poderia acontecer na hora da revelação.

— Acha que Cínthia não vai entender?

Seus olhos castanhos voltaram para meu rosto e senti que nem todo o sol, que brilhava lá fora, poderia ter mais luz do que eles.

— Quem pode adivinhar? — Laura dizia, um leve sorriso no rosto. — Cínthia é totalmente imprevisível, até para mim — deitou a cabeça no travesseiro. — Quando penso que pode surtar, ela simplesmente pega o *gloss* e retoca a maquiagem — riu suavemente, enroscando-se em meu ombro.

Aproveitei e puxei-a para mais perto. O toque da sua pele na minha era algo de que nunca queria abrir mão na vida, provocando *outras* sensações. Laura suspirou com o contato, voltou o rosto devagar, procurando minha boca. O beijo durou algum tempo, delicado, depois aumentou de intensidade até que o nosso milagre pessoal se repetiu. Quando a noite caiu, continuávamos lá, nenhum

dos dois tinha pressa de sair. O vento quente balançava as cortinas e criava formas variadas com seu movimento. Meus dedos estavam enroscados em seus cabelos e sua mão alisava meu peito. Então, sem motivo aparente, Laura começou a rir baixo. Levantei a cabeça.

— O que foi? — a curiosidade me dominou, além do agradável som da risada.

— Fiquei imaginando uma coisa — olhou para mim, rindo, os olhos vermelhos criando um contraste chocante com a pele branca. — Acho que sei o que vai acontecer, pelo menos em parte, quando Eric contar essa história.

— E o que vai ser? — me senti encorajado pelo tom de voz.

Laura torceu os lábios para o lado, num sorriso, enquanto mordida a ponta deles com os dentes. Era um visão e tanto! Por muito pouco não interrompi sua explicação para me apoderar daquela boca.

— Cínthia vai entender o problema todo, disso tenho quase certeza. Entretanto... — e seus dedos passearam pelos meus lábios, provocando ainda mais o meu controle, já tão frágil. — Não acho que será complacente com a parte do casamento dele. Isso ela não vai entender mesmo!

Tentei defender Eric, por camaradagem masculina.

— É arriscado, eu sei. Mas era o povo dele, a tradição que seguiam. Se ele agisse diferente, não seria considerado um homem na sua sociedade. Era necessário — meu tom procurou a seriedade do assunto.

Ela levantou o corpo e me olhou, semicerrando os olhos, mordendo mais os lábios. Que tortura!

— Sei... do mesmo jeito que era necessário dormir com cortesãs na Idade Média para ser considerado um homem de seu tempo, *mon Chevalier* Robert? — tamborilou os dedos na cabeceira da cama.

E lá estava ele de novo: o ciúme. O sentimento que deixava sua boca ainda mais apetitosa por causa da curva que os lábios faziam em seu sarcasmo, me deixando louco! Seria pedir demais que tivesse algum controle nessa hora e não a puxasse, cobrindo de beijos famintos aquela parcela da mulher que eu amava.

— Quer *mesmo* desperdiçar tempo com uma discussão sobre algo que aconteceu há seiscentos anos? — falava e beijava, ao

mesmo tempo deitando seu corpo, sem resistência, e cobrindo-o com o meu. — Ou posso mudar de assunto?



Quando pisquei outra vez, ainda estava lá, sentado na cama vazia, a boca seca e a garganta inchada. Havia caçado ontem, mas era como se estivesse vazio de tudo. A sede ficou forte, e, antes que a voz retornasse para me atormentar com suas sugestões, estiquei a mão para a ampola rosada na cabeceira da cama e, mecanicamente, injetei no braço. Mas aquilo e nada pareciam ter o mesmo efeito. No quarto ao lado ouvia a voz de Cínthia elevar-se e seu coração bater rápido.

— Mas por que você tem que ir agora, Eric? Não pode ir depois, com Clem e Morgana? — a nota de medo estava lá.

Eric suspirava, e seu coração também estava descompassado e rápido.

— Não dá, amor. Se não for com eles agora, vou estragar todo o plano — dizia, mas seu tom era contrariado. A vontade de ficar o deixava assim. — Prometo que volto, eu juro! — o beijo foi alto.

— É bom mesmo! — Cínthia chorava. — E avise Rob e Josh que se não tomarem conta de você, se algo acontecer por lá, não vai ser preciso que eu vire uma vampira pra acabar com eles! — soluçou.

O som de um abraço, acompanhado de uma nova promessa de que voltaria a salvo, inundou o quarto. Meus olhos fitaram o quadro.

— E você, quando volta? — perguntei num sussurro baixo. — Algum dia vai voltar? — minha voz tinha o dolorido tom da dúvida. — Ou será que tudo o que vivemos não foi o suficiente para que ficasse do meu lado? — a crítica marcava fundo as palavras, e me arrependi delas logo em seguida.

— Não devia fazer esse juízo dela — as palavras e o cheiro me alcançaram ao mesmo tempo. Clementine estava em pé, na porta. — Desculpe, estava aberta, não pude deixar de ouvir.

Ambos sabíamos que era um eufemismo. Mesmo que estivesse fechada, ela teria ouvido. Parou ao meu lado, demorando o olhar em

mim.

— Mais soro? — seus olhos eram cautelosos.

— Apenas para adiantar pela viagem — tentei dissimular. — Os outros estão prontos?

— Só esperando por você.

Num único movimento peguei as armas. Antes de deixar o quarto, olhei mais uma vez a pintura na parede. Dadas as circunstâncias atuais, poderia ser a última, e guardei cada detalhe na memória. Clementine seguiu meu olhar.

— Não acha melhor... guardar esse quadro por algum tempo? — sua voz hesitava, uma coisa rara de acontecer. — Pouparia você de muita coisa.

— Você guardaria o quadro de Quincey e Marguerite para ser poupada?

Ela não respondeu, surpresa pela minha ousadia. Nunca tocava nesse assunto tão abertamente. Me senti, de repente, um grosso e insensível, além do tolerável. E a vergonha fez minha língua se trancar dentro da boca. Clementine apenas suspirou e acenou para a porta. Fomos num ritmo humano, passo a passo, sem pressa.

— Conseguiu falar com Solomon? — perguntei devagar, me sentindo péssimo pelo que fiz.

— Não — ela respondeu num tom neutro. — Apenas com Shiloh. Solomon foi para o Rio de Janeiro, estão tendo problemas com nômades por lá, ao que parece. Ele chamou José e Bernardo, e Cecília tem aliados na cidade — sua testa se enrugou com a informação. — Assim que voltar, Shiloh fará com que ligue para nós. Mas não pense nisso agora. Eu vou saber o que está acontecendo, tenha certeza disso. Por ora, precisamos fazer o que é necessário — parou para me olhar. — Algo muito perigoso está a nossa espreita e, se não tomarmos cuidado — sua mão tocou de leve no meu rosto —, talvez Laura não tenha para quem voltar.

O toque dela me surpreendeu. Clementine estava com medo! Isso era quase tão inédito que me fez paralisar no lugar. Sabia reconhecer o sentimento vindo dela, a preocupação, o instinto protetor. O medo de perder alguém que amava. Cada uma das facetas de minha irmã era clara para mim, mesmo que nublada para os demais. Peguei a

mão que estava em meu rosto e beijei com calma, sentindo um aperto na garganta. Nesse momento, experimentando o desamparo pelo desconhecido, Clementine lembrava a pequena irmã caçula de outrora, de face corada pelo sol, e cachos castanhos que o vento balançava no verão. A donzela que eu fingia proteger, como um cavaleiro, durante nossos jogos de infância, salvando-a dos invasores bárbaros ou dragões imaginários, como a princesa de um castelo.

— Ela vai ter para quem voltar, eu prometo — tentei acalmá-la, afagando de leve seus dedos. — E você também não precisa se preocupar. Estarei bem — apertei sua mão.

Derik, Josh e Eric me aguardavam. Cínthia estava com os olhos vermelhos pelo choro e cravados em mim. Morgana estava tensa. Carlo se adiantou para pegar as armas e fez o que era necessário com elas. Quando tudo ficou pronto, acenei para eles.

— Vamos!

O sol estava se pondo quando deixamos a mansão naquela tarde de verão.

Ravena – Itália – final de verão

— As lacerações foram profundas — o médico dizia, aplicando outra seringa no local. — Teve sorte de não alcançarem o cérebro. Mais alguns centímetros e sofreria perda de massa encefálica, e então, puf! — fez um gesto simbólico com os dedos.

Enzo não respondia, nem se mexia. Nenhum sinal de que estava sentindo dor transparecia da figura deitada na maca cirúrgica, apenas o brilho de um ódio intenso escapava do único olho que lhe restava agora e denunciava os reais sentimentos do gigante mestiço. *O ódio é bom*. Alimenta, dá forças. Nos dá vontade de continuar, até que o objeto desse ódio esteja diante de nós e possamos consumir a vingança inevitável. Enzo era, agora, uma máquina de matar. Muito mais letal do que antes, focado e concentrado em seus objetivos. O ódio era tão forte quanto o amor. E ainda maior do que o desejo! *A filha de Solomon está com os dias contados*. O pensamento me fez

sorrir com o canto dos lábios. Visualizei sua forma minúscula sendo destroçada pelas mãos de Enzo, tendo a coluna partida e os membros quebrados, da mesma forma com que ela quebrou e mutilou alguns dos meus homens. Mas, antes que fosse morta, imaginei os suplícios a que ela seria submetida quando Enzo a pegasse. Poderia até sugerir alguns, muito repugnantes para ela, mas extremamente prazerosos para ele. Sim, havia muitas maneiras de se humilhar uma fêmea, torcer seu espírito como se faz com o pescoço de uma ave, dobrá-la até que chegasse ao chão e implorasse para morrer.

E Enzo iria matá-la, disso eu não tinha nenhuma dúvida. Mas, se fosse esperto e paciente, tiraria muito prazer antes. Ele a usaria como se deve usar uma mestiça, pura e simplesmente para nossa diversão, como todos eles têm permissão para usar as que vivem aqui, esperando o chamado que devem atender, sem pestanejar. Foram criadas para isso. Elas eram o descanso dos guerreiros da Ordem. Mas, antes que Enzo liberasse sua força homicida numa caçada pessoal, eu ainda precisava dele. E tinha que deixar isso muito claro.

— Para onde acha que foram? — perguntei, enquanto o médico selava o buraco na órbita com um curativo e abaixava-se para cuidar do joelho inchado e arroxeadado.

O movimento de cabeça para me olhar foi o primeiro que Enzo fez, desde que se deitou.

— Não tivemos como saber, senhor Avelar — sua voz era agarrada. — Quando os Asanbosans chegaram, foi tudo muito rápido. Eles tiraram a mulher dos meus braços e nos perseguiram pela mata cerrada — seus punhos se fecharam nessa hora, mais de raiva do que de dor pelos cuidados do médico. — Conseguimos despistá-los no Paraguai, depois que pegaram outros três. Os garotos lutaram bem, mas contra os Asanbosans nossa força não vale nada — trincou os dentes. — Conseguimos nos esconder e fugir pela manhã, seguindo pela Argentina e Chile. Não nos demoramos por lá para não atrair mais atenção, além do que puderam perceber.

Os músculos da minha face saltaram em contrações rápidas. Agora o clã brasileiro e africano teriam suas suspeitas ou confirmariam fatos. Eu podia esperar duas reações nesse momento:

entrariam em contato, para denunciar o ataque, ou ficariam em silêncio, se estivessem com intenção de proteger Laura. Ambos os casos eram preocupantes. O primeiro envolveria muita discussão e burocracia. E aborrecimento. O Megister da América, Kennedy, era atento a tudo, mesmo ao que não lhe dizia respeito. Uma reclamação por parte de Solomon e ele iria exigir respostas, e silenciá-lo demandaria muito trabalho. O segundo caso era ainda mais urgente. Com a proteção do clã de Salah e dos Asanbosans, seria mais difícil alcançar Laura pelos meios que eu dispunha. Movimentar outra grande quantidade de mestiços, nesse momento, seria idiotice, e a localização dela agora se tornava mais incerta do que antes. *Merda! Se não fosse pela intromissão dos Asanbosans...*

Enzo a viu, a teve nos braços. Laura poderia estar aqui, agora, aguardando indefesa que seu destino se cumprisse. *E enquanto esperava...* pensei, com um súbito tremor de satisfação me percorrendo a espinha, *eu poderia usufruir dos encantos dessa mulher por algum tempo ainda.* Decifrar os enigmas por trás da pele cheirosa, dos olhos e cabelos castanhos, do corpo magnífico, procurar entender o fascínio que ela exercia sobre os machos das muitas espécies. Em apenas pouco tempo ela havia se tornado o objeto do desejo e cobiça de um metamorfo, um puro e de dois humanos influentes. Sorri. Seria o êxtase total poder imobilizá-la nos braços e sujeitá-la à minha vontade, embora ansiasse por tocar sua pele fria antes da conversão. De certa maneira, era bom que Laura tivesse retomado sua condição humana, assim eu não precisaria de ajuda quando nosso momento chegasse, não correria riscos desnecessários a minha segurança.

Hummmm, não. Não caia no mesmo erro de Enzo. Mesmo não sendo mais uma metamorfa, a amante do Di Feveré foi capaz de tamanho estrago. Observei o médico drenando o pus e o sangue da ferida infeccionada no joelho, o fedor se espalhando pelo cubículo. Laura era bem mais que uma humana indefesa. Se Enzo não teve sucesso em sua caçada foi por tê-la subestimado, outra vez. Eu conhecia o temperamento orgulhoso e másculo dele. Devia tê-la encarado como mais uma das humanas que já possuiu, à força ou não, quando bem entendeu, e das quais se alimentou depois, evitando

o risco de gerar filhos indesejados. E tal humilhação colocava Laura em sua lista de futuras vinganças pessoais também. Teria que fazê-lo concentrar sua raiva homicida apenas na filha de Solomon, trabalhar isso na personalidade dele, canalizar a energia destruidora para que ficasse focada na mestiça brasileira, deixando de lado o desejo por matar a mulher mais valiosa da Terra, para mim, de uma forma e de outra. Quando finalmente terminou seu trabalho, o médico retirou as luvas.

— Você ficará bom em poucos dias — jogou-as no lixo. — Seu metabolismo irá ajudar. Mas, por enquanto, sugiro que fique um pouco mais *parado* — olhou para mim. — Nada de caçadas ou exercícios violentos. Quanto a isso — apontou o olho vazado —, posso providenciar uma prótese, se desejar... — deu de ombros. — Verei o progresso de sua cicatrização em dois dias.

Enzo sentou-se assim que o médico saiu. Seu olhar era envergonhado, ele não me encarava de frente.

— Perdão, senhor — falou devagar. — Falhei em minha missão, com a obrigação que me foi dada. Não sou digno de seu respeito agora. Traí sua confiança. Estava com ela em minhas mãos e não fui capaz de resistir aos inimigos. Deixei que soubessem que eu estava lá — me fitou com seu único olho. — Se desejar que eu me vá, que leve embora comigo a vergonha da derrota, não irei questioná-lo. Aceito sua decisão como meu mestre.

Encarei Enzo e quase gargalhei. Que homem, em seu juízo perfeito, desperdiçaria tamanha devoção e força em um escravo? Pois era isso o que Enzo representava para mim: um escravo, encontrado vagando pelas ruas da Itália, se banquetando de mendigos e bêbados, sem eira nem beira, um mestiço que convenci — ainda como um jovem iniciado — a se juntar à Ordem, prometendo que no futuro, quando ascendesse ao meu posto legítimo de Mathesis, teria regalias e privilégios além do imaginado para alguém em sua posição: uma criatura que poderia ser morta por um clã de vampiros, sem ninguém além de mim. Apenas algum tolo, sem o controle de suas funções mentais, deixaria essa oportunidade passar em branco. E eu não era esse tolo.

— Você agiu mal, Enzo, muito mal! — repreendi com estudada autoridade e raiva. — Eu lhe avisei para tomar cuidado! Que não se deixasse ver pelos clãs, que não fosse surpreendido por ninguém — caminhei de um lado para o outro. — Nosso maior trunfo era o segredo, a estratégia era a surpresa e nossa arma, a superioridade — bati com o punho fechado na mesa de instrumentos médicos. Duas pinças caíram ao chão. — Agora, graças a você, perdemos dezessete homens! Dezessete! — esbravejei. — E os que voltaram vieram aos pedaços — aponte para seu corpo. — Como acha que eu estaria, hein? Que ficaria satisfeito? O que direi quando os Megisters me questionarem sobre os fatos ocorridos? — andei outra vez. — Não estou numa situação confortável agora, Enzo, e você é o responsável por tudo isso. Era o líder de seu grupo, dessa missão!

Enzo fechava os punhos com força e seu rosto ardia de vergonha, ficando vermelho até os cabelos. Sufoquei o riso histérico para continuar com o teatro. Em meu palco eu era o ator principal, e meu personagem tinha que ser convincente.

— Graças a você, terei que pensar em outras estratégias. Buscar alternativas para terminar o que mal conseguiu começar! Por Deus, Enzo! Seu único trabalho era pegá-la e trazê-la de volta. Será assim tão difícil arrastar uma mulher pelos cabelos? Uma humana? — aponte para seu olho. — Quanto à mestiça que o atacou, a filha de Solomon, esta sim merece toda a sua atenção — seu corpo mudou de postura. — Quando conseguirmos descobrir para onde levaram Laura, quando ela estiver comigo, a salvo, então poderá fazer o que quiser com a garota. Dê a ela o que merece — a gula brilhou em seu único olho. — Não me importo com o que fizer, será toda sua. Apenas faça-a ver que não se deve menosprezar um homem, muito menos um mestiço da Ordem. A garota será sua recompensa, Enzo, mas somente depois que conseguirmos pôr as mãos no prêmio principal!

O sorriso retorcido dele era a prova de que estava satisfeito com nossa conversa. De hoje em diante, Enzo se multiplicaria em mil, se fosse necessário, para alcançar os meus objetivos. E, com isso, atingir o dele.

— Agora vá! — ordenei rudemente. Não abriria um precedente para que pensasse que eu me preocupava com sua segurança. —

Veja se coloca um pouco de lucidez nessa cabeça dura, e trate de buscar maneiras para resolvermos a questão principal: para onde levaram Laura — sorri maliciosamente. — E quando a encontrar para mim, achará também a garota do clã de Salah.

O gigante moveu-se, ainda mancando, para fora do cubículo. O alojamento dos mestiços ficava em outro anexo, distante dali. Inspirei fundo, apenas para o cheiro do álcool e iodo arderem em meu nariz e minha garganta. Quando cheguei em minha sala, fui direto para a garrafa. Me servi duas vezes, antes de olhar para a mesa. A pasta preta chamou minha atenção. Dentro dela estava o mapa, num grande amontoado de riscos e pontos, todas as coordenadas precisas que eu havia solicitado. Estava quase completo. Lia sem dificuldade, decifrando cada um dos rabiscos. Apanhei o *tablet* e baixei o mesmo modelo que estava em meu servidor pessoal, comparando-o com o antigo entregue por Pietro semanas antes, sobrepondo-os. Alguns pontos haviam mudado recentemente. E mudariam ainda mais até o final. O relógio já estava correndo. Meu tempo estava se esgotando. Um tempo precioso demais para se perder. Havia mais partes a serem montadas nesse quebra-cabeças. Tomei outra dose e peguei o telefone. Estava tenso demais, precisava relaxar. Tocou até cair na caixa postal, sem nenhuma saudação. Olhei para o relógio. Era noite. Maia deveria estar caçando. E com certeza Heather estaria com ela. Bati o fone com raiva no gancho após a segunda tentativa.

Merda! Teria que esperar que voltassem. Engoli o uísque de uma vez. Poderia chamar uma das mestiças do alojamento, mas elas eram quentes, como humanos. Desagradáveis demais ao toque. Eu ansiava pela pele fria e pelo risco que ela representava: o de nunca saber se sairia vivo ou morto. Aquilo, sim, era o auge do êxtase e do prazer. Disquei mais uma vez. Caixa postal. Meu corpo latejava de insatisfação e podia sentir o volume do meu desejo crescendo. Não conseguiria esperar e pressionei o botão. A porta interna se abriu e uma jovem loira entrou timidamente. Com um gesto agarrei-a pelo braço e tombei seu corpo sobre a mesa, espalhando os materiais de escritório ao redor. Rasguei em trapos sua roupa, enquanto abria apressadamente o zíper da calça.

— Não se mexa! — ordenei com um gemido rouco e abafado.

Investi meu corpo contra o dela com fúria, arfando e gemendo. Ela me obedeceu e não se moveu, nem um centímetro. Por alguns minutos esse ritmo se manteve, inalterado. Eu forçava mais e mais, até um movimento mais forte, profundo, pôr um fim a tudo. Apoiei a mão na mesa com força, buscando controlar a respiração e pulsação latejantes. Por ora, isso serviria.

— Saia daqui! — falei para a mestiça.

Ela pegou seus trapos num piscar e desapareceu. Encostei-me pesadamente na poltrona, pegando a garrafa e enchendo o copo. Após o segundo gole disquei outra vez. Ainda estava na caixa postal.



O corpo forte tombou de lado, a respiração acelerada e o suor banhando sua testa. Ele não era humano, seu cheiro não era muito bom. Mas era quente! Agradavelmente quente. Arranhei seu peito com as unhas, vendo o desejo voltar a tomar conta do seu corpo incansável. Diferente dos machos humanos, que precisam de tempo para *repor* as energias. Sim, muito diferente.

— Não devíamos mais fazer isso! — ele arfava ao falar.

Ignorei seu comentário indelicado, voltando minha boca para a pele do seu pescoço. Passei a língua desde o queixo até a orelha e sussurrei:

— Tem razão, poderíamos fazer de outro jeito — mordi o lóbulo. Uma gota de sangue escorreu e a lambi. O gosto não era bom, mas disfarcei. — Conheço muitas posições. É só você escolher.

Por um momento ele pareceu se render, mas então sentou-se e colocou a cabeça entre as mãos. Quando voltou a me fitar, seu único olho brilhava de desejo... e frustração.

— Não quero trair o mestre Avelar! — Enzo gemia e sufocava, enquanto minhas pernas se enroscavam em seu quadril, forçando-o a se deitar outra vez.

Fiquei por cima, olhando-o envolvido pelos meus cabelos dourados, segurando seus pulsos.

— Não é uma traição, não veja dessa maneira, Enzo — movimente a pélvis de encontro à dele. — Afinal, não se pode trair alguém, tomar dele alguma coisa que não possua realmente — abaixei a boca. — E ele não é meu dono! — beijei-o com força, movendo meu corpo com fúria e tomando-o para mim.

Seu gemido de rendição foi alto e as horas se passaram nesse ritmo. Quando estava mais do que satisfeita — pelo menos por enquanto —, levantei-me e o encarei. Senti uma súbita pena pelo ferimento. O rosto de Enzo era muito bonito, para um mestiço. Ele roçou os dedos pela pele dos meus seios e esse contato foi elétrico. Muito provocador. Voltei meu corpo para junto dele, puxando-o com as mãos, enquanto minha voz tomava a cadência cálida e tímida da entrega.

— Estou feliz que tenha voltado — sussurrei. — Senti sua falta. Nada se compara a você — passei os lábios pelo seu queixo. — Queria ter estado lá, onde foi. Jamais deixaria que te machucassem desse jeito! — meu tom era de indignação misturado a paixão.

Enzo parecia desorientado demais para raciocinar. Meu dedos exploravam seus pontos mais sensíveis. Eu conhecia todos.

— Também senti sua falta, Maia — ele entregou, num gemido rouco. — Muita! — sua boca achou a minha.

O beijo durou alguns minutos, suficientes para amolecer seus músculos mais um pouco.

— E então? — disse devagar, subindo e descendo pelo corpo dele. — Onde você esteve, e o que aconteceu, meu querido? — juntei as pernas em seu quadril moreno.

O suspiro foi baixo, assim como a história sussurrada. Detalhe por detalhe. Ao acabar de contar, Enzo mereceu as próximas duas horas em que me entreguei a ele. Estava vestida e arrumava os cabelos, quando ele me enlaçou por trás. O desejo forte em seu corpo delgado. Uma tentação. Muita mesmo.

— Agora não — falei com voz sedutora enquanto o beijava. — Preciso ver Avelar. Ele deve ter tentado me achar.

As mãos de Enzo ficaram restritivas e seu corpo enrijeceu. Mas de raiva.

— Calma — falei. Precisava manter as coisas a contento. — Isso é apenas um detalhe, já conversamos — passei as unhas em seu peito. — Vamos manter assim por enquanto — beijei sua boca aberta, roçando meus dentes salientes em seus lábios. — Eu vejo você em breve, muito em breve — mordi seu pescoço, afundando as presas. Ele gemeu, deliciado, deitando-se a um comando.

Cacei mais do que o necessário para livrar minha boca do gosto nojento de sangue mestiço. Aquela tarde tinha sido movimentada até o crepúsculo e precisava de energia. Ainda teria a noite com Avelar. Três mendigos não fariam falta nas ruas da Sicília, longe da Sede. Quando estava satisfeita, procurei um telefone público e disquei o número. Atenderam no primeiro toque.

— *Você demorou muito* — a voz reclamou.

— A pressa é inimiga da perfeição — respondi no mesmo tom, embora estivesse com um sorriso nos lábios.

O som da respiração era pesado do outro lado do aparelho.

— *Conseguiu a informação?* — a voz questionou.

Meu sorriso se abriu ainda mais.

— É claro...

O vento da noite agitou meus cabelos quando deslizei pelo telhado da mansão, em Ravenna. Parei próximo à janela do quarto. Não havia ninguém. Segundos depois, Avelar abriu a porta e me encontrou na mesma postura da Maja Desnuda, que tanto gostava.

— Pensei que não voltaria da caçada hoje! — reclinou, devorando meu corpo com os olhos. — Por onde esteve?

Deslizei até ele com vontade, beijando-o e abrindo o zíper da calça. Senti o cheiro da mestiça em seu corpo, uma de suas muitas distrações, mas não me importei. Eu também tinha as minhas, só que eram muito mais úteis do que as dele.

— Me preparando para você... — assegurei, arrastando-o para a cama, sentindo sua pele arder em brasa. — E garanto que não vai se arrepender...

Todos os questionamentos terminaram assim que minhas pernas o envolveram. Revirei os olhos, os dentes à mostra, como ele gostava. Na noite quente de Ravenna, o som da respiração de Avelar, ofegante

enquanto me possuía, com raiva e fome, era alto. E a voz atropelada quando alcançava o êxtase.

— Maia...

São Gabriel da Cachoeira – Brasil – final de inverno

O desembarque no porto de São Gabriel foi agitado. Todos queriam descer ao mesmo tempo e os comerciantes estavam em polvorosa para descarregar mercadorias — alimentos e outros utensílios —, que sustentariam a pequena cidade ribeirinha até a próxima viagem do barco--recreio. Os idiomas eram misturados, assim como os tipos físicos, variados a extremos. Enquanto Jarvis providenciava — discutindo e pechinchando — o aluguel de uma pickup 4X4, único modo de percorrer os 80 km até a comunidade Cucui na fronteira com a Venezuela, procurei outro lugar onde pudesse tomar um banho. Nelson e Nazaré foram comigo, as mãos dadas o tempo todo, sem nenhuma timidez impedindo as demonstrações públicas de carinho e afeto. Tive que sorrir. Era muito bonito quando o amor nos alcançava, e ver isso acontecer com pessoas de quem você gosta, que lhe são próximas e caras, era um privilégio. Os dois estavam abobalhados, olhando um para o outro como se estivessem se vendo, com clareza, pela primeira vez, cada olhar trazendo uma surpresa diferente. Eu sabia como era isso, me lembrava do espanto e assombro que a figura de Robert me proporcionava sempre que se aproximava de mim, me tocava ou beijava. Era um brilho novo nos olhos, no tom de voz, na expressão que marcava o sorriso, no pensamento dito em voz alta. E cada lembrança fincava outro prego no meu coração, sangrando mais um pouco uma ferida que nunca cicatrizaria. O remédio para ela estava muito longe, totalmente fora do meu alcance. A realidade da dor era a única certeza que eu tinha, e ela nunca me abandonaria.

Encontramos uma pousada pequena, mas confortável, e pudemos tomar um banho decente, com chuveiro e todas as regalias da

civilização. Quando voltei para a recepção, Nelson e Nazaré olhavam o cardápio. Isso me fez lembrar que não comia há algum tempo e meu estômago roncou. Eles também deviam estar com fome. Um dos funcionários trouxe alguns pratos típicos da região: tapioca com coco, pato no tucupi, matrinxã na brasa — um tipo de peixe do norte —, calderada de tambaqui, peixe moqueado, e o tradicional tacacá — um caldo de goma de mandioca com ervas e camarão. Toda a culinária do Amazonas girava em torno dos animais típicos encontrados nos rios e na mata. Nelson e Nazaré comeram muito, como sempre. Eu me concentrei no matrinxã, estava muito bom, e depois aproveitei para tomar um açaí bem gelado. O calor já queria me afetar outra vez. Foi entre uma garfada e outra que Jarvis apareceu, suado e secando a testa com um lenço, num gesto repetitivo.

— *Maledetti, figli di un cane!*⁵ — esbravejava. — É um absurdo o preço que cobram por qualquer coisa. Só o aluguel de um carro e o combustível para o barco me roeram os ossos! — sentou-se à mesa, pegando um peixe. — Ninguém sabe o que significa desconto por aqui? — mastigava com raiva.

— Acho que *desconto* é uma coisa que se aplica quando a oferta é muita e os consumidores poucos — expliquei com calma. — O que não é o caso por aqui — aponte para os turistas que almoçavam. — A oferta é menor que a demanda. Mas não fique preocupado, doutor, eu o ajudarei nas despesas.

Jarvis acenou com impaciência, enquanto mais peixes sumiam em sua boca.

— Não há necessidade, *Beladonna*, isso é o de menos. O que me irrita é não haver espírito de competição entre os comerciantes. Assim não tem graça!

No local onde Jarvis alugou o carro, nos deparamos com uma potente S-10, modelo antigo, mas bem conservada. Os pneus eram imensos, a cabine dupla, e a lama que se acumulava nos para-choques demonstrava o uso constante do veículo. Com ele, chegaríamos a Cucui e pegaríamos o barco até o Igarapé Tucano. Os primeiros quilômetros pela estrada mostraram como seria a jornada até Cucui. Incontáveis atoleiros faziam o veículo chacoalhar tanto que comecei a me arrepender de ter almoçado. O enjoo era

constante e o calor também. O dono do carro, com traços típicos dos habitantes nortistas, dirigia em alta velocidade, diminuindo apenas nos trechos mais perigosos e difíceis de atravessar. E eram muitos! Não havia placas ou qualquer tipo de sinalização, muito menos policiamento para determinar a velocidade mínima a seguir. Aquilo e um rali eram a mesma coisa.

— Vocês deram muita sorte — o homem dizia. — Nessa época do ano ainda chove pouco por aqui. Deviam ver como esse trecho fica em julho e agosto! — acelerou sobre um barranco de lama. — Chega a demorar mais de seis horas para percorrer só 80 km! E em muitos lugares a estrada desaparece sob a água. Só mesmo com uma belezinha dessas — bateu com orgulho no painel do carro — a gente consegue ir de lá para cá — pisou fundo para atravessar outro buraco imenso no chão. — A não ser que você viaje de helicóptero — o carro chacoalhou ao passar pela cratera —, mas isso só os milicos fazem. Aqui é zona de guerra, companheiros, segurança nacional! — e riu forte.

Quando passamos por mais alguns buracos, ele ligou o rádio. A música local era alta e ele acompanhava a melodia, cantando num tom desafinado e torturante. Ajeitou o espelho retrovisor da cabine, onde um crucifixo balançava ferozmente junto com um colar de contas e penas — sem dúvida, um símbolo da descendência de sua tribo. Um sincretismo cultural. Respirei fundo e me segurei como pude no assento. A caçamba estava carregada de produtos, cobertos por uma lona. Não era apenas pessoas que os habitantes transportavam em seus carros de aluguel.

— Ah! Viram? O que foi que eu disse? — o motorista apontou para o alto. Um helicóptero militar fazia uma manobra rasante pela floresta e por algum tempo acompanhou nosso veículo. Depois desapareceu. — Não se preocupe, dona. Eles são de paz! Pelo menos se ninguém provocar — piscava e ria pelo retrovisor. — Agora a atenção deles é a fronteira da Colômbia, pra pegar os tais das [FARC](#)⁶, se eles resolverem mexer em toca de vespeiro por aqui — cuspiu pela janela. — As coisas ficam agitadas quando isso acontece — mudou a marcha do carro, fazendo a tração gemer alto, e meu estômago querer devolver a comida.

Três horas e meia depois, superando todas as estatísticas do tempo em que eu podia segurar o enjoo sem vomitar, chegamos à comunidade de Cucui, na fronteira com a Venezuela, embaixo de uma torrencial chuva equatorial. Não dava para ver nada a poucos metros de distância. O solícito motorista desceu do carro, com um guarda-chuva velho, e abriu a porta do passageiro para mim.

— Venha, dona. É por aqui — me ofereceu a mão.

Todos correram para debaixo de um barracão coberto, o teto feito de palha, e forte estrutura de madeira. Outras pessoas, turistas na maioria, estavam por lá, esperando a chuva passar. Limpei a água do rosto e pude ver um pouco melhor. Cucui era uma comunidade de índios Tucano, uma das muitas que existiam nessa região. As casas, entretanto, tinham a aparência das mesmas que se construíam em outras cidades do país. A maioria em alvenaria, outras de madeira, algumas poucas de pau-a-pique, com treliças de ripas de onde as crianças nos observavam. As pessoas que lá viviam trajavam-se com roupas comuns, nem de longe lembrando as vestimentas indígenas tradicionais.

— Vou providenciar uma voadeira para o senhor, como me pediu — o motorista dizia. — Tenho um amigo que tem a mais rápida de todas. Gasta muito combustível, mas compensa — saiu pela chuva.

— Voadeira? — Nelson franzia a testa, ao mesmo tempo acariciando o rosto de Nazaré com uma das mãos e prendendo-a pela cintura com a outra.

— É como eles chamam os barcos pequenos, movidos a motor — expliquei. — Vamos precisar de uma para chegar ao Igarapé Tucano — suspirei. — Mais algumas horas de viagem.

A chuva passou, tão rápida quanto veio. Sequei os cabelos com uma toalha, observando as crianças que vinham ao nosso encontro, todas curiosas. Falavam e riam ao nosso contato, e dei dinheiro para algumas delas, que saíram correndo e gritando. Ao segui-las com o olhar, percebi que um homem baixo nos observava a distância. Os turistas seguiam seus guias para encontrar um barco também, enquanto o homem não desviava o olhar do nosso grupo. Quando se moveu, caminhou diretamente para nós, com passos decididos e uma postura que o fazia parecer mais alto. Suas orelhas era furadas, e

longos brincos de penas e contas deslizavam até os ombros. Estava descalço e usava uma bermuda *jeans* simples e uma camiseta de algum time de futebol local, que eu não reconhecia. Mas nada disso impedia que eu o visse de outra forma. Não parecia ser alguém comum, e essa sensação me dominava juntamente com um arrepio na nuca e o formigamento que sempre se seguia a ele.

Jarvis parecia alheio ao que acontecia, anotando cuidadosamente alguma coisa em seu caderno de couro. Pelo canto dos olhos, vi que Nelson se colocou atrás de mim, juntamente com Nazaré. O homem parou ao ver os dois. Por alguns instantes ele pareceu pensar no que fazia, a testa enrugada franzindo ainda mais os olhos pretos. Foi quando levantou a mão, num gesto universal de quem pede paz. Aquilo me surpreendeu. Agora que estava mais próximo pude perceber melhor seus adornos. Já havia visto os mesmos tipos de brincos e colares no museu indígena e etnográfico da USP, em São Paulo. Eram os símbolos de um líder espiritual: um pajé. Automaticamente levantei a minha, retribuindo ao gesto, e ele se aproximou. Fiz um sinal para que Nelson e Nazaré não reagissem. Jarvis levantou os olhos do caderno e abriu a boca quando viu a figura parada a nossa frente.

Os olhos do ancião passearam por cada um, demorando-se um pouco mais em Nelson e Nazaré. Pude perceber o brilho da compreensão lampejar neles, e também o medo que isso causou. Levantou a mão e fez uma sequência de gestos, que só pude reconhecer como os de alguém que tenta afugentar algum espírito maligno. Depois que terminou seu ritual, voltou-se para mim. Dessa vez a demora foi palpável no ar. Em nenhum momento desviou o olhar e encarei o desafio da mesma forma, alguma coisa me impelindo a sustentar e manter o equilíbrio entre os nossos focos. O ar era quente outra vez, apesar da chuva que lavou tudo há poucos minutos, e gotas grossas de suor escorriam do meu pescoço e seguiam pela coluna. A sensação de calor parecia ainda maior, ampliada pelo olhar compenetrado e analítico do índio.

Quando sua boca se moveu, meu coração deu um salto do peito:

— [Amanajé landé](#)⁷, por que caminha com [Baquara](#)⁸ e com [Membira Caitétu](#)⁹? — a voz era encantada, com a cadência hipnótica

e melodiosa dos espíritos da floresta.

O índio apontou o dedo para mim e para os outros, falando numa mistura de português com o tupi-guarani. Um frio correu pelo meu corpo, não porque eu tenha me assustado com sua postura ou tom de voz, mas por reconhecer o significado das palavras que ele pronunciava. Percebi Jarvis anotá-las no diário e Nazaré arregalar os olhos em compreensão. Apenas Nelson estava alheio. Engoli em seco para responder:

— Membira Caitétu não é ruim, é [Angatu](#)¹⁰. E Baquara é [Naurú](#)¹¹, assim como Pajé.

Ele vagueou o olhar outra vez, e quando encontrou o meu parecia aturdido.

— [Anaantanha](#)¹² — mostrava Nelson e Nazaré. — Não pode ser Angatu.

— Mas é — assegurei, agradecida por ter enfrentado as aulas de tupi-guarani na faculdade. — Membira tem [Perudá](#)¹³ — ele arregalou os olhos. — Não vai fazer mal para [landê](#)¹⁴, nem para nenhum [Pora](#)¹⁵ daqui, eu juro.

O olhar do pajé ainda era desconfiado e assustado. Por isso, achei melhor mudar o rumo da conversa e logo.

— Nós vamos para Amosobaiandala — informei para que ele se acalmasse. — Outra margem, longe daqui — aponte para ele. — E por que diz que sou Amanajé landé?

Eu tinha que perguntar, apesar do temor pelos outros. A afirmação do índio me pegou de surpresa, não podia ser só uma coincidência. O pajé se abaixou, apanhou um graveto e com ele começou a desenhar na terra úmida e lamacenta. Quando terminou, riscando com mais força um dos pontos, ele se levantou e apontou o dedo para o céu.

— landé — seu olhar voltou-se para mim. — landé mandou Amanajé — mostrou o chão — landé.

Dei um passo para a frente. Jarvis me seguiu e começou a escrever em seu caderno, aturdido com o que copiava. No chão, rabiscado de forma rude, grosseira, mas perfeitamente visível, havia uma figura ligada por pontos, como uma ampulheta. Três pontos estavam próximos, formando um cinturão. Prendi o fôlego.

— Amanajé não devia andar com Membira Caitétu — apontou os dois outra vez. — Ele é inimigo [Bagual](#)¹⁶. [Abaçai](#)¹⁷!

Precisei recuperar minha respiração para encará-lo. Ele não estava convencido e eu teria que provar o contrário, ou então teríamos problemas.

— Iandê mandou Amanajé *junto* com Membira Caitétu e Baquara, porque outros [Caitétu Panema](#)¹⁸ querem pegar Amanajé. Eles tem Perudá, gostam de todo Pora, e protegem Amanajé de Tocaia, há muito tempo.

Ele piscou para os dois.

— Ele é [Turuna](#)¹⁹ — mostrei Nelson. — E ela é Naurú. Os dois têm Anga. Como Iandê Pajé e Amanajé.

O motorista voltava e engoli a saliva. Esperava que minha explicação tivesse sido suficiente para aplacar o medo do pajé. O velho índio veio para perto de mim. Seus olhos transbordavam com uma sabedoria que parecia transcender a de uma vida apenas. Senti um arrepio quando ele tocou o dedo em minha testa e fechou os olhos, recitando uma prece de proteção em sua língua nativa. Eu não conseguia acompanhar a rapidez das palavras, mas alguns trechos incluíam *demônio*, *afastar*, e *caminho de luz*. Ao terminar, fez um gesto amplo com as mãos, invocando a natureza como testemunha, e retirou um de seus colares. Era de contas coloridas e pequenas penas de periquitos. Colocou o adereço no meu pescoço, e experimentei todo o peso de uma cultura ser amparado pelos meus ombros. Pousou a mão no meu coração, de leve, suspirou fundo e voltou a me olhar nos olhos.

— [Nhandevurusu](#)²⁰ mostra para Amanajé o [Apecatu](#)²¹, quando chegar a [Taciara](#)²² — virou-se rápido, desaparecendo atrás das casas.

Meus joelhos tremeram e achei que desmontaria como uma pilha de cartas. Tinha certeza de que meu rosto estava mais pálido quando mirei os outros. Nazaré foi a primeira a se aproximar e me amparar com os braços.

— Tudo bem, Laura. Seria esperar demais que ninguém aqui notasse alguma coisa — seu olhar voltava-se para todo canto. — A gente das tribos percebe muito mais do que os homens civilizados

pensam. Eles sabem muito — esfregava devagar as mãos em meus braços para me acalmar.

— Muito bem, amigos! — o motorista sorria, exultante. — Vocês deram sorte, muita sorte por eu estar aqui. A voadeira do meu amigo já estava alugada, mas levei um papo com ele, sabe como é, amizade conta mais nessas horas — piscou. — Ele concordou em desfazer o outro negócio. Só pediu uma pequena *compensação* por ter que desistir do outro cliente. Sabe como é? — tossiu de leve.

Eu sabia, sim, o que ele queria dizer. Aposto que não havia nenhum cliente anterior, era apenas para despistar e conseguir uma verba extra. O tal *amigo* nem devia saber sobre a compensação.

— Mais dinheiro? — Jarvis esbravejou e ficou vermelho. — Mas o que é isso? Com quem pensa que está lidando? Você havia combinado uma coisa comigo e agora...

— Pague a ele, Jarvis — falei em tom mecânico. Ainda podia sentir os olhos do pajé me seguindo. — Não tem problema — tirei um maço de dinheiro da mochila. Os olhos do motorista brilharam. — Quanto antes saírmos daqui será melhor, não acha?

Entreguei o dinheiro. O homem contou as notas, enfiou no bolso da calça e acenou.

— Venham comigo, não vão se arrepender. O barco dele é o mais rápido! — matracava em nossos ouvidos. — Vão chegar no Igarapé Tucano bem antes dos outros!

Sim, espero mesmo que seja, pensava enquanto amassava a lama fofa do chão com as botas. Ainda tínhamos algumas horas pela frente.



A voadeira seguia rapidamente seu curso. O motorista não havia mentido, ela era mesmo veloz, uma embarcação mais moderna, ao contrário do que eu esperava. Feita de alumínio, coberta, possuía faróis de milha e coletes salva-vidas, que tivemos que colocar assim que embarcamos. Era pintada nas cores da bandeira brasileira, o

motor de popa grande e preto, enquanto a direção ficava no painel pequeno na proa. O dinheiro gasto valeu a pena, tínhamos um pouco mais de conforto. Passamos por outras voadeiras mais simples e lentas, feitas de madeira e descobertas, e que deixavam a água respingar o tempo todo nos passageiros. Nosso piloto dirigia com uma velocidade muito boa quando deixamos o Igarapé Lá Mirim, no começo da tarde. Em algumas horas havíamos passado pelo Igarapé Lá Grande, a meio caminho do trajeto, encontrado aldeias Yanomamis, cruzando com macacos e botos travessos, seguindo para o Igarapé Tucano a tempo de desembarcar ao anoitecer, depois de quase seis horas de viagem pelo rio. Durante a noite seria mais fácil encontrar os outros, sem levantar suspeitas. Para nossa sorte, o piloto não era tagarela como o motorista, mantendo-se firme na direção e nas curvas que o rio fazia. Eu não estava mais com enjoo, ele desapareceu depois da estranha audiência com o pajé da comunidade de Cucui. Apenas a sede era grande e bebia água o tempo todo. Espremidos ao meu redor, Nazaré repousava a cabeça no colo de Nelson e ele prestava atenção na tradução das palavras que Jarvis fazia.

— Vejamos aqui — virava a página. — *Amanajé*: mensageiro; *Anaantanha*: imagem do diabo; *Caitétu*: dente aguçado — seu olhar ficava cada vez mais significativo. — *Abaçaí*: espírito maligno; *Baquara*: sábio; *landê*: você...

A voz de Jarvis era monótona e provocava sono, por causa do cansaço. A viagem havia sido longa e desconfortável e seria muito bom poder dormir um pouco. Espantar os temores com a inconsciência. Mas eu não queria dormir agora, não antes de chegar ao ponto de encontro em Tucano. Jarvis continuava sua tradução paciente:

— *Apecatu*: o bom caminho; *Taciara*: o dia de lutar... — virou a última página. — E *landê*: constelação de Órion — calou-se de súbito.

A cabeça de Nelson virou-se na minha direção, seus olhos se arregalaram.

— Como ele sabia disso tudo?

— Porque ele é um pajé — Jarvis explicou. — É um homem sagrado, a ligação entre o mundo dos homens e dos espíritos, do sobrenatural. Ele reconheceria qualquer um de vocês, como aconteceu em São Paulo, na história que me contou no terreiro de candomblé — vi Nelson se encolher com a lembrança. — Precisa entender, garoto, que sua raça faz parte do imaginário dos homens, do medo irracional que os domina. Não se pode escapar ao olhar dos iniciados e dos clarividentes dos povos, eles enxergam a alma ou a falta dela, e podem dizer o que é ou não humano neste planeta. Foi o que aconteceu hoje.

Mudei a cabeça de posição para encarar Jarvis.

— Acha que as tribos brasileiras estão tomadas pela mesma agitação que Jamal falou? — mostrei o caderno de Jarvis. — Você copiou o desenho, e o pajé falou da mesma constelação. Há alguma ligação?

Jarvis passou o lenço pela careca, um gesto que nunca cansava de repetir, e olhou para o desenho.

— Não há dúvidas de que esse desenho é da constelação de Órion — dizia cautelosamente. — A mesma que o povo africano chama de *Sol da Noite* — fechou o livro. — Mas eu gostaria de discutir sobre essa coincidência quando encontrarmos seus amigos, *Beladonna*. Especular por especular não nos levaria a grande coisa aqui.

Assenti com a cabeça. Estava cansada demais para pensar em enigmas, charadas, ou qualquer outra coisa que exigisse esforço mental. Nelson continuou conversando com Jarvis, querendo saber mais sobre a ligação entre os homens sagrados e o mundo espiritual, e o som das vozes foi me entorpecendo. Não sei por quanto tempo dormi. Um sono agitado, cheio de imagens e visões de estrelas, luzes, chamas de uma fogueira, pessoas indo e vindo trajando roupas estranhas, um tempo muito diferente. Épocas, na verdade. Diferente também eram os idiomas, cadências e sons. E uma figura de mulher, alta e imponente, aparecia em quase todos os meus *flashes* oníricos, envolta nas sombras, onde não podia vislumbrar o rosto. Apenas podia sentir que seus olhos me seguiam por toda parte, atentos e vigilantes. E em todos esses pequenos detalhes a mesma sensação

de arrepio e formigamento, como de antecipação a algum fato, tomava conta do meu corpo. Quando essas imagens acabavam, outras vinham em seu lugar. Mais reais e familiares do que as primeiras. Uma rosa na mesa, o vento frio em uma ponte num país distante dali, o rosto pálido, de olhos escuros, que sorria e me beijava, a mão que acariciava meus cabelos enquanto dizia palavras de amor, que me trazia para mais perto, a comunhão completa.

— Robert...

O nome parecia trazer consigo outra imagem. Havia tensão no local, isso vibrava no ar, como eletricidade mal conduzida por cabos danificados. Estava escuro, não havia lua no céu, mas no estado onírico em que eu me encontrava a visão não ficava prejudicada. Não fazia ideia de onde estava, apenas sabia que era verão. Um gesto súbito me fez virar o corpo. Algo havia passado rapidamente pelas minhas costas. Da mesma forma, outras figuras deslizaram com rapidez e em total silêncio. Ninguém estava consciente da minha presença, disso tinha certeza absoluta. Eu era uma espectadora, e assistia a uma apresentação que fez meu sangue gelar: meus olhos astrais viram a forma de longos cabelos castanhos, o porte altivo e inconfundível de Clementine, atracar-se com outra. Ouvei o rasgo que se seguiu, o som de dentes que trituravam carne e osso e o cheiro enjoativo e pungente do sangue de um metamorfo derrubado ao solo.

Próximo dela, a parede lateral ganhou a forma de um gigante, desconectando-se da muralha de tijolos e caminhando ferozmente para outro. O som do baque entre ambos, quando o metamorfo foi pego de surpresa, fez o chão tremer e pequenos ratos fugiram em disparada pelas calhas abertas. Foi muito rápido. Um metamorfo sozinho não seria páreo para Bóris, o Ekiiminu romeno. A figura de Clementine acenou com a cabeça e seguiu rapidamente, tendo Bóris atrás de si. Eu apenas precisei desejar e estava lá, com eles. As construções iam se sucedendo, vampiros avançavam na velocidade inumana que, de alguma maneira, meus olhos conseguiam acompanhar sem esforço. O som de ondas chamou minha atenção, o cheiro de água salgada atingiu meu nariz. Muitos barcos estavam ancorados num porto largo, com construções que lebravam as catedrais russas, suas cúpulas pontiagudas, e baixos prédios amplos

com apenas poucos andares no estilo predominante da antiga Rússia imperial. Não consegui definir que lugar era aquele.

E não me importei com isso também, pois, no mesmo instante, duas formas apareceram do nada, atracando-se numa luta violenta ao meu lado. Estavam na beirada do cais, e o maior, um albino, estraçalhava a garganta de outro vampiro, puxando para trás sua cabeça com mãos de aço. As mesmas mãos que salvaram minha filha da morte em Amsterdã. Quando o corpo do inimigo caiu inerte aos pés dele, Josh levantou a cabeça e virou-se. Outro metamorfo atirava-se a ele, mas sua trajetória foi interrompida pelo ataque de um garoto, um jovem de cabelos escuros e encaracolados, que rugia feroz e agarrava com força o dorso do vampiro, batendo contra um poste do atracadouro, que veio ao chão. As lâmpadas dos outros postes piscaram e se apagaram. Josh saltou, e junto com Eric destruíram, em instantes, a forma do atacante. Em silêncio, Josh pegou os corpos, sumindo com Eric para outra parte do cais.

E novamente eu estava lá. O vento aumentou de velocidade, enquanto observava dois vultos que percorriam com rapidez os telhados acima. Os cabelos cor de cobre de uma mulher cintilavam, mesmo com pouca luz, e o homem ao seu lado tinha os olhos vermelhos ferozes estampados no rosto emoldurado pelo cabelo loiro. Então eu os reconheci e entendi: eu estava no norte! Agora sabia. Estava nas terras de Derik e Lorelai! Os clãs nórdicos. Eles se esgueiraram pelos vãos das casas e desapareceram, talvez atrás de algum rastro. Outros foram com eles, correndo velozes. O primeiro pensamento que tive foi o de acompanhar, mas antes que a ideia tomasse forma totalmente, uma forte corrente, como um ímã, fez meu corpo mover-se em outra direção. Segui no sentido oposto e me deparei com o cais novamente, onde os postes perderam sua luz. Parecia não haver qualquer movimento aparente. Desejava ver se os outros estavam bem, se Clem, Josh e Eric não corriam perigo, mas algo mais forte me impelia a ficar ali, grudada ao chão. Por minutos eu não tinha noção do que acontecia.

Só quando a figura veio caminhando entre as sombras, carregando outra nos ombros, e o vento soprou em seu rosto pálido é que entendi que esse ímã me mantinha orbitando a gravidade dele. E nesse

momento descobri que os olhos da alma também podiam chorar. Seu rosto era o mesmo, exatamente como me lembrava, com o qual sempre sonhava. Os cabelos negros, o porte altivo, as mãos fortes e protetoras, o corpo esguio e ágil. Os olhos, agora vermelhos, perscrutavam a escuridão que o envolvia, atentos. Ele se aproximou, ficou a metros de mim, mas nada em sua postura denunciava que havia me visto. Ele depositou o corpo ao chão, outro inimigo dessa noite, e fez um gesto rápido para pegar o ácido e vaporizar o cadáver. Mecanicamente tomou todas as providências, enquanto meus olhos ardiavam com as lágrimas e meu coração palpitava sem controle, num peito etéreo. Vi o gesto que minha mão fez para alcançá-lo, mas uma barreira invisível impedia o contato, assim como não permitia que me aproximasse mais. Eu era a espectadora de uma peça, sentada nos limites da plateia, sem poder interagir com os atores do palco.

A dor desse quase encontro não realizado calou fundo em meu peito e as lágrimas ficaram mais grossas, desfocando por instantes a visão abençoada de Robert. Eu apenas podia olhar, e mais nada. E observando mais atentamente pude vislumbrar as olheiras profundas que circundavam seus olhos. A expressão melancólica e ausente. A respiração pesada e sufocada, quando ele levantou o rosto para o céu cheio de estrelas e sem lua. O corpo, até então ereto, curvou-se um pouco para baixo, e com horror vi as lágrimas vermelhas escorrerem em sua pele pálida, manchando a expressão do rosto que eu amava. Como o verniz que escorre e borra a perfeição da pintura numa tela. Seu suspiro foi profundo, como se não conseguisse sorver o ar. A curva dos lábios tremeu de leve e um som, a voz que eu tanto ansiava por ouvir, cuja saudade acabava comigo um pouco a cada dia, brotou num sussurro rouco:

— Laura...

Não sei se foi a dor, ou a emoção de ouvir meu nome nos lábios dele outra vez — ou se eu não estava realmente num sonho, pois parecia real demais —, nunca consegui saber. Mas assim que Robert me chamou, o som fazendo meu corpo todo tremer de desespero e angústia, de saudade e desejo, senti a concentração que me mantinha ali se quebrar e o cenário ficar desfocado. Como se um funil

me arrastasse dali, puxando e sugando, sua imagem ficou cada vez menor no meu campo de visão. Por mais que lutasse, que forçasse a mente a reunir forças para permanecer, a volta foi inevitável. Uma volta sufocante e agoniada. No instante seguinte me levantei de súbito, ofegante e suando. Nazaré estava comigo, segurando-me pelos ombros. Nelson tinha uma garrafa com água nas mãos e Jarvis usava um folheto para me abanar. Eu puxava o ar com força, tentando fazer com que achasse o caminho até meus pulmões doloridos. Todo o meu corpo doía, mutilado por uma violenta luta.

— Laura? Tudo bem? Calma! — Nazaré falava, pegando a garrafa de água das mãos de Nelson. — Aqui, beba. Assim. Você teve um pesadelo, foi só isso. Calma.

Pesadelo? Não, eu duvidava que fosse. Era muito mais. Um pesadelo não me deixaria com a sensação de proximidade tão grande, nem me faria ver as coisas com tanta objetividade e clareza. Sabia a diferença entre sonhos e pesadelos. Esses estados costumam ser desconexos, fruto da mente cansada e que cria todo um universo de situações insólitas e sem nenhuma lógica. Eu não sabia dizer como, mas a experiência que tive foi muito maior do que isso. Era real, concreta... e apavorante. O que vi tinha um significado claro: os Fevré estavam em território nórdico, enfrentando inimigos. Até mesmo Bóris estava entre eles, lutando contra nômades, metamorfos perigosos. Eric também estava lá, o que significava que Cínthia deveria estar sozinha na mansão. Ou não. Eu não havia visto Carlo, nem Morgana. Podiam estar com ela, mas isso não diminuía a minha preocupação. Ele havia ligado, semanas antes, dizendo que viria ao Brasil, depois desmarcou a viagem às pressas. E agora eu tinha tido uma visão — sim, era isso —, com os Fevré, os clãs nórdicos e os romenos lutando lado a lado. E os inimigos eram muitos. Não havia descanso para eles. Estaria isso acontecendo, nesse exato momento, enquanto Jamal e Solomon tentavam me esconder em meio à floresta Amazônica? Ou isso são memórias, fatos que já ocorreram? Ou que poderão ocorrer? E que perigos, além desses, o clã estaria correndo na Europa?

Tombei a cabeça para trás. Meu corpo estava gelado como não sentia há muito tempo. Talvez, quando estivéssemos em território de

Nzinga, eu pudesse convencer Solomon a partir, saber o que estava acontecendo. Dizer a ele sobre o que vi e fazê-lo se certificar de que todos estavam bem. Eu precisava saber! *Deus, não permita que tudo o que fiz tenha sido em vão!* Torci as mãos na garrafa de água. Os outros me olhavam com cautela. Respirei fundo. Melhor que pensem que foi um pesadelo, não seria justo preocupá-los com mais essa história.

— Estou bem, obrigada — consegui dizer. — Acho que cochilei um pouco, foi isso. Ainda falta muito? — olhei para a margem do rio que se aproximava de nós. O sol se punha no oeste.

— Na verdade acabamos de chegar — Jarvis comentou. — Você dormiu uma boa parte da viagem. Estamos no Igarapé Tucano.

O piloto da voadeira manobrava com cuidado. Quem esperasse um porto, um cais ou qualquer coisa parecida iria se decepcionar. O Igarapé era exatamente como muitos outros da região Amazônica, que durante os meses mais secos ficava menos alagado, deixando aparecer uma pequena praia de areia às margens do rio, coberto por árvores altas e arbustos cujos galhos tocavam a água, e de onde ouvíamos os sons dos pássaros que se recolhiam para a noite que descia. O piloto manobrou o mais próximo possível dos bancos de areia para não correr o risco de encalhar. Havia outras embarcações por perto. Um rampa pequena, de madeira, projetava-se na praia, usada para facilitar o desembarque durante os meses de cheias, e de onde podiam se avistar duas ou três construções ribeirinhas próximas. Pontos de acampamento, montados pelos guias das expedições. Assim que o motor parou, ele pulou no rio e começou a rebocar o barco manualmente, sem grande esforço, até amarrá-lo a um dos mastros fincados no solo. Depois nos ajudou a descer. Nelson levantou Nazaré nos braços para que ela não molhasse o vestido. Sem dúvida um cavalheiro. Jarvis desceu calçando botas de borracha e estendeu a mão para mim.

— Venha, Laura, aqui o chão é mais firme — me guiou. Por sorte, eu estava de *jeans* e botas também, e o nível da água era baixo.

Quando alcançamos a margem, Jarvis agradeceu ao piloto, dando mais algum dinheiro pelo excelente trabalho, e ficamos sozinhos na praia deserta e escura. Podíamos ver luzes que brilhavam dentro dos

acampamentos, mas não tinha certeza se eram elétricas ou lamparinas. Nesses barracões de teto de palha, os turistas costumavam ficar durante algumas horas se preparando para a jornada floresta adentro, que se iniciaria pela manhã. E, como dizia o folheto turístico, a partir daquele momento estávamos sem acesso a qualquer tipo de infraestrutura, tendo apenas uma longa caminhada pela floresta que, em razão da escuridão, parecia que iria nos engolir. Assim que o piloto desapareceu para o acampamento, à procura de turistas que já tivessem visitado o pico da Neblina e que estariam ansiosos por uma voadeira disponível, olhei os demais.

— Bom, e agora? — perguntei baixo, mesmo não havendo ninguém por perto. — O que fazemos?

Mas não precisei esperar pela resposta. Nazaré e Nelson moveram a cabeça ao mesmo tempo, na mesma direção. Ela sorriu.

— Vamos por ali.

Caminhamos para o lado oposto ao dos barracões, deixando para trás suas luzes cintilantes. Fomos nos aproximando das árvores com seus grandes cipós e raízes expostas pela água, que ia e vinha constantemente. Não me surpreendi quando Nazaré se adiantou, segurando firme a minha mão.

— Fiquem comigo, vocês dois — ela orientava, suas pupilas refletindo um brilho avermelhado ligeiro, como o dos animais noturnos. — Está escuro demais para que possam ver.

Nelson, com o mesmo brilho nos olhos que retinha luz nas retinas, seguia confiante à frente. Peguei a mão de Jarvis. Era assustador o pensamento, por menor que fosse, de ficar perdido por ali. Não havia senso de orientação que pudesse guiar uma pessoa para sair daquela mata densa e úmida. Podia ouvir os sons dos sapos, das folhas secas que pisávamos, dos insetos; vaga-lumes piscavam ao redor, mas tudo ainda era um breu só. Engoli a saliva e continuei às cegas, sendo levada pela mão firme de Nazaré. Não sei por quanto tempo ficamos assim, caminhando. O sentido de tempo não existia por aqui. Nada demonstrava, com clareza, para que lado estávamos indo. Apenas seguíamos Nelson e Nazaré, que se moviam confiantes e sem nenhuma dificuldade. Lembrei-me, com certa saudade, do tempo em que eu também podia me mover assim. Quando o passar das horas

era ditado pelo ritmo dos meus instintos e sabia exatamente qual o tempo exato entre o crepúsculo e o alvorecer. Ele caminhava por mim como uma parte integrada, sem distinção. Meus olhos viam cada pedaço dessa mata com mais nitidez do que Nazaré e Nelson, e saberiam para onde ir.

E junto com essa, outras saudades vieram, cujas lembranças afastei com força, concentrando-me na caminhada que executava. Após um longo tempo, pelo menos para mim, Nazaré parou. Nelson também fez o mesmo e o corpo de Jarvis esbarrou no meu.

— *Scusa, signora.*²³

O som da respiração dos dois era tranquilo e senti que não havia qualquer sinal de perigo. Ambos pararam para ver o que eu demorei alguns segundos a mais para identificar. Quatro pares de olhos vermelhos, brilhantes, se alternavam na escuridão a nossa frente, equilibrando-se no nada. Jarvis prendeu a respiração. Eu sabia o quanto isso era chocante quando se vê pela primeira vez. Toda a noção de assombrações e fantasmas toma uma nova dimensão diante disso. Os olhos permaneceram lá por algum tempo, flutuando sobre as nossas cabeças, fulgurantes, de um vermelho escarlate berrante.

— Olá, pai — Nazaré falou. — Espero que não tenhamos demorado muito.

Uma forma deslizou de cima e tomou a garota num abraço. Outras se aproximaram também. Meus olhos se acostumaram com a escuridão e os identifiquei: os dois primeiros, altos como gigantes, seguidos por outro, mais baixo e sério. Jamal, Djevá e José.

— Não, filha, tudo está dentro do tempo certo — Solomon dizia e aflagava a bochecha dela. Pude perceber um olhar aguçado para a mão que ela segurava.

Nelson, contrariando todas as expectativas, não a soltou. Mantinha-se na mesma postura e sem nenhuma vergonha ou receio diante do pai de Nazaré. Um garoto de coragem, tinha que admitir. Afinal, quantos encarariam, de peito — e pescoço — aberto, o pai vampiro de sua namorada? Solomon olhou para ele, acenando levemente com a cabeça. Senti que ambos ainda teriam muito a conversar. Depois olhou para nós.

— Como estão vocês dois? — sua voz era baixa. — Correu tudo bem no caminho?

— Está tudo bem, Sólon — falei com calma. — Só foi uma viagem muito cansativa — percebi que meus joelhos bambearam. Estava cansada, além do que aguentava.

Nesse instante dois imensos braços me levantaram. Jamal sorria. Djevá fez o mesmo com um Jarvis aparvalhado e boquiaberto.

— Precisa descansar, pequenina. Ainda temos um longo caminho. Só que agora — acenou com a cabeça para Solomon —, vamos viajar um pouco do *nosso* jeito — piscou. — Já montamos um acampamento para descansarem. É perto daqui — olhou para Jarvis. — Segure-se firme, ancião, e deixe o resto conosco.

A escuridão começou a ser rasgada por Jamal e os outros. A brisa soprava ao meu redor, folhas eram levantadas do chão à passagem meteórica deles. Vez ou outra podia perceber os contornos de uma árvore, mas no geral tudo era breu e vento. Quando a corrida diminuiu e os passos de Jamal ficaram mais lentos, pude vislumbrar uma pequena clareira, encravada sob o manto da selva. Assim que chegamos e Jamal me colocou no chão, me deparei com um acampamento feito com troncos grossos de árvores, amarrados com cipós, e uma cobertura de lona preta, presa com perfeição. Isso evitaria que a chuva, que já começava a dar novos sinais, nos ensopasse durante a noite. Redes estavam armadas na paliçada, secas e limpas, e uma pequena fogueira crepitava num buraco no centro, onde Mnema e Siriê assavam alguma coisa. Ao nos verem chegar, percebi o olhar de Mnema em Nelson e sua expressão confusa e aborrecida ao perceber a mão dele em Nazaré. A decepção ficou evidente em seu olhar.

Humanos, vampiros, lobisomens, anjos ou demônios! Quando se trata de *dor de cotovelo* amorosa, todos parecem ter a mesma reação. Uma agitação logo atrás me fez virar e observar a cena que se seguia. Djevá tentava se soltar de Jarvis, petrificado e pálido como um cadáver, agarrado com mãos firmes nos braços do gigante. Ele buscava livrar-se devagar, mas a tensão do doutor era tanta que um movimento errado e os ossos poderiam ser quebrados pelo mínimo esforço do Asanbosan.

— Doutor? — passei a mão em seu rosto. — Jarvis? — ele finalmente pareceu me enxergar. — Tudo bem, doutor, já acabou. O senhor pode soltar o braço dele — fui puxando devagar os dedos encravados nos músculos de Djevá.

Com alguma dificuldade, consegui fazer Jarvis afrouxar os tendões dos braços. Quando soltou Djevá, seu corpo tombou pesado, como um monte de lenha esparramada. Ele não se moveu e fiquei aflita. *Meu Deus! Será que ele vai ter um ataque do coração?*

— Jarvis? — chamei. — Aqui, beba isso — peguei a caneca de café que Solomon me entregava. Nelson punha o corpo esquelético dele numa posição sentada. — Pronto, tome um pouco, vai fazer bem — forcei o café pela sua goela abaixo.

Ele engasgou, cuspiu fora, depois respirou fundo e tomou a caneca, bebendo de um gole só. Quando acabou, havia um pouco mais de cor em seu rosto e a respiração voltara. Mas seus olhos ainda estavam arregalados, os óculos de tartatuga permaneciam dependurados numa das orelhas e os ralos cabelos estavam espetados para cima.

— *Per Baco!* — falou num sussurro. — Isso... foi realmente incrível! — sua voz soava bêbada e olhou ao redor com espanto. — Vocês sempre viajam assim?

Então a gargalhada foi geral. A figura de Jarvis era digna de risos, especialmente quando tentou se colocar de pé, parecendo um boneco desarticulado e tonto. Mesmo na escuridão, pude ver seu rosto ficar vermelho e Nelson o ajudou a se sentar perto do fogo, colocando uma manta em suas costas, apesar do calor. Siriê serviu mais um pouco de café e Nelson voltava para o lado de Nazaré. Um gesto que não passou despercebido por Mnema. E nem por Solomon.

— Venha, pequenina — Jamal me chamava para a parte coberta do acampamento. A chuva estava aumentando. — Tome, coma e beba alguma coisa, depois trate de dormir. Você está cansada.

— Dormir? — reclamei, piscando os olhos pesados. — Mas pensei que íamos aproveitar a noite para viajar?

O sorriso de Jamal era de compreensão, enquanto tirava lascas da carne no fogo, algum tipo de ave ou coisa assim, e me entregava.

— Não será necessário, a floresta é densa. Podemos nos movimentar à vontade sem chamar a atenção. Além disso, não seguiremos pela trilha dos humanos. Temos nosso próprio modo de chegar lá.

Dei uma mordida na carne. Estava muito boa, bem temperada. *Onde eles conseguiram aquilo?* Tomei o café que Siriê me trouxe. Olhando melhor, pude perceber que aquele acampamento não devia ficar próximo a nenhum outro utilizado pelos turistas. Estávamos isolados na mata. Nelson e Nazaré comiam e Solomon conversava com eles. José, Djevá e Obú não estavam por ali. *Devem ter ido caçar.* Jarvis já estava instalado numa rede e roncava, o cansaço e o *stress* da viagem fazendo efeito. Eu enxergava dobrado, os olhos ardendo, quando Jamal abriu uma rede próxima e convidou.

— Vamos, hora de dormir — me arrastei para a rede, sem reclamar. — Aproveite, amanhã temos muito que andar — e desapareceu.

O som dos pingos da chuva, batendo na lona, era reconfortante. Uma melodia monótona e ritmada. Meus olhos se fixaram nas brasas da fogueira acesa. Com um suspiro baixo, eles se fecharam devagar. Mergulhei numa noite de sono sem sonhos.

[5. Maledetti, figli di un cane!](#) – Malditos, filhos de um cão!

[6. FARC](#) – Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia – Exército do Povo: uma organização de inspiração comunista considerada pelo governo da Colômbia como terrorista.

[7. Amanajé landé](#) – Mensageiro da constelação de Órion.

[8. Baquara](#) – Sábio, de grande sabedoria.

[9. Membira Caitétu](#) – Filho de Dente Aguçado.

[10. Angatu](#) – Alma boa.

[11. Naurú](#) – Bravo, herói.

[12. Anaantanha](#) – Diabo.

[13. Perudá](#) – Amor.

[14. landê](#) – Você.

[15. Pora](#) – Morador, habitante.

[16. Baqual](#) – Do que é mortal.

[17. Abaçai](#) – Espírito maligno.

[18. Caitétu Panema](#) – De coisa ruim.

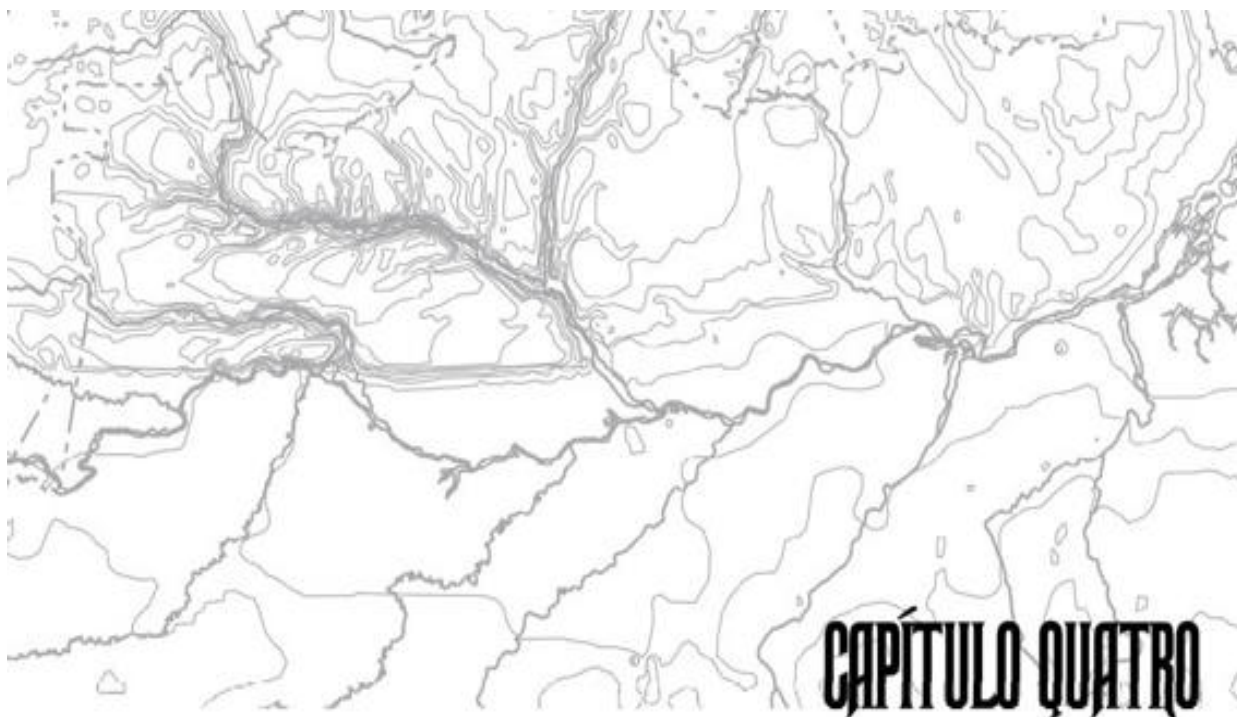
[19. Turuna](#) – Valente.

[20. Nhandevurusu](#) – Outra concepção de nome para Tupã, o deus da criação da mitologia tupi-guarani.

[21. Apecatu](#) – O bom caminho.

[22. Taciara](#) – O dia de lutar.

[23. Scusa, signora.](#) – Perdão, madame.



Livro Cinco – Capítulo Quatro

Bristol – Inglaterra – outono

Por que ninguém dá notícias? — reclamei. — Já faz tempo, Carlo! Como quer que eu fique calma se não sei o que anda acontecendo por lá? — sentei na cadeira do laboratório, frustrada.

Carlo me fitava com os olhos calmos, como sempre. Nada parecia abalar a confiança dele, nem a determinação ou a certeza de que tudo estava bem.

— Por que eles não são tolos, Cínthia — sua voz estava inalterada, movimentando mais uma lâmina no microscópio. Ele só sabia mexer com aquilo desde que todos partiram, desde que Eric partiu também. — Clem e os outros sabem o que fazem, fique tranquila. Se as coisas estivessem ruins, teriam entrado em contato — sua mão pegou outra lâmina.

Escutei o *zoom* da objetiva do aparelho ser mudada. Carlo fazia registros em seu *notebook*. Os dedos eram rápidos e nem que eu

tentasse conseguiria acompanhá-los. Ele tinha sido minha companhia desde que os outros foram para as regiões nórdicas. Mas estar com Carlo, quando ele focava em seu trabalho, era o mesmo que ficar sozinha, abandonada. *Deve ser por isso que ele nunca se casou, sorri com ironia, e nem tem uma namorada. Que mulher aguentaria ser trocada o tempo todo por um microscópio, amebas, prótons, eletrons e cadáveres nojentos?* Me arrepiei. Tinha visto o estado dos corpos dos vampiros que Derik trouxe. Mesmo contra a vontade de Carlo, entrei no laboratório. Achei que seria uma boa distração para o tédio, mas me arrependi logo em seguida. Como ele quer, então, que me acalme, sabendo que alguém poderia fazer aquilo com qualquer um deles? Com Eric? Não dava pra fazer de conta que tudo podia estar bem, quando na verdade poderia acabar mal. E muito mal! Soltei o ar com força. Ele levantou um olho do que estava fazendo e sorriu.

— Deve ser um tédio para você ficar me olhando o tempo todo, não é?

Eu o encarei, meio aborrecida.

— Não é isso. Não me leve a mal — não queria passar por uma idiota solitária na frente de Carlo, mas aquilo estava mexendo com meus nervos —, mas você podia, pelo menos, parar um pouco e conversar comigo — acabei confessando. — Eu estou preocupada, Carlo, e muito. Estou me sentindo sozinha... e inútil! — torci os dedos na barra da blusa. — Eu... não consigo mais ter certeza se as coisas vão acabar bem ou não — olhei para seus olhos castanhos. — Tudo o que achava que era certo pra mim não está mais por perto. Quando tinha algum problema, eu sempre procurava a ajuda dela... — minha voz engasgou nessa parte. — Não estou sabendo lidar com isso, preciso conversar com alguém.

Na verdade, eu precisava estrangular alguém! Quem sabe assim eu me acalmasse? Só um homicídio, nada demais. Ele deixou o microscópio de lado, desligando o aparelho. Num piscar, havia puxado o banco de alumínio e estava a minha frente.

— Muito bem, sobre o que quer conversar? — sua cabeça virou-se para o lado e me encarou.

E agora? Ele me levou a sério. O que eu faço? Melhor ir pela tangente, como dizia meu professor de física.

— O que você descobriu? — mostrei o microscópio.

— Na verdade, não muita coisa — ele parecia triste e desanimado. — As amostras não reagem a nada que eu tenha tentado. E como não tenho uma amostra original, sem contaminação, fica ainda mais complicado. Entretanto — parecia confuso — ao mesmo tempo me parece familiar. Como se eu já tivesse visto a mesma fórmula em uma outra estrutura. Entende?

— Acho que sim. Como quando olhamos para o mesmo produto com embalagens diferentes? — arrisquei.

— Sim. É por aí — ele dizia, num tom de professor que explica ao aluno. — Sabe, Cíntia, muitos compostos da natureza possuem os mesmos elementos, só que em estruturas diferentes. A maneira como os elétrons estão distribuídos criam variáveis impressionantes. Você encontra o carbono, por exemplo, conectado a outras moléculas e formando novas estruturas químicas. Ele está presente no diamante, no grafite, nas células dos corpos dos animais, em praticamente tudo, só que a maneira como se apresentam, visual e quimicamente, é diferente uma da outra — suas mãos gesticulavam. — Mas se você separar, com calma e paciência, cada um deles, vai encontrar a mesma essência primária, vai chegar de volta ao carbono. É o que estou tentando fazer aqui.

— Mas está difícil, não é? — podia perceber isso pelo tempo que ele gastava lá dentro, quase as vinte e quatro horas do dia, praticamente.

— Sim, está — admitiu. — Especialmente porque tenho pouco tempo para isso e nenhum precedente para comparação. Estou tentando isolar os elementos dos corpos, na esperança de chegar à estrutura completa, mas, como não sei ainda o que estou procurando, isso fica difícil.

Olhei ao redor, para a quantidade de máquinas espalhadas pela sala. Tudo era moderno, avançado, coisas que só se viam em filmes de ficção científica, nos laboratórios dos grandes cientistas que lutavam para salvar o mundo no final. E Carlo estava tentando salvar

o mundo, o dos vampiros, de chegar a um final como aquele que eu vi.

— Desculpe, acho que estou atrapalhando, não é? — minha voz era cheia de remorso. — Eu, pensando bobagens, e você preocupado com coisas mais sérias.

— Você não atrapalha, Cínthia — seu sorriso era gentil. — Todo mundo, mesmo um imortal, precisa de um pouco de descanso. Isso, às vezes, ajuda a clarear a mente para o trabalho — cruzou as mãos nos joelhos. — Sobre o que mais quer conversar?

Mexi os dedos uns nos outros. O que mais poderia conversar com Carlo? Tudo para ele era sempre ciência, química, física. E não achava uma boa ideia dizer que eu odiava essas matérias na escola.

— Por que nunca se casou? — decidi mudar o rumo da conversa e falei à queima-roupa.

Os olhos castanhos se arregalaram de surpresa. Acho que por essa ele não esperava. Passados alguns segundos começou a rir, ainda meio tímido.

— Isso é tão importante assim?

Dei de ombros.

— Na verdade, não — falei com sinceridade. Casamento era um assunto que me deixava incomodada. — Mas todo mundo aqui já teve sua parcela de *amores*. Clementine é viúva, e entendo por que ela não quis mais saber de ninguém. Josh e Morgana estão juntos, Eric e eu... até mesmo o Robert... — acrescentei com tristeza. A situação me incomodava e não suportava ver o olhar de dor estampado na cara dele, o tempo todo — Mas, e você? Em todo esse tempo, nunca encontrou alguém que fizesse a sua cabeça? Nunca quis deixar de ser o professor Pardal e sua Lampadinha, de vez em quando, e bancar o Pato Donald com a Margarida?

Ele gargalhou alto, mais do que eu esperava. Parecia ter se divertido com a comparação.

— Professor Pardal? — sua voz sufocava com a risada. — É assim que você me vê? Com aquele eterno gorro na cabeça, um bico enorme e óculos pequeninos? — passou os dedos pelos cabelos cacheados da nuca. — Preciso tomar cuidado ou vão começar a nascer penas onde não devem.

Carlo era um homem muito bonito. Mesmo sendo mais baixo que os outros, era simpático, elegante e tinha os traços fortes e marcantes, além dos profundos olhos castanho-escuros e os cabelos pretos que caíam em cachos na nuca. Carlo era inteligente e muito cavalheiro. Achava um absurdo que nenhuma vampira nunca tivesse arrastado uma asa para ele. Bom, nesse caso, arrastado os *dentes* seria mais apropriado. O jeito relaxado dele rir me contaminou e acabei rindo também. Era bem melhor do que o silêncio de antes.

— Tudo bem, eu exagerei, confesso — disse, olhando-o pelo canto dos olhos. — Mas você está fugindo do assunto — critiquei. — Está escondendo alguma coisa de mim, Carlo? — perguntei com calma. — Alguma paixão mal resolvida? Um amor secreto?

Ele me olhou com um pouco mais de seriedade, e senti que o canto de sua boca continuava repuxado num sorriso forçado. Com calma respondeu, dando ênfase a cada uma das letras:

— Não. Eu não tenho *nenhum* amor secreto — seus olhos estavam grudados no meu rosto. — Tudo o que amo não é mistério para ninguém aqui — apontou o laboratório. — Você mesma pode ver.

— Ah, qual é? — zombei. — Não pode me dizer que em todo esse tempo... quanto? Uns setecentos anos? — tentei calcular e desisti. — Nunca apareceu ninguém que o chacoalhasse na base? — ele arregalou os olhos pelo modo como falei. — Me fala a verdade!

— Não sou o único a viver assim, Cínthia. Existem muitos outros que são sozinhos também, vampiros que nunca sofreram nenhum *terremoto* em suas estruturas — brincou com minhas palavras. — Ser *sobrenatural* implica uma existência solitária, mesmo que todos tenhamos, ainda, o apetite humano pelas coisas da vida — sua voz ficou suave. — Eu fico feliz quando posso ver que esse lado, que permanece incubado em nós, floresce em muitos casos, como os bulbos que dormem no inverno e despertam com força na natureza, no tempo certo — o brilho no olhar castanho era intenso. — Vi isso acontecer com Josh, com Morgana, recentemente com Eric — sorriu para mim —, e também com Robert, embora as coisas estejam difíceis agora para ele — completou com um ar de frustração.

Também me senti encurralada nessa questão. Ninguém, naquela casa, deixou de perceber o quanto a ausência da minha mãe o machucava. Mas não era sobre isso que queria falar, não agora.

— Você ainda não me respondeu — tentei dar um tom mais leve na questão. — Seja honesto comigo. Nunca, nenhuma vez, por menor que fosse, você sentiu algo diferente por alguém?

Ele sorriu, deixando os dentes brilharem contra a luz da janela.

— Cínthia, eu vivo vinte e quatro horas por dia para o que faço. Desde que era humano me dedico à ciência, ao estudo do mundo dos homens e depois dos vampiros. Desde que me lembro minha vida sempre foi assim — cruzou os braços. — Acredito, sinceramente, que para existir a mínima possibilidade de algum relacionamento acontecer ambas as partes precisam colaborar, não acha? — piscou. — E, no meu caso, bom, não sou muito de *curtir*, como você diz. O que limita, e muito, as possibilidades de conhecer alguém, como eu, por quem me interessasse. As únicas mulheres do meu círculo íntimo são Clem, Morgana e agora você, sem contar sua mãe — levantou um dos joelhos para perto do peito. — Vampiras estão espalhadas por aí, cada uma em seu território, algumas com parceiros e outras não, puras ou metamorfos. Mas não acho que eu seja do tipo que sairia procurando uma igual entre elas.

— Mas, e se você não precisasse achar uma vampira? — tentei outra abordagem. — Por que tem que ser necessariamente alguém como você?

Por um momento tive a impressão de que Carlo parou de respirar, e que sua postura tinha um quê de tensão. *Curioso...* Resolvi cutucar um pouco a questão.

— Veja bem, raciocina comigo: Josh salvou Morgana, e você a mudou ou então ela morreria. Beleza, os dois estão juntos — acenei para mim. — Eu conheci Eric e me apaixonei por ele, somos diferentes, mas nem por isso deu errado. Com exceção, é claro — e o fuzilei com os olhos —, de certas *restrições* que o senhor coloca e que estão me dando nos nervos! — bufei e me abanei com exagero. — E o Robert se apaixonou pela minha mãe, e eles se relacionavam enquanto ela era humana ainda — abri os braços. — Então? Por que você não poderia gostar de uma humana? Sei lá, cruzar com alguém

no *shopping*, sair pra passear um pouco e tropeçar na frente de uma mulher maravilhosa? Ou melhor — coloquei a questão —, você não é fissurado por ciência? Podia ir a uma dessas palestras ou simpósios nas universidades e esbarrar com alguma cientista interessada em dividir outra coisa além de átomos!

A boca de Carlo se abriu por completo e percebi que, se pudesse, estaria corado de vergonha. Também vi certa perplexidade e tormento em algumas de suas expressões. Será que exagerei? Cruzei os limites da decência para ele? Afinal, Carlo era um homem da Idade Média, podia guardar algum resquício do pudor e recato natos a quem viveu naquele tempo. Seu olhar, que ficou distante por algum tempo, retomou o foco e seus olhos piscaram rápidos. Ele me encarou, sem nenhum tipo de censura, e sorriu debochado.

— Não acredito que estou sentado aqui, em meu laboratório, recebendo conselhos amorosos de uma pivetinha! — sua voz era amistosa e provocativa. — Como poderia imaginar que, tantos séculos da minha vida iriam se passar, para que algo assim acontecesse? Você é terrível! — riu.

Acabei rindo também. *Ufa! Ele não se ofendeu, que bom.*

— Cínthia, eu entendo seu ponto de vista. Já fui jovem, tive sua idade, as aventuras que um homem humano teria em seu tempo, não fui nenhum santo — piscou. — Nem só de livros, pergaminhos, poções e infusões vivi minha vida. Só que, quando humano, eu era pobre. Vivia de recursos fornecidos por importantes mecenas que financiavam minhas pesquisas. Era uma realidade muito instável, mudando constantemente sempre que uma guerra ou praga acontecia, e, acredite, elas eram rotina naqueles dias, ou quando algum novo rei ou família assumia o poder, geralmente matando o líder anterior — sua postura ficou mais ereta. — Eu não tinha condições de sustentar uma família, e não queria que meus filhos tivessem que passar pelas mesmas privações que meus irmãos e eu passamos. Por isso foquei minha vida no trabalho — e acrescentou, meio constrangido. — Quando procurava diversão, bom, ia a alguma taverna e pagava pelo que gostaria de ter — coçou os cabelos. — Era o que todo homem fazia, e não lutei contra a maré. Mas, se eu quisesse ter uma esposa e filhos, sabia que teria que me esforçar

muito mais — seu olhar cruzou o meu. — Só que o destino mudou meus planos, e Solomon se encarregou de não permitir que a mudança de rota me levasse à morte.

Fiquei em silêncio, sentia que ele queria falar mais.

— Quando tudo se acalmou, depois de um tempo tumultuado para mim, Solomon explicou muitas coisas que eu precisava saber — disse e dobrou um pouco o corpo na minha direção. — Entre elas as *restrições* a que a senhorita tanto se refere em meus ouvidos — minha cara ficou vermelha. — Depois disso decidi que, se não poderia mais viver os sonhos de um homem normal, pelo menos ainda tinha meu trabalho. Foi nele que me agarrei. Todos aqui se agarraram em muitas coisas no início para não enlouquecerem. Até sua mãe fez isso.

— Ela fez? — minha voz ficou mais fina do que eu pretendia. — O que ela fez?

Carlo levantou-se e sumiu. Cerca de dois segundos depois ele estava de volta, segurando um envelope. Sem falar nada me passou. Abri com mais cuidado do que o normal, estava lacrado, e olhei para a folha azul. Por alguns minutos meus olhos acompanharam cada palavra, enquanto minha garganta se contraía. Quando acabei de ler, minha mão tombou pesada no colo, o testamento esquecido. O rosto de Carlo ficou embaçado por causa das lágrimas que se juntaram, tolhendo-o numa nuvem distorcida. Tive dificuldades para respirar, e os soluços brotaram com facilidade.

— E-Eu... não sabia — engasguei. — Ela nunca me contou nada... — meus dedos apertaram a folha.

Carlo se aproximou e colocou dois dedos no meu queixo. Estavam frios e senti o tremor involuntário na espinha sempre que algum deles me tocava. Era gelado demais e não conseguia evitar, apesar do carinho explícito no gesto.

— Ela não falaria — Carlo assegurou. — Não era mais necessário, depois do Conselho. Durante todo o tempo de treinamento da sua mãe, eu a observava com atenção. Sempre a vi lutando contra duas coisas: o dilema entre a mágoa e o alívio pelo que Robert fez a ela, quando salvou sua vida, e a incerteza se voltaria a ver seu rosto, pequenina — seus dedos moveram-se no meu

queixo. — O primeiro dilema solucionou-se da forma como deveria ser, não havia alternativa. Eles se amavam e sua mãe ficaria com Robert, mesmo que por pouco tempo. Já o segundo — apontou para mim — era o foco que a manteve atenta e dedicada a cada passo que seguia. Sua mãe sempre pensava em todas as coisas tendo você como prioridade, não havia dúvidas quanto a isso — sua mão pegou o papel no meu colo. — Quando me entregou este testamento, pedindo para que eu tomasse as providências se tudo desse errado, e escondendo esse fato dos outros, entendi o quanto de esforço sua mãe fez para garantir que nunca, em momento algum, você ficasse desamparada nessa vida se ela viesse a faltar.

Minhas lágrimas caíram grossas. Escorreram pelo rosto e pingaram no envelope pardo, como se gotas de chuva tocassem em folhas secas do outono. Por alguns momentos esse foi o único som na sala. *Outono... o outono sempre me fazia chorar assim, na mistura das cores, no ruído das folhas, em um rio de lágrimas. Você faz muita falta no outono, mãe...* Carlo se aproximou mais e gentilmente me abraçou. Deixei de lado o problema do frio, e meus braços agarraram sua cintura. O choro veio com mais força. Por alguns minutos fiquei assim, ele não se movia para nada, apenas passava os dedos nos meus cabelos. Quando me afastei, com as lágrimas pingando, busquei com meus olhos o seu rosto.

— Ela fez o mesmo — afirmei, com convicção. — Resolveu mais um dilema — funguei um pouco, meus olhos ardiavam pelo choro. — Eu sempre soube, desde o início, que minha mãe nunca iria desaparecer assim, sem um bom motivo. Mas por que ela acharia que sua presença traria problemas? — meu olhar era angustiado. — O que poderia ser tão sério e perigoso que ela não permitiria que nenhum de nós ajudássemos? — as lágrimas ainda caíam. — Que a faria ir embora e ficar longe de mim?

Carlo me olhou de frente, as mãos agora nos meus ombros.

— Não posso dar essa resposta para você, Cínthia — seu tom era frustrado outra vez. — Nem para aliviar seu sofrimento, nem para aplacar a dor de Robert. Me angustia ver cada um de vocês olhando o futuro incerto, sem rumo, como se um pedaço vital tivesse sido

arrancado — passou a mão no meu cabelo. — Queria ter a resposta. Acredite.

Limpei os olhos nas mangas da blusa.

— Eu também, Carlo, acredite. Daria até minha última gota de sangue para ter essa resposta, não duvide disso — olhei para o papel azul na mão dele.

Levantei-me e o peguei. Olhei ao redor, achando o que queria em cima de um balcão. Sem pressa, apesar do tremor nas mãos, risquei o fósforo e aproximei a chama azulada na ponta do documento. Segundos depois observava o papel crepitar entre meus dedos.

— Espero que não tenha nada inflamável por aqui — lembrei, de repente, desse detalhe.

— Não o suficiente para esse foguinho — sorriu e abriu a janela, deixando que o vento entrasse para levar as cinzas embora.

Soltei o restante do testamento de minha mãe, que subiu como um balão pelo ar e atravessou a veneziana. Acompanhei a trajetória aleatória que ele fazia, enquanto se dissolvia cada vez mais. Como nos pedidos chineses que se queimam aos deuses no Ano Novo, fiz uma prece silenciosa a algum que me ouvisse. Então, desapareceu. Nenhum de nós falou nada. O silêncio só foi rompido pelo toque do meu celular. Corri até ele, na esperança de ser Eric. Mas o número era outro e me decepcionei.

— Oi, G — falei com calma, enxugando os olhos.

— *Oi, Cíntia!* — ela estava animada. — *Nossa, que voz é essa?*

— Não é nada, eu estava dormindo um pouco — menti. Carlo já havia ligado o microscópio outra vez.

— *Preguiçosa!* — riu. — *Pois faça o favor de acordar, mocinha. Tenho novidades para você.*

Georgiana ligava de vez em quando, depois que soube que eu estava morando em Bristol e que havia largado a faculdade na Holanda. No começo ela encheu o saco por isso, mas depois parou de reclamar. E também não costumava perguntar mais sobre a minha mãe.

— Ah, é? — tentei parecer animada. — E o que foi? Pode me contar.

— *Bobinha, não vou contar nada* — Georgiana provocava. — *Eu vou mostrar, isso sim. Mas só se você vier jantar em casa hoje à noite. E não aceito mais um não como resposta!*

Suspirei de leve. Georgiana havia ficado muito reclusa depois da morte dos pais, mas nos últimos tempos alguma coisa havia acontecido com ela. Ligava com mais frequência, vivia convidando Eric e a mim para sairmos, e agora era esse jantar misterioso.

— Não sei, G — tentei inventar uma desculpa. — Estou meio desanimada. O Eric precisou viajar e não gosto de sair sem ele.

— *Ele viajou? Quando?* — mas antes que eu pudesse responder, foi completando. — *Que droga, eu tinha pensado em um encontro de casais...* — ficou quieta, de repente.

Franzi a testa, dessa vez surpresa mesmo.

— G, não entendi. Como assim encontro de casais? O que você está tramando? — apertei para ela falar.

Ouvi a risadinha baixa do outro lado.

— *Tudo bem, eu posso até contar... um pouco* — disse com cautela. — *Mas se me prometer que virá, só faltava confirmar você e o Eric* — bufou. — *E diga a ele que não vou perdoá-lo, quando voltar, e que vai ter que jantar aqui em casa com a gente. Eu não cozinho tão bem quanto a mamãe, mas acho que ninguém vai precisar pedir pizza. Você pode até dormir na minha casa, se quiser.*

A casa de Georgiana. A antiga casa de Jean e Ben. Por um momento fiquei realmente curiosa. O que teria acontecido de tão excepcional a ponto de Georgiana decidir dar um jantar, na casa dos pais? Será uma tentativa de superar o passado e tocar a vida? Percebi que ela estava esperando uma resposta e, sem saber por quê, olhei para Carlo. Com certeza ele tinha ouvido a conversa, e seu comentário deixou isso bem claro:

— Acho que deveria ir, se quer a minha opinião — sorriu. — Você precisa se distrair um pouco e sua amiga gosta de você, deu para perceber. E não temos tido nenhuma ocorrência por aqui há muito tempo — seu olhar era significativo e acenou com as mãos, para me estimular. — Prometo que, se souber de algo, eu aviso imediatamente, ou vou buscá-la bem rápido — isso não era exagero da parte dele.

Balancei minha cabeça. Não adiantaria ficar ali, parada, esperando o tempo passar.

— Tudo bem, G. Eu vou — ouvi as palminhas dela do outro lado. Parecia uma criança. — Mas vai ter que me contar tudo, entendeu?

— *Por que não fazemos assim?* — sugeriu. — *Venha mais cedo, hoje é meu dia de folga do hospital. Você pode me ajudar com a comida e eu conto os detalhes. Garanto que vai se surpreender* — perguntou em seguida. — *Quer que eu a busque?*

Não, nem pensar.

— Pode deixar, eu vou dirigindo, G. Sou uma mulher habilitada há algum tempo.

— *Então fico esperando. Venha a hora que quiser, vou estar aqui. Vai ser uma noite e tanto.*

Carlo ainda estava no laboratório quando fui me despedir dele, após me arrumar para a grande noite. Ele me olhou e tornou a garantir.

— Lembre-se, qualquer coisa é só ligar. Estarei por aqui — me acompanhou até a saída.

Peguei o carro de Eric na garagem. Ao contornar a alameda da mansão, para pegar a saída, Carlo apareceu do nada na janela do motorista.

— Cínthia, me responda uma coisa? — questionou, uma sobrelleha levantada. — O que foi mesmo que disse há pouco tempo? Quando falou sobre a sua mãe?

Eu me refiz do susto. Nunca conseguia me acostumar com eles indo e vindo como fantasmas, e forcei a memória. De qual parte ele falava?

— Que eu... *daria até minha última gota de sangue para ter essa resposta?* — frisei o comentário.

Sua cabeça levantou-se e o vi soltar o ar, uma agitação parecendo dominar seus olhos e gestos.

— Sim, foi isso que pensei — falou consigo mesmo.

E desapareceu, me deixando sem uma resposta. Pensei em descer do carro e ir atrás dele, mas a essa altura estaria enfiado no laboratório, procurando por alguma coisa que deixou passar. E eu já havia atrapalhado seu trabalho hoje, não seria justo interromper mais

uma vez. Sem questionar mais essa atitude estranha, engatei a marcha e cruzei o portão.



A casa de Jeanete continuava a mesma. Georgiana não havia mudado muitos detalhes da decoração. Os pratos de porcelana continuavam nas paredes, os porta-retratos, móveis, cortinas, tudo. Apenas o carpete da sala foi modificado. O antigo, cor de creme, dera lugar a um azul pálido. E o tapete não estava mais por lá, onde, segundo minha mãe, os corpos de Jean e Ben estavam com o sangue manchando tudo ao redor. Olhei para a lareira apagada e me lembrei daquele Natal passado ali. Os presentes, o suéter caramelo horrível, David com uma touca de Papai Noel, minha mãe comendo e rindo, feliz da vida com tudo de novo que acontecia: o emprego, os amigos... e um amor inesperado, que apareceu para encher sua vida solitária. *Como o destino podia mudar tanto em tão pouco tempo?*

Essa pergunta me perseguia por cada cômodo que atravessava, a caminho da cozinha, onde Georgiana espalhava legumes sobre a mesa, misturava temperos em uma vasilha e colocava um assado no forno, sempre acompanhando o passo a passo do livro de receitas. Quando ajustou a temperatura, ela voltou-se para mim. Eu cortava as batatas e cenouras em cubos grandes.

— Deus! Nunca pensei que cozinhar desse tanto trabalho! — ela se agitava com a massa das panquecas. — Vou precisar de uns duzentos anos de vida para me acostumar!

Eu conheço uma maneira de você conseguir isso, G, pensei com ironia. *E bem mais até.* Assim que cortei os legumes e marchei para a próxima tarefa — rechear e cobrir uma torta para a sobremesa —, decidi romper o mistério daquele jantar.

— Muito bem, G, você ainda não me contou o porquê disso — apontei com a faca para a bagunça na mesa. — Qual é a grande ocasião?

Ela colocou as mãos na cintura e levantou as sobrancelhas que exibiam manchas de trigo.

— Ah, não é nada tão especial assim... — sua voz era suspeita.
— Eu só queria convidar os amigos, sair um pouco da rotina. Ficar enfiada no trabalho não faz bem — procurou uma fôrma no armário.

— Mas ao telefone você reclamou da ausência do Eric, e disse que queria uma *noite de casais* — esse detalhe eu não deixaria escapar tão fácil. — E prometeu que, se eu viesse cedo, contaria tudo.

— Tudo não — advertiu. — Só uma parte.

Mirei seus olhos cinzentos. *O que essa criatura estava escondendo?*

— Ah, sem essa, G! — reclamei. — Sabe que pode confiar em mim. Anda, desembucha!

Georgiana mordeu a ponta do lábio. *Ai, que ódio! Detesto suspense.*

— Muito bem... — ela arrumou as panquecas na fôrma, cobrindo com canela e açúcar. — Eu vou contar a primeira parte da história, a segunda você vai ver depois: convidei o David para vir hoje — meus olhos seguiram suas palavras. — E pedi que ele trouxesse Kate, a assistente. Lembra-se dela?

Como poderia esquecer? Kate foi a primeira pessoa que eu conheci em Bristol a ter o pior contato possível com o mundo além daquele que Georgiana pensa existir. E sobreviver a ele também.

— Claro que me lembro, faz tempo que não nos encontramos. Mas o que tem a ver?

Não conseguia imaginar um propósito para Kate estar ali, conosco, naquela noite. Ela nem era amiga íntima de Georgiana. Tudo bem, seria uma companhia a mais para o Dave... E minha mão parou de colocar o recheio na torta assim que a ficha caiu. Georgiana me fitou com um sorriso no canto da boca. *Noite de casais!*

— G, você é maligna! — soltei. — David e Kate? Mas, como? Quando foi que eles...?

— Não, Cínthia. Você não entendeu — ela explicava devagar e em voz baixa, como se alguém pudesse ouvir. — Não há nada entre os dois, *ainda*. Mas acho que, com uma forcinha, eles poderiam se entender — olhei incrédula. — E não faça essa cara pra mim — Georgiana ordenou. — Eu já reparei no modo como ela olha para o

meu irmão. Só o idiota do David não notou que ela respira o ar por onde ele passa — fincou o garfo numa panqueca. — Estou apenas tentando unir o útil ao agradável, para os dois.

— Mas, G, e se for só loucura da sua cabeça? — ela me encarou. — Não, é sério: e se você estiver vendo coisas onde elas não existem? David foi professor e é chefe dela agora. Os dois podem estar próximos só pelo trabalho — insisti no meu raciocínio. — Não acha que está exagerando?

Georgiana apoiou o cotovelo na mesa.

— Nossa, o que aconteceu com aquela Cínthia intuitiva que nunca deixava passar uma bola dessas? — questionou e me encolhi. — Há alguns anos você veria o mesmo que eu, ou até mesmo antes de mim! Sempre se orgulhava de pegar o clima no ar — acompanhou as palavras com um gesto simbólico. — O que deu em você agora?

Sim, era verdade. Sempre fui boa para perceber essas coisas. Podia notar os mínimos sinais a qualquer distância, com qualquer um. *“Escuta aqui, mãe, você pode falar que sou uma pivete ou qualquer coisa parecida, tudo bem. Mas, pelo menos, eu não fico fingindo, feito criança, que não me interessei por alguma coisa quando, na verdade, me interessei sim. E isso é exatamente o que você está fazendo. E aquele cara estava paquerando você! Dava pra ver que ele não tirava os olhos. Até o David ficou com ciúmes.”*

A lembrança dessas palavras doeu. Da noite em que intimei minha mãe a perceber que Robert estava interessado nela, e que ela havia arrastado uma asa para ele também. E David sentira ciúmes. O que será que aconteceu comigo? A tristeza e a saudade estavam afetando meu senso de observação das pessoas? Voltei a colocar o recheio, dando de ombros e me defendendo do comentário.

— Acho que é porque ainda não os vi juntos. Na verdade, não me lembro de ter estado com os dois, ao mesmo tempo, em algum lugar — suspirei.

— Ah, mas vai ver! — ela assegurou. — Quando chegarem você vai entender o que eu disse. Sobre ela não tenho dúvidas, mas meu irmão é um pouco mais... complicado, como sempre — deu risada, lambendo o açúcar dos dedos. — Preciso evitar que David caia no rótulo de solteirão frustrado e solitário antes que seja tarde demais.

Não vou suportar ter que conviver com ele desse jeito — provou uma panqueca.

— Não sei não, G, acho arriscado. E se David ficar cismado e não gostar da sua *operação cupido*? E se Kate gostar *mesmo* dele e levar um fora? — limpei os dedos num pano de prato. — Acha que isso vai ser mesmo bom pra ele?

Ela parou de comer, seus olhos cinzentos brilhando de um jeito diferente do normal.

— E o que será bom para o David, Cínthia? Continuar choramingando pelos cantos por causa da *sua* mãe? — seu tom de voz me congelou no lugar. Havia ressentimento e uma pontada de desprezo nele.

Fervi de raiva e senti meu rosto queimar e ficar vermelho. Encarei de volta seu olhar, com intensidade redobrada, e isso a fez se encolher. Georgiana podia pensar o que quisesse, tinha esse direito já que não conhecia a verdade, como David e eu, mas não ia permitir que falasse da minha mãe pelas costas. Nem ficaria ali para ouvir suas asneiras.

— Bem, G, obrigada pelo convite. Mas não vim aqui para ouvir minha mãe ser insultada por alguma coisa de que ela nunca teve culpa. Se David gostava ou não dela, ele deveria ter tido coragem para assumir isso e não ficar se escondendo, querendo que ela desse o primeiro passo — meu tom era ácido. — Não é uma atitude de homem, em minha opinião. Mas você não precisa concordar com ela — segui para a sala, para pegar meu casaco e a bolsa.

A mão de Georgiana alcançou meu ombro, quando contornou a mesa.

— Não, por favor, Cínthia, me desculpe. Eu não sei o que deu em mim — sua voz estava engasgada e as mãos tremiam. — Não vá embora, eu peço. Não deixe que essa minha boca idiota e estúpida estrague a nossa amizade, atrapalhe tudo, por favor? — seus dedos se apertaram no meu ombro. — É que... Droga, eu não quero mais ver o David sofrer. Quero que ele tenha, ao menos, uma chance de ser feliz com alguém. Forçar a barra pode não dar certo, eu sei, mas, se eu não tentar, como vou ter certeza? — seu tom ficou triste. — Meu irmão passou a vida achando que, um dia, sua mãe iria gostar

dele. David é um bobalhão por não ter tentado fazer Laura enxergar isso, eu sempre disse que deveria se arriscar mais, encarar a situação. E de tanto esperar a fila andou e ele ficou pra trás. Ou melhor, nem sequer fez parte dela algum dia.

Georgiana desabou numa cadeira e colocou o queixo numa das mãos.

— E agora ele está sozinho, sua mãe foi embora, sem nem se despedir de nós, de *mim* — a dor na voz dela me alcançou. — Sua mãe sempre foi como uma irmã, se ela decidiu viver a vida em outro lugar eu não vou censurá-la. Mas preciso tentar que David perca a obsessão que tem por ela. Que enterre de vez esse fantasma! — seus olhos voaram para mim. — Só não quero que pense que desejo alguma coisa de ruim para sua mãe. Seria impossível fazer isso! Estou com raiva? Sim, muita. Mas é por que... eu sinto falta dela... — a voz morreu.

Duas lágrimas pingaram pelo rosto corado de Georgiana, fazendo um caminho pela farinha acumulada, rolando até o queixo. Meu coração se apertou e a raiva foi embora. Passei os braços pelo seu ombro, tentando animá-la.

— Ei, que é isso? Calma — baguncei seu cabelo, agora mais comprido. — Eu entendo, não precisa ficar assim — forcei as palavras a saírem da boca. — Só que nem sempre as coisas são o que aparentam ser, G. Acredite. Tenho certeza de que minha mãe está tão triste quanto você agora. Foi muito rápida a mudança, a decisão dela. Muita coisa ficou inacabada por aqui... — me calei.

Georgiana olhou para o meu rosto.

— Você fala do Robert? Como ele reagiu? Eles ainda se falam? — a enxurrada de perguntas não cessava. — Sempre achei os dois perfeitos. Não consigo entender o que deu na cabeça de Laura para deixar tudo pra trás, assim, do nada.

Ninguém consegue, G. Ninguém consegue.

— Não vamos mais falar nisso, tudo bem? O que aconteceu é passado — tentei mostrar uma confiança que não sentia. — Eu não sei se os dois ainda têm contato ou não, e isso não é da minha conta. O que tiver de ser, será — a certeza dessa afirmação pareceu tomar um vulto maior para mim, muito mais do que esperava.

Algumas horas depois e estava tudo pronto. Mesa posta, velas, música. Georgiana se arrumava enquanto eu atendia a ligação de Carlo.

— E o que mais ela disse? — Clementine telefonara minutos antes. Como prometeu, ele me colocava a par da situação. Eu falava em voz baixa, para não atrair a atenção de G.

— *Eles tiveram algumas dificuldades. Alguns nômades atacaram na costa da Finlândia e precisaram agir.*

— Mas alguém se machucou? — perguntei, aflita, torcendo a ponta da toalha de mesa.

— *Não, fique tranquila. Todos estão bem* — sua voz ficou mais grave. — *Mas ainda não encontraram o que estão procurando. Tudo está arrumado, mas eles têm que esperar.*

Merda! Esperar quanto tempo? Até um deles morrer, como os outros dois? Suspirei fundo. Não havia nada que eu pudesse fazer. Não na minha estúpida condição!

— *Cynthia? Você ainda está aí?*

— Sim, estou. É que... Estou com medo — admiti.

— *Não se preocupe, eu já disse. Aproveite a sua noite. Se eu souber de mais alguma coisa, ligo.*

Fechei o aparelho devagar. Estava subitamente quente ali dentro. Georgiana cantarolava quando abri a porta da frente e fui até o jardim, para tentar me acalmar. Nômades, outra vez! Essas pragas pareciam estar em todo lugar agora. Romênia, Dinamarca, Finlândia, até mesmo no Brasil, pelo que Shiloh contou a Clementine. E talvez em outras partes que ninguém ainda sabia. O que estaria acontecendo? Antes não havia tanta perturbação, todos me garantiram. O que provocaria uma agitação tão fora do normal? E em tantos lugares? *Talvez David saiba de algo.* Eu poderia dar um jeito de sondar, durante esse jantar maluco, e descobrir alguma coisa que ajudasse os outros. Se, pelo menos, eles parassem logo de frescura e fizessem a minha metamorfose... Eu teria condições de ser bem mais do que uma informante. Ou um estorvo. Quanto tempo mais teria que esperar? Outros dois anos? E até lá? Como poderia continuar sendo humana, quando todas as coisas que gostaria de viver com um homem estão proibidas pra mim?

Agora eu sabia como funcionava essa coisa de *química*. O que era o desejo. A vontade de estar com um homem, de corpo e alma. E tudo o que me separava de ter uma vida feliz com Eric era a teimosia de alguns e a droga dos problemas que não paravam de aparecer. *Eu preciso dar um jeito nisso*. Não importa o que pensem, ou o que esteja acontecendo, mas não vou passar mais um ano da minha vida aguentando essa situação. É intolerável e absurda! Mesmo sem saber como vai ser comigo, por quais experiências terei de passar, e sentindo muito medo embora não admitisse, não queria mais ficar em cima do muro. Nem os outros poderiam manter essa postura por muito mais tempo. Tudo isso era contra a minha vontade. Soltei o ar. *Calma, você precisa agir com calma agora*.

O sol estava se pondo. Enquanto ruminava o meu dilema, um carro azul prateado estacionou na entrada da casa. Os vidros eram escuros, por isso não pude ver o motorista. Será que David mudou de carro? A porta se abriu e um homem alto, loiro, os cabelos longos presos num rabo de cavalo, vestido com uma camisa azul escura e calça social preta, desceu e acionou os alarmes. Trazia um casaco no braço e um buquê de violetas amarelas na mão. Quando me fitou, vi que seus olhos eram tão azuis quanto os meus.

— Olá, boa noite. Você deve ser Cínthia, não é?

Pisquei umas três vezes antes de responder:

— Sim, sou eu — estendi a mão para a que ele me ofereceu. Seu toque era quente e suave.

Quem era esse cara? Franzi um pouco a testa. Ele deve ter percebido minha confusão, nunca fui boa para esconder essas coisas, e sorriu com calma.

— G sempre me fala de você. Disse que a conhece desde que era criança — fiquei vermelha na hora. — Meu nome é Gerker, muito prazer.

Ele a chamou de G? Foi isso que ouvi? E pra que as flores? Que parte dessa história eu estava perdendo? *“Muito bem, eu vou dizer a primeira parte da história, a segunda você vai ver depois.”* Minha boca se abriu. Eu teria ficado ali, feito uma idiota, se não fosse a voz vinda da porta da frente.

— Gerker! — Geogiana apareceu, linda num conjunto azul claro. — Você veio cedo — aproximou-se, passando os braços pelo pescoço dele e dando um beijo na boca de tirar o fôlego. Ele retribuía no mesmo entusiasmo.

E agora? Me enterro no jardim até a próxima primavera? Por que eu tinha a sensação de que estava segurando não uma vela, mas um candelabro inteiro? Sem saber o que fazer, fiquei parada, esperando. Quando finalmente Georgiana se soltou dele, a felicidade saltava dos seus olhos cinzentos e parecia aplacar a escuridão da noite que começava. Eu conhecia muito bem essa sensação.

— Acho que já deve ter conhecido Cínthia. Querida, esse é Gerker, ele é médico, trabalha na Holanda — seus olhos se cruzaram de novo. — É um amigo do David, que meu querido irmão fez questão de esconder todo esse tempo — sua voz parecia indignada.

Gerker juntou os dedos da mão nos dela e deu-lhe mais um beijo rápido. *Quem diria!* Sorri diante do inesperado.

— Você conseguiu me surpreender mesmo dessa vez, G — comentei, ainda meio tímida. — Podia, pelo menos, ter me dado um toque.

— E perder essa sua carinha corada? Nem pensar! Hoje quero que a noite seja de surpresas agradáveis — olhou para a esquina. — E por falar nelas, os outros convidados estão chegando.

O Kia Carnival virava a esquina e estacionava com graça atrás do sedã. Seus ocupantes desceram e vi o sorriso tímido de Kate... e o olhar espantado de David. É, não podia reclamar. Seria uma grande noite.



O trajeto entre Kingsdown e Southville nunca me pareceu tão longo. Bem mais do que a meia hora que deveria ter. Meu coração batia acelerado e algo como um suor, fino e concentrado, teimava em deixar as mãos pegajosas, que eu mantinha firmes no colo para não tremerem. O som da música de Bach enchia o carro, mas não conseguia ter o poder de me acalmar. Do meu lado, David dirigia

tranquilo. O oposto de mim. Ainda estava confusa com o convite inesperado. Havia visto a irmã dele poucas vezes e nem éramos amigas. Nada que justificaria um jantar na casa dela. Mas, como sempre, quando David me pedia alguma coisa, era difícil recusar.

— Mas, professor — tentei argumentar dois dias antes —, acho que não seria apropriado. É um jantar de família.

— Não é um jantar de família, Kate. E, por favor, não precisa mais me chamar de professor — corei feito um tomate. — Georgiana convidou alguns amigos e me pediu para levá-la, se quiser ir. Acho que seria uma boa oportunidade de nos distrairmos um pouco do excesso de trabalho — apontou para a enorme pilha de papéis sobre as mesas.

E agora eu estava aqui, no carro com ele, a poucos centímetros de distância, muito mais do que me permitiria. Isso se realmente pretendesse que meu coração vivesse até os trinta anos. Suspirei baixo. O movimento não passou despercebido, como eu gostaria.

— Cansada? — ele perguntou, me olhando de lado.

— Não. Estou bem — calei a boca, mordendo o lábio com raiva.

— Se quiser mudar de música, fique à vontade — David sorria ao dizer. — Eu gosto de clássicos, mas tenho algumas coisas mais modernas no porta-luvas.

— Eu gosto de clássicos também. São relaxantes — passei o dedo na têmpora esquerda. Mais uma vez o gesto não ficou em branco.

— Você está bem, Kate? — sua voz era preocupada. — Não está sentindo dor de cabeça, não é? — o olhar desviou-se para o meu rosto quando o carro parou no semáforo.

Senti o rubor subir e queimar. Droga! Não queria que ele percebesse isso. Depois de muito tempo, as dores de cabeça haviam voltado. Não eram intensas como as outras, nem incomodavam tanto, mas eu me lembrava das consequências da última vez. E David também. Não queria preocupá-lo. Já havia marcado uma consulta para *chek-up* no dia seguinte e meu terapeuta prescreveu alguns comprimidos para aliviar a dor. Não havia necessidade de alarmar ninguém. Apenas a fisgada um pouco mais forte me desconcentrou. E denunciou.

— Não, eu estou bem. Não é nada mesmo.

— Tem certeza disso? — ele não parecia convencido. — Se quiser, posso levá-la para casa e cancelamos tudo. Ou podemos ir até o hospital — seu olhar era preocupado.

— Não há necessidade, David... — minha boca se fechou de súbito, assim que seu nome saltou para fora dela.

Meu Deus, e agora? Não podia corar mais do que já estava, seria impossível, e nem saltar do carro, pois o sinal abria nesse instante. David assoviou baixo, e tentou bater palmas ao volante.

— Aleluia! — disse em tom de brincadeira. — Achei que nunca fosse conseguir isso. Sempre é *professor Carter* pra cá ou *senhor Carter* pra lá. Já estava na hora de ouvir você me chamar pelo meu nome, Kate.

Ai, meu Deus! Por favor, me arranje um buraco? Bem fundo e bem longe daqui. Sentia que iria sufocar no espaço mínimo entre nós dois.

— Ei, que é isso? Não precisa essa vergonha toda. Há quanto tempo nos conhecemos? — seu tom era despreocupado, oposto ao meu pânico. — A relação aluno-professor está bem distante agora, Kate. Você pode me incluir na lista de amigos, embora eu seja seu chefe — sorriu. — Ou acha que sou velho demais para ser seu amigo?

— Não, por favor. Não é isso, professor — me encolhi com o olhar frustrado dele. — É que é difícil pra mim... — calei a boca de novo.

— Isso é que não consigo entender, Kate! — sua voz tinha o tom perplexo. — *O que é tão difícil?* É só um nome, o meu nome. Não vejo por que de tanta resistência — seu rosto virou-se para o meu, outra vez.

Maldito sinal vermelho! Como vou conseguir explicar? Aliás, não posso explicar, é impossível. Não sem contar a verdade, e se David sequer desconfiar dela, por um momento que seja, tudo mudaria. Eu sei que sim. Teria que mudar de emprego, talvez até trancar o curso de pós-graduação. Seria um suplício ir ao campus e cruzar com ele, sem querer, pelos corredores. Ver o olhar de recriminação e repulsa. David ficaria com raiva, acharia um absurdo meu comportamento ridículo, inadequado e infantil. Mesmo que meu coração gritasse,

diariamente, com toda a força, o quanto eu amava esse homem, insistisse em dizer que era certo, que não havia nada de errado, que éramos ambos livres e desimpedidos.

Não, não totalmente livres. David *amava* Laura. Essa era a verdade e ponto final. Mesmo que ela estivesse longe, do outro lado do planeta, o pensamento é o que conta, e os dele estavam voltados para a mulher que sempre amou. Afinal, os meus não estavam sempre com ele? Sabia como era esse processo, nunca deixar de pensar, desejar, querer. Laura era todo o mundo dele. Linda, elegante, parecia uma rainha. Como competir com isso? Virei o rosto para encará-lo, já que não havia outro jeito. Seria falta de educação ficar parada, enquanto ele esperava uma resposta. Mas assim que o fiz, me arrependi. Os olhos castanhos me fitavam, com curiosidade e carinho. Os dedos batiam de leve no volante e sua expressão era muito maior do que qualquer outra que eu tivesse visto em meus sonhos. Pois aqui, era real! Palpável. E não desaparecia se eu abrisse os olhos. Percebi que não conseguiria dizer nada, nem uma palavra. Todo o mecanismo humano da voz simplesmente deixou de funcionar em mim. O que a boca calava, os olhos faziam saltar sem controle, como chamas de um incêndio, água de um dique, vento de uma tempestade. Fugiam de mim e se encontravam com ele.

Eu te amo. É difícil para mim porque eu amo você, mais do que qualquer coisa. Mas nunca poderei dizer isso em voz alta, nunca. As frases jorraram da minha íris e se perderam no momento em que uma buzina alta tocou. O semáforo estava verde. Respirei fundo e olhei para a frente, prometendo a mim mesma que não viraria a cabeça até chegarmos. David se atrapalhou com a marcha, depois acelerou. Também não falou mais. Os próximos minutos transcorreram assim, em total silêncio, apenas a sinfonia de Bach impedindo que a quietude fosse completa. O que aconteceu? Será que ele percebeu alguma coisa? Eu teria encarado demais? Minha garganta estava contraída de nervosismo e uma fisgada na cabeça me fez olhar para a janela. Cerca de dez minutos se passaram e fiquei aliviada ao virar a esquina da casa de Georgiana, em Southville. Se seguisse adiante, encontraria o terreno onde, um dia, a casa de Laura existiu. O pensamento me fez sentir outra pontada de dor. Havia pessoas no

jardim: Cínthia e Georgiana; mas o terceiro eu demorei um pouco a reconhecer. Alto e elegantemente vestido.

— Aquele não é o doutor Flohr? — rompi o silêncio com a minha surpresa. — O filho do senhor Yacov?

A expressão de David mudou. E a julgar pela postura de Gerker e Georgiana, muito íntimos, alguma coisa diferente aconteceria hoje. Desci do carro, sorrindo timidamente, vendo David boquiaberto do outro lado. E o aceno divertido de Cínthia.



Assim que deixamos o campus, coloquei o CD de Bach. A melodia enchia o silêncio no carro. Era suave e agradável, assim como o discreto perfume que Kate usava. Pelo canto dos olhos observei sua figura. Quieta, séria, olhando para a frente com firmeza, como se o pescoço não pudesse movimentar a cabeça para os lados. Estranho, por que tanta tensão? Seria o convite de minha irmã uma surpresa tão alarmante? Kate se sentiria incomodada por jantar conosco? Ainda me lembrava do seu tom, preocupado e tenso, quando tentou fugir do compromisso dias antes.

— Mas, professor — argumentava, enquanto a caneta rabiscava um bloco de papel. — Acho que não seria apropriado. É um jantar de família.

Kate pensava mesmo isso? Que Georgiana havia convidado só a família? Bem, na verdade eu também fiquei surpreso quando ela ligou, combinando sobre o jantar, e pedindo que a levasse.

— *Traga a Kate, Dave* — Georgiana disse numa voz absolutamente normal. — *Assim vamos reunir mais pessoas. E faz tempo que não falo com ela.*

— Não é um jantar de família, Kate. E, por favor, não precisa mais me chamar de professor — quantas vezes havia pedido isso? E lá estava ele outra vez: o rubor no rosto. — Georgiana convidou alguns amigos e me pediu para levá-la, se quiser ir. Acho que seria uma boa oportunidade de nos distrairmos um pouco do excesso de trabalho —

mostrei as montanhas de pastas de provas na minha mesa. E na dela.

E agora, enquanto eu dirigia devagar, ouvindo a sinfonia da música, Kate estava como uma estátua, mantendo as mãos firmes nos joelhos, sobre o casaco. Achei que levando-a a algum compromisso informal ela falaria um pouco mais. Só que, aparentemente, me enganei. Kate parecia ter voz apenas no trabalho, e eu sempre tinha que começar o assunto. O que era uma pena, pois ouvi-la falar era agradável. Kate era uma menina sensata e inteligente, com respostas e ações para todos os tipos de situação. Seria bom ter uma conversa com ela que não envolvesse trabalho. Gostaria de saber mais de seus sonhos, ideias, desejos, sobre a pessoa que se escondia dentro dela, e que cada vez mais parecia distante do meu alcance. Manter essa linha de pensamento, nesse momento, ajudava a evitar os outros que insistiam em me atormentar, desde a visita de Yacov, meses antes. *Se, pelo menos, Clementine e os outros já tivessem voltado...* Minha cabeça relembrava as palavras de Carlo ao telefone em nosso último contato.

— *Sim, já voltamos da Romênia, Megister. Mas Clem e os outros foram ajudar os clãs nórdicos.*

— O que aconteceu por lá? — senti o calor subir pelo pescoço. Será que o que Yacov previu estava se confirmando?

A história dos ataques aos clãs e humanos de Copenhague e outras regiões surgiu. Carlo me garantiu que, quando voltassem, entraria em contato, deixando no ar uma sensação incômoda de que algo muito maior estava em jogo, e da qual ele não poderia falar por telefone. Preocupante, muito preocupante. Embora eu quisesse contar sobre o relato de Yacov, achei melhor esperar o retorno deles e ficar de olho em Lúcio, impedi-lo de fazer algo precipitado. Ou mesmo Avelar. O suspiro baixo de Kate me fez olhá-la, ainda de lado, pois o trânsito se movia constante.

— Cansada? — havia notado certa palidez em seu rosto nos últimos dias e isso me preocupava.

— Não. Estou bem — respondeu com calma e calou-se, sem mudar de postura.

Tive a impressão de que a vi mordendo o canto da boca, mas não pude ter certeza. *Curioso*. Esse comportamento de Kate parecia restrito aos momentos em que ficávamos sozinhos, fora do ambiente de trabalho. Tentei fazê-la relaxar um pouco.

— Se quiser mudar de música, fique à vontade — sorri para animá-la. — Eu gosto de clássicos, mas tenho algumas coisas mais modernas no porta-luvas.

Kate acenou com a cabeça, mas ainda não me olhava.

— Eu gosto de clássicos também. São relaxantes.

Se são, então por que toda aquela tensão mal disfarçada? Sua resposta veio acompanhada de um gesto sutil: a mão esquerda tocou a têmpora, massageando-a. Mau sinal.

— Você está bem, Kate? — estava preocupado. — Não está sentindo dor de cabeça, não é?

O semáforo fechou e olhei diretamente para seu rosto. Por algum motivo Kate ficou vermelha, como se tivesse sido pega em flagrante. Estaria passando mal, outra vez, e não teria me contado? Não podia permitir que Kate escondesse isso. Ainda me lembrava da última vez, o sangramento, o desmaio, a internação. E o desespero que tomou conta de mim quando a vi, estendida no chão da sala, pálida como um morto. Não desviei os olhos até que ela falasse.

— Não, eu estou bem. Não é nada mesmo.

Mas seu tom não me convenceu. Kate tinha o hábito de não contar seus problemas a ninguém, mas sua saúde era frágil.

— Tem certeza disso? Se quiser, posso levá-la pra casa e cancelamos tudo. Ou podemos ir até o hospital — ofereci imediatamente. Senti, de repente, uma urgência de que um médico a examinasse.

— Não há necessidade, David... — ficou quieta, de súbito, ficando tão vermelha que mesmo de lado era possível ver.

Ela disse meu nome. O semáforo abriu nesse instante e me adiantei, surpreso por ter conseguido romper a barreira da boa educação de Kate. Podia dizer que havia conquistado uma vitória olímpica hoje. Tentei parecer bem-humorado, assoviando e batendo palmas, para livrá-la do constrangimento.

— Aleluia! Achei que nunca fosse conseguir isso. Sempre é *professor Carter* pra cá ou *senhor Carter* pra lá — sorria para encorajar essa boa-nova. — Já estava na hora de ouvir você me chamar pelo meu nome, Kate.

Pelo menos numa situação normal, quis acrescentar. *Não com você deitada numa maca, usando uma máscara de oxigênio, entre a vida e a morte*. Mas minha brincadeira pareceu ter o efeito oposto. Kate não relaxou a postura, retraindo-se mais, e tive a impressão de que, se pudesse, desceria do carro. Por que reagia assim? Não conseguia entender. Educação familiar justificaria esse comportamento?

— Ei, que é isso? Não precisa ter essa vergonha toda. Há quanto tempo nos conhecemos? — meu tom era despreocupado, queria que ela falasse alguma coisa. — A relação aluno-professor está bem distante agora, Kate. Você pode me incluir na lista de amigos, embora eu seja seu chefe. Ou acha que sou velho demais para ser seu amigo?

Será isso? Kate era mais nova, deveria ter quanto? Vinte e cinco anos? Talvez preferisse os amigos da mesma idade, com aspirações semelhantes. Esse fato me deixava aborrecido, por algum motivo. Seria bom saber que Kate me considerava um amigo, digno de confiança.

— Não, por favor — ela pediu rapidamente. — Não é isso, professor — sua voz ficou presa, engasgada. — É que é difícil pra mim...

Silêncio. O sinal fechou. Virei-me para ela no ato.

— Isso é que não consigo entender, Kate! — eu, confesso, estava desorientado. — *O que é tão difícil?* É só um nome, o meu nome. Não vejo por que de tanta resistência.

A forma como ela estava, rígida e tensa como se tivesse cometido um crime e esperasse a sentença, não condizia com nada do que eu tivesse visto antes. As pessoas podem ser tímidas? Claro, isso é normal. Mas Kate chegava a ser um absurdo. Um tributo colossal a esse comportamento. Ela não me olhava, e comecei a tamborilar os dedos, de leve, pelo volante. Que pensamentos estariam percorrendo a cabeça loira ao meu lado? Georgiana dizia que eu era péssimo para

ler as pessoas e odiava admitir que ela tinha razão. Kate parecia uma ostra, mas toda ostra sempre produzia uma linda pérola. Ostras são fortes, duras e quase inquebráveis por fora, mas seu interior guarda um tesouro, uma joia, acessível apenas a quem estiver disposto a mergulhar e procurar. A pérola perfeita era sempre uma coisa rara e preciosa. Uma ostra não entrega seu prêmio aos fracos. Nem Kate se abriria e revelaria seus tesouros a quem não merecesse.

Então, por que diabos eu estava aqui, sentado ao volante em uma avenida movimentada, com o sinal fechado, tentando fazer essa mulher falar? Por que me incomodava querer conhecer, e não conseguir, os segredos de Kate? E por que ela não me deixava vê-los? Eu não seria merecedor? É isso? Nesse instante sua cabeça se virou e ela me encarou, os olhos verdes brilhando contra a pele pálida, algumas poucas sardas brincando em seu nariz fino. Os fios loiro palha do cabelo se agitaram com esse movimento e caíram com graça no ombro, como se fizessem uma moldura para acentuar o semblante cálido e frágil. Kate era linda. De uma beleza tão simples e rara que chegava a provocar uma leve falta de ar, especialmente agora que eu a via de frente, me olhando. Um bolo contraiu meu estômago, algo como um calor desmedido invadiu meu peito e foi se espalhando, subindo, passando pela nuca e chegando ao meu rosto. O ar ficou preso nos pulmões, os olhos congelaram em contemplação e o ritmo do meu coração aumentou, sem causa aparente. E todo esse mecanismo parecia ser ativado pelo olhar esmeralda que se grudava ao meu e parecia não ter forças para abandoná-lo.

E eu também não encontrava a mesma determinação. A luz dos olhos de Kate falava com os meus numa linguagem intraduzível. Uma voz que não podia ser compreendida de uma única vez, num fôlego só. Não para alguém como eu. *Por que eu não posso ler seu olhar, Kate? O que ele quer me dizer?* Eu queria saber, mais do que nunca, buscar a resposta para o que nos fazia ficar aqui, parados, apenas olhando nos olhos um do outro. Mas uma buzina estridente quebrou o encanto. Kate deu um pulo no banco do carro e desviou o rosto para a janela. Por alguns segundos esqueci como se muda uma marcha, mas recobrei o juízo e acelerei, seguindo o fluxo do trânsito e fazendo a curva do cruzamento. Mais uns dez minutos e chegaríamos à casa

dos meus pais. Ou melhor, na casa de Georgiana agora. Disfarçadamente olhei para Kate. Ela não se movia. O que me deixava angustiado, tenso, inquieto. Fiquei em silêncio também, procurando algum alívio na música de Bach. A garganta estava seca, pensei umas duas vezes em puxar algum assunto, mas as ideias simplesmente evaporaram da minha cabeça oca, sem assunto, em *stand by*.

David, você parece um completo idiota! O que Kate vai pensar agora, seu maluco? Você é o chefe dela, convivem todos os dias. Que explicação vai dar sobre esse comportamento ridículo? E que história foi aquela sobre ostras e pérolas, tesouros e joias? E por que está suando nas mãos, sentindo calor e o coração não volta ao normal? Ainda me sentia incomodado demais para falar, quando viramos a esquina da casa. Ao contrário do que esperava, outro carro estava parado na entrada, junto à cerca branca de madeira. Era um sedã azul prata que eu nunca havia visto antes. Ou será que já? Não tinha certeza. Kate finalmente moveu a cabeça para as pessoas paradas no jardim. Pude ver Cínthia ao lado de Georgiana, que estava abraçada a um homem alto, loiro, com uma camisa azul escura.

— Aquele não é o doutor Flohr? — Kate rompeu o silêncio, parecendo tão surpresa quanto eu. — O filho do senhor Yacov?

Sim, era Gerker. Mas o que ele fazia aqui? De onde Georgiana o conhecia? E desde quando eles estavam tão íntimos? Não consegui responder à pergunta de Kate. Estacionei logo atrás e abri a porta. Não tive discernimento de ser educado e abrir a porta para Kate, que já havia descido. Meus olhos passearam por aquela cena, enquanto Georgiana se aproximava de nós, toda sorrisos.

— Dave, que bom que chegou! — me abraçou e olhou para Kate. — E que bom que pôde vir, Kate. Está muito bonita — puxou-a pela mão. — Você se lembra do Gerker, não é?

— Sim, claro. Como tem passado, doutor Flohr? — estendeu a mão timidamente.

— Bem, obrigado, senhorita Morgensen. Mas se puder me chamar de Gerker, e eu puder chamá-la de Kate, estaríamos melhor, não acha? — apertou a mão dela.

Kate ficou vermelha, mas assentiu.

— Como quiser... Gerker.

Olhei abobalhado. Por que ela podia chamá-lo pelo primeiro nome, e não fazia o mesmo comigo? Ela só conversou com ele uma vez! Duas, se contar essa. Meio frustrado e aborrecido, virei-me para ele.

— Como vai, Gerker? Não sabia que estava na Inglaterra — estendi a mão.

Ele apertou com firmeza.

— Cheguei há dois dias, David. Meu pai mandou lembranças — e voltou a segurar a mão de Georgiana.

O olhar de Cínthia ia de mim aos dois, sem cessar, depois para Kate. Parecia analisar toda a cena, pedaço por pedaço.

— Bom, já que estamos todos aqui, por que não entramos? — Georgiana convidava, puxando Kate por um braço e Gerker pelo outro. — Espero que esteja com fome, Kate... — foi arrastando-a para dentro.

Fiquei parado por alguns segundos, quando percebi Cínthia me fitando. Seus olhos azuis estavam bem abertos, como se descobrisse um segredo importante. E tivesse gostado dele.

— Não é melhor entrar, Dave? — convidou. — Como sua irmã disse, espero que esteja... com fome — seu sorriso era enigmático.

Ela passou as mãos pelo meu braço e me conduziu. De dentro da casa, ouvia as palavras de Georgiana, o som da voz de Gerker. E a risada baixa de Kate.

Finlândia – Suomussalmi – outono

Tudo acaba se perdendo, como lágrimas na chuva.

Não sabia de onde veio a frase que percorreu meu cérebro, nem por que surgiu assim, do nada, enquanto demarcava o perímetro de Suomussalmi. A área fazia parte dos planos de Derik, era fronteira com a Rússia, ao leste, e servia de passagem para o território dos Leviatãs. Os outros estavam em Khumo e Kuusamo, os últimos lugares que faltavam para serem devidamente mapeados. Graças

aos nômades que apareceram, sem aviso, em Helsinque, os ataques das misteriosas criaturas que procurávamos seguiram seu curso pelos povoados das regiões ao norte, e dos lagos gelados do território finlandês. Quando contornei uma ponte de pedras — herança da arquitetura russa deixada nessa terra —, terminando minha parte, senti a movimentação em distâncias diferentes. Todos seguiam o plano. A grande extensão de florestas e as planícies que se estendiam, daqui até o território das estepes russas por muitos quilômetros, estava gélida para os humanos. O outono parecia se intensificar mais, ampliando a sensação térmica por causa da proximidade com os polos, como se o inverno já imperasse, ignorando a cronologia das estações. Respirei fundo. O sol estava encoberto hoje, mas demoraria ainda algum tempo para se pôr.

Isso é bom. Se o padrão se repetisse, estaríamos próximos de um novo evento, e o dia era nosso grande aliado na preparação do cerco, se as suspeitas se confirmarem. Olhei ao redor. Florestas mais distantes, relva, campo, cheiro de gado, ovelhas, cabras. E pessoas. O odor dos corpos que se movimentavam em seu ritmo de trabalho nos campos, no trato com o gado, ou em outras atividades de extração de madeira da região, crescia, enchendo minha mente de expectativas e causando dor e secura sem tamanho em minha boca. Os músculos se retorciam em espasmos a cada brisa que jogava os cheiros no meu nariz.

“Sabe que não precisa matar, Robert”, a voz dizia suave na minha mente, repetidas vezes. *“Você pode se controlar, não precisa ser um assassino. Já fez isso antes, pode fazer outra vez. Não negue o que é! Não resista à sua natureza. Alimente-se!”* Comandava, sutil e feroz. *“Aceite-se. Não lute mais contra tudo. Você é o que é! Deixe o êxtase suprir suas necessidades, deixe que ela o livre da dor”.*

Insinuante, constante, instigadora. Fazia-me ver o mundo com outros olhos, aqueles que me guiaram após os primeiros tempos, os mais difíceis, que me faziam achar que estava agindo certo, que podia me alimentar do gado humano sem provocar sua morte e aplacar a consciência atormentada pelos atos de um animal predador, um espectro na noite, o horror de muitos que cruzaram o meu caminho naqueles tempos. Ainda podia me lembrar de cada um dos

olhares... Sacudi a cabeça com raiva. *A proximidade com o clã nórdico está afetando meu juízo!* Fechei os olhos com força e preendi a respiração. Precisava afastar essa voz. Não podia deixar que ela voltasse, não depois de tudo o que fiz, pelo que passei e sofri para impedir que guiasse meus passos, que fosse a consciência por trás dos meus atos. A desculpa perfeita para a vergonha! Os nervos gritavam em agonia em resposta a esse *chamado interior*, ressurgindo e reclamando por direitos que há muito tempo eu negava. Quando respirei outra vez, o odor chegou junto com Derik. Forte, intenso e provocador.

— Acho que tudo está certo, Robert — Derik olhava ao redor, após saltar sobre a ponte para me alcançar. — Se tivermos sorte, isso pode acabar hoje.

Acenei com a cabeça, esforçando-me para não sentir na língua o gosto do cheiro que emanava de Derik. Ainda era fresco, quente, e a leve coloração no rosto dele não deixava dúvidas. Derik havia se alimentado, e fazia pouco tempo. Aqui a regra era a mesma para todos, desde os tempos do Acordo com a Ordem: se não matar, não precisa se privar. E os clãs seguiam à risca. As vantagens eram boas, e não havia ninguém insatisfeito nem pesaroso. *Deus, como eu vou aguentar?* Mas não era Deus que sempre me respondia:

“E por que tem que aguentar?”

“Porque estou sendo um fraco!”

“Você não está sendo um fraco, está sendo você mesmo.”

“Mas eu posso lutar, eu vou lutar.”

“Para quê? O que vai ganhar?”

“Dignidade, respeito, força, caráter.”

“Ainda terá tudo isso. Mas também pode ter prazer, saciar os desejos, acompanhar os seus.”

“Eu estou acompanhando os meus. Eles não são assassinos.”

“Nem você é. Nenhum deles é. Aja como o ser que você se tornou.”

“Eu sou um homem!”

“Você é mais do que isso, é quase um deus entre eles.”

“Não quero ser um deus, quero ficar em paz.”

“Então aceite quem é. Não lute mais, e terá toda a paz que desejar, e o prêmio dos vitoriosos!”

“Não quero mais derramar sangue.”

“O sangue é a única razão para você agora. Seu último refúgio. É tudo o que lhe restou. Admita!”

“Não! Isso não é verdade!”

“Tem certeza? Olhe ao seu redor. O que tem agora e que faz valer a pena toda essa luta, sofrimento e privação dos instintos verdadeiros?”

“Eu ainda tenho ela!”

“Ela se foi! O deixou! Não se preocupou com você. Não como eu me preocupo.”

“Mentira!”

“Sabe que é verdade! Você me calou por muito tempo, mas não pode negar minha voz agora. Estou aqui, e ficarei com você. Vou guiá-lo, como antes.”

“Não! Você não terá mais esse poder sobre mim. Eu não quero!”

“Tem mesmo certeza disso?”

A risada espectral percorria minha mente, rompendo as barreiras contra a lembrança do gosto quente e doce que cuidadosamente eu havia erguido. Uma forte corrente arrastou meus pensamentos, sentidos, instintos, tudo para dentro de uma chama, que tentava consumir até minha última centelha de juízo. A recordação era reforçada pelo odor que vinha do líder do clã nórdico, parado a meu lado. Sufoquei por segundos, fechando os punhos. O gesto não passou despercebido.

— Você está bem, parceiro? — Derik me olhava, com uma simpatia resignada. — Tem andado quieto ultimamente. Não que a situação por aqui lembre alguma colônia de férias. Sei que gostaria de voltar para casa, para seu território, mas pegar aqueles caras em Helsinque até que foi uma boa diversão — sorriu, mas depois sua expressão endureceu. — Nômades, desgarrados, sem eira nem beira. Não esperava que iriam aparecer por aqui, nenhum deles é louco. E tiveram o fim que mereciam. Nômades não andam por esses lados há tempos.

Concordei com a cabeça. Ainda tinha dificuldade para raciocinar.

— É, eu sei — sabia do medo que os nômades sentiam em relação aos clãs do norte. — Era um bando grande, se levamos em conta que não sabemos de onde vieram e nem o que queriam por aqui.

Um comportamento bem estranho. Eles estavam em grupo, mas não necessariamente *juntos*. Como se andassem assim por comodidade. Migraram para cá, procurando alguma coisa, e não tinham a organização de um clã. Lutaram individualmente, e essa foi a ruína de todos. Os que fugiram seguiram a fronteira norte. A terra dos Leviatãs. E eles eram famosos por não serem benevolentes com os *impuros* em seu território. Mas mesmo esse pequeno esforço de raciocínio ficou nublado pelo cheiro sutil que vinha do hálito de Derik, perceptível para mim.

“Até quando ainda vai lutar?”

“Cale a boca!”

“Não, você vai me ouvir agora.”

“Por que eu deveria?”

“Por que sou a única que pode satisfazê-lo, dar-lhe aquilo que mais deseja.”

“Não é isso o que desejo.”

“Pode ser que não, mas o que quer está fora do seu alcance. Em compensação, há outros desejos que podem ser satisfeitos. Basta estender a sua mão.”

“Desapareça!”

O olhar de Derik, focado em meu rosto, deve ter percebido algo. Não era difícil reconhecer a sede do outro, os sinais eram muito claros, sempre. E o comentário dele foi calmo e objetivo:

— Vocês têm estado conosco por algum tempo, Robert, bem mais do que o comum. E são amigos antigos — seus olhos eram intensos. — Sei bem o quanto é heterodoxa a vida que escolheram — suas palavras eram cuidadosas. — Admiro a coragem e a determinação a que se propuseram, duvido que por aqui alguém abraçaria a mesma causa. Vez ou outra até não me importo com cervos e ovelhas, mas há momentos, principalmente quando estamos sob forte tensão, em que a melhor saída é não forçar demais a natureza — seu tom procurava a conciliação. — Eu não censuro o modo de vida de vocês,

mas tenho lhe observado, amigo, e acho que precisa repor as energias, ganhar forças novas...

— O que quer dizer com isso? — cortei a conversa. O rumo daquele assunto estava me incomodando, bem mais do que o cheiro.

Derik observou a cena por alguns instantes, e passou a mão no cabelo loiro. Parecia tomar uma decisão, e pesava as consequências de sua oferta.

— Quero dizer que, como amigo, e também como líder de território, se decidir fazer o que *precisa* para se sentir melhor — frisou a palavra, colocando a mão em meu ombro —, não vou impedi-lo, nem questioná-lo. Somos o que somos, nem mais nem menos — a verdade daquela afirmação aumentava meu desconforto. — Só peço que não mate ninguém. Essa é minha única exigência, a condição que terá que cumprir — seu olhar percebeu minha indecisão. — De minha parte, tudo ficará bem. E se estiver em dúvida, ou não se sentir à vontade para caçar sozinho, me avise. Posso acompanhá-lo aos melhores pontos. Lá não haveria nenhum tipo de problema ou inconvenientes.

O tom amigável de Derik não deixava dúvidas sobre a sua boa intenção. Ele estava agindo como o anfitrião deve fazer: servindo seus convidados. Fechei os olhos com fúria. Era como morrer de sede à beira de um pote cheio de água. A sensação de desânimo e desamparo se misturava à antecipação de um prazer intenso que me consumia, minava minha resistência aos poucos. As palavras de Derik selavam, com ferro em brasa, o meu já abalado controle. Eu queria a caça, o sangue, o êxtase. O sustento para aplacar uma fome insatisfeita. O remédio para me livrar daquela doença. Um engodo frágil para suplantar a dor. A saudade.

“Se você quer, então aproveite! Está a sua frente agora, a apenas um passo!”

“Não.”

“Por quê?”

“Isso não é da sua conta! Saia da minha cabeça!”

“Sabe que é impossível. Sou parte de você, a verdadeira consciência que o movimenta.”

“Minha verdadeira consciência não me diz, a todo o momento, que preciso agir dessa maneira. Sei que quer apenas me iludir, como antes.”

“Mas não pode ter certeza, não é? Não sabe mais se é isso que quer: viver a vida como um rascunho, uma imagem borrada do seu verdadeiro ser.”

“E o que você saberia sobre meu verdadeiro ser? Quem pensa que é para decidir o que sou e o que devo fazer?”

“Eu sou aquela que poderá lhe dar tudo! Conheço seus desejos mais secretos, Robert, o que esconde em seu coração e mente; sei de sua ânsia, sua dor, sua sede! Ela o atormenta agora, o faz delirar apenas por sentir o cheiro fraco, e que se apaga do hálito do outro. Por que continuar batendo numa porta, quando outra se abre inteiramente? Pense nas possibilidades! Sinta o aroma do gado humano que se oferece ao seu redor. Ouça a cadência melodiosa do pulso vital. Ahhhhh! Respire essa sinfonia! Debruce-se sobre ela. Deixe as notas acariciarem seu corpo, entorpecerem sua mente, encharcá-lo, afogue-se nesse mar. Não lute contra a tempestade, abrace-a e satisfaça seu corpo e mente. Viva!”

A cortina vermelha e escura descia devagar sobre minha visão e, aos poucos, o único sentido que me dominava era o olfato. Não conseguia enxergar nada com os olhos do corpo, mas via claramente com os da mente. Todas as possibilidades. Sim, conhecia cada uma delas. Sabia o que esperar. E essa certeza secou minha garganta ao extremo, doeu na minha língua e fez a respiração afogar-se num ritmo inconstante. Não foi sem muito esforço, titânico na verdade, que forcei meu maxilar, rígido pela agonia e dúvida, a relaxar em parte para poder argumentar com Derik. Os sons ainda me mantinham atentos ao movimento humano e o cheiro me intoxicava. Até quando aguentaria? Quanto tempo teria antes do fio da navalha cortar a linha que me sustentava e separava daquilo que fui? E que ameaçava voltar? Eu permitiria isso? Seria assim tão fraco?

“Você não é fraco. Você é o que é, nem mais e nem menos. E merece ter tudo aquilo de que precisa.”

“Saia da minha cabeça!”

“Quer isso? Então me abrace, abrace a realidade. Não se deixe mais enganar. Você não é como eles. Não é humano. O destino o tornou muito maior do que isso. Transformou-o no soberano entre eles. Admita!”

“Não, eu sou um homem!”

“Você é muito mais do que isso. Apenas caminha entre eles... Como um deus!”

Busquei, em alguma parte distante, o equilíbrio. Arranhei portas e janelas da mente, tentando encontrar uma brecha que me libertasse da voz, da angústia que ela provocava. Do medo de que estivesse certa e que eu fosse exatamente o que dizia. Eu tinha que fugir do seu controle.

— Obrigado, Derik — procurei imprimir na voz uma certeza que não sentia. — Agradeço a oferta, mas em qualquer lugar que esteja eu sigo as regras do meu grupo, e pretendo continuar desse jeito — respirei fundo ao final da frase.

— Tem mesmo certeza disso? — Derik acentuava as palavras. Eu devia estar muito, muito ruim mesmo, já que não conseguia disfarçar meu estado. — Robert, os outros estão bem, mas você não. Entendo os problemas pelos quais tem passado — sua voz ficou cautelosa — e sei que essas coisas atrapalham nossa consciência, nosso controle. acredite, eu sei! E penso, sinceramente, que isso poderia fazer bem a você. Não precisa ser eterno — brincou com a palavra —, apenas temporário. Uma solução de emergência, de um soldado para o outro — sua mão espalmou minhas costas. — O que me diz? Se mudar de ideia, avise. Vou acompanhar Lore na caçada hoje à noite, você seria bem-vindo ao nosso lado.

Sorri com o comentário. O tom protetor, ao pronunciar o nome de Lorelai, estava lá, usado por ele há séculos sempre que falava dela, só que muito mais intensificado agora, desde que, finalmente, ambos resolveram sair de cima do muro. Mas o meu sorriso e o de um palhaço poderia ser o mesmo. O espectador vê a máscara sorridente, mas ignora seu real conteúdo. O movimento no ar nos fez virar, dando um ponto final àquela conversa, trazendo alívio, mesmo que apenas momentâneo.

— Você está ficando lento, moleque! — brinquei. — Já deveria estar aqui quinze minutos atrás.

Eric deu de ombros.

— Sou um perfeccionista, isso sim. Ninguém pode reclamar — deixou a mochila cair ao chão. — Todas as áreas estão bem marcadas. Agora só falta o *show* começar.

É um bom garoto, sem dúvida. Uma das poucas coisas de que podia me orgulhar nessa vida foi a de ter trazido Eric para conviver com o clã. Em nenhum momento, depois disso, me arrependi dessa decisão. Os efeitos do pôr do sol me alcançaram nesse momento. A hora mais difícil do dia. A força que sempre vinha com a escuridão, embora útil, trazia consigo a dor e a sede triplicadas. O retrair das gengivas, o inchaço na garganta, o maxilar que expandia, preparando as presas para se abrirem ao menor comando consciente, e a ampliação dos sentidos. O momento em que os instintos pediam para serem satisfeitos. E os meus estavam descompensados. Derik também sentia a mudança e moveu-se para uma árvore. Do alto, saudou.

— Bem, amigos, eu vou dar uma volta de caça — me olhou. — Sabe onde me encontrar se precisar.

Eric me encarou, entre surpreso e desconfiado. Aparentemente, ou o comentário de Derik não surtiu o efeito inocente que ele esperava ou eu estava tão desconfortável que ninguém poderia deixar de ver as evidências. Não saberia dizer quais desses foram os motivos que levaram Eric a me olhar daquela maneira.

— Rob, tá tudo bem? — comentou com calma, mas o tom não disfarçava a preocupação.

E a vigilância. Todos pareciam manter, ainda que discretamente, essa postura. Quantos milhares de vezes eu havia ouvido essa mesma pergunta nos últimos meses? Sentido o mesmo tom de dúvida no timbre de cada um? O que estariam pensando a meu respeito? Eu me sentia seguido durante as vinte e quatro horas do dia, como um neófito que precisasse de acompanhamento para não cometer besteiras. A preocupação desmedida era humilhante! Criava um misto de desconfiança e indignação, forçando a mente a procurar refúgio longe deles. Fazia-me sentir isolado, diferente, indesejado,

repugnante. E isso estava me deixando irritado. Todos os meses de agonia contida subitamente se esparramaram dos meus olhos e saíram da boca como um jato de veneno. Ácido e cortante, pungente e pútrido. Uma corredeira de sentimentos revoltantes se avolumou, tomou força, e fluiu, rasgando de dentro para fora, rompendo barreiras erguidas, transpondo limites e afogando qualquer senso de realidade que ainda existisse.

— Bem? Você quer saber se estou bem? — falei com raiva, sem sequer me importar com o tom que usava. — Acha que me sinto como? Com vocês me seguindo, me controlando o tempo todo? Pensa que é confortável ter a vida vigiada a cada passo que se dá? — fui grosseiro. — Como se sentiu quando eu o trouxe para o clã? Gostava de me ter por perto, imaginando o que iria fazer, duvidando do seu bom senso, cercando-o por todos os lados como se fosse um assassino, um monstro, uma ameaça ambulante? — respirei fundo, sentindo o gosto amargo nas palavras que usava, enquanto meus olhos se dilatavam e avermelhavam em fúria cega. — Deve estar imaginando, agora mesmo, por que diabos alguém me deixou sozinho? Por que não há mais ninguém aqui além de você, um mestiço, que não duraria cinco minutos numa briga comigo, se eu de fato quisesse fazer o que pensam? Acha mesmo que conseguiria me impedir se eu tomasse essa decisão? — meus olhos ardiavam de indignação, e a expressão triste de Eric não me ajudava em nada. — Claro, não deve estar sozinho! — zombei, abrindo os braços. — Onde eles estão? Escondidos? Dando um jeito de manter o cheiro oculto para que eu não possa rastreá-los? — minhas presas saltavam para fora dos lábios. Dei um soco na ponte, fazendo duas pedras rolarem dentro do rio. — Por quanto tempo poderiam ficar assim? Acha que sou algum idiota e não os perceberia? É isso? Pois é bom que saiba, e diga a todos eles: *eu não tenho que me esconder e nem fingir ser o que não sou, se não quiser!* — soltei o ar. Tinha a impressão de que as palavras eram ditas por outra voz, não a minha. Estava irreconhecível. — Estou cansado de sentir que todos precisam me refrear, que não acreditam em mim, que sou incontrolável! Eu não sou um monstro! — berrei para ele, mostrando os dentes.

Saltei para a mesma árvore onde Derik esteve minutos antes. O vento soprou forte, frio, cortante. E trouxe o cheiro maldito até mim. Sufocando, eu fui atrás. Segundos, minutos se passavam até que cheguei ao lago. Dois homens arrastavam seu barco de pesca para o cais, amarrando-o numa pilastra de madeira. Estavam agasalhados, de suas bocas o vapor quente soprava. Riam e bebiam o uísque maltado de uma garrafa de metal, na tentativa de se aquecerem. Meu peito subia e descia descontrolado. O cheiro do álcool no sangue humano tornava o sabor ainda melhor, mais concentrado. Potente demais. Ambos eram como lâmpadas que ardiavam na escuridão. Saltei sobre o telhado da hospedaria próxima. Abaixo de mim, pessoas se aqueciam dentro do local, buscando compensar com fogo e bebidas a baixa temperatura da noite. Tornando seus corpos ainda mais apetitosos do que o necessário. A decisão estava tomada!

“Sim, é isso! Alimente-se! Eles são seus, vá tomá-los. Liberte-se.”

A voz estava lá, mas eu não precisava dela. Mirei o homem que vinha sozinho, casaco e galochas, encolhido pelo frio, aproximando-se da entrada. Escorreguei em silêncio para o chão fofo, atrás de um tonel gigante. Ele teria que passar por aquele trecho. Antes de abrir a porta, pararia por alguns segundos para secar os pés molhados no capacho. E não haveria ninguém ali para testemunhar. Duas coisas aconteceram, então, ao mesmo tempo, e numa velocidade tão rápida que o humano parado à porta não conseguiria identificar mais do que um aumento significativo do vento ao seu redor. Eu saltei sobre ele, a boca aberta, as mãos prontas para agarrar e prender, quando senti braços firmes me puxarem e voarem comigo para longe dali, saltando sobre telhados e árvores baixas. Meio caminho depois, refeito do susto, atraquei-me com ele, tombando no chão e derrubando galhos grossos, assustando os pequenos animais das tocas.

O impacto foi como o de um bloco sendo arrastado contra o solo, deixando uma cavidade profunda por causa da força que fazíamos, um buraco onde os nossos corpos se debatiam em luta feroz. Feroz de minha parte, pois meu oponente parecia apenas se defender. Cego pela loucura da luta, e por ter perdido a chance de aliviar a agonia da sede, meus piores instintos vieram à tona e, sem piedade,

cravei os dentes no ombro do meu atacante, rasgando e triturando, ouvindo seu gemido abafado, sufocado, estrangulado — como o grito de quem não queria alertar ninguém para o que estava ocorrendo ali. O gosto ruim do sangue não humano invadiu minha boca e os braços, que antes se defendiam, agora perdiam parte da força. O som de um coração acelerado tomou conta dos meus ouvidos, e a respiração quente bateu em meu rosto. O sangue escorria do ombro como água de uma torneira aberta, lavando o chão e as roupas, molhando meus dedos que se agarravam ao seu pescoço tentando estrangulá-lo, sufocando meu olfato com o cheiro desagradável. O odor que todo mestiço tinha para os vampiros.

Afrouxei as mãos. A ausência de claridade não me impedia de ver seu rosto, nem ocultava os sinais do estrago que eu havia feito. A face contorcida de dor, manchada de vermelho. O lado esquerdo do corpo estraçalhado, desde a base do pescoço até as costelas, deixando músculos e veias expostos, exibindo os ossos. Um ferimento fatal, mesmo para ele.

— E-Eric? — minha voz tremeu, sussurrada.

Soltei-o do estrangulamento. Seu corpo repousou resignado. Nada nele parecia indicar que, em algum momento, sua intenção fosse me atacar. Ao contrário, havia feito tudo aquilo para me tirar da pousada, me afastar das pessoas, mesmo sabendo o risco que correria: o de que eu, com certeza, iria matá-lo. A clareza da situação fez a vergonha encher meu coração morto. Repulsa sem tamanho dominou e lavou cada pedaço de mim e desejei, com toda força da alma, que pudesse acabar com meus dias naquele momento. Acabar com a existência amaldiçoada que havia provocado tamanha desgraça, qualquer coisa que pudesse estar à altura do gesto de Eric. Mas nem mesmo esse consolo eu podia ter, apenas restava a torturante visão do garoto que agonizava aos meus pés. Eu já havia feito isso com ele uma vez, há muito tempo. Lembrava-me com nitidez: os golpes, o sangue, a morte que pairava ao seu redor, vinda das minhas mãos. Mas antes, ele era um inimigo. Um desconhecido, um invasor. Agora era um membro da minha família, o rapaz que eu considerava como o filho que a natureza nunca permitiria que eu tivesse. O gosto do seu sangue estava na minha língua, as manchas vermelhas espalhadas

pela minha face, e o rosto de Eric ficava cada vez mais pálido, a respiração buscando o ar.

Um estalo fez meu cérebro acordar do torpor e tirei-o do chão. Com o casaco enrolei seu corpo, tentando parar o sangramento. Precisava levá-lo para os outros, ou Eric morreria. Nesse momento, seu rosto voltou-se para o meu e algo, como um sorriso debochado, se insinuou em seus lábios esbranquiçados.

— Desculpe-me se eu não tenho um gosto bom, Rob — sufocou, o sangue escorrendo pelo canto da boca.

— Eric... Me perdoe! — era idiotice dizer aquilo, mas as palavras não queriam me ajudar. Nada poderia justificar a atrocidade. — Não tente falar agora, preciso levá-lo daqui. Clem e Josh podem ajudar...

— Não — falou firme, segurando meu ombro com uma das mãos. — Eles não precisam saber... Vamos dar um jeito, aqui mesmo... — tossiu.

— Ficou maluco? Você vai morrer se eu não fizer nada! E por minha culpa! — estava quase berrando. — Eric, não posso me esconder disso. Não agora! Eu preciso ajudar você!

Seus olhos brilharam por um momento, enquanto a pele ficava mais pálida.

— É... tenho que admitir, você sabe pegar uma garganta pra valer. Deve ser a idade, está ficando velho — ele brincava com meu desespero. Depois ficou sério, falando com dificuldade. — Rob, eu sei pelo que está passando... Entendo o porquê da sua angústia e o descontrole... Eu sei bem o que é isso, o que a tristeza e a dor nos obrigam a fazer... Não pense que eu, ou os outros, estamos censurando você... Só estamos preocupados... Clem principalmente... — me fitou com firmeza. — Por isso, acho melhor ninguém mais saber sobre o que aconteceu...

— Mas como quer que eu cuide disso sozinho? — apontei para o ferimento. — Só o cicatrizante não vai resolver esse problema. Você precisa de mais cuidados, Eric.

Ele sorriu de novo.

— É... Você tá ficando velho mesmo!... Por um lado isso ajuda, se você for como o Carlo... Mas por outro, faz as pessoas esquecerem

coisas importantes... Só tenho duas palavras a dizer, Rob: *metabolismo acelerado* — e gesticulou para si mesmo.

Mestiços não eram fortes como vampiros, mas podiam se recuperar de ferimentos com rapidez. Isso, se as condições fossem favoráveis. Sabia o que precisava fazer, mas tinha que ser rápido. Peguei Eric e voltei para a pousada. Coloquei-o sobre o telhado, numa parte onde as telhas se uniam e formavam uma cobertura, tentando deixá-lo confortável. Segundos depois eu estava na trilha dos imensos cervídeos brancos e chifrudos que habitavam aquela região. Eles se escondiam para dormir, não esperando um ataque. Na volta, trazia dois deles, vivos, paralisados pela mordida, o coração batendo e o sangue fluindo quente. Eric não fez cerimônia. Apesar de evitar caçadas, preferindo ser mais humano que mestiço, aquele era um momento crítico e, com rapidez e precisão, suas presas se grudaram na jugular dos animais e sugaram até a última gota. Quando acabou, suspirou e mexeu-se, deixando o ombro à mostra. O sangue havia parado de escorrer.

— Agora, acho que está na hora dos brinquedinhos do Carlo — deu risada. — Sabia que eles são piores do que a sua mordida?

— Só mesmo você para fazer piadas de uma situação como essa — recriminei, mas me sentia aliviado. Eric ia viver.

O rosto se contorceu na mesma careta que já estava acostumado a ver. Mas que dessa vez a extensão do dano era muito maior, e a dor também. Mesmo tratando a ferida com calma — como aprendera nos campos de batalha ao cauterizar com ferro em brasa os ferimentos dos outros companheiros —, sabia que o procedimento era doloroso. Então, acabou. Só restou o cheiro da carne que evaporou e do sangue dos animais mortos. Eric tombou a cabeça para trás. Não a levantou por muito tempo, parecendo dormir. Fiquei em silêncio, apenas ouvindo o som da respiração que voltava ao normal, do coração que retomava o compasso certo e da cor que, devagar, tingia seu rosto. Mas ele ainda não se movia e aquilo me preocupou.

— Está se sentindo mal? Precisa que eu traga outro cervo? — ofereci, subitamente assustado.

Ele ergueu a cabeça e, com um segundo movimento, sentou-se. Flexionou os músculos do pescoço algumas vezes e soltou o ar, esticando as mãos para a frente. Apalpou a camisa destruída e me olhou, franzindo a testa.

— Está me devendo uma camisa nova — acusou, cobrindo-se com o casaco. — Essa era de grife, custou 300 libras — começou a rir, espreguiçando o corpo.

Num gesto, mais de remorso do que de alívio, dei um abraço forte nele. Não tinha palavras para descrever a sensação de dormência e desespero que haviam me dominado durante aquele tempo. Nem saberia encontrar alguma coisa para falar.

— Ei, ei, tá bom, chega! — Eric reclamou. — Já entendi que pedi desculpas, mas não precisa me quebrar para mostrar isso. Osso é mais difícil de consertar — apontou para os cervos. — Melhor tiramos esses dois daqui. O que os jornais não fariam pela manhã? — riu relaxado.

Vimos os corpos dos cervos afundarem no lago gelado, enquanto pequenas chamas azuis inodoras desfaziam as roupas ensanguentadas. Nenhum de nós falou. Os chifres torcidos desapareceram na escuridão e o fogo se apagou. O vento soprava, mais frio e forte.

— Eric, eu... sinto muito — precisava dizer, não podia simplesmente ficar calado. — Não sei se vai poder me perdoar algum dia, o que fiz não tem desculpa. De nenhuma forma. Prometi a Cínthia que tomaria conta de você, até sofri ameaças de morte por causa disso, e quase causei, eu mesmo, a pior das desgraças — minha garganta se contraiu. — Nada, nem mesmo a dor e o sofrimento que sinto pela falta de Laura servem de desculpa para os meus atos. Nunca deveria tê-lo agredido, nem dito as coisas que disse antes. Eu... lamento... embora isso não seja suficiente...

Ele mantinha-se calado, olhando para o lago escuro. Imagens pareciam formar-se diante dos seus olhos, e elas ditavam o tom das palavras que se seguiram ao silêncio:

— Quando disse que sabia o que a dor pode fazer com a nossa cabeça, não estava mentindo, Robert — seu olhar foi significativo. — Você conhece a minha história, tudo pelo que passei graças ao

sofrimento, ao desespero de não poder voltar atrás no tempo. Modificar tudo — baixou os olhos para o chão. — Não tenho como censurar o que pensa e o que deseja. E eu sei o que sente vontade de fazer — seu tom era calmo. — E quando nossa vontade é negada, a única compensação que nos resta é o sangue. Eu vivi isso, sei qual o mecanismo. E sei também que alguém precisa nos ajudar a parar a roda, ou ela vai continuar amassando e atropelando tudo — esticou o pescoço outra vez. — Você fez isso por mim há mais de sessenta anos, não podia deixar de retribuir quando tivesse oportunidade.

O vento jogou seu cabelo para trás, tão negro quanto a escuridão ao nosso redor.

— Não acho que seja merecedor dessa gratidão toda — retruquei, amargurado. — Afinal, nessas duas vezes foi você quem se deu mal.

Ele riu da minha afirmação, como se ouvisse a piada mais engraçada do mundo.

— Me dar mal? Acha mesmo que isso — mostrou o pescoço, agora sem nenhuma marca — e os cortinhos que me fez na Escócia foram perigosos? Quero ver quando eu tiver que enfrentar a *fera* lá em casa e abrir o jogo sobre meu passado — seus ombros se encolheram. — Ai, ai, como se não bastasse ter que segurar a minha onda... E a dela! Você sabe... — seu olhar ficou malicioso. — Muito tempo de namoro, mão que vai e que vem... Ah... — respirou fundo, com um gemido sufocado de ansiedade. — Cara, não sei de onde você tirava tanto controle com a Laura. Precisa me dar a receita, eu imploro! Tenho a impressão de que vou... explodir, qualquer dia desses — seu rosto ficou corado de vergonha, sacudindo a cabeça para afastar alguma recordação calorosa. — E como se *isso* não bastasse para me torturar dia e noite, ainda vou ter que encarar a hora da verdade, mais cedo ou mais tarde! Essas coisas são piores do que todas as mordidas e espadadas que já levei no traseiro.

Não pude evitar a risada.

— Bem, com relação ao controle — pisquei —, não pense que foi tão fácil para mim, porque não foi. Quase fiz besteira, mais de uma vez. Não posso dizer que sou um bom exemplo — busquei o outro assunto que o incomodava. — Em relação à verdade, não acho que terá tantos problemas assim — minha cabeça se voltou para o

passado, uma conversa de tarde de verão em minha cama com Laura. — Acredito que Cínthia vai entender. Ela não é tão cabeça dura quanto pensa.

— Tomara, ou você terá um companheiro de fossa. Mas acho que Josh conseguiria nos dar um nó, se fosse necessário — o som de um celular vibrou na mochila de Eric. Quando viu o número, franziu a testa. — E por falar na *patroa*... — atendeu. — Oi, amor? O que aconteceu? — Eric estava preocupado.

E eu também fiquei na expectativa. A regra geral era que Clementine faria os contatos. Cínthia telefonar não fazia parte do acordo. Fixei minha atenção na conversa, apesar de ser falta de educação, mas não poderia evitar.

— *Onde você está? Está tudo bem aí?*

— Sim, está. Estamos na Finlândia. Mas, por que ligou? Aconteceu alguma coisa?

— *Não, está tudo bem. É que... Bom... Droga, estou com saudades, é isso! E ficar conversando só com o Carlo me dá nos nervos!*

Havia sons de vozes por perto. Eric também percebeu.

— Onde você está? Tem mais gente aí — ele parecia cismado.

— *Estou na casa da Georgiana. Ela está dando um jantar. Adivinhe, ela está de namorado novo. E ele é filho do Megister da Holanda, o tal do Yacov.*

Eric olhou surpreso para mim.

— Mesmo? Mas ela sabe de alguma coisa...? E ele...?

— *Não, nenhum dos dois. Quanto a G eu tenho certeza. E o filho de Yacov também não sabe de nada. Pelo menos foi o que o David me garantiu. Esses “assuntos” nem passam pela cabeça deles. São só dois “inocentes” nesse mundo.*

— David também está aí?

— *Sim, e Kate também. Você se lembra dela? A assistente da minha mãe, que foi atacada no museu. O David a trouxe — Cínthia continuava. — Ele conversou comigo. Disse que precisa falar com vocês o mais rápido possível, assim que voltarem. Que o assunto é sério.*

— E não explicou o que era?

— Não, apenas que ligou para o Carlo e já sabe dos ataques ao clã nórdico. Mas disse que tem informações novas e precisa de vocês em Bristol.

Aquilo era realmente uma surpresa. E essas informações deviam ser muito importantes, ao ponto de David comentar com Cínthia e ligar para Carlo. Um pressentimento me dizia que essas novas informações tinham a ver com os ataques dos nômades. E também sobre Laura! Quando pensei em abrir a boca e pedir a Eric que perguntasse mais, a voz de Clementine nos atingiu como uma bola na mente.

Kuusamo! Aeroporto. Rápido!

— Cínthia, eu preciso desligar. Clem está chamando. Eu te amo — fechou o aparelho.

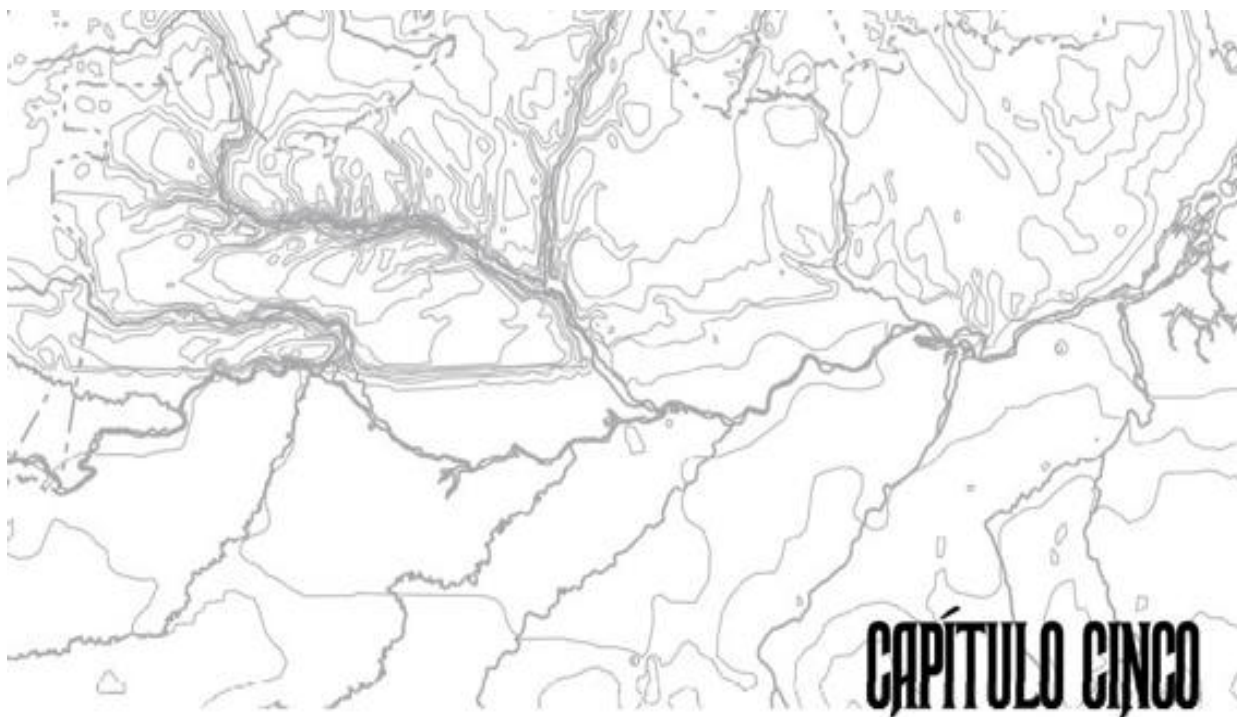
Levaria algum tempo, mas a velocidade não seria problema.

— Você está bem? — perguntei. — Pode correr?

— Aposto 300 libras como chego antes de você, ou uma camisa nova — piscou. E desapareceu.

— Apostado — respondi num sussurro.

A escuridão da noite era apenas um manto que cobria meu corpo.



Livro Cinco – Capítulo Dois

Bristol – Inglaterra – outono

Tem mesmo *certeza* de que Carlo disse que tudo está bem, Cínthia? — era a quarta ou quinta vez que David perguntava depois que o jantar acabou.

Havia sido uma noite agradável. Georgiana se esmerou em fazer com que tudo ficasse perfeito: a comida, decoração, música. Mas mesmo durante todo o tempo em que serviu as entradas e os pratos principais — com a ajuda discreta de Kate, que insistiu em colaborar —, podia sentir que David esperava uma oportunidade para conseguir ficar sozinho comigo. E ela apareceu quando fomos para a sala, esperar pelo café com biscoitos. Kate foi para a cozinha, ajudar, seguida por Gerker. Não sei bem se ele seria útil por lá, mas tinha a impressão de que não conseguia ficar longe de Georgiana mais do que o necessário, isso ficou óbvio. David mantinha os olhos nas mãos deles, sempre juntas, ainda se refazendo do susto do início da noite.

Afinal, como poderia imaginar que um dia sua irmã estaria namorando o filho do Megister da Holanda? Era fácil entender os sinais presentes naquele olhar, pelo menos para mim: David pesava os riscos que essa relação poderia trazer, para ambos, mesmo que fosse uma hipótese bem longe da realidade.

Ou não, pensei com tristeza. Afinal, Jean e Ben também não eram ignorantes de tudo o que se passava? E acabaram pagando o preço, mesmo assim. Minha cabeça se encheu de especulações e temores. Tremi discretamente, um frio interno se apossando do meu coração, provocando uma palpitação acelerada. Mas tanto Georgiana como Gerker ignoravam qualquer estado de humor ao redor, inclusive os riscos. O único que poderiam correr era o de se perderem no olhar um do outro e não acharem mais o caminho de volta para a realidade. E, cá entre nós, quem não adoraria sentir isso? Suspirei baixo, de forma imperceptível. Eric...

Kate sorria discretamente, evitando olhar para David por mais tempo do que seria normal. Isso atraiu minha atenção durante toda a noite. Comecei a pensar no que Georgiana dissera, sobre Kate estar apaixonada pelo David. E com o passar das horas isso parecia se confirmar. Os avisos estavam bem claros: rubor inesperado, a mão que insistia em pegar o copo de água nesses momentos, a maneira como sempre fugia do olhar dele, quando David a fitava diretamente, como se procurasse por alguma coisa que perdeu ali. Não eram raros esses olhares, mas David também se concentrava em querer saber mais sobre como Georgiana e Gerker haviam se conhecido. Cumpria seu papel de irmão mais velho, lógico. E era lógico também que Georgiana estava certa: David não suspeitava de nada sobre Kate. Mesmo com o olhar estranho que ele atirava sobre ela em determinados instantes, e do qual ela se esquivava constantemente, nada indicava que soubesse dos sentimentos dela. Ou que pudesse estar em sintonia com eles. Talvez, Georgiana tivesse razão: a obsessão de David pelo amor de minha mãe poderia ser sua ruína e solidão, deixando-o cego para as outras possibilidades de felicidade. Ainda assim, eu sentia uma inquietação estranha, uma espécie de vibração... Sem corpo e sem aspecto... Uma imagem borrada, como água jogada sobre um espelho, similar ao que estava na parede

direita da sala — uma das poucas mudanças que Georgiana fez —, e que ajudava a aumentar o ambiente. Era como se um véu tênue, fino como organza, nublasse a cena entre os dois, os impedisse de se enxergar, a menos que um vento forte os libertasse.

David havia feito uma pergunta, seu rosto ainda se voltava insistente para o meu, e me concentrei em responder:

— Sim — falei no mesmo tom baixo, sussurrado em conspiração. — Clem afirmou que sim, e não há por que duvidar dela, há?

Ele não respondeu, apenas balançou a cabeça, num gesto que eu não consideraria como uma afirmativa ou negativa. Alguma coisa se agitava nele, não o deixava em paz. Aquele era um David tenso, preocupado em cada traço facial. Diferente do David que eu conhecia, do normal.

— Mas não avisou quando voltam — era uma afirmação, como repetira outras três vezes antes, e que me deixava com os nervos à flor da pele.

— David, o que está acontecendo? — questionei, ouvindo os sons das conversas que vinham da cozinha. — Por que está tão nervoso? — parecia mais incomodado do que eu com a viagem do clã.

E eu nem mencionei sobre os corpos no laboratório de Carlo. Ou haveria algo, além disso, também? Alguma coisa que eu ignorava e David não?

— Cíntia — ele apressou-se em dizer, me impedindo de fazer mais perguntas —, quando alguém ligar, qualquer um, avise-os que precisam voltar. E rápido — seu tom baixou ainda mais assim que os passos foram ouvidos no corredor.

Georgiana trazia o café, equilibrando a bandeja, enquanto Kate dispunha algumas travessas de biscoitos amanteigados sobre a toalha de mesa que Gerker arrumava, retirando o vaso de flores. Mordi o canto da boca. Não poderia arrancar nada de David agora, não com todos por perto. Peguei a xícara que Kate oferecia e percebi como ela corou ao entregar a de David, recuando os olhos com rapidez, sentando-se para beber o seu café numa tentativa de aparentar normalidade. Mesmo que Georgiana não tivesse me alertado, teria que concordar: Kate estava caidinha por ele. E o bobalhão não percebia absolutamente nada! Saltava aos olhos do

bom observador a adoração, o brilho, as palavras não ditas pela boca. Mas David não parecia ser capaz de enxergar, nem daqui a cem anos. Incrível!

— Então, Dave, como anda o trabalho? O que ambos têm feito ultimamente? — Georgiana perguntava para os dois dando ênfase ao fato de estarem juntos, o tempo todo.

Kate mordeu um biscoito e ficou calada. David bebia seu café.

— O mesmo de sempre, G. Sem novidades — alfinetou com a voz. — Mas você, ao contrário, soube mesmo me surpreender hoje.

De mãos dadas o tempo todo, sem cerimônias, Georgiana perdeu seu olhar no de Gerker, mergulhando na piscina azul enquanto sorria.

— Não foi apenas você que ficou surpreso com tudo — seu tom de voz não deixava dúvidas sobre os sentimentos, e voltou-se para David. — Desculpe por não contar antes, pegar todos vocês de repente com essa novidade. Espero que não fique chateado comigo, Dave.

— Eu? Claro que não, G. Você não me deve satisfações — David olhou para Gerker, com um *q* a mais na voz. — Pelo menos, soube escolher bem, não vejo motivos para bancar o irmão machista e protetor.

Ela sorria como quem venceu uma pequena batalha. Mas logo em seguida seu alvo da noite passou a ser bombardeado.

— E você, Kate? Gostou do jantar? — falava com desenvoltura para uma Kate tímida e retraída. — Eu não cozinho muito bem, não como minha mãe, é claro.

— Sim, estava muito bom. Obrigada pelo convite — seu olhar desviava-se de David o tempo todo, algo que Georgiana não deixaria passar, eu tinha certeza.

— Não precisa agradecer. Você trabalha com meu irmão, será sempre bem-vinda aqui. Quando quiser fazer alguma coisa — sugeriu animada, sem nenhuma segunda intenção aparente na voz —, sair, passear, é só me avisar, se desejar companhia. Poderíamos formar um grupo de amigos, especialmente depois que o namorado de Cínthia voltar de viagem, o que acham? — e recriminou David com os olhos. — O meu irmão devia parar de obrigá-la a trabalhar tanto e

convidá-la para se divertir, deixar aquela sala abafada e apertada da universidade às vezes.

Kate corou e virou o rosto um pouco de lado. David abriu a boca, ofendido.

— O que é isso, G? — abriu os braços. — Quem ouvir você falar dessa forma vai achar que sou um *workaholic* inveterado, e que ainda por cima gosta de escravizar os outros.

— E não é? — ela zombava. — Então me diga: quantas vezes procurou fazer algo diferente, além de corrigir provas e testes, em seu tempo livre? E não adianta dizer que estou exagerando porque eu mesma já o flagrei nessa situação, mais de uma vez! — apontou o dedo para a mesa. — E também vi a pobre Kate trabalhando até tarde, mais de um dia por semana, deixando todas as coisas em ordem para o senhor!

— Georgiana, você não existe! — ele acusava, respondendo de forma animada e calorosa, além de ofendida, aos resmungos propositais da irmã.

Claro, David jamais entenderia que a intenção de Georgiana era colocar Kate em evidência... para ele. Por isso, o excesso de elogios ao comportamento exemplar dela, e a constante provocação, de forma sutil, para que David tomasse uma atitude. Os minutos que se seguiram deixaram claro os rumos que a noite parecia tomar. E também me entristeceram. Afinal, eu era a única ali que estava desacompanhada. Gerker não abandonava, nem por um segundo, a mão de Georgiana; David levaria Kate para casa depois, e quem sabe o que poderia acontecer no caminho? E, mesmo que ele não imaginasse isso, os dois formavam um casal em potencial, acompanhando um ao outro nessa aventura de jantar. Com a desculpa de que iria ao banheiro, saí de fininho, sem causar nenhum protesto. E na solidão do toalete peguei meu celular. Por um momento olhei para o aparelho, indecisa sobre o que *devia* e o que *queria* fazer. As regras eram bem claras naquelas situações: os contatos seriam feitos de lá para cá. Exatamente como Clementine havia feito, no início da noite. Era mais seguro, para ambos os lados, que assim fosse.

Mas... Alguma coisa dentro do meu peito, uma sensação de perda muito forte, como se algo importante para mim estivesse se desfazendo aos poucos, sumindo devagar, sem que eu pudesse fazer nada para impedir, enchera meu peito de tristeza durante a noite. Nunca saberia dizer muito bem se foi esse pressentimento, ou a saudade que inundava o corpo e a alma, que mobilizou meus dedos e discou o número, numa pressa que beirava o desespero. Nem conseguiria descrever a alegria que me trespassou como uma flecha, dolorida e bem-vinda, quando a voz amada encheu meus ouvidos.

— *Oi, amor? O que aconteceu?* — seu tom era de preocupação.

Decerto seria. Eu estava quebrando uma das regras. Seria justo preocupá-lo agora, quando estava resolvendo coisas importantes? *E perigosas...* meu cérebro me alertou. Algo como o eco dos meus próprios medos, misturados com a ansiedade anterior de David, deu cor aos meus pensamentos, tingindo-os de tons sombrios. Não tinha como evitar que fosse assim. Mas estava falando com ele, o que significava que Clementine não mentiu: eles estavam bem.

— Onde você está? Está tudo bem aí? — procurei deixar a voz menos ansiosa. Não acho que tenha conseguido enganá-lo.

— *Sim, está. Estamos na Finlândia. Mas, por que ligou? Aconteceu alguma coisa?* — seu tom não deixava dúvidas. Eu o havia assustado.

Burra! Como pôde fazer isso, Cínthia? Sabia que eles precisavam se concentrar, tinham que ficar atentos. Qualquer distração poderia ser fatal. Mas...

— Não, está tudo bem — tentei mentir, de novo sem muito sucesso. — É que... Bom... Droga — abri o jogo, de uma vez —, estou com saudades, é isso — deitei o corpo para trás, apoiando meu peso no bidê e a cabeça nos azulejos floridos da parede — E ficar conversando só com o Carlo me dá nos nervos! — essa parte, pelo menos, era verdade.

As conversas continuavam agitadas na sala, mesmo com a porta fechada eu podia escutar os protestos de Georgiana e as defesas de David. E não fui a única a ouvir.

— *Onde você está? Tem mais gente aí* — o tom de voz que ele usou me fez sorrir por um momento. Estaria Eric pensando que saí

para uma balada, sem ele? Que aproveitei o tempo livre para procurar uma distração?

Homens! Podiam ter dezoito ou oitenta anos, eram sempre os mesmos! Tive vontade de rir alto, mas me controlei. *Ciumento*.

— Estou na casa da Georgiana. Ela está dando um jantar — procurei esclarecer a situação, não queria arrumar uma briga por isso. — Adivinhe, ela está de namorado novo! — contava as novidades, procurando uma maneira de ganhar mais tempo com ele, mesmo que cada palavra dita fosse uma dor a mais na minha ferida aberta pela saudade. — E ele é filho do Megister da Holanda, o tal do Yacov.

O silêncio de Eric foi curto, mas suficiente para que eu entendesse que ficou surpreso.

— *Mesmo? Mas ela sabe de alguma coisa...? E ele...?*

— Não, nenhum dos dois — pus os pingos nos *is* nessa questão. — Quanto a G, eu tenho certeza. E o filho de Yacov também não sabe de nada — meu tom deveria ser inquestionável, mas resolvi reforçá-lo com mais uma observação. — Pelo menos foi o que o David me garantiu. Esses *assuntos* nem passam pela cabeça deles. São só dois *inocentes* nesse mundo — frisei bem as palavras, dando ênfase ao desconhecimento deles sobre os problemas que enfrentávamos.

— *David também está aí?* — ele queria uma confirmação.

— Sim, e Kate também — completei. Meus dedos desfaziam em fiapos o papel higiênico. — Você se lembra dela? A assistente da minha mãe, que foi atacada no museu — parecia meio óbvio dizer isso, mas qualquer coisa me ajudaria a segurá-lo ao telefone. — O David a trouxe.

Senti o coração bater mais rápido quando falei o nome de David, lembrando da nossa conversa anterior. Mas como abordar isso, sem deixar Eric preocupado? Maldita condição de humana! Se não fosse por isso poderia estar lá, junto com ele, nesse momento. Qualquer perigo seria irrisório se pudesse ter Eric por perto. De que adiantava ficar aqui, segura, como dizem, morrendo de agonia a cada segundo que passava? Poderiam me encontrar morta de parada cardíaca quando voltassem.

— Ele conversou comigo — continuei com cuidado. — Disse que precisa falar com vocês o mais rápido possível, assim que voltarem. Que o assunto é sério.

Tão sério que David não se importou em falar comigo diretamente, embora eu desconhecesse o conteúdo, e nem de telefonar para a mansão, procurando por eles, como me contou.

— *E não explicou o que era?* — Eric tinha a mesma pulga na orelha.

E diabos, como ela coçava!

— Não, apenas que ligou para o Carlo e já sabe dos ataques ao clã nórdico — adiantei essa parte. — Mas disse que tem informações novas e precisa de todos vocês em Bristol.

E eu preciso ainda mais de você. Por favor, volte inteiro! Tinha vontade de gritar isso, ter certeza de que Eric e os outros não sofreriam nada, que não acabariam dentro de um saco preto cheirando mal, deformados e irreconhecíveis. Não poderia suportar, tinha certeza que não. Mesmo contra a minha vontade, a lágrima solitária despencou nos meus dedos, molhando o papel higiênico que eles enrolavam, e segurei um soluço. Rezei para que a audição de Eric fosse menos sensível ao telefone — embora ele tenha podido ouvir, mesmo com a porta fechada, as conversas na sala, que agora estava silenciosa —, pois, se não fosse, as batidas do meu coração desesperado de saudade iriam alarmá-lo. Não havia como controlá-las, tudo se misturou dentro de mim, como um caldo quente, e ameaçava jorrar para fora com força. *Mãe, como eu queria que você estivesse aqui!* Desejei com força, sem saber bem por que a imagem dela inundava meus olhos, pairando como uma sombra, misturando-se e liquefazendo-se com as lágrimas que brotaram incontroláveis. Segurei a respiração ao extremo. Quando tentei abrir a boca para falar, o mundo rodou ao meu redor.

— *Cínthia, eu preciso desligar. Clem está chamando. Eu te amo* — o ruído da ligação que caía encheu meus ouvidos.

— Eric? — balbuciei para o celular inerte. — Amor? — ele não estava ouvindo, mas não conseguia deixar de falar, repetidas vezes. — Eu te amo... Eu te amo...

Não sabia há quanto tempo estava no banheiro, nem quantos minutos fiquei ali, parada depois, segurando o aparelho contra o ouvido. Meus olhos não paravam de se desfazer em água e a frase dita por Eric ficou retumbando na minha cabeça.

“Clem está chamando!”

Essa era a pior parte de toda a conversa. Se Clem chamou, significava que alguma coisa errada estava acontecendo. Naquele momento. Eric estava indo pra lá e eu não podia fazer nada! Uma montanha de papel higiênico ficou aos meus pés. As lágrimas eram silenciosas, não tinha ar para soluçar meu choro nem pernas para levantar do bidê. A qualquer momento imaginei Georgiana vindo bater à porta do banheiro, perguntando por mim. Perceberia meus olhos inchados e vermelhos e perguntaria o que aconteceu. Eu não poderia falar nada, nem a verdade, nem uma mentira. Estava sem condições para uma coisa ou outra. Não queria estragar a noite de todos, mas para mim era o fim. Não tinha mais motivos para ficar, fingindo que tudo estava bem. Precisava voltar para a mansão. Carlo tinha que fazer alguma coisa. Disquei rapidamente.

— Carlo, sou eu... — despejei a história.

Ele ouviu com atenção, sem me recriminar em nenhum momento, sem me interromper.

— E agora, o que fazemos? — perguntei, aflita.

Do outro lado da linha sua voz era tranquila, serena. O oposto da minha histeria.

— *Não há nada a fazer, Cíntia. Eu disse a você: precisamos esperar. Fique calma, todos estão juntos nessa, e não estão sozinhos por lá* — meu coração batia ainda mais. Como ele podia ficar assim, tão calmo? — *Se eles precisarem de ajuda, o que eu duvido, irão avisar* — e completou. — *Tem certeza de que vai embora? Quer que eu busque você?* — ofereceu.

Engoli minha raiva junto com o medo, junto com tudo mais que sentia. O gosto amargo arranhou a garganta e provocou uma náusea insuportável no estômago. Peguei o papel amassado do chão, jogando-o no cesto. Não queria chorar de novo, não ali. Precisava de ar.

— Não precisa, Carlo — tentei me controlar. — Eu vou sozinha — e desliguei.

Trincando os dentes, respirando fundo, forcei as pernas a me obedecerem e abri a porta. Não estava a fim de dar muitas explicações, só queria ir embora e ficar na mansão, aonde as notícias chegariam rápido. Seria uma noite longa. Mas quando cheguei à sala, esperando ver os olhares se fixarem em mim, me preparando mentalmente para os protestos de Georgiana e os olhares perplexos de David, outra cena ocorria totalmente à parte da realidade solitária que enfrentei no banheiro. Kate estava deitada no sofá, imóvel, as mãos borradas por alguma coisa escura e que escorria dos dedos, enquanto Gerker a examinava. David segurava uma de suas mãos — pressionando o que percebi serem ferimentos de onde brotava sangue —, e com a outra tentava acordá-la. Georgiana voltava da cozinha, trazendo uma garrafa de álcool, passando tão rápido que nem prestou atenção em mim. O rosto de Kate estava muito branco, o de David não estava com uma cor melhor e seu olhar tinha uma angústia que vazava e atingia Kate, com fúria e desespero.

Georgiana esfregava álcool nas próprias mãos e colocava diante do nariz dela. Gerker tomava as devidas providências de urgência com os ferimentos. Tentei sair do torpor que me tomou para fazer alguma coisa, mas o que vi em seguida paralisou ainda mais o meu já completo estado de choque.

— Ah, meu Deus... — sussurrei baixo, um sopro débil numa voz que bem poderia ser confundida com uma brisa leve passando por uma campina larga.

Meus olhos acompanharam o trajeto de uma xícara abandonada ao chão, manchando de café o belo carpete azul-claro, seguiram essa trilha e pararam de frente ao espelho da sala. Vi minha expressão pálida se abrir em surpresa e horror, atraída para os grafismos vermelhos refletidos neles, que vinham da parede oposta, bloqueados pela minha imagem. Virei-me devagar, encarando algo aparentemente sem nexos, sem lógica para os outros, mas que faziam parte de um capítulo conectado a minha vida.



Corei de imediato assim que a irmã de David acabou de falar, trazendo a atenção da conversa para mim. Virei o rosto para mirar o espelho da parede, ouvindo a voz alterada e ofendida dele, ao se defender.

— O que é isso, G? Quem ouvir você falar dessa forma vai achar que sou um *workaholic* inveterado, e que ainda por cima gosta de escravizar os outros.

Conhecia aquele tom de voz, quando se exasperava com alguma acusação injusta. Meu coração martelava dentro do peito. Por que Georgiana tinha que me colocar no centro das discussões?

— E não é? — ela respondia para o irmão. — Então me diga: quantas vezes procurou fazer algo diferente, além de corrigir provas e testes, em seu tempo livre? E não adianta dizer que estou exagerando porque eu mesmo já o flagrei nessa situação, mais de uma vez! — senti, mais do que vi, o rosto dela se voltar para o meu. — E também vi a pobre Kate trabalhando até tarde, mais de um dia por semana, deixando todas as coisas em ordem para o senhor!

Ai meu Deus! De novo. Pelo espelho vi que seria impossível para meu rosto ficar mais vermelho do que estava. Busquei o ar com força, na tentativa de amenizar a vermelhidão e poder fazer parte de uma conversa normal outra vez.

— Georgiana, você não existe!...

E a discussão tornou-se acalorada. Georgiana dizia que David precisava se divertir, sair mais, levar uma vida sem tanto *stress*, etc., mas a todo o momento sugerira que *eu* fizesse parte dos planos dele para isso. E a cada sugestão absurda, meu rosto se avermelhava, as mãos ficavam suadas e a discreta pontada na cabeça criava dimensões maiores. Aproveitei a distração de todos para massagear de leve a têmpora dolorida, enquanto meus olhos acompanhavam pelo espelho o momento em que Cínthia pediu licença, indo ao banheiro. *Gostaria de ter tido a mesma ideia*, mas com certeza minhas pernas não iriam se mover para parte alguma. Já era constrangedor ouvi-los falar sobre mim, pior ainda seria encará-los se

me levantasse. Encarar o olhar de David. Sim, porque ele me incomodou a noite toda. Desde o total silêncio no carro — onde a vergonha e o constrangimento que senti assumiram proporções muito maiores do que esperava —, os olhares de David pareciam me sondar, a todo o momento. Como se procurassem por alguma boa razão para o meu comportamento idiota de antes.

Kate, sua maluca! Viu o que fez? Está satisfeita agora? Como vai ser de hoje em diante? Todas essas perguntas se avolumavam na minha cabeça, bastante dolorida a essa altura. Ainda mantinha os olhos fixos no espelho, observando os contornos de madeira da borda decorada, refletindo o papel de parede florido. O cheiro do café, que vinha da xícara em minhas mãos, estava provocando um leve enjoo. Decidi me levantar, colocá-la na bandeja e usar uma desculpa para buscar mais na cozinha de Georgiana, assim poderia tomar ar, refazer minhas ideias... E fugir de toda aquela confusão! Mas... Meus olhos não conseguiam se desgrudar do espelho, mirando meu rosto pálido e, de repente, sem vida. Não podia fazer um simples comando mental obrigando as pernas a se moverem conscientemente, a dor de cabeça aumentava, toldando a visão, cegando meus sentidos.

— Mas, David...

— Georgiana, pare com isso...

—... Estou falando sério, você tem que se soltar mais!... E podia deixar Kate mais tranquila também...

— Kate?...

As vozes iam e vinham desconexas. Nomes, sugestões, tons alterados e risonhos, calmos e despretensiosos. Toda aquela miscelânea se afastava cada vez mais dos meus ouvidos, ao mesmo tempo em que o espelho da parede ia tombando de lado, como se estivesse girando no sentido horário. Meu foco se perdia da realidade e fortes fisgadas de dor acertavam bem fundo no meu cérebro. Tentei abrir a boca para falar, dizer que estava me sentindo mal. E estava mesmo! Mas nenhum músculo se movia. Queria ar, mas os pulmões não tinham forças para sorver nada. O espelho, que antes girava descoordenado, voltava ao lugar. Sua superfície clara e límpida, que estampava meu rosto fantasmagórico, aos poucos adquiria tons avermelhados, como se um sangramento profundo o atingisse. Em

poucos minutos meu rosto estava envolto numa moldura rubra, grossa e viscosa, que ondulava e provocava distorções na minha face. Os sons das vozes se apagaram, de repente, enquanto outro som chegava a mim, com força. Era um lamento de dor, um choro de agonia, um prego fincado na alma.

“Mãe, como eu queria que você estivesse aqui!”

Mãe... Mãe... Laura!

O simples pensamento desse nome desencadeou todo um processo físico, do qual minha mente se mantinha alheia a cada gesto. Eu era uma espectadora do meu corpo. Assistia a mim mesma desempenhar o papel de protagonista e plateia de cada um dos meus atos. O suor brotou pesado, um zumbido fino e agudo tomou conta dos meus ouvidos, me impedindo de ouvir qualquer coisa e a dor de cabeça aumentou. A xícara de porcelana trabalhada despencou da minha mão. Meu corpo estava em pé, refletido pelo espelho da sala, e caminhou, sem vontade própria, para a mesa de centro, onde estavam o bule de café, as xícaras, os pratos e biscoitos, e as pequenas espátulas afiadas de cortar queijo. Sem nenhuma noção de lugar ou realidade, meus dedos pegaram uma delas, brilhante e de cabo madrepérola, enquanto minhas pernas se moveram para próximo da parede decorada, oposta ao espelho. Numa velocidade e urgência sem tamanho, vi minha mão mover a espátula contra o pulso, senti a ardência do corte e o calor do sangue, e observei os movimentos que espalharam a tinta rubra e viscosa pelo papel colorido, meus dedos deslizando sem parar sobre a superfície. Cada um dos meus gestos era rápido e preciso. Nada poderia me fazer parar, nem mesmo a dor que ameaçava explodir meu cérebro, rasgar meu crânio, espatifar meus miolos pelo chão da sala.

Então... Assim como começou... Todo o movimento cessou de súbito. Meus olhos recuperaram o foco devagar, ainda instável. As pernas tremeram e balançaram como manteiga que se derrete ao sol forte de verão. Pisquei, mirando as mãos ensanguentadas, sentindo a dor desse simples movimento alcançar partes ocultas da minha cabeça. O ar, antes preso na garganta, soltou-se num suspiro amarrado, sufocante. Meu corpo amoleceu, escorregando, desabando.

— Kate! — ouvi o grito da voz mais amada do mundo e senti braços que me seguravam.

— G, no carro, pegue a minha maleta! — algo foi jogado ao ar.

Os braços me levantaram e a maciez do sofá tocou minha pele. Virei a cabeça para o lado, tentando buscar o ar, a tempo de ver Cínthia voltando do banheiro. Ela estava pálida, e quase foi atropelada por Georgiana. A última visão que tive foi do rosto da filha de Laura, olhando para a parede em frente, e do rosto aflito de David, que aos poucos desfocou-se. E sumiu.



— Kate? — chamei devagar. — Kate, está me ouvindo? — ela parecia longe dali, fitando o espelho da parede.

Não podia culpá-la. Qualquer refúgio, mesmo que estivesse dentro da nossa cabeça, era melhor do que ouvir a tagarelice interminável de Georgiana. Cínthia fugira para o banheiro e desejei fazer o mesmo. Queria escapar dessa discussão sem sentido com Georgiana, que não estava levando a lugar algum. *Talvez Kate estivesse cansada e quisesse ir para casa.* Seria bom, assim poderia me livrar de minha irmã e deixar que Gerker se encarregasse da situação, pobre coitado! Cínthia viera com seu próprio carro e não precisaria de carona, e eu teria a oportunidade de estar mais algum tempo a sós com Kate. O pensamento me fez piscar, enquanto Georgiana reclamava mais um pouco. Por que queria estar a sós com Kate? Será que as besteiras de Georgiana me afetaram tanto assim? Agora me sentia culpado! Pronto, ela conseguiu. Minha cabeça passou a arquitetar quantas formas haveriam de compensá-la por tanto trabalho, tanta dedicação. Nunca deixava de atender a algum pedido que eu fizesse, sempre trabalhava até tarde para deixar tudo em ordem se achasse que isso iria me ajudar. E de que maneira a recompensava? *Obrigado* apenas não seria o suficiente.

Olhei o relógio da parede. Era cedo, uma sexta-feira. Talvez pudéssemos sair daqui e pegar um cinema, ou ver alguma peça de teatro, ou mesmo sentar e conversar um pouco mais... E outra vez a

surpresa pelo rumo dos meus pensamentos me confundiu. Só que não tive muito tempo para entender o porquê. O som de uma xícara chocando-se com o chão acabou com qualquer discussão ou ideia no instante seguinte, quando Kate se levantou tão rápido que sobressaltou a todos.

— Kate? — Georgiana perguntou, mas ela não moveu o rosto. — Querida? Está tudo bem?

Não houve nenhuma resposta. Era como se Kate não estivesse ali. O café espalhou-se pelo carpete, e o rosto de Kate estava pálido, os olhos embaçados e distantes, como se dormisse. Gelei por dentro.

— Kate? — me levantei. — Kate? Está sentindo alguma coisa?

— Gerker? — Georgiana olhava para ele.

Gerker levantou-se devagar, fazendo um gesto para que não nos movêssemos.

— Esperem, fiquem calmos. Não vamos assustá-la — ele sussurrou.

Prendi o ar. Queria sair daquela imobilidade, chegar perto dela, mas não sabia se isso seria bom ou ruim. Kate parecia ausente de tudo, não tinha certeza de que nos ouvia ou via algo. A situação tomava proporções gigantescas para mim, quando ela se movimentou, outra vez rápido demais, aproximando-se da mesa de centro. Sua mão pegou uma das espátulas de queijo, afiadas e pontudas, e os pés caminharam com decisão para a parede. Enfiou a pequena lâmina no pulso, fazendo o sangue brotar como pétalas de rosas que se desmancharam, e com ele começou a rabiscar a parede. Uma vez, duas vezes, os rabiscos continuavam num ritmo frenético e assustador, e a mão mergulhava cada vez mais no próprio sangue, seguindo precisa e firme.

Apesar do pavor por vê-la naquele estado, desejando poder tocá-la e libertá-la daquele torpor, fiquei paralisado, sem conseguir respirar, vendo o subir e descer de suas costas no ritmo sufocante do ar que entrava e saía entrecortado dos pulmões de Kate. Meus olhos seguiram a trajetória de seus rabiscos, procurando por alguma coisa ali que pudesse me ajudar. E se arregalaram de susto... Quase ao mesmo tempo, Kate parou. Ouvei a frágil tentativa de recuperar o

fôlego e vi a dificuldade em se mover. O corpo desabou, mas não permiti que tocasse o chão.

— Kate! — gritei alto, desesperado, colocando-a no sofá.

Estava pálida e gelada. Gerker virou-se para Georgiana, jogando uma chave.

— G, no carro, pegue a minha maleta!

Georgiana sumiu e voltou rápido, trazendo uma maleta preta. Depois foi para a cozinha enquanto Gerker pegava um estetoscópio, verificava a dilatação das pupilas e examinava o pulso. Eu me recusava a deixar a mão de Kate sozinha, tentando deter o sangramento e fazê-la acordar, tocando de leve em seu rosto. No meio desse processo Cínthia apareceu. Viu a cena que acontecia, quando Georgiana quase a derrubou, trazendo uma garrafa de álcool.

— Ah, meu Deus...

Ouvi o murmúrio baixo dela e o olhar horrorizado que lançou para mim. Sua garganta engoliu em seco, uma das mãos se apoiando na cristaleira antiga. Mesmo preocupado com Kate, não pude deixar de sincronizar meu pensamento com o de Cínthia, quando ambos fitamos a parede florida, manchada de sangue escuro. Lá, naquele pedaço aberto e amplo, liam-se as palavras que haviam provocado nosso pânico.

Panacea Consummatum est

Abaixo das palavras um desenho: cinco pequenos pontos ao redor de uma flor. Um cravo! E acima, distinguia-se o contorno claro de um par de olhos, do tipo de criatura que nós dois conhecíamos bem. O conjunto escorria, criando um aspecto tenebroso ao espectador.

— Vamos levá-la para um hospital! — Gerker comandou, juntando suas coisas.

Peguei Kate nos braços, sentindo o frio que vinha dela e me invadia. Atravessei a porta em um passo apressado, enquanto Gerker dava a partida. Assim que o carro disparou pela rua, contornando a esquina, Kate mexeu-se de leve, amparada no meu colo.

— Laura... — sussurrou devagar, e desmaiou outra vez.

Toquei sua face, o coração palpitando tanto que seria possível ouvi-lo de longe. *Meu Deus, o que está acontecendo?* Ah, Laura, meu

amor... Os ecos dos meus pensamentos se misturavam ao som dos pneus do carro que cantavam contra o asfalto.

Kuusamo – Finlândia – outono

Escurecia sobre o aeroporto de Kuusamo. Embora pequeno, ele possuía decolagens regulares. O movimento dos jatos particulares era o mais intenso, mas os voos comerciais também tinham sua contribuição. Era, sem dúvida, o menor aeroporto que eu já vira, mas um local que chamou a atenção dos invasores algumas vezes. Segundo Derik, três pessoas haviam desaparecido aqui, depois que os ataques começaram, passageiros que se dirigiram para cá a negócios. Havia reforço policial no aeroporto, alertas na frequência nos rádios das autoridades e alguns cartazes exibindo as fotos dos desaparecidos. Dois homens e uma mulher. Policiais faziam a ronda com cães, e não era raro que, do nada, os animais comesçassem a latir para as paredes próximas ou tentassem escapar, fugindo apavorados dos seus adestradores.

— Segurem esses animais! — berrava um deles. — O que diabos está acontecendo? — e sua mão tentava, inutilmente, desviar o focinho do cão que latia, desesperado, para uma projeção do telhado que se precipitava contra o solo. Uma característica curiosa de construção do aeroporto.

Após muito esforço, e quase levando algumas dentadas, o policial afastou-o do lugar, pondo uma focinheira no animal. Segundos depois, um par de olhos vermelhos se abriu, como se a construção estivesse viva e olhando ao redor, e um corpo se moveu, mudando de cor a cada passo, misturando-se ao ambiente numa perfeita simbiose. Movia-se e parava, trocando de posição o tempo todo. Outras o acompanhavam de diferentes pontos, causando total desespero nos animais de vigia.

— É melhor levar os cães daqui! — ordenava o policial que chefiava a operação. — E mande o veterinário dar uma olhada neles. Parecem loucos! — os animais agora uivavam, em uníssono,

causando certa agitação entre funcionários e os poucos passageiros no terminal, que se encolhiam para os cantos, assustados.

Quando os cães deixaram o aeroporto, os sons habituais voltaram a reinar. Pelo menos para os humanos. Eles jamais conseguiriam ouvir ou distinguir as pesadas formas dos Ekiiminus que patrulhavam a área com rapidez e silenciosamente. Mesmo eu, acostumada a rastrear esses sons, tinha de admitir: eram tão habilidosos que os perdia de vista por segundos. O que era muito bom, sem dúvida. Quanto menos visíveis, maiores seriam as chances. Após algum tempo as formas seguiram direções opostas, afastando-se até os limites do aeroporto, próximos à floresta de pinheiros que se descortinava por de trás da pista de pouso. Seguindo por ela, estaríamos na fronteira norte, a rota de fuga usada pelos invasores e que conduzia ao âmago dos gigantes brancos, de olhos perversos e mentes poderosas.

O luminoso do aeroporto servia de esconderijo para mim. Ninguém olharia para o alto, não com o vento frio que soprava. Os humanos que podiam se escondiam dentro do prédio. Um avião taxeeava lentamente, posicionando-se próximo a uma das plataformas onde os passageiros embarcariam. Pelas instruções trocadas entre os pilotos e a torre, o voo partiria dentro de cinquenta minutos. Fora isso, apenas silêncio. Nenhum sinal de que algo estaria para acontecer. Josh e Morgana deviam estar no local combinado, junto com Garret e Leona. Lorelai iria caçar, mas Derik estaria com ela e seria fácil manter contato. Os outros membros de seus grupos estavam em vigília, e cada ponto demarcado tinha que estar perfeitamente alinhado, como fios tecidos por uma aranha. A teia não podia ter falhas.

Por que Robert e Eric ainda não deram sinal? A pergunta começava a incomodar mais do que o normal. Não que eles estivessem fora do tempo combinado. Só que... Respirei fundo. *Só que as coisas não eram mais como antes, admita, Clementine.* E você está com medo do que isso possa representar. O mesmo olhar, a mesma expressão, o mesmo timbre de voz. Sim, isso tudo você conhece, muito bem. Você já o viu antes, dessa maneira, quando ambos achavam que era a única forma com que poderiam levar a

vida. Um tempo de mortes, descontrole, incertezas e atormentos, onde a consciência mandava menos do que os instintos e nada podia fazer frente ao poder que o sangue exercia sobre a mente. Duros tempos. Amargas lembranças. E agora, como se a fita estivesse sendo rebobinada, o filme parecia recomeçar ao invés de seguir adiante. Os passos que demos foram importantes, conquistados com esforço e disciplina, sofrimento e o medo constante da fraqueza, que acabava nos fazendo retornar ao que éramos no princípio. A cada passo que dávamos para a frente, uma força parecia querer nos puxar dois para trás. E só com muita determinação conseguíamos impedir que essa estranha e eterna *companheira* ditasse as regras, fosse mais forte que a nossa consciência. A razão por trás de cada ato.

Mas a dor... O sofrimento... A perda... Estes eram o alimento fundamental para o verme que todos tínhamos em nosso interior, especialmente quando a perda era recente, tão viva, como a de Robert. Suspirei. Lembrei-me, como sempre fazia a cada minuto do dia e da noite, das feridas que nunca parariam de sangrar em mim. Dos rostos amados que eu nunca mais veria, pela eternidade, ou enquanto minha existência durasse. A dor atingia cada um em proporções diferentes, eu sabia. Ninguém era igual. Passei pela minha sina com a firme convicção da vingança. Foi ela que me motivou a arriscar tudo e a suportar o que viesse depois. E suportei. Mas com Robert foi diferente. Sem mim, ele teria morrido. Seguiria o rumo comum dos mortais: *do pó vieste, e ao pó retornarás*.

Eu mudei seu destino. Quando percebeu o que fiz, entendeu que não estava morto e que eu não era um fantasma, a realidade se abateu sobre ele. E com o passar do tempo — depois que encontramos Carlo e os outros e aprendemos mais sobre nós mesmos —, a vida de Robert se resumira a seguir regras e a nenhuma aspiração de futuro. Até o momento em que ele a encontrou, o instante que a vida lhe reservou, tanto tempo depois, mostrando-lhe que mesmo um de nós podia ter sonhos, esperanças. E um futuro. Um futuro com o nome de Laura. Mas agora ela não estava mais aqui e toda a estabilidade que ele criou ao redor de sua figura se foi também. O estranho ser que um dia se projetara nele ia

reaparecendo, parte por parte, ameaçando tomar conta do homem bom e forte, digno e generoso que era. Um processo visível, que me causava uma preocupação sem tamanho.

Quando tudo isso acabar, prometi com firmeza, terei tempo, e vou resolver esse problema de uma vez por todas. Para o bem dele. Antes que seja muito tarde e ele faça algo do qual se arrependa. O movimento ao redor arrancou-me da sequência de pensamentos. O cinza das paredes deslizou para o telhado, depois se tornou seguidamente mais escuro, até assumir o tom azul do letreiro principal do aeroporto. Aos poucos a forma de um homem estacou ao meu lado, ainda envolta na camuflagem natural que era a sua principal arma. Bóris ficou ali, o olhar atento ao fluxo dos Ekiiminus que se movimentavam em silêncio pelos arredores e dos humanos ruidosos e barulhentos aos nossos sentidos.

— Acredito que fizeram uma boa viagem — os Ekiiminus tinham ido caçar na Polônia, um território amigo dos romenos.

E dos aliados de Vassília. Ainda era estranho pensar que ela não estava aqui, conosco, hoje.

— Sim. Espero que não tenhamos perdido nada. Nem que tenham enfrentado algum problema na nossa ausência — sua postura era atenta, como deve ser a de um líder.

Mas uma observação cuidadosa revelaria a presença, na voz, dos sinais que não estavam na aparência. E nem poderiam estar. As dores dos imortais marcam a alma, não a face.

— Não houve mais nada desde Helsinque, amigo. O que me faz pensar que estamos próximos de conseguir algo dessa vez — assegurei.

Bóris deixou seu mimetismo de lado, assumindo a verdadeira aparência. O contraste de sua pele pálido-acinzentada, as olheiras roxas e os olhos vermelhos era chocante contra as luzes do letreiro. Por um momento sua visão percorreu o local; sentiu que não havia riscos e sentou-se sobre o telhado amplo. Imitou o gesto. Mesmo no silêncio da noite que já imperava, todos os ruídos eram muito mais altos para nós. A respiração do gigante romeno ia e vinha pesadamente, tomando minha atenção. Estávamos imóveis, dois espectros pálidos na escuridão, iguais as grandes corujas cinzentas

que dominavam a paisagem noturna daquele país, e que podíamos ver a certa distância. O silêncio durou algum tempo. Não incomodava, fazia parte do que éramos. Mas esse tinha uma tensão diferente, quase uma vibração que fluía do corpo de Bóris e atingia o meu. Era impossível não sentir ou querer ficar imune aos seus efeitos. A perda não era algo comum para os da nossa espécie e sua intensidade marcava fundo. Ela tinha o poder de provocar movimentos mesmo na total imobilidade e as reações podiam ser as mais diversas possíveis. A de Bóris era o silêncio. A contemplação. A quase ausência.

Uma das corujas alçou um voo rasante ao chão, e subiu carregando sua presa. Observei seus movimentos em distintos quadros até retornar ao galho e começar o banquete da noite. O primeiro de muitos.

— Vassília adorava corujas — o som da voz de Bóris preencheu o ar. — Sempre gostou delas. Passava horas e horas admirando-as em nossa terra. Dizia não haver nenhum outro animal tão perfeito na natureza quanto as corujas. Rápidas, inteligentes, hábeis, belas.

Seu olhar focava as aves ao longe, enquanto retirava um colar escondido sob a camisa preta. Depois o estendeu para mim. Meus dedos seguraram uma corrente em ouro, de elos fortes, e muito antiga. O fecho era de um tipo que não se fabrica mais nos dias atuais e nem me atreveria a perguntar quantos anos deveria ter. O colar sustentava um pingente, pouco maior que a metade de um dedo mindinho: uma delicada coruja trabalhada em marfim, com detalhes em ouro nos olhos, garras e pontas das asas abertas, como se estivesse pousando. Os trabalhos de ourivesaria e entalhes eram tão impressionantes que se podia enxergar cada pena, o contorno dos dedos e unhas, do bico, criando toda a expressão da peça. Nas órbitas, pequenos rubis vermelhos estavam engastados com precisão. Era como ter uma miniatura viva do animal. Na parte de trás, uma letra dourada: V, gravado em ouro num grafismo cursivo, que estendia suas pontas até quase os limites das asas do pingente. Uma joia lindíssima.

— Foi um presente — ele contava. — Mandei um ourives persa confeccionar, quando vivíamos na região da Assíria, séculos antes de migrarmos para os Bálcãs — o suspiro de saudade encheu o ar

naquele momento. — Podia-se dizer que era a nossa aliança de casamento. Vassília sempre usou, desde que o coloquei em seu pescoço — sua voz falhou ao completar — e desde que o tirei naquele dia...

Silêncio. Minha garganta se contraiu e a visão toldou de vermelho. Sentia saudades de poder chorar lágrimas claras.

— Bóris... Sei que nada do que eu disser vai valer alguma coisa, seja onde ou quando for — minha antiga dor, aguda e sofrida, uniu-se à dele. — Só quem sofreu uma grande perda pode entender. Eu já sofri, ainda sofro... — essa certeza nunca pareceu doer tanto como agora. — Não há nada que possa aliviar a ausência, minimizar o sofrimento, distrair a mente e o coração da agonia — os sons dos gritos de Marguerite enchiam meus ouvidos. — Tudo o que posso garantir a você, meu amigo de longa data, é que se precisar de qualquer coisa, sabe que poderá contar comigo, conosco. Essa é uma promessa que lhe faço — devolvi o colar, com todo o cuidado.

Ele o pegou como quem segura a alma nas mãos, contemplou por um momento prolongado, e recolocou no pescoço.

— O que me angustia, Clementine, me faz ficar sem ação, sem direção — seus olhos miraram os meus, a brasa quente diluindo-se como líquido entre as pálpebras —, é como vou aguentar a eternidade sem ela? — o rosto voltou-se para baixo. — Eu... Não sei o que isso significa, não sei o que é viver sem a presença dela. Não consigo, nem mesmo, lembrar como era minha vida antes de Vassília aparecer. Como eu era, o que fazia, nada. Tudo é um grande vazio na minha mente. É como se nunca tivesse existido antes dela chegar — os olhos miraram a escuridão a nossa frente —, e pareço não existir mais, agora que ela se... foi — a dificuldade em dizer as palavras era torturante para Bóris.

Não havia nada que pudesse dizer. Qualquer coisa seria estupidez, soaria falsa e desconexa à realidade dele. Eu só podia ouvir.

— Conheço muitas histórias de perdas, dor e sofrimento. Inclusive a sua — ele me encarava. — Vassília e eu não tivemos crias, nunca conseguimos ter, mas sei que o seu sentimento de perda deve ser o mesmo que eu experimento agora. Admiro a força com que continua sua jornada, Clementine. Acredito que ter sido humana, um dia, lhe

deu mais coragem para lidar com a adversidade do que todos os milênios que possuo. Os séculos só me ensinaram o que eu era, como viveria, me uniram aos meus semelhantes — soltou o ar pesadamente —, mas nada sobre o que fazer quando se perde alguém, de onde tirar forças para continuar, buscar algum tipo de sentido numa existência que por si só bastava. Que parecia ser completa em si mesma...

— Bóris... — falei, enfim — isso não é uma dificuldade que só você sente, acredite. Não há manuais nesta vida, ou na vida dos humanos, que nos explique como lidar com a morte, a perda, nada — precisava falar alguma coisa para confortá-lo. — Ter sido humana não me ajudou a enfrentar a situação nem melhor nem pior do que está fazendo agora. Cada um sabe da sua dor e de como terá que encará-la. Não existe remédio, nem defesas. Apenas... Temos que continuar — era tudo o que podia dizer, não seria justo iludi-lo com uma promessa falsa, de uma paz que eu sei que nunca viria.

Ele não falou, e respeitei mais uma vez seu silêncio. Percebi algumas formas de Ekiiminus que se moviam sinuosas, entrando e saindo do aeroporto, assim que a plataforma de embarque do avião era acoplada. O vento havia diminuído um pouco, as bandeiras da pista de decolagem não se moviam tanto. Um fiscal se dirigia para um ponto mais distante, com sua roupa fluorescente, onde havia uma pequena concentração de névoa da noite. Um carro da equipe de manutenção checava a qualidade da pista para a decolagem onde algumas lâmpadas estavam apagadas. Tudo transcorria em total tranquilidade.

— Clementine — Bóris perguntou, de repente —, vocês ainda acham que a Ordem está por trás dos incentivos aos ataques? — me fitou sério. — Que Avelar anda permitindo e fazendo vistas grossas ao que está acontecendo?

Sim, eu tinha certeza. Mesmo sem provas concretas. Porém, poderia dizer isso, em alto e bom som, para um puro que teve a esposa morta por uma traição? Qual seria a reação dele? Bóris estava sofrendo, e se quisesse se vingar? Poderia sair daqui nesse minuto, e invadir a sede em Ravena. Enfrentar a guarda de mestiços e causar um grave desentendimento diplomático com todos, humanos

ou não, baseado numa suspeita sem fundamentos, em suposições que nossos grupos levantaram. Como isso terminaria? Provavelmente, com a morte de Bóris. Havia muitos mestiços em Ravena. Depois, Avelar usaria essa chance para nos encurralar, forçar as amarras frouxas do Acordo, disseminar a discórdia e a desconfiança. Os Ekiiminus iriam vingar seu líder, bem como os Obours e todos os aliados deles, inclusive nosso clã. E aqueles contrários aproveitariam para atacar também. Provocações antigas e ressentimentos guardados viriam à tona. Tudo terminaria em sangue e sofrimento.

Eu deveria mentir agora, ser politicamente correta e evitar uma desgraça maior. Essa é a postura que um líder precisa manter diante de uma possível catástrofe. Mas, após prometer ajudar Bóris em qualquer coisa, poderia enganar um ser brutalizado pela morte da mulher que amava? Seria hipócrita a tal ponto? Afinal, eu mesma não havia poupado os assassinos dos meus filhos, e nem permitiria que permanecessem vivos se tivesse a chance de matá-los milhares de vezes outra vez. Faria isso pela eternidade, apenas para aplacar a dor, tudo para assegurar minha vingança e justiça. Teria coragem de negar isso a Bóris, agora?

Nunca saberei que resposta eu teria dado a ele naquele momento, nem quais seriam as consequências desse ato. Meu olhar moveu-se quando os primeiros passageiros começaram o embarque. Enquanto cada um deles entrava na aeronave, instintivamente procurei pelo fiscal da pista. Não estava mais lá. A roupa fluorescente havia desaparecido, não havia sinal de movimento humano que viesse daquela direção, onde uma discreta neblina acumulava-se próximo ao fim da pista, fluindo devagar entre as árvores do bosque. Mirei o carro dos fiscais, parado próximo do local, no lado oposto. As portas estavam abertas, as lâmpadas ainda apagadas. Do alto da torre de comando o controlador de voo chamava insistentemente por eles, solicitando brevidade nos reparos para que a aeronave pudesse decolar no horário. E não recebia retorno. Em volta do carro, outra névoa discreta ia se dispersando. Percorria o interior do veículo e deslizava suavemente através das portas, estendendo-se para o bosque. Ou melhor, *caminhando* para o bosque.

A neblina!

— Bóris! — sussurrei. — Ali!

Desci em disparada, com Bóris imediatamente atrás de mim, já misturado entre as cores do ambiente. A névoa sumia floresta adentro. Parei para verificar o carro. Vazio. As lanternas estavam no chão, acesas, o chamado do rádio constante, e um capacete caído apontava para uma trilha que conduzia à mata de pinheiros, onde a grossa neblina enroscava-se nos troncos finos e escurecidos pela noite. Percebi a movimentação sutil de formas camufladas e juntei todas as forças para chamar os outros.

Kuusamo! Aeroporto. Rápido!

Os passageiros embarcavam e outro carro de fiscais seguia na minha direção. Estariam ali em alguns minutos se a grossa neblina, surgida do nada, não avançasse sobre eles, como uma mão escura e esmagadora. Os corpos dos dois fiscais foram arrancados pelas janelas e erguidos no ar, seus coletes brilhando no escuro. O carro derrapou para cima de mim e saltei. Ele se chocou ao outro, parando com as luzes acesas. Olhei os corpos que pairavam no ar. Não havia nenhum som, nada que indicasse se estavam vivos ou mortos àquela altura, apenas a neblina estranha que os movimentava como marionetes. Era exatamente como Robert havia descrito. Eu nunca havia visto nada parecido antes, e o choque paralisou meus movimentos. Mas só por alguns segundos. Saltei com ferocidade para agarrar um dos fiscais. A neblina moveu-se também rápida, desviando-se, enquanto continuava seu bailado com os humanos. Era grotesco e repugnante. Em dado momento ela aproximou os corpos de mim — agora eu sabia que estavam mortos —, erguendo os braços de ambos e balançando suas cabeças de um lado para o outro, movendo-os como num filme de terror barato, imitando zumbis mortos-vivos. A mesma brincadeira feita com Robert na Romênia.

Deixei que se aproximasse, sentindo o peso que provocavam no ar ao redor, como se extraíssem dele todo o oxigênio. Ambos os corpos giravam numa velocidade lenta e depois acelerada, um bailado de mortos envolto por risadas femininas baixas e esganiçadas. Como bruxas. As risadas se aproximavam do meu rosto e fiquei imóvel. Meu único trunfo seria controlar a ansiedade. Por isso, mirei o espetáculo,

esperando o melhor momento. Quando a neblina pareceu se cansar do balé macabro, mantiveram os corpos parados diante de mim. Os olhos dos fiscais estavam arregalados e pude ver as marcas sutis na jugular. Feitas com precisão, como só um puro poderia, sem verter nenhuma gota.

— Muito bem — falei com calma, pesando as palavras. — O que querem? Por que ainda estão paradas aí? Achei que já haviam tido o suficiente por uma noite.

Silêncio. Os corpos embalados pelos tentáculos de sombras. Por sorte as luzes estavam apagadas e humanos não poderiam ver dessa distância. O som da respiração forte e rouca chegou aos meus ouvidos, enquanto um dos tentáculos circulava minha cabeça, sem se aproximar muito, como se aspirasse o odor. Procedesse ao reconhecimento.

— *Di Feveré!* — rosnou baixo. — *Di Feveré!*

— Sim, sou eu — assumi, provocando. — Sou um daqueles a quem mais odeiam. Sua luta não é contra esses — aponte para os corpos. — Estão matando inocentes, gado sem razão. Por que não enfrentam alguém à altura? — estimulei, sentindo outras vibrações no ar além das delas. — Ou têm medo de uma luta justa e aberta?

A risada espectral ecoou, tomou conta do espaço entre mim e a floresta. *Ótimo. Deixem que ouçam vocês. Deixem que saibam onde estão.*

— Ora, vamos. Larguem esses bonecos — fiz uma postura de ataque clara. — Eles cumpriram seu objetivo. Trouxeram-me até vocês. Agora é de igual para igual — arrisquei ainda mais. — Se conseguirem passar por mim, terão o que querem. É justo. Mas apenas se passarem por mim, o que eu não garanto que vai acontecer — me arqueei e rosnei com raiva.

Os corpos tombaram ao solo, como caixas vazias. A neblina me circulou, sugando todo o ar. A sensação de sufocar era grande, mas preendi o fôlego e me concentrei. Havia ganhado um tempo precioso e agora teria que ver os resultados. Contemplá-los com meus olhos. Ver, pela primeira vez, o que até para mim seria uma lenda. Assim que um tentáculo rodeou minha perna, subindo devagar pelo meu dorso, tentando alcançar meu pescoço — enquanto outra massa

etérea vinha sobre a minha cabeça, com garras e dentes bem pronunciados —, atirei o frasco ao chão com força. Ele explodiu num clarão azulado, como um fogo-fátuo, e iniciou uma reação em cadeia com o ácido inodoro plantado naquele local. As chamas subiram rápido, como bocas acesas de um fogão, criando uma linha de explosões silenciosas, mas de brilho intenso. O grito delas foi imediato e os tentáculos se afastaram. A neblina perdeu sua forma etérea e adquiriu contornos, cabelos e um corpo. As explosões silenciosas continuavam e, a cada clarão, mais e mais as formas das criaturas se solidificavam. Visíveis e palpáveis.

Quando o padrão se acentuou, uma delas foi agarrada por um Ekiiminu, invisível para os olhos, mas sólido e forte. Ele a arrastou para o bosque, enquanto a outra fugia em disparada por entre as árvores. Saí em seu curso, quebrando mais ampolas luminosas pelo caminho. A cada clarão podia ouvir o grito e sentir a forma se contorcer, perdendo o rumo e a noção de espaço, ficando desorientada. Foi nesse estado que eu a alcancei, me atraquei com ela, rosnando e procurando alcançar seu pescoço com minhas presas. Mas ela era forte, apesar dos sentidos abalados, e me atirou com força contra uma árvore. Coloquei-me em pé no mesmo instante e atirei outro frasco, que explodiu aos seus pés. Nesse momento pude ver a figura de uma mulher, cabelos vermelhos e feições pálidas, me encarando com raiva e fúria no olhar vermelho-sangue.

Mas a visão, longe de assustar, só provocou minha ira. Graças a essas criaturas malditas nossas vidas estavam de pernas para o ar, e coisas importantes tiveram que ser postas de lado pelo ciúme, inveja e ganância. Por causa delas meu irmão estava sofrendo, não podendo ir atrás da mulher que amava, Bóris chorava a morte da esposa e humanos inocentes pereceram numa terra onde suas mortes não seriam necessárias. Nem bem-vindas pelos clãs. Não sei se por ver minha determinação ou sentir a presença dos Ekiiminus próximos, mas a mulher fugiu, seguindo o curso que Derik já havia determinado como uma possível rota. Fui ao rastro, tendo a presença invisível dos Ekiiminus, e pressentindo a chegada dos outros, a distância. A fronteira com a Rússia estava próxima, em breve a linha de território seria cruzada. Atirei os outros frascos com força,

procurando atingir a frente da criatura, obrigando-a a mudar de direção. Ela parou e se desviou, como planejado. Alguns metros separavam nossa presa da fronteira norte. Era tudo ou nada agora, e mirei o ponto marcado pelo grande cipreste.

Imediatamente os pontos interligados se inflamaram, formando um anel concêntrico que se encolhia num espiral. A criatura teve que recuar até o centro, sem chance de escapatória, e novos pontos se acendiam, pulverizando o brilho azulado que cegava e feria seus olhos. Ela gritava, se debatia, mas não conseguia avançar. A fotossensibilidade feria mais do que garras. Quando estava encurralada, Bóris se projetou sobre ela, cobrindo-a com seu corpo gigantesco, enquanto outros Ekiiminus agarravam pernas e braços. O som da carne estraçalhada era alto, insuportável na verdade. Durou alguns minutos, e então o silêncio reinou em meio às chamas que se extinguíam. Tudo o que havia sobrado da mulher estava aos meus pés. A face destroçada, desde o pescoço até os tufo de cabelos vermelhos, os membros rasgados e disformes, o único olho que restava permaneceu arregalado e o pescoço ligado à cabeça apenas por um fino pedaço de pele. O cheiro era horrível. Outro Ekiiminu, o que perseguiu a primeira forma, chegava nesse momento e depositava o corpo. Ambas muito semelhantes, quase no mesmo estado, com exceção da cabeça, que estava totalmente separada do corpo.

Respirei fundo. *Deus, que loucura.* Já havia ouvido falar delas antes, sabia sobre alguns de seus atributos, mas enfrentar cara a cara era bem diferente. Bruxas Vampiradas. Era isso o que elas eram. As piores que já existiram na face da Terra, do tipo que venderam a própria alma para alcançar algo além de sua natureza. Algo que nenhum de nós queria para si na vida: a imortalidade forçada em rituais negros de sangue, magia, sedução e cópula. Um puro. Uma bruxa pura. Nascida e amaldiçoada pela eternidade desde o berço. Cruel e impiedosa. A centelha de um mal que exterminou milhares por muitos séculos.

Clem! Kuhmo, lago na fronteira. Todos!

— Bóris — chamei, após receber a mensagem em minha mente.
— Estão em Kuhmo agora! — sem precisar dizer mais nada, segui a

trilha que conduziria ao local.

À minha frente, a vegetação passava rápida. A voz de Morgana era urgente. Kuhmo ficava ao sul, no meio do caminho estava Suomussalmi. Os outros chegariam lá antes de nós. Fui pelas árvores, agarrando-me aos troncos e saltando, até que uma planície se estendeu. Cruzei com casas de madeira, pastos de ovelhas, pequenas lagoas e pousadas, todas iluminadas e com pessoas que se escondiam do frio em seu interior. Não sabia onde estavam os Ekiiminus, visualmente seria impossível localizá-los. Em um determinado trecho do caminho, percebi formas se juntarem a mim. Membros dos clãs nórdicos, alertados por seus líderes. Outra floresta indicou que eu chegava a Kuhmo. O cheiro forte e cítrico dos pinheiros e ciprestes encheu o ar, misturado com o dos ursos pardos e outros animais. O som da água de um dos muitos lagos desse território estava próximo. Aquele era o local.

Diminuí a corrida, deixando o deslizar tomar conta dos movimentos. Aspirando ao redor, procurando por algum cheiro. Distingui os toques de fragrâncias de Morgana e Josh. Senti a presença daqueles que se movimentavam em surdina, tensos e preparados. Contornei cada uma das árvores, escondendo a minha presença dos observadores. Quadro a quadro foquei o espaço com as pupilas dilatadas. Por entre as árvores que contornavam o lago, o silêncio era grande, mas uma floresta nunca fica completamente silenciosa. Mesmo à noite, existe vida que pulsa e caminha no ritmo das horas noturnas. Essa vida parecia estar ausente e o vazio que ela deixava era significativo. Assim como nós, os animais entendem quando há algum perigo. E fogem. Diferente de nós, que sabemos que o perigo está aqui. E ficamos. Uma escolha consciente, absurda, mas necessária.

Ninguém em nossa espécie quer enfrentar, cara a cara, o perigo. Todos sabem as consequências que podem sofrer. Especialmente agora, quando a morte espreita na mata e descobriu formas diferentes de nos encontrar. Os riscos eram outros, novos, para os quais ainda não estávamos preparados. Embora nada de *anormal* tenha nos atingido, isso não significa que haja garantias. Todos correram o mesmo risco essa noite, e nas noites anteriores. E, talvez,

nas que ainda estiverem por vir. Eu já estava próxima à margem do lago. Um observador humano, que conseguisse me ver, encontraria apenas uma mulher andando com cuidado pela mata escura. Não perceberia, como eu, os vultos movendo-se entre os galhos, misturando-se aos troncos das árvores, fluindo como o ar entre um espaço e outro da paisagem. Uma coreografia digna de nota, como a dos espíritos da floresta do Balé Gisele, ou das ninfas de *Sonho de Uma Noite de Verão*, com a diferença de que os personagens de hoje eram bem mais sombrios e não provocariam simpatia nos espectadores. Ao contrário, a morte poderia ser o ato final do enredo.

Quando meus pés tocaram a margem, e meu reflexo estampou-se na água escura, percebi a neblina fumarenta deslizando sobre ela. Densa e sufocante. Eram três, distintas, fazendo revoluções na superfície, criando ondulações ritmadas. O balanço da água atingia os meus pés, e elas permaneciam lá, fazendo giros e revoluções, mas nunca se aproximando da margem. O lago não era grande. Fazia parte de um dos muitos que preenchiam toda aquela região. A cada poucos quilômetros era possível encontrar outro, e mais outro. Mas esse era diferente. O lago ficava na Via Karelia Route, que cruzava quase todo o país, uma rota considerada turística. Eu podia ver a rodovia, estampada do outro lado. Atravessando-a havia mais um lago, e uma passagem que ligava à fronteira com a Rússia.

A neblina dançava e brincava, como um espectro inatingível. Qualquer movimento em direção à água a faria deslizar rápida e veloz até a extremidade oposta, onde fugiria, ficaria fora do alcance, e voltaria depois para nos atormentar. Criar situações de perigo para os clãs, talvez até mesmo em outros territórios. Ao meu redor a movimentação era sutil, mas constante. Ekiiminus, nórdicos, Josh e Morgana estavam por perto. E elas também sentiam a presença deles. Ainda não era hora, mas se demorássemos demais o momento poderia se perder. Um novo cerco levaria mais semanas, meses para ser estabelecido sem levantar suspeitas. Algo que ninguém aqui gostaria de protelar mais.

— Eu sei que está aí! — falei para a escuridão, sentindo a névoa se reter ao som da minha voz, audível no silêncio que se seguiu. — Vejo suas formas distorcidas. Sei quem são. Sei o que querem —

continuei provocando. — Mas vieram procurar no lugar errado. Seu ódio não se estende aos que vivem aqui, em paz. Eles nada devem a vocês. Sua luta é comigo! Com nossa família! — afirmei, com raiva.

Esperava provocar a mesma reação anterior de fúria cega. O ódio seria um bom aliado. A risada soou baixa, como antes, aguda e perversa. Um dos espectros deslizou devagar, aproximando-se, mas dessa vez não se escondeu num manto cinzento de brumas sufocantes. Pairou a certa distância sobre as águas, sentindo-se segura, e solidificou-se na forma de uma mulher. Esquálida, magra, os ossos se projetando contra a pele cor de areia, tão fina como papiro antigo, deixando entrever veias azuladas e o roxo das pálpebras, ainda mais escuras que a dos Ekiiminus. Seu vestido e capas eram negros, o que acentuava ainda mais a ausência de cor vital, sensação fortemente destacada pela coloração vermelha, como fogo, dos cabelos abundantes, que se moviam ao redor do rosto como serpentes em uma cabeça de Medusa, com vida própria. Os olhos, tão vermelhos quanto os cabelos, criavam a impressão de se estar observando uma figura num museu de cera, uma boneca de porcelana translúcida, mas sem a graça e a beleza que possuíam. Era um tributo aos pesadelos que se apresentava, agora, a minha frente, olhando-me com um ódio injustificado, pois em nenhum momento de minha existência, até essa noite, havia cruzado com qualquer uma delas, nem causado a expulsão de que tanto se ressentiam, realizada séculos antes que eu nascesse. Gerações inteiras antes que eu respirasse o ar desse mundo pela primeira vez.

Mas nada disso fazia diferença para as vingativas e sectárias Baobhans Siths. As bruxas vampiras celtas, o terror que dominou a Bretanha nos tempos antigos, movendo druidas e sábios romanos a unirem-se em uma aliança insuspeitada para expulsá-las, usando armas cujo conhecimento se perdeu para a humanidade. *Apenas para a humanidade*, meu pensamento sorriu de leve, não deixando que o rosto me traísse. Havia tido uma prova de tal conhecimento ainda há pouco. A mulher pairava diante de mim, um leve ondular sem gravidade sob seu corpo. Atrás dela, a névoa misturava-se e depois se separava, etéreas e intangíveis. Sombras precursoras da morte que se figurava no rosto frio que me fitava.

— Di Feveré! — o mesmo tom gélido e espectral estava lá. — Finalmente nos encontramos, de frente. Vemos o rosto dos impuros que profanam o solo sagrado da nossa Bretanha, que chamam de casa a terra que foi nosso berço, que é nossa mãe e lar eternos — seu sibilar era o de antecipação de uma conquista. — Durante séculos ansiei por esse momento: ver o rosto de Clementine, a impura que lidera o grupo de desgarrados que se julgam donos de um território usurpado. Cães vis! — sua voz cuspiu as palavras.

— Se desejava tanto me conhecer, deveria ter sido mais educada e ido a *minha* casa — provoquei deliberadamente. — Mas parece que prefere ardis sujos e manobras trapaceiras para chegar aos seus objetivos. Não me surpreende que tenham sido exiladas da ilha há tanto tempo! — sorri com maldade. — Uma hora a caça sempre se vira contra seu caçador. Ou pensaram que os antigos sábios iriam tolerar que continuassem o banho de sangue inocente para conseguir um prêmio tão invejado? — aponte para seu corpo. — O de viverem eternamente nas sombras, como vermes obscuros, moldadas nessa forma pelas artes de uma magia negra e perigosa?

Sim, eu sabia o que elas eram. Carlo foi bem claro em sua explicação para nós e para Derik, antes mesmo de o líder nórdico chegar. Assim que Robert nos contou sua experiência na Romênia, Carlo reconheceu os sinais das Baobhans Siths.

— As antigas bruxas súcubos da Bretanha — contou. — Só podem ser elas. Nenhuma outra criatura do nosso mundo teria esse poder. São consideradas puras entre os vampiros antigos, mas sua origem é muito mais obscura e devassa. Suas antepassadas eram fadas noturnas, mas não do tipo que vemos nos livros de histórias infantis. Pelo contrário: se alimentavam da carne dos homens humanos que pernoitavam nas florestas, dos viajantes desavisados e dos desgarrados que penetrassem fundo demais em seus territórios. Eram chamadas de fadas Buh-Van-She. Demônios seria a melhor definição para sua espécie, outro tipo de ser supernatural, de vida eterna, mas frágil, podendo ser destruídas pelas mãos humanas que possuíssem as armas certas — seus dedos percorriam os antigos manuscritos sobre as Baobhans. — Como todas as fadas, elas possuíam o conhecimento de magia antigos, que não existem mais.

Usando desses conhecimentos, iniciaram uma busca frenética pela imortalidade, pela força, pela melhora da raça. Graças aos poderes de sedução que possuíam, por serem absurdamente lindas, as Buh-Van-She viajaram até a ilha da Irlanda e encantaram os Dearg-Dues, vampiros puros, muito fortes — apontou uma figura do vampiro irlandês. — E através de cópulas contínuas mescladas com rituais de fertilidade conseguiram gerar um tipo mestiço entre vampiros e seres mágicos, procriando toda uma nova geração: as Baobhan Siths. Fortes, rápidas, letais, a nova geração era instável, violenta e possuía poderes ainda desconhecidos das demais criaturas, mortais ou não. Em pouco tempo elas exterminaram, não apenas as próprias fadas-mães, mas também os vampiros irlandeses que as geraram. Tudo para garantirem território de caça e a hegemonia sobre a Bretanha e as terras bárbaras.

Buscou outro manuscrito, em pergaminho.

— Durante os séculos seguintes aterrorizaram os povos da Bretanha, Irlanda e Escócia. Como eram híbridas, mantinham alguns pontos em comum com as duas espécies, unindo as qualidades. Possuíam a força e a imortalidade dos puros, a sede pelo sangue, e o conhecimento e invocação da magia das fadas. Mas, como em todo cruzamento inter-racial, há sempre pontos negativos também, e eles vieram das características herdadas das fadas-mães, especialmente as fraquezas — seu olhar foi significativo. — Graças a esse conhecimento os druidas e romanos conseguiram expulsá-las da Bretanha, depois que muito sangue foi derramado de ambos os lados. E essa informação é o que nos ajudará agora.

Lembrei-me da expressão dura e tensa de Josh durante a explicação de Carlo. Quando observei os corpos dos fiscais de pista no aeroporto de Kuusamo, minha mente não pôde deixar de fazer a conexão entre o que via e a história dele. Josh havia sobrevivido ao ataque de uma delas, uma invasora. Que lembranças terríveis teria dessa experiência? Quão doloroso deve ter sido? Sabia que ele estava aqui, nesse momento, observando tudo. Teria reconhecido sua atacante essa noite? Os Ekiiminus já teriam dado cabo dela no aeroporto ou seria uma das três que pairavam sobre as águas? Talvez a mesma que estava falando comigo agora? O olhar de ódio

da bruxa vampira queimava minha pele. Ela não havia gostado do meu comentário. *Isso era bom*. Seria interessante acrescentar ao relato de Carlo que ter o *pavio curto* era outra fraqueza delas. *Além de possuírem mais um defeito*, pensei com ironia, ao reconhecer uma herança direta do sangue paterno: elas eram feias! Não como o conceito é definido entre os humanos. Era algo muito maior, mais pungente, e que saltava aos olhos do observador. Como se o lado inverso de uma figura se estampasse, deixando à mostra as imperfeições. Pareciam viradas pelo avesso. Era incômodo e repugnante.

— Impura ridícula! — seu tom era de asco. — Como ousa julgar minha origem, quando possui sua centelha primordial ligada ao rebanho humano do qual se alimenta? Contaminando e manchando a espécie dos imortais? Quem pensa que é? Orgulha-se por se supor superior a nós? — riu frouxamente, avançando para mais perto. — Acaso não entendeu que nunca, jamais, um impuro poderia se igualar a um imortal puro? Vocês são uma piada! Um mal-entendido que precisa ser solucionado, para que o equilíbrio volte a reinar. Uma erva daninha que cresce, arruinando o belo jardim — seus olhos faiscaram mortais. — Mas não perde por esperar, Di Feveré. Toda praga sempre tem o fim que merece. Essa é a lei máxima da natureza.

— Sim, concordo com você — arrisquei, percebendo no ar a surpresa do olhar da Baobhan. E o cheiro discreto que se projetava próximo do grupo de Ekiiminus. — Toda praga deve ter mesmo o fim que merece. Especialmente quando ela se planta no jardim alheio — fiz um gesto sutil.

Os gigantes romenos deixaram seus esconderijos, como partes que se descolaram das árvores. Quando ficaram visíveis, atiraram os corpos das duas bruxas mortas bem próximos dos meus pés. Sem nenhum pudor, peguei a cabeça de uma delas e a exibi para a vampira etérea, percebendo seu olhar injetar-se de ódio.

— O mal deve ser cortado pela raiz — continuei, assim que outro aviso mental me alcançou. — Nesse caso — atirei o cadáver em suas mãos — pela cabeça é mais apropriado.

A fúria cegou a mulher pálida. Sua boca abriu-se ao extremo, soltando um lamento dolorido e frustrado, mistura de grito e uivo,

junto com as demais. A neblina escureceu e avançou sobre mim, veloz. Quando o primeiro clarão explodiu diante dela, começando uma sequência de explosões por todos os lados, os gritos das bruxas se acentuaram, só que dessa vez de dor e pânico. As formas ficaram visíveis e, das árvores próximas, projéteis atingiram seus corpos, com uma rapidez cronometrada. Do ponto onde estava pude ver Robert, Derik e Josh usando as bestas. Delas eram cuspidas os virotes com pontas de ferro frio. Uma arma antiga contra as Baobhans.

— O ferro frio pode feri-las — Carlo explicava —, o ferro forjado de maneira artesanal, no toque de bigorna. Uma arma humana que podia matar as fadas-mães — mostrava as setas antigas —, cuja fraqueza herdaram. Também são fotossensíveis, como as fadas noturnas. O sol e a luz não as matam, mas podem desorientá-las e isso será útil. Lembrem-se: tudo o que as move é o ódio que sentem pela perda de seu território. Explore isso e as chances de derrotá-las serão maiores. Só não permitam que voltem à forma de neblina. Isso as torna mais rápidas, ficando fora do nosso alcance.

As setas se cravavam em sua pele como espinhos de uma planta, e os ferimentos as fizeram perder o equilíbrio, desabando sobre o lago. Ekiiminus mergulharam atrás, e a água, antes calma, agitou-se num torvelinho de ondas e rodadoiros, denunciando a luta mortal que acontecia. Bóris voltou à superfície atracado com uma das mulheres. Os movimentos eram cadenciados, fortes, e o impacto da luta os atirou à margem. Ele colocou-se em pé e ela também, arrancando com fúria as setas do corpo. Bóris sumiu entre os contornos de uma árvore, enquanto eu me adiantava para a vampira. Não era a mesma, a líder que antes falara comigo, mas o sentimento de ódio e raiva estava lá, em consonância com as demais. Ela avançou para mim. Me desviei e a ataquei por trás. Tentei pressionar os dentes no pescoço, mas ela foi mais rápida e me agarrou pelos cabelos. No instante seguinte fui atirada dentro do lago gelado, meu corpo afundando por um momento, e senti mãos que agarraram minhas pernas, puxando-me para baixo. O olhar vermelho brilhava de expectativa e as unhas da criatura rasgaram com fúria a carne da minha coxa. Teria gritado, se pudesse. Há muito tempo não recebia um ferimento desse porte. Mas a dor me ajudou a reunir energia e

girei o corpo, agarrando suas mãos e torcendo seu corpo, procurando imobilizá-lo. A massa corpórea desintegrou-se entre meus dedos, e em seu lugar bolhas de ar subiram à superfície com rapidez. Fiz o mesmo. Quando minha cabeça emergiu, um braço me agarrou e tirou da água, segurando com delicadeza.

— Clem, você está bem? — o olhar de Robert era de raiva. — Meu Deus, você está ferida! — exclamou com a voz dura e mirou as formas das bruxas.

Elas pairavam sobre as águas outra vez, livres das flechas, o sangue escorrendo pelas feridas abertas. Suas formas se dissolveram e a neblina passou a deslizar sobre o lago em direção a rodovia.

— Derik, agora! — Robert comandou.

Derik e outros membros do clã nórdico seguravam arcos e flechas. Mas ao invés de mirarem a neblina, seus arcos elevaram-se e as setas foram disparadas para o céu. Quando se chocaram umas com as outras, um clarão, muito intenso, brilhou contra a escuridão da noite. Os humanos que estivessem vendo, por acaso, o céu naquele momento, concluiriam que era uma aurora boreal, mas para as Baobhan Siths era como se o sol tivesse nascido acima de suas cabeças. Josh disparou um comando eletrônico e do fundo do lago outro clarão, produzido por pequenas explosões dos recipientes colocados lá, fazia com que as águas não pudessem servir de refúgio. A luz vinha de cima e de baixo, cegando e provocando gritos. O lago parecia feito de gotas douradas e prateadas incandescentes e o céu ajudava a refletir o brilho. E entre esse brilho vi uma das vampiras ser agarrada por um grupo de metamorfos nórdicos, ávidos e ferozes. Contemplei sua luta abafada, o débil esforço para livrar-se, até que os movimentos cessaram. Quando o clarão acabou, os membros do clã nórdico arrastavam a carcaça para a margem, deixando-a juntos com os outros corpos, e rapidamente corriam para a direção da fronteira, seguidos pelos Ekiiminius.

— As outras conseguiram escapar! — gritei para Robert, que ainda me segurava.

Coloquei-me em pé, esquecendo do ferimento, e parti atrás dos outros. A confusão de formas que se sucediam na noite mostrava

todos envolvidos pela caçada. Ao cruzamos a rodovia, seguindo para o outro lago, vi a neblina movendo-se veloz. Peguei os últimos frascos e atirei, inflamando o terreno e obrigando-as a diminuírem o percurso. Robert usou a besta para acertar uma delas, que Josh alcançou e atacou sem piedade, sendo ajudado por Robert e Eric, que até então eu não havia visto em meio à luta. Mas a terceira não estava mais lá. A líder! Corri a toda a velocidade. Vislumbrei Morgana, Garret e Leona acendendo os focos de chamas do chão, na tentativa de impedir o avanço dela. Sua forma elevou-se ao ar, para o alto, longe do clarão azulado e constante, e subitamente arremeteu contra a água do lago. Mergulhou. Agora ela seria apenas bolhas de ar, mas mesmo assim Garret mergulhou à procura de alguma coisa. O olfato era inútil dentro d'água. Minutos depois, Garret voltava à superfície, dando murros no próprio punho e na água, com raiva e frustração.

— Merda! Mais um pouco, só um pouquinho, e eu alcançava aquela bruxa maldita! — resmungava e balançava a cabeça com desânimo. — Odeio esses puros! Todos eles. Miseráveis, filhos de uma...

— Garret! — censurei, antes que ele provocasse uma briga com os Ekiiminus que olhavam com uma expressão de poucos amigos. — Você fez o que pôde. Todos fizeram.

Robert e Josh voltavam, assim como os outros. Os corpos das Baobhans foram espalhados pelo chão. Quatro. Apenas uma fugiu. Eram fortes, tinham poderes espetaculares, mas nós estávamos em número maior. Contemplei os cadáveres, vendo a expressão de Josh ao olhar o rosto de cada uma delas.

— Achou?

Josh sacudiu a cabeça, enquanto Morgana aparecia ao seu lado.

— Não era nenhuma dessas. Foi a outra — seguiu com o olhar a trilha de fuga da bruxa pela escuridão. — Jamais poderia me esquecer dela — seu maxilar se contraiu.

O abraço de Morgana foi forte, intenso, assim como a retribuição de Josh. Ele precisaria disso. Deveria ser frustrante ficar tão perto do causador de seu mal e não poder tomar uma atitude, principalmente quando a razão estava ao seu lado, como agora. Robert e Eric se aproximaram de mim.

— Clem, precisa cuidar disso — Robert apontava para minha perna.

Sacudi a cabeça, sem desviar meu olhar da fronteira.

— Vai sumir logo — foi só o que respondi, ao sentir os músculos se refazerem e o corte fechar rápido. E então, uma decisão veio junto com o meu velho pressentimento. — Preciso verificar a fronteira.

— O quê? — Eric me encarou.

Olhei para ele. Achei seu rosto muito pálido. *Talvez fosse por causa da luta.* Havia diferentes tipos de cheiro de sangue em seu corpo, e mais alguma coisa também. Mas não me preocupei com isso no momento. Tinha que ver uma coisa mais de perto.



O rastro ainda estava fresco, embora fraco. Mas para mim era o suficiente. Do outro lado descortinavam-se as florestas do território russo. Um rio corria contornado as grandes pedras lisas, enquanto as coníferas balançavam-se ao sabor do vento que aumentava. Apenas esse pequeno trecho de águas nos separava do território dos Leviatãs. De uma verdade que muitos aqui suspeitavam.

— Ela cruzou a fronteira — disse para os que me acompanharam. — Você estava certo, Derik. As Baobhans cruzaram a fronteira, e mais de uma vez.

Elas vieram e voltaram por aqui. Então... Como se respondendo aos meus pensamentos, uma movimentação do outro lado da margem chamou nossa atenção. A princípio foram apenas borrões entre os galhos, mas em instantes os corpos surgiam e avançavam sobre as pedras. Os cabelos brancos agitados pelos ventos, as formas altas e esguias marchando com passos firmes em nossa direção, as peles pálidas e os traços finos e altivos. E os olhos, claros como as peles, circundados pela fina auréola vermelha que contornava uma íris fantasma. Eram sete, mirando nossos rostos. Não havia nenhum sinal de perplexidade, nem de curiosidade, nenhum sentimento era visível em seus traços mais que albinos. O ar parecia mais frio na presença dos Leviatãs. Os nós dos dedos de Garret se apertaram, Robert

trincou o maxilar e Derik sustentou o olhar de Amos. Bóris permanecia atrás, e se estava desconfortável não deixou transparecer. Amos passeou os olhos alvos, por um momento, pelo grupo heterogêneo a sua frente. Depois encarou Derik, acenando levemente com a cabeça, o que eu poderia chamar de um cumprimento entre vizinhos. Ao seu lado estavam Brígida, uma de suas esposas, e dois de seus irmãos, Valaki e Belgan. Eu os conhecia por causa dos Concílios. Os outros, eu não sabia quem eram.

A estranha retina de Amos colou-se aos meus olhos. E, como sempre acontecia, a sensação de invasão íntima era avassaladora. Não sei se porque eu era a única mulher presente nesse grupo de inspeção, mas Amos fez questão de me examinar de alto a baixo. Um predador sexual! Não tinha outra definição para sua postura em relação às mulheres. Sabia que ele tinha muitas delas, puras e impuras. Para ele, definitivamente, a rotina na cama não devia satisfazer seu ego machista. Senti o movimento de Robert e Josh ao se aproximarem de mim sutilmente. O canto da boca de Amos se retorceu, o máximo que ele poderia fazer como um sorriso.

— Boa noite — sua voz era natural, sem nenhuma inflexão aparente. — Se eu soubesse que teria visitas, poderia ter providenciado uma recepção melhor. Como tem passado, Clementine? Permita-me dizer que continua cada vez mais bonita — seus olhos voltaram-se para os outros. — Vejo que temos muitos líderes por aqui hoje, é sempre bom conviver mais com os vizinhos, mas onde estão Lorelai e Leona? — questionou Derik e Garret. — Deviam seguir o exemplo dos Di Feveré, amigos. Eles não mantêm as mulheres do clã de fora de suas expedições — os olhos de Derik se semicerraram de leve —, embora sua mulher não esteja presente aqui, Joshua. Ou a sua, cavaleiro — encarou Robert.

Mesmo que quisesse, Robert não estava em condições de aguentar provocações. Podia ver isso claramente pela postura que mudou e o olhar que ficou injetado em Amos.

— Desculpe-me, Amos — Derik interveio —, mas essa não é uma visita. Se assim fosse, você teria sido comunicado. Bons vizinhos não entram na casa do outro sem pedir licença antes. Estávamos apenas checando nossas fronteiras, por precaução.

— Entendo — a voz de Amos tinha o tom da compreensão. — Estão tendo problemas com os invasores, outra vez? Pois se esse for o caso não hesite em nos pedir auxílio. Sabemos lidar bem com essa escória — abriu os braços. — Afinal, para que servem os vizinhos se não puderem ajudar a limpar a bagunça?

— Os problemas são mínimos, como sempre. Nada que uma boa ronda não resolva — o tom de Derik era conciliador.

Amos assentiu com a cabeça.

— Sim, isso é o que digo sempre. Vigiar é fundamental, especialmente nos momentos de crise ou para evitar que eles aconteçam. Mas o que ainda não compreendo é por que chamou os Di Feveré e o nosso amigo Bóris? — indicou o romeno com um gesto. — Por que os fez sair de sua região e viajar para longe de casa? Acaso resolveram dar uma festa e deixaram de nos convidar, Derik? Garret?

Percebi o brilho de diversão nos olhos dos outros Leviatãs, e uma apreensão começou a tomar conta de mim.

— De forma alguma — Derik tornou a falar. — Jamais teria tamanha falta de consideração pelos meus vizinhos. São apenas visitas. Afinal, bons amigos devem ser sempre bons anfitriões.

— Mas é claro! Sua filosofia me anima, Derik! — a exultação de Amos era como um vento gelado, sem calor algum. — Os bons amigos se alegram e se entristecem pelos outros. E com os outros — virou-se para Bóris. — Lamento por sua esposa, Bóris. Vassília foi uma grande perda para todos nós, sem dúvida.

Bóris nada falou, apenas acenou.

— Sim, as perdas são muito difíceis. Tive uma, recentemente. O filho que Valquíria esperava nasceu morto. Devem se lembrar que ela estava grávida no último Concílio. Recorda-se, Clementine? — olhou-me diretamente.

— Sim, eu me lembro.

— Uma menina — seu tom não demonstrava o mesmo pesar que as palavras sugeriam. — Minha primeira filha. É muito difícil. Só quem teve filhos e os perdeu — sua íris fantasma me perseguia — pode compreender o que estou dizendo.

Com esforço obriguei a respiração a manter seu ritmo normal.

— Imagino o quanto deva estar sofrendo, amigo Bóris — sua voz era metódica. — Perder a esposa para a morte deve ser realmente muito duro. Não consigo imaginar pelo que está passando, pois minhas esposas estão bem e vivas. Não sou capaz de compartilhar desse sentimento. Nunca perdi uma esposa para a morte — mirou Robert outra vez —, nem pelo abandono. Nenhuma delas jamais teve motivos para querer me deixar.

— O que quer dizer com isso? — a voz de Robert se acentuou. Seu corpo mudou e o tom deixou clara a irritação.

— Robert — segurei seu braço com força, sussurrando entredentes. — Por favor, não é nada pessoal — tentei fazê-lo ver o erro em que estava caindo.

Mas o estrago já estava feito. Pouco controle, nenhuma consciência.

— Meu caro Robert, por que se altera? — Amos falava com calma. — Estou apenas falando de um exemplo pessoal. De fato, não sei o que significa a dor de perder uma mulher. Mas... O que isso teria a ver com você? A menos que... Oh! — a postura de Amos se alterou e suas próximas palavras foram direto ao ponto. — Entendo agora. Está claro — sua cabeça moveu-se em concordância. — Lamento pelo que lhe aconteceu, amigo — o tom escondia uma satisfação mal disfarçada. — Mulheres! Sempre volúveis! Sem querer ofendê-la, Clementine, por favor — a indignação tomava conta de sua voz. — Sei que é uma mulher decente e não se enquadra *nessa* categoria. Mas o que podemos fazer se nem todas são assim? Algumas nasceram para serem dignas, já outras...

Foi mais rápido do que qualquer um poderia prever ou pensar. O braço de Robert estava em minhas mãos e nos segundos seguintes agarrava a garganta de Amos, que nada fazia para se defender.

— Rob, não! — Josh gritava e saltava, pegando-o por trás, enquanto Garret o ajudava e Derik pedia calma ao clã dos Leviatãs. Ignorei os limites de fronteira e os alcancei.

Via de regra Josh era o mais forte. Nunca havia visto Robert aguentar uma luta com ele mais do que alguns minutos. Mas dessa vez era diferente. O ódio alimenta nossas forças e Amos havia provocado a fúria dele. Tanta, que ele conseguia se manter atracado

ao Leviatã, mesmo com Josh e Garret lutando para separá-los. Os braços de Josh mantinham a boca de Robert fechada, impedindo que ele usasse as presas. Garret tentava soltar os braços ao mesmo tempo em que eu falava com ele, cego pela raiva. A força era tanta que a pedra onde nos apoiávamos rachou e caímos no rio. Bóris veio nos ajudar. Um puro e três metamorfos quase não foram suficientes para soltar o Leviatã, que em nenhum momento fez algum gesto para contra-atacar. Parecia apreciar o espetáculo, mesmo com a garganta a prêmio. Por fim, a superioridade numérica imperou. Conseguimos arrastar Robert de volta à margem, mas ele ainda rosnava e sibilava para o gigante albino. Josh fazia força para contê-lo.

— Amos, por favor — Derik procurava a diplomacia. — Eu lamento por isso. Não foi nossa intenção.

Amos recuperava o equilíbrio. Brígida olhava com fúria para mim, tendo os braços em volta do ombro dele. Um leve fio de sangue corria da pele pálida em um ponto no pescoço, onde nem as mãos fortes de Josh conseguiram impedir que os dentes alcançassem. Amos apenas olhou o próprio sangue, com curiosidade, e o corte se fechou. Com certeza não era um espetáculo que ele assistia todos os dias.

— Não precisa se desculpar, Derik, isso nada tem a ver com você ou com os clãs nórdicos — seu olhar fulminava Robert —, mas aconselho que, numa próxima vez, Clementine, contenha seu irmão. Hoje eu não desejo derramar sangue. Não sei se serei benevolente no futuro — virou as costas para nós e, como se lembrasse de algo, acrescentou: — Sugiro que fiquem longe da nossa fronteira por algum tempo. A linha é muito tênue.

E os Leviatãs se foram, tão silenciosamente como vieram. Somente quando tive certeza de que estavam longe, fiz sinal para Josh. Ele afrouxou os braços aos poucos, testando a resistência de Robert. Não parecia seguro soltá-lo. Uma fera, enjaulada, que finalmente se libertava e queria atacar — não havia uma comparação mais plausível. Os primeiros raios de sol nos atingiram ali, no norte glacial da Finlândia. Enquanto a claridade banhava as águas do lago, os músculos de Robert relaxaram. Os braços caíram pesados e Josh o soltou. O silêncio era constrangedor.

— Deixem-nos — pedi a todos.

Ninguém me contestou. O som de pássaros e animais que acordavam encheu meus ouvidos, mas era insignificante se comparado ao da respiração baixa e entrecortada, aos soluços copiosos e desesperados. Ao choro do homem tristemente sentado a minha frente. Assim como fizera com Bóris, não poderia dizer nada que o consolasse. Não agora. Não aqui. E estendi a minha mão.

— Venha — ofereci quando ele me olhou, o rosto branco manchado e nublado. — Vamos embora. Vamos para casa.

Assim que encontramos os outros, pude perceber que havia algo de errado. Lorelai e Leona me olharam, a tensão nos rostos. Garret estava abaixado, o semblante perdido que fitava o nada.

— O que aconteceu?

Derik abriu o espaço, revelando o que até então estava oculto por seu corpo. O cheiro era o mesmo, de carne apodrecida e sangue coagulado. Impossível de esquecer. Aproximei-me para ver. Eram três. O estado dos corpos denunciava o pouco tempo da morte, mas isso não aplacava o horror.

— Aconteceu quando estávamos no rio — Derik contava. — Dois eram do clã de Garret. O outro era da família de Lore.

Meu Deus, isso nunca vai ter um fim? Sabia que não adiantava perguntar, os detalhes seriam os mesmos: sem rastros, pistas, apenas os corpos espalhados.

— Pelo menos desta vez temos alguma coisa nova — Derik acenava para o Ekiiminu ao lado de Bóris.

O puro se aproximou, estendendo a mão. Na palma, algo semelhante a um projétil, uma bala de algum calibre desconhecido para mim, diferente de qualquer uma que eu já tivesse visto. Era transparente, com a consistência de um gel, e em seu interior um líquido azulado fazia pequenas bolhas quando o Ekiiminu a movimentava, mesmo que de leve.

— Como... Onde achou isso? — perguntei.

— Eu estava próximo deles — indicou os corpos com a cabeça. — Procurávamos por rastros de fuga em outras partes da fronteira. Então, do nada, eles caíram e começaram a se contorcer. Os corpos tremiam e sufocavam, e poucos minutos depois ficaram naquele estado — seu olhar focou-se no projétil. — Senti uma espécie de

pancada no meu braço, enquanto os observava morrerem sem poder fazer nada, e essa coisa estava grudada na minha pele.

Olhei para o projétil, depois para os corpos. Tinham o mesmo tom de azul. Robert, até então quieto, aproximou-se para tocar o objeto. Segurei sua mão.

— Não! Não toque — olhei para os outros. — Nenhum metamorfo deve tocar nisso!

Abri a mochila e tirei de lá um frasco lacrado. Retirei a tampa.

— Coloque aqui dentro, com cuidado — orientei o Ekiiminu.

Segurei o pequeno envoltório de titânio. O projétil deslizou como uma massa de modelar para dentro. Fechei no instante seguinte e o guardei.

— Não podemos perder tempo agora — comandei, sentindo uma urgência incomum por dentro. — Temos que voltar para Bristol. Carlo precisa ver tudo isso, e rápido.

Mesmo com o clima tenso e desgastante, os preparativos se aceleraram. Toquei de leve a mochila, sentindo o frasco que se comprimia nos compartimentos internos. Pequeno, frio, duro. Uma das novas faces da morte.

Brasil – Floresta Amazônica – primavera

Se alguém me perguntasse, agora, onde eu estava, responderia simplesmente: entre um cipó e um jatobá gigante. Não haveria mais nada que eu pudesse dizer para meu interlocutor. Há dois dias caminhávamos pela floresta densa e aparentemente impenetrável. Bem, *caminhar* não seria a palavra correta nessa situação, pois só o fazíamos quando Solomon e Jamal decidiam que seria melhor para mim e Jarvis. *Nossas limitações precisavam ser respeitadas*, Solomon explicava. Então todos desciam dos galhos — de onde saltavam com extrema habilidade de uma árvore à outra, levando-nos nas costas como filhotes —, e encaravam a dura rotina de um ser humano normal: caminhar e avançar sobre dois pés. Pés que, felizmente para os imortais ao nosso redor, não estariam doloridos e

machucados pelas frieiras cortantes causadas pela umidade da mata. Mesmo calçando botas emborrachadas, ela conseguia penetrar os espaços mínimos e lá estavam todos os fungos crescendo contentes entre meus dedos. Cada passo doía muito, mas da última vez em que Djevá percebeu meu desconforto resolveu me carregar no colo, mesmo com os meus protestos mais exaltados.

— Atrapalhar, Laura? — ele dizia sorridente, zombando da minha boa intenção. — Como alguém tão pequenina pode achar que pesa tanto? Poderia carregar você e o ancião apenas com uma das mãos — e se recusou a me colocar no chão.

Agora, ciente do que poderia acontecer, e não querendo ser um fardo, resolvi aguentar cada uma das fisgadas, cada gota de sangue que brotava entre os dedos dos pés, trincando os dentes e respirando fundo. Mas eu caminharia, passo a passo, em direção a algum lugar, mesmo sem ter a menor noção de onde estava. Meu senso de direção estava engaiolado, a noção de tempo perdida e tudo o que podia enxergar eram galhos, cipós, água da chuva e muita lama, misturada com folhas mortas que se decompunham, formando uma pasta negra sobre o chão. O alimento fundamental de toda floresta. E uma armadilha e tanto para quem depende do equilíbrio das pernas para se sustentar. Vez ou outra o sol tentava se infiltrar, como um prisioneiro angustiado mantido afastado daquele cenário. Ao invés de facões, Solomon e os outros abriam picadas com as mãos, bem mais prático e de resultados melhores. Era uma parte da floresta onde, definitivamente, o homem ainda não se atrevera a penetrar. Não me espantaria se nosso grupo seletivo fosse, a qualquer momento, abordado por tribos indígenas que nunca tiveram contato com a civilização, e muito menos com as civilizações *não humanas* aqui representadas. Suspirei baixo, mas alto o suficiente para Jamal surgir ao meu lado.

— Está cansada, pequenina? — seus braços já me enlaçavam.

Mas dessa vez eu me recusava a ser carregada.

— Não. Só estou tomando ar, está muito quente aqui — sequei a testa com as costas das mãos.

O suor brotava forte, estava abafado e muito úmido. Tudo o que precisava para desestabilizar minha temperatura, fazendo-a ir de um

extremo ao outro em segundos. Não havia escapatória. Mantive a firme determinação de caminhar, recusando a oferta de Jamal. Olhei para Jarvis. Ele, ao contrário de mim, mostrava mais disposição, amparando os passos com um cajado improvisado, embora o cansaço deixasse o suor visível e as bochechas avermelhadas pelo esforço. Tentei me distrair, procurando observar as diferentes espécies de árvores ao nosso redor. Jatobás, castanheiras-do-pará, mogno, açaí, entre as que pude reconhecer, e seringueiras nativas, sem nenhum corte na casca, o que me fazia ter certeza sobre essa parte da floresta ser inexplorada. As árvores estavam cobertas com um musgo verde e grosso, antigo e de odor sufocante. Os cipós subiam e desciam como teias de aranhas gigantes, de onde pingavam gotas de seiva e água das chuvas constantes. As folhas da palmeira do açaí balançavam de leve, e alguns de seus frutos manchavam o chão. Procurei ouvir os sons dos animais, mas depois de algum tempo constatei um fato: não havia nenhum. Nem de pássaros, macacos, ou mesmo dos pequenos micos que eu havia visto antes, no Igarapé Tucano. Tudo era silêncio, como se a fauna da região tivesse se afastado dali, sem deixar sinal aparente.

Olhei para os gigantes Asanbosans que caminhavam a minha frente, a passo largo, e as mãos que ceifavam galhos e cipós. Depois mirei Solomon, Nelson, Nazaré e José, e o silêncio tomou um significado. Nenhum animal ficaria por perto enquanto todos eles estivessem ali, pois qualquer criatura da floresta poderia ser, em potencial, uma presa. E uma presa, ao pressentir seu predador, foge. Aquele trecho da mata estava vazio de sua fauna habitual. Estremeci de leve. Não de medo, mas de antecipação. Não sabia se estávamos próximos ou não do nosso objetivo, ninguém abria a boca para falar, apenas caminhávamos. E isso me deixava mais tensa e preocupada. Afinal, o clã de Nzinga era de puros, nossa aproximação certamente chamaria a atenção, e de longe. Não apenas pelo barulho constante dos passos de dois humanos, mas pela súbita quietude da mata, pelo cheiro dos corpos dos mestiços e dos vampiros. Pela invasão de território que isso significava. Engoli a saliva e apertei as mãos, até que os nós dos dedos ficaram brancos. Mas um toque gelado e leve

os obrigou a relaxar. Solomon sorria, emparelhando seu passo com o meu.

— Não precisa ficar tão nervosa, Laura. Jamal e Nzinga são velhos conhecidos, muito velhos — fez piada com o fato. — Nada de ruim vai acontecer, eu garanto. Pode confiar em nós.

— Eu confio, Sólon, sabe que confio — senti o suor escorrer das axilas. — O que me incomoda é esse silêncio — meu tom era baixo, como se temesse perturbar a quietude intensa. — Não dá uma boa impressão. Afinal, estamos ou não próximos do lugar?

Ele deu de ombros, suavemente, mas seus olhos se mantiveram na trilha aberta pelos Asanbosans, vigiando tudo ao redor. O mesmo movimento era acompanhado pelos demais, embora eu pudesse perceber os momentos em que Nelson desviava seu olhar para Nazaré, e Mnema voltava o seu para ele, sem nenhum sucesso.

— É difícil saber — Solomon falava com cuidado. — Quando vi Nzinga pela última vez, não havia entrado tanto na floresta. Ela veio ao nosso encontro. Não gosta que entrem em seu território — as palavras criaram um bolo no meu estômago. — Somente Jamal e os filhos dele entraram na aldeia — Solomon percebeu meu desconforto. — Mas não tema nada. Estamos bem assessorados nessa questão.

— Não acho que isso seja uma boa coisa — tentei argumentar, interrompendo Solomon quando abriu a boca. — Não, estou falando sério — meu tom subiu um pouco, fazendo Siriê e José olharem para nós. — Nada disso está me agradando, Sólon. Não vê? Estamos entrando num lugar onde não somos bem-vindos e colocando outros em risco — apontei Jarvis, Nelson e Nazaré com a cabeça. — Por que não me deixa fazer o que eu acho que é certo, Sólon?

— Porque *estamos* fazendo o que é certo, nesse exato momento — retrucou devagar, com firmeza. — Laura, acredite, essa é a melhor solução. Para uma coisa e outra — sua voz tomou o tom enigmático de antes.

Era o mesmo que usava agora quando conversava com Jamal pelos cantos, mirando o céu com uma luneta, uma versão menor da que ele possuía na casa de Aquidauana, gesticulando e falando tão rápido que eu não conseguia entender o que diziam. Intuíam que era sobre mim, sobre os eventos que nos rodeavam. Aquele mistério me

irritava. A sensação de que alguém sabe mais sobre você do que você mesma supõe. Uma verdade não dita em voz alta. Um segredo que me limitava. Não foi sem certo azedume, talvez motivado pelo cansaço ou pela situação insólita em si, que me fez olhar para Solomon com dureza, marcando cada uma das palavras que saíram da minha boca como se quisesse gravá-las numa rocha.

— Muito bem, eu farei isso então. Acreditarei em vocês, como está pedindo. Mas *somente* até que tudo isso se resolva por aqui — frisei minha resolução. — Se por qualquer motivo não conseguirmos aquilo que viemos procurar, quero deixar claro que depois estarei por minha conta. Chega de andarem comigo de lá pra cá. Nenhum de vocês tem essa obrigação, nem quero ser carregada como um fardo — mordi o lábio com força, sentindo o sangue correr na língua. — Se Nzinga e sua família nos expulsarem daqui, o que não acho improvável, bom, então... Eu irei embora, *sozinha!* — coloquei bem minha condição. — E não quero que tente me impedir, é tudo o que peço. Certo?

Solomon hesitou. Uma discussão iria começar naquele momento, mas, não importava o quanto eu tivesse que falar, não deixaria de impor minha vontade. Tudo isso havia ido longe demais, *eu* havia deixado que fosse longe demais. E, ao contrário do que queria no início, cada vez mais arrastava outras pessoas para o mesmo poço onde estava mergulhada até o pescoço. Agora isso ia acabar! Então todos pararam, de repente, sem aviso. Só quem já viu essa cena antes poderia descrever o efeito. Como se um filme, sendo exibido, simplesmente congelasse. O incômodo do espectador ficava palpável. O formigamento, o arrepio, a sensação absurda de reconhecimento trespassou meu corpo em espasmos e fez a boca secar, o peito descendo e subindo em apreensão, a mudança de odor que dominava cada centímetro da minha pele. Paramos em meio às árvores, a escuridão de suas folhas nos envolvendo, mesmo em plena luz do dia. Todos enrijeceram os músculos, os meus estavam tensos como cordas de um instrumento. Apesar dos sentidos limitados, um instinto maior pressentia o perigo. Ouvei o inflar das narinas de Jamal e Sólon. Nelson moveu o corpo para uma posição de defesa, abaixando-se junto com Nazaré. José deslizou para o lado, Djevá e Obú fizeram o

mesmo, com Siriê e Mnema. Apenas Jarvis não entendia o que se passava, fitando todos com o rosto pálido. Solomon e Jamal eram os únicos que pareciam tranquilos.

Os olhares de todos focavam ao redor, rápidos. Eu me lembrava exatamente desse movimento, quadro a quadro sendo escrutinados, os espaços varridos, os ângulos possíveis investigados. Fiz o que podia com o meu, e mesmo com a limitação semi-humana pude distinguir a figura mover-se, rápida e rasteira, de uma árvore para outra. Senti o cheiro, captei o odor. Ervas, sangue, fumo e terra. O leve ruído de folhas que se moveram, sem ação do vento e dos animais, concentrou nossa atenção em vários pontos. Parecia estar cercada por assombrações, espíritos sem forma, como se a mata nos olhasse e vigiasse. Durou alguns minutos, incontáveis e tensos, e a voz de Jamal, alta e imponente, saudou:

— Saravá, Ngola Nzinga Mbande!

Não houve nenhum som, além do eco da voz de Jamal. Nenhuma resposta. Ninguém relaxou. A mão de Nelson tocou meu ombro e ele murmurou baixo:

— Ngola: Rainha — seu toque era protetor, mas o resto do corpo era só tensão.

Djevá veio para meu lado também. Não havia certeza sobre quais seriam os próximos eventos, mas eles logo se tornaram presentes. O movimento se fez visível. Apenas movimento, nenhum som. Deslizante e contínuo, os passos tornaram-se perceptíveis entre folhas e galhos, deixando entrever o brilho dos olhares que nos cercavam, vindos do aparente nada. Cada vez mais perto, surgindo das sombras eternas da floresta, fazendo minha boca se abrir.

Quando Solomon disse que iríamos procurar o clã de Nzinga, eu me lembrei da comunidade destacada no mapa-múndi na sala de Carlo. Marcada de verde, seu clã era neutro ao Acordo da Ordem, viviam há muitos séculos na Amazônia e eram puras. Imigraram da África, e Jamal conhecia todo o clã. Solomon tivera apenas contatos esporádicos. Em minha cabeça imaginava um grupo de vampiros com peculiaridades inerentes a todos os puros, mas ninguém me preparou para a cena que se apresentava. Diante de todos, na mata cerrada da Floresta Amazônica, ouvindo o som do rio Negro movendo-se

caudaloso e potente em seu curso, surgiram diante de mim gigantescas onças pintadas. Só o tamanho das patas era equivalentes a três mãos humanas juntas, e das maiores.

Eram doze. Lentas, sinuosas em suas formas, as pupilas vermelhas fixas em nosso grupo, não deixando escapar movimentos, detalhes, caminhando em uníssonos. Os dorsos esguios, musculosos e delineados, os olhos brilhantes mesmo à sombra das árvores. Seus movimentos eram tensos, calculados, e o grupo fechou-se ao nosso redor, cobrindo todos os flancos, as rotas possíveis para uma fuga. Não havia saída, um movimento inesperado ou suspeito significaria luta e as feras não deixavam a menor dúvida de que as chances de escapar seriam pequenas, para qualquer um. Outra vez morde a ponta do lábio, e mais uma vez senti o sabor do meu sangue que correu. Que loucura toda era essa? Jamal saudou por Nzinga e feras apareceram, mas por quê? O que eram? Uma espécie de guardiães que protegem seus senhores? Eu já ouvira falar de lendas e histórias que mencionavam tais seres, e com tudo o que havia vivido não duvidaria de que mais isso pudesse existir, que o clã de Nzinga dispusesse de animais mitológicos para defendê-los.

Porém, um olhar mais atento me fez ver que, apesar da forma, algo muito peculiar estava em suas expressões felinas. Uma inteligência, um sentido de compreensão dos fatos que não era pertinente aos instintos dos animais. Uma delas, próxima a mim, olhava-me atentamente e reconheci o ato racional, o discernimento entre os pensamentos que não veria nos olhos de uma onça comum. Nesse instante todas as cabeças, humanas ou não, viraram-se para um ponto entre duas antigas castanheiras. E de lá surgiu uma coisa que achei que nunca poderia existir na natureza, muito menos na fauna brasileira. Ela era gigante, maior que as outras, e só sua presença seria o suficiente para intimidar todo o grupo. Caminhava sem ruído, saindo das sombras para a pouca luminosidade. Seus olhos rubis me encararam e encararam os outros, especialmente Jamal. Havia reconhecimento neles, e perguntas. Tudo isso era compreensível para mim, mesmo que minhas pernas estivessem tremendo e meu cérebro procurasse juntar os pedaços que eu não encontrava do quebra-cabeças.

O aspecto do felino me deixou sem fôlego. Uma grande e imensa onça... albina! *Havia onças albinas na natureza?* Eu me perguntava, observando mais detalhes: o pelo, ao contrário das outras, era longo, como os de tigres pré-históricos, cobrindo as patas, caindo atrás das orelhas, escorrendo pelo dorso. As presas eram grandes e ficavam expostas, mesmo com a mandíbula fechada, e sua respiração agitava as folhas do chão. Eu não conseguia recuperar o fôlego e nem me lembrar de como se fazia isso. Jamal deu três passos em direção da grande fera branca, sob olhares atentos, e parou. Os olhos de ambos se cruzaram, com um misto de educação, respeito e reconhecimento. Vale dizer que a onça, mesmo estando de quatro, quase alcançava a altura dos ombros dele!

— Saravá, Nzinga — Jamal cumprimentou com menos eloquência, mas igual admiração. — É bom revê-la novamente — ele confundiu totalmente meu raciocínio.

A onça branca se torceu para o alto, ficando nas patas traseiras, e por um momento achei que atacaria Jamal. Seu corpo alongou-se nos membros, enquanto o focinho se encolhia e os pelos brancos se recolhiam nos poros. Os dedos das patas mudavam, e uma pele cor de chocolate ficava exposta, aos poucos, numa transição do claro para o escuro. As pernas traseiras ficaram eretas e as juntas dos joelhos e cotovelos se formaram. A cabeça moldou-se a um pescoço muito mais delgado, garras e unhas deram lugar a dedos longos. Dos pelos brancos nada mais restava, apenas os que pendiam das orelhas e cabeça se avolumaram e desceram em cascatas até quase tocar o chão. Uma longa cabeleira branca passou a emoldurar um rosto de traços quase humanos, mas que sugeriam muito mais que isso, a pele negra de ébano e os olhos vermelho-púrpuras. O corpo também lembrava um ser humano, pernas longas e bem torneadas, braços fortes e musculosos, cintura delgada. Não usava nenhuma roupa, o que deixava à mostra a penugem branca da virilha e os seios firmes e redondos. Mas mesmo sua nudez não causaria nos espectadores machos o efeito que se esperaria, pois a rainha Nzinga, como Jamal a chamara, possuía tanta força e dignidade no porte como se usasse o mais rico dos trajes reais.

Ela se aproximou, olhando nosso grupo com atenção, e virou-se para Jamal.

— Saravá, Ngola Jamal — saudou com a voz levemente rouca e grossa. — Também é muito bom revê-lo, velho amigo.

Formas se transmutavam e em instantes as onças pintadas se revelaram grandes mulheres, algumas com peles morenas e cabelos castanhos, outras com peles negras e cabelos de ébano, e apenas mais duas com peles morenas-claras e cabelos albinos. Ao vê-las assim, reunidas, uma palavra formou-se em meu cérebro: Amazonas! As lendárias mulheres guerreiras que, segundo contavam as lendas do norte da América do Sul, habitavam o coração da floresta, protegendo-a dos caçadores, afugentando os invasores, subjugando as tribos e seduzindo seus homens. Eu estava diante da essência do mito, ou, como diria Jarvis, a base do mito alegórico. Olhei para ele nesse momento. Os olhos estavam arregalados de surpresa e brilhantes de satisfação. Para Jarvis isso era um prêmio, mas para mim seria o desenrolar de uma decisão. Os mestiços da Ordem quase me pegaram, Avelar chegou perto disso. Não podia discordar de Solomon: eu precisava de proteção, e aparentemente esse seria o único lugar para onde poderia ir. Mas Nzinga concordaria? Seu clã não se metia com os assuntos da Ordem. E se ela recusasse?

Bom, se isso acontecer... eu já fui embora uma vez. A lembrança disso doía fundo, mesmo agora, quando me encontrava cercada por uma realidade diferente do que esperava. Podia ir embora de novo, para qualquer lugar do mundo. Solomon estava ciente de minha decisão. Faria o que fosse necessário, desde que todos ficassem a salvo de mim. Nzinga me olhou, depois fitou Jarvis. Não havia nenhum sentimento aparente nesse exame breve.

— Minhas irmãs sentiram sua presença na floresta, Jamal, e também a sua, Solomon — Nzinga falava, enquanto Solomon apresentava seus cumprimentos. — Mas e quanto a eles? — seu dedo esguio apontou para Jarvis e eu. — O que significa a presença de um humano e uma...? — hesitou.

Nzinga aspirou o ar e franziu o cenho. Outras fizeram o mesmo, cruzando levemente o olhar entre si. Pareciam confusas a meu respeito. Respirei levemente, sem querer fazer ruído, mas não podia

evitar que o coração batesse mais alto e os odores do meu corpo se modificassem a cada pancada. Aquilo tudo era quase irreal, mesmo para mim.

— É uma longa história, minha irmã — Jamal falou. Nzinga desviou seu olhar para ele. — Mas quando souber de tudo, creio que ficará mais clara tal atitude de minha parte. Por enquanto, basta dizer que queremos sua compreensão e ajuda nessa questão, se puder nos ouvir.

Nzinga ainda olhava de forma duvidosa para mim, mas balançou a cabeça, seus longos cabelos brancos fulgurando aos poucos raios do sol que conseguiam penetrar no manto da floresta.

— Ouvir eu sempre ouço, meu amigo — ela disse por fim. — Se podemos ou devemos ajudar... — hesitou, abrindo os braços. — Essa é uma questão a ser discutida com minha família. Envolve muitos riscos, você sabe.

Vi o olhar significativo que ela lançou para Jamal e o aceno dele. Mais uma parte da história que eu sentia que estava perdendo.

— É tudo o que peço a você no momento, Nzinga, que ouça — ele acrescentou. — O restante deixo a seu sábio julgamento.

Ela falou com as outras, em um idioma de origem africana. Rapidamente elas se posicionaram ao nosso redor, algumas já vestidas com roupas de algodão, túnicas e vestidos coloridos e enfeitados. Uma das mulheres cobriu Nzinga com um vestido de motivos geométricos. Apesar da vestimenta aparentemente simples, ela mantinha o porte imperial intocado.

— Nesse caso, serão meus convidados. E creio que devem estar famintos — colocou a observação com cuidado, olhando somente para os metamorfos e os puros do grupo. — Minhas irmãs os levarão aos nossos pontos de caça, fiquem à vontade por lá. Quanto a vocês — apontou para mim, Jarvis e os mestiços —, temos tudo de que precisam em nossa casa. Sigam-nos — voltou a olhar para Jamal e Solomon. — Depois conversaremos.

Nzinga virou-se e caminhou tranquila, sumindo entre as duas castanheiras, criando um contraste surpreendente entre sua chegada e sua saída. Olhei para Jamal e Sólón.

— Tudo bem, pequenina. Está em segurança. Pode ir com elas — Jamal acrescentou, com um gesto simples. — Nós precisamos comer, e meus garotos cuidarão de vocês.

Nelson se aproximou e segurou minha mão, enquanto Nazaré tocava meu ombro.

— Sossega, Laura, eu tô aqui também — apertou-a com força.

Nelson estava diferente. Mais ciente de sua condição, dono de sua força e destino e impunha respeito. Observei os vampiros sumirem pela mata, acompanhados pelas mulheres do clã de Nzinga. Ansiosos para matar a sede. A viagem não foi fácil para ninguém e eles não pararam para se alimentar desde que partimos de Tucano. Duas amazonas, de cabelos brancos, aguardavam em silêncio. Olhei para Jarvis, o aspecto desalinhado e o rosto pálido.

— Está se sentindo bem, doutor?

Ele piscou repetidas vezes, deixando o ar escapar.

— Sim — falou meio gogue. — Minha nossa, *Beladonna*, você *realmente* tem amigos incríveis!

Verdade. Isso não podia negar. Eu tinha amigos estranhos, imortais, fortes e poderosos. Mas também muitos inimigos, do mesmo calibre. Como isso vai acabar? A mente se enchia de perguntas quando as duas mulheres rapidamente tiraram as roupas, para minha surpresa.

— Espero que saibam se segurar bem! — uma delas falou.

Em questão de minutos, a transformação se repetiu, mas no processo inverso. Duas onças nos olharam, o brilho avermelhado reluzente nos olhos. Sem aviso, uma delas me pegou pela gola da camisa, com os dentes, e me colocou sobre seu dorso, como fariam com filhotes. Jarvis também foi içado. A cabeça da onça se voltou para mim e entendi, pelo olhar, que eu devia me segurar. E a corrida começou. Todos os pensamentos ficaram para trás, levados pelo sabor do vento forte gerado pela velocidade. O que quer que eu quisesse perguntar teria que esperar, enquanto os passos repicavam nas folhas caídas no chão da Floresta Amazônica.

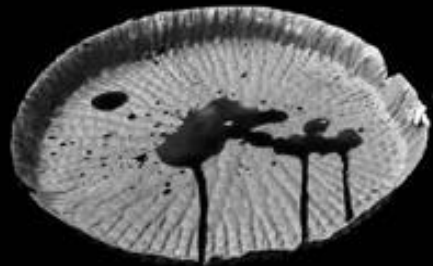


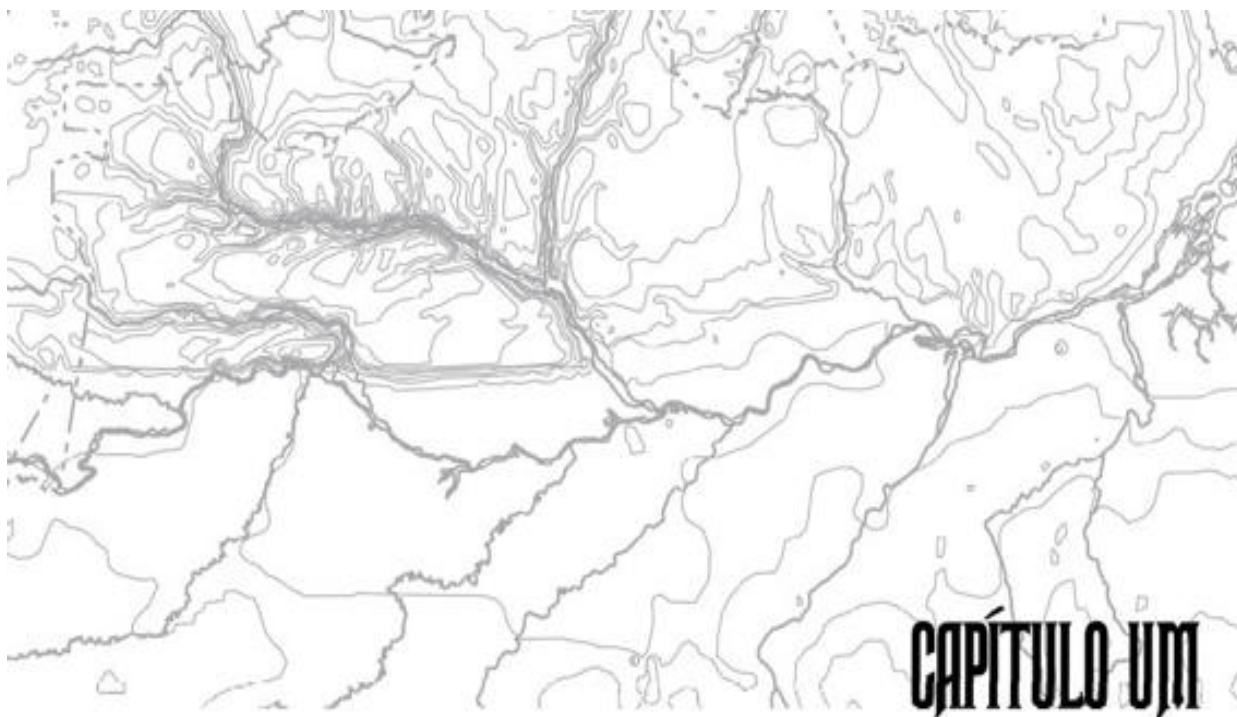
Livro Seis

Destino

Então ele se deu conta, Eu verdadeiramente, Eu sou esta criação, pois Eu a retirei de mim mesmo. Desse modo, ele se tornou a sua criação. Em verdade, aquele que conhece isso se torna, nessa criação, um criador.

Upanixades





Livro Seis – Capítulo Três

Bristol – Inglaterra – inverno

Saí para o jardim em silêncio. Nenhum ser da noite naquela mansão poderia ouvir meus passos, apenas se eu desejasse. E hoje essa não era a minha vontade. Precisava ficar só, afastada. Mesmo que os outros estivessem aqui para ajudar, que se preparassem para impedir uma tragédia — e que eu também quisesse ajudá-los —, a angústia me compelia a tentar mais uma vez. Segui em direção ao bosque próximo dali. Um lugar sagrado. Pude sentir a força quando aqui cheguei, uma energia ignorada por todos ao meu redor. Ali era um dos pontos onde as linhas de energia cruzavam a Terra, criavam a ponte com o infinito. Berço de uma cultura muito mais antiga do que os homens de hoje acreditavam ser verdade. Nem toda a arqueologia do mundo, nem os avanços da ciência ou a curiosidade humana seriam suficientes para descobrir

aquilo que só os guardiães saberiam reconhecer. Guardiães assim como eu.

Os homens perderam o fluxo de sua própria história, destruíram suas raízes mais profundas, ignoraram o apelo do Universo e esse agora se fechava para todos. Preservava seus segredos, ocultava a verdade. E era melhor que fosse assim, que assim se mantivesse. *Mas não é isso o que está acontecendo agora, Aicha*, minha mente repetia, sem sossego. A roda voltou a girar, e com ela toda a sorte dos homens. E o provável destino deles me angustiava, mais do que tudo. Não porque a humanidade merecesse ser poupada. Ao longo do tempo conseguiram provar, por gerações, o quanto estão despreparados para receber os mistérios maiores. Mas havia outros, tanto entre os humanos como entre os que não são, que lutavam nesse exato momento. E ver tamanha dedicação e sacrifício era louvável. Digno de confiança, de respeito. E de admiração.

Por isso eu estava aqui, agora, meus pés afundando na neve fofa, sentindo os flocos que caíam e grudavam nos meus cabelos, mesmo cobertos pelo manto escuro. Por isso oferecia minha vida e minha ajuda. Tais atos de grandeza precisavam ser reconhecidos, recompensados. Parei quando cheguei ao ponto exato, onde as linhas se convergiam, cruzavam, se abriam e fechavam indefinidamente. Aqui, oculta pelos pinheiros, bani qualquer tipo de pensamento que não fosse o do meu corpo criando uma ponte entre o céu e a terra. Era um lugar de força e meu apelo seria mais fortemente ouvido. Talvez até mesmo atendido. Afastei a dúvida rapidamente. Duvidar quebraria a energia, faria a linha afastar-se de mim. Eu seria um ponto fraco, ameaçando o equilíbrio, e não seria vista por ninguém. E precisava que alguém viesse, qualquer um deles.

Soltei o ar num jato, vendo o vapor de água formar figuras de cristais. Voltei o pensamento para o infinito e pedi, com todas as forças, usando a energia que habitava a frágil casca mortal que continha minha essência. Por alguns instantes nada pareceu mudar. Apenas o silêncio era forte, quase palpável. Então meus olhos a viram, perceberam sua forma entre as árvores mais próximas, encoberta pelo manto escuro da noite. Sombras brincavam em seu rosto, mesmo com a ausência de qualquer tipo de luz no ambiente. O

brilho vinha dela mesma, eu sabia. Minha boca se abriu com a surpresa. Eu esperava, ansiava que algum deles viesse, que atendessem ao meu apelo. Mas ela mesma veio, em pessoa! Curvei-me em respeito, sentindo o cumprimento ser devolvido. Me aproximei um pouco, o suficiente para ver o brilho discreto da adaga de bronze, em formato de lua crescente, que pendia de sua cintura. Mantive-me a uma distância respeitosa.

— Está se consumando, Mãe — falei em um tom baixo, mas que ela poderia ouvir. — Todas as peças caminham próximas agora — meu tom adquiriu o colorido do medo.

Ela não se moveu, apenas seus olhos denunciavam o entendimento das minhas palavras.

— Eu sei. Ouvi sua voz me chamando, mais de uma vez, criança. Mas ainda não era tempo de me apresentar a você — sua voz suave encheu o silêncio sombrio com notas agradáveis, incompatíveis com meu desespero. Parecia estar em todos os lugares e em nenhum ao mesmo tempo. — Senti a mudança do tempo, mais uma vez. A roda voltou a girar. Os oito aros fulguram nos céus e terras. Todos os corpos celestes caminham para outra conjunção. Após outro milênio, o círculo vai se fechar.

O suspiro baixo não era de tristeza, nem de lamento. Era apenas o som da constatação de um fato. Um entre os milhares que o cercavam.

— Mas agora os tempos são outros, Mãe — argumentei, sentindo o frio intenso que me cortava a carne, chegando a tremer meus ossos. Não tinha certeza se era por causa do tempo, ou dos meus receios. — A humanidade não é mais a mesma. O homem brinca de ser Deus, ao contrário de venerar Suas criações. Não estão preparados para a Ascensão da Roda.

Ouvi seu riso melancólico, resignado.

— A humanidade também não estava preparada antes, Aicha. Ela nunca esteve. Temer ou não os deuses de seu tempo deixa de fazer sentido quando a roda gira. É inevitável — o brilho do olhar se acentuou. — Eu sei, pois estava lá. Conheço as consequências.

O vento frio soprou lúgubre por entre os galhos ressequidos pelo inverno rigoroso das terras celtas, agora chamadas de Bristol. Uma

coruja, que vigiava atentamente a conversa, esticou suas asas. Um arrepio de presságio se abateu sobre mim. Me senti impotente e deprimida, como se as forças que conspiravam contra todos os meus esforços fossem cada vez mais intensas, rompendo as barreiras de proteção que por tanto tempo garantiram a segurança.

— E não há nada que possamos fazer para impedir esse avanço?
— minha voz soava fina, perturbada. — Digo: se não permitirmos que as peças se unam no tempo adequado, se apenas uma delas faltar, nada poderá acontecer. O equilíbrio da chave continuará intocado se ela não estiver nas mãos erradas...

— A chave *já* está nas mãos erradas, Aicha — seu tom era o mesmo, resignado, como se fitasse o inevitável. — Mesmo que, no princípio, as mãos que a sustinham fossem nobres e justas, o tempo distorce o ser, assim como muda a ordem dos corpos celestes. O ser não é mais do que o vir-a-ser.

Sacudi a cabeça com força. Não podia aceitar que tudo seria dessa forma.

— E quanto ao planisfério? — tentei buscar essa argumentação. — Sem ele, nada, nem mesmo a chave, tem utilidade. O meu está seguro. E os outros se perderam... — minha voz morreu ao som do riso enigmático dela.

— Nada está perdido ou seguro, Aicha — seu tom mudou para abafado e sombrio. — No momento oportuno as partes se unirão. A força motriz por trás desse evento, uma vez iniciado, é invencível! — pela primeira vez exclamou uma frase. — A atração que cada parte exerce sobre a outra fará com que estejam lá, no instante adequado. Todas as cinco. Elas querem estar juntas outra vez.

Mordi o lábio, até sentir a dor.

— Por quê? Por que tem que ser assim? — meu desespero era sólido, poderia ser tocado.

— Porque a Panaceia se criou — a resposta era óbvia, mas eu precisava ouvir dela. — O Akos iniciou o movimento da roda. Você mesma viu. Não há retorno possível agora — suspirou pesadamente. — Se ele não tivesse legado seu dom a ela, esse milênio poderia passar incólume, assim como os outros. E os próximos também. A roda poderia girar, seguiria seu curso, mas seria incompleta como

das últimas vezes. Mas agora não. Tudo se encaixa e caminha para seu Zênite.

Meu tom de voz se elevou, com raiva. Esqueci completamente com quem falava, apenas a dor e a inutilidade me dominavam.

— Mas ela se foi! A Panaceia. Eu ajudei em sua fuga. Ela não estará lá, Mãe! Nenhum mal vai advir sem sua presença no santuário.

Dedos quentes tocaram meu rosto, embora sua forma não tivesse se mexido de entre as sombras, nem abandonado a escuridão. A corrente de calor espalhou-se pelo meu corpo.

— Querida criança, é muito nova para entender. Sua tentativa é louvável, mas totalmente inútil — outra vez a resignação coloriu seu tom. — Os elementos se atraem com forças além do que pode sonhar, mesmo com todo seu aprendizado e devoção, mesmo com tudo que seus ancestrais lhe ensinaram. As peças conspiram, como amantes secretos que necessitam se tocar. E vão encontrar uma maneira de satisfazer esse desejo. Todos os corpos celestes agem para a satisfação desse êxtase.

Abaixei os olhos e trinquei os dentes. *Por quê? Por que não a matei quando tive a chance na Venezuela? Por que não pus um fim a tudo?*

— Você não faria isso— ela respondeu aos ecos do meu pensamento. — A Panaceia é inocente, e os inocentes podem fazer a diferença na hora final. Derramar o sangue dela com um assassinato não seria justificado, mesmo que pense que as razões para isso sejam nobres.

Apertei as mãos com força. O frio intensificava a sensação de dor nos dedos.

— Mas e agora? O que posso fazer? — perguntei num desalento que invadia corpo e alma.

— O mesmo que eu: siga seu instinto, Aicha, deixe-o guiá-la. O instinto que não permitiu que a matasse — sua voz vaticinou. — Muitas vezes ele nos faz tomar decisões a princípio estranhas, mas que o passar dos tempos mostra por que foram necessárias.

A aurora insinuava-se no horizonte, seus primeiros brilhos tingindo a escuridão. E então ela não estava mais lá, era como se nunca tivesse havido alguém ali. Foi embora, deixando-me a contemplar o

sol que nascia, a neve que refletia a luz do alvorecer. Com o corpo e a mente esgotados, sentei-me num tronco baixo e fitei o amanhecer. O movimento das estrelas desenhando trajetos familiares, que me assustavam. A roda de oito raios girava entre o céu e a Terra. E seu movimento aproximava-se, cada vez mais, do Zênite.

Ravena – Itália – outono – três meses antes

Deixei a água quente descer com fúria, ardendo na pele, mas mesmo o calor não conseguia me impedir de tremer de frio. Não o frio comum, aquele que afeta o corpo dos humanos quando o outono e o inverno imperam. Esse frio nunca incomodou minha natureza de mestiça, era apenas uma leve cócega que formigava, nada mais. O frio vinha de dentro, do meu abdômen, e se espalhava, lento e irradiado. Meus dentes trincavam, as unhas arranhavam os azulejos do banheiro pequeno deixando marcas visíveis, e minha respiração era mantida a custo, escapando da garganta como bolas de ar, estocadas rápidas, involuntárias. A cada novo sulco deixado nos azulejos, minha mente devaneava. Poderia usar essa mesma força para romper a carne, os ossos, ver o sangue jorrar, acabar com tudo isso. E depois fugiria, ou morreria. Isso não teria importância, teria? Afinal, que sentido haveria em manter uma existência duplamente amaldiçoada?

Mas, então, da mesma forma como vinha, a determinação dessas palavras sussurradas pelo pensamento se desvanecia, como poeira lavada pela chuva de verão. Minhas mãos abandonavam os sorrados azulejos, sem vontade, sem vida, escorregando para os lados do corpo juntamente com as ideias, a vontade, rolando pelo ralo. Desliguei a água. Ainda tremia quando peguei a toalha e me sequei, esfregando com força, desejando trocar de pele a cada encontro com o Mathesis da Ordem. A cada vez que sua mão asquerosa me tocava. Quantas vezes nos últimos tempos? Dez, vinte, cem? Eu não sabia mais. Quando o painel do alojamento das mulheres chamava — e tem chamado muito —, invariavelmente era o meu número que

brilhava. Era a mim que ele queria desde aquele último final de verão. Sempre rasgava minhas roupas e me atirava em sua mesa ou no chão, montando-me como se eu fosse um animal. A respiração, a saliva pegajosa, o hálito de uísque, o suor que pingava na minha pele. *Não se mexa!*, ele dizia. Eu trincava os dentes, cerrava os olhos, contraía meus dedos como garras. E resistia ao desejo de matar! Não durava muito, mas era mais do que o suportável. Quando ele acabava, eu vinha direto para cá, ignorando os olhares das outras mestiças. Não havia simpatia, respeito, inveja, nada. Eram olhos mortos em corpos que se moviam ao simples comando dele. Olhos que habitavam um corpo que não dominavam.

Querida ser como elas. Por que eu era diferente? O que me fazia ser diferente das outras? Por que sentia vontade de me lavar, de morrer e matar, enquanto elas simplesmente se vestiam e continuavam seu trabalho? O de distrair os homens da Ordem?

E eles eram muitos. Os homens da casa, os guerreiros da Ordem. Ansiosos pelo calor, pelo relaxamento, pela distração. Deixei o banheiro, enrolada num roupão grosso. Queria ir direto para meu quarto, mas teria que passar pelo salão principal de entretenimento do alojamento das mulheres, não tinha como desviar. Não sem quebrar duas ou três paredes, o que certamente atrairia atenção demais. Mordi os lábios e segui adiante. Quando cruzei os batentes, alguns olhares me encararam. Havia muitos machos lá. A grande maioria dos mestiços eu não conhecia, estavam chegando nos últimos tempos em uma quantidade quase impensada séculos atrás. E ninguém sabia dizer de onde vinham tantos. Riam e se atracavam com as garotas, deitados em divãs sedosos, ou mesmo pelos tapetes felpudos. Todo o ambiente do salão era decorado para o deleite, a luxúria, em tons carmesins violentos. Estátuas e quadros com cenas libidinosas se espalhavam e as mestiças usavam muito pouca roupa, tocando e sendo tocadas umas pelas outras e pelos machos da casa. Outros se dirigiam para os minúsculos quartos levando uma ou duas mulheres consigo. *Um bordel. Aquilo não passava de um extravagante bordel, e nós éramos as meretrizes de luxo!* Tudo era tão diferente agora, tão estranho. Não era mais como antes de Avelar

assumir. Quando passei por um deles, que acabava de chegar, seus dedos seguraram meu pulso e passou a língua pelos lábios.

— Hmmm... cheirosinha. É assim que eu gosto! — sua mão voou para meu seio, por dentro do roupão.

E minha mão torceu seu braço nas costas, empurrando seu rosto contra a parede, numa chave, rápido como um piscar. O movimento pegou todos de surpresa no salão. Alguns se levantaram nervosos, outros se prepararam para atacar, os olhos raivosos e os rosnados em fúria. *Que se dane!* Joguei o mestiço para o lado oposto, quebrando dois vasos, uma cadeira e danificando a parede. O reboco caiu sobre a cabeça dele, que me olhava espantado. Nenhuma das mulheres atacava os homens. Imediatamente me posicionei, arqueando o corpo, os dentes à mostra. O ruído que saía da minha boca era o de um animal, ferido e feroz.

— Ninguém toca em mim hoje!

Os homens se posicionaram em resposta. Meu *admirador* indesejado levantou-se, vindo rápido para cima de mim. Saltei sobre sua cabeça, quicando contra a parede, e pousando em pé atrás dele. Ficou surpreso quando se virou e levou o murro que desferi contra seu queixo, enquanto me preparava para dar o golpe que seria fatal. Essa era a minha determinação agora. Todos me rodeavam, homens e mulheres, os olhos irados e selvagens.

— O que pensam que estão fazendo!?!— a voz soou alto, mais do que eu achei que o humano poderia usar, um tom que me surpreendeu.

As posturas mudaram na hora. Apenas o meu admirador continuava imperturbável, me fitando, limpando o sangue que escorria de sua boca com as costas da mão. Eu também continuei ali, pronta para o ataque. Mas nosso interlocutor moveu-se para junto dele, também imperturbável, também com raiva.

— Açam que isso aqui é lugar para brigas? Onde pensam que estão, todos vocês? — sua voz elevou-se ainda mais. — Sabem que esse tipo de conduta é inadmissível aqui! Conhecem as regras do Mathesis! Estão dispostos a arcar com as consequências?

O mestiço que ataquei o fitou, o evidente desprezo cedendo lugar ao respeito devido.

— Ela começou — apontou para mim, que ainda não havia relaxado. — Recusou-me e depois me agrediu. Ela está fora do seu papel!

O rapaz não se abalou. Moveu-se entre nós, olhando de mim para ele com seus olhos castanhos. E ainda mais para mim.

— Esteve com o Mathesis? — perguntou, num tom alto e claro.

Acenei com a cabeça. Ele acenou de volta, demorando um segundo a mais o olhar em meu rosto, e depois fitou o mestiço.

— Ela já cumpriu seu dever por hoje. Agradou ao senhor — sua voz era categórica. — Deixe-a em paz, há outras por aqui — sinalizou com os dedos.

Duas jovens, uma morena e outra loira, como eu, vieram.

— Venha conosco, deixe-a pra lá — suas mãos e bocas deslizaram pela pele morena dele. Uma delas lambia-lhe o sangue que escorria, beijando-o em seguida.

Ele se rendeu ao toque cálido e perfumado — haviam tomado um banho também —, e deixou-se arrastar para um divã próximo. Engoli a saliva, sentindo nojo por tudo aquilo, e me afastei rápido. Podia sentir os olhos do humano que enfrentou o mestiço seguindo-me pelas costas. No silêncio do meu quarto, um cubículo pequeno e claro, deixei meu corpo tombar sobre a cama, enrolando-me nos lençóis, com raiva demais até para chorar. Todo meu ser tremia e se esgotava com esse movimento. Ouvia, através das paredes, os sons dos corpos que se acasalavam nos outros cômodos, as obscenidades que diziam, os pedidos que faziam. Sentia o cheiro, o aroma que exalavam no ritmo do prazer oferecido. E me encolhi. Tentei anular meu sentido de audição. Concentrei minhas forças em ouvir um único som, diferente, baixo e distante, mas constante na rotina daquela casa há quase três anos. O uivo baixo e dolorido de um animal, talvez um lobo, que vinha de algum ponto que eu desconhecia. Se mais alguém no alojamento dos mestiços o escutava, não dava atenção a esse fato além de mim. Lembro-me de quando o ouvi, pela primeira vez. Era alto, forte. Agora não passava de um chiado lamentoso e dolorido. Da mesma maneira como eu me sentia.

Creio que o cansaço, a tristeza, a dor, a solidão, ou a mistura de todos esses estados, me atingiram.

Quando meus olhos voltaram a se abrir já era noite, o quarto estava escuro. Mas eu não estava sozinha. Sentei-me rápido, encarando meu observador humano. Reconhecendo seu cheiro familiar. Há quanto tempo deveria estar ali? Seria louco? Ou, como eu, não se importava em morrer? Fechei o cenho, cobrindo-me ainda mais com o lençol. O rosnado surgiu baixo, involuntário, sem controle de minha boca ou vontade. Isso não o assustou, como eu queria. Nem ao menos fez sua postura mudar. Permaneceu sentado na cadeira, observando-me com os olhos castanhos que brilhavam. Seu corpo irradiava calor, como uma lâmpada que se destacava na penumbra, deixando-o visível para mim. Sua respiração era tranquila, apesar da inconstância do batimento cardíaco, que ia e vinha em ritmos alternados, indicando que estava pensando. E muito.

— Ele machucou você hoje? — sua voz era preocupada, com toques de raiva.

Respirei fundo. Por que isso o interessaria?

—Não — retruquei também com raiva. — Ele não poderia fazer isso, poderia? — o que ele tem a ver com isso?

Soltou o ar, pesado e baixo. Vi suas mãos se fecharem, duras e tensas, e voltou a me olhar.

— Não gosto quando ele chama você — respondeu com tristeza, o tom me deixando confusa de novo. Bem diferente da energia com que enfrentou o mestiço no salão horas antes.

Quase todas as vezes em que Avelar me chamava... me usava... ele aparecia depois. Eu nunca entendia o porquê, não sabia o que queria. E hoje ele me defendeu.

— Por que está aqui? — tive que perguntar. — Por que faz isso? Não tem medo? O que ganha vindo para cá, todo esse tempo?

Meu tom de voz não ajudava. Era fraco, cansado. Eu queria ser forte o suficiente para que ele não me visse assim, não pensasse que era uma mulher estúpida, abatendo-se por qualquer coisa. Mas o cansaço era grande. Décadas servindo, mestre após mestre. Vi Mathesis ascenderem e morrerem, Megisters que vieram e se foram. E mestiços que surgiram do nada, como mágica, aumentando o sofrimento, a angústia. Mas, de todos os senhores, Avelar era o pior. Conhecia na pele o efeito que ele causava.

O rapaz se levantou, lentamente. Caminhou na minha direção, sem nenhuma hesitação. Seu rosto ficou bem próximo, podia sentir o hálito quente e cheirando a menta que vinha de sua boca quando ela se abriu, espremendo uma só palavra:

— Gina... — e calou-se. Dois dedos mornos passearam por segundos em minha bochecha, e depois se foram.

A porta abriu-se sem ruído e ele saiu, como das outras vezes, em silêncio, sem nenhuma explicação. Mas agora havia sido diferente. Ele... havia me tocado! A sensação dos dedos ainda queimava. Ele nunca tinha feito isso. E seu toque tinha... carinho! Algo que não havia experimentado antes, ninguém me dera. E do qual achava não ser merecedora, não eu, um ser amaldiçoado. O choro do lobo veio de algum lugar, dentro da mansão em Ravena. Dolorido e sofrido. O choro da solidão. O mesmo que brotou em meus olhos assim que me vi sozinha, sem ele. Encolhida no espectro das sombras da noite.

Brasil – Floresta Amazônica – primavera

O tempo não tem o menor poder sobre o corpo quando se corre como o vento. Tive a impressão de que abri e fechei os olhos apenas duas vezes e lá estávamos nós. As onças pararam, de súbito, dando um tranco rápido. Meus cabelos se esparramaram, mesmo com o rabo de cavalo preso com firmeza. Com um pulo, elas saltaram sobre galhos grossos enquanto me segurava em seus pelos e pescoço, surpresa por constatar que a temperatura da pele era quente, ao invés do gélido toque que eu esperava. Escalaram uma castanheira, chegando quase ao topo. O chão era tão bem preenchido pelas árvores que não havia mais espaço para andar ou correr. De galho em galho elas pulavam, equilibrando-se sem o menor esforço. Olhei para baixo. Nelson, Nazaré e os outros seguiam sem dificuldade o mesmo trajeto, no rastro das mulheres-onças. Estávamos a uma altura considerável, uma queda seria fatal, mas duvidava que, se caísse, chegaria a tocar o chão. Qualquer um seria rápido o suficiente para me alcançar antes. O bailado de figuras cruzando árvores era

digno de nota, tanto pela variedade das formas como pela leveza e graça dos gestos.

Jarvis estava agarrado ao dorso da outra criatura, mas não parecia mais abalado pelos acontecimentos. Ao contrário, tudo era estimulante para o velho professor de mitologia. Seus olhos seguiam os movimentos, vislumbravam os contornos dos galhos e, às vezes, miravam o chão, voltando a olhar rápido para cima. Quando cruzamos dois Timbós, com cerca de quarenta a cinquenta metros de altura cada, me deparei com a visão de uma clareia que se abria. Ainda equilibrando-se na árvore, a onça deslizou de leve, marcando o tronco com as garras, formando linhas e rabiscos nesse trajeto. E então pousou no solo, plantando-se com firmeza. Era uma área ovalada aberta — o chão batido de terra —, coberta pelos longos galhos e folhas das árvores centenárias que se entrelaçavam no alto, impedindo quase totalmente a entrada do sol. Com certeza isso evitaria que qualquer avião que cruzasse aquele espaço tivesse uma visão do local. Os troncos das árvores eram bem unidos, formando uma paliçada natural e impenetrável pelo chão.

Desmonei da onça, sendo seguida por Jarvis. Os outros desciam dos galhos altos e admiravam o local. Na clareia, as construções estavam dispostas ao redor, quase em contato com os troncos, deixando o centro do espaço totalmente livre. Quem olhasse veria uma aldeia indígena, ocas altas com tetos trançados em folhas e cipós, amarradas com galhos e troncos fortes. Mas uma observação atenta, entretanto, revelaria o adobe de barro e palha, sólidos, típicos da cultura africana e que ainda eram usados, mesmo no século XXI, em muitas comunidades espalhadas pelo continente negro. Eram cinco casas grandes ao todo. Fiquei tão impressionada com o trabalho e a simetria do arranjo que não percebi as duas mulheres voltarem à condição humanoide, e já vestidas. Elas nos guiaram em direção à casa maior, do lado oposto da extremidade da clareira. Era a mais alta, suas portas e janelas decoradas com belas cortinas de tecido tingido, com padrões geométricos esmerados e exibindo franjas trançadas com conchas, penas coloridas e pendentos de bambu e cerâmica pintados.

Tanto pelo tamanho da construção quanto pela localização, ficou óbvio a quem deveria pertencer aquela casa. Uma das mulheres entrou primeiro e a outra ficou à porta, acenando. O interior da casa de Nzinga era espaçoso, não havia separação em cômodos. As paredes eram forradas de peles de vários animais, inclusive alguns não existentes na fauna do Brasil: tigres, antílopes, zebras, entre outros. Não havia pele de onças. *Evidente*. Belos tecidos, máscaras étnicas, arranjos de penduricalhos com pedras e penas, conchas, búzios, que faziam ruídos leves quando tocados. Armas de caça, de muitos tipos, arcos e flechas, machadinhas, zarabatanas, entre outras, espalhavam-se no lugar, mas eu duvidava que fossem utilizadas. Havia também potes de cerâmica, alguns de cobre, ricamente trabalhados, e de onde o cheiro de incenso brotava. Uma grande arca de madeira entalhada ficava posicionada ao lado de um biombo, de pele de antílope e tecidos de cores fortes, mais ao fundo. Apesar da tensão que me consumia, não podia deixar de admirar a beleza da decoração, seus arranjos e tons quentes.

No meio da casa, posta sobre uma mesa baixa de vime trançado, exibia-se uma grande variedade de alimentos. Frutas, legumes, mandioca, nhamé, água e bebidas fermentadas em potes, jarras de cerâmica e cabaças; pão, tapioca, aves e carnes vermelhas assadas, além de peixe fresco. Tudo cheirava muito bem, mas ninguém se moveu — os olhares atentos a qualquer tipo de movimento estranho —, até que a voz de Nzinga, vinda detrás do biombo decorado, se fez ouvir, alta e um pouco mais amigável que antes.

— Por favor, sirvam-se — disse, saindo das sombras. — São meus convidados — sentou-se diante da mesa, delizando o corpo sobre uma das muitas mantas de peles no chão.

Tinha os cabelos presos numa longa trança, que pendia até os tornozelos, usava uma faixa de couro no alto da cabeça revelando a testa larga e pontuda, além de brincos, colares, pulseiras nos braços e pernas, e anéis nos dedos dos pés e das mãos. O vestido era o mesmo de antes, colorido e preso nos ombros por broches de osso talhado. Era muito bonita, com a pele escura contrastando com a brancura dos cabelos, e os olhos vermelhos formando um conjunto exótico e exuberante. Sentamo-nos devagar, imitando o gesto dela.

Como ninguém ainda parecia à vontade, quer por educação ou receio, Nzinga adiantou a mão negra e lustrosa, pegou um pão e o partiu, levando os pedaços à boca, servindo-se da bebida. Aquilo me deixou, de fato, boquiaberta. Ela estava comendo? Bebendo? Como isso era possível? Os filhos de Jamal não pareciam se espantar e sem mais nenhuma cerimônia avançaram sobre a comida, seguidos lentamente por Nelson e Nazaré. Estavam famintos, e os bocados de comida desapareciam rapidamente. Jarvis e eu fomos mais tímidos, mas também estávamos com fome e o cheiro era muito bom. Em poucos minutos a mesa estava vazia. A um sinal de Nzinga, outra mulher entrou, de cabelos castanhos, trazendo mais comida. Eu estava satisfeita e bebi apenas a água fresca, mas os mestiços continuaram a comer.

Nelson, Nazaré e os filhos de Jamal eram muito parecidos. Grandes, fortes, animados, pareciam jovens adolescentes, mesmo com a forte discrepância de idades. E todos sempre famintos. Nzinga também comia e as mulheres de cabelos brancos a acompanhavam. Esse detalhe me fascinava e perturbava. Como um clã de puros podia comer comida humana? Não deveriam estar agora, na floresta, caçando e se alimentando junto com os outros? Bebendo sangue? Qual era a parte dessa realidade que estava, mais uma vez, fugindo a minha compreensão? Jarvis olhava também, mas ao contrário de mim parecia compreender a verdade. E qual era ela?

— Não está com fome? — a voz de Nzinga era clara, sem a rouquidão anterior, e seus olhos felinos me observavam.

— Estou satisfeita, obrigada pela comida.

Seu olhar era intenso, intrigado, e mais uma vez inflava as narinas. Era evidente que estava curiosa a meu respeito. Bom, o sentimento era recíproco. Quando o ritmo do ataque à comida diminuiu e todos passaram a beliscar o que restava, Nzinga olhou para as mulheres ao seu lado, acenando com a mão.

— Essas são minhas filhas — apontou as jovens de cabelos albinos. — Jana e Lena. Elas nasceram nessas florestas.

As peles eram morenas, bem mais claras, e suas feições coradas como as das populações ribeirinhas. Apenas os cabelos brancos faziam a diferença. Estavam ao lado da mãe o tempo todo.

— E você? Como se chama, quimera? — a grande rainha perguntou.

Ouvir Nzinga me chamar assim provocou um arrepio. Uma quimera, pela tradição mitológica, era um ser composto por várias partes diferentes de animais. Na casa de Jarvis, na Inglaterra, duas estátuas representando essa criatura guardavam a entrada. Sabia o que ela queria dizer com isso: tal qual a quimera, eu também era parte de várias coisas. Até de mundos diferentes.

— Eu me chamo, Laura. Esses são Jarvis, Nelson e Nazaré — apresentei. — Os filhos de Jamal, você deve conhecer.

— Sim, nos conhecemos bem — a voz voltou a ficar rouca. — A família de Jamal sempre foi digna do nosso respeito. Por esse motivo vocês estão em minha casa. Do contrário, não chegariam nem perto daqui. Não com vida.

Meu coração disparou e tentei dissimular a tensão. Ela falava a sério, não havia a intenção de intimidar ninguém. Era apenas a constatação da realidade. Tomei outro gole de água. Queria que os outros voltassem logo, mas sabia que talvez demorassem. Não me sentia à vontade, apesar da presença dos demais. Nzinga pareceu perceber meu desconforto, pois seu comentário seguinte estava diretamente relacionado:

— Jamal e os outros não vão demorar. O território de caça está quase silencioso agora — imaginei que sons ela ouviria para ter tanta certeza. — Lá a oferta de alimento é abundante e suficiente para um exército de Asanbosans. Mesmos seus amigos impuros vão ficar satisfeitos.

Talvez a curiosidade, ou uma vontade de continuar falando para romper o silêncio incômodo, me fez continuar o rumo daquela conversa.

— Suas irmãs também estão caçando? Com eles?

— Isso não será necessário hoje. As carcaças que restarem vão render ótimos assados e durarão por semanas — pisquei repetidas vezes. — O clã não precisará caçar nesse período e a natureza seguirá seu curso para se recompor.

— Você quer dizer... que vão comer a carne dos animais abatidos?

— Sem dúvida! Seria um desperdício perder um suprimento tão rico. Os urubus podem se virar sem ele — ela dizia calmamente. — Muito embora o sabor da carne fresca abatida agrade mais ao nosso paladar, do mesmo modo que o sangue humano agrada aos puros e impuros. Mestiços também sabem que a diferença entre o sangue e a comida é muito grande. E o quanto de força ele lhes dá.

Seria isso o que eu estava perdendo aqui? O clã de Nzinga não era de vampiros puros? Ela se referia ao seu grupo como se fossem de outra espécie. Seriam essas mulheres algum tipo de mestiças que superaram a necessidade pelo sangue? Como o antigo clã da ilha de Hydra? Contrariando o esperado, Jarvis moveu o corpo para a frente, encarando a rainha.

— Perdoe-me a intromissão, senhora — Nzinga o observou —, mas gostaria de fazer uma pergunta, se não for uma grosseria.

Nzinga moveu a cabeça, em concordância com o pedido.

— O que deseja saber, ancião?

Jarvis pigarreou e passou os dedos pelo cabelo ralo. Já havia percebido que ele agia assim sempre que se sentia animado com uma descoberta.

— Bem... ou eu muito me engano aqui... — isso eu duvidava seriamente — ou sua família é composta por transmorfos?

Transmorfos! Claro, agora eu entendia tudo com muita clareza! Como fui tão cega e não percebi antes? Durante as sessões com Carlo, em meu treinamento para o Conselho, ele me falou longamente sobre vários tipos de seres que habitavam o imaginário humano, e que de alguma forma, em algum momento da história, haviam sido reais. Alguns estavam extintos — pelo menos assim se pensava —, e outros continuavam a existir. E os transmorfos eram uma dessas espécies. Ainda podia ouvi-lo falar, com sua voz experiente de estudioso, sobre essa curiosa espécie.

— Vampiros não são os únicos seres imortais que resistiram com o passar dos tempos, Laura. Muitas criaturas vieram e se foram e outras ainda resistem, como nós. Há outra espécie de imortais que ficaram ligados aos vampiros por algum tempo, no passado, quer por encontros esporádicos, algumas vezes gerando parcerias nem sempre bem-sucedidas, quer por simples conhecimento da existência

um do outro. Esse grupo é tão distinto do nosso quanto nós somos em relação aos humanos — mostrou uma figura na tela plana. — São os transmorfos.

— Transmorfos? — a imagem diante de mim lembrava outra coisa.

— Sim, esse é o nome científico, o termo técnico pode-se dizer — Carlo seguiu meu olhar. — Mas você e o resto do mundo, com certeza, deve conhecê-los pelos nomes populares. Assim como somos chamados de vampiros pelos homens, os transmorfos são conhecidos por diversos nomes, o mais famoso deles é Lobisomem.

— Lobisomens? Eles existem? — parecia uma pergunta idiota, mas eu tinha que fazer.

— Tanto quanto nós, Laura — Carlo explicava, tranquilo e divertido com a observação. — E, da mesma forma que nós, sua espécie é deveras variada. Um lobisomem é um imortal transmorfo, um ser que pode se transmutar em forma de animal, não necessariamente no lobo que gerou as lendas sobre *lycans* na Europa e América do Norte. O que ocorre é que grupos de transmorfos costumam assimilar as características dos animais locais de seus territórios, às vezes mudando de forma quando migram para outro local, com algumas peculiaridades referentes a tamanho ou traços diversos. Mantêm a mente e o raciocínio, não cedendo aos instintos, exceto se forem atacados e tiverem que se defender — ele deixou isso bem claro. — Temos exemplos dessas mutações pelo mundo a fora: os lobos e ursos gigantes, em regiões da América do Norte e Europa, antílopes e tigres na África, leopardos, panteras e tigres na Índia e China e em lendas brasileiras, como a do boto cor-de-rosa. São relatos de transmorfos que se associaram à fauna nativa e utilizaram esse recurso para se esconderem da humanidade.

Fiquei observando todas aquelas imagens que se sucediam. Uma ruga se formou na minha testa sobre uma questão.

— Mas... e as histórias sobre a mordida de um lobisomem criar outro? E a lua cheia? Balas de prata? O sétimo filho homem? — recitei tudo o que minha mente buscava sobre o mito.

— Indústria Hollywoodiana — Carlo sorria de leve. — Como os mesmos mitos que foram criados sobre nós. Os transmorfos nasceram assim, e não podem transformar ninguém. Não há

possibilidade de um humano virar um transmorfo. Todos caçam mais à noite, dependendo da região, mas podem se transmutar a qualquer hora do dia se quiserem. Preferem as incursões noturnas, pois é mais fácil caçar sem chamar a atenção dos humanos. Eles não gostam do contato com a humanidade. Só se alimentam de animais abatidos ou de comida normal, quando estão na forma humanoide.

— Por que não gostam do contato com a humanidade?

— Porque foram sistematicamente caçados por ela — explicou, com a voz um pouco dura. — Perseguidos e eliminados ao redor do mundo, de formas cruéis. Se hoje existem poucos deles, foi devido a esse extermínio secular. São imortais em essência, Laura, vivem para sempre, mas podem morrer se forem feridos mortalmente por armas brancas ou de fogo se os ferimentos atingirem os órgãos vitais. A recuperação é rápida, têm temperatura corporal semelhante a humana e batimentos cardíacos, são muito fortes, o suficiente para conseguir matar ou mutilar um vampiro — seu tom ficou triste quando continuou. — Muitos foram mortos na Idade Média, principalmente; cheguei a ver muitos cadáveres, alguns de seres que eu conhecia e respeitava como amigos. Mortos, acusados de assassinar humanos em noites de lua cheia, seduzir mulheres e alimentar-se da carne delas, de roubarem recém-nascidos ainda não batizados e atacar aldeias inteiras. Mas isso era pura especulação de quem não conhecia a verdade, nem se interessava por saber. Mentos ignorantes ocupando o poder, preferindo manter os gentios em pânico, amedrontados, com suas histórias absurdas e sem fundamento. Os hábitos alimentares dos transmorfos são bem menos agressivos que os dos vampiros. Detestam o cheiro da carne humana e o gosto dela é repugnante para eles.

Por algum motivo, a explicação de Carlo me fez sentir estranha. Um sentimento de pesar me abateu, vindo do fundo da alma. O homem pregava tanto o conceito de humanidade entre os povos, mas nunca soube respeitar ninguém, essa era a verdade. Só tinha olhos para o próprio umbigo.

— E onde eles estão? — perguntei, mirando o mapa-múndi na tela. — A Ordem sabe sobre eles?

— A Ordem sabe que existem, tem documentada sua trajetória, não duvido. A Inquisição foi uma das principais responsáveis pelo extermínio, e tudo ocorreu no mesmo período — seu olhar seguiu o meu, no mapa. — Mas, como eu disse, eles são discretos, e poucos, e não fizeram parte do Acordo. Estão espalhados pelo mundo e não prejudicam ninguém. Pode-se dizer que são neutros nessa questão. Não interferem, mas também não colaboram.

As palavras agora faziam sentido. A marca verde no mapa de Carlo, indicando que o clã de Nzinga era neutro, significava mais que isso: um clã de mulheres transmorfas. Mas por que ninguém nunca me contou nada? Lembrei-me, então, da comunidade extinta da ilha de Hidra. Apenas Clem sabia sobre a existência dela, pois em troca da paz foi exigida discrição. Os transmorfos eram arredios, pude perceber hoje, e queriam passar despercebidos pelo resto do mundo. O silêncio de Carlo, Jamal e Solomon tinha razão de ser.

— Uma palavra forte essa que usou, ancião — os dedos de Nzinga se entrelaçaram nas mãos. — Mas que não possui nenhum significado para mim. Já fomos chamadas por muitos nomes ao longo do tempo. Aqui os nativos nos chamam de *Auá Caitétu*, *mulher de dente aguçado*, e os brancos nos chamaram de *Amazonas* quando nos viram pela primeira vez, antes de decidirmos entrar mais na floresta — fixou seu olhar em Jarvis. — Como você nos chamaria, ancião?

Jarvis pigarreou de novo.

— Bem, transmorfo é um termo usado para os seres que mudam de forma, como a senhora e suas irmãs. Uma explicação de base criptozoóloga — ele hesitou, mas concluiu. — Popularmente a humanidade chama a maioria dos de sua espécie pelo nome de Lobisomens.

Os olhos de Nzinga se estreitaram e suas filhas retesaram os músculos à menção desse nome. Os filhos de Jamal também pareceram surpresos com a ousadia de Jarvis. Não era um assunto agradável, ao que parecia. Ela inclinou o corpo para a frente, seus brincos tilintaram com o movimento, e encarou Jarvis com fúria.

— Sim, eu conheço essa palavra! — seu tom era ríspido. — E graças a ela meu povo foi caçado por homens como você até quase a

extinção! Por milênios vivemos em paz em nossas terras, na mãe África, sem incomodar ninguém, sem nunca ter agredido nenhum humano, até que boatos sobre mortes suspeitas foram ligados a nós — a voz ficou agourenta, como o canto de um corvo. — Vi muitos, não só de minha família, serem caçados pelas tribos dos homens, terem o couro arrancado e as vísceras dilaceradas e expostas. Tive que sofrer com a morte de três filhas, covardemente encurraladas e massacradas pelas lanças e flechas — os olhos de Nzinga brilharam, enquanto suas filhas derramavam lágrimas cristalinas e pesadas. — Não houve compaixão ou perguntas, apenas ódio e desejo de matar — à pouca luz do ambiente, os olhos vermelhos incendiavam os rostos de todos. — Somente quando Jamal nos procurou, trazendo Solomon e outro impuro, chamado Carlo — meu coração saltou nessa hora —, descobrimos o porquê desses acontecimentos. Eles nos explicaram que os homens passaram a se referir a nós como demônios de um culto a um deus que nem sabíamos existir — sua respiração era pesada.

Engoli o pouco de saliva que tinha, mas não falaria nada. Isso seria impossível.

— Eles nos falaram sobre esses *Lobisomens* — Nzinga continuou depois de alguns minutos. — Seres como nós, mas irmãos dos lobos. Da justificativa banal dos humanos sobre seus próprios medos e atos, nos usando como o bode expiatório ideal para eliminar um povo que nunca atacou a raça humana, a não ser para se defender dela quando isso se tornou inevitável. Também nos falaram sobre um Acordo que seria selado e nos propôs fazer parte dele. Respeitei suas opiniões e ofertas porque Jamal confiava nesses impuros, mas me recusei a ceder às leis de humanos que nos consideravam demônios não dignos de existir.

Seu discurso era chocante e tocante. Havia mais dignidade nele do que nas palavras de muitas pessoas que conheci, que se propunham a fazer menos do que isso.

— Por fim, decidi, apesar de amar nossa terra, que devíamos partir, para o bem da minha família — Nzinga completou. — Havíamos perdido muito e recomeçar era tudo o que nos restava. Pedi a Jamal, Solomon e seu outro amigo que não mencionassem

sobre nós, que fizessem o possível para esconder nossa existência, e viemos para cá — ela dizia com saudade. — Naqueles tempos essas terras eram ocupadas apenas pelos nativos. Apesar de assustados, nunca nos incomodaram, pensando em nós como um de seus muitos deuses da mata. E nós também não os perturbamos. Pudemos viver em paz, até os homens de sua raça — apontou para Jarvis e eu — chegarem, há séculos. Houve contatos esporádicos e involuntários e as histórias surgiram, como eu sabia que aconteceria. Mas conseguimos manter nosso modo de vida a salvo do seu povo. Apenas nos aproximamos dos nativos quando nossa fertilidade aumenta e somente para gerar nossa descendência.

Olhou para as filhas ao seu lado.

— Esse é o único contato que, infelizmente, somos obrigadas a manter com os humanos. Não há machos entre nós, e sem a semente do homem não podemos procriar, nem continuar.

A lenda era mesmo verdadeira. As Amazonas precisavam de homens para se reproduzirem, de tempos em tempos. O silêncio que se seguiu foi constrangedor. Jarvis teve suas respostas, mas o caráter da explanação criou um mal-estar geral dentro da oca. Súbito, as cabeças se viraram para a entrada. Nzinga levantou-se.

— Estão de volta da caçada — falou com autoridade. — Devo me reunir a eles para esclarecer muitas coisas — olhou para mim. — Minhas filhas vão levá-la até o rio para banhar-se, quimera. Acredito que se sentirá melhor — disse como se soubesse do meu desconforto. — Também lhe arrumarão algo mais confortável para vestir. E quanto a você, ancião, acredito que deva fazer o mesmo e descansar.

Nzinga saiu da casa, seguida pelos filhos de Jamal. Ficamos apenas Jarvis, Nelson, Nazaré e eu, nos entreolhando. Não ouvimos vozes, mas pela fresta de uma das cortinas vi que se reuniam ao centro da taba. As carcaças dos animais abatidos eram levadas pelas mulheres para outra oca. Após breves palavras silenciosas observei Nzinga, outra mulher de cabelos negros, Jamal e seus filhos, Solomon e José, seguirem para uma oca pintada em vermelho e coberta de símbolos concêntricos brancos. Meu conhecimento de arte africana dizia que aquela era a *sala do conselho*, um local sagrado, onde as

decisões são tomadas. Ali Nzinga diria se arriscaria sua paz e família para me esconder. Onde diabos eu estava com a cabeça quando concordei com tudo isso?

— Venha — chamou Jana. Sua voz tinha um quê de simpatia. — Vou levá-la ao rio — retirou um vestido de algodão, claro e com desenhos em vermelho, de dentro da arca trabalhada, junto com uma faixa trançada.

Sem opções para o momento, e sentindo o suor colar-se a mim como goma de seringueira, eu a segui. Nelson e Nazaré me lançaram um olhar de dúvida, mas eu acenei para que ficassem. Jarvis permaneceu sentado também. Jana me ajudou a atravessar uma passagem minúscula entre as árvores e, após alguns minutos nesse abaixa e levanta, a luz do sol me surpreendeu, de repente, quando alcançamos um braço do rio, com a água clara deixando entrever os bancos de areia submersos. Era refrescante e fria, mas não conseguia acalmar minha alma, agitada pelo peso da incerteza. Mergulhei várias vezes na esperança de aplacar os temores no leito arenoso. Quando retornamos, Nelson e Nazaré não estavam na oca. *Devem ter aproveitado a reunião para ficar a sós por algum tempo, enquanto isso fosse possível.* Jarvis dormia em uma rede, ressonando de leve. Eu tinha os músculos cansados e dormentes.

— Aproveite para descansar também — Jana ofereceu, com um sorriso. Ela era afável e me olhava com interesse e curiosidade. — O Conselho é demorado e você fez uma viagem longa — abriu uma rede e saiu.

Por que, nos últimos tempos, tinha sempre que haver um *conselho* para decidir algo sobre minha vida? Ou minha morte? Porém, estava cansada demais para discutir sobre isso, mesmo que fosse só em pensamentos. Arrastei meu corpo e afundei na rede macia de algodão, que cheirava a cravo e canela. O leve ondular produzia um efeito calmante e aos poucos meus olhos, que observavam o trançado do teto alto, se fechavam. Minha última lembrança, antes de adormecer, foi a do som ruidoso do ronco de Jarvis, do outro lado da oca.



— Aposto que chego antes de você, Nelson! — Nazaré estava num dos galhos altos da árvore ao lado, o rosto sorridente e a evidente provocação que deixava sua sobancelha direita levantada.

Todos esses detalhes eram familiares para mim, cada pequeno pedaço de reconhecimento dos jeitos e trejeitos dela. Não que eu não tivesse visto tudo isso antes, mas agora eles possuíam uma importância maior, e havia mais para descobrir. O desafio que ela me propôs era simples: quem chegasse primeiro no topo da castanheira de quase sessenta metros poderia pedir ao outro o que quisesse. E isso era, sem dúvida, *muito* interessante. Bom... eu achava que seria. Não queria que ela pensasse que eu era um abusado, imaturo e ansioso, mas, confesso, as ideias brotaram feito água. Porém, com Solomon por perto, não achava que seria uma boa dar margens para comentários, nem reclamações. Nem por isso consegui deixar de imaginar...

Decidi por um pedido simples, bem simples mesmo, quando chegasse lá em cima. O que, em minha arrogância masculina, parecia ser fácil, *coisa de homem*. Entretanto, no meio do caminho já percebia que minha masculinidade não contava pontos extras assim que observei a figura ágil e pequenina saltar galho sobre galho, quase sem mover as folhas, e subir feito um macaquinho matreiro pelo tronco grosso.

Tive que engolir em seco ao vê-la flutuar — essa era a palavra certa para me expressar —, aparentemente sem tocar com os dedos a casca saliente. E, para meu azar, acabei forçando demais o pé num galho coberto de musgo verde e limoso, que se partiu. Me desequilibrei e caí, estendendo a mão para um cipó, depois para outro, mais abaixo, dando um giro sobre meu eixo e voltando ao prumo. Mas era tarde demais para alcançá-la ou ganhar o desafio.

— Precisa de uma mãozinha?

De onde estava podia ver a figura esbelta sentada tranquilamente num galho grosso, suficiente para duas pessoas. Seus olhos verdes

eram divertidos. Com meu ego arranhado, aumentei a velocidade e cheguei até ela, agarrando-a pela cintura. Não tinha paciência alguma quando ficava assim, tão perto. Queria beijá-la, abraçá-la, sorvê-la como água que um desesperado procura no deserto, sabendo que essa seria sua única salvação. E, pela reação similar, a necessidade era recíproca. Por alguns longos minutos isso foi tudo o que aconteceu. Protegidos dos olhares curiosos, embora todos estivessem ocupados na tal reunião na cabana de cor vermelha, ficamos entretidos e embebidos. Pelo menos eu estava completamente embriagado. Ainda a beijava, com mais suavidade, quando ela desviou a boca pelo meu queixo, subindo os lábios até minha orelha.

— Está preparado para o meu pedido? — insinuou levemente, mas o suficiente para que minha cabeça começasse a se encher de sugestões. Todas constrangedoras para se dizer em voz alta.

— Acho que estou querendo uma revanche, isso sim! — retruquei, para provocá-la. — Afinal, eu fui prejudicado por um galho.

Ela riu com gosto.

— Admita: ia perder de qualquer jeito. Não ponha a culpa no galho. Tenho mais prática e experiência e você é pesado — seus dedos brincaram no meu antebraço.

— Tá me chamando de gordo? — olhei espantado.

— Não, seu bobo — o olhar que ela lançou para os meus braços e peito foi torturante. E excitante. — Estou dizendo que é forte, mas para certos assuntos não é só a força que conta.

— É. Deu pra perceber — falei meio azedo, mas ela não se importou e riu.

— Então, posso fazer meu pedido? — seus olhos verdes me cegaram e balancei a cabeça, concordando, enquanto ela se aninhava em mim.

Estávamos sentados há uns cinquenta metros de altura, num galho grosso, protegidos do sol. Ela se enroscava no meu colo, aconchegando-se, deixando seu calor misturar-se com o meu. Era uma coisa de louco! Envovi meus braços ao seu redor, beijando e acariciando os cabelos castanhos. Esperando. Ouvi seu suspiro baixo

e ela levantou um pouco a cabeça para me encarar. Sua respiração ia e vinha e a boca abria-se, decidida.

— Não quero que pense que estou fazendo isso por causa de uma aposta, nem usando-a como desculpa, acredite. Eu já tinha me decidido, há algum tempo; estava só esperando uma oportunidade como essa... — sussurrou, apontando para nós dois, sozinhos ali, passando os dedos pelo meu peito. Quase infartei. — Queria ter certeza de que ninguém iria nos interromper...

Eu estava consciente demais do corpo dela junto ao meu e minha cabeça se encheu de ideias, *outra vez*. Me animei involuntariamente por antecipação. Os olhos de Nazaré brilharam, uma expressão curiosa de proteção misturada com carinho, e os dedos se fecharam ao redor dos meus pulsos, pressionando-os de uma forma que me acendeu. Bastava uma palavra, só uma, e eu não responderia mais por mim... *Ah, Nazaré...*

— Eu quero... — ela começou, encarando-me nos olhos de forma penetrante — saber por que você foi para o Mato Grosso do Sul? Por que deixou São Paulo, sua avó, foi até Aquidauana procurando por alguma coisa que não estava lá, mas em outro lugar? — um banho de água fria jorrou sobre mim, e por reflexo afastei meu rosto. Como as mulheres conseguiam fazer isso com a gente apenas com poucas palavras?— Eu... não quero pressioná-lo a falar sobre esse assunto — pela primeira vez ela hesitava e a olhei novamente —, só que isso o incomoda, eu sei! Mesmo que pareça estar feliz, comigo e com os outros, mesmo sabendo agora o que é e o que vai ser sempre, tem alguma parte de você que ainda não se resolveu. Eu vejo isso o tempo todo no seu olhar — sua mão acaricou meus cabelos. — Se não quiser falar, tudo bem, vou entender. Mas... — mordeu a ponta do lábio — gostaria de poder ajudar. Eu quero isso...

Como alguém, em seu juízo perfeito, poderia negar algo a uma mulher como ela? Resistir à tentação de afundar naquele mar esmeralda dos seus olhos, e que o convidavam a dar um mergulho inocente? Ou mesmo argumentar contra tal pedido, feito daquela forma? E que relacionamento eu pretendia oferecer, que tipo de homem seria diante dela, se não desse uma prova do quanto a amava? Se não confiasse nela, como pediu que fizesse agora? Sem

hesitação, minha mão foi até o bolso da calça. Depois colocaram na dela a fotografia *polaroid*, com as cores já meio esmaecidas. Nazaré pegou a foto com cuidado, olhando longamente para a imagem da mulher. Virou-a e leu a inscrição. Então olhou diretamente para mim, analisando meu rosto com cuidado. Podia ver o exame metucioso dos cabelos, dos traços, dos olhos, tudo. Eu era revisto agora sob uma nova ótica. Quando concluiu seu exame, não havia nenhuma dúvida. Apenas muita surpresa nos crescentes olhos verdes.

— Essa mulher é sua mãe! — a voz era baixa, fina. — Você... conheceu sua mãe? — uma dor antiga espremeu as palavras. — Sabei de São Paulo para procurá-la? Ela... está viva? — todo o corpo tremia, de angústia e tristeza.

Abracei-a com mais força, não suportando ver a tortura que se instalou naqueles olhos, desejando afastar dela qualquer sofrimento. Sabia o que estaria pensando, na maldição que acompanha o nosso nascimento, na ausência de tudo: pai, mãe, família. Nazaré e eu tivemos sorte. Eu, por ter minha avó Bibi, e ela por ter sido encontrada por Shiloh e Solomon. Se não fosse assim, que tipo de criaturas seríamos hoje?

— Não, ela não está viva — afirmei, querendo confortá-la, mesmo que o bolo na minha garganta custasse a descer. — Eu não a conheci. Morreu quando nasci, para que eu vivesse...

Os primeiros pingos da chuva se insinuaram por entre as folhagens. A copa era uma boa proteção e não nos atingiram. Durante a próxima hora minha boca soltou toda a história, assim como as nuvens despejavam toda a água acumulada e que exercia pressão insuportável. Não poderia ser diferente. A chuva passou, deixando a atmosfera leve, úmida e colorida. Apenas gotículas respingavam nos cipós mais baixos, deslizando suaves e atirando-se a uma queda livre gigantesca. Minha história também havia acabado e deixava ecos, como gotas, que despencavam de dentro para fora de mim. E cada uma delas era absorvida por Nazaré. No final, restou apenas o silêncio. Não o silêncio incômodo e pesado da vergonha, culpa ou remorso, mas o silêncio que o vazio desse tipo de vida costuma deixar. Eu havia aprendido isso.

Nazaré voltou seu olhar para a foto, mais uma vez. Parecia não se cansar de comparar os traços de minha mãe com os meus. Agora, porém, podia vê-la se concentrando nas *diferenças*, aquelas das quais eu me valia para encontrar o que procurava.

— Seu pai deve ter pele branca, com certeza — o exame continuava. — Seu nariz também é diferente, menos achatado, mais fino. E você é bem mais alto que sua mãe. Tudo isso deve ter vindo dele — franziu a testa. — Só que... não consigo entender: por que ela marcou a cachoeira em Aquidauna? Se sua mãe encontrou seu pai no Mato Grosso do Sul, quem poderia ser? Estava na nossa região, teríamos percebido algo diferente — seus olhos estavam perdidos no passado, buscando fatos relevantes na memória. — Muitos grupos de candomblé e umbanda vão até as cachoeiras para celebrar seus ritos. Os sons são altos para nós. Seria impossível não notarmos algo tão anormal, um vampiro desgarrado, próximo, que tivesse tido tempo suficiente para... — fechou a boca. — Como ele pôde fazer isso e não deixar pistas?

— Mas ele deixou. Estão na caixa da qual falei, lembra? Ela está no meio das minhas coisas na mochila. O pedaço de camisa, o bilhete e um desenho — suspirei. — Ela queria que eu soubesse, por algum motivo, quem ele era, por isso guardou todas essas coisas. E por isso deixei tudo pra trás. Sinto que só vou ter todas as partes de mim completas quando encontrar esse miserável! Quando olhar para os seus olhos e perguntar: *por quê? O que ganhou fazendo isso com ela?* Diversão? Sangue? *Disso* ele não vai se safar, porque vou achá-lo... prometi que vou — falei com raiva.

Nazaré me fitou, preocupada. Meu tom deve tê-la incomodado, pois os olhos ficaram cautelosos e seu coração bateu forte, tenso e angustiada.

— Nelson... Sei que está com raiva, mas deve pensar melhor — sua mão cobriu a minha, que havia se fechado em punho. — Não estou dizendo que o seu... pai... — ela engasgou a palavra ao notar a expressão dura em meu rosto — não tenha culpa. Se ele conhecia as leis, se era um vampiro do Acordo da Ordem, então agiu conscientemente, sabendo o que poderia acontecer. Isso foi errado. Mas... o bilhete que me falou... *Devemos aceitar o que é impossível*

deixar de acontecer... — repetiu as palavras no mesmo tom que usei —, e o que aconteceu depois... Como ela lutou para fazê-lo nascer... Isso é o que me deixa pensativa, procurando outra resposta que não seja apenas essa em que acredita... Já imaginou que talvez sua mãe tivesse... desejado isso? Que ela... amasse seu pai? — meu olhar se abriu em surpresa. — E por isso se entregou, mesmo correndo riscos? Afinal, ela era uma iniciada, como sua avó, não se deixaria enganar. Devia saber sobre nossas lendas e as consequências de se envolver com um vampiro. É uma hipótese...

Por mais que eu lutasse para não ser rude ou ficar nervoso, a explicação de Nazaré me sufocou. Algo como um gemido, uma ferida aberta que pulsava e latejava, assumiu o comando do meu tom naquele momento.

— Está querendo dizer que minha mãe *aceitou* isso? *Quis* isso? Que não foi obrigada? Nazaré, ela morreu! — a inflexão que coloquei na frase me deu náuseas. — Sangrou até a morte! Não posso acreditar que uma mulher fosse querer isso! Não posso aceitar que esse... desgraçado... — eu me recusava a chamá-lo de pai — não a tenha obrigado. Solomon me contou sobre os poderes da hipnose, como é fácil controlar uma pessoa. Mesmo que minha mãe fosse forte, quem garante o quanto poderia resistir? — a cena que imaginei fazia minha cabeça latejar de ódio. — E se ele fosse tão *bem-intencionado*, como você supõe, por que não ficou com ela? Por que a abandonou à própria sorte? Por que a deixou morrer, sozinha, carregando um fardo!? — abaixei a cabeça, em desespero, as lágrimas doendo e pingando. — Não, não posso aceitar! *Eu não acredito nisso!*

Nazaré não falou mais nada, apenas aconchegou minha cabeça em seu colo, abraçando meu corpo e acariciando os cabelos. Abracei-a também, subitamente feliz por saber que não poderia causar-lhe o mesmo mal, que embora nunca pudéssemos ter filhos não haveria riscos de vê-la morrer por um deles, sendo eu o único culpado. Cabendo a mim todo o sofrimento e remorso pela eternidade. *Sim, eu era diferente dele. Nunca abandonaria a mulher que amasse, mesmo que tivesse que sofrer com ela até o final.* Não era feito o monstro que tirou a vida inocente da minha mãe como se

ela nada valesse, um animal sedento de desejo e luxúria. Eu era um homem! Mesmo meio-vampiro, ainda sim, um homem, e lutaria todos os dias se fosse necessário para provar essa verdade, ser digno do amor de Nazaré e do respeito de todos. Lutei em São Paulo, não me deixei levar pelo instinto. Não causaria dor a ninguém.

Não sei quanto tempo ficamos ali, daquele jeito. Só percebi a chuva voltar a cair pesada e barulhenta. Os galhos faziam sons de sinos aos meus ouvidos, cada gota um tom a mais nessa sinfonia. Levantei a cabeça devagar e olhei para o rosto da mulher que amava. Desejei, mais que tudo naquele momento, que a chuva nos separasse do resto do mundo, que pudéssemos ser apenas nós dois seguindo por um caminho que não levaria a nenhuma armadilha, a nenhuma luta. A nenhuma guerra. Sua expressão era indecifrável, mistura de carinho, desejo, preocupação, amizade, proteção. E muito mais que eu não conseguiria nomear.

— Nazaré... — chamei baixinho. As palavras *eu te amo* vieram até minha boca, que tremia e buscava o ar.

Mas ela não me deixou dizê-las. Com fúria e pressa, talvez movida pela dor e o calor do que aconteceu, beijou meus lábios, apertou-se a eles como se precisasse disso para respirar. E viver! Eu respondi com a mesma urgência, a necessidade dominando o corpo e a alma. O medo de perder o que me era mais caro falava alto e não tive nenhuma inibição, nem pudor, nem receio de ser rejeitado por ela, seja lá o que fizesse. E nem precisei ter. Se, antes, o controle era a palavra que me motivava, agora era o abandono que ditava as regras. Para mim e para ela. E foi esse abandono que nos fez ficar lá, envolvidos pela floresta; que a fez puxar minha camiseta pela cabeça e me impeliu a desatar delicadamente os laços do seu vestido, sentindo os pingos de chuva que escapavam das folhas e vinham beijar nossa pele livre. O tempo agora transcorria lento, delicado e perfumado pelo cheiro dela. E mesmo sem ter ganhado a corrida das árvores, eu me sentia um vitorioso nos braços de Nazaré. Meu pedido havia se realizado...

Ravena – Itália – outono

A área de isolamento havia sido devidamente projetada antes mesmo que qualquer um dos espécimes viesse para cá. A letra Q marcava a porta da entrada principal, por onde passei. A parte interna ocupava quase todo o subsolo da mansão, com paredes de titânio maciço, à prova de som, chapas grossas testadas milhares de vezes durante o percurso de quase dois anos. Alarmes, disparadores de gás paralisante, câmeras infravermelhas e um suprimento de projéteis de aniquilação estavam posicionados para evitar qualquer surpresa. Protegido do outro lado pelos vidros blindados, eu observava a cena abaixo de mim. Sensores auditivos hipersensíveis estavam acoplados aos ouvidos dos espécimes, semelhantes a grandes aparelhos auriculares, cujas luzes piscavam em diferentes ritmos e cores de acordo com o que eram treinados a fazer. Ondas sonoras variavam de alta até baixa frequência, testadas e monitoradas nesse momento. Vi um dos espécimes se contorcer, jogado ao solo, quando o técnico, devidamente trajado, utilizou uma das frequências para indicar seu descontentamento em relação à postura de ataque e a sua falta de obediência na lição. Estavam em treinamento, aprendendo quem mandava ali.

Ele gritou, levando as mãos aos ouvidos. O som era forte o suficiente para estourar os tímpanos de, pelo menos, cem humanos a poucos metros de distância, mas não ultrapassariam aquelas paredes, nem incomodariam os outros que eram adestrados também. Para cada um deles fora aberto um canal diferente, somente *uma* frequência para treinos. Quando estivessem prontos, reconheceriam os sinais e os obedeceriam cegamente. Mas levaria algum tempo ainda, embora o que tenha visto me deixasse satisfeito. O projeto *Quimera* caminhava bem. Deixei o subsolo, tomando o elevador, e voltei para o conforto das paredes sólidas de pedras do século doze. Havia relatórios em meu servidor pessoal. Vários. Um deles apontava as dificuldades que Lúcio, Megister do norte, enfrentava com os clãs e também com a misteriosa onda de desaparecimentos de humanos. Sorri. Isso podia esperar. Outro dava conta sobre uma viagem do Megister Kennedy. Ele havia estado na América Latina e relatava casos de ataques de nômades. Não houve grande publicidade nos

países afetados, mas Alma e seu clã estavam furiosos. Embora esse tipo de ocorrência na América Latina não fosse de meu prévio conhecimento — o que fez uma pequena ruga surgir em minha testa —, também poderia esperar por uma análise posterior. Entretanto, um deles tinha urgência em ser resolvido.

— Collin — chamei pelo interfone —, venha até aqui e traga o chefe das pesquisas da *Quimera* — peguei o uísque enquanto esperava.

Dois minutos se passaram e Collin entrou, ajeitando a gravata. Parecia sempre ajeitar alguma coisa. Bartolomeu veio com ele. Não os mandei sentar, apenas apontei o dedo para o relatório em meu *notebook* e entrelacei as mãos sobre a mesa.

— O que quer dizer com isso? Como assim não há previsão de novos procedimentos práticos do *Quimera*? — olhei diretamente para Bartolomeu. Aquilo ia contra todas as provas que testemunhei no subsolo.

Bartolomeu era um homem alto, de temperamento fechado. Usava um longo jaleco azul, nas mãos um *tablet*. Colocou-o sobre minha mesa, digitando e apontando para os gráficos ali relacionados.

— Bem, senhor. Devido à atual condição de estabilidade morfológica de nossa fonte, que se mantém inalterada na forma lupina — ele pigarreou —, não há como datar, de maneira segura, uma nova produção do *Quimera*, seja a curto, médio ou longo prazo. Todas as nossas expectativas diminuem a cada dia — mostrou algumas imagens de simulações de cadeias de ácidos nucleicos. — Nossa fonte tem resistido a todas as tentativas de provocar sua transformação: choques, ultrafrequência, privação de sentidos e de alimento. E, dadas as circunstâncias, pelo que sabemos sobre a criatura dos relatórios seculares nos arquivos, dentro em pouco não haverá mais possibilidades de alteração morfológica da transmorfo. Não teremos como coletar material orgânico primário. Embora o resultado da pesquisa tenha sido um sucesso comprovado nos estágios iniciais, nós...

— Doutor — falei lentamente, mas irritado —, o senhor chama de sucesso comprovado a perda de 70% dos espécimes em estágio evolutivo, após todo investimento em pesquisa e produção? Que

menos de um terço deles tenha sobrevivido, chegado à decantação? — meus dedos bateram na tela do *note*. — Ano passado tínhamos uma estimativa em números, que não se cumpriu! E agora vem me dizer que, uma vez que já estabeleceu os protocolos da experiência, não há mais possibilidades de continuar o projeto? — meu tom era muito pouco amigável a essa altura. — É isso o que quer me dizer?

Bartolomeu pigarreou mais alto. Collin permanecia ao lado, quieto e soturno, sem coragem para dizer nada.

— Senhor, sei que pode parecer pessimista e antiprofissional de minha parte, mas é a realidade com que estamos convivendo. Mesmo tendo à disposição amostras de sangue e tecidos, não podemos colher gametas da transmorfo, não nas condições atuais dela — sua voz era um fiasco, mas ele procurava a razão em sua alegação. — Sem os gametas, não há como reativar o processo de geração. Tentamos utilizar o núcleo somático das células dos tecidos da transmorfo, mas os embriões resultantes da combinação se mostraram instáveis, rejeitando a mutação; por isso a grande perda de espécimes durante os estágios evolutivos. Dos que vingaram, 100% são provenientes dos gametas colhidos quando a transmorfo foi trazida para cá. Essa fonte não está mais disponível e em breve se extinguirá. Se não encontrarmos uma nova, o *Quimera* estará fadado a se tornar um projeto teórico-científico, de resultados comprovados, mas sem aplicabilidade por falta de recursos materiais apropriados...

— Então, nesse caso — interrompi sua explicação, impaciente —, sugiro que encontre novas maneira de utilizar a fonte disponível, e logo — intensifiquei a frase, propositalmente. — Não há possibilidades aparentes de conseguirmos uma nova, mesmo com todos os grupos de busca procurando por essas criaturas, e muito dinheiro e tempo foram gastos nesse projeto para que eu admita falhas ou interrupções, de qualquer tipo — empurrei o *tablet* com um gesto áspero. — Use o que for necessário: drogas, hormônios, formas mais diretas de *persuasão*, tudo! Mas não quero ver outro relatório como esse em hipótese alguma — o pomo de adão de Bartolomeu subiu e desceu. — Pode ir.

Ele saiu rápido, secando o suor da testa com as costas da mão. A porta fechou-se sem ruído. Virei-me para Collin.

— Alguma novidade? — perguntei à queima-roupa.

— Não, senhor, nada ainda — ele falava rápido. — Aparentemente todos saíram do Mato Grosso do Sul. Não há sinal de Solomon e sua família, nem o Asanbosan Jamal voltou para a África. Também não houve reclamações formais de Solomon sobre a empreitada de Enzo.

Imaginei que seria assim. Minha segunda suspeita se confirmou: eles a estavam escondendo, em algum lugar. E eu precisava descobrir, fazê-la deixar a toca. Era uma corrida contra o tempo.

— Alguma notícia dos Fevré? — esse era outro assunto importante.

— Não, senhor. Ainda estão no norte, com os clãs nórdicos, mas não tivemos mais sinais de atividades deles na região depois da última notificação repassada — Collin completava com informações tão inúteis quanto ele.

Eu sabia sobre o ocorrido, desde a fúria de Selenia pela morte das irmãs até a raiva de Amos pelo ataque do amante vampiro de Laura. Haveria muito contato a ser estabelecido, muito que conversar e reformular. Ambos os clãs puros eram vitais em meus planos. Porém, o mais urgente agora era estabelecer a rota dos Fevré. Qualquer coisa referente a eles poderia indicar a localização de Laura.

— Quero que fique de olho neles, mantenha-me informado — abaixei os olhos para os outros relatórios, teria tempo para eles agora.

Mas, contrariando o que eu esperava, Collin não se moveu. Ergui os olhos e lá estava o rosto pálido e magro, me fitando.

— Há mais alguma coisa, Collin?

— Bem, senhor... Há uma coisa sim — dizia devagar. Não era uma característica dele e isso me alertou. — Não é uma informação concreta, mas...

— Mas o quê? — pressionei.

— É apenas um boato, não há nada confirmado... — ele hesitou, mas falou por fim. — Alguns clãs comentam, especialmente nos países baixos e na África, onde pude averiguar essa informação, que

vampiros nômades estão atacando, procurando por uma misteriosa *cura* para o vampirismo — e calou-se.

E eu junto com ele. Estava surpreso, verdadeiramente. Chocado poderia ser uma expressão que usaria para meu estado. Uma *cura*, ele disse? Para o estado de vampiro? Se isso era verdade, então... *Merda!* Como isso pôde ter vazado? De onde apareceu esse boato?

— Quando isso começou? — eu quase berrava nos ouvidos do rapaz parado à minha frente. — Eu preciso saber! — espalmei a mão sobre a mesa.

Collin encolheu-se, ajeitou nervosamente a gravata e continuou, vacilante.

— Não há uma origem certa — ele admitiu, abrindo os braços. — Como disse, é um *boato*. Uma história que circula em meio a grupos de vampiros nômades e clãs estabelecidos. Procurei por informações com os Megisters, mas apenas Kenan confirmou essa história até o momento. O Megister africano disse que as tribos estão agitadas por causa de ataques misteriosos realizados contra sacerdotes e xamãs — Collin ressaltou.

— Disse que essa história está circulando nos países baixos? O que Yacov tem a dizer? — seria impossível que o velho holandês não estivesse a par da situação.

— Que iria procurar por respostas. Kennedy lhe enviou um relatório, senhor, onde diz acreditar que os problemas relatados pelo clã de Alma, no México, sejam da mesma origem. Houve ataques às comunidades e locais sagrados da região dos Chiapas, mas, antes que ela e seu bando pudessem fazer algo, os nômades sumiram, sem deixar vestígios. Apenas um rastro que parecia seguir para a América do Sul. Mas, como disse ao senhor, ainda é uma especulação.

Uma especulação que não deveria estar ocorrendo! O corpo tremeu de raiva. Só havia uma explicação para essa busca desenfreada: a história de Laura vazou, e essas seriam as possíveis consequências em meio à comunidade dos vampiros. Os cegos idiotas só enxergariam essa possibilidade: a cura. Não veriam o que estava oculto além do óbvio, algo muito mais precioso. E eu não podia deixar que sequer suspeitassem dessa possibilidade.

— Collin, contate todos os Megisters imediatamente — ordenei. — Quero uma reunião de emergência: mudem suas agendas, façam o que for necessário, mas eu os quero aqui, dentro de poucos dias. Que tragam todas as informações que dispuserem sobre esse misterioso *boato* — acrescentei. — Não preciso dizer que você deve conduzir uma severa investigação sobre as origens disso. De onde partiu a informação, avaliação da situação até o momento, tudo! Detalhadamente.

Fiquei imerso nesse pensamento depois de Collin ter deixado a sala. *Como isso pôde acontecer?* A pergunta queimava mais do que o uísque. Com exceção de mim e dos Fevré, claro, quem mais poderia saber? David? Ele não abriria a boca, disso eu tinha certeza. Nem mesmo na reunião ele irá se manifestar. Eu precisava das informações vindas dos outros, mostrar que estava a par dos problemas nos territórios e que pretendia agir como compete a minha posição. Então, quem poderia soltar essa informação? De que maneira ela foi veiculada para que todos acreditassem em uma fonte de cura? E como eu poderia silenciar esses boatos até que a hora apropriada chegasse? Uma coisa era os mestiços da Ordem procurarem por Laura, eles me obedeceriam cegamente, mas ter todos os vampiros selvagens e desgarrados do mundo atrás dela... — e mesmo alguns que possam pertencer ao Acordo, insatisfeitos com sua condição —... Isso fugiria ao meu controle.

Tolos, idiotas! Não saberiam o que seria necessário para obter tal privilégio! Tamanha dádiva! Nenhum deles fazia ideia. Provavelmente iriam estraçalhar sua carne, deixar o sangue dela fluir achando que apenas isso resolveria o problema, como mágica. Desperdício, puro desperdício movido pela ignorância. Eu não poderia permitir. Entretanto, mobilizar um novo grupo de mestiços atrairia demais a atenção, depois do fracasso de Enzo. Teria que usar minhas alternativas agora.

Ela atendeu no primeiro toque do celular.

— *Sim?* — a voz era sensual e inebriante do outro lado.

—Traga seu grupo essa noite, Maia — falei, lutando contra a faísca que sempre se acendia em meu corpo quando a ouvia. Agora não era o momento para isso.

— *Problemas?* — ela quis saber. O grupo de Maia estava reservado para casos importantes, como esse.

— Hoje à noite, sem falta — retruquei. — Os detalhes virão depois — e desliguei.

O telefone privativo em minha mesa tocou. Olhei para o número no identificador e sorri. Sabia que viriam a mim, mais cedo ou mais tarde.

— Como vai, Sarmiento? — acentuei o tom de surpresa, que não sentia.

Do outro lado a voz era segura e precisa.

— *Avelar. Acho que precisamos conversar...*



Quando abri o ferrolho da porta de ferro e entrei no aposento, todos estavam lá. Os olhos vermelhos brilhantes e ferozes. Alguns eu já conhecia, mas outros apresentavam suas novas faces modeladas por suas criadoras, a quem deviam obediência, e que se sentavam tranquilamente nos assentos da sala. Os olhos devoradores de Maia e Heather, envoltos pelos cabelos loiro e negro, fitavam-me ardentemente. Desviei-me da tentação que sempre me causavam e encarei o grupo heterogêneo. A sensação de poder que me percorria vinha do fato de que, apesar de sua força, estavam sob meu comando. Era inebriante. E hoje, mais do que antes, colocaria isso a prova.

— Boa noite — comecei sem pressa, olhando para os neófitos. — Suas mestras já devem ter lhes falado sobre mim, então as apresentações são desnecessárias. Vamos direto ao assunto: tenho uma missão importante para vocês. Acredito que as recompensas valerão todos os esforços desempenhados... — mirei seus rostos pálidos.

Durou pouco mais de uma hora, todos em silêncio absoluto. Ao final, podia ver o olhar contrariado de Maia fulgurar em meu rosto, enquanto Heather apenas observava as reações do grupo.

— Sabem o que fazer — completei, sem me importar com os possíveis protestos dela, isso eu resolveria mais tarde. — Cada um decidirá o seu prêmio quando a hora chegar, o que desejarem lhes será oferecido, sem discussões. Dou minha palavra — apontei com o dedo para a mesa. — Entretanto, a minha condição é clara: tragam a mulher viva!

Os pares de olhos cintilaram, cada qual absorvendo o significado em níveis diferentes de intensidade. Saboreando devagar o que lhes foi oferecido. Acenei, dispensando-os:

— Quanto antes retornarem, mais depressa receberão a recompensa.

Ainda em silêncio, olharam para Maia e Heather. Uma inclinação natural para suas criadoras, pedindo autorização. Heather acenou com a cabeça. Maia estava relutante. O ciúme nublava sua mente e saboreei a irracionalidade que toldava a bela súcubo loira, tornando-a mais ardente aos meus olhos. Perigosa, com raiva e enciumada, com certeza seria soberba hoje em meu quarto. Meu corpo quase não podia conter a expectativa. O gesto dela poderia ter qualquer significado, mas a voz que o acompanhou não deixou dúvidas.

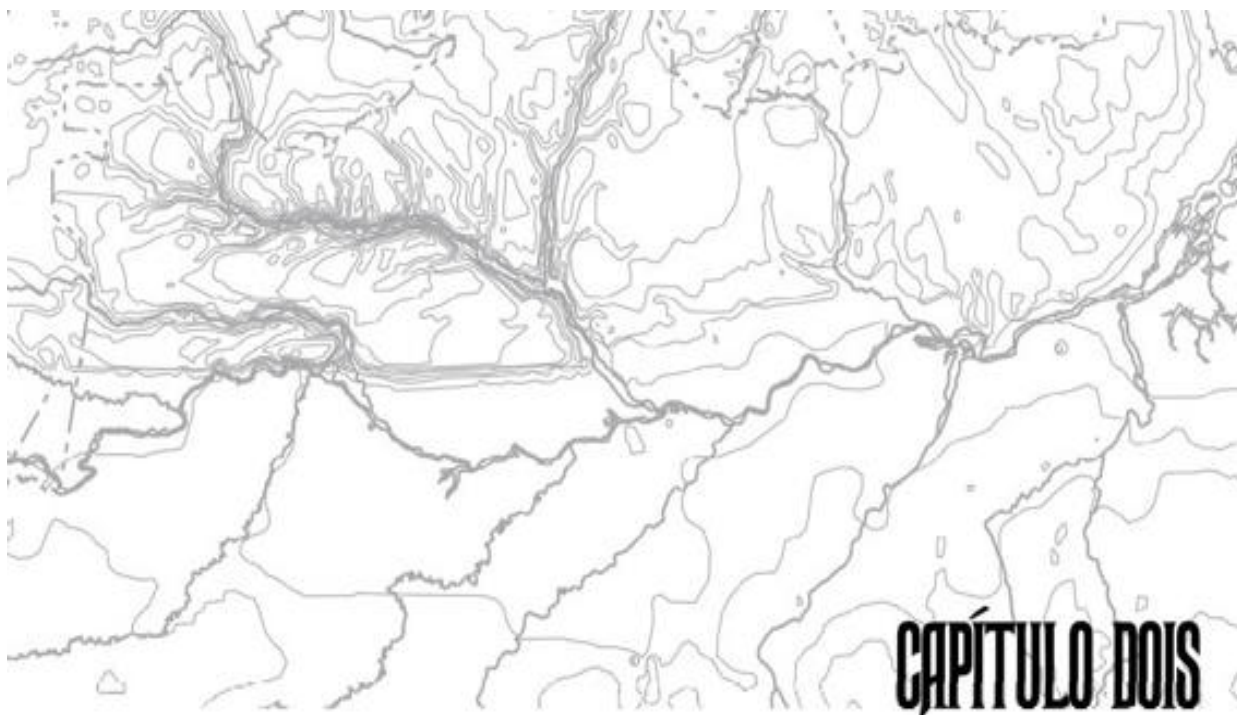
— Ouviram o que ele disse. Devem ao mestre todos os privilégios que têm — olhou para um rapaz loiro, mais alto que os outros. — Romano ficará no comando, obedeçam a ele como se estivessem se reportando a Heather ou a mim — dispensou-os, impaciente.

Eles se foram, sem perturbar a quietude do ambiente. Heather me olhava, esperando. Eu sabia o que...

— Você fez um excelente trabalho no norte, em Kuhmo — elogiei-a. — E a informação que nos trouxe será valiosa. O cientista-chefe do projeto Lázarus terá muito que repensar sobre a questão dos puros e da nova arma — acariciei sua bochecha fria. — Em breve, quando não houver tantos riscos envolvidos, poderá ter sua pequena humana favorita de volta, para brincar à vontade com ela pelo tempo que desejar... ou que ela aguentar... — a menção a Kate fez a língua de Heather umedecer os lábios pelo desejo. Súcubos se apegavam a seus *brinquedinhos*, e ela não era uma exceção. — A garota ainda poderá nos ser muito útil no futuro, e não vamos deixar que aconteça algo de ruim com ela de novo, não é? Agora, se quiser caçar, fique à

vontade. Mas volte depois — assegurei o interesse em tê-la em minha cama, apertando um de seus seios firmes.

Olhou para Maia por um instante, depois sumiu. Virei-me para ela, sentindo a vibração. Tudo nela emanava descontentamento, possessão, ciúme. Exatamente do jeito que sempre gostei.



Livro Seis – Capítulo Dois

Brasil – Floresta Amazônica – início de verão

Quando será que tudo isso vai acabar? Minha voz era cansada, mais do que gostaria de demonstrar, não só pelo calor. Os dias passavam e não traziam uma solução, apontavam alguma direção. Era uma situação que estava se tornando insuportável para mim.

— Essas reuniões são demoradas, *Beladonna* — Jarvis explicava, observando suas anotações no caderno de couro. Havia trabalhado muito nele. — Existem várias etapas que precisam ser seguidas, nos moldes tradicionais. Rituais, apresentações, provas de amizade e paz. Ambas as partes têm que expor seus argumentos, reivindicações, provar teorias e constatar os fatos — exibiu um sorriso condescendente. — Vi reuniões tribais que demoraram bem mais que as duas semanas que aqui estamos. E outras duram até alguns meses, dependendo da gravidade da situação.

— Meses? — olhei aturdida. Nazaré me fitava por trás da franja da rede que dividia com Nelson.

— Sim — Jarvis respondia tranquilamente. — Precisa entender, Laura, que esse é um evento cerimonial e político, com regras próprias. São duas famílias: a de Salah, representada por Solomon, e a dos Asanbosans, representada por Jamal, que se encontram na posição de suplicantes. Estão fazendo uma solicitação à família de Nzinga e ela deve ser debatida pelos membros influentes e hierárquicos. Por isso o entra e sai frenético que vemos. Não é um simples acordo o que se está buscando, mas um compromisso de honra e lealdade, que não se vê mais nas sociedades modernas influenciadas por interesses financeiros e diversos. O que for decidido naquela casa sagrada terá o poder de criar laços e gerar consequências. Envolve crenças e obrigações, votos que não poderão ser quebrados, pois os vínculos forjados serão fortes. E, no caso deles, eternos ao pé da letra. Será perpétuo.

Peguei a água de um pote de cerâmica e bebi com a garganta aos pulos, lutando contra a respiração tensa. Molhei a mão e passei sobre a testa. Nada parecia trazer conforto aparente.

— Laura, não quer ir até o rio? — Nazaré perguntava, enquanto Nelson parecia agitado com meu estado. — Você está muito vermelha. Eu a acompanho. Um banho faria bem — pulava da rede, pegando uma mochila.

— Não acredito que essa seja a solução para o meu mal-estar, Nazaré — tentei fazê-la desistir da ideia. Não fazia diferença tomar um banho ou mil, o calor vinha de dentro e não de fora. E um súbito pânico me fez suar ainda mais.

— Mas ficar parada, esperando, também não vai ajudar — pegou minha mão. — Vamos — virou-se para Nelson, dando-lhe um beijo. — Volto logo — seu tom era de uma promessa inquebrável.

No braço de rio flutuei, rearranjando os pensamentos e procurando conter a tensão e o martelar do coração. Quando me endireitei, Nazaré secava-se na margem com uma toalha. Nenhuma de nós falou muito no caminho ou aqui. Tínhamos coisas demais na cabeça. Segui os mesmos passos dela, enrolando-me numa toalha e secando os cabelos com outra. Apesar da água fresca do rio, sentia falta de um

bom chuveiro, às vezes; embora as comodidades da vida civilizada perdessem importância quando ficava devaneando, como agora, tendo apenas o movimento monótono, ritmado e rotineiro da correnteza ao meu redor.

Depois do misterioso sonho que tive na voadeira — que, aliás, eu tinha certeza de que não havia sido um sonho —, nada mais me deixou tão próxima dos Fevré. *Ou de Robert*. Uma espécie de porta tinha se fechado, me impedindo de olhar do outro lado. Tudo o que aparecia agora em meus sonhos, seja de noite ou de dia, eram imagens desconexas ou previsíveis. Lembranças do passado que voltavam para me atormentar, dizer que nada mais me pertencia, que tudo havia sido passageiro e não teria outra chance de ser feliz. E então acordava, invariavelmente com lágrimas nos olhos, buscando devagar pelo ar, sem querer incomodar os que dormiam seu sono tranquilo.

Numa dessas ocasiões, tive que deixar a oca, em plena madrugada. Sufocava de tal forma que ansiei pelo espaço livre. A escuridão era total, ninguém ali precisaria de lanternas ou outra fonte de luz. Eu me lembrava de como era a visão noturna perfeita dos vampiros, a família de Nzinga não era uma exceção. Não havia movimento aparente, apenas os sons de galhos que se partiam devagar e caíam ao solo, grilos e sapos. Vagalumes piscavam um bailado de magia. Minha respiração misturava-se à da floresta. Eu não tinha certeza se todos estariam por lá ou se aproveitaram a noite para caçar. Desde que o Conselho se iniciara, às vezes passavam dias e noites dentro da casa vermelha. Quase não conseguia conversar com Solomon e não via mais Jamal ou seus filhos. José era o único que deixava a casa com frequência, mas suas informações eram incompletas.

— Já contamos todas as histórias, Laura — disse-me numa manhã. — Nzinga e as anciãs do clã estão cientes dos fatos — e retornou para a oca, logo depois.

E só. Um segredo era discutido apenas entre eles. Envolvia a mim, sem dúvida, mas eu não tinha acesso. Era ridículo. Mais de uma vez ao caminhar à noite, como naquele dia, pensava em me embrenhar na mata e seguir para qualquer caminho. Poderia disfarçar meu cheiro,

camuflá-lo, impedindo-os de me achar com facilidade. Mas não poderia saltar como uma onça nem correr como um vampiro. A distância que percorreria na mata fechada era irrisória e seria constrangedor me ver cercada pelos olhares dos clãs e ser levada de volta. Em outras circunstâncias isso seria fácil de resolver, afinal, não fiquei mais de um ano sem ser encontrada? Eu poderia me esconder com recursos próprios, mas precisava convencer os outros disso. Principalmente Solomon. Ele era o mais relutante em me deixar seguir caminho, fosse ele qual fosse. Quase me sentia como uma prisioneira, vigiada a cada passo, mesmo Solomon sendo um amigo preocupado com minha vida, o que me fazia sentir vergonha desse tipo de pensamento inoportuno.

Naquela noite, tive a sensação de que caminhei pouco mais de dez passos quando um formigamento familiar preencheu minha espinha. Girei o corpo, rápido, procurando sua origem, já arrependida de ter saído da oca sem minha mochila, onde estavam as armas. Todo meu corpo assumiu uma postura de ataque, involuntária após tanto tempo, mas que seria inútil sem, pelo menos, uma das adagas. Somente o silêncio me rodeava. Entretanto, *havia alguma coisa* ali. Meus instintos me diziam, seriamente, e me apeguei a eles, sem duvidar. O suor escorria em gotas fortes e diminuí os batimentos do coração, na esperança de poder me camuflar. O cheiro do meu novo odor chegou forte, intenso, e com ele uma surpresa que fez meu coração gelar. A escuridão, até então imóvel, ganhava contornos a minha volta. Vislumbres de formas movimentavam-se entre as árvores, subitamente visíveis diante dos meus olhos, deslizando com fluidez e graça. Eram borrões, tênues como fantasmas, espectros de uma noite assustadora. Mas estavam lá, eu tinha certeza disso.

E olhavam... para mim!

Não relaxei a postura. As formas me cercavam, surgindo descoladas da escuridão, como partes de suas sombras. Não conseguia definir as feições, cobertas por grandes capuzes cinzas. Elas não tocavam o chão, ondulavam levemente suspensas a centímetros do solo. Pairavam, parecendo não pertencer ao mesmo lugar que eu, como se estivessem aqui e, ao mesmo tempo, não, ocupando todos os espaços e nenhum. E emanavam calor, mais até

do que eu. A sensação de medo foi inevitável. *Será que estou sonhando? Achei que saí da cabana, mas na verdade ainda estou lá, dormindo profundamente, e vendo formas que não existem olharem para mim? Reflexos de uma mente cansada e exausta?* Quase acreditei na verdade desses pensamentos quando outra mudança me fez rever esse conceito. As formas subitamente se elevaram, ficando acima de mim. Pude ver pés humanos sob os mantos e mãos que se moviam com as dobras do tecido, contorcendo-se para cima com esse movimento antigravitacional. Havia tons variados de pele, do claro ao escuro. Eram cinco figuras, menos do que achei que fossem a princípio, pois criavam a ilusão de se multiplicarem, aumentarem e diminuir em no espaço.

Uma delas, entretanto, continuou no mesmo nível. E mais: abaixou-se e ficou de frente para mim. Pude perceber uma consciência que me analisava detalhadamente por trás do capuz, olhos que brilhavam com uma vida muito maior do que eu havia visto em qualquer outro ser, mesmo nos vampiros mais velhos, como Jamal e Solomon. Era como observar a própria vastidão do infinito, mirando-me não com olhos, mas com estrelas. E a vibração que vinha delas! Deus, aquilo corria pelo meu corpo como adrenalina sólida, enchendo-me de um vigor até então inesperado e nunca sonhado. Podia sentir que me afogaria em tanta energia, tanta força, que meu invólucro terrestre não seria capaz de conter tamanho fluxo que emanava da aparição e chegava a mim.

— *Ela não vem de nós* — uma voz sem som vinha em resposta aos meus pensamentos. — *A energia que sente, e assim chama por falta de conhecimento, é sua* — as cinco figuras diziam em uníssono, provocando ecos. — *É chegado o tempo do despertar, Panaceia* — me arrepiei quando ouvi a palavra. — *Você já teve os primeiros sinais, mas agora o momento se aproxima. Seu corpo precisa saber, precisa entender, antes que o tempo da roda se complete* — apontou um dedo na minha direção.

Por falta de uma definição melhor, foi como se um tiro de revólver furasse o crânio. Um golpe tão violento e repentino que meu corpo curvou-se para trás, num impacto. Cambaleei, sentindo um funil posto na abertura deixada pela bala e o cérebro sugado para fora. Meus

olhos viram o corpo que abandonei arqueado, amparado por uma força invisível que o sustinha preso no tempo. Um tempo que começou a girar sem descanso diante de mim. Imagens se sucediam, terras distantes dali, pessoas diferentes, línguas estranhas e antigas, vindas do passado. Rios, desertos, templos dourados — depois destruídos —, guerras e mortes. Vi humanos, não humanos, seres das mais diversas formas e aparências que passavam por mim e se adiantavam, como se eu fosse um espectro invisível em seu campo físico. Cânticos, cerimônias, oferendas de muitos povos. O relógio do tempo andava cada vez mais, mostrando as épocas, suas culturas, modos e crenças. Tudo era muito rápido, mas a cada passagem todas aquelas informações eram gravadas na pele do meu corpo, adentravam pelo meu sangue e tomavam forma, moldando mensagens e códigos. Eram agora parte de mim. O esforço para absorvê-las me desgastava, tal era o número de novas informações, grandes demais para uma caixa tão pequena, como eu.

E então, do mesmo jeito que vieram, as imagens se foram. Eu estava sozinha na escuridão da clareira. Meu corpo tremia, mas não de frio nem de fraqueza. E tremer não seria a palavra correta. Ele vibrava. Músculos se moviam contra a minha vontade, enquanto o sangue parecia circular grosso, espesso e rápido pelas veias. Enrolei os braços em volta da cintura e respirei, alto e profundamente, procurando trazer algo do ambiente para dentro de mim, provar que eu era real, que fazia parte deste mundo. Mas foi uma tentativa sem sucesso. Busquei pelas formas encapuzadas. Não havia mais ninguém ali, parecia que nunca houve, além de mim. Mas a certeza de que tudo não foi um sonho era sólida. Automaticamente, meus dedos tocaram a cicatriz no pulso. Queimava como ferro quente e tinha um brilho difuso na escuridão, que não era mais tão negra agora.

— Laura? — Nazaré me tocava. — Laura, você está bem? — seus olhos verdes focavam meu rosto, enquanto as mãos sacudiam meus ombros de leve.

Pisquei. Não era noite, nem estava escuro. Eu não estava na clareira da taba do clã de Nzinga e, sim, no braço do rio, ainda enrolada na toalha, embaixo de um sol claro e brilhante, esfregando inconscientemente meu pulso que parecia queimar outra vez. A

lembrança era vívida e consumia o calor do meu corpo, que tremeu. Puxei o ar de uma só vez.

— Eu... Não sei... Eu... — parei, incapaz de continuar.

Ela franziu a testa e tocou meu rosto. Sua mão era quente, agradável.

— Laura, já reparou que ultimamente você tem tido muito desses estados de ausência? Não é a primeira vez que vejo isso. E, sinceramente, não acho normal. Você sempre *volta* assim, estranha, como se uma parte sua ficasse perdida em algum lugar. Está acontecendo alguma coisa? Precisa de ajuda? — ela ofereceu.

O que eu poderia contar? Suspirei fundo e me apertei contra a toalha.

— E existe alguma coisa que eu possa chamar de *normal* no meio dessa situação toda, Nazaré? — meus dedos se fincaram na carne do braço.

Ela ia dizer alguma coisa, mas sua cabeça virou-se para o lado. Nelson surgia no braço de rio. Ele parou, um pouco envergonhado ao me ver só de toalha, e desviou o olhar. Tive que dar risada.

— Para de graça, Nelson! — censurei, me sentindo um pouco melhor. — Você já me viu com menos roupa que isso! — peguei o vestido.

Foi então que percebi: além da timidez, Nelson também estava tenso. O rosto misturava as duas sensações, era muito nítido. Empurrei o vestido com força pela cabeça.

— O que aconteceu? — um pressentimento interior me avisava do que se tratava, mesmo antes dele abrir a boca.

— Laura... O conselho terminou — disse visivelmente perturbado. — Solomon me pediu para buscar você — seu braço circundou a cintura de Nazaré.

Meu rosto era uma máscara indecifrável para os dois. Há dias todos esperavam por isso, principalmente eu. Achei que ficaria nervosa, que meu coração pularia aos berros dentro da caixa torácica. Mas nada disso aconteceu. Uma súbita sensação de alívio e tranquilidade me rodeou, como se mãos invisíveis amparassem minha alma. *Será o que tiver de ser.*

— Então, acho que devemos voltar — falei com tanta calma que ambos se entreolharam. — Melhor não deixar ninguém esperando — marchei pela trilha.

Andei rápido, mais do que se esperaria. Por um momento me lembrei do Conselho em Salisbury quando, apesar da velocidade inumana que possuíamos, todos caminharam lentamente, num passo humano que denunciava a pouca vontade de enfrentar aquela situação. Mas hoje era o contrário. Eu precisava disso. Queria ter certeza de tudo e não esperei pelos dois, que me alcançaram sem dificuldade. Pisei fundo na terra úmida, marquei os contornos dos sapatos entre as folhas mortas, criando sulcos no chão mole. Cruzei as árvores de cabeça erguida, encarando a situação, numa postura que me fazia lembrar mais eu mesma. A Laura que nunca fugia dos problemas, que enfrentou vampiros e homens, que aprendeu a lutar e matar, se fosse preciso, para sobreviver e proteger. A mulher que abandonou tudo, sem medo, por amor. E que faria isso de novo, exatamente do mesmo jeito, sem mudar nada! Foi com essa convicção, sentindo que havia retornado ao próprio corpo, dona do meu destino, consciente de que eu mesma teria que moldar minha estrada, que cheguei à clareira da taba onde todos esperavam. Nzinga destacava-se com um vestido vermelho carmim. Os outros estavam ao seu lado, os semblantes imperturbáveis e indecifráveis.

E foi diante deles que eu, Laura Vargas, me posicionei, olhando-os nos olhos. Mais senhora de mim do que jamais havia sonhado. A energia fluindo e se espalhando.

Bristol – Inglaterra – inverno

Minha imobilidade externa contrastava ferozmente com a agitação interior, como se rochas e mais rochas desabassem num precipício aberto por golpes de um gigante adormecido, despertando em fúria. Crispei as mãos enquanto observava, impotente, o olhar azul de Morgana se fixar e mudar lentamente para um violeta fulgurante, liberando seu poder. Eu era imune a eles. Anos na Ordem me deram

essa vantagem. Megisters não podiam ser fracos diante dos poderes hipnóticos dos vampiros, essa era a lição que aprendíamos, por isso o treinamento era torturante, duro e cansativo, levando a mente à exaustão. E consequentemente o corpo. Assim, quando a hipnose começou, a única reação à minha mente foi o súbito ruído que se instalou nos ouvidos, como se um champanhe tivesse sido estourado por um garçom habilidoso. E depois... Bem, fui obrigado a ver os olhos verdes de Kate perderem a cor, tornarem-se embaçados e desconectados desse mundo. Morgana conduzia a sessão, os olhos firmemente fixos no rosto dela. A hipnose de vampiros segue suas próprias regras, variando a cada novo ser criado, cada qual munido com um arsenal psíquico. E os de Morgana davam resultados mais rápidos do que o esperado, pois em segundos Kate estava totalmente entregue, as pupilas dilatadas e fixas vislumbrando o vazio. *Como pôde concordar com isso, David?* Estava angustiado e revoltado com minha fraqueza. Mesmo que essa atitude tivesse todo respaldo e justificativas, ainda assim eu poderia ter negado, sido mais forte, impedido que chegasse a esse ponto. Mas como, se foi um apelo da própria Kate? De que maneira não atender a seu frágil e angustiado pedido de socorro e explicações, quando cada um dos fatos acontecidos nas últimas semanas, até nos últimos anos, levava a isso?

Apertei com mais força o caderno de capa de couro, sua tranca muito bem protegida, enquanto segurava na outra mão a pequena chave dourada que dava acesso aos pensamentos de Kate. Ou melhor, aos seus delírios oníricos registrados, revelados a mim numa tarde, após o fatídico evento ocorrido na casa de Georgiana, no último outono. Com a intervenção rápida de Gerker, Kate não sofreu danos maiores. Tudo se resumiu a um grande susto, um desmaio profundo, uma sutura nas mãos feridas e nenhum dano cerebral foi registrado. Kate passou dois dias no hospital, em observação devido ao seu histórico médico, e foi liberada com instruções para repousar. Teria sido um mal-estar estranho, claro, um comportamento no mínimo inusitado, mas sem maiores consequências, se a parede da sala da casa de Georgiana não ficasse marcada com estranhos

desenhos e a frase em latim escrita com o sangue de Kate: *Panacea Consummatum est*. Está consumado, Panacea.

Graças a Cínthia, que teve presença de espírito, havia fotos da cena tiradas de seu celular. Os olhos em brasa, a frase apocalíptica, e a flor rodeada por cinco pontos. O emblema da Ordem. Só isso já seria o suficiente para me aterrorizar, e me fazer temer pela saúde mental dela. Mais uma vez Kate havia tido uma de suas estranhas visões, envolvida em coisas das quais ela não poderia saber, não faziam parte da sua vida. E o que ela disse depois, antes de desmaiar totalmente, chamando pelo nome de Laura... Eu me lembrava da última vez em que isso aconteceu. Kate avisou sobre o perigo, e agora parecia ter estabelecido outra conexão. Isso tinha que acabar, tinha que haver uma explicação. E a ideia sobre como conseguir isso veio numa tarde de outono, fria e nebulosa. Eu havia ido visitar Kate em seu repouso.

— Ah, professor Carter, que surpresa agradável! — a senhora Morgensen me recebia com entusiasmo. — Entre, por favor, Kate vai ficar muito feliz em recebê-lo.

— Espero não estar incomodando o descanso dela — argumentei enquanto era arrastado por Anita Morgensen pelo corredor estreito.

— É claro que não, professor! — ela sorria, deixando as bochechas mais coradas. — Kate me mataria se dissesse que o senhor veio até aqui e não o deixei vê-la. Ela está no quarto, descansando, mas já está bem melhor — chegamos à porta, que estava entreaberta. — Kate? Querida? Está acordada? — empurrou-a de leve. — Adivinhe, você tem visitas.

Fiquei um pouco sem jeito por entrar no quarto dela. Kate estava sentada na poltrona, com um livro nas mãos, mas parecia não ler. Os olhos se voltaram para os meus e sorriu. Alguma coisa dentro de mim pulou com esse sorriso, o mais direto que ela já havia me dado. Os olhos claros brilhavam e parecia bem melhor na verdade. Isso encheu meu peito de um calor inesperado, que subiu e queimou meu rosto.

— Vou deixá-los à vontade, professor, tenho algumas encomendas para terminar — virou-se para a filha. — Se precisar de algo me chame, está bem?

E fiquei ali, sozinho, dentro do pequeno quarto de Kate. Ela ameaçou se levantar, mas impedi.

— Não, por favor, Kate, não quero que faça nenhum esforço — puxei um velho banquinho abandonado num canto e me sentei de frente a ela. — Pronto, assim fica melhor — estendi a mão que segurava o buquê de violetas que trouxera. — São para você.

Como esperava, ela corou, desviando os olhos para as flores. E sorriu mais.

— São lindas. Obrigada, professor — será que eu nunca conseguiria romper esse hábito?

— Não precisa agradecer. Você nos deu um susto naquele dia. Em *mim* principalmente. — admiti com sinceridade. — Já foram três vezes. Acho melhor pararmos por aqui ou meu coração não vai aguentar uma quarta — tentei usar um tom de brincadeira, mas o efeito que tive foi o oposto.

Kate desviou ainda mais o rosto e seu olhar perdeu-se entre a claridade fraca e difusa que vinha da janela. Por algum tempo ficou assim, perdida em pensamentos, como se considerasse seriamente algo que a incomodava. Suspirou profundamente e fiquei ansioso. Teria dito algo que a magoou?

— Kate? — perguntei incerto e hesitante. — Desculpe, falei alguma coisa errada? Tentei apenas mostrar o quanto fiquei preocupado. De verdade — afirmei com convicção, a sinceridade em cada uma das palavras.

Meu tom deve tê-la afetado. Olhou-me diretamente nos olhos, uma atitude bem pouco comum. Mordia o lábio inferior com força, sua respiração ia e vinha como se cada gole de ar descesse com dificuldade até o pulmão. Aquilo me deixou preocupado. Ela estaria mesmo bem?

— Tudo bem com você, Kate? — pressionei. — Precisa de alguma coisa? Quer que eu chame a sua mãe? — ameacei me levantar do banco.

— Não! — ela me deteve, de repente, colocando uma mão em meu ombro. Poderia contar nos dedos de uma só mão as vezes em que Kate havia me tocado, voluntariamente. — Por favor, eu não

preciso que minha mãe esteja aqui, não agora — implorou. — Eu... Preciso de ajuda professor. E acho que só o senhor pode fazer isso.

Aquilo me pegou totalmente despreparado. Pensei em questionar, mas o olhar de dor e dúvida de Kate, tão próximo ao meu, me fez calar. Foi o maior período de tempo em que ela me olhou diretamente nos olhos, sem pestanejar ou fugir. Claro, eu não computava aquela noite, em meu carro, um episódio que ainda tinha, para mim, um efeito estranho, inexplicável...

— Qual é o problema, Kate? — peguei suas mãos, sem nenhum tipo de cerimônia. Elas tremeram, mas não se esquivaram. — Se estiver ao meu alcance, é claro que posso ajudá-la, farei tudo o que puder, pode contar comigo.

Seus olhos encheram-se de lágrimas. Uma necessidade de abraçar aquele corpo frágil e desprotegido me consumia, protegê-la de qualquer tipo de perigo, humano ou não. Por alguns momentos entendi, meio que irracionalmente, que mataria por ela se fosse necessário. Um pensamento intrigante e assustador, queimando meu peito como um fogo de chama lenta. Ela apertava fortemente um caderno nas mãos — achei que fosse um livro —, e pude ver que lutava para tomar uma decisão. Devagar, como quem está num filme em câmera lenta, ela retirou do pescoço uma gargantilha dourada. O único pingente era uma chave minúscula. Depositou a corrente no caderno e tornou a me olhar. E meu coração doeu redobrado dessa vez.

— Professor... Algo muito... Estranho tem acontecido comigo — ela estrangulava o som ao falar. — Há muito tempo. Desde que... bom, desde aquela noite no museu — sua mão foi automaticamente ao pescoço, cobrindo as marcas que ali ficariam para sempre. — São coisas que não consigo entender, coisas que ficaram aqui — apontou para a cabeça — e que me perseguem, noite após noite, em meus sonhos — suspirou baixo. — Meu terapeuta diz que tudo não passa de memórias reprimidas, situações alegóricas criadas pela mente. Mas não sou burra, professor — seu olhar ficou duro, algo que nunca havia visto em Kate. — Eu sei que o que anda acontecendo comigo é muito mais do que aquilo que os médicos dizem, acho que mesmo eles não conseguiriam entender, mas está acontecendo — alisou o

caderno. — E não envolve apenas a mim... Tem a ver com a Sra. Vargas também...

Já havia sido dito antes, na casa dos Fevré, sobre a estranha conexão que uniu a mente de Kate com Laura, mas não imaginei que Kate tivesse algum tipo de consciência sobre isso, nem mesmo que guardaria lembranças. Sofria por ela, tendo que passar sozinha por experiências tão perturbadoras e a cada vez mais desgastantes, coisas das quais não tinha ciência da verdade. Mas, diante dos acontecimentos recentes, ela poderia intuir sobre algo? Isso nunca havia me ocorrido.

— Kate, querida — a palavra soou delicada, como se parte de mim quisesse dizer isso há muito tempo. — Não estou entendendo — procurei dissimular. — Sobre o que está falando?

Ela engoliu o ar, apertando uma das mãos sobre o peito que subia e descia. Fiquei alarmado com o gesto, mas me contive. Kate pegou o caderno e a chave e, num único gesto firme, me entregou.

— Preciso que leia tudo o que está aqui, professor — seus olhos estavam marejados. — Cada palavra. É o meu diário. Escrevo nele praticamente todos os dias, por ordens médicas, porque sou atormentada por estranhos sonhos, estranhas visões, momentos de puro horror — parou para respirar. — Em quase todos eles a Sra. Vargas está presente. E são situações assustadoras — completou quase sem fôlego.

Olhei para a capa escura. Grossa e de aparência gasta. Era irônico ver Kate — um poço de timidez e discrição, que nunca me olhava mais do que dois ou três segundos nos olhos, relutava em me chamar de David por achar inapropriado, a imagem da própria virtude — entregar seu diário para mim, pedindo que eu lesse seus segredos. E por que uma parte de mim parecia entusiasmada por isso?

— Kate, não estou compreendendo — minha boca estava seca de ansiedade. — Por que está me entregando isso? É seu diário particular, não tenho direito de ler. Seria um abuso da minha parte — tentei protestar.

— *Eu* estou autorizando que leia, professor, mesmo que isso me custe muito — ouvi a nota dramática de medo que apareceu entre as

palavras. — Sinto que só o senhor poderá compreender. E que depois de entender o que está escrito poderá me ajudar, indicar o caminho para que tudo isso pare, de uma vez — começou a chorar, silenciosamente. — Eu... Não quero mais que coisas estranhas aconteçam comigo, nem que isso cause vergonha para os que me são próximos, como ocorreu na casa de sua irmã — soluçou baixo, cortando meu coração. — Não sei como poderei encarar a Srta. Carter, nem o namorado dela ou a filha da Sra. Vargas depois daquilo — lançou-me um olhar martirizado. — Nem sei como consigo ainda ter uma conversa dessas com o senhor, mas uma certeza profunda me diz que a única pessoa que poderá entender o que se passa nessa história toda é... você — disse com clareza. — Não me pergunte como, nem por que, é um pressentimento... — tomou minhas mãos com força. — Por isso eu peço, David — o espanto tomou conta de mim. — Leia-o, pense no que digo agora e me ajude, da maneira que achar melhor. Confio em você. Algo está acontecendo, de muito errado, e Laura está no meio disso tudo — baixou os olhos. — E sei o quanto deve interessá-lo saber qualquer notícia sobre ela...

Foi o discurso mais longo que já havia ouvido de Kate. Longo e cheio de mistérios, segredos... e insinuações. Teria ela percebido meu amor por Laura? Seria assim tão visível para todos os meus sentimentos? Ou o temperamento de Kate, sensível e prestativo, conseguiria captar esse meu humor? Aparentemente as duas coisas, pois quando Laura sumiu fiquei bastante agitado, quase enlouquecido era a verdade. Mas agora... Por que me incomodava saber que Kate tinha consciência desse sentimento? Por que me sentia envergonhado por ela pensar assim?

Ainda refletia sobre isso em meu apartamento, em Kingsdown, naquela noite, quando finalmente me atrevi a girar a chave no fecho do caderno de couro. Agia como um ladrão que roubava o bem mais precioso de uma vítima. Algo que não poderia devolver mesmo se quisesse. Engolia a terceira xícara de café ao ler a primeira página, deparando-me com as palavras que causaram meu terror no passado, e pelas quais não havia ainda nenhuma explicação aparente.

Laura... Olhos vermelhos... Lázarus... Ajude ela... Agora...

E pelo resto da noite li e reli, incrédulo e aterrorizado. Cada uma das anotações de Kate, acompanhadas de datas e horários, era precisa. O que ela pensava serem imagens oníricas incoerentes revelavam-se códigos que um leitor versado em seu conhecimento poderia decifrar. E noventa por cento daquele caderno continha informações sobre Laura, descrições de lugares, situações, mesmo que mascaradas por confusas imagens de um simbolismo gritante para mim.

E eram ainda mais terríveis agora, dentro da mansão dos Fevré, conforme Morgana conduzia sua exploração mental. O relato claro e objetivo de passagens bastante significativas.

—... Eu ouvi a voz que vinha do telefone, mas não conseguia me controlar — Kate dizia com uma voz ausente. — Ela me ordenava que procurasse qualquer coisa entre os pertences de Laura que houvesse ligação com a palavra Lázarus... — seu tom ficava empastado a cada palavra.

— E quem era *ela*, Kate? — Morgana perguntava com calma. — Você consegue me dizer?

— Eu não sei o nome dela. Só me lembro do rosto... Dos olhos verdes que ficaram vermelhos... Das mãos e lábios que me tocavam de um modo que eu não queria... E da voz que fazia minha cabeça doer... — continuou descrevendo os detalhes cada vez mais chocantes de seus encontros com a misteriosa vampira, detalhes que me deixavam enojado e cheio de ódio.

Kate havia sido vítima de uma súcubo! E por muito tempo! Eu reconhecia o padrão de ataque, o comportamento. A cada experiência de abuso sexual que ela relatava, meu estômago dava voltas e uma raiva homicida se apoderava de mim. *Pobre Kate, sem ninguém para defendê-la, a mercê de forças estranhas que a cercavam, sem que ela nunca tenha procurado por elas...* Fechei os punhos com força, forçando-me a me controlar para ouvir o restante do relato.

Não havia mais ninguém na sala, mas eu sabia que não seria necessário que os outros ficassem ali. Todos estariam ouvindo, anotando o que fosse necessário. E me doía vê-la exposta dessa forma aos Fevré. Como pude fazer isso com ela? Foi uma das piores decisões que tive que tomar na vida, mas quando terminei a leitura do

diário a única solução que minha mente me apontava era essa, sugerida pela própria Morgana no último inverno. Ela poderia hipnotizar Kate, vasculhar as memórias reprimidas, e tirar as informações que a mente consciente não poderia reter. Claro que tive que mentir para Kate. Disse que a levaria a uma amiga psicanalista que conduziria sessões de tratamento em hipnoterapia que poderiam ajudar. Deixei claro que ela não precisava concordar com nada daquilo, e meu coração doeu quando ela sorriu, de maneira envergonhada.

— Confio no senhor, professor Carter. Sei que não faria nada para me machucar.

E a angústia de não me sentir merecedor dessa confiança me atormentava, enquanto ouvia Kate falar, como uma boneca articulada, sabendo que aceitou vir por ideia minha. *Canalha* seria uma palavra pouco ofensiva para me definir. Pensava em, pelo menos, duas dúzias delas, de graus cada vez mais baixos, quando olhei para o diário em minhas mãos. Afoguei a raiva e me foquei nele. Noventa por cento do que estava ali era sobre Laura, mas em dúzias de páginas escritas com uma caligrafia mais delicada aparecia sempre uma figura, à qual Kate se referia simplesmente como *e/e*. E pelo modo como estavam descritos os sonhos, não eram nem um pouco aterrorizantes. A cada final de página havia sempre uma pequena nota: *espero voltar a dormir e sonhar com 'ele' outra vez.*

Minha mão apertava de leve o caderno, tentando não perturbar o silêncio necessário para que o trabalho se concluísse, mas minha mente divagava. Kate sempre fora muito discreta, mas será possível que eu fosse tão cego e distraído que não percebesse uma coisa tão óbvia? Que ela estava apaixonada? O pensamento deixou minha boca com um gosto amargo. Kate... apaixonada! Eu repetia isso todo o tempo, desde que as primeiras páginas mencionando *e/e* ficaram claras na leitura do caderno. Olhei para ela com o canto dos olhos. Bonita, inteligente, esperta, calma e tranquila. Linda. Todas essas qualidades juntas com certeza despertariam o interesse dos homens. E havia *um homem* que cativou a atenção de Kate. Ele parecia ser mais próximo a ela do que eu imaginava, pois os detalhes sobre sua personalidade, caráter, manias e modos estavam bem descritos. Ela

o conhecia quase por inteiro. Mas... e ele? Também a conheceria? Seria merecedor? Ou tentaria se aproveitar do amor dela? Ele que não fosse besta de fazer isso ou então...

Ou então o quê, David Carter? O que você faria? Qual era o grau de intimidade que tinha com essa garota que lhe permitiria meter o nariz onde não era chamado? E, obviamente, o senhor não era um *expert* quando se trata de amor. Não vivia pelos cantos, esperando eternamente por Laura? Quantas vezes pôde realmente dizer que manteve um relacionamento estável com alguém? Conseguiria passar por esse teste? Claro que não! Não estaria qualificado para isso, nem daqui a duzentos anos! Quem pensa que é para querer se intrometer? Se *ele*, seja lá quem for, conseguiu atrair Kate a ponto de fazê-la se apaixonar, com certeza devia ser alguém muito melhor do que você nessa questão. *Ele* era o vitorioso, o homem que mergulhou no fundo do oceano e resgatou a ostra. Que conseguiria abri-la e contemplar a pérola delicada e perfeita, uma joia de valor inestimável que agora tinha um dono. Devia me sentir feliz por Kate, mas a novidade parecia causar um efeito contrário. Um misto de frustração, desalento, desamparo, como se algo que me fosse muito valioso tivesse, de repente, sido tirado à força da minha companhia. Um sentimento muito semelhante ao que eu experimentei quando Laura desapareceu...

— Kate? — acordei com a voz de Morgana inquirindo. — O que você quer? — ela observava os gestos frenéticos das mãos de Kate, movendo-se sobre a mesa.

Ela rabiscava sobre o tampo escuro como se tivesse lápis e papel. Morgana levantou-se e voltou num piscar com um bloco grande de papel e uma caneta. Kate não percebeu a mudança quando os objetos foram postos ao seu alcance. Continuou seu processo imperturbável, rápida e precisa nos traços. Eu queria me levantar para ver, mas Morgana sinalizou que não, que esperasse. Ela também estava imóvel, naquela estranha qualidade dos vampiros de permanecer sem nenhuma oscilação do corpo. Tive que me limitar a esperar, o que não contribuía em nada para minha ansiedade e culpa. Estava em eterna dívida com Kate agora: primeiro, por não tê-la protegido da súcubo, o que seria minha função como Megister. Eu

devia ter visto os sinais, ela mostrou mais de um, fui treinado para isso e falhei, porque estava mais preocupado com Laura, a mulher que amava; e segundo, por devastar seus segredos e descobrir que estava apaixonada, sabendo o quanto isso a deixaria retraída em minha presença no futuro. Eu era um imprestável! Com todas as letras!

Não sei quanto tempo durou, não havia como medir o espaço de minutos que se passavam ali. Nenhum outro som que não fosse o da caneta rabiscando e rolando pelo papel perturbava o silêncio. E então, quando esse único ruído cessou, senti que meu coração parou por segundos também, sem coragem de perturbar a quietude com seu martelar abusado. A caneta escorregou da mão de Kate sobre a mesa, rolando devagar até alcançar o chão. Por instantes ela ficou imóvel, como Morgana e eu, e então começou a tremer, como se sentisse frio. Antes que eu pudesse pensar, Morgana já estava a sua frente, olhando para ela.

— Muito bem, Kate — dizia e colocava um dedo na testa dela. — Quando eu retirar o dedo, você vai descansar, entendeu? Vai dormir e ao acordar se sentirá bem melhor.

Assim que o dedo escorregou, os olhos verdes se fecharam. O corpo ficou mole e Morgana habilmente a levantou nos braços. A porta se abriu silenciosamente e todos estavam lá. Clementine adiantou-se.

— Eu a levo. Ela precisa repousar — e desapareceu, não me dando chance sequer de olhar para Kate.

— Ela está bem? — perguntei para Morgana.

— Fique tranquilo, Megister — assegurou com calma. — A mente de Kate é mais excepcional do que eu pensava. Ataques de súcubos, conexões mentais, autocontrole, apesar de tudo. O sofrimento a amadureceu muito, e ampliou as possibilidades.

— Como assim? — questionei, vendo Clementine voltar.

— As experiências psíquicas que ela sofreu, os abusos aos quais sobreviveu provocaram em Kate um aumento de sua capacidade sensorial — Morgana explicava devagar. — Certas áreas do cérebro humano, que chamamos de lobos, determinam e comandam diferentes funções no organismo. A parte que comanda a habilidade

extrassensorial dela sofreu danos com o derrame, mas recuperou-se de forma incrível, e Kate passou a ser um canal aberto de comunicação, sensível à mente de quem for próximo a ela — sentou-se na poltrona. — No momento, ela está sintonizada com Laura, por causa de tudo o que aconteceu, mas nada impede que isso se amplie no futuro e ela possa alcançar e criar elos com outras pessoas.

— Então isso... não vai acabar? — minha voz travou nessa pergunta.

Morgana me fitou com olhos felinos.

— Não há como impedir. Ela está numa espécie de *evolução* — sua voz era firme. — A mente dela se abriu, não pode mais voltar ao que era antes. Seria impossível fazer Kate esquecer totalmente o que aconteceu, embora ela mesma tenha criado mecanismos de bloqueios de memória temporários, ou impedir que essas conexões ocorram outra vez — olhou para os demais. — Qualquer um aqui, exceto eu, e por enquanto apenas, não conseguiria causar nenhum efeito se tentasse hipnotizá-la. No entanto, eu preciso alertá-lo, Megister: a súcubo que a atacou, ela é forte. Deixou comandos poderosos na mente de Kate. Consegui romper alguns condicionamentos que ela impôs e que ajudarão a garota a evitar o assédio, mas creio que, se quiser a humana como brinquedo, ainda terá forças sobre ela e poderá criar outros mecanismos de controle. Kate precisa aprender a se defender dos ataques dela sozinha, ou isso poderá ser fatal.

Respirei fundo e me sentei, o corpo todo muito cansado de repente. Clementine me olhava, entendendo o meu desconforto e temor.

— Megister, não foi sua culpa. Não tem como prever tudo, saber de tudo. Ataques como esses são difíceis de detectar, porque não são diretos, são sutis. E não tema por ter trazido a garota aqui, sei que agiu com a melhor das intenções. Ela está bem, sua saúde é boa, melhor do que imaginávamos. Infelizmente, ela terá que aprender a lidar com a mente agora, de uma forma ou de outra. Vai ser parte da vida que ela levará — apontou para si mesma. — E, se permitir, faremos o possível para ajudar. Inclusive não permitindo que a súcubo volte a incomodá-la.

Eu sabia que podia contar com a ajuda deles, não havia nada que provasse o contrário. Apenas me sentia aborrecido por tudo: ter falhado em protegê-la, ter prometido algo que agora sabia que não poderia acontecer. Não do jeito que ela gostaria. Clementine olhou de mim para os outros.

— Creio que temos mais coisas para considerar — mirou o caderno em minhas mãos. — O que a garota revelou é uma das verdades que desconfiávamos: alguém sabia de tudo o que aconteceu com Laura. Kate foi usada, essa súcubo com poderes mentais tão fortes conseguiu manipulá-la a distância. Com isso pegou todos os dados sobre o Lázarus, teve acesso aos exames e testes que Carlo fez, procurou a localização do espécime para roubá-lo quando estávamos fora, tudo — ela respirou com força. — Não era mais um segredo.

— Mas mesmo que não fosse um segredo, Clem — ouvi a voz de Robert, seu tom alterado e desconhecido. — Como podemos saber se foi isso mesmo que a fez fugir? Que prova temos de que Laura foi coagida a fazer isso e que nos ligue à Ordem? — ele parecia furioso enquanto falava.

Foi Josh, que estava ao lado da mesa com Morgana, quem deu uma resposta concreta.

— Acho que se olharmos melhor para isso — estendeu a folha que Kate usara na sessão de hipnose — teremos a resposta.

Os pares de olhos se amontoaram ao redor. Inclusive os meus. Ali, de frente para o espectador, havia o desenho de um *closet*, com um espelho que refletia os olhos de uma mulher. Esses olhos estavam arregalados diante das palavras escritas sobre o espelho, enquanto abaixo dele, num pequeno banco, jazia uma Bíblia aberta, um par de brincos de pérolas e uma gravata, arranjados com precisão. Eram objetos que me pareciam familiares. Sobre a Bíblia, um cravo repousava. Algo no pânico daqueles olhos desenhados me fez congelar. Reconheci imediatamente o lugar e li as mesmas palavras que Laura deve ter visto no *closet* da casa que hoje não existe mais: *Panaceia, João 11:12*. Abaixo, no canto esquerdo da folha, uma data escrita por Kate. Quando meus olhos a viram, tudo fez sentido, como se uma luz se acendesse num cômodo escuro.

— Meu Deus... — murmurei devagar, enquanto me sentava, subitamente sentindo as pernas bambas e a náusea no estômago vazio.

— David? — Robert olhava para mim, com o semblante ansioso. — O que foi? O que você viu? — seu olhar ia do desenho para mim, até paralisar na data ao pé da folha. — Não...

O dia do enterro! *A outra parte do recado para Laura!* Tinha essa intuição desde o princípio, por mais que tentasse me iludir. Todas as suposições apontavam para isso, mas a verdade se estampava agora, dura e cruel. E com ela o sentimento de raiva e vingança. *Ele matou meus pais!* A voz continuava a gritar cada vez mais alta, aguda e ensurdecadora. Queria colocar as mãos nos ouvidos para impedir o avanço daquele som, mas elas não se mexiam. Estavam ausentes, assim como eu. E eu estava cego. Tudo o que via era a imagem dos corpos estendidos no chão, o sangue coagulado, os membros retorcidos e as gargantas estraçalhadas por algum animal que ele comandava. Ódio não seria uma palavra certa para definir o que eu estava sentindo. Precisaria de mais, muito mais... Só percebi o silêncio ao meu redor quando consegui mover a cabeça. Cada um havia tido a sua revelação.

As próximas horas deixaram claro que havia muito mais em risco do que eu imaginei. Todas as cartas foram postas sobre a mesa: desde a horripilante visão dos corpos no laboratório de Carlo até os ataques nórdicos e na Romênia, passando pela minha conversa com Yacov. O quebra-cabeça se encaixou com perfeição.

— Uma cura... — Robert engolia o ar. — Eles vão caçá-la. Já estão caçando! — o desespero dele enchia o ar de eletricidade. — Os nômades que enfrentamos, sem saber o que faziam ali... Tudo se encaixa na descrição do Megister holandês. Não é apenas Avelar que está atrás de Laura, cada vampiro desesperado por um milagre vai atrás dela, vão procurá-la em todos os lugares!

— Não em todos os lugares — Clementine falou com a voz agourenta, os olhos verdes brilhando com uma intensidade redobrada.

Foi o suficiente para que todos a olhassem.

— O que quer dizer? — Robert inquiria. — Você ouviu David contar.

— Você também ouviu, Robert — ela foi dura, uma tensão criando-se entre os dois. — Yacov disse que os boatos são sobre os *Di Feveré* terem a cura — seu dedo apontou o desenho. — Mesmo sem saber qual a forma dessa cura, o que exatamente têm de procurar, podemos entender porque nômades metamorfos ou mestiços sempre apareciam nos lugares onde estávamos. Foi assim na Romênia, na Finlândia, e será assim aqui, ou em qualquer outro lugar para onde formos — continuou firme. — Agora sabemos a verdade, está claro. Sabemos por que Laura fugiu... Ela antecipou isso e tentou nos poupar... — olhou para Robert. — E sabemos também porque não poderemos ir atrás dela — a voz adquiriu um tom triste. — Seria como atrair a cobra para a toca do coelho. Qualquer movimento da nossa família chamará atenção, seja da Ordem ou dos nômades.

O corpo de Robert curvou-se sobre a mesa e por um momento achei que ele voaria no pescoço da irmã.

— Está querendo dizer que...? — o esforço para respirar era palpável. — Está tentando me dizer que não posso buscar a mulher que amo, impedir que esses miseráveis a cacem sem piedade, que a matem? — sua voz era quase um grito de fúria. — Eu fiquei todo esse tempo preso aqui, contra a minha vontade, seguindo o que era necessário fazer, para nada? — sua mão quebrou a beirada da mesa num aperto sólido. — Ela estava no Brasil! É uma pista, Clem! Eu preciso ir até lá, tenho que trazê-la de volta! Consegue imaginar o que fariam com ela se a pegassem? — seu olhar era homicida.

As mãos de Clementine deram o troco quando outra parte da mesa afundou sob seus dedos. Pisquei e ela estava em pé, encarando-o com a mesma raiva.

— E levar esses miseráveis até ela é a solução que quer? — sua voz era impiedosa. — Tem certeza de que prefere expor Laura a todos os tipos de nômades que enfrentamos nos últimos meses? Selvagens, loucos e ensandecidos, que procuram pelo milagre divino? Uma esperança fútil? Sim, porque até onde sabemos — olhou para Carlo — não existe nada que comprove esse boato. Quem começou isso não sabe com o que está lidando, e criou uma ameaça muito maior para a segurança dela. E, infelizmente, *nós* somos as iscas

perfeitas — ela acentuou o comentário. — Qualquer movimento que fizermos vai levar todos os nômades do planeta atrás de nós, e se a acharmos eles nos acharão. Quer mesmo colocar a vida dela em risco, desse jeito?

O movimento foi tão rápido que eu não poderia descrever quando começou e quando parou. Apenas vi Robert com o rosto a centímetros dos olhos de Clementine. Ela não se moveu, embora os outros tenham se colocado em pé no ato. Por instinto, me levantei. Há muito tempo acompanhava a família do Reino Unido, sabia dos laços e afeições que os uniam, a história de como um clã tão heterogêneo como o deles se formou. Durante esse período jamais vi ou ouvi sobre algum tipo de discórdia ou desentendimento entre seus membros. Até agora. Robert estava a um passo de atacar a própria irmã. E mais: havia nele algo tão selvagem, descontrolado e brutal, que não teria como ser contido. Um gesto dele e todos pulariam. Temia pelas consequências que seria obrigado a testemunhar. Não sei se foi a vontade de acalmar as coisas que me dominou, ou algum outro desejo insensato e fora de momento, um surto de coragem inapropriado, mas meu corpo se moveu para perto deles.

— Robert, pare! — falei com autoridade. — O que pensa que está fazendo? Quer atacar sua irmã? Escute o que tem a dizer, pelo amor de Deus, ela está pensando no bem de Laur...

A voz morreu na minha garganta, mas só pude perceber o porquê cerca de dez segundos depois, quando minhas costas bateram contra a parede oposta da sala e senti os dedos que me levantaram pelo pescoço, apertando-o quase à asfixia. A mão fria sustinha meu corpo há mais de um metro do chão e os dentes ferozes apareceram dos lábios dele. Seria impossível, para mim, lutar ou tentar escapar.

— E você, Megister? — sua voz era raivosa. — Também está pensando no *bem* de Laura? Também está desejando que eu fique preso aqui, enquanto aproveita sua *humanidade* idiota e arrogante para ir atrás dela? Oferecer um ombro amigo para que ela chore? Ou quem sabe até mais do que isso? — seus olhos estavam injetados à medida que a noite caía e a mudança se acentuava para o vermelho. — Pois saiba que não terá essa chance! Acha que nunca vi *como* olhava para ela, mesmo depois de comprometida comigo? Que não

escutei algumas de suas insinuações e conversas com ela? Que não quis partir sua cara em Salisbury, no Conselho? Ou antes? Ou mesmo agora? — os dedos apertavam devagar e pontos pretos estavam diante dos meus olhos. — Nunca gostei do jeito como sempre desejou a minha mulher! Como se o fato de ser o que é o tornasse melhor do que eu! E isso vai acabar agora!

Vários braços apareceram em meio à escuridão que me toldava. A força com que se atiraram contra Robert foi tanta que ouvi o barulho da parede se romper devido aos golpes desferidos. Quando meu corpo foi libertado, caí ao chão, sufocando e procurando pelo ar que entrava queimando pelo meu nariz e garganta. As marcas doloridas deixadas pelos dedos de aço latejavam, senti a dor nas costas ao me endireitar, ajudado por Morgana, e vi a cena que se desenrolava mais à frente. Robert debatia-se contra uma chave de braço de Josh, enquanto Carlo e Eric seguravam seus braços. Clementine falava com ele, mas era como se não ouvisse nem visse nada. Seus olhos estavam fixados em mim e sabia que, se o soltassem, meu pescoço não aguentaria uma segunda rodada. Sem nenhum aviso ele deu um chute em Eric, jogando-o contra a mesa da sala, que ficou destruída, e com um dos braços desviou-se de Carlo, agarrando em seguida os cabelos de Josh e atirando-o sobre sua cabeça. Seu descontrole era total.

Josh já estava em posição de ataque, assim como Carlo. Clementine ainda falava, e Morgana se colocava entre mim e ele, com Eric dando cobertura a ela. Robert parecia um animal encurralado, bem diferente do vampiro civilizado e de boas maneiras que eu conhecia. Olhou para todos, rosnando e mostrando os dentes. Lançou um olhar rápido para mim, cheio de ódio, e virou-se para a janela da sala, despedaçando-a em sua passagem. Os cacos de vidro me atingiram do outro lado, um deles raspando em minha testa. O sangue escorreu e me cegou por alguns instantes.

— Vão atrás dele! — gritou Clementine. — Não o percam de vista, ou ele vai fazer alguma besteira! — Josh, Carlo e Eric sumiram.

Morgana olhou para o meu ferimento e desapareceu, voltando com um *kit* de primeiros socorros.

— Aqui, deixe-me ajudá-lo, David — ela ofereceu. O iodo queimou na ferida.

Clementine também se aproximou. Cínthia surgia pela porta. Olhou ao redor, vendo a sala destruída e o sangue na minha testa. Seus olhos ficaram assustados ao verem a janela arrombada e a preocupação passou do rosto dela e invadiu o meu.

— Clementine, o que ele tem? — perguntei, enquanto Morgana colocava um curativo na ferida. Havia sido só um arranhão.

Ouvi o suspiro dolorido dela, os olhos vermelho-rubis focalizando a janela.

— Alguma vez enlouqueceu por amor, David? — ela me perguntava, e seu tom sufocava o desespero. — Tem ideia do que a saudade e a dor da perda podem causar a alguém? — levantou-se, decidida. — Leve Kate para casa, Megister, ela está acordando — virou-se para Morgana. — Fique com eles, vou ajudar a encontrá-lo — e se foi.

Cínthia se aproximou, pisando com cuidado entre os destroços da mesa. Quando se aproximou me deu um abraço, apertando o rosto contra meu peito e chorando. Não sabia bem o que fazer e a abracei, aflagando seus cabelos claros. Lá fora, a lua tentava aparecer entre as nuvens. Mas elas a engoliram, como garras fechadas de um animal.



“Isso, Robert! Tome-os, eles são seus! Cada humano que respira nessa cidade deve tributo ao deus que você é!”

A angústia era forte, mas não o suficiente para mover meu corpo e tirá-lo dali, para longe. Nem mesmo o vento que soprava do alto da ponte, e que ajudou a lua gigante e majestosa a fugir das nuvens durante a madrugada, conseguia minar a determinação, calar a voz que se apoderou da minha cabeça, como um verme que consome a carne de um cadáver até que não reste mais nada. Eu já senti isso antes. Nenhum de nós realmente deixa de sentir o mesmo, livrar-se

da sensação. A sede sempre nos acompanha e acompanhará até o fim, leve ele cem, duzentos, dez mil anos. Tudo o que fazemos é minimizar, controlar, lutar. Nas primeiras décadas era inevitável a morte, o assassinato, como o sol que nasce e se põe. Depois passou a ser suportável, um incômodo que podia ser resolvido com menos violência, com outras opções. E por último o soro, a quase libertação, que nos dava a sensação de estabilidade dentro do caos. Podíamos ser quase humanos. Mas apenas quase.

Hoje todo o treino, disciplina, todo o esforço de séculos e séculos parecia não ser suficiente para minha garganta deixar de queimar, sentir a boca seca, imaginar o gosto do sangue, seu quente e doce sabor provocando o êxtase que só ele pode nos dar. Essa era a verdade, a mais dura de todas. Nada era bom o suficiente para os da minha espécie. A única recompensa que tínhamos por esta vida maldita era a liberdade de satisfação dos desejos que só o sangue podia proporcionar. A luxúria, o delírio, o devaneio. Por que eu era um vampiro! A certeza desse fato nunca ficou tão clara como hoje. Mesmo nos últimos meses, enquanto lutava contra todos os instintos, eu não admitia a verdade. Procurei maneiras possíveis para esconder de mim o que eu era, mas hoje esse ser se revelou, tomou forma outra vez. O frenesi da caçada vibrava em mim! *Não devia estar aqui. Por tudo o que é mais sagrado nesse mundo, o que está havendo comigo?* Estava deserto lá embaixo. Poucos carros passavam pela ponte, os humanos se refugiavam no calor dos lares. O inverno imperava. Em pouco tempo o sol nasceria. Eu vim para cá porque achei que esse lugar me traria paz, que as lembranças boas poderiam apaziguar a fera que trancafiei há tanto tempo. E que a sede medonha, estimulada pelos eventos do dia anterior, ficaria sob controle.

Saltei para o mirante da ponte de Clifton. Deserto... Coloquei as mãos sobre a amurada, o mesmo lugar onde, uma vida atrás, eu havia sido o homem mais feliz do mundo. Final de inverno, o vento frio soprando, uma echarpe de seda perfumada, a maciez da pele e os lindos olhos cor da noite, onde podia me ver refletido como homem. Depois de séculos, me dei ao luxo de me sentir... humano. O vento da madrugada mudou, anunciando a proximidade do sol. Fechei os olhos.

Estava em meu corpo toda a sensação daquele beijo. O primeiro. A boca macia e quente, que se ajustava a minha sem esforço, como se uma fosse feita para a outra. Nunca havia beijado uma humana depois que me transformei, nem sonhava que um dia seria possível. Humanos eram alimento, essa sempre foi a premissa básica.

Por muito tempo passei incólume entre elas, sem desejar nenhuma, não além do que a fome mandava. Eu não tinha inclinação para ser um íncubos. Então, Alexia apareceu. Na época acreditei que era o certo. Éramos iguais, em termos, não representávamos riscos para o outro e, apesar de mecânico, era um relacionamento que satisfazia muitas das necessidades físicas. Mas só físicas. Achei que apenas com alguém de minha espécie eu seria feliz. Via Josh e Morgana se entenderem tão bem... E tinha inveja. Inveja por um amor que nunca quis me abençoar. Um tolo engano me fez acreditar que Alexia podia ser ela, a mulher a quem entregaria todo esse sentimento. Lembrava-me do homem que fui, do cavaleiro real que dançava os minuets da corte francesa, sempre à procura daquela a quem me sentiria destinado. E girava em meus braços as damas lindas e nobres da época.

Eu era homem, podia escolher. Um privilégio que Clementine não teve. Mas mesmo assim sentia ciúmes da vida que ela levou, dos filhos que gerou — e que eu nunca poderia ter agora —, do amor que conheceu. Sim, ela teve tudo o que eu sonhava. Fui um homem sozinho, com apenas amigos de campanha e prostitutas da corte ao meu redor, como era de se esperar. E os séculos cristalizaram isso. Até que a visão de um par de olhos castanhos emoldurados por cachos delineando os ombros, e que subia três degraus para alcançar um púlpito numa terra distante daqui, me fez tremer e vibrar. Me fez pensar como o homem que fui, e querer agir como tal. Depois daquele dia nada mais faria sentido, eu sabia. Nada teria razão sem aquela mulher ao meu lado. E para conquistar isso fiz um longo percurso, banhado a rosas, sorrisos, toques suaves e muita incerteza. Passei a contar os minutos, horas, dias, outra vez, como um mortal, desde que a conheci... E que a perdi...

Forcei o pensamento a abandonar essa última lembrança. E então, naquela tarde, bem aqui... Eu arrisquei tudo. Corri o maior dos

riscos que alguém como eu poderia: beijar a mulher que amava, uma humana, e não sentir vontade de matá-la. Permitir tão grande proximidade. Deixar a fome natural de lado para que o amor imperasse. Mesmo com o soro e a disciplina, sentia medo de falhar. Esperei meses para ter certeza de que seria digno disso, digno dela, aguentando a ansiedade e retardando todo o momento, desperdiçando outras oportunidades. E para minha surpresa, eu consegui. Não havia nenhum sinal, o menor que fosse, de que atacaria aquela mulher, de que meu instinto seria maior e faria com que agisse como um predador. Tudo o que eu sentia era o hálito fresco na minha boca, a maciez dos lábios rosados, a pele quente do seu rosto no meu... E o gosto de um beijo apaixonado. Eu era um homem apaixonado. E Laura era tudo o que sempre havia sonhado para mim.

O vento atingiu minhas narinas. Olhei para a origem do cheiro que mudou o curso dos meus pensamentos.

“Você já chorou demais por hoje. Agora é hora de colher o prêmio por todo seu sofrimento!”

Uma garota caminhava pela ponte. Seu olhar era atormentado, os olhos inchados pelo choro, o coração batia acelerado e em ritmo inconstante. Os passos eram inseguros. Fiquei oculto pelas sombras da ponte. Espreitando, esperando, absorvendo o aroma da pulsação que o vento continuava a trazer. Algo como uma névoa vermelha fez meu cérebro turvar e o corpo ficar em alerta. Eu sabia o que era: a antecipação ao alívio da sede. Continuei a olhar a garota caminhar para o mirante. Ela tremia e chorava, as lágrimas pingavam silenciosas. Não parecia ter certeza do que fazia quando, apoiando-se nos cabos da ponte, subiu a amurada e olhou para o rio Avon, escurecido pela noite. A respiração dela subia e descia. A minha estava estrangulada pelo cheiro forte que seu sangue agitado proporcionou. Ela olhou para baixo e segurou o cabo de aço com força, usando ambas as mãos.

— Deus, perdoe-me... — pediu num sussurro.

Seu pé fez um ligeiro movimento para a frente. Ela iria se matar. Jogar o corpo no escuro rio Avon e perder a vida se afogando. Eu estava ali, a poucos metros.

“Um desperdício, não acha?”

Em outra ocasião a teria detido e hipnotizado, fazendo-a esquecer qualquer que fosse o sofrimento e ela iria para casa, a salvo.

“Mas hoje não é ‘outra ocasião’, e ela é perfeita para você!”

Sim, hoje era diferente. Eu não podia me reconhecer. Meus olhos grudaram na veia do pescoço da menina, no brilho incandescente de seu corpo contra a escuridão, e assim que ela fechou os olhos e saltou, a peguei no ar, num segundo. O movimento forte e a adrenalina devem tê-la assustado, porque estava desmaiada quando a deitei no chão frio. O cheiro era intoxicante a essa distância. Mesmo em repouso seu fluxo vital corria forte, denso e saboroso. Minha cabeça ficou tonta e o que tinha de mais humano me abandonou, enquanto virava seu pescoço branco e abaixava a boca aberta, os dentes já expostos.

“Sim, isso mesmo! Ela queria morrer? Bem, você pode lhe dar isso, não pode? Pode ser seu anjo da morte hoje. Realizaria os desejos dela... E os seus!”

Minha cabeça moveu-se devagar...

“Até a última gota!”

... lentamente, sem pressa, saboreando o momento. A sombra me encobrendo.

“Ela é sua! Tome-a, alimente-se, mate sua sede!”

Cada vez mais perto agora...

— *Robert?*

Um sobressalto tomou conta de mim. Voltei-me para o som. Alguma coisa naquela voz... Eu conhecia aquele som. Lutei contra a sombra densa que se apoderava do meu raciocínio. A voz em minha mente ficou muda, calada pela frustração. E olhei para uma forma, a poucos metros de mim. Seus cabelos eram claros, loiros. Usava um vestido colorido de alças, com motivos geométricos e que balançava, não pelo vento que vinha contra a ponte, mas por um movimento que parecia ser um prolongamento dela mesma. Não havia nenhum cheiro, nenhum som de batimentos, nem respiração, nada. Era como se não houvesse ninguém ali. Eu não sabia quem ela era. O que estaria fazendo aqui? Os olhos castanhos me encararam surpresos, seguidos de uma doçura sem tamanho. O brilho deles faria inveja a todas as

estrelas do céu. E foi esse brilho que momentaneamente me salvou, tirou a venda escura e me fez enxergar a luz da minha humanidade.

— Laura...? — minha voz era um fio espremido pela respiração.

Seu olhar ia da garota para mim. Sufocando de vergonha, tentei me ver através dos olhos dela. Que aparência bizarra e monstruosa eu teria? Meu Deus! Ela veria em mim um animal? Enxergaria o homem mesmo diante da aberração? Levantei e caminhei passo a passo, mais lento do que podia me lembrar de ter movido meu corpo nessa vida. Tinha medo de afastar a visão a poucos centímetros de mim, envolvida pelos primeiros raios do sol que me trazia de volta ao dia.

— Laura! — repeti, extasiado e em frenesi.

Sua mão se levantou lenta, a palma voltada na minha direção. Fiz o mesmo, devagar, e nossas palmas se uniram na altura do peito. Havia calor nela, mas não parecia ter músculos ou sangue, apenas uma pulsante energia que me percorria todo o corpo, como uma descarga de força arrebatadora. Nossos olhos estavam perdidos um no outro e vi o reflexo do meu rosto neles. Eu era eu de novo! A figura dela flutuava e deslizava de leve, nunca imóvel. Apesar do vento forte, seus cabelos e roupas tinham ondulações próprias, como se o tempo não a afetasse.

— *Robert, não faça isso* — seus lábios quase não se mexiam, mas o som era claro. — *Não enfraqueça, por favor! Lute. Lute como eu estou lutando. Não desista. Promete?*

— Laura... — minha boca só conseguia repetir isso.

O sol nascia majestoso por trás dela, rompendo a barreira do inverno, ignorando-o por completo. Seu brilho me cegou por um instante enquanto a mão deslizava da minha.

— *Eu te amo...* — sussurrou para mim.

E então... Ela se foi, desapareceu, sumiu. O dia amanheceu e ela não estava mais lá, como se nunca tivesse estado.

— Laura? — chamei a esmo. — Laura! — apenas o eco da minha voz, misturando-se aos sons dos pássaros e do rio, responderam ao meu chamado.

Olhei para a garota desmaiada. Toda a sede e fome anteriores não me incomodavam mais. Meu Deus! O que eu ia fazer? Como

pude me rebaixar desse jeito? E Laura? Ela viu! Viu o pior de mim! Ou minha mente e coração estavam tão doentes pela saudade que me fizeram ver coisas? Enxergar o que não existe? Não consegui resposta nem para uma ou outra pergunta. No instante seguinte braços me agarraram por trás, esmagando meu pescoço, e punhos detiveram meus membros com firmeza.

— Quê...?

Josh e Eric me seguravam com força. Carlo rapidamente rasgava a manga da minha camisa e injetava uma seringa. Com a visão periférica, vi Clementine pegar a garota nos braços.

— Está viva, ilesa — ela confirmou. — Ele não fez nada, mas foi por pouco.

— Tudo bem, Rob — Josh falava. — Estamos aqui, parceiro. Vai ficar tudo bem. Você vai ficar bem.

— Isso vai funcionar? — ouvi Eric perguntando.

— É uma versão mais forte do soro — Carlo respondeu. — Ele está perdendo o controle, precisamos tentar — aplicou mais uma dose.

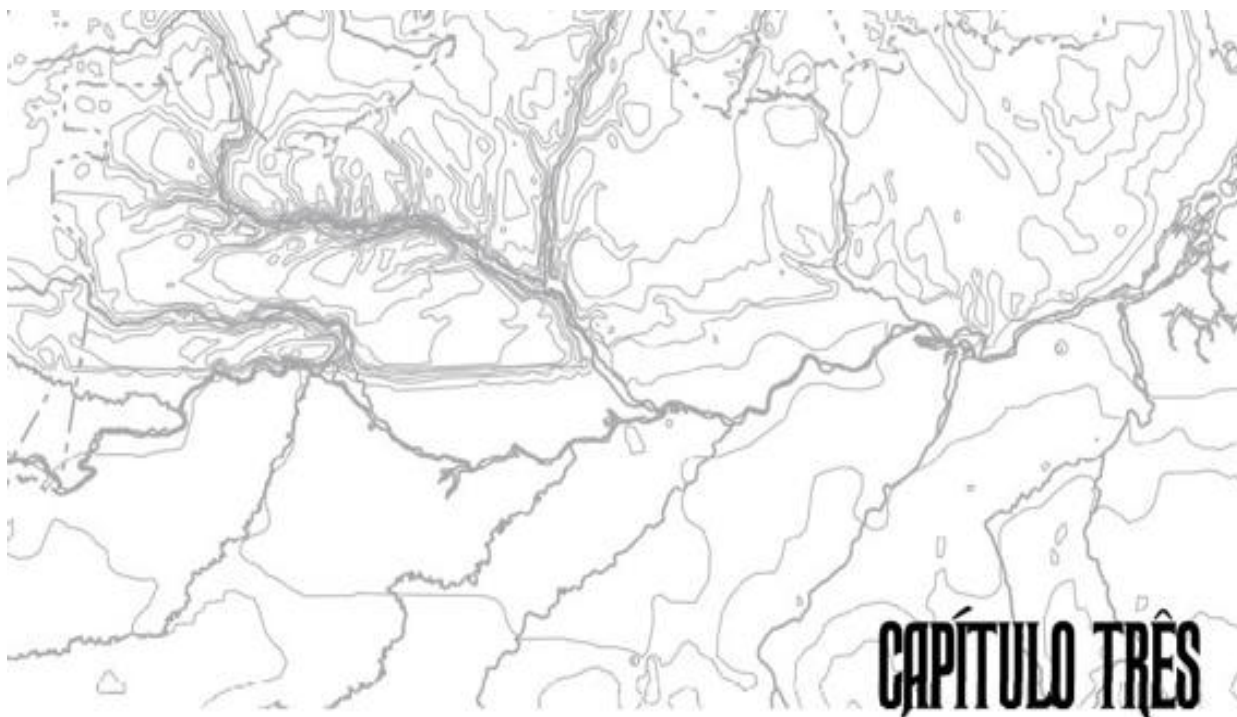
Apesar da força com que me seguravam, não quis revidar. Não faria isso. Havia cruzado todos os limites e eles estavam certos. Carlo fazia o que era necessário. Tinha consciência de tudo agora, Laura havia me mostrado. Meus olhos ficaram pesados e a dormência tomou conta dos membros. Todos os vestígios da sede retrocederam com violência e meu corpo tombou sobre os joelhos. Josh e Eric, que antes me prendiam, agora amparavam.

— Robert? — Clem falava comigo, seus olhos verdes desfocados. — Vai ficar tudo bem, entende? Eu vou cuidar de você, meu irmão.

Tudo ficou embaçado e depois escuro. Um pouco antes de adormecer profundamente o vislumbre do rosto dela dançou diante de mim. Minha boca se moveu devagar.

— Laura...

E se calou com a escuridão.



Livro Seis – Capítulo Três

Venezuela – Floresta Amazônica – verão

O relâmpago foi claro, ofuscante, e mais uma vez interrompeu meu sono, já bastante debilitado. Sua luz azulada refletiu no cômodo pequeno e simples delineando a figura de Jarvis, que dormia um sono solto em sua rede. Ao lado dele, espalhados por algumas esteiras, membros da comunidade indígena também dormiam, ressonando de leve, sem se incomodar com o acúmulo de eletricidade estática que a atmosfera emanava e que antecedia a tempestade equatorial. Era verão e todos os dias, em horários imprevisíveis, a chuva lavava a terra e a mata, deixando o cheiro pungente de lama ressecada ao sol. O barulho do rio Guainia — que ao entrar no Brasil ganhava o nome de Negro —, era audível. A comunidade ribeirinha ficava às margens, de onde tiravam seu sustento, mesmo que fosse de difícil acesso para a civilização.

Eles quase não recebiam pessoas de fora — isso ficou claro para mim — e nossa presença, que a princípio chocou a todos, foi se incorporando em sua rotina com o passar dos dias. Tornou-se comum que crianças me trouxessem algum tipo de flor selvagem, de aroma cítrico ou adocicado. Elas se aproximavam devagar, sorrindo timidamente, deitavam a flor no meu colo ou mão e saíam correndo. O que teriam dito a elas sobre mim? Eu perguntava, mas nunca me respondiam. Mesmo sabendo que meu dialeto indígena era limitado, meu espanhol era bom. Mas nunca consegui travar mais do que uma ou duas curtas conversas com os habitantes e em todas as tentativas eles simplesmente abaixavam a cabeça e seguiam adiante, sem esconder o olhar de evidente admiração. Esse pensamento me deixou inquieta.

Outro relâmpago clareou a cena, mas não causou alteração nos personagens, nem na disposição do quadro. Pareciam petrificados no tempo, como uma aquarela de Debret. Desviei os olhos e mirei a janela aberta, protegida apenas por uma cobertura de telhas de amianto e cortinas de palha trançada. As nuvens engrossavam, mas a chuva anunciada demoraria algum tempo. Outro relâmpago, mais forte, cortou a floresta no exato ponto em que os outros estavam acampados. Onde os Abaçais, Caitétus e Anaantanhas, como eram chamados pelos ribeirinhos, ficavam ocultos na floresta. Todos ali conheciam suas histórias, não eram segredo, e apenas Jarvis, Nelson, Nazaré e eu ficamos na comunidade. *Como havia sido combinado.*

— Não podemos ficar muito perto deles, Panaceia — Nzinga dizia com sua voz levemente rouca. Ainda era estranho ouvi-la me chamar dessa forma. — É um acordo antigo. Mas não se preocupe, os anciãos a receberão bem assim como nos receberam há séculos. Estaremos por perto de agora em diante.

E assim foi. Pelo menos, desde que chegamos aqui. E esse caminho teve um início confuso, truncado, como o relâmpago que cruzava agora minha visão, parecendo não vir nem do céu nem da terra, iluminando o borrão escuro das árvores, acendendo as minhas lembranças.



Parei em frente ao grupo heterogêneo na clareira da taba do clã da Amazônia. Como se tivesse sido combinado, todos estavam posicionados de forma hierárquica. Nzinga estava ao centro, com um vestido vermelho rubro que contrastava com a cabeleira branca solta, descendo aos tornozelos, presa no alto por uma espécie de diadema de bronze com um grande rubi ao centro. Os outros adereços — brincos, pulseiras, anéis e braceletes ricamente trabalhados — brilhavam levemente e sua postura era a mesma, alta e imponente como uma rainha devia ser. Seu olhar não dizia nada e sustentou o meu, com firmeza. Ao seu lado direito estavam outras mulheres, provavelmente as anciãs como José dissera antes, devidamente trajadas. Percebi no ato que não eram simples roupas do dia a dia, e sim trajes cerimoniais. Observando melhor podia identificar certos ícones desenhados neles: espirais, círculos, formas geométricas e simbologismos primitivos. Em cada uma delas um determinado grupo de desenhos se destacava, o que denunciava a posição que ocupavam no clã. Também usavam pinturas faciais no mesmo estilo, em tinta branca, sobre as maçãs do rosto, antebraços e pulsos. Os de Nzinga eram os espirais, envolventes e infinitos. Por um momento me lembrei da *Estrada de Tijolos Amarelos*, mas desviei essa lembrança com força.

Do lado esquerdo podia ver Jamal, Djevá, Obu e Solomon, mas de uma maneira como nunca havia visto antes. Usavam roupas espetaculares, Jamal e seus filhos estavam soberbos em túnicas de algodão tingidos de açafrão, também com desenhos e símbolos pintados com esmero, as golas bordadas com fios dourados e prateados. Jamal usava um arranjo de peles trançado na cabeça de onde pendiam penas coloridas, ocultando completamente os cabelos negros. Um toucado semelhante era usado por todos os seus filhos, os corpos pintados cerimonialmente. E Solomon? Ele estava simplesmente magnífico! Túnica de linho clara, que eu não duvidaria ter sido feita ainda no Egito numa época muito distante, uma sobretúnica dourada, provavelmente em couro e ouro, um *némes* na

cabeça de onde pendia um diadema azul, claro como o céu que as árvores escondiam. Tinha as mãos pintadas com *henna* e os olhos com *khol*, como uma figura dos túmulos egípcios que saltava e ganhava movimento, mesmo na imobilidade que cercava a todos. José era o único, nesse grupo, que se mantinha com roupas mais casuais. Talvez por uma questão de tempo de existência.

Um ritual cerimonial, Jarvis dissera. Pelo canto do olho eu o vi a porta da oca que ocupávamos, com seu inseparável caderno. Ele não anotava nada, o olhar fixo na formação que se destacava. Ansioso e preocupado, ajeitava os óculos devagar como se temesse que esse movimento pudesse afetar a ordem do que estava para acontecer. Nelson e Nazaré ficaram mais ao canto, ele envolvia a cintura dela de maneira protetora, e outras mulheres estavam por lá também. Apenas Jana e Lena não eram visíveis, assim como mais três ou quatro delas.

Respirar é um ato involuntário para o ser humano, até mesmo para os imortais, mas podia jurar que cada criatura presente ali sentia dificuldade em trazer o ar para junto do peito. Lutando para disfarçar, aqueles que vieram comigo pareciam lamentar, por antecipação, qualquer palavra dita. Estava claro em suas posturas, mesmo permanecendo oculta em seus rostos. Eu não sabia qual seria o protocolo correto nessa situação, *quem* deveria falar o *quê* primeiro, se era por ordem de *suplicantes* ou Nzinga teria a primeira palavra, como dona do território. Mas eu já havia esperado demais, sofrido demais, perdido demais!

— E então? — encarei a surpresa de todos quando falei, sem nenhum traço de medo ou ansiedade. — Posso ter o direito a uma resposta agora? — olhei para Nzinga. — Afinal, acho que temos que continuar com nossas vidas, seja de que maneira for.

Por algum tempo ninguém disse nada. Os olhares surpresos cederam lugar a expressões variadas. Algumas mulheres do clã pareciam ofendidas com meu gesto ousado e outras encaravam com certa simpatia resignada. Jamal apenas acenou com a cabeça, admirando minha postura com o olhar, e Solomon sorriu de leve, mas triste.

— Admiro sua coragem, quimera — Nzinga começou a falar. — É uma qualidade rara entre os humanos. Pelo menos a coragem verdadeira, essa que vem de você — seus olhos vermelhos se estreitaram. — Sou capaz de perceber essa virtude a distância, assim como o medo, o ódio... Cada uma tem seu teor, uma nota diferente. Os humanos são como os animais que menosprezam por considerarem inferiores: emanam seus estados de humor através do odor. Com você é diferente, claro, mas mesmo com sua habilidade peculiar não é difícil ler em seus olhos o que o corpo sabe disfarçar — e inalou devagar, pausadamente. — Estou a par do que tem feito, de seus atos, de todas as adversidades que a vida, em sua eterna movimentação, causou ao seu destino — apontou para Jamal e Solomon. — Você possui amigos leais, conquistou-os por seus próprios méritos. Um feito admirável, a meu ver.

Nada na voz de Nzinga demonstrava o contrário do que dizia. Dias de Conselho devem ter revelado cada aspecto da minha condição em seus detalhes. Achei que sufocaria de raiva quando tudo isso viesse à tona — eu não era o tipo de pessoa que gostava de ter a vida invadida e discutida pelas costas — e experimentar uma reação contrária acabou se mostrando algo inusitado.

— Jamal é um velho e grande amigo — Nzinga continuou —, por muitos séculos nossas famílias viveram lado a lado, cada qual seguindo seu rumo, mas sempre nos respeitando e ajudando — seu tom recuperava lembranças. — Quando as perseguições começaram, foi somente graças a Jamal e seus esforços incansáveis que impediram o extermínio do meu povo. Éramos pacíficas, convivíamos com os humanos, necessitávamos deles para procriar, e por esse motivo nunca poderíamos imaginar que um dia, após tanto tempo, os homens nos considerariam uma ameaça a sua existência. Mesmo que os anciãos das tribos clamassem pelo passado, as novas gerações acreditaram nas deturpações sobre a nossa história e agiram como os ignorantes que aceitaram ser.

Os olhos estavam injetados pela dor quando se voltaram para as duas mulheres de cabelos negros a seu lado.

— Não apenas eu, mas muitas de nós choraram a perda de filhas, irmãs, mães. Tivemos a nossa sociedade abalada e destruída.

Quando optamos por vir para essa terra decidimos, em Conselho, que assim o faríamos tendo como objetivos o recomeço, a distância, o isolamento. Juramos que nunca mais nos envolveríamos nos assuntos pertinentes aos homens ou a qualquer outra criatura que caminhasse sobre o planeta. Não poderíamos esquecer nossas perdas — nesse momento vi uma lágrima brotar nos olhos de uma das mulheres da tribo —, mas encontraríamos uma maneira de conviver com elas. Eternidade é muito tempo para se amargar a dor e precisávamos aprender a viver com a nossa.

Como se fosse um eco aos meus próprios sofrimentos, a voz de Nzinga plantou aquelas palavras dentro de mim com força. Eu também teria a eternidade, mas teria a mesma tenacidade para conviver com a perda? Suportar as lembranças e tocar adiante? Naquele momento vi muitas semelhanças entre o modo de vida dessas mulheres e aquele ao qual me propus. Elas se afastaram do mundo para proteger seu povo, eu me afastei do meu para poupá-los. Talvez por isso as próximas palavras de Nzinga fizeram total sentido.

— E após deliberarmos muito em Conselho, ouvindo os pedidos e as histórias de nossos amigos presentes, mas também atentas às nossas promessas e determinações, decidimos não nos intrometer nessa questão — sua voz tinha o timbre de uma juíza que determina a sentença. — Por mais que nos custe negar tal pedido, o de mantê-la conosco por um tempo determinado — olhei espantada para Solomon. Determinado? —, mesmo levando em consideração a antiga amizade que nos une, não podemos aceitar. Envolve muitos riscos e podem ser prejudiciais ao nosso povo, ao nosso modo de vida, ao pouco que nos restou para levar adiante. Por mais de quinhentos anos estamos aqui, os habitantes verdadeiros desta terra sabem sobre nossa existência e nos respeitam, sem constituirmos ameaça a nenhum dos lados. E, enquanto líder, pretendo que assim permaneça — seu olhar cruzou com o das outras mulheres. — Essa é a decisão do nosso Conselho. Vocês devem partir em dois dias. É nossa palavra final — a voz tangeu como um grande sino.

Respirei fundo, devagar e com calma. Um alívio estranho tomava conta de mim.

— Não há necessidade de dois dias, rainha Nzinga — falei com autoridade. — A menos que Jamal e Solomon desejem ficar em sua companhia e na de sua família por esse período, mas meu tempo aqui está acabado. Partirei imediatamente. Agradeço pelo tempo e pela hospitalidade que me deram.

Solomon abriu a boca para falar, mas fiz um gesto pedindo seu silêncio.

— Não. Já conversamos sobre isso, meu amigo. A decisão está tomada — Nelson me olhou aflito e Jarvis se aproximou. — Durante todos esses meses segui seus pedidos, aceitei seus conselhos, mas agora chegou o momento que tanto eu quanto você sabíamos ser inevitável. Eu devo partir... Sozinha! — deixei bem claro os termos perante todos.

Jamal tinha uma preocupação desmedida no olhar. Colocou as mãos gigantes sobre os meus ombros, pesadas e maciças como clavas.

— Pequeninina — olhou diretamente nos meus olhos —, não faça isso! — sua respiração fez os fios de cabelo do meu rosto dançarem. — Há muito mais em jogo do que pode imaginar. Muito mais — olhou para Nzinga. — Eu entendo e aceito todos os termos de Nzinga, sem questionar além do que é permitido perante o Conselho. Vim para cá ciente de que meu pedido poderia ser recusado, o que não compromete em nada a amizade que temos. Nzinga agiu como uma líder — depois voltou a me encarar. — Eu não quero lhe dizer o que deve fazer, Laura, mas estamos perto de um momento muito crítico e isso diz respeito a você, querendo ou não — percebi o olhar de censura que Nzinga lançou e a força com que ele o devolveu. — Não, ela precisa saber...

—... E não pode dizer, sabe disso — Nzinga protestou. — Não lhe dei esse consentimento, e a única outra pessoa que poderia dar não está presente aqui. A ignorância é a única defesa agora — apontou para mim. — Ela tem mais chances de continuar adiante se não souber de nada. Pelo menos, nada além do que você já disse, Jamal, e que não foi sábio — seu rosto me encarou, com calma. Percebi Nzinga lendo cada uma das interrogações nele, mas ela não me daria nenhuma resposta.

Aliás, ninguém ali parecia que iria dar. E ao que indicava, Nzinga, por algum motivo, temia algo, não com o medo inerente a qualquer pessoa, mas de uma natureza mais profunda, quase mítica eu diria. Mistérios, segredos... Em outra ocasião eu teria insistido para saber a verdade, mas agora isso era irrelevante, bem menos importante do que minhas decisões. Se houver explicações, elas podem esperar. Encarei Jamal. Ele ainda tinha as mãos nos meus ombros e com suavidade as retirei. Não houve resistência.

— Agradeço, meu amigo, mas, como eu disse, agora chega — seu rosto ficou apreensivo, mas não recuei. — Vou recolher minhas coisas e partir. Tudo isso já durou tempo demais.

Não esperei pela permissão de ninguém e fui até a oca. Podia sentir os olhares que queimavam nas minhas costas. Passei por Jarvis e entrei. Não havia muito que pegar. Minhas mochilas estavam num canto, próximo à rede que eu usava para dormir. Com gestos rápidos tirei o vestido pelos ombros, sem me importar caso alguém entrasse. Busquei pela calça *jeans* surrada e vesti, colocando uma camiseta e o par de botas de borracha. Teria que caminhar, e muito, até chegar a algum ponto onde acharia transporte para retornar à civilização. Prendi os cabelos com um elástico, terminei de juntar o que era meu, colocando uma mochila nos ombros e levando outra nas mãos.

Quando tudo estava arrumado, parei e admirei o interior da casa. Uma mistura de sensações determinava o andar dos meus batimentos. Estava aliviada, sim, por poder, finalmente, seguir com minha vontade. Era tudo o que eu queria desde o início. Mas me sentia culpada, e muito, por ter que abandonar de novo pessoas que estavam dispostas a me ajudar, que me queriam bem. Solomon salvou minha vida, o garoto Nelson também, e Jamal deixou a África, por alguma razão ainda não totalmente esclarecida, apenas para me encontrar e se prontificou a tudo isso. No final dessa jornada um único sentimento ditou o ritmo que me dominava: tristeza.

Engoli esse sentimento e marchei para a saída da oca. Jarvis estava parado na porta e me encarava, os olhos sábios escondidos por trás dos óculos grossos. Ele guardou o caderno em sua mochila

de viagem e colocou o chapéu de couro, pegando seu cajado de madeira num canto.

— O que está fazendo, doutor? — só agora havia notado que ele estava com calças e botas de viagem, e que suas coisas pessoais não estavam ao redor, como antes.

— Eu me antecipei ao resultado, apenas isso — disse com um sorriso. — Todas as minhas coisas já estão aqui — bateu na mochila. — Só estou esperando que me diga para onde vamos — plantou-se, firme como uma árvore.

Olhei sem acreditar.

— Doutor, eu agradeço sua intenção, mas andar comigo é meio perigoso, acho que já deve ter percebido. Sou prejudicial à saúde — e fiz um X com o dedo no meu peito.

Mas isso não o fez mudar de postura. Pelo contrário, parecia ainda mais decidido.

— *Beladonna*, Laura... Há mais de três anos você me procurou pedindo ajuda. De lá para cá, veja só o que aconteceu? — ele apontava a cabana com os dedos. — Nenhum de nós imaginou que, após aquele dia, nos encontraríamos outra vez em circunstâncias tão peculiares. Sei que não é fácil para você — seus olhos eram doces, o que fez minha garganta doer. — Só posso imaginar o tamanho do sacrifício que tem feito todo esse tempo. Não posso mensurá-lo, pois há muitos anos eu não sei o que é ter uma família para sentir saudades. Minha vida tem sido os estudos, as pesquisas e meus delírios — ele piscou —, que se provaram serem mais reais do que eu pensava. Poderia, por isso, aceitar a companhia deste velho e demente professor de mitologia? Permita que a acompanhe nessa sua jornada? Acredite, nada me faria mais feliz neste momento. Posso não resolver todos os problemas que você tem, mas prometo compensá-la com um ombro amigo sempre que necessitar.

— Jarvis... Eu não sei nem para onde irei... — falei com desânimo. — Apenas... Quero sair daqui, e rápido. E para onde eu for os riscos sempre vão me acompanhar. Não acho justo colocá-lo no meio disso.

— Vamos fazer o seguinte, então — ele pegou nas minhas mãos —, preocupe-se com o nosso destino e eu me preocupo com os

riscos, ok? Fará bem a você se invertermos os papéis um pouco, não acha? — sorriu, afagando meus dedos.

Jarvis me lembrava Ben. A comparação fez meus olhos arderem, mas contive as lágrimas. Aquele não era o momento para chorar, e sim para agir. As lembranças podiam esperar e a dor junto com elas. Quando deixamos a oca, Nzinga e as mulheres não estavam mais por lá. Somente os vampiros e mestiços esperavam silenciosos e taciturnos. Assim que nos viu, Solomon adiantou-se, a postura digna de um faraó. O olhar era triste, mas resignado. Nelson e Nazaré vieram com ele. Ficamos por longos segundos apenas nos fitando, como se as memórias dos últimos meses dançassem entre nós. Sim, eu sentiria falta deles, e muita.

— Não há mesmo nada que eu possa dizer? — Solomon lamentou.

— Não, meu amigo. Apenas prometa que irá se encontrar com Shiloh, não deixe sua mulher esperando — uma lágrima teimosa brotou, embaçando meus olhos. — E quanto ao senhor — coloquei minha mão no ombro de Nelson — trate de cuidar muito bem dela, ouviu? — acenei com a cabeça para Nazaré. — Caso contrário, a culpa vai ser minha, e terei que ir atrás de você um dia.

— É, eu sei — ele sorriu de um jeito fraco. — E sei também o que pode fazer, não seria nada agradável — fez uma careta.

— Pode apostar que não! — brinquei.

Nazaré se adiantou e me envolveu com um abraço. Ela chorava, uma coisa rara de se ver. Apertei seu corpo pequeno e macio, sentindo seu perfume de orvalho.

— Quero que sejam felizes. Vocês dois — sussurrei em seu ouvido, mesmo sabendo ser desnecessário tanto cuidado. — Me prometa isso, certo?

Ela apenas balançou a cabeça, incapaz de falar. Nelson a segurou de encontro ao peito, enquanto Jamal e seus filhos se aproximaram.

— Tem mesmo certeza de que não podemos fazer nada por você, Laura? — Jamal ainda mantinha as esperanças e decidi terminar com elas. Olhei para a mata cerrada.

— Bom, se Djevá e Obú puderem nos dar uma carona? — pedi para os grandes Asanbosans. — Afinal, vai ser difícil atravessar esse paredão verde e não tenho ideia de onde iríamos acabar. Só uma

viagem rápida até algum lugar onde o doutor e eu possamos pegar um transporte — achei melhor que fossem os dois, assim não haveria mais pedidos.

Jamal acenou tristemente. No instante seguinte, Djevá me colocava sobre suas costas e Obú fazia o mesmo com Jarvis. Olhei para baixo, do alto de uns quatro metros, para todos. Um bolo embargava minha garganta e precisei fazê-lo descer com força para conseguir falar.

— Adeus, meus amigos. Obrigada por tudo — agradei, ansiando por desaparecer antes de começar a chorar.

E então o vento passou a ser o meu companheiro, forte e veloz, fazendo meu cabelo se soltar do elástico que o prendia. Djevá e Obú saltaram rápido pelos galhos, chegando quase ao topo das árvores. Ainda pude ver uma última vez, desfocadas pelas lágrimas, as figuras paradas no meio da clareira, mas foi um instante apenas. As folhas e os galhos toldaram minha visão assim que os Asanbosans retomaram sua marcha acelerada. Sabia que iam mais devagar por nossa causa, mas mesmo assim era uma boa velocidade. Agarrei-me ao pescoço de Djevá, deixando que as lágrimas corressem livres agora, em silêncio, esperando que o vento forte da corrida pudesse dissolver a tristeza do meu coração e levá-la para longe. Djevá não faria perguntas desnecessárias. Em uma breve pausa para mudar de árvore, vi a figura de Obú carregando tranquilamente o doutor. Não podia ter certeza de para onde estávamos indo, minha noção de espaço era comprometida pela extensão e homogeneidade da floresta, mas não duvidava de que, em pouco tempo, encontraríamos alguma comunidade ribeirinha onde houvesse um trapiche e um barco. Uma vez feito esse arranjo, Jarvis e eu podíamos seguir adiante. Para onde? Eu não poderia dizer. Não agora. E talvez nem depois.

Cerca de uns quatro ou cinco minutos após começarmos a viagem pelas árvores, Djevá parou, de repente. Foi uma parada tão abrupta que meus quadris subiram por suas costas, quase indo parar em seu pescoço. Tive que usar os braços para me agarrar ou seria arremessada para longe. Quando recuperei o equilíbrio, Obú estava parado em outra árvore, ambos tensos, farejando o ar.

— Djevá? O que foi? — perguntei meio sem fôlego, o coração ainda saltando forte no peito.

Ele olhou para Obú e depois desviou a cabeça para mim.

— Há algo errado — disse com cautela. — Eu não sei o que é, Laura, mas aconteceu alguma coisa — suas narinas se abriram mais.

Retesei o corpo com firmeza. Olhei para os lados, mas nada parecia fora do normal. Entretanto, uma aflição deixava o corpo de Djevá e alcançava o meu feito corrente elétrica. E essa corrente me dizia que era verdade. Algo estava acontecendo.

— Onde, Djevá? — eu quis saber. — Você consegue saber?

Seus olhos mais uma vez procuraram Obú. O aceno do irmão foi discreto, enquanto Jarvis estava pálido, apenas esperando. Djevá retribuiu o aceno no instante em que o canto de um capitão-do-mato se fez ouvir em meio ao silêncio quase sagrado. *A ave que prenuncia os perigos da selva!* Suas mãos agarraram o galho num salto.

— Segure-se, Laura, nós temos que voltar e rápido! — sem dizer mais nada, retomou a marcha veloz, mas na direção oposta.

Voltar? O que está acontecendo? As perguntas se sucediam na minha cabeça, mas era impossível perguntar qualquer coisa no meio daquela velocidade. Com força redobrada me segurei, pensando até quando aguentaria aquele ritmo. Era rápido demais! E essa atitude me deixou aflita, ansiosa. Algo de ruim parecia estar ocorrendo e o epicentro era a taba de Nzinga. *Que perigo é esse que Djevá e Obú farejaram?* Pensei enquanto me segurava com firmeza, a velocidade quase me derrubando, mas a urgência em saber era o suficiente para me fazer suportar a força de sucção. Fechei meus olhos o mais forte que pude, respirando fundo para não sentir náuseas, quando algo se chocou contra o corpo de Djevá, quebrando seu equilíbrio.

Minhas mãos se desprenderam com o impacto violento e a força da gravidade puxou meu corpo como uma pedra que afunda numa piscina. Mesmo que tentasse seria impossível agarrar os galhos distantes e se fizesse isso quebraria os braços, com certeza. A velocidade fatal me aproximava cada vez mais do solo, poucos segundos me afastavam de uma morte certa. Não sei se foi por causa da adrenalina ou por ser a última coisa que estaria vendo na vida, mas as imagens eram bem nítidas, quadro a quadro, e não

conseguia fechar os olhos. Fiquei vendo meu próprio fim se aproximar com certa estranheza, como espectadora de um acontecimento alheio, sentindo na pele os efeitos do vento forte provocado pela queda, a falta de ar e a sensação de sucção inevitável. Trinquei os dentes com força, a tensão espalhando-se em todos os meus músculos, quando o ar pareceu ficar mais denso ao meu redor. Ao mesmo tempo algo como um estalo, o mesmo que tive na clareira naquela noite, só que menos intenso, irradiou-se pelo interior da minha cabeça, causando um eco prolongado.

O ar pesado e carregado fluiu por entre os meus dedos, deslizando nas curvas do corpo, escapando pelas solas das botas e fazendo flutuar meus cabelos de forma etérea, como se criasse uma bolha de vácuo que me envolvia. Um calor irradiava do meu pulso marcado como uma chama de vela, diluindo-se pelo braço e subindo, caminhando junto com a corrente sanguínea, até alcançar meu coração, espalhando-se pelo peito como brasa incandescente. Tudo isso no prazo dos poucos segundos entre o impacto contra o corpo de Djevá e minha queda livre, como se a noção do tempo real não tivesse influência alguma nos acontecimentos. Um acontecimento que, aliás, não poderia mais ser chamado de *queda*. Uma queda, a essa altura, já teria estourado todos os meus órgãos, feito a carne se despedaçar e os ossos se partir em fragmentos, o sangue espalhando-se pelo chão escuro da floresta. E meu coração não estaria batendo, não como agora, enquanto lentamente meu corpo baixava ao solo, levado por uma energia estranha, desconhecida.

“Essa energia é sua. Ela vem de você.” Parecia ouvir novamente as vozes em uníssono e olhei ao redor, esperando ver os capuzes cinza flutuantes. Mas não havia nada, apenas o movimento das árvores, dos galhos e folhas que se soltavam e que *passavam* por mim e chegavam ao solo, enquanto eu descia suavemente. Era um efeito assustador, hipnótico, como se estivesse presa em uma película de filme e alguém adicionasse os efeitos especiais na minha cena. Ao mesmo tempo, imaginava se já não estaria morta e tudo isso fosse uma espécie de *delírio post-mortem*, como chamam alguns especialistas. Meu corpo parecia imune a qualquer sintoma da queda, o calor e energia escapando de mim pelas pontas dos dedos. Só

quando o chão estava próximo o suficiente para não causar danos, minha mente perdeu a conexão com essa estranha força e caí, batendo o ombro. Não estava morta, como suspeitava, pois a dor pungente me fez ver a realidade, toda ela se movendo normalmente dessa vez. Apesar da dor, levantei rápido e olhei para o alto. Não havia nada nas árvores, nenhum sinal de Djevá e Obú, nem de Jarvis, e isso me assustou. Eu estava sozinha e o pensamento do que poderia ter causado esse acidente foi maior e mais perturbador do que essa experiência misteriosa, fazendo minha mente calar para sua possível explicação e me concentrar nos fatos mais urgentes. Sabia que apenas algo tão forte quanto um vampiro poderia derrubar outro e isso foi o suficiente para meu corpo formigar e o arrepio cruzar a nuca. Saquei a espada e a adaga da mochila, que milagrosamente continuou em minhas costas — a outra havia desaparecido — e me pus em estado de alerta, escutando e buscando, enquanto diminuía os batimentos e alterava meu odor, camuflando-me. O silêncio era carregado, pesado de atividade, mas não conseguia definir onde tudo estava acontecendo.

A escuridão diurna não ajudava a visão. *Bom, então teria que usar a visão interna.* O arrepio e a dormência eram os sinais que me avisavam da presença de algum deles. Correndo rápido, segui na direção onde a sensação ficava mais forte. Atravessei entre árvores, desviando dos cipós pegajosos que me agarravam, quando vi o deslizar de uma figura. Parei atrás de um tronco, arma em punho, coração em ritmo controlado. Outra figura cruzou o ar, acima de mim, como se perseguida por algo. Não havia como distinguir. Só quando duas formas se chocaram ao solo, separando-se e encarando uma a outra em desafio, é que pude ver o que estava acontecendo. Uma onça gigantesca rugia ferozmente para um vampiro, com cabelos e olhos escuros, que escancarava os dentes para ela. O som era tão intenso que fazia tremer o chão aos meus pés. Eles se rodearam, rápidos e precisos, cada um analisando as possibilidades de atacar o outro mortalmente. Então saltaram, atracando-se num abraço mortífero, rugidos e rosnados surgindo de ambas as bocas. O tronco das árvores era agredido pelo impacto dos corpos, removendo

cascas e galhos mais baixos, e cipós despencavam como cobras desgarradas.

De onde eu estava não podia saber se era um metamorfo ou um mestiço, mas não me preocupei. Ele era um estranho e atacava uma das mulheres do clã. Em dois movimentos, tão ligeiros que me assustaram, saltei de trás das árvores e cravei uma adaga nas costas da criatura, que não havia notado minha presença, afundando a lâmina até o cabo. Era um mestiço. Com a mesma misteriosa agilidade do início eu me desviei e girei, cortando-o com a espada na altura do peito, fazendo-o urrar de dor e o sangue jorrar, enquanto me observava incrédulo. Imediatamente a onça alcançou o pescoço desprotegido. Com força descomunal, chacoalhou aos ares o corpo do mestiço, atacando-o com garras afiadíssimas, fazendo os pedaços se espalharem numa chuva de sangue, ossos e músculos. Assim que acabou, a onça virou para mim seu focinho ensanguentado. Não havia nenhum sinal de ameaça vindo dela, pelo contrário, seus olhos brilhavam em camaradagem e admiração, e pude reconhecer alguns sinais familiares. Peguei a adaga do chão e sem cerimônia me aproximei.

— Jana? — perguntei, esperando pela confirmação.

A onça acenou positivamente, os pelos sedosos manchados pelo sangue. Aproximou-se e arqueou o dorso. Entendi o que queria e montei-a, segurando no pescoço largo. Em alguns poucos saltos cruzávamos as árvores, o chão a muitos metros de nós, e percebi que não tomávamos a direção da clareira da taba. Quando se agarrou ao galho de uma castanheira, vislumbrei os mesmos troncos grossos que protegiam a aldeia de Nzinga, mas Jana não seguiu por ali, tomando a direção do braço de rio que usei muitas vezes para me banhar.

Ao alcançamos as margens do rio Negro o cenário era chocante. A grande onça branca rugia, desfazendo em pedaços um corpo já bastante mutilado e irreconhecível. Depois que terminou, ela partiu para cima de outro, que atacava um dos filhos mestiços de Jamal. Nelson e Nazaré estavam tendo sua cota, mas não podia ver onde estavam Jamal ou Solomon. Outras onças lutavam e José estava firmemente segurando um vampiro pelo pescoço, sufocando-o.

Segundos depois a cabeça rolava pelo chão, num corte feito pelos dentes dele, tão rápido que não consegui acompanhar. Mas isso não o manteve no lugar, admirando o que fez, pois outro avançava e atracou-se com ele. Havia adversários por todos os lados, pareciam brotar do nada! *Meu Deus, de onde vieram tantos? O que querem?* Jana hesitava em descer, talvez temendo por mim, mas sua respiração era tensa e acelerada. Ela queria ajudar as irmãs.

— Vamos, Jana! — comandeí. — Desça agora, eu sei cuidar de mim! — agarrei as armas. — Temos que ajudá-los!

Ela concordou, mesmo que ainda mostrasse cautela, descendo por trás das árvores, colocando-me numa posição de pouca visibilidade, com o tronco grosso e pegajoso de musgo fazendo uma barreira entre mim e o espaço onde o confronto ocorria. Jana pisou no solo fofo, em silêncio. Desmontei com pressa e me adiantei, ela já estava em meio a toda a confusão. Não podia deixar de ajudar, mas também não queria que minha presença os atrapalhasse, por isso segui entre os troncos, pensando no que teria acontecido com Jarvis, Djevá e Obú. Nenhum deles estava ali e temi pela sua segurança, principalmente pela vida do doutor.

Agachei-me atrás de uma tora caída, presa na areia do braço do rio. Nazaré havia acabado de derrubar um e rosnava, tentando intimidar uma mulher de cabelos loiros que se aproximava. As duas estavam próximas a mim, analisando-se. A loira agia como uma serpente, insinuando-se. Nelson estava ocupado, mais adiante, e nenhum dos outros estava livre de um atacante. A loira, uma mestiça de pele corada, sorria devagar, enquanto buscava pegar Nazaré pelos lados. Ela desviava-se, procurando a melhor maneira de contra-atacar. Apertei com força as mãos nas armas e busquei os meus próprios ângulos, preparando um golpe que pudesse representar vantagens para o lado de Nazaré. Elas ainda estavam se olhando, circulando, testando as defesas, quando a loira abriu um pouco a boca. A voz era só um sussurro ameaçador:

— Onde *ela* está? Onde está a mulher Di Feveré? — questionou, enquanto eu gelava. Tive que redobrar os esforços para continuar com meu disfarce.

Nazaré não respondeu, apenas vi seu olhar verde faiscar e a boca mostrar todos os dentes de que dispunha. Era incrível ver seu rosto de boneca mudar para uma expressão tão aterrorizante. Isso não afetou a mestiça, que dispunha do mesmo arsenal e sabia fazer igual uso.

— Muito bem — ela disse, com a boca escancarada. — Se não quer me dizer por bem, se pretende continuar esse jogo, então terei de arrancar a informação — meu coração disparou nesse momento.

E num impulso protetor atirei-me contra ela. Mesmo sem nenhuma avaliação prévia do que iria fazer, movida só pela amizade e intuição aguçada, meus olhos viram a lâmina italiana da espada afundar no ventre da loira, quando a ataquei de frente, sem pestanejar. Os olhos, igualmente claros, arregalaram-se por tempo suficiente para ver a mandíbula de Nazaré grudar-se firmemente ao seu pescoço. Num instante a cabeça rolou e caiu nas águas do rio, boiando e enchendo de sangue a piscina cristalina de areias brancas. Respirei fundo e olhei para Nazaré, mas não tivemos muito tempo para reencontros. Outro deles nos viu e veio em nossa direção, e mais um apareceu do nada e sorriu, com os olhos vermelhos. O sol começava a se pôr e agora era possível ver quem era o vampiro e quem era o mestiço com mais clareza. Ajeitei as armas e foquei toda minha atenção no rapaz de cabelos castanhos que me encarava, com descrença e certa dose de prazer.

— Ora, vejam só! Parece que achamos nossa encomenda — disse maliciosamente, aproximando-se ainda mais. — Pena que tenhamos que levá-la viva. Você parece ser deliciosa! — seu rosto iluminou-se com a possibilidade e atacou.

Nazaré colocou-se rápida entre mim e ele. O metamorfo trombou com ela, rolando para longe. Nelson deixou seu atacante mutilado e partiu para ajudá-la, mas isso foi apenas o que pude ver nos poucos segundos em que fiquei em terra. No instante seguinte eu voava pelos ares, literalmente. A pancada do mestiço me atirou contra a areia fofa, depois de me levantar uns dois metros do chão. Mesmo desorientada pela ação violenta, levantei e o encarei. Ele brincava, curtindo com o fato de que eu era apenas humana. Admirando sua superioridade, com certeza. Um doce engano. À medida que ficou

mais próximo minha mão correu rápida, num gesto quase impensado, e ele olhou o próprio sangue escorrer pela camiseta, manchando-a. A mão voou para o ferimento, uma estocada rápida, e depois ele teve que se virar. Surpreendentemente, até mesmo para mim, eu estava às suas costas, movendo-me numa velocidade bem superior à de uma humana, e afundava a adaga em seu pulmão esquerdo. Ele gritou com a dor e reagiu com a mesma intensidade. A mão espalmada me esbofeteou e meu corpo tombou longe no rio Negro.

Afundei, sentindo a dor da pancada no rosto. Ele havia me atirado onde a correnteza era mais forte e senti o seu puxão. Os rios da Amazônia eram caudalosos em alguns trechos e tive que me esforçar para conseguir bater as pernas e mover os braços contra sua fúria. As águas escuras não ajudavam em nada, os pulmões queimavam com a falta do ar. Não estava acostumada a nadar em rios, nem era uma boa nadadora na verdade, sabia apenas o suficiente para me manter acima do nível da água. Enfrentar rios turbulentos não era minha especialidade, por isso foi com dificuldade que consegui me livrar das botas de borracha, bater os pés e braços e colocar a cabeça para fora, sorvendo o ar em goles com rapidez e urgência. Pude ver, contra o céu azul escuro do anoitecer, que a correnteza me levou bem mais para baixo, para longe do braço de rio. Movi os braços numa tentativa de alcançar a margem, ou pelo menos alguns dos galhos baixos que pendiam e que me ajudariam a sustentar o corpo e sair da água. Era como se toda a força da mãe natureza estivesse contra mim, contra os meus desejos, e conspirasse para que me perdesse naquela vastidão escura.

Deixei que a correnteza me arrastasse com um puxão quando o rio fez uma ligeira curva e consegui pegar um dos galhos — agarrar seria a palavra mais adequada — e me senti como uma corda sendo esticada por um violento jogo de cabo de guerra. Sufocando e com dores para respirar, a garganta e o nariz queimando pela água que engoli, me segurei e icei lentamente, tentando tirar o corpo do rio. Não havia terra sob meus pés e isso atrapalhava, me obrigando a usar toda a energia dos braços.

Quando achei que conseguiria escapar da correnteza, algo puxou meu pé com força e minha cabeça afundou outra vez. Com a pouca

visibilidade apenas podia distinguir alguns dos contornos do meu atacante. Os olhos furiosos e os cabelos castanhos, a camiseta que eu havia rasgado com a espada que ficou abandonada no braço do rio. Ele havia me perseguido e agora tinha vantagem total nessa luta. Com unhas afiadas agarrou meu ombro, enquanto as bolhas de ar escapavam do grito mudo que dei. Seu braço fechou-se em meu pescoço com raiva e minha visão começou a ficar toldada. Ainda lutei, mas fracamente, vendo-o se divertir com a cena. Os dentes estavam à mostra e senti o movimento quando ele me levou para cima. Assim que emergimos, o mestiço me suspendeu, sem dificuldade, uns quarenta centímetros acima de sua cabeça. O olhar era feroz e decidido, não haveria como escapar. Cada vez mais eu perdia o foco da visão pela falta de oxigênio torturante do enforcamento. O sorriso dele era perverso, distendendo a mandíbula, deixando-me ver toda a extensão de sua raiva. Aproveitando cada momento antes da refeição que colheria como prêmio por esse ataque. Fixei meu olhar no dele — não fecharia os olhos nem deixaria de encarar meu destino.

E foi com os olhos abertos e atentos que observei a enorme onda que vinha em nossa direção, como se as águas estivessem se movendo contra a correnteza, desafiando-a. Por alguns segundos insensatos passou pela minha mente se estávamos na época da pororoca amazonense, mas foi só por um breve instante. A onda gigante logo tomou um corpo, uma forma, como se o que a movesse não fossem os caprichos da natureza. Parecia haver inteligência por trás daquele fenômeno e tal era seu efeito no observador que as mãos do meu atacante afrouxaram, seu olhar mirando com desespero aquela formação escura que se abateu sobre nós, nos atirando contra a terra molhada de um pedaço da margem.

Minha pele raspou contra a areia grossa e meus dentes cerraram uns nos outros pela pancada, fazendo minha mandíbula se contorcer. Agora não faltava mais nada para doer em meu corpo. Com dificuldade recuperei um pouco do equilíbrio, levantando meio-corpo com a ajuda dos braços — minha cabeça girava e olhei para a água. As ondas ainda estavam lá, agitadas e furiosas, mas concentravam-se num único ponto que pairava diante de nós. O mestiço estava em pé, a poucos metros de mim, e seus olhos fitavam o vazio,

embaçados e mortos, como se sua mente estivesse ausente do corpo. A postura era frágil, somente as pernas o sustentavam, mas de maneira débil.

E diante daquela cena um som chegou aos meus ouvidos. Aliás, ele já estava lá há algum tempo, agora tinha certeza, só que ele exercia uma influência diferente sobre mim e sobre o mestiço. Enquanto me levantava, mesmo dolorida e cambaleante, sentindo a ferida queimar em meu ombro, a massa de água moveu-se lentamente na direção do mestiço. Conforme se aproximava da terra, sua forma tornava-se visível, mesmo na escuridão. Uma figura, mistura de mulher com mais alguma coisa que eu não conseguia definir, saiu de entre as marolas, deslizando. A pele era de um tom azul pálido, havia escamas brilhantes contra a luz da lua, que aparecia clara no céu, fazendo-a fulgurar como uma joia reluzente e rara. Os cabelos tinham o mesmo tom azulado, escorregando molhados pelos ombros, os olhos eram de um vermelho intenso, focados em seu alvo, e seus lábios cheios e sensuais moviam-se devagar.

Ela era a fonte do som que enchia o ar! Sua proximidade tornava o timbre mais forte, mais claro. Todos os seus contornos eram perfeitos, o vestido molhado colava-se contra a pele, deixando entrever os detalhes mais ousados à medida que emergia, também revelando as guelras que envolviam o pescoço, as membranas entre os dedos das mãos... E a total ausência de pernas! Uma cauda, como a de uma enguia gigante, as substituía e sustinha o tronco. Essa mesma cauda escorregou — enrolando-se ao redor das pernas do mestiço totalmente entregue aos efeitos hipnóticos da música das sereias — e Alexia surgiu em seu esplendor mitológico visível à luz do luar. Uma deusa da beleza, mesmo que surreal e apavorante. Os sons melodiosos eram palpáveis na atmosfera. Uma sinfonia de notas doces e sedutoras, que prometiam o mundo e todas as suas glórias àquele que se rendesse aos seus feitiços. Era como ver, ao vivo e em cores, a descrição dos relatos homéricos e de tantos outros navegantes históricos, ou mesmo dos povos cuja cultura falava sobre essas criaturas. Eu estava diante de uma sereia-vampira e sabia que presenciava o mais mortífero de seus ataques: o poder da sedução do canto.

Foi com ele que imobilizou o mestiço, tornando-o apenas um joguete nas barbatanas que o rodeavam, acariciando, abraçando, tocando de leve. Os olhos estavam fixos nele, mirando sem pressa, à medida que seu corpo quase saía completamente da água. A cabeça dela se moveu para perto do rosto do mestiço e por um momento pareceu que iria beijá-lo como uma amante sedenta. Ele estava tomado, era a única definição que eu tinha. Então a boca — antes encantadora e que prometia o mundo — escancarou-se numa profusão de dentes cintilantes e afiados e baixou depressa no pescoço desprotegido.

Do ponto onde eu estava não pude ver o rosto do mestiço, nem mesmo ouvir o som de dor ou qualquer outra sensação que tenha saído de seus lábios naquele momento. Durou pouco, menos que dois minutos, até que a cabeça de Alexia, agora loira, afastou-se dele, caminhando sobre as duas pernas que surgiram em sua metamorfose ao contato com o solo. Ela veio em minha direção, resoluta, enquanto eu observava a postura do mestiço em pé, fitando a lua: o sangue escorreu de um corte profundo ao redor do pescoço, como se talhado por uma navalha, e a cabeça despencou, sendo seguida pelo corpo abandonado, morto. Eu me lembrei de respirar, longa e profundamente, pela primeira vez desde que tudo começou. O som alarmou Alexia, que caminhou para o meu lado com muita rapidez.

— Laura? — a voz encantada da mulher de pele branca, traços perfeitos e sedutores, me perguntava: — Você está bem? Ele a machucou? — sua mão foi para o rasgo em minha camiseta, onde as unhas do mestiço me seguraram. Não havia ferimentos ali. Não era isso que me preocupava agora.

— O quê...? — engasguei com a queimação na minha garganta. — Alexia, o que está fazendo aqui? — não consegui manter o tom muito amigável.

Isso não pareceu perturbá-la, pois sorria.

— Aparentemente, salvando sua vida. A propósito... de nada — concluiu imperturbável.

— Desculpe — olhei para ela, me sentindo uma idiota. — Obrigada. Fico lhe devendo.

— Não me deve nada. Teve muita sorte de eu estar pela América do Sul, percorrendo as águas. Foi fácil sentir o cheiro da encrenca por aqui, especialmente o *seu* cheiro. Ele fica mais concentrado para mim quando estou submersa — estendeu a mão. — Espero que minha aparição súbita não a tenha deixado assustada. Poucos vivem para nos ver em nossa forma primária.

— Assustada, não. *Impressionada* seria a palavra mais correta — aceitei a mão que ela oferecia. — Não me assusto facilmente com mais nada que aconteça, há muito tempo! — soltei o ar. — E tenho que admitir, foi um *show* e tanto.

Ela sorriu, o que a tornava ainda mais bonita. *Maldição!* Podia sentir os vermes do ciúme me corroendo por dentro. O que ela estaria fazendo por aqui? Apenas percorrendo as águas como afirmou? E por que estaria tão longe da Grécia? Alexia não iria se atrever a caçar fora de seu próprio território. Seria essa a verdade mesmo? Mas outro pensamento, totalmente irracional, dominava e nublava minhas ideias: *o que* ela poderia fazer *por lá*? Afinal, da Grécia até a Inglaterra seria apenas um pulo. Sabia que todos os clãs amigos dos Fevré estavam avisados sobre o meu sumiço. Alexia poderia ter aproveitado a oportunidade para oferecer um ombro amigo a Robert, sua solidariedade, seu afeto...

E minha cabeça começou a se encher de imagens com muita criatividade, mas que ferviam meu sangue! Era impossível conseguir controlar. Droga, ela tinha que ser tão bonita? Tão encantadora? Que Robert tenha tido suas aventuras, tudo bem, mas, diabos, Alexia precisava estar entre elas? Mesmo molhada, coberta de areia e terra, com algas marinhas presas nos cabelos despenteados pela atividade aquática e com sangue em suas roupas, ela conseguia fazer qualquer mulher sofrer um golpe na autoestima apenas por respirar o mesmo ar. A antiga irritação se apoderava de mim. Por sorte ela parecia não perceber ou se importar. Após examinar com cuidado meu ombro, certificando-se de que não estava ferida, seu olhar rubi cruzou o meu.

— Eu poderia fazer algumas observações sobre esse tom em seus cabelos, mas creio que isso pode ficar para depois. Agora o que gostaria de saber é: o que diabos aconteceu com você? — a

pergunta veio acompanhada pelo exame minucioso, sondando minha atual condição. — E o que está fazendo por aqui, sozinha?

E a observação me fez lembrar o que o ciúme havia feito esquecer: Nzinga e seu clã, Jamal e os outros! *Meu Deus!*

— Alexia — pedi com urgência —, não dá para explicar agora! — fitei a escuridão, tentando achar o caminho. — Precisa confiar em mim. Temos que sair daqui e achar os outros — ela me encarou confusa. — Jamal e Solomon... Todos fomos vítimas de um ataque. Mas... — virei-me para a floresta — eu não sei para que lado ir... — admiti, sentindo medo.

Alexia farejou o ar, depois me olhou.

— Você e esse mestiço vieram do mesmo lugar? Onde tudo aconteceu?

— Sim. Ele me atacou no braço de rio.

Sem falar nada, Alexia mergulhou. Quando voltou à tona seu rosto estava azulado e escamoso.

— O rastro está forte ainda, mas precisamos ser rápidas — sua cauda saiu das águas e enrolou-se em minha cintura. Era fria, gelatinosa, e a sensação de escamas ásperas picava a minha pele. Ela me colocou em suas costas. — Agora, prenda bem a respiração e deixe o resto comigo — orientou.

Sem alternativa, fiz o que ela falou. A experiência que tive foi semelhante à que se poderia esperar em uma corrida de vampiros em terra, mas a água trazia outras sensações. Alexia nadava contra a correnteza, o que me provocava fisgadas como pequenas picadas de insetos, uma resposta ao atrito contra as águas. Prender o fôlego também não era nada fácil e abrir os olhos era uma coisa impossível de fazer, isso se eu quisesse mantê-los no rosto. A sensação só passou quando percebi que Alexia diminuiu a velocidade e depois ficou imóvel. Num tranco, ela foi até a superfície, onde eu pude respirar.

— Deuses! — a surpresa no tom de voz de Alexia me fez limpar a água com força dos olhos.

Solomon e Jamal — graças a Deus estavam vivos! — empilhavam corpos desfigurados e destroçados, junto com os outros. Não havia como identificar quem era o vampiro e quem era o mestiço devido ao

estado dos cadáveres. Eram muitos. Algumas das mulheres do clã ajudavam em forma humana e Nelson observava José cuidar de um ferimento de Nazaré, ignorando que ele próprio também estava ferido. Djevá também limpava um ferimento em Mnema, enquanto os outros farejavam do alto das árvores próximas. Mas não vi sinal de Jarvis, nem de Nzinga e suas filhas, ou de outras mulheres do clã. Alexia deslizou pela água e os rostos voltaram-se subitamente para nós. Sem entender o que se passava, as mulheres transmorfas ficaram em posição de ataque.

— Não, esperem! Está tudo bem. É Laura, ela está viva! — a voz de Jamal era feliz e aliviada. — E parece que temos mais companhia esta noite.

Ao sentir a areia sob meus pés, soltei-me do corpo escamoso de Alexia e caminhei. Ela ficou ereta também e pude perceber a surpresa e o susto de alguns diante da metamorfose da sereia. Como afirmei antes, era um *show* e tanto. Solomon abandonou a pilha de corpos e veio ao meu encontro, sua bela túnica manchada e destruída, mas nem isso lhe tirando a dignidade. Eu nem cheguei a tirar meus pés da água quando senti o abraço almiscarado que me envolvia, seguido pelo amassar dos braços gigantes de Jamal, que nos embolava e levantava do solo.

— Ah, pequenina! Você é mesmo uma grande surpresa, sempre! — o Asanbosan dizia divertido.

— Laura, pensamos que estivesse morta! — Solomon respirava com força. — Quando me contaram que aquele desgraçado atirou você na água e depois mergulhou... Nem ao menos pudemos ir atrás, havia muitos deles aqui. Se não fosse por Nzinga e suas irmãs, a briga teria sido muito desigual.

Consegui sobreviver ao aperto de ambos, aliviada por saber que estavam bem.

— E se não fosse por Alexia, eu também não teria tido a menor chance — os olhos voltaram-se para a bela mulher. — Foi ela quem pegou o mestiço. O corpo dele ficou mais acima, em uma curva do rio — apontei

Jamal acenou para Djevá.

— Vá buscar o corpo. Melhor não deixar nada para trás.

Antes de ir, Djevá me abraçou.

— Desculpe-me, Laura, eu devia ter tido mais cuidado com você.

— Não precisa se desculpar. Foi um ataque surpresa. Ninguém esperava por isso.

E não esperavam mesmo. Nzinga e sua família jamais suspeitariam que um grupo de vampiros se atrevesse a chegar tão perto. Nem provocar tamanho estrago.

— Alexia, minha querida! — Solomon a estreitava em um abraço. — Que feliz surpresa a trouxe até aqui, justo hoje? Os deuses certamente conspiraram a nosso favor nesta noite. Devemos muito a você, pode ter certeza disso!

— Como já disse, ninguém me deve nada. Eu estava de passagem pela América do Sul. — ela afirmava. — E vocês sabem fazer muito barulho por aqui! — Alexia sorria, mas vi seus olhos fixos na pilha de corpos e franziu a testa. — Na verdade, eu estava na América Central quando ouvi rumores sobre nômades que fizeram alguns estragos pelas terras de Alma, no México, e depois seguiram nesta direção. Resolvi vir pessoalmente avisar, mas parece que não sou tão rápida quanto pensei.

— Mas foi o suficiente para salvar Laura. Meus filhos e eu íamos procurá-la, mas eu confesso que achava que seria tarde... — Jamal completava visivelmente aliviado. — E a informação que nos deu vai ser muito útil. Está se encaixando com as outras agora — olhou para Solomon, que acenou.

— Outras? — Alexia quis saber. — Tem acontecido mais alguma coisa além do que eu pude comprovar? — inquiriu, apontando para mim. Aparentemente, Alexia não sabia nada sobre minha atual condição.

Enquanto conversavam, me concentrei em ver como todos estavam. Nazaré sofreu alguns ferimentos, mas haviam sido tratados por José. Nelson e os outros também estavam inteiros, bem mais do que os cadáveres que se amontoava na areia ensanguentada. Vieram da América Central? Atacaram no México antes? Foi o que Alexia dissera. Aproximei-me para ver melhor, apesar do cheiro nauseante. Não era um clã, isso eu tinha certeza. E nenhum deles era das famílias que eu conhecia de lá, que foram apresentadas durante o

Concílio. Entre os corpos, vi a cabeça da mestiça loira que atacou Nazaré, e que perguntou por mim. E como da primeira vez, isso gelou meu sangue. As mulheres do clã de Nzinga olhavam com desconfiança para Alexia. Provavelmente nunca haviam visto uma lâmia antes e o efeito dessa aparição foi perturbador. Estavam atentas e qualquer movimento suspeito desencadearia uma nova confusão. Nazaré e Nelson vieram até mim, examinando os detalhes dos atacantes.

— Vocês estão bem? Como foi que isso aconteceu? — perguntei para Nazaré.

— Jana e Lena deram o sinal. Com toda a movimentação do Conselho eles acabaram se infiltrando perto demais, mas não chegaram até a clareira. A aldeia ficou fora do ataque.

— Mesmo assim, foi muito perto! Alguém poderia ter morrido! Um de vocês! — olhei para ela.

Algo em seus olhos verdes, destacados por causa da lua, fez meu coração acelerar mais rápido. Um pressentimento, um tipo de alerta, alcançou minha mente diante da hesitação que presenciei naquele breve olhar. E eu tive certeza de que *alguma coisa* estava errada.

— Nazaré? — perguntei, olhando ao meu redor, procurando. — Onde está Nzinga? Onde estão as outras mulheres do clã? — voltei a olhar para ela. — Não me diga que... — engoli as palavras.

Nazaré aproximou-se mais e Nelson baixou um pouco o olhar.

— É Jana — disse devagar e minhas pernas tremeram. — Nzinga lutava contra dois deles e Jana foi ajudá-la. — o olhar de Nazaré mirou as outras mulheres. — Ela conseguiu pegar um, mas o outro se aproveitou de um momento de distração dela e... — calou-se.

— E? — perguntei ansiosa. Jana me ajudou na floresta, me trouxe de volta. Não podia ser!

— Elas a levaram para a aldeia — Nazaré continuou. — O ferimento dela foi grave, atingiu alguns órgãos. O pai e Jamal tentaram ajudar, mas nem mesmo com o cicatrizante seria possível curar a extensão da ferida, nem os danos que provocou — olhou-me no fundo dos olhos. — Laura, Jana está morrendo. Está com hemorragia e inconsciente. Não acho que passará desta noite...

Aquilo foi como um chute no estômago, um murro dado com força contra o meu peito. Jana, morrendo! A mesma jovem de cabelos albinos, que desde o princípio me tratou com mais amabilidade do que as outras, me mostrou alguns aspectos da vida na aldeia das mulheres transmorfas, emprestou suas roupas e costumava me trazer a comida. A corajosa garota que despedaçou um mestiço diante dos meus olhos e sacrificou-se para proteger a mãe, impedindo que a machucassem. E agora, Jana estava morrendo! Meu coração passou a bater triplicado. Pensei em Cínthia, não pude evitar. Como seria se fosse a minha filha que estivesse na mesma situação? Se ela tivesse se atirado contra a morte para me salvar? Não, não suportaria ver Cínthia morrer, mesmo que fizesse isso para me defender! Era um papel que deveria ser invertido, nenhuma mãe teria que ser obrigada a ver um filho morrer. E Nzinga já havia perdido três filhas! Ela veio para o Brasil recomeçar sua vida, tentar sobreviver à dor da perda. E agora...

— Deus, isso... É tão injusto! — murmurei, me sentindo de repente pequena e insignificante. Olhei para Nazaré como se implorasse por ajuda. — E não há o que fazer? Nada? — não acreditava que isso fosse impossível.

— O ancião, Jarvis, está com elas na aldeia — havia me esquecido de perguntar por ele. — Ele ofereceu-se para ajudar. Nzinga está desesperada! Todas as mulheres estão fazendo o possível...

— E nós vamos para lá, prestar nosso apoio — Solomon falou por trás de mim. Alexia e Jamal estavam com ele. — Mesmo que não seja possível evitar a desgraça, é nossa obrigação oferecer qualquer auxílio agora.

Não tinha palavras para dizer, apenas balancei a cabeça, consumida pela dor e impotência. Jamal olhou para seus filhos, seu tom era distante e obscurecido pela amargura.

— Destruam os corpos. Depois nos encontrem na taba — seu olhar estava opaco, duas esferas vermelhas embaçadas. — Teremos uma longa noite.

Começamos a caminhar. A água escorria do meu cabelo e minhas roupas grudavam no corpo, mas não me importei. A distância era

pequena, todos estavam silenciosos e pesarosos com a situação. Não conseguia deixar de pensar que a agonia de Jana estava diretamente ligada a minha presença, e a culpa me consumia a cada passo que dava. Aqueles nômades estavam me procurando, e tal qual a abelha que é atraída pelo pólen eu exalei o perfume que trouxe o enxame todo para atacar a aldeia. Destruí a paz e a tranquilidade e fiz Nzinga perder mais uma filha.

Meus ombros se encolheram de vergonha quando vislumbrei a luz fraca que vinha da casa e percebi a agitação dos que entravam e saíam de lá. Aquela luz bruxuleava incerta, como um pirilampo na noite, e deve ter sido providenciada por Jarvis. Ele não poderia ajudar no escuro, não seria capaz de enxergar como os outros. Quando chegamos perto, vi o retesar de duas das anciãs que estavam do lado de fora. Os olhares caíram imediatamente sobre mim e pude perceber a acusação muda neles. Parei ao ouvir o choro agudo que vinha de dentro, o lamento de uma mãe que estava perdendo um filho. Foi como se uma mão gigantesca me pressionasse com força contra o chão.

— Vão vocês — falei. — Acho melhor eu esperar aqui.

Ninguém discutiu comigo. Assim que Solomon, Jamal, Nazaré, Nelson e José entraram na oca percebi que Alexia não havia se movido do lugar. As anciãs também olhavam para ela.

— Não vai entrar? — questionei.

— Ainda não fui convidada a isso. Melhor esperar a hora certa, se ela acontecer — seu olhar passeou pelas mulheres e depois encarou a escuridão. — É estranho pensar assim, mas acho que essas mulheres estão tão surpresas com minha presença quanto eu com a delas. Não é todo dia que um encontro assim acontece, mesmo em milhares de anos.

— Você sabia da existência delas? — não percebia a tal *surpresa* a que Alexia se referia presente em seu olhar, nem em sua postura.

— Sim, conhecia as histórias. Sempre soube dos transmorfos e cheguei a encontrar alguns *lycans* séculos atrás, antes das perseguições, mas nunca tive contato com os povos da África — seu olhar ficou duro, de repente. — A chacina foi grande no passado, lamentável. Particularmente, não acredito que ainda possa haver

outra comunidade como a delas em algum lugar. Pelo menos, não uma tão grande e organizada. Mas quem poderá garantir, não é?

Apenas acenei, incapaz de dizer alguma coisa, quando mais um choro agudo se fez ouvir. Mais de uma mulher lamentava dentro da oca. Seria Lena? Ou outra anciã rememorando uma perda antiga, secular? Subitamente meus pensamentos voltaram-se para a figura de Clementine, no alto de um pinheiro em Exmoor, chorando suas lágrimas vermelhas que manchavam o rosto clássico, de beleza medieval. Uma dor que ela conhecia muito bem. Ao nosso redor havia apenas a escuridão, a lua estava prisioneira do lado de fora e seu brilho não podia amenizar o aspecto sombrio daquela situação. Alguma coisa em mim se agitava, revoltando-se como as ondas que Alexia levantou no rio Negro, como se meu sangue criasse marolas nas veias e zumbisse palavras desconhecidas nos meus ouvidos. Um pedido surdo, abafado, que eu não conseguia decifrar, uma sensação de magnetismo inexorável que parecia puxar meu corpo em direção à oca iluminada, como uma necessidade insatisfeita, um pedido de socorro. Mas de quem, e por quê? E como essa sensação poderia ser tão forte que me fazia tremer e vibrar, em pequenos espasmos?

Um martelar sem tamanho e sem medida socava as fibras da minha pele, alcançando meus ouvidos num zumbido fino e agudo. Eu não tinha ciência de nenhum outro som ao meu redor que não fosse esse e o lamento dolorido que se repetia, prolongado e agoniado, de dentro da oca. Meus olhos se fixaram na luz fraca e era impossível ver qualquer outra coisa. A dor me atraía, me consumia, como se eu pudesse, de alguma forma, impedir que tudo isso acontecesse. Senti uma fisgada leve no pulso. Sem consciência voluntária do movimento, meus dedos moveram-se para tocar as cicatrizes. Estavam inchadas, doloridas como uma picada de vespa, quentes como as brasas que ficavam no interior de uma lareira ao final da estação fria, latejantes como um coração que vive e bombeia a vida para dentro do corpo. Tão vibrante que poderia explodir e espalhar essa mesma vida ao redor. A energia que sustenta, que nutre... E que cura...

“Essa energia é sua.”

— Laura? Aonde você vai? — a voz de Alexia vinha de longe e não causou nenhum efeito sobre os passos decididos que eu dava.

Apenas quando as anciãs se puseram entre mim e a porta da oca eu parei, mesmo sentindo vontade de atropelá-las. A urgência que me dominava era tanta que, por um momento, considerei seriamente essa ideia. Elas me olhavam com dúvida e ceticismo. Eu as encarei com autoridade.

— Eu preciso entrar! — a voz parecia não ser minha quando pronunciou essas palavras num sussurro abafado. — Por favor, me deixem passar.

Nenhuma delas se moveu. Uma vibração no ar indicou que Alexia estava ao meu lado, mas eu não precisava dela. Meus olhos não se desviaram das mulheres e elas fizeram o mesmo, medindo forças. Eu não tinha interesse algum nessa disputa, minha urgência maior estava dentro da oca, mas teria que convencê-las disso. E havia pouco tempo, sabia com uma certeza que fazia meu sangue correr ainda mais rápido. Em silêncio absoluto meu olhar fixou-se na mulher alta, de cabelos negros trançados, que chorou durante o resultado do Conselho nessa manhã. Algo como uma conexão manteve os nossos olhos presos, o vermelho rubro que tentava dominar a situação e impedir meu avanço. Mas podia ver, bem lá no fundo, milhares de outros sentimentos e tormentos. E todos eles marcavam cada faceta daquelas pupilas dilatadas e ameaçadoras.

— Deseja mesmo que tudo acabe desse jeito? — perguntei, ainda estranhando o tom de minha voz. — Prefere que isso volte a se repetir, como aconteceu com você também, quando existe uma chance? — seu olhar mudou nesse momento, invadido pela surpresa. — Dor e sofrimento são inevitáveis para todos os seres, acredite, eu sei. Já estive nos dois lados e vi cada um deles, trago as marcas na alma e algumas mais visíveis para comprovar — ergui o pulso. Ao ver as cicatrizes, por algum motivo desconhecido, a mulher tremeu. — Se eu pudesse, se tivesse tido a chance de evitar, não a desperdiçaria em nenhum momento. E você faria o mesmo — afirmei com convicção. O olhar, que antes ameaçava, agora me observava com atenção e temor, como se vislumbrasse um pesadelo. Ou uma aparição maior que ela mesma.

O suor brotava com força em meu corpo, misturando-se à água que ainda escorria dos meus cabelos, e senti meu sangue engrossar,

aumentar sua pressão, a ponto de latejar nas têmporas e causar arrepios de tensão. Meu olhar não abandonou o rosto da mulher, agora indecisa e hesitante. Algo como um temor antigo, mais velho que ela, toldava seus pensamentos, eu podia ver. Dentro da oca o som se tornava mais lamentoso, e uma respiração entrecortada e sufocada, acompanhada de um chiado, retumbava feito um tambor aos meus ouvidos. O tempo estava acabando!

— Me deixe ajudar — falei para a anciã, meu tom ainda estranho, mas persuasivo. — Talvez eu seja a única resposta para as preces de Nzinga agora — e me calei. De onde tirava tanta certeza não poderia afirmar. Apenas... Sabia que era assim.

Tanto que fiquei ali, em frente à porta da oca, encarando a mulher, sentindo que um fio invisível ligava os meus olhos aos dela, apesar da urgência em atravessar a fina cortina que me separava do meu objetivo. Alexia tinha o olhar fixo em mim, mas não demonstrava nenhum tipo de sentimento. O corpo da anciã transmorfa era iluminado pela luz fraca da chama que irradiava da janela, criando sombras contra as cortinas, espalhando-se e dançando como se tivessem vida própria. As mesmas sombras pareciam tocar rapidamente os olhos da mulher, enquanto seu corpo adquiria uma postura diferente, menos agressiva, mas que ainda se contorcia com a dúvida. E foi com essa atitude que ela se afastou para o lado, devagar, enquanto erguia a mão para puxar a cortina da entrada. A outra mulher fez um leve movimento, na tentativa de impedir, mas o olhar da anciã a imobilizou. Depois, com um aceno ligeiro, ela me deu passagem, segurando a cortina aberta.

Respirei fundo e entrei, com Alexia logo atrás de mim. A anciã também veio. A iluminação era muito fraca e vinha de duas lamparinas antigas, de cerâmica, colocadas próximas a uma cama improvisada com muitas peles de animais umas sobre as outras. Todas elas estavam tão vermelhas pelo sangue que escorria de Jana que seria impossível dizer a quais animais pertenciam àquela altura. Vislumbrei seu corpo estendido. Pálida, o rosto vincado e marcado pela dor, o peito que subia e descia com esforço e que provocava um ruído como o de um rádio velho, em desuso, que foi ligado por engano. Todo o

lado esquerdo do corpo estava aberto, a ferida era imensa, e a cada respiração o sangue jorrava e o ruído aumentava.

O pulmão estava comprometido e os lábios azulados de Jana mostravam que ela não iria aguentar até o sol nascer. Nazaré tinha razão. Os olhares se voltaram para mim enquanto analisava o que via. Nzinga tinha o rosto desfigurado, as mãos tentavam conter o sangramento de Jana a todo custo, mas era inútil. Mais e mais o líquido vermelho insistia em escapular pelos dedos magros e negros e suas lágrimas escorriam na mesma intensidade. A cena toda tirava o fôlego, partia a alma e sulcava o coração como buracos abertos por um animal. O cheiro da morte estava naquele lugar, sua presença, sua voracidade inexorável, e era o que todos ali aguardavam, em silêncio respeitoso. Lena olhou para mim, não disfarçando a raiva. O mesmo sentimento estava presente nos rostos das mulheres, mas foi a voz de Nzinga que ouvi, rápida e mortal como uma flecha, dando vazão ao que todas realmente pensavam.

— O que pensa que está fazendo? — gritou para mim. — Veio apreciar a desgraça que trouxe? Não foi suficiente apenas saber pelos outros e quis conferir, com os próprios olhos? — ergueu as mãos ensanguentadas para o meu rosto. — Pois então veja, olhe! — gritava descontrolada quando se levantou e caminhou em minha direção. — Esse é o sangue da minha filha! O sangue que você derramou ao vir para cá, trazendo sua maldição para meu povo! Está satisfeita agora? Já viu o bastante, ou prefere ficar aqui para apreciar o último acorde do canto da morte? — aproximou seu rosto do meu, com as mãos erguidas como se fosse me estrangular.

— Nzinga, por favor... — Jamal tentou falar, mas fez um gesto para que se calasse. Pela minha visão periférica, vi Jarvis fazer mais pressão sobre a ferida de Jana, enquanto a tensão tomava conta dos demais.

Nzinga estava desesperada, e com razão. Suas acusações eram totalmente justificáveis e aceitaria todas elas, mas não era por isso que obriguei a anciã a me deixar entrar. Meu objetivo era outro. Se o mal veio por minha causa, então eu tinha obrigação de remediá-lo. Mas... Como? A angústia dessa indagação interna me torturava. Era como ter a certeza de saber o que devia ser feito, mas por algum

motivo a resposta não era clara e parecia fora de alcance. Tudo o que sentia era uma forte intuição... E mais nada. E, como antes, eu me foquei nela para fazer o que precisava. As mãos de Nzinga estavam pegajosas pelo sangue quando as toquei, afastando-as do meu pescoço, e meu olhar grudou-se ao seu. Ela não ofereceu resistência, surpresa demais com o meu gesto, e não desviou os olhos. Cada uma de suas órbitas parecia se desmanchar num rio diante de mim, e a tristeza emanava de seu corpo e passava para o meu através do toque dos dedos. Sua agonia parecia triplicada pelo meu batimento acelerado e algo, como uma sensação de afogamento, tomava conta da minha garganta. Como se o sangue que escapava de Jana, e que eu sentia pelo toque dos dedos de Nzinga, de alguma maneira bloqueasse a minha respiração.

Fixei meu olhar nessas gotas rubras e viscosas, e o mesmo estalo tocou fundo em meu cérebro, como antes. Como se uma venda tivesse sido arrancada pelo vento, meus olhos subitamente se abriram para a verdade. Todos os eventos do dia aconteceram pelo mesmo motivo, uma única razão, a mesma que me fez querer entrar. E eu sabia o que fazer! Nzinga continuava a me olhar, mas isso não importava mais. Com um gesto abusado, me afastei dela e fui até a cama improvisada. Só não completei meu trajeto por que os corpos das outras mulheres me impediram e os dedos de Nzinga agarraram meu braço com força. Foram segundos apenas, mas todos estavam ali, ao meu redor, quando ela fincou as unhas em minha carne, virando meu corpo, encarando-me com fúria.

— Saia daqui, agora! — gritou em meu rosto.

— Não! Eu não vou sair! — falei com uma calma que não sentia. — A menos que queira ver sua filha morta — o olhar dela mudou nesse momento. — Se esse for seu desejo, eu me retiro agora e prometo que nunca mais verá meu rosto. Mas se quer salvar Jana, e não duvido disso, então vai me deixar ficar. E vai me deixar fazer o que devo fazer!

Houve alguns instantes de silêncio pesado. A mão de Nzinga não relaxou e podia sentir o formigamento da circulação que estava presa. Mas não deixei isso me incomodar, nem alterei minha postura.

— E o que acha que pode fazer? — seu tom era perplexo e os lábios tremiam. — Além de zombar do meu sofrimento, neste momento?

— Não estou zombando de nada! — minha irritação foi tão forte que consegui escapar do aperto de Nzinga. — Acha mesmo que estou aqui para isso? Que teria tão pouca decência e não respeitaria sua dor? Aceitarei todos os seus insultos de bom grado, qualquer tipo de acusação que quiser fazer, Nzinga, mas antes vai me deixar salvar Jana! — olhei-a nos olhos, deixando que o mesmo fio invisível de energia a alcançasse. — Estamos perdendo tempo, Nzinga! — meu tom foi mais suave, enquanto os olhares ao meu redor filmavam a cena. — Não me pergunte como posso fazer isso, eu não saberia responder, mas me deixe, ao menos, tentar! Por ela! — apontei para a cama, parcialmente coberta pelos corpos das outras mulheres. — Por favor, me deixe ajudar.

— Nzinga, amiga... — Jamal interveio. — Por favor, permita. Nós não sabemos de tudo, e Laura pode fazer a diferença agora — tocou no ombro dela. — Precisa tentar, não desista.

Os braços de Nzinga caíram pesados ao lado do corpo, seu rosto desmanchou-se em lágrimas e ela fechou os olhos, por alguns segundos, deixando as marcas do sofrimento tomarem conta dos belos traços. Ao abri-los, a resolução brilhou neles. Com um gesto fez as mulheres se afastarem, abrindo passagem para mim. Como se atravessasse um corredor estreito e sinuoso, meus pés caminharam até onde Jana repousava, mais pálida do que antes. Sua respiração era fraca quando me abaixei, ficando de joelhos à beira da cama, ao mesmo tempo em que levantava sua cabeça e a apoiava sobre uma almofada de peles improvisada. Até mesmo esse movimento simples e delicado fez o sangue gotejar com força de novo. Jarvis esforçava-se para contê-lo.

Ele me olhou assustado. Podia ler sua pergunta muda e sentia a dúvida percorrendo cada mente naquela casa, inclusive a minha. Mas afastei esse pensamento, a incerteza, e me concentrei no que achava que devia fazer. Jana resfolegava agora, o corpo frágil tentando sorver o ar. Sua pele pálida e lábios azulados contrastavam com os cabelos brancos abundantes, e a cena me fez voltar no tempo: os

cabelos brancos de Josh sobre meu rosto agonizante, a raiva de Eric, a dúvida de Morgana, o desespero de Clementine. E a dura decisão de Robert. Ainda podia ouvir o som da carne do pulso dele se partir sob seus dentes e sentir o gosto do sangue ácido que pingou em minha boca, cada gota me afastando da morte humana e me levando para outra vida, diferente. Mas, ainda sim, uma vida. Essa lembrança impregnou cada um dos meus gestos quando estendi a mão para Jarvis.

— Seu canivete, doutor.

Percebi Nzinga prender a respiração e os olhares de todos fixados em mim quando, com um corte rápido e preciso, abri um talho em meu pulso. O sangue escorreu grosso, escuro, quente e de cheiro intenso, e movimentei o pulso para a boca de Jana. Com a mão livre eu abri seus lábios, mantendo-os afastados com os dedos, forçando o sangue a pingar pela sua língua, escorrer pela garganta. Jana engasgou e Jarvis levantou um pouco mais a cabeça dela, ajudando-a a engolir. Fiquei observando, atenta para ver se o corte não iria cicatrizar como das outras vezes, o que me obrigaria a fazer outro. Mas, como se meu corpo entendesse o que precisava fazer, o corte não se fechou, ao contrário, o sangue brotava com mais força, deslizava facilmente e atingia seu alvo.

O silêncio era o único som que vinha de todos, os olhares impressionados e atentos. Mesmo com a pouca luz do ambiente eu percebia certa coloração voltando ao rosto de Jana. O ferimento em seu flanco começava a se reconstituir consideravelmente, a hemorragia regredia. Os murmúrios de surpresa iam se sucedendo à medida que a ferida de Jana, tal qual os meus cortes recentes, fechava-se devagar, pedaço por pedaço. Cada músculo se conectava ao outro, com um ruído de carne se esfregando em carne, as fibras se juntando. Eu pingava mais e mais sangue pela boca semiaberta de Jana, apertando meu pulso com a outra mão. Jarvis mantinha sua cabeça amparada e abria os lábios para que nenhuma gota se perdesse, a respiração dele presa na garganta e os olhos arregalados para a cena. Não sei quanto tempo permaneci assim, mas a quantidade de sangue era bem grande.

Como o reflexo de uma imagem do passado, o corpo de Jana se arqueou para cima, de repente; seus olhos se abriram e puxou o ar com força, como se tivesse acabado de nascer. Então tombou sobre a cama, respirando com pressa e olhando para todos na casa com movimentos rápidos das pupilas. À medida que ela voltava ao normal, o corte no meu pulso foi se fechando até que não restou mais nada, nem em mim nem no corpo maltratado de Jana. Todos os sinais de ferimentos e agressões haviam sido varridos, como se nunca tivessem existido. Jana tremeu um pouco, os espasmos pareciam involuntários, e a respiração acelerada fazia os fios brancos de seus cabelos flutuarem contra o rosto como teias de aranhas que se desgrudaram das árvores com o vento. Após alguns minutos assim, ela foi se acalmando, os olhos ficaram desfocados e se fecharam, enquanto sua cabeça pendia para o lado, devagar. Por um momento as mulheres entraram em pânico e Nzinga se aproximou, tocando a testa da filha com impaciência. Mas Jana estava apenas dormindo, profundamente, com a respiração tranquila e ritmada.

— Ela está viva! — Nzinga dizia, com o choro da alegria que embaçava sua voz. — Ouçam o coração dela! Bate forte! Minha filha vai ficar bem! Minha criança! — não se cansava de beijar e acariciar a cabeça branca.

Somente quando me dei conta disso foi que *a minha* respiração voltou, presa como estava durante todos os momentos de tensão. Talvez por isso pontos brilhantes piscaram diante dos meus olhos, misturando-se à claridade da lamparina de cerâmica que começou a inclinar-se para o lado. Um frio agudo percorreu minha espinha, forte, intenso, provocando tremores e fazendo meus dentes baterem como se estivesse enfrentando o pior dos invernos, as roupas molhadas pareciam mais pesadas e grudadas. Minha cabeça subitamente ficou vazia de ideias e pensamentos, e nem todas as vozes que se elevavam ao redor pareciam surtir algum efeito. Escorreguei o corpo para o chão, mas a sensação era de um levitar, oposto a uma queda. E desisti de tentar manter a consciência, enquanto a chama da lamparina aos poucos desaparecia como um borrão.



Antes de abrir os olhos, meus sentidos perceberam que não estava sozinha. E também alertaram que a figura a meu lado não era familiar. Assim que se focaram em seu rosto, pude observar que não havia mais ninguém dentro da oca, éramos só ela e eu. Era dia, a pouca claridade se infiltrava entre as folhas das árvores como vagalumes luminosos e brincalhões. A oca era diferente, menor, eu não estava na casa de Nzinga, mas ainda assim permanecia em sua aldeia. Tentei levantar a cabeça, mas ela rodou devagar e tombou sobre o manto de peles.

— Melhor você ficar quieta — a voz ao meu lado falava com um sotaque indecifrável e que remetia a coisas antigas. — Aqui, beba isso, vai se sentir melhor — me ofereceu uma cuia de madeira, com algo fumegante dentro.

O gosto não era bom, mas também não era ruim. Uma mistura de ervas, com certeza. Consegui tomar alguns poucos goles e depois tive que me deitar, o corpo subitamente vazio e exausto. E foi essa exaustão que me impediu, por alguns minutos, de conseguir pensar ou falar. Até que as memórias subitamente vieram do nada e me movi, agitada.

— Jana! Ela...? — senti a mão que restringiu minha tentativa de levantar.

— Ela está bem. Na verdade, melhor do que você — a mulher falava, me forçando a deitar.

Parecia não ter idade. Não era velha nem jovem, lembrava uma imagem presa em alguma cápsula do tempo. Os cabelos eram de um louro acinzentado pálido, os olhos também cinzentos, o rosto magro e de feições élficas perscrutavam cada detalhe sobre mim, numa inteligente observação e análise. Mesmo sentada ela era alta, usava um vestido de algodão simples, sem tingir, e uma fina corrente de ouro no pescoço, com um pingente em forma de lua crescente. Era o único adorno que ostentava. Sem cerimônia ela levantou minha cabeça, chegando a cuia novamente aos meus lábios. Eu queria recusar, o gosto e o cheiro me davam enjoo, mas bebi obediente.

Alguma coisa naquela mistura se espalhava pelo meu corpo e provocava certo bem-estar, ou algo parecido com isso. Minha cabeça não parecia mais girar tanto e um calor aconchegante percorria meu peito, descendo até os membros. Revigorante seria a palavra mais adequada. Assim que esvaziei a cuia, a mulher colocou-a de lado, no chão, e voltou a me olhar, agora com muita intensidade. Estranhei o fato de não haver mais ninguém ali e algo em meu olhar deve tê-la alertado sobre isso.

— Eu pedi a todos que me deixassem sozinha com você por um tempo. Não foi fácil convencê-los disso, você tem amigos muito devotados, Panaceia.

Ouvir uma estranha me chamar assim fez meus olhos se abrirem de surpresa. Sua voz preenchia o espaço, embora fosse baixa, quase sussurrada. Ela falava com certa autoridade e me fez lembrar Clementine.

— Então, já começou, você está aqui! Conforme foi previsto — uma ruga apareceu em sua testa. — Achei que esse milênio poderia passar incólume, apesar de todos os sinais que recebi. Os avisos eram claros, mas eu quis ignorar. Meus receios foram tantos que preferi me fazer de cega a enxergar que a roda voltou a girar. Mais uma vez! Tolo engano — sacudia a cabeça, recriminando-se.

Apesar de não compreender suas palavras, algo em sua voz parecia me atingir numa parte oculta, ainda não desvelada. E a mesma estranha sensação de saber e não saber a resposta dominou minha mente. Olhava para ela e todas as estranhas visões das quais fui prisioneira em meus sonhos e devaneios pareciam circular ao seu redor como espectros, hologramas projetados, figuras em 3D que saltavam de uma tela secular e vinham postar-se a minha frente. Tive que piscar os olhos para afastar aquelas estranhas aparições e me concentrar no que era imediato.

— Quem é você? — perguntei, surpresa pela aspereza na minha voz. Minha garganta estava pegajosa, como se não falasse há anos. — O que aconteceu comigo?

— Meu nome é Aicha — não havia nenhuma inflexão em sua voz. — Nzinga me chamou, mandou uma de suas parentas até minha vila, por causa de Jana. Mas, quando cheguei, estava tudo bem — voltou

a me olhar com intensidade. — Aparentemente, você sabia o que fazer e fez. Não seria diferente numa situação como aquela, mas foi um gesto insensato, perigoso e irresponsável — ela advertia sem nenhuma nota de raiva ou preocupação.

— Insensato? Então era melhor deixá-la morrer, é isso o que pensa? — meu tom se elevou ao ouvir aquilo. *Quem ela pensa que é para falar assim?*

— Quanto a sua segunda pergunta, sobre o que aconteceu — ela ignorou meu questionamento irritado. — Você se exauriu, é isso. Usou seu dom de forma incorreta, e com isso ficou fraca e debilitada. Não é algo que possa fazer sempre, e existem maneiras de se proceder, mesmo que no início o caminho seja apontado pelos instintos e que muitas vezes ele domine nossos atos. É melhor que entenda isso, e logo, caso contrário, da próxima vez que quiser salvar alguém poderá não sair com vida dessa experiência — e calou-se, continuando a me fitar.

Sem pensar me sentei, subitamente cheia de vigor e sem nenhum traço da fragilidade que sentia até alguns minutos atrás. Como ela poderia saber sobre tudo aquilo? Quem era essa mulher de fato? E por que a presença dela me provocava arrepios e formigamentos pelo corpo? Coloquei as pernas para fora da cama improvisada. Minhas roupas estavam secas, meu cabelo preso num rabo de cavalo, e quando olhei ao redor vi minhas duas mochilas colocadas, lado a lado, próximas da janela apertada da oca. *Alguém deve tê-las encontrado na floresta.* Voltei a olhar para Aicha, que permanecia sentada. Apesar da postura imperturbável, seus olhos escondiam alguma coisa de mim e se esforçavam muito para isso. Suas pupilas cresciam e recuavam e bem no fundo delas eu podia vislumbrar admiração, incerteza... E medo! O mesmo tipo de medo que contemplei nos olhos da anciã quando a encarei na entrada da oca de Nzinga, quando lutei para tentar salvar Jana. Por que as pessoas começaram a ter medo de mim, de repente?

— O que quis dizer com *já começou, você está aqui?* — lembrei-me de sua primeira afirmação, logo que começou a falar. — E por que disse que isso foi previsto? — eu a encarava com a mesma energia. — Quando cheguei aqui, Nzinga se recusou a permitir que

me contassem sobre algo, disse não ter autorização, que precisava pedir a alguém — cerrei os olhos. — Esse alguém é você?

Aicha inclinou a cabeça para o lado. Sua postura adquiriu um tom de interrogação, que parecia ser maior do que a minha. Apesar do desconforto que aquele olhar me causava, não recuei de sua especulação visual.

— Sim, você é diferente — murmurou mais para si mesma. — Não é como os outros. Por quê? Será que ter cruzado os dois lados a fez assim? Será essa a consequência do ir e vir entre os mundos? De ser humano e inumano? — esboçou um pequeno sorriso, pela primeira vez. — Não é à toa que Nzinga a chama de quimera. Em você encontra-se o que há de mais improvável: o elo entre dois mundos. Que deus irônico teria colocado o Akos em seu caminho para gerar tudo isso? Qual seria a piada que o cosmo quer promover? — me olhou com mais avidez. — Qual?

— Chama isso de piada? — perguntei irritada, sem levar em consideração o fato de ela ter dito o nome Akos, mesmo que isso tenha me provocado um tremor involuntário. — Se isso é uma brincadeira, eu não vejo a menor graça! Pessoas morreram, e estão morrendo, por causa disso — mostrei o pulso com suas cicatrizes definidas. O olhar de Aicha tremeu àquela visão, mas seu rosto ficou imóvel. — Acredita mesmo que pedi por isso? Que aceito isso como um *dom*? Pois está enganada! Desde que essa... Maldição — sufoquei — cruzou o meu caminho, somente a desgraça me acompanha, trazendo a infelicidade e a morte para aqueles que amo. E até mesmo para aqueles que eu nunca havia visto antes. Essa aldeia vivia em paz. Há mais de cinco séculos nada perturbou sua tranquilidade e veja o que eu consegui fazer em apenas poucas semanas! — a raiva brotava com força. — E agora você vem me falar sobre previsões, dons, ironias do destino? Piadas? — levantei-me, de repente. — Vai ter que se esforçar muito mais do que isso se quiser me convencer de algo, pode ter certeza.

— Não creio que será necessário tanto esforço — ela completava, com calma. — Você viu demais, sabe demais. Sua aceitação dos fatos que não pode compreender racionalmente evoluiu, como era de esperar. Ninguém conviveria com tanto — apontou meu pulso — sem

estar aberta à compreensão. Sua história deve ser fascinante! E sei que eu gostaria muito de conhecê-la, mas não agora. Não há tempo para isso e você deve ter muitas perguntas.

Algo naquele tom de voz, não sabia dizer o quê, fazia com que me perguntasse se ela era humana ou não. Sua pele era corada de sol, ela suave e movia-se normalmente, bem diferente dos outros, vampiros ou transmorfos. Mas nem isso conseguia tirar de mim essa dúvida. Havia *algo* de diferente nela.

— Quem é você? — tornei a perguntar e refiz a questão. — *O que é você?*

Um sorriso indecifrável faiscou em seus lábios finos, enquanto os olhos cinzentos adquiriam uma tonalidade azulada, num lampejo. Ela se levantou, ficando de frente para mim, quase tão perto que podia sentir o calor de sua respiração batendo em meu rosto. Em nenhum momento a vi piscar os olhos, e por breves instantes, quase segundos contados, uma espécie de claridade difusa parecia sair de sua pele, como se escorresse do plexo em direção às extremidades do corpo. Mas foi apenas um instante, rápido como o bater de asas de uma borboleta.

— Eu sou o que sou — ela respondeu calma e serena. — Uma mulher, tão humana quanto você — e calou-se, sem mais detalhes.

— Isso daria muito que discutir — retruquei. — Afinal, não sou o que se pode chamar de um *exemplo* de humana — e também me calei.

Nossos olhares mediram forças quando se encontraram. Aicha permaneceu ali, em pé, sem nenhuma oscilação no corpo, os olhos cravados em meu rosto como os de uma coruja que espreita uma presa em potencial. Mas eu não seria essa presa. Jana estava bem, os nômades haviam sido mortos — pelo que me lembrava —, e eu já tomara minha decisão muito antes de tudo aquilo acontecer. Não iria perder meu tempo especulando sobre a súbita aparição de uma mulher, que aparentava não ser tão *normal* quanto afirmava, quando havia mais o que fazer. Chega de mais mistério em minha vida! Foi pensando assim que me afastei dela, indo de encontro às mochilas. Sem hesitar as peguei, enquanto ouvia a respiração de Aicha segurar-se por um momento.

— E agora, para onde pretende ir? — ela perguntou, dando dois passos em minha direção. — Quanto tempo mais acha que poderá se esconder até que a encontrem novamente? Um ano, dois? Seis meses talvez? E quando isso acontecer, como será? Só você será o cordeiro do sacrifício ou mais alguém terá que pagar pelo que se tornou? — nesse ponto sua voz ficou rude.

E provocou minha antipatia imediata.

— E o que sugere? Que eu vá com você!? — perguntei sarcástica, imaginando a impossibilidade de tal atitude. Estar na presença dela requeria de mim um esforço imenso.

E surpreendentemente a ideia pareceu confortá-la, de algum modo.

— Não ia sugerir. Na verdade, ia *pedir* que viesse comigo — seu tom era neutro, mas os olhos denunciavam a ansiedade do pedido. — Agora não é o momento mais adequado para tocar nesse assunto, mas existem coisas que você precisa saber, para as quais deve se preparar. E sei que os sinais já a alcançaram — olhou-me fundo nos olhos. — Não aqueles que a marcaram na pele, mas os que buscaram sua mente. Não pode negar.

Minha respiração não estava nada tranquila enquanto Aicha falava. Como ela poderia saber de tudo isso, se até aquele momento nós nunca havíamos sequer nos visto? De onde essa mulher misteriosa arrancava tantas informações a meu respeito? E pior: o que poderia fazer com elas?

— Não terá todas as respostas agora — ela falou, lendo a dúvida em meu rosto. *Ou na minha mente?* — Será melhor que seja assim, por enquanto. Mas se quer, de fato, manter-se distante para impedir que as pessoas sofram por sua causa, como pensa — seu tom mudou do neutro para o ameno —, então venha comigo — e ficou ainda mais suave. — Só assim nós duas poderemos ter garantias, eu prometo.

A palavra *nós* incluída na equação de Aicha me perturbou. Ela parecia tão ansiosa quanto eu nessa questão, como se fosse seu dever, sua obrigação, me manter afastada, longe. Ou então tudo aquilo já estava afetando demais o meu juízo e eu via e ouvia coisas que não existiam! Sim, era isso. Precisava sair dali e esquecer, de

uma vez por todas, essa estranha conversa com uma mulher que mais parecia um personagem destacado de algum livro de Tolkien.

— Não posso dar garantia nenhuma, Aicha, a ninguém! — retruquei, sem entender por que estava me dando ao trabalho de conversar dessa forma com ela. — A única certeza que tenho é que sou um problema, e que nada de bom pode vir da minha presença — coloquei a mochila nas costas. — Agora, se me der licença — encarei seus olhos por um momento — preciso ir. Obrigada por sua ajuda.

Dei as costas para ela em direção à cortina da entrada da oca. Quando a atravessei, todas as mulheres do clã de Nzinga estavam do lado de fora, imóveis na clareira da taba. E Jana estava entre elas! Sua figura alta e de cabelos brancos sorria para mim.

— Tem mesmo certeza de que representa apenas um problema onde quer que vá? — Aicha falou pelas minhas costas, enquanto seus olhos miravam a filha de Nzinga. Viva!

Jamal e seus filhos, Solomon, Nazaré, Nelson e José estavam lá. Jarvis estava parado ao lado de Jana e contemplava a cena, assim como eu. Quando saí totalmente da oca, com Aicha atrás de mim, Nzinga moveu-se. Caminhou alguns passos, me fitou, e depois fez algo que jamais poderia supor que aconteceria: ajoelhou-se aos meus pés, arqueando o tronco até o chão, com ambas as mãos estendidas à frente da cabeça! Um gesto totalmente inesperado e que foi seguido pelas mulheres de sua família. A clareira encheu-se de formas femininas que se prostraram, tendo os vampiros como espectadores. Tive um impulso de correr até Nzinga, fazê-la se levantar, acabando com aquele espetáculo absurdo, mas minhas pernas ficaram moles e se recusaram a obedecer. Nzinga ergueu a cabeça, os olhos banhados em lágrimas, menos rainha e muito mais mulher do que jamais a havia visto até então.

— Panaceia — falou com a voz emocionada, mas controlada. Ela nunca havia se referido a mim dessa maneira. — Eu peço seu perdão. Neguei-lhe auxílio, recusei-me a ampará-la quando me foi solicitado, contrariando toda a amizade e lealdade que devo a meus amigos de dor e tristeza. Considerei que fosse uma ameaça à segurança de minha família, de meu povo, e agi como todo líder déspota e mesquinho faria — ergueu um pouco mais o corpo. — Me

prendi a tradições, a leis, e esqueci que as verdadeiras virtudes dos seres estão nos atos movidos por sua consciência, que eles devem moldar nosso caminho, conduzir nosso destino e dignificar nosso ser. E foi seu ato de grandeza, seu gesto movido pela compaixão, que impediu que minha filha morresse em meus braços a noite passada — esticou sua mão para mim. — Perdoe-me pela fraqueza, pela falsa ignorância e pelo egoísmo. Aceite esse pedido, não apenas de uma rainha, mas de uma mãe, cuja vida do filho ela deve a você. E essa é uma dívida que carregarei pela eternidade — levantou-se devagar. — Cada uma de nós, do nosso clã, jura que a protegerá, de agora em diante, segundo nossas leis. Zelaremos por seu bem-estar e segurança, e seus inimigos serão também os nossos, assim como os seus amigos o serão para nós.

Levantou a mão espalmada para o céu, enquanto a outra cortava a palma com uma adaga, fazendo o sangue pingar de encontro ao solo.

— Juro pelo meu sangue, e pelo sangue de toda a minha família — a adaga brilhou contra um pequeno fecho de luz.



Outro relâmpago cruzou o céu, dessa vez um pouco mais forte, afastando por um momento essas lembranças. O vento aumentou de intensidade, morno e assoviando devagar por entre os galhos das árvores. A chuva não iria tardar, era questão de tempo. Um tempo tão curto quanto foi a mudança da aldeia de Nzinga para o vilarejo ribeirinho da Venezuela. Como antes, eu não podia determinar a direção que tomamos pela floresta densa. Somente os outros poderiam ter essa exata noção.

— Essa é uma comunidade de descendentes indígenas — Aicha explicava, quando chegamos dias antes. Os olhares estavam fixos em nosso pequeno grupo. — Minha casa fica ali — apontou para a construção onde eu estava agora.

E aqui, deitada na rede, observava o céu, esperando que o sono me alcançasse. Aicha não estava, deveria ter saído enquanto cochilei.

Suas saídas secretas eram comuns e a volta nunca revelava nada. Fiquei passeando os olhos pelas prateleiras cheias de sacos com ervas aromáticas, vidros com mel e outras especiarias que a via utilizando para fabricar remédios para os ribeirinhos. Nesses momentos ela me lembrava as feiticeiras e sacerdotisas tribais, muito embora seus traços revelassem a ausência de qualquer parentesco com os indígenas da América do Sul. Desde a minha chegada estimulada por Solomon e Jamal — que se mantinham juntos com o clã de Nzinga mais para dentro da floresta —, descobri muito pouco sobre essa misteriosa mulher. Podia ver que todos ali a respeitavam muito e temiam também. Ela era a curandeira, reunia-se com os anciãos da comunidade, e sua palavra era poderosa, tanto que nenhum deles se opôs à nossa presença desde o início, apesar do olhar de desconfiança. Também podia ver que as mulheres e homens do lugar me olhavam com assombro. O espanto causado pela minha chegada ficou marcado em suas memórias, e por vezes me sentia como se simbolizasse alguma entidade espiritual para eles, um mito folclórico da floresta que resolveu sair por aí, caminhando em carne e osso. Ou um tipo de deus aborígene que realizava milagres.

Mas tudo não passava de uma *instrução*, como Aicha costumava dizer.

— Você precisa aprender, deve saber o que pode e o que não pode fazer — disse-me um dia enquanto caminhávamos para uma das casas da comunidade.

Ela não havia me explicado o porquê dessa atitude. Somente quando entrei pelo casebre humilde e ouvi os lamentos entendi sua intenção. Aicha aproximou-se de uma rede, velada por uma mulher baixa e de aparência cansada, e que ao vê-la lançou-se a uma série de súplicas e pedidos numa mistura de espanhol com um dialeto indígena local. A mulher chorava e estendia as mãos magras e ossudas para Aicha, e ela respondia, pedindo calma e acenando para mim.

— Venha, creio que essa experiência lhe será muito útil para o futuro — seus olhos cinzentos miravam os meus com intensidade anormal.

Embora minha mente racional ordenasse que permanecesse no lugar, o mesmo impulso instintivo obrigou meus pés a andarem até a rede. Aicha mantinha-se em pé, observando uma figura em seu interior. Meus olhos caíram sobre um garoto — devia ter pouco mais de nove ou dez anos —, e seu aspecto era terrivelmente debilitado. Ele tremia, os olhos viravam dentro das órbitas descontroladamente e seu corpo magro e ossudo suava as bicas. Simultaneamente ele puxava uma coberta, tiritando de frio, e depois a afastava como se o calor o consumisse em chamas. Não parecia haver alívio para seu sofrimento, e eu sabia muito bem o porquê: o garoto tinha malária.

— Sim, a malária. Um mal que atinge os habitantes dessas matas — sua mão pousou de leve no rosto cinzento do garoto, que agora voltava a tremer — e ceifa mais vidas do que as estatísticas podem dar conta. Afinal, quem realmente se preocupa com as pessoas que vivem em lugares como este? — veio em minha direção. — Não quero que se acostume a isso — me fitou seriamente —, mas preciso que compreenda alguns de seus limites — pegou meu pulso com um pouco mais de força do que o normal.

Antes que eu me desse conta sua mão puxou um pequeno punhal curvo, em forma de lua crescente, que estava preso à cintura, e com habilidade fez um furo em meu dedo. O sangue brotou latejante e quente, e ela deixou que as gotas caíssem na boca do garoto, enquanto a mulher ao lado olhava a cena com uma mistura de espanto e indignação. Ela falou algumas palavras em seu estranho dialeto local, mas ficou quieta assim que Aicha retrucou ríspida. Mesmo que quisesse, não conseguiria retirar a mão, o mesmo magnetismo me mantinha presa à necessidade de continuar com aquele ato. Mas foi apenas um breve momento, apenas o tempo necessário para que algumas gotas caíssem e Aicha afastou minha mão.

O corte fechou-se em seguida, formigando e queimando. O tremor do garoto cessou, de repente. O rosto, antes cinzento, começou a ficar pálido e isso me assustou, mas a palidez logo começou a ser substituída por uma cor de aspecto mais saudável — do mesmo modo como aconteceu com Jana —, e a respiração entrecortada do garoto estabilizou-se, sem nenhum sinal dos espasmos e convulsões

que aconteceram com a filha de Nzinga na aldeia. Sem que eu percebesse, hipnotizada pelo que acontecia, a pequena casa estava tomada por pessoas da comunidade, todas fazendo estranhos gestos para mim e cercando o garoto que agora dormia tranquilo.

Quando deixei a casa, ainda com uma estranha sensação de ausência misturada com energia, ouvi vozes que falavam por trás de mim.

— Amanajé! — e tremi.

Assim como tremia agora ao lembrar a cena, deitada na rede, e tendo a tempestade que se formava como minha única testemunha. Limites. Essa palavra estava constantemente no vocabulário de Aicha, ela nunca me deixava esquecer. Eu sentia que estava sendo ensinada, guiada, como o aprendiz que precisava cumprir sua lição para desempenhar um papel maior no futuro. Mas que papel era esse? E por que Aicha e os outros tratavam tudo como parte de um mistério? Minha mente começou a ficar cansada de tantas perguntas e tão poucas respostas. Virei o corpo na rede, desviando o olhar da claridade dos relâmpagos. Jarvis dormia tranquilo. De Nelson e Nazaré não havia nenhum sinal. Ou estariam com os outros no acampamento ou aproveitando seus momentos a sós. Sim, eles tinham muito que aproveitar: a descoberta do amor, a descoberta um do outro, e parecia que não se cansariam disso nunca.

Assim como eu nunca me cansava. Fechei os olhos nesse momento, suspirando. Sabia o que viria e não havia como evitar. Uma vez que eu me permitia lembrar, que me encontrava indefesa e prisioneira das recordações, todas as imagens vinham até os meus olhos, inundando o cenário da mente. O som do rio que chegava aos meus ouvidos não era mais do Guainia, mas a sinfonia ritmada do rio Avon, repleta de pontos brilhantes na superfície como fogos que espocavam numa noite de festas. O vento do verão que banhava minha pele nesse momento era frio, como o daquele dia de inverno há uma vida atrás. Frio como as mãos que tocaram em meu rosto, como o arrepio de expectativa que percorreu minha espinha, como os lábios que tocaram os meus e que mudaram, para sempre, o bater do meu coração. Ditaram seu ritmo anunciando sua entrega, ao som do rio, ao sabor do vento, ao gosto do amor. A lágrima correu quente em

meu rosto, mas não tive coragem de abrir os olhos e perder as imagens, tão nítidas. Que corressem livres como o rio lá fora, sem controle, cortando a terra e sulcando cada vez mais minha alma e meu coração. Não havia como impedir a dor, os soluços baixos, a respiração pesada. Nada que fizesse traria algum alívio, por isso deixei que as imagens dançassem soltas, que a sensação dos toques fosse clara e presente, e que me levassem de volta ao passado, tão amado. Que me levassem de volta a ele.

— Robert... — murmurei. O gosto desse nome estava impregnado em minha boca, o aroma de seu perfume envolvendo os sentidos, me arrastando.

Na solidão em que me encontrava, não lutei contra essa força. Desisti de qualquer freio ou trava que me impedissem de alcançar sua lembrança, me permitindo os piores delírios e as melhores esperanças. Suguei até a última recordação de cada momento vivido, sem culpa ou medo, mesmo sabendo que pagaria caro por isso depois, quando voltasse à realidade. Mas não me limitei, grata pela súbita coragem, pelo surto de insanidade que me fazia ver seu rosto tão claramente, quase como se pudesse tocá-lo com a ponta dos dedos, acariciando cada curva, do queixo aos olhos.

Os mesmos olhos que agora estavam mirando o rosto pálido e desacordado de uma jovem caída ao lado dos cabos de sustentação da ponte de Clifton. Mesmo sem olhar ao redor, eu sabia que era a ponte de Clifton, conhecia cada detalhe daquele lugar onde minha vida mudou tantas vezes. E sabia que era ele, ali, parado. A certeza disso quase me fez gritar seu nome, berrar para a escuridão, correr e me atirar naqueles braços com os quais sonhava toda a noite, e pelos quais morreria apenas para sentir um toque, mais uma vez.

Mas... Por que algo parecia errado naquela cena? Onde estavam os olhos calmos e serenos? A postura elegante, os gestos medidos e controlados? E por que o corpo mostrava sinais de agressividade, de uma selvageria que beirava os piores instintos? E por que Robert se abaixava, com a boca aberta e presas expostas, indo em direção ao pescoço da jovem? O que ele...? A constatação veio até mim como um tapa! Forte e dolorido! Na escuridão da noite de inverno de Bristol — onde uma lua pálida tentava, sem muito sucesso, escapar das

nuvens que insistiam em dominá-la em seu abraço —, entendi que não estava sonhando. E que o som que escapou de meus lábios era forte e real, cortando o silêncio como a adaga de Aicha havia feito em meu dedo.

— Robert?

Ele virou a cabeça no ato, me encarando. Seus olhos vermelhos estavam consumidos de uma dor torturante, inimaginada, o sofrimento e a angústia marcando a pele clara, escapando dos cabelos negros desalinhados, fluindo até mim, e provocando uma ferida pungente dentro do peito, forte o suficiente para destroçar um coração menos fraco ou menos apaixonado. Sim, porque mesmo diante daquela imagem transtornada e transformada pela sua natureza, nada nem ninguém poderia me fazer amar menos o homem que ali se encontrava, desejá-lo menos seria impossível. Não importava que estivesse exibindo todas as suas armas letais, que seus músculos retesados deixassem claras as intenções e que seus olhos não mostrassem o reconhecimento imediato diante da minha figura.

Ele estava lá. E eu também. Era muito mais do que poderia esperar.

Seus olhos brilharam, o rosto ficou diferente. Todo seu corpo girou num eixo, parecendo sentir a mesma emoção, a mesma surpresa. O mesmo amor.

— Laura!? — a voz era só um sussurro.

Mas era a voz dele! Sufoquei com esse som, sentindo que meu corpo não teria espaço suficiente para suportar toda aquela alegria. Que todo o desejo me esmagaria como uma estrela lançada a um buraco negro distante, destroçada pedaço por pedaço até não restar nada, nem mesmo a poeira de um rastilho. E que esse sentimento ficava cada vez mais forte à medida que Robert se levantava, caminhando passo a passo em minha direção, quase como se temesse que minha figura evaporasse pelo ar num movimento mais brusco.

— Laura! — chamou mais uma vez, com a voz embaçada e trêmula, enquanto os primeiros raios frágeis do sol de inverno bateram em seu rosto.

Vi os olhos mudarem do vermelho para o castanho negro que eu tanto amava, e sem pensar minha mão se levantou num gesto que fluía e reverberava por todas as partes do corpo, e não apenas de um membro isolado. Ele repetiu meu gesto, espelhando-o com tal precisão que nossas palmas se uniram, na altura do meu colo, e ali ficaram. Podia sentir um calor estranho, cálido, que saía da palma da minha mão e atingia a dele com suavidade, mas que parecia tocá-lo com uma intensidade redobrada, tal era a expressão que se estampava em seu rosto. Fiquei perdida a contemplar o oceano escuro daqueles olhos, mais negro do que o rio Avon abaixo de nós, e que aos poucos ganhava as cores da manhã. E pude ver meu reflexo neles, do modo como Robert deveria estar me enxergando. A dor profunda ainda habitava a imensidão daquele olhar e isso fez meu ser agitar-se, romper-se em agonia e necessidade.

— Robert, não faça isso — minha boca parecia não se mover, mas podia ouvir o som que ela produzia com clareza. — Não enfraqueça, por favor! Lute. Lute como eu estou lutando — queria tocá-lo no rosto, mas algo mais forte me prendia naquela posição. — Não desista. Promete? — a cada novo raio de sol minha presença naquele lugar enfraquecia.

Ele não respondeu. Parecia hipnotizado, alheio a qualquer pensamento racional. E totalmente focado em mim.

— Laura... — era tudo o que falava. E tudo o que eu mais queria ouvir.

Quando os raios do sol aumentaram, uma fraqueza estranha me dominou, fazendo minha mão baixar contra a vontade. Seu rosto ficou ofuscado pela luz, perdi o foco e a concentração, e antes que a força que me arrastava concluísse seu intento, eu chamei, com toda a energia do coração.

— Eu te amo... — meus olhos perderam a visão de seu rosto...

Quase saltei da rede, num sobressalto tão violento que fez Jarvis roncar mais alto e virar-se na dele. Minha respiração estava descontrolada, como se meu corpo tivesse parado de funcionar por instantes e só agora recuperasse a força vital. Uma experiência que produziu tremores violentos. Enrolei o corpo com os braços, apertando-os na tentativa de controlar aquela sensação. Mas a palma

da minha mão ainda queimava e meus dedos a esfregavam como se quisessem reter a sensação, assegurar-me de que o toque havia sido real, que tudo fora verdadeiro e não apenas um sonho. Eu estive com Robert! Lágrimas rolaram grossas e pesadas. Tão perto! Ele estava ali, tão próximo que pude tocá-lo! Que maldição era essa? Que maldito dom era esse, que me fazia ter todas essas experiências torturantes e agonizantes, me deixando fraca e abalada? E por que eu? Por quê? Por quê...? E que cena bizarra eu presenciei? Nunca havia visto Robert daquela maneira antes, nem poderia imaginar que chegaria a isso. O que estava fazendo? E por que os outros não estariam lá para impedi-lo? A garota estaria bem? Será que ele me ouviu, acreditou que eu estava lá? E teria sido realmente verdade tudo o que vi? Era real?

Ainda tremendo me levantei da rede. Precisava de ar. Sem que eu tivesse percebido a chuva já caía, o barulho das gotas pesadas sobre as velhas telhas de amianto lembravam o batucar de tambores selvagens em meio a um ritual. Meu olhar percorreu a escuridão, sem direção ou vontade própria, apenas tentando encontrar algo que pudesse distrair os pensamentos da tristeza, aliviar o coração. E fazendo isso eles observaram uma movimentação estranha na margem do rio, próximo a um trapiche raso que servia para embarcar nas pequenas canoas ribeirinhas. Se não fosse pelo vestido branco que usava, com certeza eu não teria visto ou reconhecido a figura de Aicha, que saía do rio. A água que escorria de seu corpo era uma mistura das duas fontes: o rio e a chuva. A respiração era sufocada e ela tremia. Quando se aproximou da casa nossos olhares se encontraram. Ela parecia me devorar com o seu, o brilho cinzento das pupilas repicando os reflexos dos relâmpagos, ao mesmo tempo em que eu observava a cena com surpresa. Então se virou e com passos decididos tomou a direção oposta. A chuva engoliu sua figura esguia, o borrão branco desaparecendo entre os contornos dos casebres, os passos abafados pelo estrondo de um trovão.



A lua não estava no céu nesta noite. Melhor que seja assim. Dessa forma tudo se resolveria sem dor, sem sofrimento. Apenas um inocente pagaria. *Só um inocente, Aicha*, pensei enquanto a saliva pegajosa tentava descer pela minha garganta. *Apenas um! Você sabe o que fazer. Por todos que vieram antes e por aqueles que seguirão depois.*

Estar aqui, nesse momento, nessa hora, assumia um significado maior. Muito maior. Eu era a mão que podia deter a ascensão, mesmo que a consciência disso não aliviasse o mal-estar pelo que eu estava prestes a fazer. Tentei conter a respiração pesada. Ninguém iria ouvir. Estavam todos caçando essa noite, sedentos e famintos. Vampiros, transmorfos, eu conhecia os seus hábitos, suas necessidades. Os poucos que ficaram próximos ao acampamento vigiavam as fronteiras, esperando sua vez de comer. E os humanos aqui só descobririam o que aconteceu muito tempo depois. E depois? O que virá depois?

A pergunta parou minha mente quando estaquei diante da cortina que cobria a entrada da minha casa. Podia ouvir o som ritmado de um ronco forte: o ancião humano, que tão bem conhecia o outro mundo. Ele seria um grande sacerdote, justo, abnegado ao conhecimento e protetor das tradições. Mas não foi no som de sua respiração que me concentrei. Outras se faziam ouvir, mas a *dela* era inconfundível. Lenta, ritmada, quase ausente, o batimento do coração diferente dos humanos ao seu redor. O cheiro que emanava incendiando o ambiente. A prova de que meu ato era certo, justificado. Era meu dever! Cinco milênios de antepassados estavam aqui, ao meu lado, amparando minha mão e vontade. Dando-me forças. Eu seria hoje a mão que acabaria com toda a dor e sofrimento que estavam por vir.

Entrei em silêncio. Ninguém poderia ouvir, não com todos os encantos que me envolviam. No máximo poderiam sentir em seus sonhos a sensação de estarem entre o sono e a vigília, mas nem isso os faria abrir os olhos. Lá fora o vento mudou. A escuridão não me atrapalharia, eu podia definir cada uma das formas deitadas nas redes e esteiras. E encontrei a dela. Seu corpo repousava numa rede próxima à janela, o rosto voltado para dentro. Gotas de suor se estampavam em sua testa branca. Um dos braços estava atrás da

cabeça, amparando-a, enquanto o outro fazia uma curva para fora da rede, solto, esquecido. O clarão de um relâmpago iluminou o cômodo e pude perceber as três cicatrizes no pulso pálido. O toque do Akos, o beijo do Lázarus! O evento que criou a Panaceia na forma da mulher dormindo na rede, com isso desencadeando toda a revolução cósmica que se aproximava do ápice, da consumação, do desfecho que poderia ter consequências terríveis. E temíveis. Mesmo na escuridão que se revolia em raios e nuvens carregadas de chuva eu podia ver: a roda girava e os corpos celestes seguiam seu movimento. E tudo seria evitado agora.

A pequena adaga curva de bronze — cuja idade eu não saberia dizer com precisão e que estava em minha família desde os tempos imemoriais —, escorregou do pulso para a palma da minha mão. Meus dedos se fecharam sobre o cabo fino, que se aqueceu ao toque, e meus olhos miraram a artéria no pescoço. O único lugar onde ela causaria o efeito desejado. A força da Panaceia aumentava, eu podia ver isso. Seu sangue amadurecia e se fortificava com a proximidade da conjunção. O garoto da aldeia e a filha de Nzinga eram só o princípio. Um aviso, entre os muitos que recebi. Olhei a pele pálida. Apenas o corte preciso derramaria o sangue numa velocidade que, mesmo para ela, representaria a morte. E eu tinha que ser rápida ou a roda continuaria a girar. *Apenas uma vida. É apenas uma! O que isso significa diante de toda a humanidade? Seria um preço pequeno a pagar.*

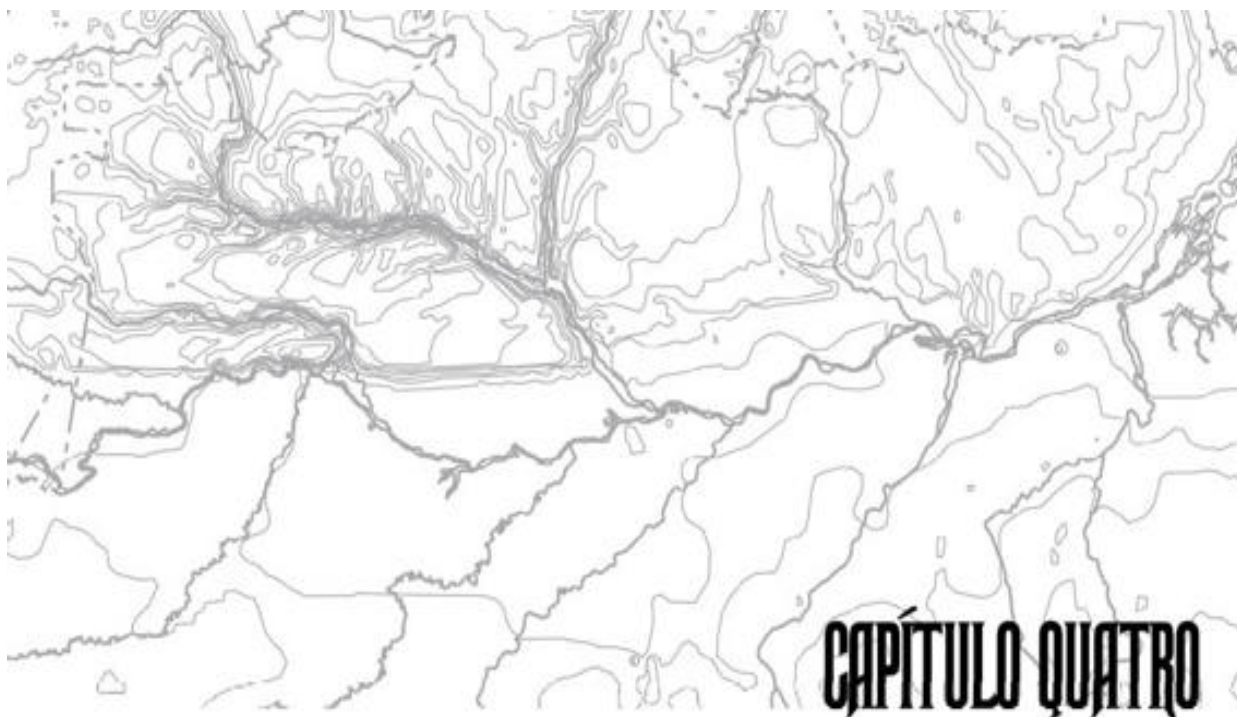
Mas se era assim, então por que eu hesitava? Por que a mão que sustinha a adaga tremia e não obedecia aos comandos da minha vontade? O clarão de outro relâmpago iluminou seu rosto, que não era tranquilo, e seus lábios moveram-se em pequenos sons. O que ela veria em seus sonhos? O círculo de pedras, tão antigo quanto a aurora da civilização humana? As toras esculpidas do santuário de madeira, os cânticos e as orações? O cheiro do fogo, da terra, da madeira? E do sangue? Sim, o sangue no centro da roda... Então tudo se perdeu num borrão, difuso e nebuloso em minha mente, como o céu lá fora. Os sonhos da Panaceia eram como as tempestades equatoriais que se formavam agora sobre as nossas cabeças. Escuras, densas, pesadas, tendo apenas clarões de luz, como

relâmpagos, para apontar o caminho. E por algum motivo, que nunca soube e nunca saberei talvez, um desses clarões se abateu sobre mim. Não para indicar um caminho, mas para me alertar de que esse que escolhi não era o certo. A luta que travei entre minha razão e meu instinto foi titânica. Meus antepassados sempre ensinaram a não duvidar da intuição, pois ela era a voz que vinha do cosmo, a ligação direta entre o ser e o infinito, e por esse motivo sagrada e poderosa. Além de verdadeira. Foi essa voz que veio falar mais alto e obstruir a vontade da razão. E, como sempre, ela venceu.

O próximo relâmpago iluminou meu corpo nas águas do rio Guainia, que corria sinuoso pela aldeia. Mergulhei até ficar totalmente submersa e abri os olhos. Mesmo aqui, no silêncio do reino das águas, eu podia ver. Pontos luminosos como estrelas se juntavam, se moviam, e todas as constelações do céu giravam. A forma do gigante caçador pairou majestosa, me encarando. Voltei à superfície e me arrastei até a margem. Minha respiração era rápida quando encarei o céu nublado e os primeiros pingos da chuva me atingiram a face. Os olhos da Panaceia, agora desperta, me observavam com surpresa da janela. Cruzamos o olhar, por um instante, e toda a frustração de um gesto não realizado vazou pelos meus olhos. Dei as costas e segui na direção oposta à casa, caminhando por minutos incontáveis até que desabei ao solo, deitando-me no chão encharcado pela tempestade.

— Mãe, me ajude! O que devo fazer? — a chuva aumentou nesse momento e o trovão gritou forte. Sua força açoitava a minha pele e podia sentir a eletricidade no ar.

Mas o som da chuva e do trovão foram os únicos que responderam a minha pergunta agoniada.



Livro Seis – Capítulo Quatro

Ravena – Itália – inverno

E*u não deveria estar aqui. O que está fazendo, Gina?* Dúzias de vezes essa pergunta perturbou meus pensamentos nos últimos dias e uma maior quantidade de reflexões foi necessária para que eu tomasse essa decisão, sobre o que iria fazer hoje. Assim, quando vi os homens uniformizados deixarem a pequena sala, isolada do resto da mansão, saltei para o *border* do teto. Equilibrei-me nas pontas dos dedos, causando danos ao reboco, mas numa posição em que não seria vista pelos estranhos que passaram por baixo de mim, conversando enquanto retiravam as máscaras.

— Acha que vai dar certo? — um deles falou.

— Vamos ver. A dose de hormônios foi alta dessa vez. Ela vai sentir dor — o outro deu de ombros. — Mas, ordens são ordens. Não discutirei com Bartolomeu — e sumiram pelo corredor lateral.

Ela? Foi isso que disseram? Havia uma câmera filmando toda a movimentação, mas ela não seria problema. Lentamente me aproximei, de ponta-cabeça, um gesto após o outro, e com a ponta dos dedos desviei alguns centímetros o ângulo do equipamento. Demoraria alguns minutos até que percebessem o que aconteceu, mas seria o suficiente. O que eu não conseguia entender era: suficiente para quê? Por que eu estava me dando todo esse trabalho? Apenas porque os uivos e lamentos vindos daquele lugar estavam me deixando louca? Ou porque sentia a mesma agonia e queria, de alguma forma, entender o que acontecia ali? Esperei em silêncio. Ninguém daria pela minha falta por enquanto, e quando voltasse não haveria especulações. Eu seria rápida, prometi a mim mesma.

Quando tive certeza de que ninguém mais viria, que o trabalho de hoje havia sido feito, escorreguei para o chão, sem nenhum ruído. Quase ao mesmo tempo o lamento dolorido e angustiante rompeu de dentro da sala. Fino e torturante, como se a pele estivesse sendo arrancada, pedaço por pedaço. *Ela vai sentir dor*, um dos homens dissera. E pelo que pude notar já havia começado.

Desviei ao máximo da câmera no teto para não correr nenhum risco de ter alguma imagem gravada acidentalmente. Irritava-me ter que ser tão lenta, mas era necessário ou os sensores de movimentos iriam captar algo além do *normal*. Fazia parte da segurança daquela casa, onde tanto seus habitantes quanto visitantes poderiam constituir ameaças em potencial. Respirei fundo e continuei. As paredes eram uniformes, assim como as portas e pequenas janelas de vidros grossos, como portinholas de navios que se esparramavam ao longo do corredor. Não estava interessada nas outras, e sim naquela: a primeira da esquerda, de onde ouvia o lamento ruidoso e abafado. Ainda mais devagar do que antes me encostei ao lado da janela, sentindo o frio das placas de metal. Ouvi um coração bater acelerado e fora de ritmo dentro da sala. As contrações musculares pareciam intensas e a respiração de seu ocupante era estertorada, quase beirando a um ataque. A agonia era tão intensa que afogava os sons dos uivos, agora menos potentes, e ruídos de um corpo que se debatia chegaram até mim. Desisti de esperar mais e olhei. Pelo grosso vidro, um grande lobo cinzento, o maior que já havia visto,

sofria. Suas pernas moviam-se em espasmos e ele tentava levantar a cabeça, num esforço digno de um bêbado. A língua escapava de lado pela boca, cheia de dentes afiados, e algo como espuma brotava borbulhante e escorria pelo chão, fazendo um caminho gosmento e pegajoso como o de um caracol. O animal se arrastava, devagar, empurrando o corpo com as patas traseiras. Era doloroso de ver. Por que mantinham essa pobre criatura em tamanho sofrimento? Que valor teria para eles? Para o Mathesis?

Ele não tem nenhum, assim como você! A resposta veio como um relâmpago dentro do meu cérebro. *Você e esse animal representam a mesma coisa para Avelar: algo que pode ser usado de acordo com a vontade do mestre, e mais nada. Mesmo que sofra, mesmo que doa, que a vergonha e a humilhação sejam insuportáveis, isso não significaria nada para qualquer um aqui. Nada! As feridas que sofremos são apenas nossas, e ninguém aqui compartilhará dessa dor. Estamos sós. Sempre...* Enquanto pensava sobre isso, encolhendo-me contra o próprio corpo, o lobo levantou a cabeça, subitamente, e olhou diretamente para mim como se também tivesse ouvido a minha presença, sentido a minha vibração. Podia ver seu olhar, vermelho e dolorido, me fitando. E podia ver algo mais também... Medo, curiosidade, e sinais de inteligência. Por alguns instantes uma comunicação muda brotou entre mim e *ela*, atravessou as grossas paredes de metal, rompeu a liga de estrutura do vidro que nos separava e se instalou em nosso foco visual. Podia ver os tremores violentos que contorciam os músculos, fazendo os pelos saltarem como flocos opacos de cinzas espalhadas por um fole de dentro de uma lareira apagada.

Como se isso representasse o maior de todos os esforços, necessário, vital e imprescindível, o lobo arrastou-se em minha direção, tremendo e convulsionando.

Chegou próximo à janela, me fitando com toda a intensidade que podia, e com um esforço redobrado colocou-se nas patas traseiras como um cão que pede carinho... Ou proteção. Seu focinho longo tocou o vidro, embaçando-o com a respiração entrecortada, e dos olhos duas grandes lágrimas brilharam como pingentes de cristais de um lustre, indo tombar ao solo, criando um efeito de arco-íris contra a

luz tênue do ambiente. Seus olhos pediam por socorro, clamavam por ajuda, falavam diretamente aos meus.

Toquei o vidro com uma das mãos, subitamente ansiosa para aliviar o sofrimento dela, assim como gostaria de aliviar os meus. Por algum motivo estranho, insondável no momento, eu e aquele *ser* — que eu me recusava a chamar de animal agora — parecíamos entender o sofrimento um do outro. *Ela* e eu éramos... Iguais! Os sons de passos ainda distantes, seguidos por vozes, fizeram meu corpo retesar-se de imediato. *Ela* fugiu para o canto oposto de sua jaula.

— Aqui, é essa que apresentou defeito — um técnico falava enquanto outro posicionava uma escada. — Como será que mudou de posição tão de repente?

— Não faço a menor ideia — o outro, que segurava a escada, retrucou. — Só sei que o homem surtou quando viu que a câmera não estava no lugar certo. Melhor ajeitar isso logo.

Em minutos arrumaram o aparelho sem notar minha presença, dependurada no tampo dos dutos de ventilação internos. Quando saíram, deslizei devagar na direção oposta à câmera, até ter condições de me colocar no chão. Instantes depois entrava no meu quarto, no alojamento das mulheres, sem que ninguém tivesse dado pela minha falta. Fechei a porta atrás de mim, procurando pelo silêncio e a paz para pensar, tremendo e respirando com dificuldade. Mas, ao me virar, vi que não estava sozinha.

— O que está fazendo aqui? — perguntei com desconfiança, o coração batendo veloz.

Ele não se mexeu, apenas continuou sentado, me olhando. Parecia nervoso e zangado.

— Eu é que deveria perguntar: o que você anda fazendo? — seu tom era baixo, mas autoritário.

— Não sei do que está falando — retruquei no mesmo tom. — E por que continua vindo aqui, desse jeito? Sabe que não é bem-vindo!

Ele engoliu a saliva ao som daquelas palavras e seus olhos se entristeceram, me deixando com uma súbita vergonha. *Ora, que se dane! Ele vem aqui porque quer, eu nunca o chamei, e é melhor que isso fique bem claro! Não preciso da ajuda dele para nada!* Em

silêncio ele se levantou, voltando-se para a porta. Antes, porém, me olhou demoradamente. Uma sensação de estranheza misturada com lisonja fez meu coração bater ainda mais rápido. Ele colocou um pequeno CD, que faiscou em seus dedos, sobre a cadeira do quarto.

— É melhor você destruir isso — seu olhar ainda era triste. — E tome cuidado, Gina. Não posso vigiar todas as câmeras ao mesmo tempo — e saiu.

Olhei para o CD, depois para a porta fechada. E subitamente me senti sozinha, abandonada sem a presença dele.



A voz de Collin assemelhava-se a um grasnar de gansos. Colocou uma pilha de documentos que necessitavam de assinatura a minha frente e pigarreou antes de prosseguir.

— Sobre a reunião com os Megisters, senhor Avelar, estamos enfrentando alguns problemas.

— Quais? — minha irritação beirava a violência, enquanto mirava a garrafa de uísque.

— Alguns se declararam impossibilitados de deixarem o território devido aos *incidentes*. Há muitas arestas a serem aparadas junto à imprensa, os clãs têm se reportado com frequência e eles solicitaram um pouco mais de tempo antes de poderem se mover. Temem que sua ausência possa servir como desculpa para maiores problemas — por fim, acabou concluindo. — Eles estão assustados, senhor. Todos eles.

— Muito bem — retruquei de mau humor. — Avise-os para resolverem seus problemas internos o mais rápido possível, e quando digo para serem rápidos significa que eu os quero aqui, muito em breve. E que todos me tragam as informações que solicitei.

— Sim, senhor. Os relatórios sobre o pedido de Sarmiento estão prontos em seu servidor pessoal — recolheu os documentos assinados e caminhou para a saída.

— Alguma novidade sobre os Di Feveré? — questionei antes que ele saísse.

Collin voltou-se, ajeitando a gravata no mesmo gesto automático. E irritante.

— Não, senhor. Aparentemente estão no Reino Unido, nenhum deles moveu-se para fora do território. Nossos observadores garantiram isso.

Claro! Como se eles fossem de grande valia. Eram apenas iscas, armas dispensáveis em caso de emergência.

— Avise-me sobre qualquer mudança — e o dispensei.

Quando o uísque desceu, procurei deixar de lado a irritação, canalizando sua força para os meus pensamentos. Visualizei os mapas atualizados em meu *tablet*, observando a mudança discreta nas rotas que apontavam. Ainda não era possível determinar nada, tudo dependeria de mais tempo, um tempo que parecia passar mais rápido, escorrendo pelos dedos como areia seca, incapaz de ser detida. E mesmo que já houvesse uma data, de nada adiantaria se eu não tivesse o principal elemento à disposição. Toquei a tela do computador de mesa e a foto apareceu.

— Como vou tirá-la de seu esconderijo, Laura? — perguntei para a imagem congelada a minha frente. — O que a obrigaria a se mostrar, a cometer algum erro, algo que possa me ajudar a pegá-la? — mas a foto não me deu nenhuma resposta.

Levantei-me da mesa e caminhei até a janela, observando o movimento da rua. Meses de buscas, caçadas, um quase sucesso, e nada! Havia bem menos agora do que antes, e qualquer deslize poderia comprometer todo o meu plano. Um plano que, aliás, se encontrava bastante prejudicado. Boatos sobre cura, nômades desgarrados, incidentes, tudo! Mesmo sabendo que ela contava com a ajuda de Solomon e Jamal para se esconder, isso não significava que estaria livre dos perseguidores. Eles poderiam encontrá-la antes de mim. E se fizessem isso não saberiam com o que lidavam, destruiriam a fonte do tesouro tal qual a história da galinha dos ovos de ouro. Isso eu não poderia permitir. A chave para o sucesso que estava construindo não poderia cair nas mãos deles, e nem ficar sob a proteção de algum dos clãs amigos dos Di Feveré. Alisei o rubi do

anel que brilhava contra a claridade que se infiltrava pelos vidros da janela. Lá embaixo, na rua, uma mulher passava pela calçada levando uma garotinha pela mão. Cerca de alguns passos depois a garota tropeçou e começou a chorar, apertando o joelho que sangrava. Pacientemente a mãe da criança a amparou, limpando o machucado com um lenço, e depois a pegou no colo, acalmado-a. E continuou pelo restante da calçada levando nos braços seu precioso fruto do ventre.

Maia atendeu a chamada no primeiro toque.

— *Sim?*

— Venha com Heather essa noite — falei, enquanto observava a janela. — Tenho um serviço para ela — desliguei.

Tomei mais um gole do uísque. A jovem mãe contornou a esquina, desaparecendo do meu campo de visão.

Venezuela – Floresta Amazônica – verão

— Você parece gostar de observar o rio — a voz suave interrompeu meus pensamentos, enquanto sua figura mostrava-se, discretamente, por trás de um pequeno banco de areia. Somente o rosto azulado sob a luz da lua. — Achei que estaria dormindo, Laura. Já é madrugada alta — deslizou para fora da água, transformando-se nessa travessia.

Tive que engolir a beleza iluminada de Alexia, tal qual uma pérola perfeita engastada numa joia resplandecente. Era torturante ver as ondulações ritmadas e a suavidade dos gestos, todos com o poder de encantar e seduzir. Se em mim, que era mulher, ela conseguia tamanho efeito hipnótico, o que poderia causar em um homem? A resposta a essa pergunta tirava meu sossego, provocava calafrios de raiva e ondas quentes de ciúme evidentes em minha voz.

— E eu achei que tivesse ido embora há algum tempo — não consegui conter a nota ácida de minha observação, era involuntário.

Pela primeira vez Alexia parou diante de uma observação minha. Seu corpo ficou imóvel e os olhos me fitaram de forma curiosa, como

se desconhecêssem o motivo de minha irritação ou não precisasse se preocupar com ela, dando a causa como ganha, certamente. Ela estava totalmente transformada quando se sentou ao meu lado, escorregando as pernas pela lateral do corpo numa clássica postura de damas da água retratadas em livros de contos folclóricos. Podia visualizá-la penteando os cabelos, admirando-se num espelho de prata, e soltando a melodiosa voz aos quatro cantos do mundo. E a luz do luar aumentava a irradiante beleza, para meu desespero. Como será que Robert a veria? O encanto dela seria maior para ele, por ser homem? E como será que os dois...?

Desviei rápido os olhos, sufocando a imaginação que me fazia criar cenas, contra a minha vontade. Tortura! Era a única palavra que poderia definir a sensação. Uma dor torturante, excruciante, quente e asfixiante, que me fazia respirar fundo a cada novo delírio, cada vez que eu visualizava, com os olhos férteis da mente, as mãos de Robert tocando sua pele. Ela não se moveu por algum tempo, deixando o vento morno soprar em seu rosto, aspirando o ar. Dava a impressão de que não sairia do lugar, ficando eternizada naquela postura divina como uma estátua em louvor à beleza extrema.

— É apenas uma impressão ou você não gosta de mim, Laura? — o tom não se alterou. Alexia parecia mais interessada em constatar uma verdade do que especular sobre os motivos. — Fiz alguma coisa a você? De ruim? — me olhou. — Porque, pelo que me consta, além de salvar sua vida naquele dia nós nunca mantivemos mais do que simples contatos esporádicos necessários. E em todos eles eu sempre percebi que minha pessoa a irritava, de uma forma que só os humanos conseguem sentir. Tem algo contra mim, Laura?

Como alguém poderia se irritar com o simples fato de ter ouvido uma pergunta prática e objetiva? Mas eu estava furiosa! Principalmente porque Alexia insistia em ignorar os motivos verdadeiros, como se não houvesse nenhum. E, decerto, não poderia haver, não para ela. *Concorrência* seria uma palavra inexistente em seu vocabulário, especialmente quando a *outra* parte interessada na questão não pode estar por perto para ter certeza do que anda acontecendo. Como eu!

— Muito bem — respirei fundo. — Você quer a verdade? Pois então vou lhe dizer qual é: não tenho nada contra você, e ao mesmo tempo tenho *tudo* contra você! — parecia uma coisa ilógica, mas era a realidade. — Você salvou minha vida e serei grata para sempre, mas não posso deixar de sentir isso! — gesticulei para o ar como se procurasse caçar as palavras no vento. — Alexia, não quero ofender você, não quero magoá-la ou fazê-la pensar que sou uma ingrata, mas a verdade é que só de estar na sua presença... Eu me sinto assim, incomodada...

Ela me olhava como quem não compreendeu uma palavra do que eu disse.

— E por que eu lhe causaria tanto incômodo? Isso não me parece muito lógico. Nunca tivemos alguma briga ou discussão, nem mesmo por alimento em território alheio quando você era uma metamorfa — seu raciocínio seguia uma linha diferente da minha. — Meus únicos inimigos são aqueles que já atacaram meu povo, como os Kathakanos, os que interferem em nosso território ou mesmo os que perturbam nossos aliados. E esse não é o seu caso. Não é o *nosso* caso. Gostaria que pudesse ser mais específica em relação a isso para que eu saiba onde estou pisando, por gentileza.

— Específica? É isso? — eu ainda não acreditava que Alexia poderia ser tão hipócrita. Por que se fazia de cega? — Claro, eu posso sim, ser bem específica! Bem direta, já que é o que está querendo! — e deixei vazar as palavras pela represa mal contida do meu peito. — O que me incomoda em você é o fato de que já teve algo a ver com Robert! Saber que ambos tiveram um relacionamento antes, que foram íntimos! — meu coração batia rápido e a respiração quente subia e descia. — Acha mesmo que consigo ficar olhando para você sem imaginar nada? Sem pensar no tempo em que os dois ficaram juntos? E como acha que me sentia quando ele se aproximava de você durante as nossas reuniões? — minha voz foi ficando mais fina e aguda. — E o que pensa que sinto quando imagino que, durante todo o tempo em que estou fora, longe dele...? — parei, colocando as mãos sobre os joelhos. — Alexia, sei que você não tem culpa de nada. Tudo o que aconteceu foi há muito tempo, bem antes de eu existir. Mas pensar desse jeito não ajuda a mudar em nada o

que sinto, me desculpe — olhei para ela. — Me tortura por dentro saber que você e Robert foram amantes no passado. Ferve o meu sangue imaginar que, por algum motivo, ele possa ter procurado por você durante o tempo em que tenha se sentido solitário. Eu não estava lá quando ele mais precisou de mim, pode pensar que o abandonei por abandonar — não consegui conter as lágrimas.— E ter desistido, ter me esquecido e seguido em frente, mesmo que não fosse com você — tentei limpar as gotas pesadas com a palma da mão. — Ele teria esse direito, não teria? Viver, ser feliz, amar... — não pude dizer mais nada.

Alexia ainda não se movia, mas mesmo em sua imobilidade eu percebia pequenos lampejos luminosos em seus olhos. Era como se estivesse... Admirada! Presenciasse uma coisa totalmente nova e absurda para sua realidade. Ela não mostrava nenhum traço de superioridade, arrogância ou lisonja pela minha declaração. Não externava sentimentos, pelo menos não os mesmos que eu deixava jorrar pela boca e que transpareciam em meu corpo. Alexia apenas me olhava e continuou assim por algum tempo antes de romper o silêncio.

— Você o ama — não era uma pergunta. — Sim, é isso mesmo. Você nutre o mesmo sentimento, a mesma devoção, a mesma paixão, não é? Você o ama com o fervor humano, não é mesmo? — a curiosidade era o único estímulo que havia por trás das palavras dela.

— Que tipo de pergunta é essa?

— Por favor, apenas responda — ela pediu. — Esqueça tudo o que disse sobre Robert e eu. Isso não existe, nunca existiu de verdade. Acredite, sei do que estou falando. Tudo o que é humano sempre foi estranho para mim, incompreensível, e nessa categoria eu incluo o breve período que você chama de *relacionamento íntimo* — seu rosto demonstrava a dificuldade em expressar as palavras com tanta naturalidade, como se temesse dizer algo sobre o qual não tivesse certeza. — Você me vê como uma ameaça, Laura, como se eu tivesse o poder de lhe tirar algo valioso, mas a verdade é que estou bem longe de ser tudo isso — seu rosto iluminou-se num sorriso encantador. — Não há nada em mim que justifique tanto temor, nem tanto ciúme de sua parte. Os sentimentos que pode achar que tenho

por Robert nunca poderiam existir, *porque eu não sei o que eles são* — frisou bem essas palavras. — Não faço ideia do que o amor e o ciúme possam representar. É um mistério humano, e isso eu nunca fui — sua cabeça virou-se um pouco para o lado, me analisando. — Só conheço a teoria do que me diz, mas a vivência está longe da minha realidade. Por isso eu torno a perguntar: você o ama? Do mesmo jeito? Ainda ama Robert?

— Então, você...? Ele não procurou...? Vocês não quiseram...? — eu tentava perguntar milhões de coisas, mas as palavras simplesmente sumiram.

— Esqueça o *nós!* Pare de falar sobre ele e eu! Eu quero saber sobre *você e ele!* — seu tom era vibrante. — Nada mudou? Você ainda o quer, o deseja da mesma forma? — senti a urgência na voz dela, como se precisasse de uma confirmação.

E por mais estranho que fosse eu também precisava afirmar isso, em voz alta. Confirmar em palavras o que cada batida de coração quicava dentro do meu peito, fazendo a respiração doer e os olhos arderem de novo.

— Sim, eu o amo! — falei entre os soluços baixos que tentavam estrangular minha garganta. — Do mesmo jeito, talvez até mais agora. Amo cada minuto e segundo que vivi com ele, e cada minuto e segundo que estou longe dele. Mesmo antes de conhecer Robert, eu sinto que já o amava — arfei, procurando pelo ar. — Não tenho como fugir a isso, não é algo que se apaga de uma vida, não da minha, pelo menos. E não quero fugir, mesmo que cada pensamento, cada lembrança queime como fogo aqui — aponte o peito. — Prefiro viver ardendo a imaginar que não teria nem isso. É maior do que eu, Alexia, me engole por completo, me preenche a cada momento em que ando, respiro, vivo! E vai durar a eternidade, não há outra maneira. Por que eu amo Robert, sempre amarei — fiquei sem ar, sem fala, sem nada.

Sentia o peso de cada afirmação fluir como um líquido quente, me aquecendo lentamente como a madeira que começa a inflamar-se na lareira, e que mesmo quando o fogo se extingue ainda permanece latente nas brasas mornas. Intactas, esperando pela brisa suave que fará tudo recomeçar. Estava vibrando, o amor cantando pelo meu corpo como o vento soprava as notas entre os galhos das grandes

árvores. Eu era só paixão e me afoguei nela por um momento, desejando nunca mais voltar à tona.

O sorriso de Alexia foi enigmático durante todo o tempo em que ficou me observando. Meu rosto queimou com o súbito latejar do sangue apressado nas veias e ardeu com a consciência do penetrante olhar dela. Sem falar mais nada, Alexia se levantou. A lua brilhou por trás de sua figura, criando um halo azul pálido nos cabelos claros e sombras em suas feições perfeitas. Caminhou até o rio, sem pressa, tocando com os pés a água escura, retornando a sua forma primária, como dizia. A água já estava em sua cintura quando se virou para mim, a pele azul coberta de pontos escamosos, e seus lábios se abriram num sorriso diferente, repleto de significados indecifráveis.

— Laura, quero que se lembre de uma coisa. Você o ama — uma parte de sua cauda projetou-se numa ondulação leve. — E isso é o que importa, é tudo de que precisamos ter certeza — e mergulhou.

A luz da lua criava efeitos brilhantes na água do rio Guainia enquanto a forma de Alexia desaparecia numa marola, sem nenhum ruído.

Bristol – Inglaterra – inverno

—Vamos, amor, não vai ser tão ruim assim — Eric tentava me animar ao descermos do carro no estacionamento do *shopping*, na Broadmead. — Sei que está chateada, mas não custa nada fazer um esforço, Cínthia — seus dedos brincaram no meu queixo. — Podemos pegar um cinema, comer alguma coisa — beijou minha bochecha, enquanto Morgana descia do carro.

— Como se eu pudesse, não é, Eric? — olhei com raiva. — Acha mesmo que vou conseguir tirar essa história da cabeça? Sabendo de *tudo* o que está acontecendo? Eu deveria ter ido com eles! — falei mais alto. — Isso não é justo! De novo!

E não era mesmo. Especialmente porque essa história toda me dizia respeito diretamente. Mas, não: a *humana* idiota não poderia fazer a viagem da mesma forma que eles, claro! Outro empecilho! E

mais uma vez eu tinha que ficar para trás, com Eric e Morgana como babás!

— Já parou para pensar no tamanho da minha aflição, Eric? — perguntei ainda bastante irritada. Ele me arrastava para a entrada principal, tentando me proteger do vento frio de inverno. — Vocês dois conseguem ter alguma ideia disso? — olhei para Morgana, que apreciava a discussão. — Eles foram atrás dela, da minha mãe! E eu tive que ficar aqui, atrapalhando todo mundo mais uma vez. Quando é que alguém vai ter bom senso dentro daquela casa? — abri os braços. — E até quando acham que vou aguentar essa situação? — indaguei ao subirmos a escada rolante.

Eric só me olhava e pude perceber que Morgana concordava discretamente comigo. Afinal, também não ficava satisfeita quando tinha que cuidar de mim, e *somente* ela me apoiava nesse ponto: as coisas já deveriam ter sido resolvidas para o bem de todo mundo. Mas foi inútil argumentar outra vez, principalmente depois da chegada de Sibila e das outras lâmias. Olhei para cima, para o enorme teto envidraçado da Broadmead, suspirando baixo e pesado. Lembrando.



Um consenso quase geral havia sido tomado dentro da mansão em Leigh Woods e a tristeza pela decisão era visível em todo mundo. Depois dos últimos acontecimentos, das revelações de Kate e David e do *surto* de Robert, não havia alternativas aparentes. Ninguém mais tocava nesse assunto, apenas procuravam por pistas, rastros, informações ou qualquer outra coisa que pudesse ajudar, trabalhando com o que tinham em mãos. Mas a falta de notícias chegou a tal ponto que mesmo Clementine, que sempre ponderava com calma todos os assuntos, um dia explodiu.

— Não consigo entender. O que há com Solomon? — ela dizia depois de desligar o telefone. — Por que ele ainda não voltou dessa viagem? E por que Shiloh insiste em dizer que tudo está bem? A quem ela pensa que está enganando? — seus olhos verdes ficavam ainda maiores no rosto pálido.

Robert parecia um fantasma. Eu não o via pela casa, passava horas e horas no quarto, e quando nos encontrávamos era apenas por poucos minutos. E foi num desses raros dias que o achei, sentado ao lado da fonte na entrada. Seu olhar estava perdido dentro da água e a mão acariciava o mármore polido. Havia uma fina camada de gelo sobre a fonte que fazia barulhos, como biscoitos sendo quebrados estalando ao sabor do vento. Ele não se movia, apenas fitava o gelo. Mas, como sempre, todos sabiam quando alguém estava chegando perto.

— Olá, Cínthia — sua voz era educada, mas ausente.

— Oi, Rob — eu não tinha coragem de perguntar se ele estava bem.

Continuou imóvel, não piscou. Fiquei imaginando se seria o novo soro de Carlo que o estivesse deixando meio *alto* ou se a tristeza poderia funcionar como uma marreta, conseguindo despedaçar até mesmo um coração que não batia. E parecia que ela tinha esse poder. Sem saber o que fazer, ou dizer, me sentei ao seu lado. O mármore estava bem gelado, mas não me importei. De alguma maneira eu queria ajudar, mas como? Não poderia dar a Robert o que ele mais queria, e essa sensação de impotência me roia por dentro.

— Acho que devo desculpas a você — ele falou, de repente, enquanto o fitava. — Sobre aquela noite, depois que voltamos do norte — baixou um pouco os olhos. — Sei que me viu pela janela e não queria assustá-la, seria a última coisa que gostaria de fazer, acredite.

— Tudo bem, eu entendo — tentei usar um tom mais convincente para animá-lo, mas isso e nada eram a mesma coisa. — Além disso, não há por que se desculpar, Rob. Não aconteceu nada, não é?

— Mas *podia* ter acontecido — seu tom e a forma como olhou me fizeram perder o ar por alguns segundos. — Quase aconteceu no norte, quase aconteceu com você, com os andarilhos em Exmoor, com David, com a garota da ponte... Quase aconteceu com qualquer humano que cruzasse meu caminho! — baixou ainda mais os olhos. — Eu não podia permitir que as coisas chegassem a esse ponto, Cínthia, não com todo o tempo de existência que tenho. Era minha obrigação ter percebido os sinais, devia ter ouvido os alertas. Agi de

forma irresponsável e isso quase custou a vida de muita gente inocente — a culpa estava impregnada em cada uma daquelas palavras.

O vento havia aumentado, fazia muito frio, e o céu carregado dava sinais de que poderia nevar logo. Esperei que Robert dissesse mais alguma coisa, qualquer palavra ou frase que me desse uma desculpa para puxar outro assunto, mas isso não aconteceu. Nem aconteceria. Seus reais pensamentos naquele momento não seriam diferentes dos meus.

— E agora, como vai ser? — eu tinha que perguntar, mesmo sabendo que isso não faria bem a ele. — Vamos ficar assim, sem fazer mais nada? Deixar tudo como está? Até quando? — o encarei.

Robert virou-se para mim. Se não fosse o fato de ser um imortal, com certeza rugas apareceriam ao redor de seus olhos, vincadas e bem visíveis. Apesar do corpo imutável, a alma tinha envelhecido. Esperei por algum tempo até entender que não receberia uma resposta, e me calei. Fiquei olhando para os pingos congelados nos galhos dos arbustos dormentes. O inverno era rigoroso e o vento aumentava a sensação térmica do frio. Somente quando meus dentes começaram a bater Robert se moveu. Num gesto de cavalheirismo tirou o casaco, inútil para ele, colocando-o com delicadeza em meus ombros.

— Obrigada — puxei as mangas para as mãos. O casaco era frio, como ele, mas não reclamei e me encolhi dentro da lã escura.

Ele sorriu um pouco, depois afagou minha bochecha com os dedos gelados. Tentei não me incomodar com o frio para poder animá-lo. Por fim deslizou a mão e a pousou no joelho erguido, enquanto descia o queixo até encostá-lo nas costas da mão. Seu olhar voltou-se para a fonte, mas eu tinha certeza de que ele nem enxergava a água congelada.

— Acha que... Ela me esqueceu? — perguntou, de repente. — Acredita que sua mãe não...? — respirou fundo para continuar. — Acha que Laura não me ama mais?

— Não! — respondi rápido, chocada com sua observação. — Que ideia maluca é essa? — critiquei, irritada. — Minha mãe sempre foi doida por você, Robert! Desde que ela o conheceu. Eu sei,

acompanhei tudo! — sorri com todas as lembranças. — Mesmo que você não fosse um vampiro, que fosse, sei lá, um lobisomem ou qualquer outra coisa do gênero *fantasia e ficção*, ela iria amá-lo do mesmo jeito. Mamãe nunca brincou com isso, para ela sempre foi tudo ou nada — me aproximei, como se o calor da minha presença pudesse, de alguma forma, afetá-lo. — Ela só amou dois homens nessa vida: o meu pai e você. E nunca vai deixar de amá-lo, Rob, acredite. E, no caso de vocês dois, eu posso dizer que vai ser para sempre.

— Eu sei, conheço bem esse lado dela — consegui tirar um leve sorriso do rosto dele. — Mas... Tanta coisa aconteceu e tem acontecido. Desde que eu conheci sua mãe... — balançou a cabeça, soltando o ar. — É incrível como os sentimentos humanos voltam com força quando se tem um motivo para isso. A insegurança, o medo... Eu estou revivendo os piores temores de um homem. E o que mais temo agora é perder Laura de vez. De um modo ou de outro — seu olhar ficou duro nesse momento. — Temo que algum maldito nômade ou um dos homens de Avelar a encontre, que aconteça o pior e eu não esteja lá para salvá-la — senti arrepios ao pensar nessa possibilidade, mas procurei disfarçar. — E temo que ela desista de mim — sua voz falhou —, me esqueça, achando que pode ser o melhor. Mesmo que os meus delírios recentes me mostrem o contrário, eu não sei, não consigo mais ter tanta certeza... Faz tanto tempo...

Peguei sua mão fria entre as minhas, como se quisesse aquecê-la de algum modo, e fiquei esfregando-as, friccionando contra minhas palmas.

— Isso não vai acontecer, acredite em mim! — falei com toda a convicção que podia ter ou fingir. — Quando toda essa loucura acabar, e vai acabar, vocês vão ficar juntos de novo. Não pense que vai se livrar da minha mãe assim, tão fácil. Você conseguiu, nunca vai escapar dela! — sorri com a brincadeira, tentando descontraí-lo.

Ele suspirou fundo, esboçando um sorriso que brilhou cheio de esperança.

— É o que eu mais desejo, Cínthia. Encontrar Laura e nunca mais escapar dela — sua voz estava cheia de paixão. — Nem deixar que

ela fuja de mim outra vez.

Um vento soprou nesse momento, diferente. Robert virou a cabeça e levantou-se rápido. O movimento inesperado me fez saltar da fonte, mas não me surpreendi quando os outros já estavam fora da casa, aguardando ao nosso lado. Clementine adiantou-se e Eric imediatamente me envolveu com os braços, olhando para a entrada da mansão. E como uma mágica bem ensaiada, nos mínimos detalhes, elas estavam lá. Duas belas mulheres, os cabelos negros longos e esvoaçantes emoldurando as peles translúcidas, as pupilas de um vermelho vivo berrante, como duas estátuas que tivessem sido retiradas de uma acrópole grega nos fitando inexpressivas. Deslizavam como ninfas etéreas e encantadas, e o ar se encheu de música quando uma delas, Sibila, adiantou-se.

— Saudações, Clementine — o som melodioso criava buracos no cérebro. — Alexia manda seus cumprimentos ao clã Di Feveré.

— Obrigada, Sibila, seja bem-vinda. Você também, Olímpia. Por favor, entrem — Clementine indicou com um gesto.

O deslizar suave de todos ondulou pelo espaço, enquanto eu caminhei em meu lento passo humano. Eric estava comigo. Permanecemos na sala principal. A mesa da sala branca — que Robert havia destruído — ainda não tinha sido substituída. Sibila e Olímpia ficaram em pé, apesar do oferecimento de Clementine para que se sentassem.

— Obrigada, Clementine, mas não é necessário. O assunto que nos traz aqui será breve e temos pouco tempo para resolver tudo a contento — seu olhar e voz tinham uma maciez entorpecente quando se voltaram para Robert. — Na verdade, viemos a pedido de Alexia para falar com você, Robert.

— Comigo? — ele estava surpreso de verdade. — Mas o que aconteceu? E por que Alexia não me telefonou?

O espanto de Robert era tão grande quanto o meu. Por que a *ex-namorada* dele, como eu havia descoberto há pouco tempo, teria mandado as irmãs? *Seja lá o que for deve ser muito interessante e muito perturbador.* O que será que ela estava querendo? *Droga, mãe! Tá vendo? Você deixou o caminho aberto e agora a “outra” fica mandando bilhetinhos pelas irmãs!*

— Ela não pode telefonar. Sua comunicação está sendo feita a nossa maneira — Sibila concluía, e fiquei imaginando de que jeito elas poderiam se comunicar. Telepatia, como os outros?

— E o que ela quer, Sibila? — Robert continuava surpreso e Clementine veio para o seu lado.

— Ela pediu que nós o levássemos conosco, Robert, ainda hoje, se for possível — meus olhos saltaram do rosto nesse momento, eu tinha certeza.

Como é que é? Eu tinha vontade de perguntar isso aos berros!
Que atrevimento dessa sereiazinha!

— Me levar? Mas... Para onde? — estava visivelmente confuso.
— E por quê? — os olhares ao redor também especulavam os motivos.

— Não posso dizer para onde, não agora, ela me pediu isso — vi o espanto que essa afirmação causou nos demais. — Seria muito arriscado e Alexia pediu que confiasse nela. E também me mandou dar uma mensagem a você: *“Diga a Robert que cumpri minha promessa, que tudo está bem, como antes”* — Sibila encarou Robert com mais intensidade. — Alexia garantiu que você saberia o significado.

O silêncio de todos era tão alto que fiquei com medo de respirar e quebrar a concentração do momento. Robert parecia confuso a princípio, mas aos poucos seu olhar foi mudando. O que antes era um semblante carregado pela dor e agonia subitamente abriu-se como a flor da ninfeia, emergindo das águas escuras para a claridade do sol. Os olhos adquiriram um brilho novo, quase incandescente, e ele precisou se sentar, como se o significado da mensagem fosse o peso do mundo em suas costas, grande demais para conseguir carregá-lo. Clementine assustou-se com esse gesto e estava ao lado do irmão, sem demora.

— Robert?

Numa fração de segundos vi todas as etapas de uma transformação mágica ocorrerem na figura do vampiro. Robert foi do desespero ao susto, da dor à alegria, da incredulidade à esperança renovada! E foi com a mistura de todos esses sentimentos que ele

olhou para Clementine, sorrindo como há muito tempo eu não o via fazer.

— *Ela a encontrou! Alexia a encontrou!* — Robert repetia a frase como se quisesse gravá-la em todos os lugares da casa. — Clem, Alexia encontrou Laura! Essa é a promessa!

— O quê? — a pergunta pulou da minha boca, sem controle. — Como assim? Ela achou a minha mãe? Onde? — meus olhos iam das sereias para Robert, sem parar.

— Sibila — Robert estava em pé no ato —, onde ela está? Onde Alexia a achou?

Sibila parecia temer que as paredes tivessem o poder de escutá-la e isso a silenciou. Quando decidiu falar, foi objetiva e direta.

— Sabemos sobre os boatos, Clementine — começou por esse caminho. — Todos sabem na Europa. Há uma quantidade muito grande de problemas ocorrendo por conta dessa história. Eles atingiram a Grécia, Yacov falou com Alexia, e estendeu-se depois para outras regiões. Foi esse o motivo que levou Alexia a procurar respostas longe daqui, seguindo a trilha dos responsáveis. Com isso achou mais do que esperava — olhou para Robert. — E por isso nos mandou. Mas não temos muito tempo. Alexia pediu que agíssemos rápido antes que ocorra outra mudança.

— Então é o que vamos fazer, sem demora, agora! — Robert estava completamente mudado, passou da inatividade à completa ação em segundos. — Irei com você, Sibila.

— Robert... — Clementine tentou falar, mas ele a silenciou com um gesto.

— Não, não desta vez! — seu tom era ríspido. — Agora chega, Clem! Não é uma suspeita, ela está com Alexia! — seus olhares se cruzaram. — Pelo amor de Deus! Não me interessa o que vai dizer, nem o que gostaria que eu fizesse, pois não vou fazer! Não vou ficar nem que me prendam — a resolução em sua voz era inabalável. — Eu vou buscar Laura, vou trazê-la de volta. Podemos mantê-la em segurança aqui, acabar com esses boatos e salvar a vida dela! Terá coragem de me impedir de ir atrás do que amo, minha irmã? — olhou fundo em seus olhos.

Clementine hesitou. Podia ver que ela se digladiava entre qual seria a atitude certa e o perigo que esse gesto envolveria. Eu estava com os nervos em frangalhos e meus dedos torciam a mão de Eric. Ele afagava minhas costas de leve, tentando me acalmar. Clementine passeou os olhos de Robert para Sibila e Olímpia. Depois mirou Carlo e Josh significativamente, e quando voltou a olhar para Sibila seu rosto havia se transformado.

— Sibila, somente lârnias podem seguir seus rastros embaixo d'água, certo?

Sibila sorriu, aparentemente satisfeita. Em poucos minutos ficou tudo acertado. Quando Olímpia e ela saíram, a voz de Clementine confirmou:

— De madrugada, no Avonmouth.

E naquela mesma noite Clementine, Robert, Josh e até Carlo, que nunca abandonava seu laboratório, se foram. Antes de partir, Robert me abraçou com força.

— Eu vou trazê-la de volta, prometo! — e afastou-se.



— Cínthia? Cínthia? Você tá aí, amor? — a voz de Eric me chamava, rompendo minha linha de lembranças. Estávamos em frente às salas de cinema do *shopping*, uma ideia maluca de Eric para tentar me distrair. — E então, gentis damas, qual filme querem ver?

Morgana parecia tão animada quanto eu. Devia ser um porre para ela ficar servindo de guarda-costas para uma humana. Era tudo o que ela sonhou! Passeei os olhos pelos cartazes, sem realmente ver nenhum deles. Tudo o que conseguia pensar era: para onde eles foram? E quando voltariam? Eric estava esperando uma decisão e optei por uma comédia romântica. Morgana também concordou e ele comprou os ingressos. Ainda tínhamos quarenta minutos antes de o filme começar.

— Alguém aí quer pipoca? — ele perguntou, lançando um olhar de zombaria para Morgana.

— Isso, vá se entupir de comida, mestiço idiota! — ela não estava de bom humor.

— Com certeza, maninha! — ele riu alto. — Vou comer a sua cota também, ok? — virou-se para o balcão, entrando na fila para o atendimento.

— Acho que vou até o banheiro enquanto esperamos — falei sem vontade alguma de fazer isso. — Você vem, Morgana? — convidei.

— Não, obrigada. Melhor ficar aqui e impedir seu namorado de acabar com o estoque de *fast foods*. Não é justo com os humanos — sorriu de forma perversa.

Eu já estava acostumada com as provocações dos dois e apenas acenei com a cabeça. Eles bem poderiam ser irmãos de sangue, ambos rabugentos e encenqueiros. Bastava um começar e o outro ia no embalo da confusão. Algumas vezes era engraçado, outras nem tanto, e Josh tinha que se meter no meio para aliviar as coisas enquanto eu dava bronca em Eric pelo comportamento. O banheiro estava quase vazio e acabou ficando deserto quando uma auxiliar geral colocou a placa de interdição para limpeza. Não estava com pressa e fiquei retocando a maquiagem devagar, passando a escova nos cabelos em seguida. Minha cabeça estava bem longe dali e os olhos espelhavam isso de forma clara. *Espero, pelo menos, me lembrar de alguma parte do filme depois*, pensei, enquanto aplicava um pouco mais de perfume nos pulsos e pescoço.

— Olá, Cínthia — a voz feminina surgiu do nada e acabei derrubando o vidro de perfume na pia.

Olhei ao redor, mas não havia ninguém. O banheiro estava deserto e a auxiliar de limpeza não estava parada à porta, como antes. Com mais pressa do que o normal fechei o que restou do frasco e o coloquei na bolsa, virando-me para a saída. Mas ela estava lá, barrando a minha passagem. Os olhos vermelhos penetrantes eram tudo o que eu podia ver de seu rosto, o corpo esguio e alto envolvido por uma roupa preta muito justa que escondia até os cabelos. Era como olhar para um ninja *high tech*. Tentei abrir a boca para chamar alguém, mas para minha surpresa eu não consegui. Todos os meus músculos estavam travados e duros e não conseguia desviar o olhar dela, enquanto se aproximava sinuosa e envolvente. Meu coração

passou a bater mais rápido quando seus olhos chegaram na altura dos meus.

— Shhhhh — ela falou num sussurro. — Fique quietinha, Cínthia. Nada de chamar seus amiguinhos. Eu sou sua nova amiga agora — o som da sua voz amortecia meu cérebro. — Nós vamos dar uma voltinha, querida, e nos divertir muito, acredite...

Minhas pernas amoleceram e teria caído ao chão se ela não tivesse me segurado. Senti o movimento de um puxão e tudo ficou escuro. Meus pensamentos, confusos e embaralhados, pararam subitamente de funcionar.



— Ai!

Eu voltava com dois baldes grandes de pipoca e refrigerantes quando Morgana gemeu, de repente, levando uma das mãos à têmpora como se sentisse dor de cabeça. Não era o tipo de coisa que se vê todo dia.

— Morgana? O que foi? — perguntei, olhando ao redor. — Cadê a Cínthia?

Mas ela não respondeu, ao contrário, ficou tensa e levantou a cabeça tão rápido que fiquei com receio de algum humano ter percebido o gesto. Seus olhos varreram o perímetro em segundos e os meus fizeram o mesmo. Não havia nada de anormal, pelo menos para mim.

— Morgana? — tentei fazê-la falar, mas ela continuou imóvel, de uma maneira nada normal.

Algumas pessoas olhavam de longe e isso me preocupou. Mesmo com as lentes azuis, que deixavam seus olhos em um tom de violeta escuro, podia perceber a mudança nas pupilas dela, a força de concentração que fazia em algo que eu não conseguia identificar. Morgana movia a cabeça de um lado ao outro, incessantemente, rápido demais, sem o cuidado em ocultar sua verdadeira natureza, como se estivesse caçando algo ou alguém. Quando mais de um

grupo começou a olhar de forma insistente eu a peguei pelo braço, deixando a comida numa mesa da praça de alimentação, e a levei para trás de um *banner* de propaganda de uma concessionária.

— Morgana? — sussurrei, tentando fazê-la me olhar. — O que está acontecendo? Você tá me assustando! — virei seu rosto para o meu. — Cadê a Cínthia?

Ela piscou uma vez e voltou a cabeça para o corredor estreito.

— O banheiro — falou baixo e sumiu.

Em segundos eu estava atrás dela, ignorando o fato de que alguém pudesse nos ver agir desse modo. Meu coração deu um salto ao vê-la parada diante da auxiliar de limpeza.

— Desculpe, senhorita, esse banheiro está interdit... — tentou dizer, mas ficou calada quando a figura de Morgana cresceu sobre ela, mirando-a com olhos terríveis.

— Saia da frente e suma daqui! — intimou com a voz ríspida e enérgica.

A mulher parecia uma marionete respondendo ao comando. Eu sabia o efeito daquilo nos humanos. Num piscar estávamos dentro do banheiro deserto. O cheiro de Cínthia era forte, mesmo misturado com seu perfume. A bolsa e o casaco estavam caídos no chão. Aquilo me deixou em pânico.

— Morgana, cadê ela? Não há ninguém aqui! — não conseguia sentir mais nenhum odor, nada.

Morgana moveu-se até ficar embaixo da saída dos dutos de ar-condicionado. Num único gesto ela arrancou a grade de proteção e sumiu por dentro dele. Eu não pensei e fui atrás. Era um espaço estreito, sujo, suficiente para uma pessoa arrastar-se. Um humano, no caso, porque eu deslizava rápido como se o pouco espaço não fizesse a menor diferença, escorregando como serpente veloz em crateras abertas no solo, indo atrás do rastro de Morgana e do cheiro de Cínthia. O odor dela era forte ali, concentrado, e isso significava apenas uma coisa: alguém a pegou! Algum vampiro ou mestiço, do qual eu não conseguia sentir o menor cheiro. A poeira que se acumulava no ar ressecava a garganta e conseguia ouvir apenas os sons dos gestos e da respiração rápida de Morgana, além do insuportável ruído dos motores do ar-condicionado. Essa constatação

fez meu coração bater mais rápido e a urgência tomar conta dos meus movimentos. Eu precisava chegar até ela antes que fosse tarde demais!

Numa bifurcação do túnel, as botas de Morgana deslizaram para a direita, desaparecendo numa nuvem grossa e acinzentada de flocos empoeirados, e fui atrás, procurando dar maior velocidade. As curvas continuaram a se suceder, ora para direita e ora para esquerda, e a cada vez que eu me movimentava o cheiro de Cínthia ficava mais forte. Estávamos próximos, mas ainda assim não parecia ser o suficiente. Perto de uma hélice que girava para impulsionar o ar, uma nuvem de poeira cobriu meus olhos. Continuei meio às cegas, guiando-me pelo olfato. O som de um coração batendo ficou mais alto à medida que o túnel estreito seguia numa curva ascendente sensível, alargando-se a cada metro percorrido. O som de algo sendo quebrado chegou aos meus ouvidos juntamente com a lufada de ar gelado que tomou conta da tubulação. Pedacos de metal deslizaram ao meu lado, caindo e desaparecendo pelos dutos escuros. Quando olhei rapidamente vi que se tratava de uma hélice, partida ao meio. A parte de cima da tubulação havia se desintegrado. O céu aparecia nublado através de uma abertura deixada no lugar da grade externa do aparelho, destruída pela passagem de algo, e ao sair do túnel para o ar frio da noite meu coração quase parou!

Morgana estava arqueada, com as pernas apoiadas na marquise que sustinha um *outdoor* de propaganda de uma lanchonete de *fast food*, a imagem refletida pelos vidros do teto do *shopping*, e mirava ferozmente uma forma diante dela. Uma mulher, toda vestida de negro em uma roupa colante, que deixava entrever apenas uma parte do rosto. Uma vampira que não tinha nenhum cheiro! Porém, mais urgente do que esse detalhe era a cena que eu via: ela segurava Cínthia com apenas um braço e ameaçava jogá-la do alto do prédio, apoiada numa das elevações de alvenaria de tijolos que se destacavam contra o teto transparente e os alicerces de aço. Balançava devagar seu corpo, como se faz com bonecos inanimados nas mãos de crianças pequenas. Cínthia parecia desacordada, mas os olhos estavam abertos, inexpressivos. Estava hipnotizada!

A mulher olhou para mim, fitando-me com desdém, ao mesmo tempo em que não perdia Morgana de vista. Éramos dois, ela estava encurralada e sabia disso, mas tinha um trunfo nas mãos e fez questão de exibi-lo, o que acelerou ainda mais meu coração e fez o medo gelar meu corpo. Fique paralisado, sem saber o que fazer: se atacasse, ela soltaria Cínthia, e talvez Morgana não fosse rápida o suficiente para impedir sua queda. E daquela altura isso seria fatal! E se Morgana atacasse, eu estaria na mesma situação delicada. Não conseguia enxergar uma saída.

Quando a sensação de medo passou, rápida como veio, meu próximo sentimento foi um só: raiva! Aquela vampira estava com Cínthia, a mulher da minha vida! E brincava com ela como se fosse um fantoche. Alguma coisa se agigantou dentro de mim nesse momento, cresceu e tomou forma, e antes que pudesse pensar melhor saltei sobre a cabeça dela, indo quicar os pés no *outdoor* em frente, dando um giro e me agarrando ao suporte de aço que mantinha o letreiro luminoso em pé, rosnando e mostrando os dentes. Ela girou rápida também, mas o tempo de distração foi o suficiente para que Morgana a pegasse pelo pescoço, num golpe violento e certo com as mãos, atirando-a contra outro *outdoor* luminoso, tentando cravar os dentes.

O golpe de Morgana teria dado certo se a força do ataque não tivesse rompido a estrutura que sustinha o luminoso. Ele piscou uma, duas vezes e se apagou, enquanto as faíscas de um curto-circuito se espalharam ao nosso redor sobre o telhado de vidro. O letreiro despencou, bloqueando a minha visão, ficando dependurado apenas por uma das bases. Os gritos das pessoas abaixo alcançaram os meus ouvidos, todas correndo para se proteger, enquanto o letreiro se inclinava mais. Morgana ainda agarrava a vampira misteriosa, mas ela não estava mais com Cínthia. Procurei em pânico e a vi.

Ela foi atirada com o impacto da luta e estava sob o mesmo *outdoor* que agora ameaçava cair. Foi o tempo de um gesto rápido, apenas um. Saltei e agarrei seu corpo mole e gelado enquanto a última estrutura se rompia e o letreiro despencava no pátio que separava o estacionamento da entrada do *shopping*. O som do impacto foi seguido pelos alarmes de vários carros que dispararam.

Seguranças da Broadmead socorriam as pessoas em pânico e chamavam os bombeiros. Olhei para Cínthia. Seu rosto estava pálido, coberto de fuligem dos túneis. Havia desmaiado. Um corte na sua testa sangrava, mas respirava sem dificuldade. A minha frente a briga continuava acirrada.

A vampira havia se soltado de Morgana, e agora tentava agarrar seu pescoço. Uma parte de sua máscara havia se rasgado na luta e ela exibia todos os dentes da boca em ameaça. Quando saltou, Morgana desviou-se rápido e chutou-a no estômago com sua bota. A vampira bateu contra a parede de tijolos ao lado da porta de saída de emergência. Alguns destroços despencaram pelo teto envidraçado com um estrondo, projetando-se em direção aos andares inferiores fartamente iluminados pelas luzes do prédio, provocando pânico e tumulto entre as pessoas. Ela se colocou em pé no ato. Morgana preparou-se para um novo golpe e eu estava pensando em como iria ajudá-la, sem expor Cínthia ao perigo, quando a vampira, subitamente, começou a rir. Uma risada rouca e baixa, mas impregnada de sentidos ambíguos.

Algo naquela risada congelou Morgana entre os tijolos e os cacos de vidro. Por alguns segundos ela hesitou, perdendo a postura de ataque e fitando a vampira com uma intensidade redobrada. A mulher continuou a rir, ainda circulando, zombando, balançando o corpo como uma enguia sinuosa entre os alicerces de aço que sustentavam as abóbadas do teto. Depois se agachou devagar, retirando o restante da máscara destruída e exibindo o rosto e os cabelos negros. Morgana permanecia estática como se presenciasse um pesadelo em carne e osso.

— Ora, ora, veja só! Que agradável surpresa! Não pensei que tivesse sobrevivido ao nosso encontro em Veneza, querida! — seu olhar era maldoso. — Achei que tinha dado conta de tudo, mas parece que deixei um resto para trás. Alguém teve pena de você o suficiente para que ainda caminhasse viva! — riu mais alto, enquanto as sirenes dos bombeiros aumentavam abaixo de nós. — Quanto tempo faz? Duzentos anos? É, acho que sim, se não me falha a memória — passou a língua pelos lábios. — Sim, ainda me lembro

bem do gosto, regado a muito absinto. Foi uma das melhores refeições que já tive em minha existência.

Morgana não respirava, mas quando falou a voz era puro ódio.

— Você! Foi você! Desgraçada! Você quase me matou! — seus dentes brilharam e a raiva dominava seu corpo.

— Tsc, tsc, tsc — a vampira misteriosa balançava-se no próprio eixo, como uma serpente encantada. — Ora, que coisa feia! Acabei de lhe fazer um elogio e é assim que me trata? — a voz provocava insistente. — Pense pelo lado positivo: se continuasse a beber daquele jeito acabaria uma velha cheia de rugas bem antes do fim dos seus dias. Em compensação, eu lhe dei a chance de imortalizar sua beleza exuberante, além de potencializar seu talento mental latente. É claro, não foi nada pessoal. Nem era essa a minha intenção, eu juro — cruzou os dedos, sorrindo abertamente.

Foi mais rápido do que qualquer um poderia acompanhar. Morgana saltou por sobre o aço retorcido dos escombros do teto, completamente alheia à necessidade que tínhamos de sair dali antes que os humanos chegassem, e seu ódio era visível ao agarrar a vampira, forçando-a para trás até baterem contra outra tubulação de ventilação. A estrutura tremeu, fazendo com que a cúpula giratória despencasse, rolando em minha direção como uma bola de boliche descontrolada. Agarrei Cínthia e saltei, antes que as lâminas afiadas nos alcançassem. A estrutura despencou sobre a área onde se situavam as escadas rolantes do *shopping*.

O grande amontoado de aço, vidro e tijolos chocou-se com força contra os degraus, espalhando-se como projéteis ao redor, acompanhado por mais gritos apavorados e correria histórica. Aquilo estava ficando fora de controle! Mas nada parecia que iria parar Morgana, sua fúria era cega e concentrada na mulher, que gritou quando teve o ombro rasgado pelos dentes ferozes dela. Em resposta, a vampira agarrou-a pelos cabelos, tentando imobilizá-la com os braços. O teto tremeu e afundou um pouco, ambas se equilibrando apenas na estrutura que milagrosamente ainda se aguentava inteira. Eu tinha certeza de que o ruído de aço retorcendo-se alcançaria qualquer um que estivesse no piso abaixo de nós. Morgana tentava se libertar quando a vampira cravou os dentes em

seu braço, rasgando do ombro até o cotovelo. O sangue de ambas estava jorrando e a luta não terminaria tão cedo. Mesmo com todo aquele barulho, pude ouvir a frequência dos rádios dos seguranças do *shopping* e bombeiros que estavam a caminho do telhado. Tínhamos que sair dali.

Morgana e a vampira enroscavam-se pelo teto, sem que nenhuma tivesse vantagem sobre a outra na luta. Eu precisava interferir e rápido! Agarrei um dos holofotes de iluminação, quebrando-o na base, e quando rolaram para o lado, a vampira ficando por cima, concentrei a força que tinha para usá-lo como um taco. A pancada foi violenta e arremessou-a para outra abóbada envidraçada, na extremidade oposta. Morgana já se colocava em pé, pronta para ir à perseguição.

— Morgana, não! — gritei. — Temos que sair daqui! Os humanos estão chegando!

Ela não me ouvia. Seus olhos vasculhavam a escuridão, procurando, as narinas se inflavam na tentativa de captar algum odor. Havia um rastro do cheiro do sangue dela, mas antes que Morgana pudesse seguir adiante eu a segurei pelo braço, com força, mantendo Cínthia presa pelo outro. Era uma situação complicada, pois eu não poderia detê-la e tomar conta de Cínthia ao mesmo tempo. Precisava convencê-la a parar.

— Morgana, agora não, por favor! Preste atenção! — procurei seus olhos, estavam dilatados e ameaçadores. — Precisamos sair daqui, ela já foi embora! E você está ferida! — ela ainda estava tensa e resistente e minha justificativa não seria suficiente, pois seu ferimento desapareceria em breve. — Vamos tirar Cínthia daqui! Morgana, temos que ir! — berrei quando os sons dos passos ficaram mais altos.

Ela parecia ter dificuldades para raciocinar, voltar à realidade. O choque havia sido muito grande. Lá embaixo, a confusão de gritos e o choro histérico escapavam de muitos humanos.

— Você não entende! — falou com raiva e desprezo. — Foi ela! Foi aquela desgraçada que me atacou! Eu poderia ter morrido! Passei os últimos duzentos anos procurando, tentando encontrar o miserável e agora eu achei! Agora sei quem foi, Eric! — seus olhos brilhavam como chamas arroxeadas. — E foi ela que atacou Kate

também! É a súcubo, Eric! Kate e eu sofremos... — ela não conseguiu concluir o que ia dizer. — Não posso deixá-la escapar, ela tem que pagar! — tentou se soltar.

Não sei como consegui ter forças para segurá-la, mas fechei meus dedos em volta do seu antebraço. Ela poderia quebrar o meu se quisesse, mas algo no meu olhar, ou na voz, deve ter atraído sua atenção.

— Morgana, por favor — pedi com calma. — Eu entendo o que está sentindo, não vou censurar você, mas escute: temos que sair daqui agora e pensar. Essa mulher veio atrás de Cínthia, ela sabia o que queria — frisei o comentário. — Foi uma coincidência ser a mesma que atacou você, mas não podemos deixar que a raiva domine nosso bom senso. Não pode com ela sozinha, não nesse estado, ainda está ferida! Agora já sabemos quem é, poderemos caçá-la depois. Os humanos vão estar aqui logo, e Cínthia não está bem — ela estava gelada e tremia. — Vamos voltar pra casa. Estamos correndo riscos se ficarmos — tornei a apertar seu braço e fitei seus olhos. — Pense em Josh. Ele está longe. Como ficaria se soubesse que alguma coisa aconteceu com você? Isso acabaria com ele também — torci para que o nome de Josh fizesse algum efeito sobre sua raiva.

O olhar de Morgana ainda vagueou pela escuridão. A trilha era fresca, fácil de seguir, e eu podia ver a luta que fazia para resistir. Mas havia muito mais a considerar e Josh era o único recurso que eu tinha para mantê-la focada, impedir que fizesse alguma besteira. Foi esse nome que finalmente fez o braço que eu segurava relaxar sob a pressão dos dedos. Quando os bombeiros chegaram ao telhado do *shopping*, já estávamos no carro, longe dali.



Morgana não se moveu desde que chegamos à mansão. Mesmo dentro do carro, quando acordei — sentindo que meu corpo havia sido transformado num quebra-cabeça onde as peças foram mal encaixadas —, ela permaneceu dura e estática ao volante, enquanto

Eric limpava meu ferimento na testa com lenços de papel. Agora ele usava álcool e iodo. O cheiro me deu enjoo. Quando a pele ardeu e reclamei com um gemido, ele soprou o ferimento como os adultos fazem com as crianças pequenas. Como minha mãe fez várias vezes comigo.

— Não vai precisar de pontos, Cínthia. Isso é bom. Não tenho a mesma habilidade do Carlo ou do Robert com isso — aplicava um curativo leve. — Mas ainda acho que seria melhor ir ao hospital, tirar um raio-X, ver se aconteceu alguma coisa mais séria — prendia a gase com esparadrapos.

Minha cabeça estava um pouco dolorida, mas eu não queria saber de hospital. Não estava com paciência para médicos ou enfermeiros, nem ter que passar horas e horas em observação. Uma perda de tempo. Morgana ainda não se movia. Podia ver o rasgo em sua blusa azul, onde a vampira a mordeu, mas não havia mais sinais de ferimentos. Todos desapareciam como mágica neles, era só questão de tempo. A TV estava ligada e os noticiários falavam sobre o estranho incidente na Broadmead. Os bombeiros estavam averiguando quais as possíveis causas para a queda do *outdoor* e para os outros danos. Algumas pessoas ficaram feridas pelos estilhaços, mas não havia vítimas fatais. *Mas quase houve*, pensei, enquanto Eric concluía seu trabalho. *Eu!* Assim que fechou a caixa de primeiros-socorros, Eric me olhou, preocupado.

— Tem mesmo certeza de que não quer ir para o hospital?

— Tenho — respondi apesar da dor de cabeça. — Não quero saber de médicos, quero entender o que foi que aconteceu — olhei para os dois, embora Morgana não tivesse se movido, continuando a fitar a janela. — Como essa vampira conseguiu passar por vocês dois? E por que ela foi atrás de *mim*? O que queria?

— Você mesma respondeu a sua pergunta, Cínthia — Morgana falou, sem se mexer. — Ela queria *você*, esse era o motivo. É uma caçadora, uma farejadora, e você era a presa. Não havia nenhuma intenção de matar, nem de se alimentar, e sim levá-la de lá. Essa era sua missão.

— Missão? — Eric perguntou. — Como assim? Ela está a mando de alguém? Como pode ter certeza disso?

— Porque é a mesma súcubo maldita que hipnotizou Kate. Tenho que dizer isso a você outra vez? — Morgana falava com uma raiva contida em cada palavra. — Eu senti isso quando captei a força hipnótica que ela exerceu sobre Cínthia no *shopping*. A mente de Kate ficou impregnada de rastros psíquicos, como um registro, e eu pude reconhecê-los. E por ter sido sua vítima no passado, também experimentei o mesmo padrão — ela suspirou baixo, quase um lamento em forma de ar, e suas mãos se crispavam nos braços. — Ela usou sua hipnose em mim para me atrair naquela noite em Veneza... Maldita...

— Mas, espera aí? — falei com a voz um pouco mais alta. — Se é a mesma vampira, então significa que...?

— Significa que ela deve ser uma das nômades de Avelar — Morgana foi taxativa. — A mesma que ele usou para obter informações sobre o Lázarus, sobre sua mãe, e todo o resto. Ele a mandou para pegar você — dizia sem desgrudar os olhos da janela.

Demorei uns segundos para me lembrar de como respirar. Eric fechava os braços em volta do meu corpo, como se quisesse protegê-lo de qualquer coisa.

— Não, não pode ser isso — ele dizia. — Por que Avelar ia querer Cínthia? Que sentido haveria nisso?

— Será possível que você só consegue pensar quando está de estômago cheio? — a voz de Morgana era irritada. Finalmente se mexeu e olhou para Eric. — Não pode ver o óbvio? Cínthia é filha de Laura! Ela é um ponto fraco, uma isca! Talvez a única que fizesse Laura abandonar seu esconderijo e voltar, para se entregar de livre e espontânea vontade ao carrasco! Foi por isso que ela teve todo o cuidado em planejar os detalhes do sequestro — Morgana explicava. — Sem cheiro, sem rastros, tudo para nos ludibriar. E teria dado certo. A essa altura estaria longe de nosso alcance. Ela só não contava que eu poderia senti-la quando usasse seu poder. Foi o mesmo que me dar uma facada no cérebro.

— Mas, então, significa que ela pode voltar? — Eric perguntava alarmado. — Que não acabou, é isso?

— Não digo que ela *pessoalmente* voltará — Morgana voltou a olhar a janela. — Não tem mais o fator surpresa, sabe que posso

pressenti-la agora. Mas há outros. Josh e eu já pegamos vários rastros de nômades por causa dos ataques anteriores. E se Avelar decidiu isso, com certeza fará novas tentativas — calou-se.

Senti a bile revirar meu estômago. Nômades viriam atrás de mim! Poderiam estar agora mesmo do lado de fora da casa, esperando, analisando as possibilidades de invadir. E se fossem muitos, isso significaria luta... E morte! Apenas Eric e Morgana não poderiam dar conta de todos eles, e ninguém conseguiria prever quando os outros voltariam. Eles estavam em desvantagem aberta, e tudo isso por minha causa! A humana idiota que representava um fardo!

— Precisamos sair daqui, então! — Eric falou apressado. — Podemos ir para a Irlanda, para a casa de Josh, ou então para a Holanda. Não se atreveriam a fazer alguma coisa em Amsterdã...

— Deixe de ser idiota, Eric! — Morgana sibilou. — Não entendeu nada do que foi dito nos últimos dias? Estamos visados! Por que acha que Clem tomou todas as precauções para a viagem com as lârnias? Para que pensem que ainda estão aqui e não serem seguidos. Não levantar suspeitas! Se fizermos qualquer movimento fora do normal, alguém vai perceber, alguém que está a mando da Ordem! — ela frisou bem as palavras. — E mesmo que fôssemos para outro local, você ouviu o que David contou: os boatos estão por toda a Europa, mesmo na Holanda não há mais garantias. O Acordo está ameaçado. Agora é cada um por si — seu olhar era duro para a janela. — Olho por olho, dente por dente. E estamos em desvantagem aqui.

— Não podemos falar com David? — Eric sugeriu. — Explicar o que está acontecendo? Droga, ele é o Megister! Alguma coisa ele pode fazer.

— Ah, sim, ele pode! — zombou Morgana. — David é um homem correto e justo, mas ele não manda na Ordem. Não tem autoridade alguma. Os tempos são outros, Eric. Não podemos mais contar com o Acordo que foi firmado, tecnicamente ele não existe mais. Essa é a realidade que estamos enfrentando — seus dedos mexeram-se impacientemente na blusa. — Tudo o que podemos fazer é torcer para que o ataque de hoje tenha deixado Avelar inseguro quanto a seus próximos passos, e que isso nos dê o tempo necessário para que os outros voltem.

— E se isso não acontecer? — ouvi minha voz como se estivesse muito longe. — E se Avelar insistir e mandar outros nômades atrás de mim? — senti uma dor aguda no peito nesse momento.

Morgana me olhou com um sorriso repuxando o canto esquerdo da boca. Não era uma visão agradável, era um sorriso de temor.

— Não podemos pensar em chamar alguém dos outros clãs. Não com toda a desordem que andou acontecendo. Eles precisam resguardar seus próprios territórios e controlar os nômades que surgem ou tudo vai ficar pior do que está — seu olhar avermelhado era intenso sobre mim. — Então, seremos dois contra eles — ela falou com calma.

Mesmo que eu não percebesse o significado por trás daquele olhar, que Morgana não tivesse deixado clara a sua intenção, teria tomado a decisão do mesmo jeito. Já havia tomado, há muito tempo. Quando me levantei, sentindo todo o corpo dolorido e machucado, escapei do abraço de Eric e caminhei até ela, com passos decididos. Não era momento para vacilos, os riscos eram grandes para todos nós. E, como dizia meu antigo professor de matemática, três é sempre mais do que dois.

— Muito bem, então acho melhor não perdermos mais tempo, não é? — olhei seu rosto com uma calma que no fundo sabia que não sentia. — Podemos começar agora, assim ganhamos uma vantagem substancial — meu tom era inexpressivo, apenas meu coração poderia me denunciar.

— Cínthia, o que quer dizer? — Eric estava abobalhado. — No que está pensando? Você não...? — ficou boquiaberto ao entender e reagiu, o rosto vermelho e a voz alterada. — Não! Você ficou doida? Isso não é necessário! — colocou-se entre mim e Morgana. — Cínthia, nós dois podemos proteger você, está segura com a gente! Diga a ela, Morgana — ele voltou-se para o rosto pálido de cabelos negros abundantes. — Tire essa ideia da cabeça dela. Ela não precisa fazer isso, nós dois podemos cuidar...

— Eu não quero mais ninguém cuidando de mim! — falei com a voz fria. Ele me olhou assustado. — *Eu* quero cuidar de mim! Eric, eu o amo, acredite, mas não dá mais para ficar vendo você e os outros se arriscarem o tempo todo para me manter viva, me proteger dos

perigos desse mundo ao qual pertenço. Sim, porque pertenço a ele, mesmo sendo humana — toquei seu rosto. — Eric, eu escolhi viver com você e essa escolha implica uma série de mudanças que teria que suportar. E agora, mais do que nunca, elas são necessárias. É perigoso, não só para vocês, mas para *mim* continuar humana. Isso ficou claro hoje — seu rosto era contrariado. — Avelar pode não tentar nada por enquanto, mas não temos garantias. Morgana está certa. A única maneira de resolvermos isso é começar logo o que já deveria ter sido feito há muito tempo! Não posso colocar a vida de vocês dois em risco, não é justo!

— Não, não posso concordar! — ele estava agitado. — Não assim, desse jeito, sem nenhuma segurança pra você! — pegou minhas mãos. — Cínthia, você não faz ideia do que é! Morgana, diga a ela! — olhou para a figura marmórea ao nosso lado. — Diga a ela para esperar Carlo e os outros! — seu olhar castanho brilhava angustiado.

Meu coração estava mais acelerado do que uma hélice de avião quando Morgana me fitou. O brilho avermelhado dos olhos não deixava dúvidas sobre sua opinião, e isso contribuía para aumentar minha ansiedade... E meu medo.

— Eu concordo com ela. Cínthia está certa. Já perdemos muito tempo com uma discussão que não vai levar a nenhum outro resultado a não ser esse — Eric tentou falar, mas Morgana o silenciou com um gesto. — Ela escolheu, Eric. Não há motivos para protelar o inevitável. Agora não é apenas uma questão de querer ou não estarem juntos, é uma questão de sobrevivência. Podemos defendê-la? Sim, podemos, mas contra quantos? E por quanto tempo? — ela o olhou friamente. — O que você prefere, Eric? Vê-la forte e podendo lutar para se proteger, ou prisioneira nas mãos dos nômades ou de Avelar? — o argumento de Morgana o acertou em cheio. Ele vacilou.

— Mas... — tentou discutir. — Carlo não está aqui, não temos certeza do que fazer...

— Nós vimos o que foi feito com Laura — ela rebateu. — Acompanhamos tudo, passo a passo. Temos o que é necessário, inclusive um soro novo, mais forte — seu tom era persuasivo. —

Acredito que nós dois podemos dar conta, cuidar dela durante o processo, em segurança.

— E se algo der errado? — o braço dele rodeou minha cintura. — Amor, por favor? Não faça isso! Eu não vou suportar se alguma coisa te acontecer!

Coloquei minhas mãos em seu rosto, olhando-o diretamente. Precisava mostrar confiança, mesmo sentindo um medo terrível, ou Eric jamais concordaria, nem ajudaria. Ele *tinha* que acreditar que tudo ficaria bem.

— Eric, é para evitar que alguma coisa me aconteça, ou a vocês, que *eu quero* fazer isso! Agora! — minha voz era firme, sem rodeios. — E não vai dar errado, sabe disso — tentei controlar o ritmo do meu coração para convencê-lo de que não tinha medo. — Confio em vocês, assim como confiaria em Carlo ou em qualquer um dos outros — o beijei. — Por favor, quero que me ajude. Eu quero isso — me aninhei contra ele, sentindo seus dedos passearem pelas minhas costas e a respiração que agitava os fios dos meus cabelos. O abraço foi forte, prolongado, tomado por sensações e sentimentos conflitantes, mas que davam margens para a tomada definitiva de decisões.

Quando Morgana se aproximou de mim horas depois, não pude evitar contrair os dedos das mãos, que estavam firmemente atadas à maca da sala do laboratório de Carlo, assim como os pés e a cintura. O mesmo lugar onde minha mãe havia feito sua metamorfose anos atrás. Sabia cada uma das histórias, conhecia em teoria os sintomas relatados e preendi a respiração, antecipando o que viria a seguir. Eric estava a meu lado. Com ele estavam as ampolas de soro, já preparadas, e as bolsas de sangue aguardavam penduradas em suportes. Não eram visões agradáveis, mas tentei ignorar para poder continuar. Seu rosto estava muito pálido e, antes que Morgana começasse, se abaixou, me beijando.

— Tem mesmo certeza disso? — seu olhar era aterrorizado.

Deveria ter dito *não, não tenho, mas vamos em frente, assim mesmo*. Essa era a frase gerada pelo medo, pelo pânico do desconhecido. Para cada um a experiência era única e diferente. E aterrorizante também. Mas a frase que saiu de minha boca foi forjada

pela confiança, pela segurança que sentia de estar ao seu lado. Pelo amor que sentia por ele, e que agora seria eterno de fato.

— Tenho certeza de que quero ficar com você — falei devagar, com firmeza. — E aceito o que tiver de ser para conseguir isso.

Ele acariciou meus cabelos uma vez. Depois me beijou devagar, sem pressa.

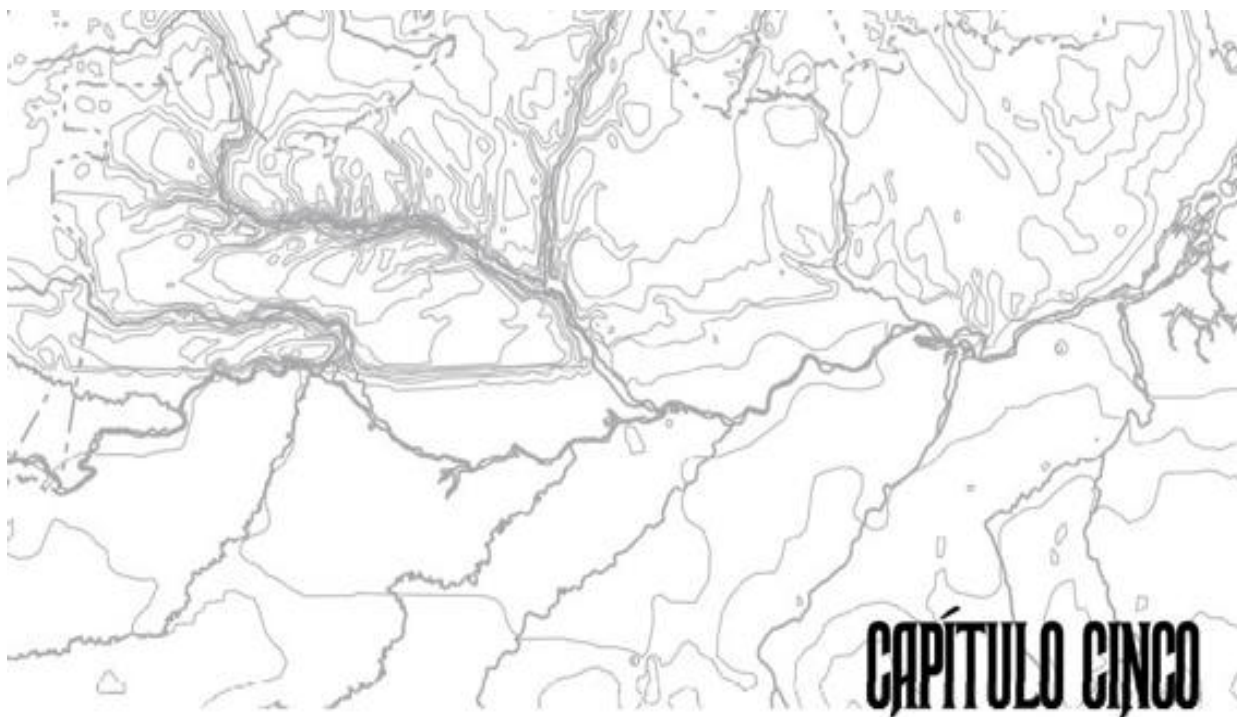
— Eu te amo — sussurrou. — Volte logo.

— Eu *nunca* vou te deixar — prometi, e o beijei de volta.

Eric se afastou. Morgana respirou fundo, levando o pulso à boca. O som de carne rasgada foi alto no silêncio da sala, e o cheiro de sangue invadiu meu nariz. Ácido e forte. Quando as primeiras gotas escorreram, Morgana me olhou, sorrindo devagar, os lábios avermelhados.

— Muito bem, está na hora — disse com a voz mais suave que já a vi usando com alguém, e aproximou o pulso.

Meus lábios tremeram. Abri a boca e senti o martelar súbito do meu coração em pânico. Alguma parte racional do meu cérebro me dizia para sair correndo, mas a fiz calar a boca dentro da cabeça. Arfei quando a primeira gota atingiu minha língua. Fria, de gosto horrível e repugnante, ao ponto de me provocar uma náusea de vômito. Depois da primeira gota outra caiu, e mais outra, e mais outra... Sucessivamente como pequenos rubis que escaparam do engaste de uma joia. E o frio, subitamente, deu lugar ao calor, enquanto uma forte corrente elétrica arrebatou por completo o meu corpo...



Livro Seis – Capítulo Cinco

Venezuela – Floresta Amazônica – verão

Solomon, o que está acontecendo? — perguntei para a figura que observava os contornos da floresta a nossa frente. Estava próxima do acampamento onde eles insistiam em ficar reunidos, e conversávamos a sós no alto de um mogno antigo. — Por que ainda não foram embora? Por que não voltou para Shiloh e Jamal ainda está aqui? — a torrente de perguntas não parecia ter o poder de fazê-lo se mexer. — E por que essa mulher, Aicha, sabe tanto sobre mim? Mais até do que imagino?

Ao ouvir o nome de Aicha, Solomon saiu de seu devaneio e me fitou, sorrindo. Mesmo nas piores situações Solomon nunca deixava de sorrir para mim, e algo nesse gesto me fazia sentir segurança, proteção. Jamais poderia expressar em palavras toda a gratidão que sentia por esse vampiro egípcio.

— Ela tem perturbado muito você, Laura? — perguntava curioso, como se estivesse tão interessado quanto eu nas reações dela. — Feito perguntas? Mostrado coisas?

— Na verdade, não muito — admiti, sentindo uma sensação estranha ao pronunciar as próximas palavras. — Ela parece me conhecer, isso é que acho estranho. Na verdade, não é bem *me conhecer*, mas conhecer o que *eu sou*... Algo assim — suspirei. — Ela antecipa minhas ações, entende os fatos estranhos que acontecem como se possuísse um manual sobre como funciona tudo o que se refere a mim. Mas não me dá nenhuma explicação, apenas age o tempo todo, e sem dúvida sabe o que está fazendo — eu o olhei de forma interrogativa. — E você não vai me dizer o que isso tudo significa, não é?

Ele respirou fundo, preocupado com algo. Podia ver em seus olhos as antigas imagens que sempre o alcançavam quando buscava o passado. Imagens milenares, mundos perdidos, obras e histórias que a humanidade já esqueceu. E em algum lugar, dentro delas, estaria uma resposta para a minha pergunta. A mesma que ele hesitava pôr em palavras.

— Lembra quando lhe contei sobre a lenda do Akos, Laura? — ele me perguntou de repente. — Da antiguidade do mito, do tempo em que ele percorre a humanidade, às vezes esquecido, às vezes lembrado? — e me olhou.

— Acha que poderia esquecer? — retornei o olhar.

— Eu sei que não, é apenas uma forma de tentar dar início à conversa — e suspirou.

Por algum tempo ele não se moveu nem falou. Deveria estar pensando o assunto, tamanha era sua concentração. Por fim, quando rompeu o silêncio, foi para continuar de onde parou.

— Não somos os únicos seres no mundo que sabem que ele existe — sua voz era grave e profunda. — Quando aquilo aconteceu com você, eu estava vendo algo que sinceramente nunca acreditei ser verdade. E depois, quando voltei ao Brasil, passei o próximo ano, antes de você me procurar, pesquisando e buscando mais informações. Não me espantei quando Jamal apareceu, quando relatou os fatos sobre as tribos. Também não me surpreendeu

quando José e Cecília falaram dos encontros com os nômades que buscavam uma cura. Mesmo quando Jamal decidiu que devíamos procurar Nzinga, aquilo não era surpresa para mim — ele fitou as árvores distantes. — Porque as respostas para os antigos mistérios estão com aqueles que são tão antigos quanto estes, ou com aqueles que se mantiveram na firme convicção de resguardá-los, de preservar sua memória, sua existência, mesmo que isso precisasse ser feito em segredo. O melhor guardião é aquele que sabe quando deve anunciar a boa nova e quando deve silenciar para que o bem maior prevaleça.

Fitei seu rosto, admirando a sonoridade da última frase. Algo nela tinha o tom exato do que eu sentia que estava vivenciando, como se os encaixes fossem perfeitos. Mesmo que tudo estivesse no plano da minha intuição, conseguia perceber a harmonia por trás das palavras.

— Aicha é uma dessas pessoas — ele continuou, respondendo a uma questão que brilhou em meu pensamento. — Não haveria momento mais oportuno para encontrá-la, nem menos urgente. Sei que todo o esforço que Jamal fez durante o Conselho, tentando convencer Nzinga a nos levar até ela tinha esse propósito...

— Jamal queria que Nzinga me trouxesse até ela? — perguntei, espantada, interrompendo sua explicação. — Mas... pensei que a ideia era me manter na aldeia, *junto* com elas.

— E era em parte — explicava, meio relutante. — Todo nosso esforço, Laura, baseou-se nas novas evidências que surgiram desde que apareceu em Campo Grande. Enquanto sua mudança permaneceu como um fato que não provocaria alterações, ficamos tranquilos. Mas então você foi embora, deixando tudo e todos, e durante o percurso até chegarmos aqui não pude deixar de enxergar as coincidências e os alertas, os sinais e os avisos. Eu lhe disse que existem guardiães que preservam tais segredos para um bem maior, mas há também outros, sem nenhum comprometimento com conhecimento ou sabedoria, e que infelizmente sabem das mesmas chaves para as mesmas portas. E estes estão agindo rápido, provocando o surgimento dos avisos. Todos foram muito claros e alguém como eu, que já viveu tanto, seria muito irresponsável se não os entendesse, sabendo como sei sobre tantas histórias.

— E o que você sabe, Solomon? — o vento trazia algumas folhas até meu rosto. — Quais as histórias misteriosas que justificam todo esse trabalho? Que movimentaram os Asanbosans, Nzinga e seu clã, até mesmo José, e fizeram com que essa mulher misteriosa, Aicha, cruzasse meu caminho? Não foi simplesmente para *me* manter segura.

O tom de minhas perguntas certamente perturbou Solomon. Ele parecia dividido, pela primeira vez desde que o conheci. De um lado estava o vampiro que sempre esclareceu minhas dúvidas, e do outro aquele que não tinha certeza se deveria falar.

— Sólon, eu preciso saber — pedi, enquanto segurava sua mão. — Não posso ficar com essa venda nos olhos. Tenho que entender onde estou pisando, por favor.

Ele continuou em silêncio. Percebi que não conseguiria uma resposta direta e optei por perguntas que me apontassem alguma direção.

— Aicha é humana?

— Tanto quanto você — sua resposta foi direta.

— E ela não é daqui — não foi uma pergunta.

— Não. Seu povo é muito antigo. Ela vem de uma linhagem que se fosse mapeada teria quilômetros de extensão, ou anos-luz no espaço. Ela é nobre, no melhor sentido da palavra.

Gravei a informação como se fosse fundamental.

— E o que ela faz *aqui*? — frisei o interesse no lugar. — Eu percebo que ela é instruída, que possui alguns talentos, mas o que faz num lugar como este? Tão isolado?

— Ela é uma guardiã — ele afirmou. — E como disse antes, para promover um bem maior eles podem optar por silenciar ou esconder.

— Mas silenciar o quê? Esconder o quê? — olhei insistentemente. — Solomon, por favor! — me exasperei ante seu silêncio. — Eu já vi demais! — apontei meu pulso. — Eu sei que tudo isso tem algo a ver comigo, mas por que não me dizem logo? Por que continuar com os enigmas?

Solomon me fitou com calma, seus olhos negros brilhantes como duas pedras de ônix.

— Acreditaria se eu dissesse que não posso falar? Que não tenho esse direito? — sua pergunta me pegou de surpresa. — O mesmo que Jamal também não tem, e que Nzinga só concordaria em revelar se um guardião permitisse? — meu olhar mostrou o desapontamento. — Tudo o que posso lhe contar é que precisa confiar em Aicha, Laura — eu o encarei com a máscara da dúvida. — acredite, ela não hesitaria em fazer o que fosse necessário para manter tudo como deve ser.

— Ou seja, você vai manter esse segredo? — perguntei irritada.

— E você nunca precisou manter um segredo para evitar problemas? — retrucou na mesma moeda. Fiquei em silêncio. Não, não podia discutir com ele nesse nível. Esse assunto estaria encerrado por enquanto.

Meus dedos pisaram a areia fofa às margens do Guainia. O céu estava claro e algumas garças brancas levantavam voo, arremetendo seus bicos sob as águas e retornando de lá com os suculentos peixes. Um grupo de macacos fazia certa algazarra nos galhos mais altos da outra margem e fiquei olhando o balé de movimentos. Os galhos se retorciam ao peso de alguns, enquanto outros saltavam elegantes, fugindo do poder da gravidade por alguns instantes, suspensos no ar por cordas mágicas. Havia movimento nas águas, mas não consegui distinguir que tipo de animal estaria nadando por ali. Passo a passo fui caminhando, sentindo a areia atravessar os espaços entre meus dedos, sua aspereza que contrastava com a delicadeza da forma, meus pés criando sulcos de passos que se estendiam ao longo da margem. Havia tornado essa caminhada um hábito quase diário, sem contar o tempo ou as horas, às vezes sendo surpreendida pela chuva em meu percurso. O rio fluía indomável e sentia que uma parte de mim gostaria de ir com ele, seguir o mesmo caminho, contornar o coração da floresta e desaguar nas águas azuis e quentes do oceano Atlântico, para depois se misturar ao resto do mundo.

Talvez esse fosse o tipo de sentimento que assola as pessoas que não pertencem a lugar algum. Era assim comigo agora: a sensação de não ter um porto, uma parada, um local onde realmente pousar a cabeça e descansar. Não tinha nada disso. Nem sabia se

voltaria a ter algum dia, porque todas as coisas que realmente faziam sentido estavam em outro lugar, quase como se em outro mundo. Essa percepção me fazia ver a existência imersa numa grande bolha impenetrável, impossível de romper de dentro para fora. Uma bolha que me mantinha num universo paralelo, ainda mais afastado do que o mundo onde tantas criaturas mitológicas e lendárias habitam ao meu redor. Nessa bolha eu estava só. Eu era o humano e o inumano. O *mythos* e o *logos*, como dizia Jarvis. Tudo o que podia fazer era dialogar com as duas partes de mim mesma para procurar uma resposta. E cada uma delas trazia mais perguntas.

Tentava me bastar a mim mesma, tentava, mas a constatação de que eu *precisava de algo* contorcia minha alma em espasmos, enfraquecia minha determinação e toldava minha visão com lágrimas profundas, doídas e quentes. Quanto tempo estava assim, incompleta? E quanto tempo mais suportaria? Sentei-me à beira do rio, num pequeno braço de areia que criava uma piscina rasa e que refletia o céu acima. Mirei o rosto que me contemplava em silêncio, quase não reconhecendo as feições da mulher no reflexo. *Sem envelhecimento*, dizia Carlo, *imortal em essência*. Toda uma existência para lamentar. Quando foi que ela adquiriu esse brilho de estrela apagada no olhar? E por que seu rosto parecia congelado no tempo e no espaço? Por que tudo estava fora de ordem? Sem razão, sem direção?

Porque a outra parte do meu eu não está aqui. Todo o universo girava ao contrário do que deveria. O sol poderia nascer no oeste ou não nascer, as estrelas poderiam nunca mais brilhar e o resultado sobre mim seria o mesmo: não faria diferença. Meu eixo estava desorientado, perdido, como um corpo celeste atirado fora de sua órbita. Não havia rumo certo em meu horizonte, nem perspectivas. Mesmo sabendo que foi isso que escolhi, havia os momentos em que o peso do fardo era insuportável! Eu não era Atlas, mas nunca o peso do mundo pareceu ser tão grande para as minhas costas. Nunca uma decisão foi tão difícil de ser encarada, nem exigiu tamanho esforço de um ser. Manter firme o propósito que me trouxe até aqui, ignorando todos os reais desejos da alma... Esses eram os pensamentos que me lembravam porque não queria enfraquecer, não devia nem podia.

Mas não conseguia evitar que esses momentos viessem e passassem, como a nuvem branca que cruzou o reflexo na água a minha frente. Podia ver seus contornos, vislumbrar a forma, sabia que ela existia, mas estava fora do meu alcance, intocada e distante. Permanecia no plano das imagens que me encantavam, mas as quais não tinha meios para atingir. Tudo o que eu tinha eram os raros momentos — que não podia realmente definir como sendo verdadeiros ou não —, em que a imagem *dele* aparecia para mim, fruto de uma mente que buscava, inconscientemente, satisfazer um desejo reprimido, uma vontade latente.

A vontade de estar com Robert.

Uma garça branca cruzou o espelho das águas, seguida por mais duas ou três. O vento balançou um pouco o meu cabelo, soltando algumas mechas, mas não me mexi para colocá-las no lugar. Sentia-me destacada da mulher que me observava, como se o que ela estivesse pensando ou sentindo não fosse o mesmo que eu. Como Alice no País dos Espelhos, ela era o meu duplo, outro *eu*, alguém que não poderia de fato entender a imensidão de tudo pelo que passei ou que tenho passado, que jamais poderia vislumbrar a extensão do que ainda parecia estar por vir. Sangue, morte, perseguições, pequenos milagres com explicações pela metade. No princípio, pensava porque o destino me escolhera para viver tudo isso. Hoje tinha impressão de que não havia sido escolhida e, sim, marcada, de tal maneira, que nada que fizesse ou quisesse tinha mais importância para o rumo que minha vida seguia, tamanha era a força dos acontecimentos que me arrastavam. Eu estava à deriva, como um barco sem leme ou velas em meio a um oceano. E não enxergava a terra firme em lugar algum.

A imagem da mulher que me observava tremeluziu quando uma libélula pousou de leve, flutuando na superfície clara da água. Ela deslizou por algum tempo, seguindo os contornos dos olhos que a fitavam, e depois partiu, na mesma velocidade. Seus movimentos fizeram a água vibrar por um momento, desfigurando a forma a minha frente, tornando-a mais semelhante ao verdadeiro estado de espírito que me invadia, torto e indecifrável. Aos poucos, porém, as pequenas marolas cessaram devagar, e os olhos da estranha que me observava

detectaram outro par de olhos, que a contemplavam com admiração muda, devoção, fervor. Esses olhos estavam por sobre a minha cabeça, refletidos na mesma piscina, tão negros no rosto pálido como as raras pérolas cor de ébano. E o brilho deles... Iluminava mais do que o sol que ardia sobre a minha pele. Os cabelos pareciam molhados e gotas de água respingavam de seu rosto e me atingiam os ombros, enquanto o sorriso iluminava as feições cansadas como as do penitente que finalmente alcança seu milagre. Parecia tão real...

Minha mão se esticou involuntariamente para tocá-lo, mas parou no meio do caminho, com medo de fazer a água vibrar e a imagem se dissolver e desaparecer, como da última vez. Queria retê-lo por mais tempo, aproveitar o que pudesse, antes de ser arrastada pelo funil que sempre me fazia perder esses contatos, essas visões abençoadas e dolorosas. Mas a mão que acompanhou a minha, cobrindo-a com seus dedos frios e pálidos, era muito real, *real demais* para ser apenas outra visão. A pressão dos dedos sobre a minha pele causou um estremecimento de espanto, enquanto o rosto desviava-se para ficar lado a lado com o meu, refletido na água. Os dedos da outra mão tocaram de leve meu queixo, virando-o em sua direção, afastando meus olhos da água. E encarando o homem diante de mim.

Não sabia por quanto tempo uma pessoa conseguiria ficar sem respirar, mas de alguma forma eu tinha certeza de que havia quebrado todos os recordes. O ar não me fazia a menor falta, nem mesmo havia necessidade de qualquer outra coisa. O céu poderia cair sobre a minha cabeça, nunca mais o sol precisaria se pôr e não desejava ver as estrelas novamente. Nem calor nem frio me alcançavam, apenas o tremor de emoção me percorria como o anúncio de um terremoto. E o epicentro de todo esse fenômeno me olhava, parado, tão tonto e estático quanto eu, os dedos roçando de leve meu rosto como se também duvidasse que eu não desapareceria sob esse toque.

Por alguns instantes sua imagem turvou-se por causa das lágrimas traiçoeiras que insistiram em vazar dos meus olhos, distorcendo as feições belas e amadas. Nunca poderei perdoar a fraqueza que me

fez perder os mínimos detalhes daquele momento, e nem a súbita ausência de movimentos que me deixava impotente para limpar as lágrimas com as mãos, como se não fosse dona do meu corpo. Mas minha alma ainda tinha consciência do que estava acontecendo, mesmo que a mente duvidasse de tudo, e foi ela que conseguiu romper o estado de inércia que se abateu.

— R-Robert? — a voz era como um sopro fraco, o suspiro de um corpo agonizante, que desfere seu último pedido.

Ele não falou nada, parecia tão incapaz quanto eu. Apenas suas mãos se moveram no meu rosto, seus dedos percorreram cada curva e linha deles, enrolando-se nos cachos do meu cabelo como sempre fazia. Devagar, mais lentamente do que podia suportar, seus lábios beijaram os meus olhos molhados, senti a frieza doce do hálito enquanto respirava meu cheiro e beijava as maçãs do meu rosto. As mãos se ajustaram ao contorno do meu pescoço e sua boca alcançou a minha, ainda hesitante, ainda incerto, procurando às cegas, tocando de leve.

E então, nesse momento, a bolha se rompeu. O que estava fora de eixo subitamente aprumou-se, endireitou-se, assumiu o rumo. Nada mais estava fora de lugar. Meu universo voltou a seguir o curso certo e sabia que o sol e as estrelas ficariam em seu lugar, como tinha de ser. E essa certeza me arrancou do torpor. Minhas mãos agarraram-se aos cabelos molhados, minha boca se abriu, querendo a dele com vontade, com pressa, com desejo. Meu corpo derreteu-se como manteiga ao sol e grudou-se ao dele com força. Seus braços me envolveram num abraço exigente, os dedos percorrendo minhas costas até os cabelos. Em algum momento desse encontro eu me lembrei que precisava respirar, e quando afastei um pouco a boca ouvi sua voz, a mais doce de todas.

— Laura... — colou a boca outra vez na minha, dessa vez com fúria redobrada.

Milhões de perguntas cruzaram minha cabeça, mas todas teriam de esperar, aguardar que eu matasse a saudade que doía no peito e não parecia ter fim. Aguardar que o amor, por tanto tempo represado, finalmente rompesse as barreiras dos diques.



Como poderia descrever a viagem que havia enfrentado? Alexia me demonstrou, séculos antes, como faziam suas travessias sob as águas, mas apenas por alguns quilômetros, o suficiente para que eu entendesse o mecanismo. Era como um míssil sendo lançado por um submarino. A noção de tempo e espaço fica comprometida para quem depende dos sentidos terrestres para se orientar; não há som, cheiro, cenários, nada, e tudo ao redor passa tão depressa que quase é impossível sentir o atrito com as águas. Isso em apenas uma curta experiência. Uma viagem longa, como a que faríamos, seria uma aventura nova e desconhecida quando encontramos as lâmias no porto de Avonmouth, numa madrugada coberta de neve e gelo. Elas estavam no lugar combinado e rapidamente nos acomodamos, colando nossos corpos a suas formas. O cheiro salgado do mar atingiu meu olfato e a temperatura fria da água incomodava tanto quanto a neve: nada. Não havia necessidade de maiores explicações e a viagem começou. Fiquei imaginando o que os outros estariam sentindo e vivenciando. Éramos seres da terra, que precisavam dos instintos que desenvolvemos para nos guiar. Diferentemente delas, que encontravam nas águas seu hábitat ideal. As sereias de outrora, as belas musas que percorriam o mediterrâneo espalhando suas lendas desde os tempos imemoriais.

Nos raros momentos em que paramos ao longo do trajeto, tudo o que eu usava para me guiar era o movimento das estrelas. A cada parada sabia que estava mais próximo do objetivo. As águas quentes do Atlântico sul nos atingiram aos primeiros raios do sol da manhã e toda a paisagem se modificou quando, indo de encontro ao ponto onde desaguava, as lâmias invadiram o rio Amazonas. Em alguns pontos a viagem era feita ao nível das águas, mas em outras era necessário mergulhar, principalmente quando cruzávamos com embarcações e povoados à beira do rio. Apesar da força de atrito das águas em sentido contrário ao nosso, as lâmias percorriam sem dificuldade os muitos quilômetros de extensão da grande serpente fluvial da América do Sul.

E enquanto elas faziam isso eu me perguntava: para onde estávamos indo? O que Laura estaria fazendo aqui? A certa altura do rio, onde suas águas ficaram mais escuras, as lârnias pararam subitamente. Ainda submersas, emitiram chamados semelhantes aos sons produzidos por golfinhos. Eles reverberavam pelas águas e alguns botos fugiram de nós, assustados pelos ruídos. Elas continuaram assim por alguns segundos e depois foram à superfície, colocando a cabeça para fora da água, aguardando por algo. Olhei para os outros, vestidos com roupas de mergulho como eu, e esperamos. Mas não muito. A marola surgiu do nada, vindo em nossa direção, como uma pequena onda brilhante e azulada contra o sol forte. Um movimento vigoroso para o alto fez um cone de água subir e uma figura conhecida brilhar entre os raios do sol.

— Saudações, amigos — a voz melodiosa de Alexia irrompeu das águas, o sorriso abrindo-se. — Eu não esperava que tantos viessem, mas fico feliz em vê-los novamente — juntou-se ao nosso grupo.

— Alex, como ela está? — precisava perguntar antes de continuar a viagem, minha ansiedade agora era maior do que o raciocínio. — Ela está bem? Onde...?

— Tenha paciência, Robert. Logo a verá com seus próprios olhos — olhou para as lârnias. — Agora me sigam.

A maior parte do trajeto foi feita de forma tranquila, sem a velocidade que elas mostraram em alto-mar. Quanto mais penetrávamos na floresta, mais a civilização ficava para trás. Os grandes galhos das imensas árvores se fechavam em muitos pontos, provocando a sensação de que a noite deveria ser eterna entre elas. Somente eram visíveis os animais que saltavam, as aves que planavam graciosas e os papagaios barulhentos que voavam sobre nossas cabeças. A cada avançar, a cada curva que o rio fazia, a expectativa brotava com a mesma quantidade das águas do rio, que agora se estreitava um pouco mais quando entramos por um afluente. Num único movimento Alexia foi até a margem, deixando as águas e mudando de forma. Todas a seguiram e pude, enfim, pisar em solo firme. Assim que meus sentidos voltaram a agir, percebi que não eram apenas as lârnias que estavam naquela região.

— Alexia, o que está acontecendo? — Clementine perguntou, sentindo a mesma coisa. — Por que Solomon e Jamal estão aqui? E quem mais está com eles? — podia ver Josh e Carlo apurando seus sentidos também, tentando encontrar uma explicação.

Mas nenhuma delas era necessária para mim agora. Não depois que meu olfato captou o odor sutil, leve e fresco que o vento quente soprou em meu rosto. Meu olhar vagueou na direção da fonte do cheiro, ao mesmo tempo em que Alexia captou meu gesto.

— Sim, é ela — confirmou. — Está segura aqui, por isso não tem modificado tanto o cheiro — olhei para Alexia, mas não me surpreendi que soubesse a verdade a essa altura. — Já faz algumas semanas que a encontrei. Sei que esperou muito e lamento por isso, mas eu precisava ter certeza de algumas coisas antes de chamá-lo. Não queria que sofresse mais — gesticulou para a floresta. — Aproveite enquanto o rastro está fresco, Robert, se ela ficar triste, ele vai mudar, acredite. Vá — olhou para os demais. — Venham comigo, há muita coisa que precisam ver.

Não esperei para saber aonde Alexia os levaria. Nada tinha mais importância para mim além do ponto concentrado e forte que guiava meu olfato. O cheiro formava uma trilha sólida, clara, e que não deixava margens de erro, guiando-me pela praia arenosa do rio. Ao meu redor as folhas e galhos se sucediam enquanto o ponto de odor aumentava, oscilando por alguns instantes, mas mantendo-se firme. Minha pressa era tão grande que me sentia lento nos movimentos, como se cada uma das pernas fosse de chumbo. A respiração era forte e pesada quando finalmente parei, à beira de uma margem mais espaçosa do rio, e fixei o olhar na figura solitária que contemplava a própria imagem numa poça de água.

O corpo, esguio e claro, usava um vestido branco leve, os cabelos loiros agitados pelo pouco vento que soprava. Estava de costas para mim e podia ver a curva dos ombros que subiam e desciam com a respiração. Seu cheiro estava mudando. Alexia disse que isso acontecia quando ficava triste e pude sentir as novas notas adocicadas e cítricas que se apoderavam dela, como antigamente. As mudanças eram as mesmas que experimentei quando descobri essa

sua capacidade peculiar, e uma onda de emoções fortes comprimiram o espaço em meu peito onde o coração deveria bater.

Em silêncio caminhei, ainda ciente de que as gotas de água doce e salgada se misturavam nos meus cabelos e pele. Não tinha coragem para respirar, com medo de que o som espantasse a visão diante de mim, como aconteceu na ponte de Clifton. Por mais que meu corpo dissesse que ela era real, que pudesse ouvir o coração batendo depressa, sentir o cheiro, ouvir a pulsação do sangue correndo nas veias, minha mente, cansada por tantas batalhas solitárias, tinha receios de estar contemplando uma miragem, uma imagem criada para me iludir, me fazer sofrer ainda mais. E cada passo que dava era medido, cuidadoso, analisado.

Foi nesse ritmo que me vi atrás de suas costas. Foi com os olhos pulsando de emoção que contemplei seu rosto refletido na piscina clara da água da poça, os olhos castanhos que eu tanto amava perdidos, observando o vazio coberto de nuvens e insetos da mata. Os mesmos olhos que se arregalaram de espanto e surpresa quando encontraram os meus a fitá-la, esperançoso. Realizado. O sorriso estampou meu rosto refletido nas águas, enquanto a mão dela se esticou para tocar a imagem, como se não tivesse certeza da realidade.

Isso eu não poderia permitir. Não podia perder um único toque, desperdiçá-lo com uma poça de água que não ficaria ali até o final do dia. Minha mão cobriu a sua e o calor da pele queimou a minha como o fogo sobre gelo, derretendo e dissolvendo o sólido em líquido, desmanchando toda sua consistência. Como em resposta a essa sensação, meus joelhos dobraram-se e meu rosto emparelhou-se ao seu, ficando lado a lado. Com dedos trêmulos toquei a pele de seu queixo, fazendo-a abandonar a ilusão da água e fitar o que era real. Laura olhou diretamente para mim.

Como o naufrago que desejasse a terra firme, finalmente podia sentir o mundo sólido ao meu redor. Agora ele estava concreto outra vez, era palpável, verdadeiro, e não uma imagem borrada e sem nexo que se apresentava a cada nascer e pôr do sol. Podia ouvir o coração dela se acelerando, enquanto lágrimas toldavam os olhos. Seu cheiro era como o de todas as flores da estufa em Bristol

reunidas em um só corpo. Toquei o milagre de sua pele que tremia, para ter certeza de que ela não se dissolveria com esse gesto.

Mas ela era real! Tão real quanto o azul do céu, quando o vento que soprava, quanto as lágrimas que escorriam de seus olhos e se misturavam às gotas que molhavam meus dedos. Quentes e misericordiosamente verdadeiras! Não conseguia ouvir sua respiração, apesar do batimento acelerado e da pulsação que vibrava. Sim, ela estava ali, comigo, finalmente!

— R-Robert? — a voz baixa e engasgada veio junto com o sopro de ar doce que inundou meus sentidos, me deixou tonto e impotente.

Com desespero e saudade enrolei meus dedos nos cachos de seus cabelos, e alisava a pele quente, fina e suave. Sem poder me conter mais, beijei cada centímetro de suas pálpebras molhadas, cada pedaço do rosto mais que amado em minha vida, contornando toda sua extensão, cada curva, até que meus lábios sedentos encontraram a fonte para matar a sede, há tanto tempo negada. Foi com suavidade que toquei sua boca com a minha, foi com ternura que provei seu gosto, maciez, me deixei embriagar pela ambrosia.

Como se esse gesto a tirasse de um estado de choque, Laura agarrou-se a mim, com vontade, grudando seu corpo ao meu em cada curva. A boca exigiu o beijo mais do que aguardado do reencontro, mais que ansiado, mais que sonhado. Meus braços a circundaram, protegendo e exigindo, meus dedos aquecendo-se com o calor que vinha dela, aspirando o cheiro que me intoxicava. Não sei quanto tempo isso durou, minha noção estava toldada pelo seu sabor, até que ela afastou de leve os lábios para respirar, enquanto eu arfava e saboreava seu hálito.

— Laura... — busquei a boca novamente, dessa vez ainda mais exigente, mais profundamente apaixonado que nunca.

Sabia que tínhamos muito que conversar, muito que falar, mas nada disso importava agora. Importava apenas sentir nos braços a mulher que amava. E da qual eu não iria mais me separar. Nunca!



O abraço de Clementine foi o mais emocionado que eu podia esperar, com exceção do de Robert. Tantas histórias, tanta coisa que passamos juntas, tudo circulou pelos meus olhos quando seus braços frios me rodearam. Não havia palavras para descrever a sensação. Era o mesmo que estar em casa.

— Sua maluca! — ela me censurava ao mesmo tempo em que apertava. — Como pôde fazer isso? Tem ideia do que passamos? Eu devia estar zangada com você! — mas os olhos provavam justamente o contrário.

Quando olhei para Carlo e Josh, parados ao lado de Solomon, Jamal e os outros, a mesma alegria voltou a me dominar, e não me espantei assim que os dois me abraçaram juntos, sem ter paciência para esperar cada um a sua vez.

— Ah, pequenina! — Josh exclamava. Os cabelos brancos esvoaçando ao redor do rosto albino. — Sabia que tive que alterar todos os meus programas por sua causa? E eu que achava que era bom nisso! — sorriu com seus olhos sempre vermelhos, sempre francos e claros. — Nunca mais vou deixar que entre naquela sala! Sabe Deus o que ainda pode aprontar.

— Laura — Carlo sorria, afastando-se para me olhar. — Fico feliz de poder vê-la de novo — seu olhar franziu em desagrado. — Mas tenho que ser franco: essa cor de cabelo não combina com você — brincou.

— Concordo! — sem desgrudar os olhos de mim, Robert me puxava com os braços. — Vamos ter que dar um jeito nisso na volta — enrolou seus dedos nele.

— Acho que *todo* mundo aqui já me disse isso — falei, me sentindo feliz por estar com eles, mas apreensiva com a afirmação de Robert. Voltar? Seria seguro? Como poderia decidir o que era certo ou errado sentindo os braços de Robert tão próximos e a alegria de estar inteira novamente?

— Acho que temos muito que conversar — Clementine dizia para Solomon, Jamal e Alexia. — Afinal, há uma reunião e tanto aqui — seu olhar passeou pelo clã de Nzinga, fixando-se depois nas figuras de Jarvis e Nelson, e voltou a olhar para Solomon. — Agora pode avisar Shiloh que não precisa mais mentir quando eu telefonar.

Solomon riu, depois abraçou a figura séria de Clementine.

— Desculpe, minha querida. Mas isso foi necessário. Há muita coisa que precisamos discutir e vai me dar razão quando souber de tudo...

E *tudo* foi o tema das conversas que se estenderam pelo dia no acampamento. Cada detalhe do que se passou, tanto no Brasil quanto na Europa e também na terra de Jamal, foi relatado. Fiquei chocada com a parte sobre os corpos dos vampiros do clã de Derik e Garret, as lutas com as Baobhan Siths e os nômades. Também soube das histórias de David e Kate, dos horrores pelo que ela passou, e do pedido absurdo de Cínthia, o que me fez sentir ainda mais vontade de voltar e fazê-la cumprir nosso acordo. Do nosso lado, Clementine e os outros ficaram sabendo que os mesmos boatos ocorriam por aqui, dos nômades que atacaram o clã de Nzinga — que ouvia tudo com atenção ao lado de Jamal —, de como Nelson me ajudou em Campo Grande, sendo oficialmente apresentado para todos juntamente com Jarvis, e também do ataque de Enzo e dos mestiços da Ordem.

— E você passou por tudo isso sem que eu estivesse por perto para fazer alguma coisa! — Robert olhava, aflito. — O pior poderia ter acontecido!

— Você também passou por problemas sérios — falei com a mesma aflição. — Poderia ter morrido durante esses ataques, assim como Vassília e os outros — estremei com a ideia.

— Está tudo muito claro agora — Clementine falava. — Pelo menos o necessário para tomarmos providências sérias. Temos provas de que Avelar infringiu o Acordo. Podemos nos reunir com os Megisters e exigir reparações. Mesmo aqueles que são a favor do líder da Ordem terão que nos ouvir ou ficarão em maus lençóis — olhou para Carlo, que acenou com a cabeça e mirou Solomon com certa ansiedade.

— Se tudo for feito de forma organizada — Solomon completou —, creio que Avelar não terá como escapar dessa. A razão está do nosso lado. Meu clã foi testemunha do ataque infundado, Laura foi a vítima principal. Temos o apoio de David e Yacov, e outros clãs ficarão ao nosso lado. Podemos agir com calma...

As discussões seguiram animadas, cada um tentando contribuir. Pela primeira vez, em tempos, sentia que alguma coisa daria, que haveria uma forma de impedir que as perseguições e mortes continuassem. Poderia voltar para casa! Meu coração saltou com a esperança que essas palavras causaram, com a possibilidade de rever Cínthia, cuidar dela, consertar as coisas, estar junto a minha família e aos amigos mais uma vez. Estaria livre para viver em paz ao lado do homem que amava. Minha vida seguiria sem mais fugas. Avelar não poderia fazer frente a todos os clãs do mundo, os aliados com provas e testemunhas irrefutáveis sobre seus atos, e ainda com o apoio de Megisters de peso dentro da organização. Senti o medo me abandonar lentamente, os receios sumirem junto com o vapor de água que evaporava das poças de chuvas do verão e que flutuavam ao meu redor.

Estava leve, feliz, cheia de esperança como nunca! E abracei o corpo do homem que representava o porto seguro onde poderia me apoiar, de tal maneira e com tanto entusiasmo que esse gesto não passou despercebido por ele. Seus dedos frios fizeram pequenos círculos em minha pele que queimava com a sua presença tão próxima. Nunca poderia me sentir mais viva do que naquele momento.

Enquanto observávamos Alexia e seu clã no rio, se preparando para voltar ao território da Grécia, ela fez um leve aceno de cabeça para Robert, sorrindo depois.

— Eu lhe disse, Robert, a promessa de uma lâmia é para a eternidade. Agora posso ir, pois já cumpri a minha parte — piscou para mim. — Laura, saber que você o amava era tudo o que eu precisava — fitou Clementine. — Ficarei aguardando seu contato para resolvermos todas as questões pendentes — e desapareceu sob as águas.

Fiquei contemplando as ondas suaves, os brilhos de purpurina que o sol forte causava nas marolas, até que elas se perderam na curva larga e sinuosa. Suspirei baixo, sentindo o fim dos meus temores em relação a Alexia. Todos tremendamente infundados agora que os braços fortes me enlaçavam e mostravam o quanto eu era importante, amada e desejada. O beijo suave em meus cabelos me fez olhar para ele. Não havia mais ninguém na margem arenosa do

rio. Estávamos sozinhos. Ele viu a indagação no meu olhar e apenas sorriu, me beijando em resposta.

— Pedi que nos dessem um pouco de privacidade — sussurrou junto aos meus lábios e me abraçou. Minha cabeça repousou em seu peito largo. Em casa.

Do alto de uma castanheira observávamos o pôr do sol. Vermelho e intenso como um rubi gigante. O barulho das aves era alto, cada uma procurando um lugar confortável para passar a noite. Eu não sabia onde estávamos na verdade, mas era um local mais afastado do acampamento e da vila ribeirinha de Aicha. Aonde ninguém iria nos interromper enquanto matávamos a saudade. As nuvens estavam se acumulando para mais uma chuva equatorial, mas não me importei com isso. Apenas sentia os dedos que se entrelaçavam em meus cabelos, exatamente como antes, e os lábios que beijavam minha cabeça, desciam pelo pescoço e encontravam minha boca sedenta. Queria que o tempo parasse agora, desse jeito, e que pudéssemos permanecer ali, apartados do mundo, distantes de tudo. Apenas eu e ele. Como consegui sobreviver tanto tempo sem isso? Ele parecia perdido no mesmo raciocínio, pois quando afastou os lábios dos meus, seu suspiro foi longo e aliviado.

— Não faz ideia do quanto eu senti sua falta — me aninhava em seus braços, como se não quisesse me dar chances para escapar. — Quase fiquei maluco, quer dizer, eu *fiquei* meio maluco sem você. Não tinha a menor chance de continuar vivendo sem sentir seu cheiro, seu perfume, tocar sua pele, nada disso. Eu te amo! Não havia como conseguir lutar contra esse sentimento, mesmo para tentar tocar o pouco de vida que tive durante todo esse tempo — colocou os dedos no meu queixo. — Porque o que tive *não era* uma vida, era um rascunho, borrado e manchado. Precisava achar você para voltar a ser inteiro outra vez — me beijou de um jeito que me deixou tonta e em frenesi.

Meus dedos caminharam pelo seu peito, agora livre das roupas de mergulho. E a lembrança delas me fez rir, um som alegre e despreocupado.

— Ainda não acredito que atravessou o oceano nas costas de uma sereia! Se alguém me contasse, iria achar que era uma mentira.

Parece até um conto de fadas — brinquei, vendo-o vestido com uma camiseta de algodão leve, emprestada por Nelson. Todos tiveram que pegar roupas emprestadas.

— Acha que não faria isso? — ele me olhou incrédulo e radiante. — Faria muito mais para ter você de volta, acredite. Podia voar num dragão ou até virar um morcego! — ri da piada. Beijou as pontas dos meus dedos, um por um. — Tive tanto medo de ter perdido você. De que não me quisesse mais.

— Você nunca me perdeu — assegurei com força. — Nunca! Não houve um só momento, durante todo esse tempo, em que sua presença não estivesse comigo a cada minuto do dia ou da noite. Eu amo você. Seria impossível ser de outra forma.

— Mesmo assim tive medo, muito. Medo de que tivesse me esquecido, depois medo de que fizessem algum mal a você quando esses malditos boatos começaram a circular por todos os lados — seus olhos negros ainda não haviam sido afetados pelo crepúsculo lento. — Desde o primeiro momento em que eu a vi, e depois quando a toquei no museu, sabia que meu primeiro e último pensamento sempre seria para você, e por você — seus braços me envolveram devagar enquanto a luz morria no horizonte. — E não posso fazer nada para evitar isso, absolutamente nada. Eu te amo, Laura. Tem ideia do poder que tem sobre mim? — seu sorriso me deixava sem fôlego.

— É o mesmo que tem sobre mim, *Chevalier* Robert — ele riu, como sempre, e o som da sua risada ecoou em meus ouvidos como a mais maravilhosa melodia. — Eu te amo, e nada pode mudar isso também. Nada. Negar isso seria o mesmo que negar minha vida, perder a minha alma.

Os olhos brilharam intensos quando a boca se aproximou da minha, beijando com tanta volúpia e paixão que meu corpo acendeu como uma lâmpada, uma vela, queimando devagar e esparramando seu calor no ambiente úmido. As mãos de Robert passearam pelos meus contornos e podia sentir o desejo aumentar com esse toque, ultrapassar barreiras de inibição, o ritmo da respiração descontrolado e pulsante. Ainda havia muito a dizer, a conversar, mas a pressão dos dedos provocou *outras sensações* que calaram todas as palavras que

poderia pronunciar. Era como se nunca tivéssemos ficado separados, como se a conexão não houvesse sido rompida em nenhum momento. E não foi.

Cada pedaço da minha pele respondeu com a mesma intensidade, que nunca me abandonou desde que nos tocamos pela primeira vez, desde que descobri que seria dele em corpo e alma para sempre. A distância apenas fez aumentar esse vínculo, tornar mais forte a sensação de posse, de abandono, de familiaridade e segurança que seu corpo proporcionava ao meu. Minha cabeça curvou-se para trás quando seus lábios desceram pelo meu pescoço, ávidos e convidativos, ao mesmo tempo em que as mãos fortes me enlaçavam a cintura, trazendo-me para perto, mas ainda assim distante do que eu realmente queria. Meus dedos se grudaram em seus cabelos.

Então uma gota de água pingou em minha testa e abri os olhos. Outra pingou novamente, e mais outra, numa sucessão de gotas que logo se transformaram num manto vasto de chuva, bloqueando minha visão do mundo. Ri com satisfação para a água que me banhava, mais feliz do que nunca, deixando seu toque fresco me percorrer. Permiti que a natureza me beijasse, assim como o homem que eu amava fazia. Robert ria, sacudindo os cabelos já encharcados.

— Vou levá-la para algum lugar seco — me segurou nos braços, saltando com elegância, de galho em galho até o chão.

Não sabia para que lado ele foi. Apenas percebi que cruzamos as portas de uma casa, uma cabana. Não havia ninguém lá e pelo aspecto maltratado ela parecia estar abandonada há tempos. Não ficava na vila ribeirinha — embora pudesse ouvir o som do rio —, nem perto do acampamento. O chão era coberto de folhas e alguns objetos se espalhavam no local: cuias, pequenos jarros, cabaças, uma manta velha e uma espécie de cama entrelaçada de vime. Sobre ela estavam mais folhas e alguns cipós. A chuva castigava o solo, mas o teto da cabana era resistente. Só algumas gotas pingavam por entre o sapê trançado. Passei as mãos pelos cabelos molhados, torcendo-os. Robert tirou a camisa e com ela tentou me enxugar o melhor possível.

A proximidade de seu dorso nu, brilhando com as gotas de água, fizeram minha mão deixar o cabelo e impulsivamente tocar a pele fria

e branca. Parecia um milagre que estivesse alisando seu peito, passeando as pontas dos meus dedos nele, enquanto meu olhar buscava o seu. Ele me fitava com um brilho de chamas nos olhos vermelhos, e todo meu ser pareceu queimar com aquele clarão. Meus dentes morderam de leve a ponta dos lábios, com avidez e gula diante da visão de seu corpo. Minhas mãos subiram, chegaram aos ombros devagar, sem pressa, escutando o som da respiração alta dele. O ritmo acelerando, provocando o subir e descer do tórax. O ar frio que escapava pelo seu nariz provocava arrepios em minha pele... Aumentava a vontade que tinha de tocá-lo. Já fazia tanto tempo... E eu o desejava tanto...

As mãos de Laura percorreram meu corpo devagar e a sensação de ser queimado a cada toque ampliava os meus desejos. A camisa que eu segurava caiu ao chão, enquanto aspirava seu cheiro, muito melhor com a água da chuva que a banhara, e podia perceber as mudanças sutis em seu odor quando seu corpo se aquecia, seu ritmo se alterava, seu desejo aumentava... E com ele o meu, que triplicava e assumia proporções absurdas. Há tanto tempo ansiava por esse toque! Há tanto tempo eu não a tomava nos braços... A minha mulher...

Robert correu os dedos frios pela minha coluna e os arrepios se multiplicaram, provocando um soluço em golpes de ar que deixou minha boca, um som estrangulado que poderia tanto ser de agonia como de êxtase. Já não era um tremor, era uma vibração de antecipação, um espasmo de desejo que movia cada músculo a se aproximar, a querer estar perto, mais do que seria possível, mas, ainda assim, eu queria! A boca procurou a minha, beijando com força, me fazendo perder o ar, enquanto as mãos me puxavam... Cada vez mais colada a sua forma... E eu queria romper toda aquela distância...

O cheiro de sua pele mudando me deixava tonto! Era maior do que uma embriaguez, mais forte até do que o desejo. O simples desejo não poderia explicar a urgência que meu corpo sentiu em puxá-la, em colar cada vez mais a boca na sua, como se somente através dela pudesse respirar, pudesse realmente viver. E sentia que estava vivo! Cada parte de mim sabia o que queria e o que

precisava. E tudo estava nela, somente nela... As mãos que buscavam seu corpo queriam encontrar o abrigo que minha alma ansiava, o único lugar onde poderia realmente ser feliz... Minha comunhão com Laura era toda a motivação que me fazia desejar estar vivo, continuar vivendo, por ela, com ela... Eu estava totalmente entregue a isso...

Gemi com vontade e abandono quando seus lábios desceram pelo meu pescoço. Meu corpo curvou-se e suas mãos fortes me amparavam com segurança. Não podia ser diferente, com ele sempre estive assim: segura, livre, feliz. Minhas mãos grudaram-se em seus cabelos, fecharam-se nos fios molhados e frios, puxando-os levemente, mas com uma urgência que beirava a loucura. Ela transbordava em minha respiração acelerada, meu pulso que corria forte, no latejar da excitação que crescia e tomava conta de tudo, mente e corpo, buscando a salvação para a agonia. Como se somente estando com ele pudesse evitar a morte...

O ruído das alças do seu vestido, que meus dedos arrebetaram com delicadeza, foi seguido pelo tecido de algodão que caiu frouxo, abandonado, esquecido. Suas mãos fizeram o mesmo com a calça que teimosamente ainda estava presa a mim, puxando o fio que a fez deslizar de encontro ao solo. Os dedos subiram pela minha coluna, enquanto o som do seu coração retumbava nos meus ouvidos como uma sinfonia, abafando qualquer outro que me lembrasse de que ainda estava nesse mundo... Meus dedos ávidos traçaram as curvas dos quadris, das coxas, subiram pela sua barriga lisa e quente e deslizaram entre os seios, contornando o pescoço e prendendo-se a nuca, puxando-a mais e mais... Eu a queria! Toda ela, cada parte! Deixei que meus lábios percorressem a pele úmida e quente com desespero... Só assim eu poderia saber que estava vivo...

Os braços que me ergueram foram tão rápidos e precisos que não senti a falta do chão. Apenas queria que ficassem ali, como estavam, me apertando e comprimindo. Era diferente, mas não podia me lembrar porque sua força agora parecia maior do que antes, e nem me importava. Tudo o que queria era que ele me apertasse mais, me tomasse mais, me fizesse só dele. Corpo e alma... Senti o movimento

que afastou os cipós da cama de vime apenas como um detalhe a parte, incômodo dentro de toda a perfeição daquele quadro, mas que foi logo esquecido quando os lábios dele passaram a deslizar por cada curva escondida que eu pudesse ter, desvendando outra vez os caminhos que ele sabia percorrer. Meu corpo vibrava e eu gemia, como toda vez que esse milagre acontecia entre nós...

Ela gemeu quando a deitei sobre a cama de vime, que parecia estar ali apenas esperando por esse momento. Sufoquei minha respiração quando senti seu corpo quente colar-se ao meu, a pele mais delicada e frágil que antes. Por algum motivo eu sabia que tinha de ser mais cauteloso, ter mais cuidado com seu corpo, mas a razão para isso estava distante da minha mente intoxicada pelo desejo... Eu a apertava contra mim, desejava colar para sempre nossas peles em uma só, de tal forma que nos fundiríamos como metais que se aquecem numa forja, derretem e misturam-se com perfeição. E era assim que me sentia, agora, quando meu corpo mergulhava cada vez mais dentro do dela...

Eu respirava com dificuldade, aos trancos, e cada gole de ar vinha impregnado com o cheiro dele. Um odor adocicado que se misturava ao meu, nossos corpos se encaixando em seu bailado de êxtase. Uma dança que não parecia que teria fim. Queria senti-lo assim, o mais perto que fosse possível. Não o queria só dentro do meu corpo, mas também atrelado à alma. Por isso me agarrei a ele, enrosquei as pernas em seu corpo, preendi seus cabelos em minhas mãos, tomei sua boca na minha com firmeza. Nada de separações, nem distância. Queria tudo: os detalhes dos músculos, a firmeza dos tendões que me apertavam, me acariciavam com fúria e delicadeza. O ritmo seguia na mesma proporção que a chuva violenta açoitava o chão da floresta, cuja energia vibrava e misturava-se à explosão que acontecia entre nós dois. Queria o homem que amava junto de mim...

Puxei seu corpo para o meu, ofegando a cada vez que sua pele tocava a menor superfície da minha. Beije seus cabelos, seu rosto, seu pescoço, seu colo, meus lábios subiram e desceram pelos seus seios. O ritmo de seu sangue pulsando me deixava ainda mais tonto do que estava, as batidas fortes do coração apagando todos os outros sons que viessem de fora daquele espaço diminuto entre nós

dois, e que eu tentava tornar menor ainda. Os sons dela, de seu corpo, de sua boca, me faziam desejar ser mais homem. Eu me sentia a mais feliz das criaturas vivas, enquanto ouvia deliciado o gemido de prazer da mulher que amava e que se enroscava por baixo do meu corpo...

Nada. Eu não mudaria nada. Tudo teria de ser desse jeito. A doçura do reencontro dava seu toque, ditava as regras. E meu corpo se abria e obedecia, alheio a qualquer outra sensação que não fosse a daquelas mãos me acariciando, ao frio da pele que se fundia ao calor da minha, aos lábios que ora buscavam os meus, ora buscavam meu corpo, e que gemiam e balbuciavam meu nome como uma prece... Um chamado...

Deus! Ninguém pode amar mais uma mulher do que eu amo essa. Nem mesmo em troca da minha vida deixaria de amá-la. Agora e nunca. Não posso viver sem esse calor, sem esse perfume, sem seus olhos. Toda a minha existência poderia se resumir nesse momento, terminar aqui e agora, e eu ainda seria o homem mais feliz do mundo, aquele que amou e teve coragem de ser amado...

Queria pedir que ele me apertasse mais, me puxasse mais, mas as palavras não encontravam o caminho da minha boca. Ela apenas beijava sua pele, encontrava seus lábios em meio à escuridão, como o cego procura a luz. E a cada toque, a cada movimento, a cada gesto, me perdia mais e mais e mais...

Eu não sabia se acharia o caminho de volta para a realidade, mas não me importava. Ficaria preso e grato pelo cativo eterno se isso significasse que teria Laura em meus braços. Prisioneiro, amante, devoto e apaixonado...

Eu te amo! Por tudo que é mais sagrado, eu amo você! Eu amo você... Minha mente repetia as palavras que a boca não conseguia pronunciar, enquanto o som da chuva que caía era a única testemunha na escuridão.



Algumas pessoas despertam devagar para a realidade de todas as manhãs. Os humanos são assim, mas não eu. Porque nós *nunca* despertamos pela manhã. A manhã é que nos encontra totalmente despertos. Tem sido assim por mais de seiscentos anos, todos imutáveis. Exceto por hoje. Meus olhos se abriram com certa dificuldade, como se algo muito pesado os obrigasse a continuar em letargia profunda. Não era o sono, eu sabia disso. Era diferente. Quando consegui abri-los totalmente e encontrei o caminho dos sentidos despertos, a primeira coisa que percebi foi a ausência do cheiro dela.

— Laura? — perguntei no mesmo momento em que me punha em pé.

A cabana estava clara, o sol havia nascido há algum tempo. Os sons da mata eram altos e denunciavam a hora exata, o tempo que já havia transcorrido e que parecia ter sido apagado por completo do meu senso durante o sono. Como pude dormir tanto tempo? Aliás, *como* pude dormir tanto? Isso não era normal. Meus olhos percorreram o perímetro a partir da porta da cabana, vasculhando os sons e odores próximos, todos conhecidos e esperados. Mas não havia o menor sinal dela, em parte alguma, no raio máximo que poderia alcançar dali. Os únicos vestígios estavam na cabana, os toques sutis das fragrâncias que exalaram dela e grudaram-se na minha pele. Eram fruto da noite, não do dia. O dia não denunciava nada, não revelava nada. Onde ela estava? Deus, o que aconteceu? Alguém saberia? Estaria com os outros? As perguntas apareciam quando disparei para fora.

Encontrei os demais no acampamento em plena atividade, discutindo sobre os passos que seriam dados em relação aos acontecimentos. Assim que me viram, o espanto atravessou seus rostos. Clem se levantou, abandonando pela metade o questionamento que jogava sobre Solomon. Jamal e ele trocaram um olhar rápido com Carlo. O rapaz, Nelson, que me olhava de um modo estranho desde que cheguei, franziu a testa enquanto mantinha seu braço ao redor de Nazaré, e Josh interrompeu sua conversa com José. Os filhos de Jamal buscaram explicações em minha postura e aspiraram o ar. As mulheres transmorfas não estavam com eles.

Nenhuma delas parecia ter passado a noite ali, pelo que pude sentir. E *ela* também não esteve.

— Robert? — Clem me olhava e sua expressão aumentava meu pânico. E algo na minha ampliava o dela.

— Ela não está aqui — afirmei. — Não veio pra cá — minha respiração se prendeu na garganta.

Não foi preciso nenhuma explicação adicional e todos já percorriam a floresta. Não havia centímetro de mata cerrada local que não tivesse sido meticulosamente vasculhado, mas não encontramos nenhum sinal, nenhum rastro, nem pistas. Nada. Em menos de uma hora estávamos de volta, com a certeza confirmando-se a cada novo encontro. Laura desapareceu. Meu medo começou a tomar proporções gigantescas. Eles haviam sofrido um ataque semanas antes. Teriam voltado? Alguém teria conseguido pegá-la? Ainda haveria nômades à solta pela floresta e que se aproveitaram de um momento de fraqueza da minha parte para tomá-la dos meus braços? E eu? Como pude permitir isso? Como? A fraqueza que esse pensamento causou fez meus joelhos se dobrarem e o ar fugir como se não fosse digno dele, não merecesse sua misericórdia, nem seu sopro. As imagens da noite passavam diante de mim como um filme, gravadas em cada um dos muitos detalhes. Apenas o final era obscuro e desfocado, não apontando o desfecho. Olhei para o céu, querendo desesperadamente entender como pude falhar dessa maneira.

Deus! Como pude fazer tantas coisas irresponsáveis de uma só vez? Como?

— Só há um lugar em que ainda não procuramos — Jamal falou de maneira sombria às minhas costas, dirigindo-se para Clementine. — A aldeia ribeirinha onde ela estava com Aicha.

— Então vamos até lá! — me adiantei, sentindo um tênue facho de esperança brilhar.

— Não, Robert. Não podemos entrar lá — a mão de Jamal segurou meu braço e seus olhos eram cautelosos. — Os anciãos da aldeia nos conhecem, sabem de nossa existência. Eles não permitem nossa presença entre os seus, é um acordo antigo. Não podemos invadir seu território.

— Se ela estiver lá, então eu vou entrar! — falei com raiva, puxando meu braço com um tranco. — Atravessei o mundo Jamal, o mundo! E tudo que fiz foi por ela! E não vou deixar que uma barreira me impeça. Não quero ofender ninguém, nem provocar discórdias. Mas se Laura estiver lá, eu vou encontrá-la — deixei todos para trás.

— Robert! — Clementine gritou às minhas costas, o som de sua voz desaparecendo no silvo do vento que meu movimento provocava. Ninguém iria me parar!

Estava sendo seguido porque o ar vibrava atrás de mim com a presença deles. Não me alcançariam, não enquanto as respostas estivessem ocultas, não enquanto não soubesse onde ela estava. *Ela tem que estar bem, por Deus! Ela tem que estar bem!* Repetia as palavras com a mesma velocidade dos passos que dava, uma corrida desenfreada que me fazia saltar galhos, subir troncos gigantescos, derrubar cipós e espantar todos os animais que cruzassem meu caminho. Não diminuí o ritmo, não desacelerei a velocidade. Não podia deixar que me pegassem antes de alcançar a aldeia ribeirinha, ou então não teria outra chance, a menos que lutasse contra eles. E essa perspectiva me fazia focar ainda mais no que precisava, tentando ao máximo impedir que essa possível realidade se instalasse. Não queria ferir ninguém, mas precisava encontrar Laura. E nenhum deles me obrigaria a desistir.

Meu ritmo só foi detido pela barreira que se apresentou a minha frente, onde o rio denunciava a presença das casas da população da aldeia venezuelana. As transmorfas estavam lá, algumas transformadas, outras não. Entre elas estava sua rainha, Nzinga, a gigante negra de cabelos brancos e olhos ferozes. A linha de defesa era bem clara, o limite das terras, e pela postura entendi o que estavam dispostas a fazer. Nzinga me fitava atentamente, o rosto inexpressivo, mas altivo e intimidador, e antes que todos chegassem para apreciar a cena a potente voz cortou o ar em alerta:

— Não podem passar — Nzinga plantou-se diante grupo, que formava um semicírculo, atentas a qualquer movimento.

Os raios de sol acentuavam o bronze negro de sua pele e os ruídos das respirações das outras mulheres eram altos aos meus

ouvidos, os corações pulsando em velocidade alterada e os odores que alertavam o iminente ataque.

— Não podemos permitir que cruzem esse espaço. Temos um acordo com os anciãos não só desta, mas de outras comunidades que habitam as matas, e por nada colocaríamos em risco o que foi jurado há centenas de anos — seus olhos vermelhos fitavam diretamente os meus, o cheiro ácido e herbal de sua pele alcançava meu nariz e toda a minha postura se retesou em alerta.

— Onde ela está? — perguntei entre os dentes, ansioso e disposto a tudo para ter uma resposta. Podia sentir a presença dos outros que se alinhavam atrás de mim. — Não quero desrespeitar suas regras, Nzinga, nem ofender seu povo ou qualquer outro, mas preciso saber onde está Laura! É por ela que estou aqui.

— É por ela que todos nós estamos — Nzinga respondeu olhando para os clãs ali reunidos. — Meu povo e eu juramos proteger a Panaceia, a dívida será eterna, mas nem isso nos dá o direito de romper com a paz e as tradições da gente que vive aqui, e que nos acolheu há tanto tempo. Na aldeia você não pode entrar. Nenhum de vocês. Sei que são nobres em espírito e atitudes, admiro e respeito o amor que sentem pela mulher mensageira do conhecimento antigo, mas não posso permitir essa invasão, nenhuma de nós pode. Jamal e Solomon estão cientes do que estou falando.

— Robert, por favor — Solomon pedia.

Por um momento meu corpo voltou-se contra ele como se fosse um inimigo mortal e Solomon parou, mantendo distância, ao encarar meu olhar. De onde estava pude observar o retesar de Nazaré e Nelson, prontos para defender o líder do clã, assim como José.

— Não há necessidade de fazer isso, Robert. Acredite no que estou dizendo.

A tensão ficou visível entre mim e Solomon. Na realidade *eu* estava tenso, pois Solomon não fazia o menor movimento para tentar se defender se o atacasse. Do mesmo modo que Eric havia feito no norte quando enlouqueci. Josh também se moveu, mudando de posição e encarando o clã de Salah, e Carlo mirava desamparadamente a nossa atitude.

— Mas que diabos está acontecendo aqui? — a voz de Clementine irrompeu de súbito, vindo colocar-se entre nós dois. — O que pensam que vão fazer? Começar uma luta aqui? — fitava os meus olhos com desaprovação, e depois se virou para o clã de Salah. — Ninguém vai fazer nada! Não somos inimigos, nunca lutaríamos entre nós! Estão todos loucos ou o quê? — olhou para Josh, que imediatamente relaxou a postura. — Parem com isso agora! Não viemos até aqui, atravessando um mundo de oceano, para ver a discórdia imperar entre nossas famílias. Isso nunca aconteceu antes e não vai acontecer enquanto eu for líder dos Di Feveré! — seu tom não era o de uma irmã, mas de um comandante.

E foi esse tom, mais o olhar dela, que me fez retroceder do absurdo que quase comecei. O ar voltou a encher meus pulmões e meu corpo retomou uma posição mais natural, os músculos afrouxando e a consciência imperando sobre o bestialismo. Conhecia os efeitos da fera que possuía, mas também sabia que podia controlá-la. Jurei que não deixaria os instintos serem mais fortes do que o homem que sou, e não iria colocar tudo a perder assim, dessa forma.

— Solomon. Perdoe-me, amigo — olhei para o clã de Salah. — Peço desculpas a todos. Clementine está certa, somos amigos. Não foi para isso que viemos — percebi o relaxar dos membros do clã e a mão de Solomon voou para meu ombro.

— Eu sei que não. Não foi para *isso* que nenhum de nós veio.

— Então, já que tocou nesse assunto, *alguém* aqui pode nos dar uma explicação? — Clementine continuou no mesmo tom autoritário, mirando Solomon e depois as mulheres do clã de Nzinga. — Num momento, Laura está conosco, achamos que o pesadelo havia acabado, e agora ela sumiu, evaporou! — a irritação de Clementine era tão grande quanto a minha. — Laura é minha amiga. Alguém por quem vale a pena todo o sacrifício e esforço pelo que passamos. Faria tudo de novo se fosse necessário, e não vou tolerar uma barreira como essa sem uma boa explicação! — Clementine estava irada, mesmo mantendo a diplomacia tão natural para ela. — Então? Como vai ser? Alguma de vocês, ou de vocês — apontou Solomon e Jamal com certa frieza — vai me dar uma resposta?

A troca de olhares entre Nzinga, Solomon e Jamal foi torturante, e meus nervos estavam a ponto de explodir de ansiedade.

— Isso não será necessário — uma voz, vinda do nada, nem sequer acompanhada pelo som de movimentos e outros traços humanos que pudesse identificar, interrompeu a discussão.

Uma mulher surgiu por detrás de Nzinga. Olhei com espanto para a figura alta, de cabelos claros e olhos cinzentos como os de uma coruja, movendo-se devagar em seu vestido branco de algodão. Estava descalça e seus movimentos não eram perceptíveis a qualquer um dos sentidos apurados que eu possuía. Podia ver a forma, mas nada de seu conteúdo, nenhum traço de que ela habitasse o mesmo mundo que eu, ou estivesse presente no mesmo universo. Ela plantou-se a minha frente, altiva, e olhava fixamente os meus olhos. Algumas mulheres transmorfas se moveram para escoltá-la, mas as impediu com um gesto único, obedecido por todas. E durante esses momentos seus olhos não perderam os meus de vista. Nem eu desviei os meus de seu rosto.

— Onde ela está? — perguntei sem cerimônia. Minha voz tinha um tom de ameaça.

— Eu não sei — respondeu tranquilamente. Não podia ouvir seu coração para saber se estava ou não mentindo.

— Não sabe ou não quer me dizer? — o olhar da mulher nada demonstrava.

Meus músculos ficaram alertas e podia sentir o mesmo retesamento em Clem e Josh, enquanto Carlo olhava para a figura como se vislumbrasse um espectro do passado. A mulher percebeu a intensidade do olhar dele e algo, como um sorriso — se é que poderia ser chamado assim —, insinuou-se entre seus lábios.

— Saudações, Carlo Frateschi — falou diretamente para ele, como se fossem velhos conhecidos. — É uma honra conhecê-lo pessoalmente, embora desejasse, em meu íntimo, que esse encontro nunca acontecesse.

O olhar de Clem fixou-se em Carlo, exigindo uma explicação, mas ele não via nada, apenas a mulher. E mais: seu olhar captava o discreto colar que ela usava no pescoço e que brilhava contra o sol, uma meia lua delicada feita em ouro.

— É você... — Carlo balbuciava sua surpresa, enquanto o olhar ia rapidamente do rosto para o pingente. — Você é um deles! — afirmava, buscando os olhares de Solomon e Jamal, querendo a confirmação de um pesadelo.

— Do que estão falando? — Clementine se exasperava. — Carlo? O que vocês sabem e ainda não disseram? — o rosto exibia a incredulidade.

— Não me interessa o que sabem! — gritei a plenos pulmões. — Estou cansado de mistérios, segredos, nada disso me interessa! — olhei com raiva para a mulher que permanecia imóvel. — Eu quero saber onde está a minha mulher! — nesse instante percebi a figura de Jarvis, que se aproximava. — E se ela estiver dentro dessa aldeia, se estiverem me impedindo de vê-la por algum motivo, isso vai acabar agora! — dei um passo decisivo para a frente.

E no instante seguinte meu corpo foi atirado na direção oposta, indo dar de encontro ao tronco de uma das árvores à margem do rio. Não sei como, mas tinha certeza de que antes de sair voando senti o leve toque dos dedos dela em meu peito, suave como uma pétala de flor que se solta de um botão, e a pressão de uma bomba pareceu explodir de encontro a ele, tirando qualquer possibilidade de equilíbrio que eu pudesse ter. O estrondo do tronco despedaçado contra as minhas costas rompeu o silêncio tenso, fazendo as cabeças e corpos se moverem em minha direção. O caule quebrou-se com a força da batida e deslizou mansamente para dentro das águas que o arrastaram correnteza abaixo. Clem foi a primeira a me alcançar.

— Robert!

— Eu estou bem — falei, me colocando em pé e pronto para avançar contra a mulher, o espanto tomando conta de mim naquele instante.

Quem era ela? Mesmo não estando ferido, podia sentir como se um ponto de energia ainda marcasse o local onde ela me tocou. Nunca recebi um golpe tão violento em minha existência, não de uma criatura diferente. Minha cabeça ficava repassando todas as possibilidades de reconhecimento do que ela poderia ser, mas não encontrou nenhuma. Ela não se moveu, apenas continuou me encarando. Podia ver luzes azuladas brilhando através do cinza

prateado de seu olhar e um halo de luz fulgurou rapidamente ao redor de seu corpo. Sua postura demonstrava claramente que não temia nada que viesse de mim.

— Vampiro tolo — apesar da ofensa, seu tom era inalterado. — Achou mesmo que poderia passar por mim? Acredita que não conheço seus atributos e defeitos? Que suas histórias — apontou para ambas as espécies ali, vampiros e transmorfas — tenham ultrapassado os milênios sem que meu povo tomasse conhecimento delas? E aprendesse com elas? Que não poderia me defender de você? — seu olhar brilhou ainda mais. — Se quiser continuar com esse jogo, poderemos ficar aqui o tempo que julgar necessário até que a razão volte ao seu cérebro. Mas se pretende mesmo entender o que está acontecendo, e o que ainda está por vir, então sugiro que guarde suas presas para inimigos mais concretos, aqueles que realmente representam o verdadeiro perigo. E não para mim, pois não sou sua inimiga.

— Não é? — zombei, enquanto a raiva me dominava. — Como posso ter certeza disso? Eu não sei quem você é! — meu corpo todo se preparou para atacar. — Já vi do que é capaz, mas isso não vai me impedir de fazê-la me contar o que quero — me abaixei, preparando o salto. — Onde ela está? — perguntei com ódio.

— Robert! — os braços de Jamal me seguraram antes que pudesse cumprir meu intento. — Por favor, escute o que Aicha tem a dizer! — lutei para tentar me livrar dos braços gigantes e fortes. — Carlo! — Jamal olhava para ele, buscando apoio. — Carlo, você sabe! Entende agora o porquê de tudo isso! Eu peço que escutem, apenas isso.

— Eu... Ainda não consigo acreditar — Carlo parecia absorto em alguma informação importante, mas se virou para mim. — Robert, sou *eu* que peço agora. Pare e ouça! — caminhou e colocou as mãos em meus ombros. — Por favor, meu amigo. Confie em mim, não estou brincando — o tom de urgência na voz me fez fitá-lo com apreensão. Raramente Carlo ficava perturbado daquela maneira e procurei pelo pouco controle que conseguiria ter.

Mas isso não diminuiu a irritação de Clementine. Ela saiu do meu lado e encarou a mulher, ambas semelhantes em seu olhar penetrante

e duro. Como estátuas se mantiveram imóveis por alguns minutos, uma tensão palpável entre os corpos claros, visível como um feixe de luz que corta dois pontos numa reta. Por instantes apenas o movimento dos cabelos castanhos e louros, levados pelo vento morno de verão, desfazia a ilusão de que ambas fossem figuras pintadas na paisagem por um habilidoso artista. Mesmo os sons da floresta pareceram silenciar ante a cena que se desenrolava.

— O que está acontecendo? — Clementine perguntou com a voz controlada, mas cheia de autoridade.

Aicha sorriu com mais suavidade, nem por isso menos cortante e incisiva. Seu corpo parecia feito de alguma matéria que não existia nesse mundo e seus movimentos, mesmo os menores, estavam impregnados de uma energia que eu só podia supor ser fruto de alguma magia. Ela era um tipo de mistério, algo inesperado, uma criatura nova e diferente de qualquer outra supernatural que conhecesse. Quem era ela? *O que* ela era?

— Se querem esclarecimentos — seu olhar buscou a expressão atordoada dos presentes —, então sugiro que não fiquemos aqui — depois olhou para mim. — Não encontrará sua mulher na aldeia, ela se foi — as palavras queimaram meu peito e meus olhos ficaram injetados pelo ódio. — Isso foi necessário — depois tornou a mirar os presentes. — Há muito em jogo agora e mais de um interessado nessa questão. Isso piora as coisas, pois alguns seres são nobres, provêm de uma boa índole, mas outros não. E com esses, todo cuidado ainda será muito pouco se quisermos evitar um fim trágico — seu tom de voz era o de uma profetisa apocalíptica.

— Estamos muito próximos de um evento antigo, algo de que a humanidade não consegue se lembrar. Apenas a alguns esse conhecimento foi legado, quer tenham sido escolhidos pelo tempo de existência — Aicha olhou para os Asanbosans, para as mulheres do clã de Nzinga e para Solomon —, quer pela segurança que seus atos representavam, pelo compromisso que assumiram em guardar e proteger o que fosse preciso — nesse momento tive a sensação de que se referia a si mesma. — Assim deveria permanecer, mas agora o momento é crítico e a verdade se faz necessária. Porém, não aqui — sua mão elevou-se para cobrir o perímetro. — Esse não é o local

que precisa ser vigiado... E acredito que apenas vocês, Di Feverés, por alguma razão ainda desconhecida, podem ser a chave para muitas das perguntas sem respostas — pela primeira vez a estranha mulher demonstrou algum tipo de simpatia pelo nosso grupo. — Devemos partir se querem entender o motivo para todo esse cuidado, para tanto temor. Se quiserem conhecer a verdade por trás de uma lenda.

Manaus – Brasil – verão

O dia estava quase no fim. Clem e Josh providenciavam os documentos necessários para nossa partida e isso levaria alguns dias. Na pousada onde eu aguardava, Solomon estava reunido com toda sua família, inclusive Shiloh que viera do Rio de Janeiro, e que agora incluía o mestiço chamado Nelson, cujo olhar se mantinha insistente sobre mim. Um olhar que me incomodava, embora não soubesse o motivo para ser o alvo de tanta atenção. José voltou para São Paulo, para alertar Bernardo e reunir-se com os metamorfos do Rio de Janeiro. Ficariam esperando nosso contato. Nzinga e Jamal tomariam outro caminho em sua viagem. Algumas das transmorfas acompanhariam sua rainha. Aicha não nos disse como viajaria. O local do encontro já estava definido: a mansão, em Bristol. Apesar dos temores em relação à possível vigilância que o clã estava atravessando, contávamos que a inesperada *visita* de outros clãs iria inibir qualquer tentativa de ataque. Clem achava melhor não criar desconfianças sobre nossas atividades. Quanto mais aparentássemos transparência, ela dizia, mais facilmente confundiríamos os inimigos. Pelo menos, por enquanto.

O sol morria no horizonte e minha cabeça parecia se pôr junto com ele. Estaríamos enfrentando alguma coisa muito grande, isso estava claro, mesmo desconhecendo o que poderia ser. Os fatos que Aicha nos revelaria poderiam ter alguma conexão com o que aconteceu antes: as mortes, os ataques, os boatos, tudo. Jamal e Solomon confiavam nela, aparentemente, e isso tinha que ser levado em consideração. A confiança era a chave para todos os atos futuros.

Mas mesmo o pressentimento de tempos ruins que estavam por vir não conseguiam afastar meus pensamentos *dela*.

Laura.

Para onde terá ido? Como conseguiu desaparecer daquela maneira? Sair de perto de mim sem que eu não percebesse nada? Cada uma das indagações vinha acompanhada de uma única palavra: Aicha. Aquela mulher podia muita coisa e tinha certeza de que o sumiço de Laura estava diretamente relacionado a sua presença, mas não havia como provar. Ainda mais forte do que esse pensamento eram as lembranças. A noite na cabana abandonada, o perfume, o toque da seda quente do corpo dela no meu, os beijos, a força do amor que nos dominou, sem controle... *Sim, sem controle...* Joguei a cabeça para trás, enquanto uma onda de medo me varria por dentro, tomava um volume imenso e causava um maremoto de aflições e angústias.

Sem controle...

O movimento no ar me fez perceber que não estava só. Ainda tinha a máscara do medo em meu rosto quando o olhar dele encontrou o meu. Carlo se aproximou e encostou-se à grade da varanda, de onde agora podia ver as estrelas que brilhavam num céu sem lua sobre a capital do estado brasileiro. Ficou admirando-as, pensativo e reflexivo, e sua presença sólida me trouxe certo conforto. Mas não por muito tempo.

— Sabe, Robert — começou, sem tirar os olhos do céu —, de todas as forças poderosas da natureza humana, o amor é, sem dúvida, a mais potente. Abre caminhos, desbrava horizontes, move montanhas como dizem... E até aproxima os mundos — olhou para mim. — Todos nós, que um dia fomos humanos, sabemos de sua força ao sermos tocados por ele. Não há como fugir, nem impedir que se manifeste quando deseja, que nos arrebate anulando todas as nossas vontades racionais, nossas prioridades, fazendo até mesmo com que nossos medos mais intensos fiquem ofuscados pela luz da sua presença. Ele não conhece limites — o tom calmo e tranquilo era oposto ao meu pânico mudo.

Talvez, por isso, achei que alguns traços do rosto de Carlo pareciam transparecer certo temor também.

— Amor *verdadeiro* não é um jogo, não há regras, nem perdedores ou vitoriosos. Pelo menos, não para os que são da mesma espécie, Robert.

Não conseguia encontrar o ar. Meu corpo se torcia num espasmo que ficou oculto na alma. Meus olhos varreram a escuridão, fixando cada ponto e nenhum ao mesmo tempo. Estava cego.

— Robert? — Carlo perguntou com calma, mas a nota de apreensão estava em sua voz. —Você e Laura passaram a noite toda fora naquele dia — seus olhos escarlates buscavam respostas em meu rosto. — Aconteceu alguma coisa?

Aconteceu alguma coisa? A pergunta de Carlo ficou vagando em meio às lembranças, enquanto o ar quente e úmido da noite engolia minhas próprias indagações.

Aconteceu alguma coisa? Meu Deus...

Ravena – Itália – inverno

O grande mapa azulado estava estampado na tela plana da minha sala. Todos os pontos marcados com precisão, em escalas, perfeitamente cronometrados e previstos sem erro. A exatidão dos fatos me fez abrir a garrafa e sorver em goles fortes o seu conteúdo. O brilho do líquido contra a luz das lâmpadas lembrava as águas escuras de um rio que se movia em torvelinhos contra a margem, enquanto lentamente eu agitava seu conteúdo. Agora não havia mais erros. Apenas uma data, precisa e determinada. Olhei para o retrato na parede. Domenico me encarava em meio às sombras que se projetavam das dobras da cortina.

— A sua saúde, Domenico — brindei e engoli de uma vez.

Toquei a tela do computador, e outra imagem congelada no tempo fixou seu olhar na sala.

— Agora preciso encontrar você, Laura — meu corpo reagiu de imediato ao som de seu nome, ardendo e pulsando. — E logo. Ainda há muito que quero fazer com você antes do fim — a imaginação ferveu meu cérebro. — Muito mesmo...

O cheiro do uísque tomava conta do ambiente. O desejo ardia mais do que a bebida.

Sicília – Itália – inverno

O estádio Renzo Barbera estava deserto. A cidade de Palermo dormia o sono da madrugada. Mares de corações humanos pulsavam aos meus sentidos quando o sedã negro deslizou e parou a alguns metros do magnífico portal do estádio. Não havia lua, a noite de inverno era escura para os olhos humanos, e desci do meu carro.

A porta do passageiro estava aberta e entrei, imediatamente enojada pelo odor que atingiu meu nariz e que vinha da pele branca como papel de seda. Igualmente brancos eram os olhos que me fitaram, sem disfarçar a gula e a cobiça desmedidas. Algumas mulheres poderiam achar isso atraente, ter o ego lisonjeado. Mas para mim era repulsivo ser *observada* por Amos.

— *Bela Maia* — seus olhos de fantasma percorriam meus contornos com avidez. — Nunca vou entender como pode desperdiçar tanta beleza aos cuidados de um humano. Mesmo sendo quem é, Avelar não merece tudo isso — a mão quis deslizar rápida pelo meu rosto.

Abri a boca em aviso, mostrando os dentes, afastando-me do toque frio do puro.

— Não vim aqui discutir minhas preferências com você, Amos — retruquei, ainda mantendo a guarda alta. — Nossos assuntos são outros e sabe muito bem disso.

Os olhos brancos faiscaram de raiva, mas ele se conteve. A mão voltou a segurar o volante e mirou a noite, semelhante a um fantasma desgarrado dela.

— Muito bem, que seja então. O que tem para mim desta vez? Espero que seja algo mais concreto do que seu último telefonema. Os nômades que mandei para a América Latina nunca mais entraram em contato depois que deixaram as terras de Alma e seguiram para o Brasil, com a sua informação. Não que estejam fazendo falta — seu

tom era de escárnio. — Particularmente me agrada que seu número diminua sempre, mas ainda assim era um grupo de rastreio considerável, dedicado, fácil de prover e que se contentava com pouco. Não me agrada perder o que me é útil — seu olhar pousou em meu rosto. — Nem o que é belo.

— Fiz o que combinamos: passei a informação em primeira mão, direto de uma fonte confiável — meu tom era gelado como a pele dele. — Se seus homens não puderam dar conta, não é minha culpa — abri a bolsa, retirando o *pen drive* dela. — Mas creio que isso pode compensá-lo por suas *perdas inestimáveis* — usei um tom sarcástico enquanto entregava o aparelho.

Amos estendeu os dedos de cal e pegou-o, girando-o com rapidez e equilibrando-o como um brinquedo no indicador translúcido.

— E o que tem aqui? — seu olhar era curioso.

— O motivo pelo qual Avelar quer tanto a sua preciosa Laura, a amante do Di Feveré — falei devagar. — E também o motivo pelo qual ela o abandonou — completei para incitá-lo. — Avelar não tem nenhum interesse em lhe entregar a mulher, Amos. Tudo faz parte de um jogo para capturá-la e mantê-la com ele. Está usando-o e pretende ficar com o prêmio final — mirei seus olhos repulsivos. — Eu já havia avisado.

O *pen drive* desapareceu no bolso da camisa dele.

— Sim, avisou. Mas achei que fosse apenas o ciúme de uma fêmea por seu macho a razão de todo o ódio que sente pela mulher. Ou estou enganado sobre isso? — seu olhar era irônico.

Abri a porta do carro e coloquei meio corpo para fora.

— Os motivos não importam e sim o resultado, não concorda? — retruquei. — Você quer a mulher e no *pen drive* tem tudo o que precisa saber sobre ela. Quando a encontrar faça o que quiser, mas mantenha-a longe do meu caminho — avisei entredentes. — E se meus homens a encontrarem antes, eles sabem o que fazer. Você será avisado.

Deslizei para fora do veículo e entrei no meu. O sedã negro passou pelo meu carro, sem ligar os faróis, e sumiu ao contornar a entrada do estádio. Dei a partida, subitamente satisfeita por poder dirigir para longe dele. Sorri discretamente ao pensar no que Amos

faria com Laura quando a pegasse. Era estimulante imaginar por quais suplícios o gigante albino a submeteria, quais caprichos ela teria de satisfazer, especialmente agora que não representava nenhum perigo físico para ele. Uma humana, fraca e quebradiça! *Sim, Amos. Espero que tenha sorte de pôr as mãos nela antes, pois meus homens sabem exatamente o que fazer quando a encontrarem. E duvido que sobrar alguma coisa que se utilize depois, para você ou Avelar.* O pensamento me encheu de expectativas sobre os possíveis destinos da mulher Di Feveré: ser capturada por Amos, ser destruída pelos meus metamorfos, fiéis a sua criadora e não às ordens do Mathesis... Ou ser igualmente exterminada pelos nômades que a procuram pelo mundo, todos guiados pelos misteriosos *boatos*.

A risada que dei nesse momento foi tão alta que abafou os sons da melodia ruidosa do CD que tocava no painel luminoso do carro. Uma música *tecno*, pulsante, e que refletia exatamente o meu estado de espírito. *Boatos misteriosos*, diziam os Megisters e os clãs. *Ninguém sabe qual a sua origem*, ainda podia ouvir o capacho de Avelar, o magrelo Collin, passando a informação: a cura milagrosa! E como todo boato, foi muito fácil *plantá-lo* quando tive a oportunidade certa. Sempre haveria alguém disposto a seguir tais rumores. Meus olhos sorriram contra o retrovisor.

No meio do caminho, senti o odor fresco do sangue misturado ao álcool quando dois rapazes, provavelmente estudantes, cantavam e dançavam nas escadarias do teatro Massimo. A iluminação era tênue e não havia mais ninguém nas ruas.

— Olá, rapazes... — usei meu sorriso mais encantador ao abaixar o vidro. Meus olhos os fisgaram e o jogo começou, quando vi seus rostos amolecerem diante da hipnose. — Não gostariam de dar uma volta comigo? — abri a porta do passageiro, passando a língua pelos lábios.

A noite pedia um brinde de vitória.

Bristol – Inglaterra – inverno

Entrei pela alameda da mansão e estacionei junto à fonte. Os cômodos estavam às escuras, mas a sala principal mantinha a iluminação. Quando desci do carro, estranhei a falta do comitê de boas-vindas que sempre antecedia qualquer gesto que algum humano fizesse ao redor do perímetro. Travei os alarmes e caminhei para a porta principal, me perguntando se pela primeira vez na vida tocaria a campainha daquela casa, ou mesmo se haveria alguma. Desde a última vez em que estive aqui — quando Robert quase arrancou meu pescoço por isso —, não voltei a pisar na mansão dos Fevré. Nem havia pensado em voltar tão cedo, dadas as circunstâncias. Mas o fato de não conseguir falar com Cínthia, nem com mais ninguém nas últimas semanas me deixou intrigado.

Os celulares de Cínthia e Eric não respondiam e ninguém atendia ao telefone da casa. Quando finalmente decidi que a espera estava me deixando tenso, preocupado por notícias, e que o fato de o clã estar muito visado contribuía para temer pela segurança de todos, resolvi arriscar e vir sem avisar, o que também era uma coisa inédita. Afinal, qualquer humano em minha posição sabe que não se deve vir até a casa de um vampiro sem ser convidado. Ainda mais à noite.

O cascalho rangeu sob meus pés, e tinha a impressão de que esse era o único ruído que podia ouvir. A noite estava fria, a neve não ia tardar a cair e não havia vento. Minhas mãos estavam congeladas dentro do casaco, meu nariz queimava com o ar gélido, intensificado pela vegetação que cobria boa parte da propriedade da mansão e que aumentava a sensação térmica de frio. Ao passar pela fonte ouvi os ruídos da água congelada que trincava e ansiei pelo calor da casa, mesmo sabendo que os aquecedores eram inúteis a maior parte do tempo. *Bom, pelo menos nem tão inúteis.* Afinal, Cínthia não conseguiria sobreviver sem um aquecedor ligado. Sabia o quanto ela detestava sentir frio e tinha absoluta certeza de que a casa dos Fevré deveria permanecer bem aquecida no inverno ou ela teria um dos seus surtos. Só o fato de a luz da sala estar acesa já indicava a presença dela, o que me deixava aliviado. Por algum motivo absurdo andava pensando muito nela nas últimas semanas, especialmente depois do *incidente* que ocorreu na Broadmead. Com certeza foi isso

o que me fez tomar a decisão de vir sem avisar, mesmo sem saber se estavam envolvidos naquela situação.

Assim que subi os degraus de pedra estaquei diante da porta, sem saber o que fazer. Deveria bater? A pergunta, aparentemente tola, me deixou sem ação. Aquela não era uma situação normal, eu não estava me sentindo normal também, mesmo sendo um Megister treinado para várias situações. Procurei por alguma campainha, apenas para descobrir que, sim, eles não tinham nenhuma, como suspeitava. Afinal, para que ela serviria? Apenas para incomodar os ouvidos supersensíveis deles, claro. Ouvidos que, aliás, deveriam estar com algum defeito, porque era um absurdo ficar parado em frente à imensa porta de carvalho e ninguém da casa ter vindo ao meu encontro ainda. O que estava acontecendo aqui? Lentamente fui até a janela lateral, espionando o interior como se fosse um ladrão. A sala, bem iluminada, parecia deserta. Ninguém estava por lá. Os corredores superiores mergulhavam na escuridão e não havia sinal deles.

Talvez não estivessem. Com tudo o que andava acontecendo, não seria espantoso pensar que os Fevré tivessem saído com urgência para atender a algum pedido dos clãs amigos. E talvez Cínthia tivesse ido visitar alguma amiga ou estivesse na cidade com Eric. Geralmente ele ficava com ela durante as incursões dos outros pelo continente, provavelmente estavam em algum cinema, jantando fora, ou qualquer coisa parecida. Parei diante da porta outra vez, me sentindo meio idiota. O frio aumentou e me arrependi de ter vindo. Mesmo com o pressentimento estranho que me dominava, entendi que havia dado com a porta na cara dessa vez e resolvi ir embora, antes de congelar. Não era tão tarde da noite ainda, e poderia me arriscar a passar na casa de Kate e ver se ela estava bem, se estava segura.

Desci dois lances de escadas e me preparava para descer os outros quando a porta subitamente se abriu, sem aviso, e a luz da sala invadiu a entrada.

— Oi, Dave! — a voz saudou.

Virei e olhei espantado. Não havia ninguém ali. A porta estava aberta e apenas a claridade vazava diante de mim, assim como um ar frio que vinha de dentro da casa e que chegava até o meu rosto. O

aquecedor não estava ligado? Minha mente perguntou surpresa. Um vento leve soprou às minhas costas, junto com uma risada divertida, e reagi num impulso, enquanto os olhos vagueavam para a belíssima mulher que se mantinha agachada no telhado baixo da varanda, olhando-me com um grande par de olhos vermelhos emoldurados pelos cabelos claros, cor de areia, que caíam suavemente pelos ombros.

Todo o seu corpo estava arqueado e ela aspirava o ar como um felino novo. Movimentava a cabeça para os lados, deslocando o pescoço de uma forma impossível para um humano. Num gesto, agarrou-se às vigas do telhado, fez uma pirueta em pleno ar e, sem nenhuma dificuldade durante o percurso, pousou ereta a minha frente, assim como um felino faria. Não havia mais sardas na pele agora pálida e sua figura, mesmo imóvel, demonstrava os sinais de estar em plena atividade, podendo mover-se a velocidades incríveis e capaz de fazer coisas ainda mais inacreditáveis. Ela sorria, deixando à mostra as presas brancas e reluzentes contra os lábios finos, me encarando de um modo hipnótico e zombeteiro. Poderia tanto inspirar terror quanto a mais abnegada devoção, era só ela desejar. Um anjo, envolvida na mortalha de um demônio.

— Santa Mãe de Deus! — consegui balbuciar, enquanto os olhos brilharam ainda mais para mim.

A neve começou a cair em flocos sobre o meu cabelo.



O sobressalto que me atingiu no sonho foi tão forte que por pouco meu corpo não pulou da cama, involuntariamente, e saiu atravessando as paredes. Meu peito doía com o batimento acelerado e o suor escorria grosso, mesmo em pleno inverno. Com mãos trêmulas acendi o abajur, quase derrubando sua cúpula de franjas, e olhei ao redor. Na penumbra da pouca iluminação as paredes exibiam sombras, como seres espectrais que escorressem pelo *border* do teto e deslizassem para o chão, e um medo súbito me fez encolher sob os cobertores. Quando consegui parar de tremer, pelo menos

diminuir a intensidade dos espasmos, olhei para o bloco de notas sobre a escrivaninha. Com movimentos ainda incertos caminhei até ele, buscando apressadamente um lápis, caneta, ou qualquer coisa com a qual pudesse escrever. Não havia tempo para abrir a gaveta, e nem minhas mãos iriam conseguir destrancar o delicado fecho do diário, tal era o tremor que se apoderou delas. Tudo o que eu queria era escrever, e logo, antes que as palavras desaparecessem da minha cabeça.

A caneta rolou pelo papel, fazendo ruídos secos contra a aspereza da folha, numa confusão de rabiscos que não se assemelhavam em nada com a minha letra. A mão ia e vinha sem controle, provocando movimentos nas sombras refletidas pelo abajur. Era como observar garras que se contorciam, arranhando e rasgando o papel de parede, e que poderiam me agarrar e estrangular com a mesma intensidade. Quando cessei o movimento e a caneta rolou desajeitadamente para o lado, meus olhos conseguiram identificar as letras em meio aos garranchos malfeitos. Trechos, pequenos pedaços de frases, aparentemente sem nexos algum, falavam comigo através de seus enigmas.

PELO SANGUE PURO... NASCIMENTO, VIDA, MORTE, RENASCIMENTO... DAQUELE QUE O FEZ CONVOCADO...

Deus, o que é isso agora, Kate? Olhei para o papel inúmeras vezes, tentando buscar na memória qualquer outro sinal. Mas não havia nenhum. Pela primeira vez, em anos, não conseguia me lembrar de outros detalhes do sonho, apenas as poucas palavras que agora me espionavam e zombavam do meu desespero surdo, mudo e cego. Dobrei o papel com cuidado, ainda tremendo. Voltei para a cama, me arrastando como alguém que perdeu todo o conhecimento sobre os movimentos do corpo, e me enfiei debaixo dos cobertores quentes. Meus dentes tremiam, batendo uns nos outros e o calor parecia ter fugido para longe de mim. Dobrei ainda mais o corpo na tentativa de aquecê-lo, e afugentar a sensação de que ele era feito de névoa, enquanto as sombras do teto pareciam prontas para descer de seu refúgio e me engolirem por inteiro.

— David... — murmurei, tentando me acalmar. A menção de seu nome tinha esse efeito mágico sobre mim.

E foi sentindo esse poder, imaginando sua figura segurando a minha mão, o contato do calor suave de sua pele na minha, que aos poucos meu corpo foi recuperando a solidez, a respiração se acalmou e o sono alcançou meus olhos que fitavam a janela. Entre os espaços da cortina entreaberta os flocos de neve caíam, enquanto deslizava para um sono carregado, salpicado pelos pontos brancos.



Epílogo

Iha de Lesbos – Grécia – outono

O gigantesco quadro me fitava. Nele, uma figura muito familiar ganhava novos tons, totalmente desconhecidos para a humanidade. Os traços não deixavam dúvida sobre o autor da pintura, nem o tema proposto. O que o mundo diria se soubessem que Botticelli havia pintado duas versões de *O Nascimento de Vênus*? Sempre me fazia essa pergunta desde que cheguei à casa de pedra de Alexia, na ilha de Lesbos, e observava o quadro, chocada com sua existência. O tema era o mesmo, as figuras também. Vênus ao centro em sua concha, rodeada pelos espíritos do vento e das ninfas, tal qual a pintura original conhecida.

A única diferença era o horário: nessa tela desconhecida, Botticelli retratou o nascimento da deusa do amor à noite, envolta pelas luzes azuladas da lua, semelhante à que brilhava do lado de fora da casa agora. O efeito era intrigante e magnífico. A pele dos personagens

retratados variava em diversos tons, do perolado ao azulado, e as sombras noturnas criavam dobras que se sucediam nas roupas drapeadas da deusa que cobria a Vênus com seu manto, nos cachos dos cabelos e nos traços faciais. O mar era escuro, tendo o reflexo da lua em suas águas, e a espuma era muito mais intensa e clara. Algumas poucas estrelas riscavam a noite do quadro, muito maior que o original *diurno*, e era possível ver as constelações definidas, captadas pelo olhar do artista. Além das ninfas flutuantes ao ar, outras duas surgiam das águas. A semelhança com as lârnias era clara, um detalhe que não existe na pintura diurna, embora Alexia tenha me garantido que nunca encontrou com o artista pessoalmente.

— Adquiri esse quadro de alguém próximo a ele, Laura — ela me disse logo no meu primeiro dia aqui. — Uma espécie de antigo *marchand*, se é que se pode chamar assim. Botticelli não ficou satisfeito com o quadro e iria descartá-lo, mas acabei convencendo o vendedor e o comprei. Achei muito criativo e inspirador. Anos depois o outro *O Nascimento de Vênus* ficou pronto e o mundo pensa que só ele existe — continuou com um sorriso. — Não posso deixar de me gabar por ter uma peça única.

Deixei a observação do quadro e caminhei até a janela, sendo seguida pelos olhos das inúmeras estátuas em mármore decoradas que rodeavam o salão principal da casa. Algumas eram brancas, outras eram pintadas em tons coloridos e ressaltavam os detalhes em ouro dos adornos. Toda a sala parecia um salão de exposições de arte clássica de um museu, bem mais abastecido do que muitos deles, tinha que admitir. A sucessão de quadros, esculturas e outras peças — igualmente antigas como a dona da casa — seguia pelos corredores e cômodos arranjados com bom gosto e capricho. Apesar do início de outono, o clima ainda era ameno no mediterrâneo, e podia vislumbrar a grande lua que banhava de azul o chão de pedras e cascalhos do lado de fora. A casa de Alexia ficava localizada numa parte muito peculiar da ilha: sua varanda praticamente fazia divisa com a floresta petrificada de sequoias, a segunda maior do mundo no gênero, e que atraía turistas e pesquisadores de muitos lugares do mundo.

Nos meses em que estava aqui havia visto muitos deles, mas a área ao redor da casa era protegida por um largo muro de pedras que impediam o acesso. Como a propriedade era antiga, muito mais do que as autoridades imaginavam na realidade, Alexia tinha o direito de mantê-la mesmo sendo uma área de preservação cultural. Fiquei observando os troncos de pedra a distância. Sentia muito calor e a casa parecia me sufocar. O olhar da Vênus noturna me vigiava quando voltei o corpo.

— Acho que vou dar uma volta lá fora — falei para a bela lâmia, sentada diante de uma mesa antiga, envolvida na leitura de um dos muitos manuscritos que tinha ao seu redor.

Era curioso ver esse aspecto dela. Alexia tinha se mostrado bem diferente do que imaginaria. A biblioteca da casa era quase tão grande quanto à de Carlo, e dia após dia ela se debruçava sobre os tomos e rolos de pergaminho de que dispunha. Sempre pesquisando, buscando pelos detalhes que ambas sabíamos quais eram, quando não tinha que sair em vigília, impedindo o avanço dos nômades que insistiam em aparecer nos territórios das ilhas gregas, ou mesmo intimidando os vampiros cretenses do clã de Nikos, líder dos Kathakanos. Eles andavam abusando da boa sorte, e tanto as lâmias quanto os mestiços de Hidra ficavam atentos a tudo. Isso sem mencionar os outros acontecimentos ao longo dos últimos meses... Suspirei... Os olhos vermelhos dela se estreitaram em meu rosto e a preocupação tomou conta deles.

— Não acha melhor ficar e descansar? — sugeriu com calma. — Não creio que seja uma boa ideia. Está se sentindo bem para isso? — seus olhos passearam pelo meu corpo.

Desviei a atenção de sua observação, mirando outra vez a janela.

— Estou me sentindo sufocada aqui. Queria apenas andar, ver o mar... — ele estava a poucos metros dali.

— Quer que eu vá com você? Ou que chame alguém? — ofereceu.

— Não — sacudi a cabeça. — Vou ficar bem, só preciso andar um pouco, pensar... — passei as mãos nas costas doloridas, tentando disfarçar o imenso cansaço que se apoderava de mim. — Não vou demorar, prometo.

Ela balançou a cabeça devagar, ainda contrariada.

— Tudo bem, mas se sentir alguma coisa é só chamar. Não se esforce muito — pediu.

Foram apenas poucos metros e achei o que procurava: o mar. Desde que cheguei a essa ilha, e quando conseguia ter condições para isso, meus passeios se resumiam a horas e horas observando as águas claras e coloridas do mediterrâneo. Os brilhos que espocavam ao nascer e ao pôr do sol sobre a superfície do mar criavam a ilusão de que alguma deusa caprichosa resolveu jogar seu baú de joias ali, adornando com ouro e pedras preciosas o já magnífico oceano. Quando não ficava presa a casa de Alexia, sem condições de sequer me movimentar por causa da exaustão extrema, o caminho para o mar era meu destino. Hoje, a lua que brilhava alta e majestosa emprestava seu contorno perolado às águas turvas pela escuridão da noite.

Atrás de mim podia ver alguns dos troncos de árvores petrificadas, assim como os arbustos que estavam secos por causa do início de outono. Mas o ar era leve, e minha pele aquecida suave e grudava nas palmas das mãos. Sentei com dificuldade em uma pedra mais lisa, tentando ajustar os meus contornos aos da rocha, procurando recuperar o fôlego que a curta caminhada havia tomado, quando o cutucar impaciente se fez presente logo abaixo do meu umbigo. Repousei a mão por um momento no local, sentindo a rigidez e os movimentos.

— Sim, eu sei. Também me sinto presa — falei suavemente, enquanto os movimentos continuavam no mesmo ritmo, inalterado há meses.

Uma onda de náusea me varreu nesse momento e não pude evitar sua força. Virei para o lado e vomitei. Quando aprumei a cabeça, satisfeita por estar sozinha, senti o suor grosso e pegajoso na testa, que também escorria das axilas, e respirei fundo. Já estava habituada a isso, mas cada mínimo esforço me exauria. Sorvi o ar, procurando estabilizar minha pulsação e respiração, até estar firme para me levantar e caminhar para longe do cheiro enjoativo de vômito. Alguns metros adiante me sentei em outra pedra, alisando a protuberância do meu ventre crescido. As estrelas eram poucas por causa da lua,

mas ainda assim piscavam com igual intensidade, marcando sua posição no céu. Procurei pela estrela vermelha, mas não vi sinal dela. Oculta, escondida, ela aguardava o desenrolar dos fatos, assim como eu, desde o dia em que seu significado ficou claro. Desde que a venda foi tirada dos meus olhos.



Olhos que se abriram devagar, ainda na penumbra que antecedia o amanhecer na floresta Amazônica. Pela janela da velha cabana, uma brisa quente criava nuvens de vapor que se condensavam com a evaporação da água contra o solo mais aquecido. Teias de aranhas umedecidas pela chuva respingavam gotas cristalinas, balançando-se devagar. Movi o corpo levemente dolorido, mas satisfeito como há muito não me sentia, e olhei para Robert, deitado a meu lado. Seu peito liso subia e descia ritmado e fiquei surpresa por encontrá-lo imerso em um sono tão profundo antes do amanhecer.

Não conseguia me lembrar em que momento da noite adormeci, exausta e feliz nos braços dele, mas acreditei que quando despertasse ele estaria acordado e que o nosso pequeno milagre pudesse se repetir mais uma vez, e outra, indefinidamente... Os cabelos desalinhados e negros emolduravam seu rosto tranquilo e me perdi a contemplá-lo. Robert era lindo! Jamais o tinha visto dormir daquela forma, e por um momento agradei que assim fosse para poder registrar cada detalhe de seu sono, suas feições másculas e bem desenhadas, a curva cheia do lábio inferior, as pálpebras brancas e os cílios negros. Os contornos dos ombros eram maravilhosos, fortes, e os músculos dos braços saltavam aos olhos, enchendo meu corpo pelo desejo que provocavam.

Havia sido diferente a noite passada. *Eu era diferente*, lembrei de súbito. Não era mais como ele, não tinha mais a mesma força nem os sentidos, mas esse fato, longe de ser um empecilho, na verdade tornou o ato de amor muito mais intenso do que antes. Claro, havia a saudade a considerar, o tempo em que ficamos longe um do outro, mas a diferença entre nossos corpos, entre a força dele e a minha

fragilidade, deu um tom novo aos movimentos, ao saborear das sensações, a intensidade de cada gesto, como se essa fosse uma nova primeira vez para nós. E foi, de fato, a primeira vez em que Robert e eu fizemos amor daquela maneira: como humana e vampiro. Um encontro íntimo entre duas espécies. Algo nesse pensamento pareceu me alertar de que estava esquecendo um fato importante, mas as lembranças da noite me invadiram e o desejo de acordá-lo para recomeçar tudo fez meu corpo se aproximar mais. Meus dedos seguiram para tocar seu rosto.

— Ele não vai acordar — a voz sussurrada na escuridão me fez saltar e olhar para o lado oposto.

Os cabelos claros de Aicha brilhavam como fios de ouro contra o pouco luar que vinha da porta da cabana, onde permanecia sentada num pequeno tronco que servia de banco. Seus olhos acinzentados fitavam toda a cena, quadro a quadro, mas seu rosto estava impassível, nenhum sentimento ou emoção transparecia.

— Você...? — puxei o vestido para me cobrir, embora isso não fosse uma prioridade. — Há quanto tempo está aqui? — encarei o olhar brilhante.

— Fique tranquila. Não invadi a sua intimidade com ele — assegurava. — Tenho meus escrúpulos, e espionar o que as pessoas fazem na cama está quase no topo da lista. Não é por isso que estou aqui.

Mesmo com o som baixo de sua voz e com meus movimentos sobressaltados, Robert continuava a dormir como se nada estivesse acontecendo. Como isso era possível? Eu me perguntava e olhava de Aicha para ele. Ela levantou-se e parou ao lado do corpo adormecido.

— Sabe, Panaceia, meu povo acreditava na magia. Não nos truques e brincadeiras baratos e sem sentido que muitos humanos usam para se dizerem mágicos, feiticeiros ou xamãs. Falo da magia real, aquela com que o universo e a natureza presentearam a todos os seus filhos, àqueles que são devotos de sua existência e que entendem os conceitos de sua força — seu rosto parecia brilhar com luz própria. — Os que atenderam a esse princípio conhecem a força de que estou falando, e sei que seria difícil fazer você compreender, em tão pouco tempo, o que se leva uma vida inteira e muitas

gerações anteriores para assimilar. Basta que aceite uma coisa: a mente mais forte domina a mais fraca, em alguns aspectos e momentos — seus olhos vaguearam pelo corpo de Robert. — Seu amante não tem a mente fraca, ao contrário, é um guerreiro. Lutou muitas batalhas, vem de uma época em que os homens de verdade eram conquistadores e sua alma é nobre. Mas a única coisa mais forte do que tudo isso é o amor que nutre por você. Essa batalha não poderia vencer, pois já foi vencido por ela. E sua ausência prolongada o debilitou, quebrou sua vontade, por isso posso mantê-lo assim, entregue ao sono, inibindo seus instintos naturais de alerta.

A mão de Aicha passou de leve a centímetros dele, como se fosse uma carícia, desde o rosto até a cintura. Robert permaneceu imóvel, o que seria totalmente impossível em circunstâncias normais. Por reflexo fiz o mesmo e o resultado foi igual. Minha mão congelou no ar, enquanto meus olhos buscaram os dela.

— Como?

— A energia dele foi liberada essa noite, com você — seu tom era inalterado. — A mais forte de todas as energias físicas e psíquicas dos seres, especialmente dos que são ou foram humanos um dia. E isso o esgotou — ela sentou-se aos pés da cama. Os primeiros raios do sol apareciam lá fora. — O que possibilita nossa conversa agora, mas não por muito tempo. Os vampiros não são humanos. O encanto que mantém um homem dormindo não dura o mesmo tempo para um vampiro, mas creio que será o suficiente para que você tome uma decisão — seus olhos grudaram-se aos meus com intensidade —, que poderá mudar o rumo de muita coisa, ou de tudo. Evitar um mal maior.

Engoli a saliva que grudou como cola e o som de minha voz pareceu estrangulado entre duas metades de uma prensa.

— Que decisão? Do que está falando?

— Estou falando que você tem um papel importante a desempenhar e que está ligado a um conhecimento antigo, mais velho até do que seus amigos, sejam vampiros ou transmorfos. Esse é o motivo que tem levado a todas as perseguições e eventos que vem sofrendo desde que o Lázarus a beijou — estremeci quando falou no nome da criatura. — Você não pediu nada, eu sei, mas quem ganha

isso — mostrou meu pulso marcado — acaba recebendo muito mais do que pode imaginar. E precisa saber o que está por vir. Por isso, deve escolher.

— Mas... O que eu tenho que escolher?

Parecia loucura o que estava acontecendo ali, naquela cabana, mas algo no tom de Aicha deixava minha mente e corpo alertas. Era como um aviso que não poderia ser ignorado.

— Ficar ou partir — sua voz era dura e meu coração disparou.

Partir? De novo? Agora que ele estava comigo, que eu estava com ele? Não!

— Não! — repeti em voz alta o que minha mente gritou. — Eu não vou embora agora! Não mais! — sustentei o olhar imperturbável dela. — Você não faz ideia do que passei, não tem noção do que é a solidão, viver fugindo e se escondendo. Agora há uma chance! Eu posso voltar com ele, com eles. Consertar o que está errado, punir quem deve ser punido e recuperar minha vida! Eu tenho esse direito!

— Acha mesmo que não sei o que é solidão? O significado de uma vida inteira se escondendo? — a claridade aumentava ao nosso redor. — Acredita que desconheço a dor causada pela decisão que devemos tomar? — uma mágoa antiga coloriu sua voz. — Você pode ficar, é seu direito, como disse. Mas antes que decida dessa forma precisa saber as consequências que terá de suportar e infringir aos outros.

— Do que está falando? — perguntei irritada.

— Não há tempo para falar tudo, esse tempo se foi agora graças a minha prepotência e arrogância — pisquei, confusa com suas palavras. — Mas posso mostrar em parte — e sem aviso Aicha colocou o polegar entre os meus olhos.

O estalo foi violento, muito mais intenso do que antes... O tempo parou naquele instante e todas as imagens que meus olhos vislumbraram em sonhos ou visões condensaram-se de forma linear e coerente na minha mente... Durou menos de um minuto terreno, mas uma eternidade no espaço, e então... Quando o dedo deixou minha testa podia sentir a pressão como uma queimadura ardente entre minhas sobrancelhas. As cicatrizes também ardiavam, de forma lenta e irradiante, e o sangue do meu corpo parecia ser bombeado não pelo

coração, mas pelas pequenas linhas marcadas em meu pulso. Não havia como colocar em palavras tudo o que vi, nem tempo para isso.

— Q-Quanto tempo? — consegui balbuciar, vendo a compreensão inundar os olhos de Aicha. — Quando isso vai acontecer?

Pela primeira vez em semanas um pouco de simpatia e emoção fluiu dos lábios de Aicha, e até mesmo seu olhar duro relaxou, como se a provação a que eu estava submetida pesasse sobre ela também.

— *Se acontecer* — frisou bem e depois suspirou. — Em dois solstícios de inverno, na Europa.

Pisquei aturdida.

— Mas... É pouco tempo! — falei alarmada.

— Entende agora por que não falei nada antes? Percebe as consequências? Se pudesse a teria poupado, manteria tudo em segredo até que o tempo necessário corresse seu curso. Não haveria prejuízos para ninguém, nem danos ou perdas; mas não está sendo assim, os sinais comprovam — sua voz não era mais tranquila. — Existe um tempo para os fatos acontecerem e está se esgotando, chegando ao Zênite. O que lhe mostrei ainda é pouco, você precisa saber muito mais, muito mais... Quando fugiu pela primeira vez, fez isso para proteger aos que amava. Agora há mais que considerar.

Os olhos de Aicha demonstravam um pavor ancestral e as decisões erradas trariam reflexos imediatos. Aliás, não havia decisões a tomar. Apenas *uma* decisão. Não foi sem dor que olhei para o corpo de Robert, sereno, belo, com todas as luzes da manhã que se insinuavam sobre sua pele. Não foi sem uma pontada violenta de angústia e desespero que meus olhos marejaram, toldaram em lágrimas, e se dissolveram silenciosos diante daquela imagem. E não foi sem agonia que meus lábios tremeram, incertos, hesitantes e suplicantes.

— Me dê um minuto para me despedir...

— Desculpe, mas não posso sair agora. Se eu fizer isso ele acordará. Diga o que tiver de dizer, o que quiser fazer. Respeitarei seus sentimentos — virou o rosto para o lado.

E o que poderia dizer? Beije o rosto mais do que amado, sabendo que não haveria palavras suficientes, pois o simples amor dos homens

não seria o bastante para explicar a dimensão do meu sentimento. A lágrima rolou pesada, dolorida, e rasgou fundo o coração e a alma.

— Eu te amo — seu rosto se moveu de leve e me afastei rápido. Amarrei como pude o vestido em meus ombros, olhando-o no que poderia ser a última vez. Gravei cada pedaço na mente e deixei a cabana.

Aicha caminhava a minha frente, em silêncio pesado. Sabia que estava se concentrando ao máximo para impedir que Robert acordasse. *“Tudo o que posso lhe contar é que precisa confiar em Aicha, Laura. Acredite, ela não hesitaria em fazer o que fosse necessário para manter tudo como deve ser.”* Solomon tinha razão. E se ele soubesse apenas metade de tudo, não podia censurá-lo por não me contar a verdade. Ele era parte dos *antigos*, os que detinham o conhecimento por existência. Talvez, por isso, não me espantei quando chegamos à margem do rio Guainia, nem me surpreendi ao ver o rosto de Alexia aparecer entre as águas em suas cores azuladas e escamas brilhantes. Ela também era um deles, uma anciã.

O olhar de Alexia era contrariado e mirava Aicha com desaprovação, mas ela não se incomodou com isso. Estendeu-me uma roupa que retirava de sua sacola. Um traje de mergulho.

— Muitos turistas deixam coisas por aqui — foi só o que comentou, entregando-me também minha mochila com as armas.

Vesti a roupa sem nem ao menos pensar no que fazia, alheia a qualquer tipo de sentimento que me fizesse hesitar. Alexia não veio à terra, seus braços e a cauda agitavam-se devagar contra a corrente do rio.

— Vá para a água — Aicha orientou. — Se a sereia pisar em terra seu cheiro deixará rastros. Não pode atravessar o oceano nas costas dela, não como seus amigos fizeram, mas ela cuidará de você, saberá até onde levá-la e o que deve ser feito em seguida.

Foram breves os passos que dei, suficientes para que Alexia me alcançasse e me amparasse. Seu olhar irritado buscava o rosto de Aicha.

— Prometi a Robert que a acharia, que eles ficariam juntos — seu tom era ríspido, não combinava com Alexia. — Está me fazendo quebrar uma promessa, filha de *annunaki*.

— Você cumpriu o que prometeu. Eles *ficaram* juntos — a voz de Aicha era dura. — Agora será uma palavra de honra pela outra, sereia. E as antigas promessas das lârnias são para a eternidade.

Alguma coisa se revolvía dentro de Aicha, como se a necessidade de justificar seus atos fosse maior do que sua responsabilidade naquele momento, quando olhou para mim. Num gesto surpreendente, ela entrou no rio, aproximando-se. Sua mão estendeu-se para tocar a minha e quando falou a voz tinha mais calor, alguma emoção.

— Até que se cumpra o tempo da roda — o som era de um juramento. — E até que eu a encontre novamente, antes disso, Panaceia. Eu prometo. Agora vá, não tem muito tempo.



O chute em minhas costelas trouxe-me de volta à realidade. Passei a mão pelo local dolorido, arfando com a força do golpe.

— Ei! Como pode estar em dois lugares ao mesmo tempo? — massageei com mais força, obrigando meu pequeno passageiro a encaixar-se de forma devida.

Voltei o olhar para o horizonte. Quando deixei a Venezuela minha estrada era uma, mas em Lesbos a direção tomada pela vida foi outra. Uma vida que deu seus primeiros sinais um mês depois que chegamos.



Alexia me olhava espantada na mesma sala onde o quadro da Vênus foi testemunha quando dei a notícia. Podia ver meu rosto — mais pálido do que o normal e profundamente cansado pelos efeitos desgastantes que já apareciam — refletir-se no espelho gigante que ficava diante da porta principal. A imobilidade de Alexia era total e absoluta.

— Tem mesmo certeza? — a voz encantada tentava encaixar na mente o mecanismo que fazia aquilo acontecer.

— Sim — falei com calma. O susto e medo estavam distantes, somente o enjoo era sufocante.

Alexia olhou minha barriga lisa. Lentamente colocou uma das mãos e rapidamente a retirou, como se tivesse sido atingida por uma descarga elétrica.

— Por Ilícia! — chamou pelo nome da deusa grega dos partos e nascimentos. — Mas... — seu rosto perfeito se contorceu e a voz subiu uma nota. — Laura! Sabe o que isso significa?

— Sim, eu sei — continuei, lutando contra a vertigem, procurando não deixar o cansaço transparecer. — Significa que não teremos que nos preocupar com o tempo que Aicha mostrou.

— Isso vai matá-la! — Alexia estava mais alarmada do que eu imaginaria, totalmente focada na situação, ignorando qualquer predição. — Temos que fazer alguma coisa para impedir...

— Não vou impedir nada, Alexia — cortei sua ideia no ato. Esse pensamento me provocou uma forte náusea e fui obrigada a correr até o lado de fora da casa.

Depois que acabei, limpando o canto da boca com as mãos trêmulas, senti os dedos frios que me ampararam e ajudaram a ficar em pé. O olhar da lâmia me queimava, cheio de sugestões, mas sacudi a cabeça com força.

— É *meu* filho, Alexia. E de Robert. Não vou fazer nada do que esteja pensando ou queira sugerir — respirei fundo, tentando conter mais uma onda de enjoo. — Já decidi isso — voltei a cabeça para o chão quando não consegui segurar o vômito.

Assim que, finalmente, a náusea retrocedeu, vi que o rosto dela era apavorado.

— Laura, você conhece as histórias — sua voz traduzia os mesmos sentimentos. — E veja como já está? Pálida, cansada, exaurida. Não há como garantir que sobreviva. *Nunca* ouvi falar que uma humana tenha sobrevivido a isso — colocou as mãos frias nos meus ombros. — Eric, Nazaré, o garoto Nelson, e mesmo as mestiças de Hidra. Sabe sobre eles e sabe o que a espera.

Respirei fundo, segurando suas mãos com as minhas.

— Sei o que me espera, Alexia. Sei de *tudo* — garanti, procurando uma maneira de fazê-la entender. — Por isso preciso de sua ajuda.

Não posso fazer o que me pede, Alexia, não vou matar o filho de Robert. Jamais faria. E preciso que me ajude a passar por tudo — senti o tremor que percorreu o corpo dela. — Alexia, tive minhas dúvidas em relação a você no princípio, fui injusta mais de uma vez, e espero que entenda porque agi assim no passado e aceite minhas desculpas agora. Não teria o direito de lhe pedir nada — o suor escorria pegajoso em meu pescoço —, mas imploro que respeite a minha decisão... E que me prometa duas coisas.

— Duas coisas? — ela olhava perplexa.

— Sim — o sol estava desaparecendo no horizonte. — A primeira delas é que, quando a hora chegar... — engoli a saliva. — Eu preciso que traga Shiloh e Nazaré, por favor. Elas têm que estar aqui — olhei fundo em seus olhos. — E a segunda: não contar nada a ninguém, a *ninguém* — tornei a reforçar a importância disso. — Quando tudo estiver acabado... Aí estará livre para fazer o que quiser, dizer a todos os clãs e para o mundo — sorri de forma ambígua. — Já não haverá motivos para esconder nada e essa loucura terá um fim. Mas até lá eu preciso que jure, Alexia, me prometa apenas isso. Por favor? — apertei as mãos outra vez. — Por mim, por Robert — minha respiração ficou pesada.

— Não posso fazer isso — ela retrucou.

— Pode, Alexia, pode sim. Preciso disso, agora não sou apenas eu — levei suas mãos até meu ventre. — Eu amo Robert, Alexia, mais do que pode imaginar, mas jamais poderia olhar nos olhos dele outra vez se eu soubesse que matei seu filho apenas para viver. Você sempre diz que não entende os sentimentos humanos, que somos um mistério. Pois bem, o nosso maior mistério é esse: somos capazes de dar a vida por amor — meu argumento fez Alexia mudar a expressão. — E farei isso, se significar que o filho dele vai viver, porque também é meu filho e já o amo. Apenas preciso que me prometa isso — a noite caiu completamente. — Promete?

Alexia soltou o ar de tal maneira que os fios de meus cabelos balançaram ao redor do rosto. Sua expressão era a mais confusa que já vira no rosto de uma criatura, humana ou não. Ela lutava para entender, aceitar um conceito. Descobrir como um *filhote* poderia ser

mais importante do que a própria existência. Mas quando me olhou, analisando a resolução em minha atitude, acenou devagar.

— Muito bem. Eu prometo — falou solenemente. — Trarei Shiloh e Nazaré quando você pedir e não direi nada a ninguém. Mas terá que ficar aqui, em Lesbos, conosco. Não posso deixá-la sozinha no mundo nesse... estado! — vi a dificuldade que Alexia sentia para pôr em palavras os pensamentos.

Abracei impulsivamente o corpo esguio da lâmia, enquanto ela retribuía o gesto com estranheza.

— Obrigada, Alexia — murmurei entre lágrimas.

— Não precisa agradecer. Só me obedecer — falou séria. — A promessa de uma lâmia é para a eternidade.



Os chutes tornaram-se fortes e por mais que eu procurasse uma posição adequada não me sentia confortável. Meu coração estava acelerado e um calor subia lento pelo pescoço. A falta de ar chegou a níveis insuportáveis e achei que uma nova onda de náuseas iria me dominar. Desde o início da gestação, meu corpo estava realmente muito debilitado, mas agora que chegava o tempo de tudo se consumir ele parecia se acabar. *Não foi igual à gravidez de Cínthia*, essas palavras sempre me vinham à cabeça. Eu me lembrava bem: nenhum enjoo, cansaço, trabalhei e estudei até o dia do parto. Era totalmente o oposto e não poderia ser diferente. Estava grávida de um vampiro. Seu filho nutria-se do meu corpo, era forte, seria ainda mais depois que crescesse, uma criança bela e forte.

Meus olhos arderam quando a imaginação me inundou com imagens sobre como seria seu rosto: um garoto, de cabelos castanhos como os meus e os dele, os olhos escuros como a noite, alto e bonito como o pai, ou então uma menina, também de cabelos tão fartos e sedosos como os de Clementine, quem sabe até os mesmos olhos verdes dela, uma linda mestiça. Tinha certeza de que tanto ela como Robert ficariam orgulhosos, sabia que ficariam. E essa certeza me dava força e coragem para suportar a longa provação, o

cansaço desmedido, a sensação de perder um pouco mais da vida a cada dia. Me fazia acreditar que, mesmo com a minha morte, Robert teria um sentido para continuar vivendo: criar o nosso filho.

Senti mais chutes e golpes violentos em toda a barriga. *Melhor voltar*. Me equilibrei para ficar em pé. Nesse momento uma dor aguda trespassou meu ventre, como uma adaga rasgando carne e perfurando órgãos. Um líquido quente escorreu pelas pernas.

— Oh, meu Deus! — sussurrei baixo.

Outra pontada, mais forte, seguiu-se à primeira. Olhei para a lua no céu e arfei, procurando ar para poder caminhar, pisoteando os cascalhos.

Meus pés se machucavam nas pedras grossas e os dedos das mãos agarravam com violência o tronco das árvores da floresta petrificada de sequoias. Cada passo exigia mais esforço do que o corpo parecia conseguir. O ar entrava dolorido e entrecortado em meus pulmões. *Você não devia ter saído, Laura*. Deveria ter escutado quando ela me alertou para descansar, ou deixar que uma delas viesse comigo. Mas agora isso não tinha importância. A dor forçava meu pensamento em apenas uma direção: precisava voltar, o mais rápido que pudesse. Havia muito a fazer e pouco tempo...



Uma Olhada em Nênia

México – Planície de Teotihuacán

Da escuridão somos os senhores, sempre fomos. Somos Kamazotz. Os humanos dessa terra nos temem e respeitam. Toleram a nossa presença desde tempos imemoriais, bem antes de caminharem sob a luz do Quinto Sol. E de sua raça nos servimos, nos alimentamos. Somos o medo que ronda a noite, que os vigia com os olhos vermelhos do demônio dito e cantado pelos ancestrais. A sombra que se move sem deixar sons, rastros. Os soberanos da noite.

Lembro-me das grandes civilizações que nasceram e morreram nessas planícies sagradas, seus cultos aos deuses que exigiam o sangue para permitir que o sol nascesse a cada dia, aplacando o breu que ameaçava engoli-los. Clamando pela Serpente Emplumada. Toda noite pediam que o dia voltasse na esperança de ver o sol

brilhar, pelo menos mais uma vez. Tinham medo de nos encontrar nas trevas. E com razão.

Os cânticos antigos ainda ressoam aos meus ouvidos através da Calçada dos Mortos; a memória carrega o odor do sangue — doce e saboroso — escorrendo no altar dos sacrifícios a Tezcatlipoca, e vejo a figura dos sacerdotes com seus corpos pintados de azul, vestidos em ricos trajes. Suas vozes enalteciam a terra, os céus, os deuses, enquanto ofereciam o coração pulsante dos homens abatidos. Faziam isso sem saber que, na verdade, veneravam a nós, aqueles que habitavam seus medos e terrores noturnos, os modelos nos quais criaram suas divindades.

Mas hoje, ouvindo os gritos dos meus irmãos ao redor, vendo suas existências imortais ceifadas por um predador diferente e letal, um novo “deus” que surgiu, de repente e sem aviso, de algum lugar desconhecido para todos os do meu povo, experimento pela primeira vez em tempos algo que apenas podia observar nos olhos de minhas presas: o medo.

Alma! Atrás de você!

O alerta mental me fez virar de modo instantâneo. A massa gigantesca saltou sobre meu corpo, não me atingindo por muito pouco. Desviei-me no último momento, sentindo os pelos grossos roçarem minha pele e uma das garras quase alcançar a trança negra dos meus cabelos. Jamais outro ser chegaria tão próximo sem que eu não percebesse de antemão! O que estava acontecendo? Quem eram eles?

Vi os dentes que se projetavam na boca descomunal e mostrei os meus também. Deixei o disfarce humanoide que usava e voltei ao meu “eu” original, abrindo as longas asas de morcego e exibindo a ferocidade de meu semblante verdadeiro. Planei sobre a Calçada dos Mortos e entrei na floresta, dilatando as pupilas. Estava pronta para atacar, mas ao olhar os corpos dos Kamazotz mortos como uma trilha entre as árvores a dúvida corroeu minha mente sobre o provável vencedor do embate.

E esse momento de hesitação fez com que meu próximo passo não surtisse o efeito desejado. Voei para o grosso galho acima de mim, mas não fui rápida o suficiente. Algo me puxou com a força de

um milhão de mãos, e arrancou-me da trajetória planejada, atirando-me ao chão como se eu nada fosse. O impacto criou uma pequena cratera com os moldes do meu corpo. Coloquei-me em pé no mesmo instante, desviando-me quando a garra atingiu a rocha sólida abaixo de mim, partindo-a em pedaços. Sem perder tempo, a nova criatura veio em minha direção, a respiração trôpega e pesada, o tronco alto e ereto, os olhos vermelhos injetados de uma fúria irracional. Não era parecido com qualquer coisa que eu já tivesse visto antes, e duvidava que mais alguém conhecesse “aquilo”.

Com uma rapidez letal, a criatura conseguiu me alcançar. Sua garra apertou meu pescoço, levantando meu corpo acima de sua cabeça, rugindo em antecipação à matança. Mesmo usando todas as minhas forças, que não eram poucas, não arranjei uma forma de mover um músculo sequer para procurar uma brecha que significasse minha libertação, minha salvação. Podia sentir seu cheiro ardendo e penetrando em meu olfato, uma mistura de sangue, carne, com algo mais que eu era incapaz de identificar. A pressão em meu pescoço toldou minha visão e gritei quando a outra garra arrancou minha asa esquerda. A criatura me dobrou e quebraria minha espinha, mas soltou um berro descomunal, afrouxando o braço subitamente.

Caí ao solo, arfando em dores. Ao redor, sombras macabras esgueiravam-se pelas árvores, rondando. Eram muitos. Ao me levantar, vi o motivo que fez a criatura me soltar: uma espada havia sido cravada em seu flanco esquerdo e ela tentava tirá-la. Ao lado dela estava Juan, meu companheiro, que me alertou sobre o ataque anterior, em forma humanoide. Ele tinha outra espada nas mãos e com ela avançava sobre as bestas.

Deixei de lado a minha dor e saltei sobre a criatura ferida, enfiando meus dentes na pele grossa e malcheirosa, sentindo seus pelos em minha língua e o gosto ruim do sangue. Nem mesmo mestiços eram tão nojentos ao paladar. A besta gritou e se contorceu. Com a mão espalmada arrancou-me de seu pescoço e me atirou de encontro a uma árvore, que se partiu com o impacto. Nada parecia capaz de detê-lo. Juan mudou de forma, abrindo as asas ao máximo e alongando as garras, e pulou sobre ele. A criatura o imobilizou em pleno ar, com um só gesto.

— Juan! — gritei em desespero. — Não!

As presas do monstro caíram sobre ele, rasgando os músculos dos ombros e pescoço. Com um último esforço, buscando energias, ele me encarou. Seus olhos imploravam em meio ao sangue e à dor.

— Alma... fuja... Você tem de ir... Tem... que avisá-los... Depres... *ugh*... – e sua voz silenciou com um lamento truncado.

Dos galhos altos, novas formas despencavam ao meu redor, ainda mais ferozes e sanguinárias. Em seus corpos, as marcas das mortes que causaram: os membros do clã de Teotihuacán não existiam mais, os Kamazotz estavam mortos, como os anciãos humanos sempre desejaram em suas orações.

Minha família, um povo que vivia há séculos, fora exterminada em uma só noite de horror. Um massacre inacreditável em outras eras.

Com o medo movendo meus pés, corri, espalhando meu sangue pelo caminho. Atravessei árvores, saltei rochas e grossos troncos caídos. Atrás de mim, ouvia os passos rápidos. À frente, minha visão ficou embaçada pelas lágrimas de sangue que escorriam dos meus olhos, a dor espremendo meu coração inerte. Eu estava ferida, não tinha como fugir, não deles, seja para onde for. Só havia uma coisa que eu podia fazer, que devia fazer. Saltei pelos galhos e dei meia-volta.

Retornei para a Calçada dos Mortos. Cruzei a praça cruciforme e alcancei a grande pirâmide da Lua. Escalei-a, parando na plataforma em seu topo. Dali teria um bom sinal. Pude ver as criaturas que rodearam habilmente a estrutura, cercando as bases, fechando rotas de fuga. Respirei pesadamente. Tinha apenas alguns minutos...

— *Alô?* — a voz respondeu do outro lado do aparelho celular.

— Megister! — gritei com palavras truncadas. — Há... um grande perigo... Uma ameaça maior do que imaginávamos...

— *Alma? O que está acontecendo? O que foi?* — ouvi sua respiração tensa e mais vozes que se alternavam. Ele não estava sozinho.

Mas os sons que vinham da base da pirâmide me impediram de apurar a audição para descobrir quem mais estava com ele.

E isso também não era importante... Não mais... As sombras escalavam os degraus...

— Kennedy... — comecei, vendo as criaturas se esgueirarem pelas pedras seculares. — Preste atenção... Fomos atacados! *Mi pueblo*... está morto! Os Kamazotz não existem mais! Há uma nova ameaça... Algo que ninguém está preparado para enfrentar... Nenhum de nós! Você precisa avisar... Alertar os demais... *Hablar* com Carlo... Diga-lhe que...

O rosnado retumbou em meus ouvidos. Virei-me e ele me acertou. Rolei pelo chão e senti a mordida dolorosa. Outros chegaram. Enquanto minha carne era rasgada, pude ver de relance as luzes que piscavam em uma espécie de aparelho acoplado aos ouvidos da criatura. E só então consegui escutar os ruídos em alta frequência.

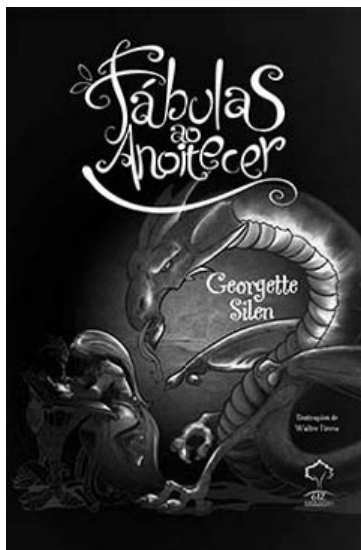
— *Alma? Alma?* — os gritos de Kennedy vinham do aparelho celular, caído a alguns metros de mim.

Com as mãos a criatura me virou de frente, empurrando-me contra o solo. Fiquei imobilizada. Em sua boca disforme meu sangue gotejava como as lágrimas que verti antes, manchando o altar de pedras da pirâmide que, mais uma vez, assistia a um novo sacrifício, banhado pelo luar. A besta elevou as garras, preparando-as para o golpe final. Os outros tinham mandíbulas escancaradas e dentes reluzentes.

Fechei os olhos...

Juan...

**Se você gostou deste livro,
leia mais obras da autora!**



**Fábulas ao Anoitecer, de Georgette Silen
Giz Editorial, 2012**

Terror, amor, magia, criaturas fantásticas como fadas, bruxos, dragões, elfos, e até ficção científica surgem de páginas da coletânea de contos *Fábulas ao Anoitecer*, de Georgette Silen. Mitologia e lendas folclóricas mundiais são revisitadas e conduzem o leitor pelo maravilhoso mundo da Literatura Fantástica Brasileira.



**A Crônicas de Kira, de Georgette Silen
Giz Editorial, 2012**

As Crônicas de Kira, de Georgette Silen, é uma narrativa épica, repleta de reviravoltas e personagens complexos, guerreiros, batalhas espetaculares em terra e mar, criaturas fantásticas, monstros saídos de histórias de terror, belas mulheres e feiticeiros sinistros, que irá hipnotizá-lo do início ao fim.

Kira, a Princesa de Hisipan, terra de fabulosas mulheres guerreiras, parte em uma jornada heroica por reinos distantes, à procura de um artefato mágico.

Sobre a Autora



Georgette Silen é natural de Caçapava - SP. Arte-educadora e professora de teatro, além de diretora teatral e figurinista, com vários espetáculos premiados nos circuitos de mostras e festivais pelo Brasil. Como escritora, iniciou profissionalmente em 2009, participando de coletâneas, sempre no gênero que mais a inspira: a Literatura Fantástica. Flerta com o terror, com a FC e seus subgêneros. É autora da série Lázarus, uma saga sobrenatural com 4 volumes sobre vampiros. Lázarus é o primeiro livro da série, publicada pela Giz Editorial. Também é autora dos livros *As Crônicas de Kira* e *Fábulas ao Anoitecer* (Giz Editorial, 2012), além de ter participado de mais de 30 coletâneas como coautora e algumas como organizadora.

E assim ela leva sua vida, entre tramas e mistérios, romances e lendas, amigos e inimigos que saltam de sua imaginação e falam sobre seus medos, seus desejos e suas aspirações.

Facebook: [facebook.com/georgettesilen.silen](https://www.facebook.com/georgettesilen.silen)

Twitter: [@georgettesilen](https://twitter.com/georgettesilen)

e-mail: missgette@yahoo.com.br

Blog: georgettesilen.blogspot.com



Se você gostou deste livro
indique-o para um amigo!